Visconde de Porto Seguro
(F. A. de Varnhagen)

Historia Geral do Brazil

Terçeira edição revista
por
C. de Abreu

LAEMMERT & C. Editores
Rio de Janeiro e São Paulo
1907

Com outro fasciculo, que levará a narrativa até 1623 e terminará este volume, serão publicados o titulo, o indice alphabetico e o prologo do revisor.

Agora basta declarar que os algarismos em baixo da pagina correspondem approximadamente á segunda edição e as notas do Autor vão numeradas. As notas precedidas de letra ou collocadas entre [ ] pertencem a

J. CAPISTRANO DE ABREU

Rio, Agosto de 1906.

DEDICATORIA

A

Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro II

SENHOR!

Por segunda vez chego aos pés do Throno de Vossa Magestade Imperial *com o fructo de minhas locubrações acerca da Historia Patria, no periodo de mais de trcs scculos anterior á „éra da independencia e do Imperio."*

Se a voz da consciencia não me accusou até hoje o minimo cscrupulo a respeito da imparcialidade com que tratei sempre de averiguar e de narrar os factos, não posso deixar de reconhecer que esta nova publicação leva grandes vantagens á precedentc; assim pela maior cópia dc factos apurados, como pela mais exacta apreciação de outros, aclarados pelo apparecimento de novos documentos ou por mais accurados exames.

A Vossa Magestade Imperial, *Senhor, Primeiro Estadista brazileiro que reconheceu e sanccionou a importancia do estudo da Historia da Nação, tanto para contribuir ao maior esplendor della entre os estranhos, como*

para ministrar dados aproveitaveis na administração do Estado, e tambem para fortificar os vinculos da unidade nacional, e aviventar e exaltar o patriotismo, e ennobrecer o espirito publico, augmentando a fé no futuro e na gloria das lettras, — *a* Vossa Magestade Imperial, *que, com taes miras, Susteve e Levantou mui alto o Instituto Historico Brazileiro, Installando-o no proprio Palacio Imperial, Assistindo ás suas sessões ordinarias, Honrando aos seus socios, e Conferindo-me a mim, filho do povo, o necessario alento para, entre não pequenas contrariedades de todo o genero, proseguir perseverante em taes estudos, a que uma innata vocação me conduzira, desvaneço-me em proclamar que devo o ter conseguido terminar esta obra; preambulo da gloriosa* HISTORIA DA INDEPENDENCIA *que não tardarei a publicar. A aceitação por* Vossa Magestade Imperial *desta dedicatoria e os*

decretos de 14 de agosto de 1872 e 16 de maio de 1874 A) *associando-me ao ponto de partida da historia da civilisação do Brazil, são actos de Sua Imperial Magnanimidade, que por si sós accusarão aos leitores futuros o reinado fecundo que produziu a obra, bem que ainda com defeitos, filha de aturado trabalho de uma vida sempre votada ao estudo e á investigação da verdade.*

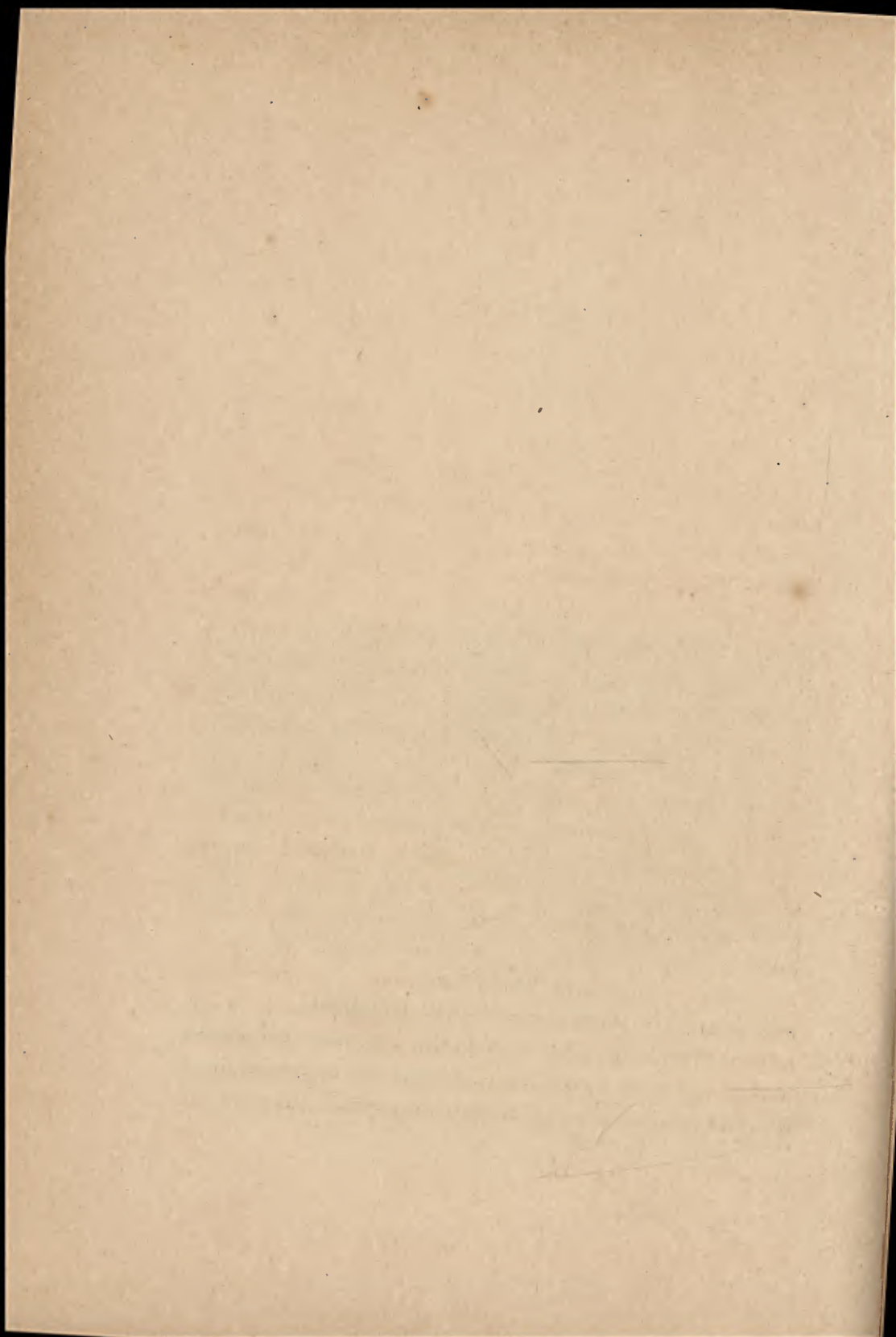
Que Deus siga abençoando o reinado de Vossa Magestade Imperial, *para maior Gloria Sua e felicidade da Patria, são os votos constantes que faz,*

SENHOR,

De Vossa Magestade Imperial,

O muito reverente e leal subdito

Visconde de PORTO SEGURO.

A) *Pelo primeiro destes decretos foi Francisco Adolpho de Varnhagen elevado a barão, pelo segundo a visconde de Porto Seguro.*

PROLOGO

«Os povos, disse Tocqueville, resentem-se eternamente da sua origem. As circumstancias que os acompanharam ao nascer e que os ajudaram a desenvolver-se influem sobre toda a sua existencia.» «Se fosse possivel a todas as nações, prosegue o mesmo publicista, remontar... á origem da sua historia, não duvido que ahi poderiamos descobrir a causa primaria das prevenções, dos usos e paixões dominantes, — de tudo, emfim, quanto compõe o que se chama caracter nacional.»

Estas poucas linhas de autoridade insuspeita servirão de carta de recommendação para aquelles que imaginem de menos interesse o estudo da nossa historia, nos tempos coloniaes, sob regimen differente do que adoptou o imperio independente e liberal.

«Uma nação, diz outro talentoso escriptor francez, é um grupo mais ou menos consideravel de familias, provindas ás vezes de sangue mui differente, mas todas unidas pela identidade de espirito publico: tem no passado uma só historia, não duas: e se

della rompesse as tradições, deixaria de apresentar-se devidamente. » E de feito : a mesma historia nos dá exemplos do caro que tem pago algumas nações o pretenderem renegar de todas as tradições do seu passado ; custando isso, a umas o ser victimas do jugo estrangeiro, e a outras a perda de sua paz e tranquillidade, envolvendo-se em guerras civis e de raças interminaveis, sem poderem mais encontrar nucleo de cristallisação, que sirva de base a novos principios de organisação, admittidos por todos os cidadãos, pela poderosa e efficaz sancção dos seculos.

Outras considerações farão ainda mais sensivel a importancia do estudo da historia patria colonial. Por occasião de ser proclamada a independencia e o imperio em 1822, o Brazil contava já em seu seio patricios eminentes, cidades policiadas e fontes de riqueza, abertas pela agricultura, pela industria e pelo commercio.

Fôra tudo isso obra do acaso, ou creado de repente ? Não. Custára a vida e o trabalho de um grande numero de gerações ; e pouco a pouco se haviam ido accumulando os elementos para esse grande acontecimento ; e já nas proprias escolas do paiz e da metropole se haviam formado os illustres patricios que encaminharam a obra da regeneração, tendo á sua frente um Principe que até então não viajára em terra estranha. Além de que, dentre os proprios colonos primitivos, troncos originarios, neste novo continente, de muitas familias, que hoje

constituem o principal de sua povoação,—dentre esses colonos, dizemos, submettidos ao antigo regimen, que hoje com razão tanto reprovamos—e cujos males elles mais que nós soffreram, ameaçados com os rigores do livro quinto das Ordenações e até com as fogueiras da Inquisição, muitos nos legaram acções meritorias e de abnegação e desinteresse, que, não só por gratidão como até por conveniencia, nos cumpre commemorar; pois, como diz um nosso [1]) illustre magistrado, «nada excita tanto o esforço do homem para o bem como a recordação das nobres acções dos seus maiores... O zelo de suffragar a virtude dos pais é já nos filhos um principio de virtude.» «Supprima-se ás nações o conhecimento do seu passado e teremos a humanidade sempre no berço da infancia.»

Ora, se com respeito a todas as nações são estes principios verdades inconcussas, com mais razão se applicam elles á brazileira; pois que, entre as principaes da America, foi a que custou mais esforços e mores trabalhos aos seus colonisadores, antepassados, em grande parte, como fica dito, dos actuaes cidadãos.

Os estados hispano-americanos, com pequenas excepções, ou apresentaram, como as margens do Prata, campinas em que pouco mais que fazer houve que metter nellas gado, e acoçar os Indios com alguma cavallaria, ou formavam já povos obedientes

---

[1]) O Sr. Desembargador Alencar Araripe.

e com certa civilisação, como no Mexico, em Nova Granada e no Perú, onde, agarrado o antigo chefe, se conseguia submetter logo, mais ou menos facilmente, toda a nacionalidade a elle meio escravisada.

Na America do Norte, não acharam os colonisadores estas facilidades; mas, em troco dellas, encontraram um clima como o de onde vinham, rios sem caxoeiras, estradas fluviaes já feitas para penetrarem desde logo pelo interior; e encontraram tambem ou campos ou bosques, sem cobras nem animaes venenosos, e que durante o inverno se despiam de folhas, e permittiam aos lenhadores livre passagem entre os troncos, os quaes, uma vez cortados, não rebentavam mais; apodrecendo os tocos e as raizes, e deixando dentro de alguns annos a terra fertilisada, e facil de ser surcada pelo arado. A propria neve, que ahi cobre a terra durante alguns mezes de inverno, serve de fecundal-a mais; infiltrando-se nella a agua pouco a pouco, causando a morte ás formigas e a outros insectos damninhos, ao passo que as chuvas torrenciaes muitas vezes prejudicam, varrendo com as enxurradas o humus das pendentes.

Quão differente se apresentou o Brazil aos seus colonisadores! O clima geralmente tropical na beiramar; o sol ahi abrazador para os filhos das zonas temperadas; grande numero de caxoeiras nos rios, de navegação semeada de escolhos e de perigos; serras asperissimas, invias e cobertas de espessas e

impenetraveis matas ; nestas animaes venenosos e cipós e espinhos que embaraçavam o transito, e com uma vegetação successiva, e tão vigorosa que ainda depois de derribado o mato virgem, depois de queimado, *encoivarado*, semeado, e recolhida a safra, rebentava de novo com vigor, e se convertia, dentro de pouco, outra vez em mato, se não virgem, de tal natureza que se necessitava repetir igual esforço para obrigar de novo a mesma terra a produzir, em vez de arvores seculares, ás vezes de fructos venenosos, os alimentos necessarios á vida do homem... Ah !... Quantos não desfalleceram nessa horrida luta, para elles antes desconhecida, e quanto vigor e quanta força de vontade não foi indispensavel aos que não ficaram no caminho, ou, desfallecidos, não regressaram á patria !

Podemos ter uma idéa do muito que a este respeito soffreriam os colonos, tanto senhores, como escravos africanos, lembrando-nos de como varios dos proprios grandes donatarios, tão bem aquinhoados, preferiram abrir mão da empreza de cultivar e beneficiar os seus grandes senhorios ou verdadeiros estados, dando-se por felizes de haverem podido voltar com vida ao patrio lar !

E que diremos da luta, tantas vezes *inevitavel*, que tiveram de travar com os Indios, e na qual não poucos pereceram e foram por elles devorados ?! Inevitavel, dizemos, porque, no estado de fraccionamento em pequenas cabildas, hostis umas ás outras, em que os mesmos Indios foram encontrados, em

todo o actual territorio do Brazil, ainda quando os colonos, assim brancos como pretos, conseguiam a amisade daquelles do lugar onde desembarcavam, tinham logo por inimigos os inimigos desses novos alliados, e se viam constrangidos a combater aos que destes eram contrarios; conforme succedeu (para citar dois exemplos bem conhecidos) com o Caramurú, na Bahia, e com João Ramalho, em Piratininga. E ainda admittindo que muitas vezes abusavam os superiores dos inferiores, os senhores dos escravos, e uns e outros dos Indios, como é certo, não é tambem certo que, á custa das lagrimas do exilio, nos legaram elles a nós, seus herdeiros, as casas fabricadas, as fazendas criadas, as villas e cidades fundadas, — a vida, a religião, o commercio, a riqueza, a civilisação... a patria emfim?

Sirvam estas ligeiras considerações para indicar o espirito de tolerancia que reinará nesta obra, que, como acariciada por nós em toda a vida, aspira, pela sua propria imparcialidade, a passar á posteridade, tanto no Brazil, como fóra delle. Convencidos igualmente de que a verdade é a alma da historia, que só ella pode offerecer harmonia eterna entre os factos narrados, que o verdadeiro criterio da verdade historica não se pode aquilatar senão pela concordancia nos incidentes, não nos poupámos a nenhuns esforços, a fim de remontar ás fontes mais puras. Não julgando sufficiente o que rezam

as velhas chronicas, rebuscamos antigos documentos nos archivos, não só do Brazil, como de Portugal, da Hespanha, da Hollanda e da Italia; percorremos pessoalmente todo o nosso littoral; visitámos os Estados Unidos, varias Antilhas e todas as republicas limitrophes; — tudo, ha mais de trinta annos, graças especialmente ás facilidades que nos foram proporcionadas pelo proprio governo imperial, em serviço do estado; e antes, por accidentes, nem que providenciaes, da nossa vida, que nos haviam conduzido a cursar os estudos em Portugal, e a nos familiarisarmos ahi com a sua paleographia e os seus archivos e depositos de documentos manuscriptos, que continham a maior parte dos elementos que deviam vir a servir para reconstruir a historia patria A). A existencia desses ricos

---

A) Sobre os primeiros tempos do autor, quando ainda se achava em Portugal, lê-se o seguinte em um officio reservado de Antonio de Vasconcellos Menezes de Drummond, dirigido ao ministro dos negocios estrangeiros, e pertencente ao Instituto Historico:

«Illm. Exm. Sr.—Remettendo a V. Ex. alguns exemplares do *Diario de Navegação* de Pedro Lopes de Sousa, e das *Reflexões* criticas sobre o escripto do seculo XVI impresso com o titulo de *Noticia do Brasil*, disse que me reservava a satisfação de occupar um instante a attenção de V. Ex. a favor do autor e editor daquellas interessantes obras para a historia do Brasil. Tomo a liberdade de o fazer hoje sob esta rubrica.

Francisco Adolpho Varnhagen nasceu na provincia de S. Paulo, e foi baptisado na capella da fabrica de ferro que seu pai ahi dirigia. Tem 22 ou 23 annos de idade, e é já uma capacidade litteraria mormente em archeologia, geographia e historia, genero de estudo a que se tem dado com muita distincção, como consta das suas obras. Occupa-se agora em escrever a chronica do Rio de Janeiro. Fez seus estudos no Collegio Militar desta Côrte, foi nomeado tenente de artilheria, mas não acha em si disposições para seguir a carreira das armas.

Recusa tambem outro qualquer emprego portuguez, procura o Brasil sua patria de nascimento por amor e porque promette engrandecimento e

thesouros foi por nós já em parte manifestada ao publico em 1839, nos escriptos que publicámos acerca de Pero Lopes e Gabriel Soares. E o cabal conhecimento que delles haviamos adquirido

---

elevação. E' por isso que emprega seu talento em cousas do interesse do imperio. E ninguem melhor do que elle está nas circumstancias de prestar importantes serviços neste genero historico e geographico, não só pelas relações intimas, que tem com os empregados dos archivos e bibliothecas deste reino e da Academia Real das Sciencias, de que é membro, mas tambem porque conhece praticamente tudo quanto existe acerca do Brasil, de que faz seu particular estudo em qualquer parte deste Reino.

O rei D. Fernando offereceu mandal-o para a Allemanha aperfeiçoar a sua educação, para vir a ser mestre dos principes, seus filhos. Varnhagen tem os olhos no futuro que prevê ao Brasil, recusou a offerta do rei. Pretende ser empregado no serviço do Brasil, sua patria de nascimento; e nós ganhariamos com isso, supponho eu, mormente se elle fosse empregado com o titulo de addido a esta Legação, com encargo especial de colligir documentos e diplomas para a historia do Brasil e diplomatica, coordenal-os e analysal-os de modo que verifique datas e acontecimentos, e apure o verdadeiro do fabuloso, que abunda nas relações daquelle tempo de propensão maravilhosa.

Um ordenado de 800$ annuaes seria quanto a mim sufficiente recompensa para adquirir já um moço de tanto talento e trabalho, posto que em tenra idade, e que nos tem prestado bons serviços com a publicação das suas obras a respeito do Brasil.

Fazendo esta proposta a V. Ex. com a mira de animar e proteger um engenho patrio, que póde vir a ser honroso ao nosso paiz, não pretendo de fórma alguma prejudicar a nomeação já feita em outro digno patricio. Observo sómente que José Maria do Amaral foi encarregado de uma missão de que não póde dar satisfação senão com o andar do tempo, visto não ser cousa facil orientar-se com brevidade em tres paizes estrangeiros, para chegar ao termo de fazer proficuas indagações, e descobrir ineditos nos archivos e bibliothecas, mórmente em Portugal, aonde as repetidas modernas revoluções e a abolição dos conventos confundirão todos os papeis publicos e deslocarão todos os depositos e archivos, a ponto de ser este mesmo governo obrigado a mendigar agora copia de tratados e outros diplomas que não acha na Secretaria de Estado nem na Torre do Tombo. Não falta em que aproveitar o talento de Amaral nesta legação, aonde muito desejo tel-o, e nas mesmas indagações historicas, na Hespanha e na França. V. Ex. fará o que fôr mais justo.

Não podendo tirar da somma decretada para as despezas desta legação parcella alguma para outra applicação, posto que necessaria, dei de minha

continuou sempre, ainda particularmente, á disposição de todos os illustres patricios que, para seus estudos particulares ou em desempenho de commissões do governo, desde logo, ou depois de alguns desenganos e estereis buscas, se resolviam a recorrer "a quem sabia e queria auxilial-os" [2]), a fim de poderem encontrar e fazer copiar, grande numero de documentos ineditos, dos quaes muitos tem sido já dados á luz.

Em todo caso, hoje nos lisongeamos de poder com esta (que preenche bem ou mal, muitas lacunas

---

algibeira algum soccorro para a impressão da *Chronica do Rio de Janeiro*, acima mencionada, por me parecer ser um escripto de muito interesse para nós. Para cousas desta natureza, parecia dever-se applicar ou abonar algum fundo.

Deus guarde a V. Ex. Lisboa, 14 de Dezembro de 1839.

Illm. Exm. Sr. Caetano Maria Lopes Gama».

A chronica do Rio de Janeiro a que se refere o nosso ministro nunca chegou, que nos conste, a ser publicada. Não seria antes a chronica do descobrimento do Brasil, publicada em Lisboa e no Rio?

Do relatorio do ministerio dos negocios estrangeiros consta o seguinte sobre a vida official do autor da *Historia Geral*:

« Nomeado addido de primeira classe á legação de Portugal em 19 de Maio de 1842, serviu alli de secretario de Abril a Setembro do anno seguinte. Mandado em commissão especial á Hespanha de Março a Novembro de 1846, foi a 4 de Janeiro do anno seguinte removido para aquella legação. Promovido a secretario em 8 de Junho deste mesmo, serviu de encarregado de negocios de 18 de Junho a 11 de Agosto. Incumbido de uma commissão nos archivos de Hespanha, foi approvado e louvado em despacho reservado de 17 de Fevereiro de 1848, e promovido a encarregado de negocios em 14 de Novembro de 1851. Foi promovido a ministro residente do Paraguay em 9 de Dezembro de 1858, removido no mesmo caracter para Venezuela, Nova Granada e Equador em 19 de Janeiro de 1861, para o Perú, Chile e Equador em 30 de Maio de 1863. Removido no mesmo caracter para a Austria em 22 de Fevereiro de 1868, foi finalmente elevado a enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto á mesma côrte em 15 de Abril de 1871.

Em Vienna a 29 de Junho de 1878 falleceu.

[2]) J. F. Lisboa, Cart. 14ª, de 30 Nov. de 1856, pag. 87 do folheto "*Os Indios Bravos*" etc.

na historia dos feitos gloriosos dos antigos Portuguezes) corresponder aos bons officios prestados pelo governo da metropole, tanto a nós pessoalmente, como em geral a todos os Brazileiros.

Só o tempo poderá ir melhor descobrindo, aos que se votem a estudos mais profundos da historia patria, quanta perseverança puzemos nesse empenho, e quão inabalavel foi a nossa fé para supprir com a applicação aturada a escacez das proprias forças...

Acerca do modo como procurámos realisar o nosso proposito cumpre-nos dar algumas explicações.

Pelo que respeita á escolha dos assumptos, que nos deviam merecer a preferencia, não seguimos servilmente nenhum modelo. Longe de nos limitarmos á narração dos successos politicos, ou a estereis biographias dos mandões, cujas listas ordenadas aliás julgamos da maior importancia para a chronologia, procuramos occupar-nos principalmente dos factos mais em relação com o verdadeiro desenvolvimento e civilisação do paiz: comprazendo-nos até de não deixar em esquecimento os modestos obreiros que prestaram algum serviço nas lettras ou na industria, procurando sempre escrever antes um livro util e proprio a estimular o trabalho e a pratica das boas acções, do que puramente ameno e destinado á simples distracção.

Igualmente nos esforçamos por não ser prodigos nas narrações, nem pretenciosos nos juizos e

analyse dos acontecimentos; pondo o maior empenho em commemorar, sempre com o possivel laconismo, e embora com menos elegancia, os factos mais importantes, e esmerando-nos em os descrever com a maior exactidão e clareza. Cada dia nos convencemos mais de que a historia é um ramo da critica, não da eloquencia; e que perante o tribunal della, o historiographo não é um advogado verboso e florido, mas antes um verdadeiro juiz, que, depois de averiguar bem os factos, ouvindo as testemunhas, com o devido criterio, deve, feito o seu allegado com o possivel laconismo, sentenciar na conformidade das leis equitativas da sociedade e humana justiça.

Pelo brilho e ornato do estylo não levamos pois a menor pretenção de campear. Irão os periodos muitas vezes como foram de primeiro jacto concebidos, em presença dos documentos estudados. A's vezes se encontrará um periodo escripto, com a differença de mais de vinte annos de tempo, do que se lhe segue, e do que o precede; e todos sabem como é difficil, ainda aos mais exercitados, o desapegar-se dos travos e resaibos que por algum tempo deixam no gosto as fontes de que se bebe. A linguagem porém procuramos sempre que saisse puritana e de boa lei; e neste sentido temos mais de uma vez ouvido, com certo desvanecimento, da propria boca de alguns dos escriptores nossos, politicos e litteratos, que a nossa obra havia tido grande parte a firmal-os no manejo da lingua vernacula.

Como temos dito por vezes, a escola historica a que pertencemos, é estranha a essa demasiado sentimental que, pretendendo commover muito, chega a afastar-se da propria verdade. Fazemos a esse respeito uma verdadeira profissão de fé quando, ajuizando nesta obra a do illustre Rocha Pitta, dizemos ser a do escriptor bahiano «omissa em factos essenciaes, destituida de criterio, e alheia a intenções elevadas de formar ou de melhorar o espirito publico nacional, fazendo avultar, sem faltar á verdade, os nobres exemplos dos antepassados,» — e acrescentamos que aquelle autor não recorrêra «ás mais puras fontes da historia; que era mais imaginativo que pensador; mais poeta e admirador do bello que critico, vassallo da razão e escravo das provas authenticas.»

Tambem nos cumpre repetir aqui o que já outra vez dissemos, que o amor á verdade nos obrigará mais de uma vez a combater certas crenças ou illusões, que já nos haviamos acostumado a respeitar. Aos que lamentem o ver dissipadas algumas dessas illusões de apregoados heroismos, rogamos que creiam que os haveremos precedido nessas jeremiadas; e pedimos se resignem ante a verdade dos factos, com tanto maior razão quando essa verdade, neste mesmo livro, lhes proporcionará, em vez dessas illusorias glorias, outras mais incontestaveis; sendo que não pequeno numero de pontos, em que havia duvidas, conseguimos deixar esclarecidos; não por nossos fracos talentos, mas pelos

argumentos incontestaveis que resultam das provas que, mediante aturado estudo, conseguimos reunir.

Quanto ao methodo, bem que preferimos grupar os assumptos por determinadas epocas, esmerando-nos por que fossem as transições faceis, julgamos podermo-nos dispensar de adoptar no texto as divisões pedantes e escolasticas, em grandes periodos e em livros; contentando-nos, como na anterior edição, com a simples divisão em secções. Os Romanos chamavam-lhes livros, ao que parece, por que cada um se continha em um rolo de pergaminho.

Pozemos especialmente o maior empenho em guardar na obra toda a maior harmonia; não sendo em umas partes mais minuciosos, somente por que dellas tinhamos á mão mais documentos; mas sim por que assim o reclamava a maior importancia do assumpto; isto afim de que o principio e fim da obra correspondam ao seu meio. Muitas vezes a concisão que se notará nos terá dado maior trabalho, por obedecer ao preceito do mestre que manda ao escriptor conter-se.

Os nossos escrupulos em condensar foram taes que passaram até a manifestar-se materialmente na propria impressão da obra; pois, em vez de fazer avultal-a, procurámos que saisse tão compacta quanto possivel; vindo a incluir em dois volumes doutrina que poderia bem apresentar-se em dez ou doze, impressos de outra fórma; e ainda mais, reproduzindo em cada um delles os documentos já

extensamente explicados no texto, resultando da obra muito maiores lucros em prejuizo dos candidos adquiridores.

Não nos deteremos aqui apresentando uma resenha dos muitos additamentos e melhoramentos importantes desta edição; começando pelo descobrimento da etymologia da palavra «*Tupi*»; pela verdadeira explicação da derrota de Pinzon e das provas de que o cabo da Consolacion não era o de Santo Agostinho, mas a ponta de Mocuripe; seguindo-se o de que já no reinado de D. Manuel começára a colonisação, e o fabrico do assucar no Brazil; de que a verdadeira data da bulla da criação do primeiro bispado é 25 de fevereiro de 1551, e não 1550 nem 1555, como corre escripto, etc. A estes e outros muitos mais factos ineditos, apurados exclusivamente pelo criterio historico, primam porém os que respeitam á ethnographia e anthropologia tupi, de cuja lingua procurámos popularisar entre nós o estudo, levando a cabo a custosa reimpressão da grammatica e dos valiosos diccionarios do P.e Montoya. Foi a melhor resposta que podiamos dar aos que levianamente nos accusam de prevenção contra os antigos habitadores desta região, denominados impropriamente indigenas; esquecendo-se, em taes accusações, de que em 1840 sustentavamos a necessidade do estudo e ensino das linguas da terra [3]) a que já nos votavamos; de

[3]) Rev. do Inst. T. III, pag. 53.

que em 1849 [4]) propunhamos que se pedissem das Provincias certas informações acerca dos Indios; de que conseguiramos a criação no Instituto do Rio da secção de ethnographia, que nelle existe; e finalmente de que fora nesse campo que mais importantes investigações haviamos tido a fortuna de apresentar acerca da historia patria. Algumas noticias aproveitamos tambem de varios impressos modernos; e especialmente das publicações do Instituto Historico, do bem elaborado *Diccionario Historico* do Maranhão do Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, das *Memorias* do Ceará do illustrado desembargador Alencar Araripe, das *Biographias* pernambucanas do fallecido commendador Mello, da reproducção da obra de Ives d'Evreux, devida ao nosso erudito amigo o Sr. Ferdinand Denis, e finalmente de umas notas manuscriptas acerca de Mato-Grosso, com que se dignou honrar-nos o illustrado almirante Leverger, Barão de Melgaço.

Além disso, quasi todas as secções receberam retoques em favor da maior harmonia do todo. Transferimos para o principio a secção respectiva á descripção do Brazil em geral, seguindo-se as respectivas aos Indios, as quaes, não só onde estavam causavam grande interrupção no fio da narração, como ficam desta forma constituindo melhor ponto de partida da obra toda. Na parte que respeita ás lutas com os Hollandezes, seguimos a

[4]) Rev. do Inst. XXI, 366 e XXI, 431.

nossa historia especial desse periodo, supprimindo-lhe, com as devidas remissões, muitos documentos e notas e discussões, e alguns topicos vão ainda com melhoras e retoques.

Deste modo, se já a nossa primeira edição, enriquecida de grande numero de factos ineditos, e não conhecidos de Southey, lhe levava nesta parte as vantagens por elle proprio previstas [5]) ao acabar de escrever, os melhoramentos desta nova são taes que dispensam quasi o cotejo, aliás hoje mui facil, graças á traducção dessa obra em portuguez.

Não duvidamos porém declarar que nesta edição se não encontra ainda a nossa ultima palavra: mas sim em um exemplar, com grandes margens, em que vamos fazendo correcções, que se aproveitarão por ventura algum dia em um simples supplemento a esta; isto inclusivamente com respeito ás idéas que submettemos á discussão acerca da procedencia dos Tupis, quando depois de bem debatidas, se haja recolhido mais alguma luz. Uma obra desta natureza, emquanto o autor vive e trabalha, não chegou ao seu verdadeiro fim; pelo que, de taes obras não se podem fazer estereotypias sendo os autores vivos. Necessitavamos entretanto, por meio desta edição, alliviar-nos dos grandes cuidados que nos estava dando a guarda do seu original, sempre receiosos de que, por um incendio

---

[5]) «How much may be added to the history of Brazil, by one who has access to the archives» etc.

ou qualquer outro accidente, se perdessem, para o paiz e para o publico, os novos fructos recolhidos nos ultimos dezenove annos—desde 1857, em tantos proximamente como haviamos levado a reunir os elementos para a primeira edição. Devendo a impressão ser feita em paiz estrangeiro, para facilital-a, assentamos de não copiar de novo todo o original, o que aliás sem duvida lhe teria dado mais fluidez e unidade; preferindo antes, para não ter que lutar com tantas difficuldades na revisão das provas, que o compositor se aproveitasse quanto possivel do texto impresso, onde não havia correcções. Ainda assim os leitores terão que desculpar se as erratas forem muitas, attendendo a haver sido esta edição feita em paiz onde não ha um revisor para a lingua portugueza, e não poder nunca um autor rever bem os seus proprios escriptos.

Caberia talvez aqui concluir com duas palavras acerca da pressa com que foi effectuada a primeira edição, e dos criticos que a sorte lhe deparou. Depois de haver reduzido as nossas explicações a mui poucas paginas, as essenciaes de satisfação ao publico, não as julgando de um interesse permanente, maxime para os estranhos, tivemos por mais acertado o deixal-as para um pequeno folheto separado, que opportunamente será publicado.

PREFACIO

da 1ª edição

«Uma das maiores emprezas do mundo (dizia o conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes) é a resolução de escrever uma historia; porque além de inumeravel multidão de inconvenientes, que é necessario que se vençam, e de um trabalho excessivo,... no mesmo tempo em que se pretende lograr o fructo de tantas diligencias, tendo-se conseguido formar o intento, vencer a lição, assentar o estylo, colher as noticias, lançar os borradores, tiral-os em limpo, conferil-os e apural-os, quando quem escreve se anima na empreza... — então começa a ser réo, e réo julgado com... excessiva tyrannia» [1]).

E o conde da Ericeira tinha razão. O trabalho de uma historia é, como o de um diccionario, tanto mais util ao publico e ingrato para o autor, quanto mais de consciencia houver sido feito. Assim como o estudioso que busca no diccionario uma palavra, e não a encontra a seu gosto, num assumpto a que

---

2) Prologo do «Portugal Restaurado»

se dedicou de profissão, decide por duas ou tres linhas do trabalho de sessenta mil artigos contidos em mais de mil paginas, assim tambem julga ás vezes do todo de uma obra historica o ingenuo burguez, só por um facto ou data delle (omittido de proposito, ou alterado em virtude de documentos antes desconhecidos) e o pretencioso grammatico só por uma frase em que embicou. Mas o historiador soffrerá maiores injustiças, se dotado de convicções profundas e de caracter firme e independente, em vez de adular vãos preconceitos vulgares, teve o necessario valor para enunciar francamente o que pensava, em contra destes. Entretanto é um facto que os contratempos experimentados pelos que se apresentam na arena, não são sempre de má recommendação. Por quanto, além de que menos merito teria qualquer empreza, quando em vez de trabalho e de trabalhos ella só fosse de gosos e de prazeres, recommenda um conhecido moralista que nos previnamos contra os autores de certas obras em que, no momento de apparecerem, o publico só encontra que applaudir [2]; pois o que isso geralmente prova é que os taes autores escreveram menos com o intento de corrigir opiniões erradas, do que de angariarem applausos, radicando ás vezes ainda mais, com a sua autoridade, o erro e a injustiça.

Seja porém como fôr: saiba-se que desde que nos propuzemos a consagrar ao Brazil as nossas

---

2) — —: Neque, te ut miretur turba, labores. Hor. Sat. X.

vigilias, para, no esclarecido reinado de Pedro II, e mediante o seu alto e valioso apoio, escrever, com certa unidade de forma e com a dos principios que professamos, uma conscienciosa historia geral da civilisação do nosso paiz, padrão de cultura nacional, que outras nações civilisadas só ao cabo de seculos de independencia chegaram a possuir, ou não possuem ainda, fizemos abnegação de tudo: e por tanto arrostamos com os provaveis desasocegos e injustiças futuras,—se é que não já presentes. Embora! Deu-se em todo caso o primeiro passo. Fez-se, por assim dizer, a primeira resenha geral ou antes o primeiro *enfeixe* proporcionado dos factos que, mais ou menos desenvolvidos, devem caber na Historia Geral, em lugares convenientes; indicaram-se as fontes mais puras e genuinas; e estes dois serviços (independentes do estylo e da maneira de pensar, que são especiaes a cada historiador) ficam feitos. Assim a integridade do Brazil, já representada magestosamente no Estado e no Universo pela monarchia, vai agora, bem que mui humildemente, ser representada entre as historias das nações por uma historia nacional. O optimo é inimigo do menos mau. Não era justo que em quanto não podiamos alcançar o optimo, nos contentassemos com o pessimo, que pessimo era não possuir a nação uma historia geral, digna deste nome, e sizuda e imparcialmente escripta. « Primeiro que tudo, ponderava em 1838 o illustre e digno philobrazilico Ferdinand Denis, é da mais alta importancia que os documentos

que constituem a historia do paiz sejam alfim recolhidos. Para que as theorias *diarias* sejam uteis, é preciso offerecer-lhes uma base, ou para melhor dizer, um ponto de partida. » Quasi pelo mesmo tempo se creava no Brazil o Instituto Historico, e sem conhecimento deste facto existia em nós, então na Europa e ainda frequentando as aulas, o pensamento atrevido (confessamol-o) da empreza desta obra : e já os estudos preparatorios para um dia a realisar, começados dois para tres annos antes, produziam preliminarmente, não só as *Reflexões criticas* á obra de Soares, concluidas (e apresentadas ao vice-presidente da Academia das sciencias de Lisboa pelo dignissimo bispo conde S. Luiz, depois cardeal patriarcha) em meiado de 1838, como a publicação do *Diario* de Pero Lopes effectuada no anno seguinte.

A fundação do Instituto veio pois a dar-nos grande valor para a empreza, principalmente desde que o augusto Chefe do Estado resolveu collocar-se de facto á frente delle, apreciando altamente os trabalhos acerca da historia patria, pelos auxilios que podem prestar (independentemente dos que proporcionam á erudição e á litteratura) ao estadista, ao jurisconsulto, ao publicista, ao administrador, ao diplomata, ao estrategico, ao naturalista, ao financeiro e aos varios artistas ; e talvez tambem prevendo que com serviço nenhum melhor do que os que tivessem relação com a historia e geographia (e aqui cabem todos os productos naturaes), poderiam

os seus subditos ser uteis ao saber humano em geral, entrando na grande communhão scientifico-litteraria européa, de que por outro lado tantos auxilios recebemos, por meio da offerta de novos dados, que inclusivamente venham a ser ahi debatidos em proveito da illustração do paiz. E todo o Instituto confessa, cheio de reconhecimento, que sem a protecção valiosa do SENHOR D. PEDRO II, elle teria deixado de existir: e por sua parte, este minimo socio declara que, sem a correspondente quota que dessa protecção lhe coube, o Brazil não teria hoje esta obra. Na verdade parece que o illustre Paulista Alexandre de Gusmão previa uma era de quasi seculo e meio no porvir, quando dizia, referindo-se a outro Augusto Soberano: «Procura Sua Magestade resuscitar as memorias da patria da indigna escuridade em que jaziam até agora.»—Deste modo o honrado senador que do alto da tribuna proclamou os serviços prestados ao paiz pelo Instituto Historico, em summa teceu mais uma corôa de gloria a PEDRO SEGUNDO.

A posteridade decretará as producções que hão de apparecer escriptas em cada uma das sempre verdes folhas dessa corôa. Ousadamente nos atrevemos a assegurar que aspiraria a Historia Geral a entrar na competencia, se na vastidão do plano e vigor da execução houvesse a obra correspondido ao typo que conceberamos, por ventura querendo avaliar a intensidade das forças pela immensidade dos desejos. Só na concisão correspondeu o desempenho ao

nosso constante proposito. E procurámos, tanto quanto nos foi possivel, ser concisos, na persuasão de que não era uma historia mais minuciosa a que hoje podia ser mais util, ainda quando fôra possivel escrevel-a com certa harmonia, digamos assim, em todas as suas proporções architectonicas; o que aliás não seria facil, quando algumas destas estão ainda pouco examinadas; e tal exame tem de ser feito pouco a pouco, já pelos futuros editores de documentos ineditos, já por novos historiadores parciaes, que não tardarão a aparecer. Estes principalmente, ao ter presente este todo, o avaliarão com justiça; e quasi ousamos dizer que quantos mais defeitos lhe achem, isto é, quanto mais o estudem, *mais apreciarão o serviço preparatorio que aqui lhes offerecemos*, comprehendendo nelle as proprias notas que publicamos no fim, sob o titulo de *Auxilios Chronologicos*. — Dia virá em que a seu turno os seus trabalhos serão devidamente contemplados na Historia Geral.

Cumpre-nos dizer aqui duas palavras acerca da obra em geral, do estylo e da linguagem do seu autor; o que tudo se confirmará pela attenta leitura da obra.

Depois de uma ligeira exposição dos factos que contribuiram a pôr em contacto, no fim do seculo XV, a Europa com a America, tratamos rapidamente das primeiras explorações da costa, que de pouco interesse real eram para a historia do nosso paiz; pois que de tal modo não tinham deixado de si vestigios,

que elles, na propria historia, se haviam quasi de todo apagado ou confundido. Insistimos porém, mais do que nenhum dos que nos precederam em trabalhos identicos, na verdadeira apreciação comparativa do grau de civilisação dos colonisadores, do de barbarie dos colonos escravos trazidos impiamente da Africa, e do de selvageria dos povos, ultimos invasores nomades, que occupavam em geral o territorio que hoje chamamos Brazil. — No tratar dos colonisadores Portuguezes, dos barbaros Africanos, e dos selvagens Indios procuramos ser tão justos como nos dictaram a razão, o coração e a consciencia. Era essencial partir de apreciações justas e imparciaes para justa e imparcialmente poder caminhar de frente levantada, expondo a progressiva civilisação do Brazil, sentenciando imparcialmente aos delinquentes e premiando o merito, sem perguntar a nenhum se procedia do sertão, se d'Africa, se da Europa, ou se do cruzamento de sangue. De outro modo, mal houveramos podido conscienciosamente condemnar aos ferozes assassinos do nosso primeiro bispo, aos barbaros aquilombados, aos cobiçosos Mascates e aos infelizes revolucionarios de 1788, nem victoriar devidamente o Indio Camarão, o preto Henrique Dias, o Portuguez conde de Bobadela e o pardo sertanejo Manduaçú. — Se houvessemos querido seguir commodamente as pisadas de alguns, que, nos pontos mais difficeis e melindrosos, em vez de os estudar e submetter á discussão publica, procuram eximir-se de dar o seu parecer, mui facil

nos houvera sido narrar de modo que, se não contentasse a todos, pelo menos não descontentasse a nenhum; como ás vezes, hoje em dia, fazem certos politicos, de ordinario não sem prejuizo da causa publica.

Pelo que respeita a quanto dissemos dos colonisadores e dos colonos africanos, cremos que em geral apenas haverá discordancia de opiniões. Outro tanto não succede porém respectivamente aos Indios, philosophica e profundamente pouco estudados, e que não falta quem seja de voto que se devem de todo *rehabilitar*, por motivos cujas vantagens de moralidade, de justiça ou de conveniencia social desconhecemos, — nós que como historiador sacrificamos tudo ás convicções da consciencia, e estamos persuadidos de que se, por figuradas idéas de *brazileirismo*, os quizessemos indevidamente exalçar, concluiriamos por ser injustos com elles, com os colonisadores, com a humanidade em geral, que toda constitue uma só raça, e por tanto com a nação actual brazileira, a que nos gloriamos de pertencer [3]).

Oxalá os leitores façam a devida justiça aos nossos principios, não por esta ou aquella passagem da obra, mas pelo seu conjuncto! Oxalá descubram nella, atravez da ostentação de uma tolerancia civilisadora, os sentimentos de patriotismo nobre e elevado que nos animaram;—não doutro lamentavel

---

[3]) Veja-se a nossa dissertação — *Os Indios perante a nacionalidade Brazileira*— publicada no *Panorama* de 1857, e tambem na 1.ª ed. desta Historia.

patriotismo cifrado apenas na absurda ostentação de vil e rancoroso odio a tudo quanto é estrangeiro! — Oxalá o nosso trabalho concorrera a fomentar, ao menos entre as gerações do porvir, o espirito de generosidade que guiou nossa penna em muitas occasiões, não sem que ás vezes nos olhos borbulhassem piedosas lagrimas!

Acerca do estylo não daremos muitas explicações; porque talvez nem acertassemos a nos fazer ouvir, quanto mais a entender. Apezar da grave sentença de Buffon, temos a persuasão de que, como tudo quanto é humano, o estylo depende muitas vezes das disposições do animo, originadas de causas que nem sempre está em nós remover. — Demais: no primeiro volume desta obra principalmente, capitulo ha escripto com differença de cinco ou seis annos do que lhe está visinho; segundo nol-o permittiam as occasiões de que então dispunhamos, para ir pondo em ordem, e tirando do cahos, os apontamentos que tinhamos, e que até certo ponto nos escravisavam a penna. Impossivel fôra pois evitar que não escapassem repetições, incorrecções e faltas de clareza, que se vão advertindo; e bem que sejam muitas, quasi nos admiramos de que, ao tratar de tantos assumptos novos, procedentes de origens tão desencontradas, não commettessemos muitas mais. E' pois o caso de repetir com Rousseu: « *Ce n'est pas assez d'une moitié de la vie pour faire un... livre, et de l' autre moitié pour le corriger.* » — Assim Deus quizesse conceder-nos essa outra metade...

A linguagem estudamos que saisse castiça e de boa lei, sem com tudo levar os escrupulos ao ponto de não empregar certas palavras e frases, só porque não se encontravam competentemente alphabetadas,—sendo que algumas deviam merecer preferencia em uma obra acerca do Brazil. Assim como até agora ninguem censurou a Castanheda, nem a Barros, nem a Couto, nem a Lucena, tratando da Asia, o haverem empregado as vozes barbaras *pardáu*, *junco*, *catur*, e outras, não haveria razão para que, tratando-se da America, se não adoptassem muitos vocabulos americanos admittidos pelo uso. Com estas convicções, empregariamos *maracá*, *pocema*, *tangapema* [1]), *tujuco* e *tujupar*, (mais euphonico nos parece dizer com o povo *tejuco* e *tejupar*), ainda quando o P. Vieira nos não houvera dado exemplo; e *patiguá* e *tipoya*, ainda sem a autoridade de Simão de Vasconcellos; e *cahiçára*, sem a de Berredo. Por isso quando se nos offereceu occasião, dissemos *bocaina*, *chapadão*, *coivára*, *giqui*, *itaipava*, *lageado*, *tapéra*, *vaquiano* e outras, admittidas geralmente no Brazil; o que não deve admirar quando, até em Portugal, estão em uso muitas mais vozes originariamente túpicas, das quaes algumas passaram a todas as linguas da Europa. Das conhecidas em Portugal nos limitaremos a citar as seguintes: *ananaz*, *caipira*, *caipóra*, *capim*, *cipó*, *copahiba*, *cutia*,

---

[1]) Não *fangapema*, como, por engano da primeira lettra, se lê nas edições de suas obras e nos diccionarios.

guaiaba, *ipecacoanha*, *mandioca*, *piassaba* (ou *piaça*), *pitanga*, *jacarandá*, *poaya*, *tapioca*, e até, em nossa opinião, a mesma hoje portuguezissima palavra *pitada* (de rapé) não pode vir senão do verbo *pitar* usado no Brazil, da palavra *p'ty'* (esta ultima lettra se pronunciava como em grego, quasi com o som do *u* francez) com que em tupi se designava o tabaco; e que Damião de Goes (*Chronica de D. Emanuel* I, c. 56) e com elle Balthazar Telles adulteraram em *betum*.

Quanto á orthographia, no meio da anarchia que hoje entre nós acerca della reina, tentamos seguir um meio termo; mas nem sempre a paciencia nos acompanhou ao rever as provas, sem alguem que nos ajudasse, como tem todos os autores em seus respectivos paizes. Faremos entretanto quatro simples advertencias : 1.ª Escrevemos sempre Brazil e não Brasil, porque originalmente a palavra européa foi introduzida pelos Genovezes e Venezianos, que chamavam *verzino* ao lenho do Oriente que antes servia á tinturaria A). — 2.ª Seguindo os classicos,

---

A) O nome brasil significa ao mesmo tempo um producto do Oriente e uma ilha do Occidente. Como producto apparece escripto segundo Wilhelm Heyd, *lignum brasile* (*braxile*, *bresillum*, *brisilium*, donde derivavam em italiano *bersi* (*berzi*, *barzi*) ou *verzi*, que finalmente se tornou *verzino*. Esta forma é portanto a mais moderna de toda.

Como ilha occidental da Europa ainda é mais caprichosa a maneira de escrevel-a. No estudo das cartas medievaes, encontrou Konrad Kretschmer as seguintes formas: *Brazi*, *Bracir*, *Brasil*, *Brasiel*, *Brazil*, *Brazile*, *Braziele*, *Braziel*, *Bracil*, *Braçil*, *Braçill*, *Bersill*, *Braxil*, *Braxili*, *Braxiel*, *Braxyiili*, *Brisilge*.

Em geral o annotador desta edição respeita a graphia do autor, com a qual aliás não concorda. Veja-se a nota seguinte.

H. B.

não accentuámos, como entre nós se pratica abusivamente,a proposição dativa, senão quando essa proposição envolve ao mesmo tempo o artigo feminino que se contrahiu nella para evitar o hyato *a a*; por outra, em geral somente se deve accentuar a proposição dativa nos casos em que ella se traduziria em francez por *à la*. — 3.ª Seguindo tambem os mais autorisados cultores da lingua, admittimos a irregularidade dos verbos *construir*, *destruir*, *progredir*, etc., dizendo *constroe*, *destroe*, *progride*, etc. — 4.ª Escrevemos *onde*, *donde*, *aonde*, reconhecendo casos neste adverbio, que segundo Moraes até admitte o caso por assim dizer composto *a donde*.

HISTORIA GERAL DO BRAZIL

SECCÃO I

(VII da 1 edição)

Nome de Brazil. Extensão. Paragem central. Formações geognosticas. Diamantes. Ferro. Ouro. Ausencia de terremotos. Climas. Meteorologia. Quadras do anno. Firmamento. Vegetação. Matos virgens. Capoeiras. Catingas. Madeiras. Outras producções. Fructas. Campos virgens. Falta de neve. Animaes. Passaros. Peixes. Contrasles de planlas e de animaes,

Terra do Brazil ou sómente Brazil foi o nome dado pelos Portuguezes á parte. mais oriental do novo-continente, em virtude de haverem ahi encontrado, em abundancia, certo lenho, que subministrou ao commercio uma tinta vermelha analoga á que até então, com esse nome, a Europa importava da Asia A). O novo páu-brazil, que neste novo paiz era conhecido com o nome de

---

A) O páu brasil não foi provavelmente conhecido na Europa antes das Cruzadas : já o era pelo menos em 1140. Vinha em toros, de que retirada a casca e o albume restava o amago vermelho, contendo uma materia corante, empregada na lintura de pannos e em miniaturas de manuscriplos, maxime quando se queria salientar os tons roseos; na pintura era menos empregado. A madeira servia tambem para obras de marcenaria.

Havia o brasil domestico, mais apreciado, e o selvatico. Os negociantes distinguiam tres qualidades do producto:.o *colombino*, exportado de Ceylão, na costa de Malabar ; o *ameri*, vindo de Lamori, Lamuri, ou Lambri, na parte de Sumatra voltada para a India anterior ; o *seni*, procedente da Indonesia ou India citerior. Naturalmente as duas designações nada tem com Colombo ou Vespuciò (Heyd,—*Geschichte des Levantehandels im Mittelalter*, II 576|580.

Designando uma ilha, figura este nome desde 1351 no atlas dos Medicis, e continua pelos seculos seguintes, até que em 1776 Jeffery poz em duvida

ibira-pitanga ou páu-vermelho, acha-se classificado pelos botanicos no genero *Cæsalpinia.* Mais tarde a denominação de Brazil, veiu a fazer-se extensiva ao conjuncto de todas as colonias portuguezas neste continente, as quaes, emancipando-se, vieram a constituir o actual imperio brazilico, hoje em dia um dos estados de maior extensão no globo, de cuja superficie terrestre abrange proximamente a decima quinta parte. Dilata-se desde as

---

sua existencia. Mesmo agora não desappareceu totalmente, pois as cartas do almirantado inglez marcam *Brasil Rock*, 6° W. da ponta meridional da Irlanda.

Das cartas medievaes algumas dão o nome a uma só ilha, ora em forma de um circulo perfeitamente regular de 1 a 2 centimetros, ora em forma de meia lua; outras dão o nome a duas ilhas semicirculares, separadas por um estreito. Na carta de Pizigano de 1367 ha tres ilhas Bracir, a mais meridional marcada no grupo dos Açores na latitude do cabo de S. Vicente; a segunda a NW. do cabo de Finisterra, na latitude da Bretanha; a terceira a W. e não muito longe da costa da Irlanda. Em geral a ilha do Brasil pode identificar-se com a Terceira, onde existe ainda um monte Brasil junto á cidade de Angra. — De Bristol partiram a 15 de Julho de 1480 dois navios capitaneados por Jay Junior a procura da ilha do Brasil, que voltaram passados mezes sem nada ter encontrado. A 25 de Julho de 1497 escrevia P. de Ayala, protonotario e legado do rei Fernando da Hespanha junto á corte de Henrique VII da Inglaterra, que de sete annos áquella parte zarpavam annualmente de Bristol armadas de duas, tres e quatro caravellas á procura da ilha do Brasil (Kretschmer, *Die Entdeckung Amerikas*, 214/221).

Como se deu tal nome á ilha, é ponto por liquidar. Entendem uns que Brasil indica os phenomenos vulcanicos notados no archipelago açoriano. Entendem outros que ali se teria encontrado si não o verdadeiro brasil, pelo menos um succedaneo, que bem pode ser a urzella.

A 19 de Outubro de 1470 el-rei D. Affonso V, prohibiu ás pessoas que tinham privilegio de commerciar com Guiné negociarem com as tintas do Brasil, que reservava para si. Igual prohibição não se fez para as ilhas; e si ponderarmos que, nas differentes fórmas graphicas apuradas por Kretschmer e indicadas em nota anterior, não se vêm formas congeneres de verzi ou verzino, pode-se sem grande esforço concluir que o Brasil, ilha occidental, nada tem com o producto oriental. Com o vulcanismo dos Açores não se prova nexo; e é pouco provavel que os primeiros viajantes não imaginassem para um monte em ignição outro nome que o de simples brasa.

Mais natural é que o nome proceda de origem celtica; ha até quem o decomponha: *braaz*, grande, *i*. Em todo caso Brasil como ilha apparece sempre no Atlantico, e sempre a W. de terras primitivamente habitadas por Celtas.

cabeceiras mais septentrionaes do caudaloso Amazonas até quasi as margens do Prata, alargando-se muito mais para as bandas do Norte, á feição do continente meridional a que pertence, e do qual constitue quasi a metade.

Por toda a extensão que abraçam esses dois grandes rios se erguem serranias, que produzem variegados valles, por cujos leitos correm outros tantos rios caudaes. Metade proximamente do territorio mais a Noroeste é retalhado em todos os sentidos pelas aguas do mencionado Amazonas e de seus possantes braços. Essas aguas vão com tanta furia arrojar-se ao mar, quasi debaixo da Equinocial, que durante certa distancia da costa deixam as ondas delle de ser salgadas.

A' superficie desse rio-mar, fluctuam immensas ilhas, cobertas de arvoredo. A estas roubam ás vezes as correntes a terra e as arvores, para engrandecerem outras ilhas, ou para mais abaixo as restituirem á mesma terra firme, donde as haviam desprendido.

Os grandes tributarios da margem direita do Amazonas procedem de serras e chapadões, que se erguem n'uma paragem proximamente central a todo o territorio, da qual vão ao Atlantico pelo Prata outras vertentes, depois de contornarem e banharem, com suas aguas, os districtos do Sul. Dessa mesma paragem central, de ameno clima em todos os mezes do anno, baixam para o lado oriental outras vertentes; sendo assim a que melhor se presta a ligar entre si todo o systema de communicações fluviaes no imperio, e a que a propria natureza está indicando como a mais adequada para constituir o grande e poderoso nucleo da futura união, segurança e independencia do Estado, offerecendo para o estabelecimento de uma grande capital quer o chapadão do Urucuya, quer o de Santa Maria.

Geognosticamente, a base de toda a mencionada extensão territorial é formada de gneiss, e suas competentes transições para as rochas congeneres; apparecendo o mesmo gneiss nas mais altas serras; seguindo-se outras formações, tanto de grés de varios caracteres, incluindo os conhecidos com os nomes, de origem brazilica, de *itacolumites* e *itabirites*, como calcareas, umas

metamorphicas, outras secundarias; vindo depois os grés terciarios, em que se devem comprehender os das antigas matrizes dos diamantes, os quaes não se tem manifestado senão de lavagem nos rios, ou em conglomeratos de recente formação. — Para as bandas do Norte, perto da costa predominam os sandsteins de côr; donde procede o terem, por ahi, os rios menos caxoeiras, por haver podido ser mais efficaz a acção desgastadora das aguas; ao passo que, pela razão inversa, na costa oriental se encontram em maior numero os portos e abrigadas.

Predominam em muitos logares as formações micaceas e schistosas, e não faltam marmores calcareos, especialmente pretos. Abundam as minas de ferro, algumas de grande possança e riqueza; donde principalmente provêm o serem as terras avermelhadas, por se acharem saturadas de oxidos ferruginosos, a logares mesclados até com oxidos de ouro, metal que tambem se encontra em muitos districtos, tanto nativo, em veeiros com o quartzo, e em folhetas ou em pó nos rios, como de muitas outras fórmas conhecidas pelos nomes indigenas de *tapanhuacanga*, *jacutinga*, *guapiaras*, etc.

Por toda a extensão do Brazil continental não se encontra um só volcão, nem tem apparecido formações volcanicas; donde procede o ver-se quasi todo este grande imperio isento do flagello dos terremotos, que tanto affligem aos povos de várias das nações limitrophes. Em todo o Brazil, até hoje, não ha memoria de se haverem sentido tremores, senão apenas nas suas extremas austro-occidentaes (Mato-Grosso), além de alguns leves abalos nas costas de Nordeste (Pernambuco); provenientes sem duvida, aquelles da proximidade em que se acham das Cordilheiras, e estes da de algumas erupções no mar, nas immediações da ilha de Fernando de Noronha, na qual inquestionavelmente predominam as formações basalticas.

Numa extensão tão vasta e com tão differentes elevações sobre o mar, como tem o Brazil, claro está que varios devem ser os climas e vária a ordem das estações, se estas, com os seus nomes inventados para as zonas temperadas, os podem ter

5

correspondentes na zona torrida; embora haja, até debaixo da Equinocial, não só climas temperados, como até frigidissimos e de neves perpetuas, bem que não dentro dos limites do territorio brazilico.

Póde em geral dizer-se que desde as beiras do Amazonas, seguindo pela costa até o Sul, nas margens dos rios de todo o littoral, o clima é quente e humido, e apropriado ás plantas que demandam maior gráo de calor com humidade. Matos espessissimos, nos logares onde ainda não entrou o machado industrioso, sombreiam essa extensão, refrescada não só, diariamente, pela viração mareira e pelo terral, como tambem pelas chuvas amiudadas, promovidas pelos vapores distillados das mesmas arvores ou pelas nevoas e nuvens levantadas pelos raios do sol. Experiencias feitas por muitos annos, em mais de um ponto da nossa costa, dão em resultado que, dos dias do anno, são serenos proximamente uma terça parte, a outra nublados, e a terceira chuvosos; sendo destes (que occorrem no tempo de maior calor) mais de metade de trovoadas. A temperatura média, mui analoga por quasi toda a costa, regula, para as bandas do Rio de Janeiro, por dezesete gráos e meio do thermometro de Réaumur. A maior humidade de verão faz que a ardencia do sol nunca se chegue tanto a sentir. Parece providencial nesta terra que os dias mais calorosos sejam justamente os de maior humidade.

Como paiz do hemispherio austral, as quadras do anno andam desencontradas com as da Europa, e verdadeiramente não ha mais que duas estações: a seca e a chuvosa. A estação seca, chamada *inverno*, é a mais fresca: começa no Sul em Maio, e dura até Novembro ou Dezembro. Para o Norte começa mais tarde: no Maranhão, Pará e ilha de Fernando, principia em Julho ou Agosto B). Os mezes mais frescos são os medios da estação seca, e os mais quentes os medios da estação chuvosa, chamada *verão*. Durante a estação seca reinam os

---

B) Para o Norte geralmente chama-se inverno a estação das aguas, ao contrario do Sul onde esta estação por ser a mais quente chama-se verão.

ventos Lestes e Nordestes ; e com elles, junto á costa, correm as aguas para o Sul ; voltando a tomar a direcção opposta, apenas cessam os mesmos ventos.

Nos páramos dos sertões e nas campinas do Sul é o clima temperadissimo ; e com menos rigores de frio e calor que o dos paizes cuja bondade de ares é proverbial.

O firmamento ostenta-se no Brazil em toda a súa esplendida magnificencia. O hemispherio austral é, segundo sabemos, mais brilhante que o do Norte, ao menos nas altas latitudes donde se não pode ver a bella constellação do Cruzeiro, de todas as do firmamento a que mais attrahe a attenção, ainda dos menos propensos a admirar a criação, nessas myriadas de mundos, que confundem o miseravel habitante deste nosso pequeno planeta.

A vegetação é successiva : poucas arvores perdem as folhas ; algumas dellas carregam de flores, quando ainda os seus ramos vergam com o peso dos fructos da safra anterior; e destes ultimos vão uns inchando, quando já outros estão de vez ou de todo maduros. Nos terrenos de formação do gneiss, em vigorosa decomposição pela acção fortissima da atmosphera e das chuvas torrenciaes, ha mais humidade, e a vegetação é mais luxuriosa, sendo ahi mais admiraveis as matas virgens. No littoral tem as plantas bastante analogia com as da costa d'Africa fronteira nos alagados do mar pullulam as Rhizophoreas, que chamamos mangues, as quaes se multiplicam pelos proprios ramos, que dos galhos se debruçam a buscar a terra. São arvores como que destinadas pelo Creador para marcar os leitos aos rios dos climas entretropicos, quando as suas aguas se vão mesclando com as salgadas do mar. Seguem muitas Euphorbiaceas, Malvaceas e Leguminosas. Abundam porém mais que tudo, e que em paiz nenhum, as familias das Palmeiras e das Orchideas, parasitas aerias de grandes e notaveis flores. Mas o que torna mais original a vegetação destes paizes é a abundancia dos Cipós, que caem verticaes dos ramos das arvores ou as unem ás outras, como se fossem a enxarcia de seus troncos contra os tufões, ou finalmente se enroscam por ellas ; e ás vezes com tal força que

as afogam, ou com tal avidez que lhes chupam o melhor do seu succo, e as assassinam; substituindo assim ao antigo tronco, que apodrece e se consome com o tempo, outro novo em espiral. Tal é a necessidade das plantas de subirem para buscar a luz do sol, e á face delle apresentarem as flores anciosas de ver amadurecidos os orgãos da reproducção, que todas se fazem egoistas, e até assassinas e verdugos de suas visinhas mais debeis, ou menos astutas. Para vencerem, neste campo de batalha continuo em pró da propria existencia, chegam a mudar de natureza, convertendo-se até arvores em cipós; e vindo, inclusivamente, algumas palmeiras a degenerar em trepadeiras. São tambem notaveis as matas virgens tropicaes da America pelos botaréos ou contrafortes, que adornam muitos dos troncos d'arvores perto do chão.

Apezar de tanta vida e variedade das matas virgens, apresentam ellas um aspecto sombrio, ante o qual o homem se contrista, sentindo que o coração se lhe aperta, como no meio dos mares, ante a immensidade do oceano. Taes matas, onde apenas penetra o sol, parecem offerecer mais natural guarida aos tigres e aos animaes trepadores do que ao homem; o qual só chega a habital-as satisfactoriamente, depois de abrir nellas extensas clareiras, onde possa cultivar os fructos alimenticios ou preparar prados e pastos, que dêem sustento aos animaes, companheiros inseparaveis da actual civilisação. Ainda assim, o braço do homem, com auxilio do machado, mal pode vencer os obstaculos que de continuo encontra na energia selvagem da vegetação.

E' tanta a força vegetativa nos districtos quentes que, ao derrubar-se e queimar-se qualquer mato-virgem [1]), se o deixaes em abandono, dentro em poucos annos ahi vereis ja uma nova mata intransitavel; e não produzida, como era de crer, pelos rebentões

---

[1]) «Caité» chamavam os Indios ao mato-virgem; e infelizmente não tomamos delles esta expressão; melhor andaram os Castelhanos que dos seus Indios adoptaram arcabuco.

das antigas raizes ; mas sim resultante de especies novas, cujos germens ou sementes não se encontram nas extremas da anterior derrubada, e se ignora donde vieram. A este novo mato se chama *capoeira* [2]), derivando esta designação de ser analoga essa vegetação á dos *capões*, nome que se dá aos oasis ou boscagens no meio dos campos nativos, ou virgens. A estranha accepção do vocabulo *capão* derivou da adulteração de *ca-puam*, que na lingua tupi valia tanto como dizer ilha de mato ou mato ilhado; da mesma sorte que se diziam *nhû-puam* os campos abertos em meio dos bosques cerrados. A roça das capoeiras dá mato *carrasquento*; depois do que vem *catingas*, isto é matos brancacentos, que são, apezar do nome, mais bastos que os das charnecas communs do Sul da Europa, de urzes, tojos e carquejas, ou de xáras, estevas e piornos. A vegetação das arvores e arbustos só pára de ser espontanea quando a terra se transita muito, ou se cultiva com grama ou capim, até que as antigas raizes tenham tempo de seccarem e apodrecerem.

Neste clima se produziam e produzem todas essas plantas exoticas á Europa que, por sua utilidade, se fizeram conhecidas no commercio, começando pelo páu-brazil, e as madeiras de construcção e marcenaria, como o *jacarandá*, o vinhatico e o *piquiá* de madeira amarella, os cedros e *maçarandubas* vermelhas, e outras não menos estimadas. São igualmente indigenas as plantas do algodão, da canafistula, da salsaparrilha, da baunilha, do *urucú*, das castanhas e cravos chamados do Maranhão, das *sapucaias*, da gomma elastica, do cacáo, do tabaco, e bem assim as do cará, da *mandioca* e do *aypi*. Ahi se dão alguns fructos regalados, taes como o *ananaz*, rei delles, o *cajú*, fructa duas vezes, o dulcissimo *saputy*, com razão denominado pera dos tropicos, os bellos *maracujás*, as córadas *mangabas*, e as recendentes anonas de várias especies, conhecidas com os nomes de *araticuns*, *átas*, *fructas de conde*; e infinidade de outros pomos que a horticultura fará melhores, e de muitos que a chimica applicada ainda tem de aproveitar

[2]) Talvez fôra preferivel, por evitar equivocos, escrever *capoêra* e *cápan*.

e de vulgarizar. Nestes climas é que melhor prosperou, depois, a cultura introduzida da canna, do gengibre, do anil, da canella e do cravo; e, quando mais temperados e humidos, a do café da Arabia, e modernamente a do chá da China: é nelles que as mangas trazidas da India são mais saborosas que as do Oriente; e que a laranja importada da Europa se tornou tão superior a toda a que se conhece; como sem duvida succederá com os tão celebrados *mangustões* de Java e *duriões* de Amboiuo e Malaca [3]), que esperamos não tardarão a ser importados da Asia, e devidamente cultivados. Para as bandas do Sul, e para o interior, nos taboleiros elevados, já quasi se não produzem essas plantas tropicaes: abundam porém as Myrtaceas de muitos generos, que dão gostosas fructas: as agridulces *pitangas*, os deliciosos *cambucás*, as refrigerantes *ubáias*, os aromaticos *araçás* e *guabirobas*, as saborosas *jaboticábas*, que, quando maduras, negrejam nos ramos, e até nos troncos das arvores, que dellas se veem carregadas. Myrtaceas são tambem as *guaiabas* e as *grumixamas*, que se dão assim nos climas calorosos, como nos mais temperados.

Tambem nesses climas temperados se produzem os pinheiros araucarios ou *curîs*, e se topam *campos-virgens*, do mesmo modo que ha *matos virgens*. Por elles se encoutra muita ipecacuanha, e se cultiva a vinha, o trigo e as fructas todas dos paizes da Europa central.

Nos logares mais altos, apenas crescem os *sapés* e outras Gramineas, e alguns Lichens; na vegetação dos quaes termina a escala thermometrica dos differentes climas do nosso territorio. Apezar de tantas serras, cujos pincaros parecem desafiar as nuvens, nenhuma ha que se vista de neves perpetuas, e que se nos figure de longe a estampar a sua alvura contra o fundo azul do firmamento, como se vê em cima dos Andes, neste mesmo continente meridional.

Se as plantas do Brazil tem alguma paridade com as do continente d'Africa fronteiro, não succede assim com os animaes,

---

[3]) O durião (*Durio zibethinus*) é uma Esterculiacea; e o mangustão (*Garcinia mangustana*) uma Guttifera.

10

todos elles são especiaes americanos, sem relação, em geral, com os da zona torrida nos outros continentes, excepto na circumstancia de serem, como ali, mais perfeitos do que os das zonas temperadas e frias e em maior numero os Trepadores C).

Os Quadrupedes longe estão de poderem ser comparados em tamanho aos elephantes, hypopótamos e rhinocerontes do continente fronteiro além do Atlantico. Em vez destes tres Pachydermes, este nosso do Sul possuia, como animal mais corpulento, um pachyderme tambem, proboscidio como o elephante, mas menor que a zebra: era o *Tapir*, a que vulgarmente, em virtude da dureza do seu couro, chamam anta; nome com que os Europeos denominavam o bufalo, de que obtinham producto analogo ao que veiu a prestar o mesmo tapir. No continente septentrional distinguia-se entretanto o *bisonte*, ou touro pelludo e barbado.

Entre os animaes pequenos notam-se como generos sem correspondentes no chamado mundo velho, e que só os tem na Australia, o tamanduá, os tatús, as preguiças e os gambás e jaguaticácas. O primeiro é o celebre papa-formigas, do qual se conta que, atacado pelo tigre, o mata com um abraço, em que lhe crava as unhas no costado; os segundos são os conchudos *Dasypus*. A's preguiças chama a sciencia *Tartigradas*; e aos gambás *Didelphos*, conhecidos pelo entresolho do ventre. Os ultimos são os repugnantes *Mephitis fœda*, que tem a propriedade de expellirem de si, quando perseguidos, certo fedor tão repugnante que afugenta os homens e os animaes. Em alguns districtos amazonicos abundam as tartarugas de várias especies, de cujos ovos machucados se recolhe grande abundancia da chamada *manteiga* de tartaruga.

O viveiro ou aviario brazilico apresenta originalidade, e passa pelo mais rico da terra em superficie igual. Crê-se que de umas seis mil especies de aves que povoam o nosso planeta, este continente do Sul fornece a terça parte; das quaes não cedem muitas em belleza de plumagem ás mais vistosas d'Africa e do Oriente.

C) Vejam-se os tres volumes de Emilio Augusto Goeldi, sobre os Mammiferos e Aves do Brasil. (Rio, 1893-1899).

Taes são as grandes *aráras* e *canindés*, os rostrados *tucanos* e *tucanuçús* de papo amarello, cuja plumagem serve como de arminhos no manto imperial, os vermelhos *guarás*, as roseas colhereiras, os loquazes papagaios, os verdes periquitos, e, mais que todos, os *guainumbîs* ou chupa-flores, de plumas acatasoladas, e que, pela sua pequenhez e vôo rapido, parecem ás vezes zunidores bisouros. —As brancas *arapongas* fazem repercutir nos bosques vibrantes sons, que imitam os da percussão dos martellos de penna nas bigornas dos *ferradores*, cujo nome tomam; ao passo que os *bem-tevis* e os *tangarás* justificam no canto os nomes que, onomatopaicamente, receberam. O mesmo succede com a *acauan*, perseguidora das cobras.

Por sua melodia distinguem-se, nas provincias do Norte, os *curiós*, tão estimados como os rouxinoes; seguindo-se-lhes os caboclinhos, os bicudos, as *patatibas*, os *grunhatás* de coqueiro, os *vivíos*, e finalmente os canarios, semelhantes aos pintasilgos da Europa. Os *sabiás* de varias especies, communs a todo o Brazil, fazem ouvir longe sons harmoniosos, e os *yapús* ou *chechéos*, *concliches* e *quenquêns* imitam, com mais ou menos exito, os cantos de algumas outras aves.

As garças e mais ribeirinhas coalham, em muitos logares, as margens menos povoadas dos rios piscosos, como não ha noticia em nenhumas outras paragens da terra.

Pelo tamanho, fazem-se notaveis os agigantados *tuyuyûs*, os arteiros *jaburûs*, chamados pelos naturalistas *Tantalos*, e as corredoras emas, que são as avestruzes deste continente. Distinguem-se estas pelo instincto com que, nos incendios dos campos, procuram resguardar os ninhos, borrifando com o proprio corpo molhado toda a herva em derredor; e os jaburús pela sua tendencia communista, na distribuição por igual que fazem do peixe que tomam, nas montarias que juntos emprehendem.

Como peixes de regalo se recommendam o saboroso *beijupirá* e a garoupa, e no grande rio os enormes *pirarucús*; isto além de muitos mais peixes d'agua doce e salgada, analogos aos de outros continentes.

Para ser mais original, offerece o paiz varios contrastes originaes. A par de plantas de muita virtude medicinal, á frente das quaes citaremos a *copaíba*, a *ipecacuanha*, o *matte* e o *guaraná*, produz tambem venenos atrocissimos. Ao perseguirdes a inoffensiva anta, a amphibia *paca*, a meiga *cutía*, o corredor veado campeiro ou do mato, estaes em riscó de encontrar um faminto *jaguar*, ou uma medonha *cangoçú* que poderiamos talvez chamar a hyena do Brazil. Ao apontardes á agil *seriema* que avulta no campo, ou ao gordo macuco que rastolha no mato, ou ao astuto *jacú*, escondido na ramagem da *ipêuba*, podereis ver-vos surprehendido pela picada peçonhenta do insidioso reptil, que n'um instante decidirá do fio da vida que havieis recebido do Creador; e achando-vos á beira de um rio, não estaes livre de que vos esteja tucaiando algum traidor *jacaré* ou medonha *sucuriú*...

Mas animo! que tudo doma a industria humana! Cumpre á civilisação aproveitar e ainda aperfeiçoar o bom, e prevenir ou destruir o máu. Tempos houve em que n'algumas das terras, hoje cultivadas ou povoadas de cidades, na Europa o feroz urso se fazia temer... E o lobo carniceiro surprehende e devora todavia a ovelha descuidada pelo rafeiro do pastor; e a peçonhenta vibora, e os lacráus e as tarantulas, e as nojentas osgas e salamandras, ainda se não extirparam dos mais bellos jardins das peninsulas banhadas pelas aguas do Mediterraneo...

Para em tudo o paiz ser de contrastes no estado selvagem, achava-se elle, com toda a riqueza do seu solo, e a magnificencia de suas scenas naturaes, e a bondade dos seus portos, tão prestantes ao commercio, possuido pelas gentes que passamos a conhecer.

SECÇÃO II

(VIII da I edição)

DOS INDIOS DO BRAZIL EM GERAL

Calculo da população indigena. Idéas de patriotismo. Unidade de raça. Lingua geral. Tupinambá. Nacionalidades. Alcunhas dos bandos. Que significam. Caboclo. Bugre. Emboába. Alcunhas de odio, de respeito, etc. Mais alcunhas no Brazil e noutros paizes. Apodos. Nome generico de Barbaro ou Tapuy. Nação Tapuya. Barbaros. Significação do vocabulo Tupi. Guaranis. Caribes. Caraibes. Berços dos invasores. Germens de discordia. Vicios. Anarchia. Infancia da humanidade. Meninice dos heróes.

Por toda a extensão que deixamos descripta não havia povoações fixas e que descobrissem em seus habitantes visos de habitação permanente. As aldêas se construiam de modo que apenas duravam uns quatro annos. No fim delles, os esteios estavam podres, a palma dos tectos já os não cobria, a caça dos contornos estava espantada, e, se a tribu ou cabilda era agricultora, as terras em grande distancia pelo arredor estavam todas roteadas e cançadas, pelo que era obrigada a mudar de residencia. Os logares das aldêas abandonadas se ficavam denominando *taperas* [1]. Taes aldêas não eram em grande numero; e muitas cabildas nem sequer em povoações provisorias se juntavam; pelo que o paiz vinha a estar mui pouco povoado. Se nos lembramos de que, em certas paragens, os primeiros colonos exploradores atravessavam extensões de caminho de quarenta e cincoenta leguas, sem encontrar gente, e se estudamos o que ainda hoje passa nesses logares onde o gentio, perseguido de várias partes, se acardumou; e ponderamos quanto tem crescido,

[1] Contracção de *taba-oêra*, « aldêa que foi ».

á vista d'olhos, tantas povoações e cidades, á medida que ha tres seculos progride a cultura da terra, com os milhões de braços vindos d'Africa, cremos que não andam errados os que, como nós, ajuizam que toda a extensão do Brazil está hoje oito ou dez tantos mais povoada do que no tempo em que se começou a colonisação; e que por conseguinte nem chegariam a um milhão os Indios que percorriam nessa época este vasto territorio, hostilisando-se uns aos outros, — ás vezes cada duas leguas, se a terra attrahia por pingue mais alguma gente; como succedia nos arredores da Bahia A) e do Maranhão, e, em geral, em todas as paragens da costa onde abundavam os mangues, que no seu lodo ou tujuco offereciam como inexgotaveis *minas* de carangueijos, que lhes proporcionavam seguro e facil alimento.

Conhecido é o axioma de estatistica que, em qualquer paiz, a povoação só toma o devido desenvolvimento quando os habitantes abandonam a vida errante ou nómade, para se entregarem á cultura ou aproveitamento da terra com habitações fixas. Assim, orçando como dissemos, apenas caberiam dois individuos por cada legua quadrada no Brazil; e n'outras paragens deste continente, menos favorecidas pelo Creador, o seu numero era muitissimo menor. As guerras de exterminio, que mantinham entre si, eram causa de que as tribus ou cabildas se debilitassem cada vez mais em numero, em vez de crescerem. Além de que, essas mesmas pequenas cabildas que existiam, mantinham-se por laços sociaes tão frouxos, que tendiam a fraccionar-se cada vez mais e a guerrear-se, ficando inimigos acerrimos os que antes combatiam juntos. E começada uma vez a rixa, era transmittida de filhos a netos; pois que nessas almas, em que tanto predominavam os

---

A) Naquelles primeiros vinte annos depois que os nossos (Jesuitas) entraram no Brasil, escreve Fernão Guerreiro, havia junto do mar tão grande multidão de gente que dizia Thomé de Sousa que foi governador daquellas partes, a el-rei D. João III, que ainda que os cortassem em açougue, nunca faltariam, e assim nos primeiros quarenta annos eram infinitos os que se convertiam e as igrejas eram muitas. (Candido Mendes de Almeida, *Memorias para a historia do extincto estado do Maranhão,* II, 504, Rio — 1874).

instinctos de vingança, nenhuns sentimentos de abnegação se podiam abrigar em favor do interesse commum e da posteridade. Nos selvagens não existe o sublime desvelo, que chamamos patriotismo, que não é tanto o apego a um pedaço de terra ou bairrismo, que nem sequer elles como nómades tinham bairro seu, como um sentimento elevado que nos impelle a sacrificar o bem estar e até a existencia pelos compatriotas, ou pela gloria da patria. Nem poderiam possuir instinctos de amor de patria gentes que, como nómades, a não tinham, e que limitavam a tão curtos horisontes a idéa da sociabilidade, que geralmente a não extendiam além dos da sua tribu ou *maloca*, a qual não dominava mais territorio que o dos contornos do districto que provisoriamente occupavam. Essas gentes vagabundas que, guerreando sempre, povoavam o terreno que hoje é do Brazil, eram pela maior parte verdadeiras emanações de uma só raça ou grande nação; isto é, procediam de uma origem commum, e falavam dialectos [2]) da mesma lingua, que os primeiros colonos do Brazil chamaram *geral*, e era a mais espalhada das principaes de todo este continente.

Essa unidade de raça e de lingua, desde Pernambuco até o porto dos Patos, e pelo outro lado quasi até as cabeceiras do Amazonas, e desde S. Vicente até os mais apartados sertões, onde nascem varios affluentes do Prata, facilitou o progresso das conquistas feitas pelos colonos do Brazil, que, onde a lingua se lhes apresentou outra, não conseguiram tão facilmente penetrar.

Salvando pois como excepção o facto de algumas tribus de nacionalidade differente, e que, no grande terreno que nos occupa, formavam, permitta-se a expressão, como pequenos oasis ilhados e sobre si, em que se haviam estabelecido caravanas refugiadas ou transmigradas [3]), eram dialectos da mesma lingua, como dissemos, os que se falavam em geral por toda a extensão do

[2]) Com esta opinião vae de accordo quanto dizem a tal respeito Gandavo, Gabriel Soares, o padre João Daniel, e d'Orbigny.—Vej. Rev. do Inst. III, 175.

[3]) Neste numero se deve contar os Aymorés ou Botocudos, os Cairiris, e outros.

Brazil [4]), e a identidade dos nomes geographicos, e, com raras excepções, dos das plantas e animaes, são sufficientes para nos darem disso a mais convincente prova.

E não só falavam dialectos identicos, como em geral se denominavam a si quasi sempre do mesmo modo: *Tupinambá*. Se no Maranhão como no Pará, na Bahia como no Rio [5]), houvesseis perguntado a um Indio de que nação era, responder-vos-ia logo: *Tupinambá*. Pareceria pois que Tupinambá se chamava o primitivo tronco nacional, donde se tinham separado todos aquelles ramos, garfos e esgalhos, que apezar de se produzirem em terras distantes das em que se haviam plantado, não mudavam de nome. A'cerca porém da origem do vocabulo Tupinambá tem-se até aqui dito pouco. Esta palavra é verdadeiramente composta de duas: *Tupi* e *Abá*. Da significação da primeira não tardaremos a occuparmo-nos. A ultima deixava de se acrescentar desde que cessava a liga ou a amizade, e que a nação se fraccionava. Se se declaravam logo inimigos, a alcunha menos injuriosa com que se podiam ficar mutuamente designando era a de *Tupi-n-aem*; isto é, Tupis máos ou perversos. Se não ficavam em desintelligencia, faziam-se muita cortezia em se appellidarem reciprocamente *Tupi-n-ikis*; isto é, Tupis visinhos, contiguos ou limitrophes. *Abá* significava o mesmo que varão; e este titulo não concediam, tal era sua vaidade, senão a si mesmos B). E até ás vezes se chegavam a chamar-se *Abá-été*, isto é, pessoa verdadeiramente illustre. E é mui possivel que o appellido de *Pessoa* que tomaram mais tarde para si alguns descendentes dos Indios não tivesse mais origem que o ser uma traducção do

---

4) Andan derramados por esta tierra... señorean gran parte de la India y confinan com los que habitan en la sierra (dos Andes). — Ramirez, carta de 10 Julho 1528. Rev. do Inst. XV, 27.

5) No Maranhão tal é o tratamento que se davam, segundo Abbeville: no Amazonas havia Indios deste nome, não só no Pará e Tocantins, segundo Berredo, senão na grande ilha abaixo da foz do Madeira, segundo Acuña (numeros 22 e 69, f. 9 v. e 35). Na Bahia assevera-o Gabriel Soares; e no Rio de Janeiro Staden, Laet e Thevet.

B) Os Guaranys chamavam sua lingua *abá-nheenga*, lingua de gente nobre.

vocabulo *Abá*. Raramente encontramos designados por *Tupinambáranas*, ou Tupinambás bravos, aquelles que se apartavam temporariamente, enfurecidos por alguma rixa. Os separados sobrenomeavam ás vezes *Tamoy* (donde veiu Tamoyos) ou Avós [6]) áquelles de quem faziam brazão de proceder; e para melhor sustentarem tal brazão se appellidavam a si *Temiminós* ou Netos [7]). Outras vezes se davam simultaneamente o nome de *Guayá* ou *Guayá-ná* [8]), que póde significar Irmãos, donde veiu *Guaiazes* e *Guaianazes*. *Amóipiras* pode significar [9]) Parentes afastados; ou tambem os da *Outra-banda* (d'algum grande rio, como v. gr. o S. Francisco), e *Anacés* [10]) Quasi-parentes.

Tantas vezes apparecem, nos documentos antigos, as mesmas gentes appellidadas por nomes tão differentes, que mais de um escriptor tem sido induzido em anomalias e despropositos, por não se ter prevenido com o ir, como ora fazemos, primeiro elucidar esta questão dos nomes de nacionalidades á propria lingua, unica fonte pura.

Quanto á etymologia ou verdadeiro significado da palavra *Tupy*, tão pouco julgamos nós que ella se ligasse a paiz algum, e menos ainda, como se tem dito, que proviesse de um grande chefe desse nome, que regia a nação, quando ella ainda estava compacta. A indole destes Indios e a de sua lingua pedem antes que reputemos esse nome algum collectivo, que os adjectivos *mbá*, *iki*, *aêm* e outros taes, não fizessem senão modificar; e julgamos mais natural, seguindo o systema que acima expozemos, antes de nos lançarmos em um fatigoso pélago de conjecturas, interrogar o que queria dizer Tupi. Graças aos mais profundos estudos sobre esta lingua, cremos haver hoje atinado com a verdadeira significação desta palavra. *Y'pi'* quer dizer "principio de geração"; e como a lettra T anteposta a um

6) *Dic. brasil.*, p. 17.
7) *Dic. brasil.*, p. 54.—Thevet, Cosm., f. 914 v., Paris 1575, escreve Tominous.
8) Dos Guaianázes visinhos ao Orinoco veiu Guiana.
9) Tesoro guarani, fol. 32 v. e 297 v.
10) Id. fol. 34 e 113 v.

substantivo segundo a frase do P.e Figueira, o faz reflexivo de si proprio [11]), *T'y'pi'* vem a significar "Os da primitiva geração" C). Assim pois os que se denominavam *T'y'pi's* ou *Tupis* blasonavam de ser puritanos procedentes da raça invasora. Pela mesma fórma que de *Iby'*, terra diziam *T'iby*, a sua terra, jazigo ou sepultura [12]).

Alguns *Tupis* se denominaram *Guaranis* ou Guerreiros; e outros *Carib* ou *Cary's* D), nome este com que invadiam as Antilhas, e se encontrava no de *Caryyós*.

Os senhores da capitania de S. Vicente chamavam-se a si, uns *Guaianás*; outros, que não queriam esquecer a sua procedencia dos *Tamoyos* (avós), chamavam-se *Temiminós* (netos), e outros finalmente se chamariam *Tupinambás*. Alguns dos visinhos os tratavam, como se vê de Staden, por *Tupininquis*, ou quando contra elles assanhados e em guerra, por *Maracayás* ou Gatos-bravos. Se a isto ajuntarmos que os colonos chamavam umas

---

[11]) Gram. do P. Luiz Figueira.

C) Esta explicação não é aceita por Baptista Caetano nem por Carlos von den Steinen. Diz o primeiro nas notas ao *Principio e origem dos Indios do Brasil*, s. v.: «Nos nomes da tribu tendo por thema a dicção *tupi*, veremos que não deixa de proceder a explicação *tub-yb*, chefe dos paes, ou, tomando *yb* como adjectivo, os paes-principaes. Com um pouco de attenção na leitura das cousas antigas vê-se que havia nas tribus indigenas differença equivalente ao que havia entre os Romanos entre *patres* e *plebs* ou *populus* e isto confirmado pelo estudo da lingua. Além de *abá*, (pessoa em geral) homem no abañeenga, ha *mbyá*, gente (em geral) e *teyi*, turba, plebe.» Quanto a Tupinambá, diz o mesmo autor que pode ser *tub-yba-i-mbya*, e a posposição *i* que rege *tub-yba* tambem pode ser *ri*, que por euphonia pode tornar-se *ni*, e deste modo *tub-yba-ni-mbya* quer dizer «a gente attinente ou adherente ao chefe dos paes ou aos paes principaes». Diz Carlos von den Steinen: Em guarani *tub* é pae, ovas, ovos; *tupiá*, ovos, e o proprio *tup-i*, é apenas paisinho, ou ovos ou filhos, como se quizer, *i* designando diminutivo: o pae é ovo, e o filho é o paisinho. *Unter den Naturvoelkern Zentral-Brasiliens*, 337, Berlim, 1894.

[12]) E o que deve parecer mais raro é que a palavra portugueza *toca* venha a ter o mesmo significado que a guarani *t'oca* (ou *çoca*). Adiante veremos que a palavra *oca*, a casa, tinha um nome semelhante no grego antigo, donde procederia talvez o portuguez *toca*.

D) A identidade dos Tupis e Caribas não pode mais defender-se depois dos trabalhos de Carlos von den Steinen, Luc. Adam, etc.

vezes aos da terra *Coboclos*, e outras *Bugres*, confirmaremos quanto são de pouca confiança taes denominações, recolhidas ligeiramente por escriptores pouco observadores ou acaso ignorantes. Bugre não quer dizer mais que carregador ou portador de carga, de *Bohu-rêa*; pelo que ficaram-se assim chamando os Indios escravos. *Caboco* ou *Caboclo* cremos hoje provir de *Caá-boqua*, que significa vergontea ou ramo. Assim tambem hoje pensamos que a origem da palavra *Emboábas* E), com que os Indios appellidavam aos colonos, se deve buscar no vocabulo *Amboabâ*, contracção de *Mbae-aba*, e que significa "Feito homem", isto é "Como homem" [13]).

Seguindo com esta analyse, applicada a muitos outros nomes, que até agora se nos inculcavam como distinguindo nacionalidades, enchendo-se com elles paginas de livros, e obrigando-nos a tomar tedio a tantos catalogos de taes vozes barbaras, a que não ligavamos nenhuma idéa, nos chegaremos a convencer de que taes nomes de nações não são mais do que alcunhas.

Assim eram alcunhas de odio os nomes de *Maracayás* ou Gatos-bravos; de *Nhengaibas* ou Más-linguas. Eram de respeito e consideração as de *Tamoyos* ou Avós, e de *Mbeguás* ou Pacificos.

Como alcunhas de distincção, provindas dos usos dos que as recebiam, podemos considerar as de *Ubiras-járas* ou Caceteiros, ou que manejavam páus F); de *Taba-járas* ou Aldeados; de *Guatós* ou Navegadores; de *Guaita-cá* ou Corredores; de *Ca-iapó* ou Salteadores dos matos; de *Juru-una* ou Boccas negras, por levarem os labios pintados de preto; de *Tremembés* [14]) ou Vagabundos, nome este só dado pelos que habitavam aldêas ou

---

E) Sobre Emboaba, veja-se *Revista Brazileira*, I, 587, Rio, 1879, artigo de A. J. de Macedo Soares. A fórma mais antiga é *Moab*, que se encontra em Jean de Lery, applicada á colonia do Espirito Santo.

[13]) Montoya, *Arte*, p. 12. Pela mesma razão que Anchieta dá *Mbae pirâ* cousa peixe, isto é, o que parece peixe.

F) Ubirajara parece o nome tupi dos Cayapós, que pertencem a grupo linguistico differente.

[14]) Abbeville, f. 189.

eram *Tabajáras*. *Camacans* pode proceder de *Cuam-akan*, e significar neste caso Cabeças-enrodilhadas, como *Cambebas* vem sem questão de *Akan-pebas*, Cabeças chatas, e significa quasi o mesmo[15]) que o vocabulo *Umáua* (Omagua), com que na lingua quichua eram appellidados. De todos os antigos habitantes dos territorios que hoje constituem o Brazil, eram estes occupantes das beiras do alto Amazonas, de raça inteiramente estranha aos outros, dos mais civilisados; apezar do uso de se achatarem, em crianças, as cabeças, ficando "parecidas a mitras de bispos". Eram idolatras: vestiam especie de ponchos, usavam por armas de palhetas ou estolicas e esgaravatanas, e ensinaram no Amazonas a extracção e fabrico da gomma elastica. *Purús* ou *Puris*, como vemos appellidar uma cambada do alto Amazonas, e tambem uns hoje no littoral ao Sul da Bahia, e outros que (em 1645) havia em Taubaté, não quer dizer se não Antropophagos[16]), da mesma fórma que *Kairirîs* queria significar "os Tristonhos". O nome de *Curúmará* nos denuncia que a praga da sarna assolava os desgraçados que o levavam. Chamavam-lhes os seus visinhos, como nós lhes chamariamos, mui singelamente, Sarnentos. Outras denominações ha que nem citaremos, por que soffreria a modestia mais do que ganharia a curiosidade.

E notaremos de passagem que taes alcunhas não só tinham logar entre os desta raça, como tambem entre outras da America. Assim o nome de *Aimarás* ou Saccos, provinha das camisolas [17]) que vestiam esses Indios; o de *Moxos* (Moksos [18]), ou Molengas, era dado pelos mesmos *Aimarás* aos visinhos, que elles despresavam. *Otauás*, na lingua nort'americana mais espalhada, que os Europeos chamaram *algonquina*, não quer dizer mais que

[15]) *Uma*, cabeça em quichua.

[16]) *Tesoro guarani*, f. 319 v.

[17]) « Visten unas camisetas ó patacusmas, como se dixésemos um costal vestido, teniendo por donde saquen la cabeza y brazos » etc. — Vargas Machuca, fol. 132.

[18]) *Vocabul. aimará*, por Bertonio, Juli 1612, II, 224 (Juli era uma missão junto ao lago Titicaca).

Traficantes; e *Mascutinos* só significa Habitadores das varzeas. *Pampas*, em quichua, significa campo aberto e raso; e, segundo se crê, *Puelche* não queria dizer mais que Orientaes, assim como *Huilliches* Occidentaes, e *Peguenches* os dos Pinhaes [19]), etc.

Cumpre, pois, não ligar muita importancia a toda essa interminavel nomenclatura barbara, que alguns autores apresentam, sem o menor criterio, e sem advertirem que ás vezes contam a mesma tribu por duas ou mais, se cada um dos visinhos de differente lado a designava por differente nome ou alcunha, geralmente por injuria ou vituperio; poucas vezes por honra ou apreço [20]). Assim cremos preferivel, para melhor nos entendermos hoje em dia, nomearmos essas parcialidades pelos paizes que habitavam, quando a ellas tenhamos que referir-nos. O uso consagrou entretanto, com celebridade na nossa historia, a admissão do nome de *Petiguares* para os que senhoreavam na costa desde o Rio Grande do Norte até a Parahiba; do de *Caités* para os immediatos até o rio S. Francisco; do de *Tupinambás* e *Tupiniquins* para os que seguiam ao Sul, invadidos ao depois pelos cruentos *Aymorés*. Vinham logo os *Guaitacás* habitando Campos, os *Tamoyos* nas immediações do Rio de Janeiro até Angra dos Reis; os *Guayanazes* ou *Temiminós* até a Cananéa, e os *Cary'yós* ou *Carijós* mais para o Sul. Igualmente se fizeram celebres, mais tarde, entre outros os Cayapós em Goyaz, os Muras, Mauhés e Mundrucús no Amazonas e os Guaycurús ou Indios Cavalleiros no alto-Paraguay. Entre todos, a lingua era quasi a mesma, notando-se apenas que os que ficavam ao Sul da actual provincia do Rio de Janeiro, na de S. Vicente, não pronunciavam

---

19) Tambem na antiga Europa, segundo Am. Thierry, *Celtas* significava etymologicamente Selvaticos, *Armoricos* Vizinhos do mar, *Alobrogos* Aldeas-altas e *Helvecios* os das Pastagens.

20) O antigo escriptor do Brazil, Gandavo, bem que acreditasse que certos nomes designavam verdadeiramente nações differentes, era de opinião que, ainda que todos os Gentios da costa se achavam divididos, « todavia na semelhança, condição, costumes e ritos gentilicos todos são uns ». A mesma opinião sustenta Gabriel Soares (I, c. 13, 39, etc.), dos escriptores antigos o que mais se dedicou á ethnographia brasilica.

as articulações consoantes finaes, dizendo por exemplo *acê*, *ajû* por *acem*, (eu saio) e *ajûr* (eu venho).

Além das alcunhas, um nome geral havia, com que cada gremio designava todos os outros que lhe eram absolutamente estranhos, — nome que se pode comparar ao de que na antiguidade usaram os Gregos e depois os Romanos, e talvez antes delles os outros povos donde lhes veiu a elles a civilisação, e ao de que ainda ainda hoje usam os Chins para designar todas as nações estrangeiras, — o de *Barbaro*, ou na lingua geral *Tapuy*. Daqui a idéa dos primeiros colonos, transmittida pelos escriptores, e ainda ultimamente por alguns acreditada, da existencia de uma grande nação *Tapuya*; quando Tapuyas brancos chamavam os Indios aos Europeos que não eram seus alliados [21].

O sul da Florida era dominado por Caribes e muitos delles haviam tambem antes transmigrado dali para o Sul [22], ao passo que desde o Amazonas até S. Vicente, todas as informações, recolhidas em differentes pontos, os fazem transmigrando e invadindo de Norte a Sul. Os da Bahia asseveravam haverem ahi chegado, vindos do sertão e d'além do rio de S. Francisco [23]. Os de Cabo-Frio pretendiam [24] proceder dos *Caribs* da parte septentrional do Brazil. Os de S. Vicente tratavam por antepassados aos do Rio de Janeiro e immediações; o que prova como dahi provinham. — Por quasi toda a costa do Brazil, em fim, se encontravam tradições de que os *Tupis*, habitantes de qualquer districto, se haviam deste

---

21) No *Dic. bras.* se encontra (p. 42) por significado de Francez (em geral inimigos daquelles com quem viviam os nossos), « Tapuy tinga », isto é barbaro branco. Na *Gram. Bras.* encontramos (p. 17) *Tapyuya* significando « Barbaro ».

22) D'Orbigny, *L'Homme Américain* II, 268 e seg. Enciso em 1519 tratando das Antilhas diz que os Canibaes da terra firme iam por mar em canôas «fazer la guerra á outras partes y unos a otros». Gumilla accrescenta no *Orinoco Ilustrado* (cap. 6.) «La nacion sobresaliente y dominante en Oriente es la nacion Cariba, que se estiende por la costa oriental hasta la Cayana, e aun hoy vive mucha gente de elles en la Trinidad de Barlovento y en las tres islas de Colorados que estan junto á la Martinica, etc.»

23) G. Soares, p. II, cap. 147.

24) Thevet, *Cosmog.* f. 915.

apoderado, vindo elles conquistadores das bandas do Norte, depois de arrojar para o Sul outros Tupis que o assenhoreavam. A transmigração invasora se effectuava como em ondas, vindo successivamente uma nova occupar o logar da impellida para diante, sem deixar apoz si mais vestigio do que deixam no ar as ondas sonóras.

Os invasores traziam comsigo bastantes germens de discordia, que vieram a dar mui sasonados fructos venenosos nas suas novas terras. Apenas uns venciam, vinham outros arrancar-lhe das mãos a palma da victoria, e as hostilidades e vicios não tinham fim. Entre os ultimos era sobretudo lamentavel a paixão com que se davam ao peccaminoso attentado que o Senhor condemnou em Sodoma [25]), vicio que além de ser aviltador para o homem, tanto contribuia a que a população, em vez de augmentar-se diminuisse cada vez mais. Havia em algumas cabildas, concubinos publicos, protegidos pela communidade. O celebre professor George Buchanan apostrophou virulentamente contra esses vicios dos nossos selvagens na famosa satyra, de quarenta e quatro versos latinos, «*In colonias Brasilienses*», que anda nas suas obras. Tambem não contribuiam menos a diminuir a população os crimes de envenenamentos frequentes, ás vezes de si proprios, pelo uso de comer terra e barro.

Divididos pois os Tupis em cabildas insignificantes que umas ás outras se evitavam, quando não se guerreavam, apenas podiam acudir aos interesses dictados pelo instincto da conservação vital; e, numa tão grande extensão de territorio, não apparecia um só chefe que estabelecesse um centro poderoso, como havia no Perú, cuja aristocracia, livre de cuidar só em resguardar-se das intemperies e em adquirir diariamente o necessario alimento, podesse pensar no bem dos seus semelhantes, apaziguando as suas contendas, e civilisando-os com o exemplo, e servindo-lhes de estimulo, para se distinguirem, e procurarem elevar-se. Assim taes

---

[25]) G. Soares, P. 2, cap. 179. Ainda os Guaycurús tem alguns que se fingem em tudo do outro sexo, com o nome de «*cudinhos*». Rev. do Inst. XIII, 358. Segundo Montoya (p. 159), outros os denominavam «*Tebiros*».

rixas perpetuariam neste abençoado solo a anarchia selvagem, ou viriam a deixal-o sem população, se a Providencia Divina não tivesse acudido a dispor que o christianismo viesse ter mão a tão triste e degradante estado!

Para fazermos porém melhor idéa da mudança occasionada pelo influxo do christianismo e da civilisação, procuraremos dar uma noticia mais especificada da situação em que foram encontradas as gentes que habitavam o Brazil; isto é, uma idéa de seu estado, não podemos dizer de civilisação, mas de barbarie e de atrazo. De taes povos na infancia não ha historia: ha só ethnographia. A infancia da humanidade na ordem moral, como a do individuo na ordem physica, é sempre acompanhada de pequenhez e de miserias.—E sirva esta prevenção para qualquer leitor estrangeiro que por si, ou pela infancia de sua nação, pense de ensoberbecer-se, ao ler as pouco lisongeiras paginas que vão seguir-se.

SECÇÃO III

(IX da I edição)

LINGUA, USOS, ARMAS E INDUSTRIA DOS TUPIS

Lingua. Apparencia. Estatura. Côr baça. Pinturas do corpo. Boloques. Furos na cara. Cabello. Ornatos: aincará, tapacurá, etc. Tangapema. Maracá. Arcos e frechas, etc. Venenos de hervar. Escudos. Machados. Trabalho de cada sexo. Guerras. Tempo. Preparativos. Surprezas. Prevenções. Taba ou aldêa. Ocas. Ocára. Cahiçára. Tapéra. Caça e pesca. Pindá. Tingui. Timbó. Puçás. Giquís. Piracuí. Ostreiras. Sernambitibas. Tartarugas. Mondéos. Mimbába. Sementeiras. Milho. Mandioca. Vinhos. Utensilios. Patignás. Samburás. Pacarazes. Redes, etc. Canoas, remo e leme. Sorte da mulher. Guatós e outros.

O estudo da lingua tupi A), que é a mesma que, com o improprio [1]) nome de guarani, ainda hoje se fala no Paraguay e em Corrientes, é do maior interesse para, por meio do conhecimento das etymologias, explicar muitos factos. A lingua era agglutinativa, porém com flexões verbaes. Em um trabalho especial aventurámos a idéa de que esta lingua deve ser considerada no numero das denominadas de Turan, a par das finno-ugrias, do turco, do hungaro, do vascocnse e até do proprio egypcio antigo.

As articulações não eram em grande numero. Faltavam as seguintes: fê, lê, rê B), vê, zê fortes; de tal modo que os Indios

---

A) Os Tupis do Amazonas chamavam a propria lingua *nheengatú*, isto é, lingua boa, segundo Couto de Magalhães. Ver *ante*, 15, nota B.

[1]) Guarani vem de guerreiro em tupi; e a lingua era falada por individuos não guerreiros, e até, com pequenas differenças, pelas mulheres, que tão pouco o eram; pelo que seriamos de voto de que se não dê mais á lingua tal nome.

B) Para reproduzir o som brando do *r* inicial, os colonos recorreram ás vezes á prothese, fazendo, por exemplo, de *Rarí*, *Arari(pe)*, de *Razoagui pe*, Araçuahi. Pe nos dois vocabulos é uma preposição ou antes posposição.

tupis, ao apprenderem a musica, em logar do ré, fá e lá, pronunciavam rê (brando), pa e ra (tambem brando). — As labiaes *b* e *p* soavam nasalmente; de modo que os mesmos Indios diziam *mboricá*, em vez de *burrica*, e *Mpero,* em vez de Pedro; de sorte que as mesmas duas labiaes podiam ser escriptas com um til em cima.

Se porém o numero das consoantes não era grande, era-o o dos sons vogaes, podendo-se reduzir nada menos que a quarenta e dois; os quaes são por Montoya designados pelas seis vogaes (contando neste numero o y), cada uma com sete sons differentes, que se distinguem por meio de accentos [2].

Porém, rigorosamente falando, as lettras do nosso alphabeto eram insufficientes para representar todas as articulações guaranis. «Por muitas vezes me aconteceu, diz Vieira, estar com o ouvido applicado á bocca do Barbaro, e ainda do interprete, sem poder distinguir as syllabas, nem perceber as vogaes ou consoantes de que se formavam, equivocando-se a mesma lettra com duas e tres semelhantes, ou compondo-se (o que é mais certo) com mistura de todas ellas; umas tão delgadas e sutis; outras tão duras e escabrosas; outras tão anteriores e escuras, e mais afogadas na garganta, que pronunciadas na lingua [3]): outras tão curtas e subitas; outras tão estendidas e multiplicadas que não percebem os ouvidos mais que a confusão.»

Talvez que com o systema da escriptura arabe, ou ainda com o da devanagari, conseguisse representar melhor os sons tomados da propria bocca dos Indios quem esteja no caso de os consultar C).

---

[2]) No Cap. VII do nosso trabalho, escripto em francez, sobre procedencia dos Tupis, damos uma noticia bastante especificada acerca das particularidade grammaticaes desta lingua.

[3]) Jam lingua sibilando, jam narribus rhonchissando, jam dentibus stridendo, jam gutture strepitando, etc. Dobrizhoffer, II, 163.

C) A phonetica da lingua tupi foi modernamente estudada por Baptista Caetano de Almeida Nogueira, nos *Ensaios de Sciencia,* Rio, 1876 e *Annaes da Bibliotheca Nacional*, Rio, 1879: a do Kiriry pelo mesmo na introducção a *Arte* do padre Mamiani, Rio, 1877; a do bacaery por Carlos von den Stein na *Bakairi Sprache*, Leipzig, 1892; a dos Carajás e outros Tapuyas por Paulo Ehrenreich, etc.

A numeração fundamental não passava de cinco segundo Lery, e Anchieta nem concede o numero cinco [4]. Hervas acrescenta que nunca se viu Guarani poder levar a conta acima de trinta, contentando-se, para seus intentos, d'ahi por diante de designar as quantidades pelo collectivo *tuba*, que significa muito D).

Da composição das palavras daremos alguns exemplos: *tayá-çu* quer dizer comedor ou *roedor* de tayás; *iby-cuy* (areal), terra em pó; *ca-pi* relva tenra, donde veiu capim, e *ca-pi-uára*, comedor de capim.

Afóra a lingua, e certo progresso material na industria, nenhum caracter essencial, nem corporeo, distinguia os Tupis das raças limitrophes. Eram todos de estatura ordinaria, reforçados e bem feitos; de aspecto tristonho, olhos pequenos, com frequencia negros, encovados e erguidos, por via de regra, no anglo exterior, como na raça mongolica; sobrolhos estreitos e mui arqueados; orelhas grandes, cabello liso, seguro e sempre negro, bem com as barbas, que arrancavam por costume, e bem assim os cabellos do corpo, pestanas e sobrancelhas, ficando lampinhos; dentes alvos e persistentes, e pés pequenos. Havia, sobretudo entre as mulheres, typos de feições miudas, que os Europeos elogiavam como formosuras [5]. Porém todos esses attributos do corpo se achavam, em geral, horrivelmente desfigurados de intento entre os homens.

De côr eram mais ou menos baços, o que talvez procedia tambem do clima que habitavam. Um escriptor [6] do seculo XVI,

---

[4]) Este systema de numeração « quinqual » é um dos que melhor separa a civilisação mexicana e peruana, que conhecia a decimal, do resto dos Americanos. No Yucatan contavam de cinco em cinco (Herrera, IV, 10, 4). No Orinoco segundo Gumilla (cap. 48), igualmente.

D) Alguns Indios sabem contar muito mais, como por exemplo dos Carajás já demonstrou Paulo Ehrenreich.

[5]) Vaz Caminha dizia em 1500 ao rei que vira em Porto Seguro tres ou quatro moças bem moças, e bem gentis; e trinta annos depois, Pero Lopes, chegando á Bahia, achava as mulheres formosas, como as bellas da rua commerciante de Lisboa; e João Daniel (Rev. do Inst. III, 331) é da mesma opinião.

[6]) Vargas Machuca, fol. 131.

bastante observador, adverte que na America os habitantes de terras quentes eram mais claros que os das temperadas e frias bem que, entre aquelles, fossem mais escuros os das planicies e páramos que os das terras montuosas. Eram em geral fleugmaticos e de paciencia oriental para fazerem o que se propunham. Ensinados deram bons musicos, e sabedores aturados no estudo.

Quasi todos pintavam o corpo em fórmas a capricho, com tinta negra [7]) tirada do genipapo, e a logares, como na face e nos pés, com um fino vermelho que extrahiam do urucú. Alguns sarjavam o corpo com riscos abertos com o dente de cutia, instrumento que lhes servia de lanceta, quando se sangravam. Nessas sarjaduras, emquanto frescas, mettiam alguma côr que as tornasse duraveis; e com ellas presavam-se de valentões fazendo geralmente novos riscos, depois de algum grande feito, que por esse meio perpetuavam no corpo. Outros bandos furavam os beiços, principalmente o inferior, pondo no buraco um grande *botoque*, pelo que foram pelos Europeos chamados *Botocudos*. Quando não estava posto o botoque, que elles denominavam *metára*, tinham a facilidade de assobiar com ajuda do labio inferior furado, pelo qual conseguiam encanar o ar do sopro. Tambem furavam as ventas e as orelhas, o que era uso mui geral em toda a America; e nellas encaixavam semelhantes botoques, ou arrecadas de osso. Outros Indios costumavam esburacar as faces, mettendo nestas, de dentro para fóra, dentes de animaes. Não estando os botoques em seus logares, saia-lhes pelos buracos a saliva quando falavam; e, para se fazerem engraçados, deitavam alguma vez por ahi a lingua de fóra. Taes botoques eram não só de osso, como de pedra lisa, ou de barro cosido, ou de ambar, ou tambem de resina de jatahi. O primeiro explorador de toda a costa do Brazil, Amerigo Vespucci, conta-nos que vira individuos com sete buracos na cara; seriam dois nas orelhas, dois nas faces, outros dois nas ventas ou labio superior e um no labio inferior.

---

[7]) Os Arios tambem se pintavam de preto, segundo Tacito: os Bretões de azul, segundo Cesar. (« cæruleum... colorem, atque hoc horribiliore sunt in pugna adspectu, » *De Bello Gall.* lib. V.)

Uns deixavam crescer a guedelha; outros usavam de cercilho, pelo que, em Minas, lhes chamaram os nossos *Coroados*; mas o uso geral era tosquiar e aparar o cabello, muito regularmente, por uma linha que passava pelo cimo das orelhas. Conheciam o uso de lustral-o, untando-o com azeites.

Os principaes ornatos eram fios de contas brancas, feitas de busios ou de dentes dos inimigos, ou de animaes ferozes, mortos pelos que os traziam; de modo que eram como uma especie de condecoração, que ninguem se atreveria a usar sem a ganhar [8]). Somente se exceptuavam as mulheres dos que as tinham, maxime se haviam acompanhado os maridos. A taes collares chamavam *aiucará*. Por cada victima juntavam ao collar um dente della, se o podiam obter. Os ornatos vistosos consistiam em pennas, principalmente vermelhas e amarellas, grudadas com a *icica* ou almécega, das quaes tambem ás vezes usavam para ornar os braços e as pernas. As plumas na cabeça eram postas para cima, tendo antes o cuidado de levantarem o cabello, dando-lhe na raiz com a mencionada almécega, para o conservarem assim arripiado. Como os antigos Europeos e Asiaticos untavam a pelle, por se fazerem mais bellos.

As mulheres tambem se pintavam e usavam de contas no pescoço e nos braços; e as donzellas apertavam as pernas, abaixo dos joelhos, com umas ligas vermelhas de algodão que chamavam *tapacurá*.

Pode-se dizer que andavam elles e ellas quasi nús. Alguns, de climas mais frios, se cobriam porem com pelles de animaes; e outros, para se fazerem temiveis, usavam, por carapuço e mascara, de focinho de onças e outros animaes "com dentes e com tudo" como diz Pero Lopes, e como ainda vemos em tribus do alto Amazonas.

Em occasiões solemnes os chefes usavam de cocares [9]) de pennas, que lhes cobriam o craneo até as orelhas, e aos quaes

[8]) João Daniel, na Rev. do Inst. III, 317.

[9]) Estes cocares além de ornato serviam de abrigal-os do sol, sobretudo quando remavam.

chamavam *açan-gatáre*; nos pés umas axorcas de certos, fructos que juntos tiniam como cascaveis: e da cintura, pela banda posterior, pendia uma tanga de plumas de ema. Alguns se cobriam tambem de uma especie de mantos ou trofas de pennas, que denominavam *açoyaba*.

A tudo isto ha que ajuntar nos homens as armas, que estimavam sobre todas as coisas, como instrumentos que saciavam os dois primeiros estimulos mais fortes para todo o Barbaro: — a fome e a vingança. Consistiam as armas: em uma pesada clava ou maça, de quatro faces, com ornatos, e mais delgada e arredondada no cabo; algumas cabildas chamavam-lhe *tamarana*; e quaudo eram em fórma de remos ou pás e com gumes as denominavam *tangapemas* [10]), e no Amazonas *cuidarús*. Seguia-se um grande arco, que chamavam *ũirapara*, tal que, assente no chão e firmado no pé esquerdo, com a ponta entre o dedo grande e o immediato (de ordinario por isso mui separados um do outro) ficasse o meio delle correspondente ao peito, com as competentes frechas grandes e pequenas, ao lado direito. Demais: na mão esquerda ia o *maracá* [11]), correspondente ao *sistrum* dos antigos, formado de uma *cuia* ou cabaça cheia de pedrinhas, enfiada em um cabo de páu e coroada de pennas de *guarás*: quando a moviam ou chocalhavam fazia um ruido, como o da matráca das nossas igrejas, que no proprio som e nome se parece áquelle instrumento.

Os arcos eram feitos de uma especie de páu duro, elastico e forte, que ainda hoje, em virtude de tal uso, se chama *páu d'arco*. Eram geralmente forrados de *cipó-embé*, e facetados do lado interior, por onde lhes punham um cordel, tecido de tucum ou pita, e seguro nas pontas em uns chanfros. As frechas, sempre admiravelmente acabadas, eram umas de *ubá* ou canna brava, outras

---

[10]) Tangapena disse Vieira; palavra que se lê nos diccionarios Fangapena por algum engano de córte no T. Staden diz Iwarapeme. Vasconcellos, escreve Tangapema. Atángapema se lê no Dicc. Bras. pag. 37. Parece nome derivado do alfange arabe *yatagán*.

[11]) Cabeza de Vaca achou o "maracá" na Florida, e o padre Andrés Perez de Ribas (pag. 739) em tribus do Mexico, com o nome de "Ayacaztli".

de tabocas, e outras de *úpi*, ou caniços. Estas, de ordinario só destinadas a matar os passaros, eram as de maior alcance: tinham nas pontas ossos aguçados ou dentes de animaes, e junto do extremo opposto, duas grandes pennas contrapostas, o que concorria a serem mais certeiras, fendendo os ares com um movimento giratorio como o dos projectis dos canhões raiados em nossos dias. As de *ubá* e as de *taquára*, destinadas contra os grandes peixes e animaes, tinham as pontas de taquára, geralmente dentadas ou harpoadas dos dois lados, e com suas pinturas. Entre estas pontas e o corpo da frecha entremeavam de ordinario um troço de haste, de páu ferro ou de páu d'arco, para augmentar o peso da mesma frecha desse lado, afim de fazer maior effeito, quando disparada por elevação. Este troço era tambem com dentes. As frechas de guerra eram de *ubá*, geralmente da altura de uma pessoa, sendo os ultimos dois palmos, do extremo, de páu ferro, com a ponta hervada E). Para se resguardarem contra o veneno, mettiam as pontas em aljavas, cada uma das quaes de ordinario continha sete frechas. Igual numero continham os mólhos de azagaias de arremesso de páu ferro, chamadas *curabis*, tambem hervadas, mui finas, e igualmente da altura de um homem. Tambem usavam de lanças de páu ferro, hervadas, mui compridas, que igualmente podiam arremessar, e as quaes denominavam *murucús*.

As frechas grande furavam um taboa a duzentos e trezentos passos. Algumas [12]) cabildas se serviam de varapaus de duas pontas e de tres palmos de comprido, que arremessavam como virotes. No alto-Amazonas faziam uso da *esgaravatana*, tubo ôco, de mais de uma braça de longo, com bocal e mira, e forrado todo de cipó *embé*; com o qual, por meio do sopro, disparavam finas settas ou puas hervadas, com as cabeças envoltas em algodão ou

---

E) O arco e a frecha variavam muito de forma e materia conforme as tribus. Veja-se *Bogen und Pfeil in Central Brasilien*, de Herrmann Meyer, que acaba de ser traduzida em inglez pelo Smithsonian Institution de Washington.

[12]) Segundo as informações de Soares, os seus "Ubirajáras" além do rio de S. Francisco (p. II, cap. 182) eram os proprios habitantes do Amazonas.

sumaúma; outros usavam de umas *palhetas* F), com que arremessavam dardos.

Serviam-se geralmente os Indios de escudos ou pavezes; que eram pequenos, e ou circulares ou oblongos, e feitos de couro do tapir ou anta, ou da pelle do peixe-boi [13]), entretecidos de taquáras [14]), á falta de melhores.

Para cortar lenha empregavam uns machados de pedra polida de ordinario verde, aguçados, e mui analogos aos que usavam os Europeos quando barbaros, isto é, antes de lhes chegar o frequente uso do bronze e depois o do ferro. No Amazonas, onde era para tudo de tanto recurso a tartaruga, faziam destas os machados e mais utensilios [15]). Tambem para os instrumentos de gume empregavam o páu-ferro e o páu d'arco.

O trabalho se repartia segundo os sexos, como passamos a expôr. Os homens aprestavam as armas, iam á guerra, assentavam e construiam as *tabas* ou povoações, e tratavam da caça, e da pesca, e de fazer a roça.

As mulheres se occupavam das sementeiras e plantações, fabricavam a farinha, e preparavam as bebidas; carregavam nas transmigrações os fardos e as crianças, faziam os utensilios cazeiros, e cuidavam das aves [16]) e animaes criados em casa para regalo, os quaes nunca matavam para comer, dando-lhes o nome de seus *mimbába* [17]).

A este estreito circulo, que vamos melhor examinar, se limitava a vida social dos Barbaros.

A' guerra offensiva precediam sempre calorosas exhortações, dos chefes e dos maiores oradores; e só era definitivamente

---

F) Esta palheta de jogar chamava-se na lingua dos Kiriris *Bŷbŷté*, segundo Mamiani, Arte, [2], 22.

13) Acuña, n. 25, f. 11.

14) Acuña, n. 37, f. 17.

15) Acuña, n. 39, f. 18.

16) Eram ellas que ensinavam os papagaios a falar, e lhes contrafaziam as côres, arrancando-lhes as pennas e deitando-lhes sangue de rãs, etc. Soares, II, cap. 159.

17) Anchieta, *Arte*, cap. V.

decidida por um conselho, em que tomava parte toda a communidade. Neste conselho guardavam a melhor ordem; falava cada um por sua vez, e quasi sempre concluiam por sairem todos concordes na opinião manifestada por algum mais influente, isto é, melhor falador.

O fim da guerra era mais fazer prisioneiros para os escravisar, ou para tomar vingança, que invadir um paiz para prear as povoações: o que sem embargo tambem succedia. Se não podiam fazer outro mal, deitavam fogo á taba inimiga e se retiravam [18]). As vezes sómente o desejo que tinha uma cabilda de possuir alguma ou algumas mulheres de seus contrarios, ou de as reivindicar, dava motivo a uma campanha G); do que nos não devemos admirar, quando outros selvagens, no dizer de Horacio, brigavam só pela posse de uns covis ou de algumas bolotas [19]).

Emprehendia-se a guerra, principalmente na época proxima á da madureza do milho, dos aipins ou dos cajús: porque isso permittia celebrar melhor o sacrificio dos prisioneiros com os vinhos que dessas substancias se tiravam.

Todos concorriam em commum para o apercebimento da campanha, que consistia em alguma farinha. A' guerra levavam os escravos, que nunca podiam pertencer á nação que iam guerrear pois em tal caso por elles houvera começado a vingança. O systema de ataque era em geral, da mesma fórma que na America do Norte, o das *tucáyas* ou ciladas, e caiam sobre o inimigo com grandes urros e apupadas, quando o achavam mais descuidado [20]). E só no caso de encontrarem resistencia, e de não poderem evitar, se empenhavam no combate, que era já a

---

[18]) J. Daniel, Rev. do Inst. III, pag. 471.

G) Este facto, muito commum entre os povos naturaes, designa-se hoje pelo nome de exogamia, e ainda não foi cabalmente explicado. Provavelmente a exogamia, o choco (*couvade*), o totemismo e a anthropophagia pertencem ao mesmo circulo de idéas primitivas.

[19]) Glandem atque cubilia propter pugnabant.

[20]) Soares, II, 169. — J. Daniel, p. 471. — Coronel Serra. — Rev. do Inst., XIII, 368.

braço e a dente, mais que com armas contundentes. Pela mesma razão de deverem evitar essas surprezas que propunham fazer, ás vezes a distancias enormes, á maneira dos Arabes em suas algáras ou correrias, as marchas eram emprehendidas com todas as prevenções [21]). O arco e a frecha quasi que apenas eram empregados contra os que tratavam de escapar-se, ou que passavam de longe.

A maior gloria para o guerreiro era assenhorear-se de um dos inimigos, trazel-o comsigo prisioneiro, e ufanar-se com as honras do seu sacrificio, ao qual assistiam todos. Os mais déstros na arte da guerra procuravam porém estar prevenidos, e de atalaias nos cimos das arvores para avisarem do que sentiam, pelo olfacto. Tocavam a rebate com um grande tambor [22]) dependurado entre dois esteios, e logo acudiam todos. Quando o atacante encontrava estas prevenções, retirava-se ordinariamente. Assim o combate durava pouco tempo, se um dos dois partidos, sem perda dos seus, conseguia aprisionar alguns inimigos: pois o vencedor se dava pressa de fugir com o captivo para o sacrificar. Depois de uma victoria, as mulheres apregoavam as novas proezas de seus esposos, e proclamavam os nomes de guerra que acabavam de tomar dos contrarios que haviam morto; — ceremonia «notavel e de muita graça», pelo fervor com que davam á execução este *rito* [23]).

A abundancia da terra, em caça ou pesca, contribuia, mais que nenhum outro motivo, para que uma cabilda se decidisse a assentar povoação e a levantar sua *taba*, — ordinariamente de grandes casarões ou abarracamentos (*ocas*) de páus e algum barro, cobertos em fórma convexa de folha de pindoba. Eram estes de uns cento cincoenta pés de comprido, quatorze de largura e doze de altura. Junto ao tecto tinha cada oca, ou

---

21) Soares, II, 167.

22) Baena, *Cor. Paraense*, p. 10.

23) Diogo de Campos, *Jorn. do Maranhão*, p. 218, edição de Candido Mendes de Almeida, nas *Memorias do extincto Estado do Maranhão*, II, Rio, 1875.

grande casarão, *juráus* ou alpendradas, onde se guardavam os utensilios e recolhiam os comestiveis. A's vezes toda a povoação construia para si um só rancho em que cabiam duzentas pessoas [24]). Dentro não havia repartições feitas de tabiques, nem de esteiras, nem de nada, e sómente esteios para as redes. No meio da *oca* ou casarão, sem chaminés, accendiam a fogueira para cosinhar e para os allumiar de noite, aquecel-os e livral-os dos morcegos. Eram as *ocas* dispostas, deixando no centro uma área (*ocára*) para a qual de cada rancho havia tres vãos ou portaes baixos, ordinariamente sem porta ou postigo. A *taba*, quando proxima de inimigos, era cercada de uma tranqueira de palancas, de forma quasi sempre pentagonal. A's vezes esta cerca, que chamavam *cahiçára* [25]), feita sem fosso [26]), era de gissára, ou de taboca. A' entrada della espetavam, em páus a pique, as caveiras dos inimigos; e a explanada em redor tinha algumas vezes fojos estrepados. A's tabas ou aldêas abandonadas, segundo antes dissemos, se dava o nome de *tapêra:* de *taba-oera,* aldêa que foi, o que se applica hoje a um simples sitio ou roça que não tem dono.

Para a caça do chão, tanto do mato como do campo, bem como para a do ar, empregavam o arco e a frecha. As caças mais estimadas eram as dos porcos do mato, e das pacas. Não conheciam os Tupis a lhama, nem a alpaca, — o camello e a cabra deste continente. Menos podiam conhecer o guanaco, e menos ainda as mimosas vicunhas, que só medram nos climas montuosos e frios. Tão pouco usavam do leite de nenhum animal, como alimento ou como bebida. Para a pesca grossa empregavam ás vezes a frecha, mergulhando detraz della logo que a tinham despedido, ou acompanhando-a de um fio com uma paleta no fim, que boiava detraz do peixe fisgado. Usavam tambem de certa especie de anzoes, que denominavam *pindá*, donde veiu o chamarem *pindámonhangaba* ás pescarias feitas com anzoes. Alguns

---

[24]) J. Daniel, na Rev. do Inst. III, pag. 318.

[25]) Seguimos a orthographia de Berredo, pags. 432 e 433. Jeron. Machado e Soares escreveram «caiçá».

[26]) J. Daniel, Rev. do Inst. III, 319.

iam até a nado arremetter os tubarões, com um páu agudo que lhes encaixavam pela guela; com o que afogavam, e os traziam a terra, e tiravam delles os dentes para as frechas. Porém o modo como recolhiam mais peixe, era usando nos rios das entroviscadas, isto é, embebedando-o com a planta *tinguí*, ou com achas de *timbó* machucadas, e lançadas na agua. Tambem tinham uma especie de redes pequenas chamadas *puçás*, feitas de fio de tucum, com as quaes pescavam as tainhas (*paratís*) e outros peixes que com a enchente da maré entravam pelos esteiros [27]. Outros apanhavam em *giquís*, que eram uns covos afunilados, ás vezes com duas sangas, que mettiam nos caneiros.

Algumas cambas colhiam tambem nos rios que, depois de transbordarem, voltavam subordinados a seus leitos, sem que os peixes podessem eximir-se de naufragar na *piracema*.

Para conservar o pescado não usavam sal: moqueavam-o, como faziam com a carne; e, limpo das espinhas, o reduziam a pó, e preparavam uma certa maça e farinha que denominavam *piracuî*, e que se conservava por muito tempo.

Igualmente aproveitavam de varios mezes do anno em que o marisco (especialmente o *sernambi*), estava mais gordo, para fazerem delle larga provisão, separando-o da casca, que iam amontoando. O uso de preparar taes provisões era um dos com que mais se distinguiam os Caribes do Norte, que, para esse fim, effectuavam até expedições á ilha *Anegada*, uma das menores Antilhas [28], ainda hoje mui abundante de taes mariscos. Se durante esta pescaria morria algum companheiro, lhe davam sepultura no proprio monte das cascas d'ostras. Assim pelo menos se podem explicar essas *casqueiras* ou *ostreiras* [29] descobertas no littoral com ossadas humanas, e já cobertas até de arvores

---

[27]) Soares, P. 2a. cap. 131.

[28]) *Trans. of the Amer. Ethnol. Soc.*, 1853, p. 200.

[29]) Varn., Rev. do Inst. II, p. 522.—Carta sobre este assumpto, em esclarecimento do que se dissera no vol. III., p. 2.ª, das "*Transactions*" da Sociedade Philosophica de Philadelphia, 1828.—Vej. tambem Varn., Rev. XII, 372 e 374, e Fr. Gaspar, p. 20.

seculares. Taes casqueiras, chamadas ainda nas provincias do Norte *sernambitibas* ou *sernambi-teuas* H), constituem hoje, para quem as possue, uma verdadeira riqueza, pela facilidade com que dellas se extrahe a cal. Semelhantes *ostreiras* se encontram ainda nos territorios scandinavos, no Norte da Europa e em ilhas do mar Egêo.

Os habitantes das margens do Amazonas usavam para apanhar as tartarugas da mesma industria ainda agora empregada. Esperavam-as quando vinham a desovar, e com um espeque as reviravam para o ar, e dahi as levavam a nado, nas canoas, presas por um buraco feito na couraça, mettiam-as em curraes ou alvercas fechadas, e as nutriam até matal-as. Tambem as apanhavam acertando-lhes no pescoço com as frechas expellidas por elevação I).

Para agarrar os animaes, sobretudo os tigres, usavam de armadilhas ou *mondéos*, onde, ao irem elles a entrar, lhes desandava em cima um grande tronco d'arvore. Tambem faziam fojos, e usavam para os passaros de esparrelas de varias especies. Os do Sul empregavam para os veados certas armadilhas além da bola, que actualmente se usa mais aperfeiçoada.

Proprio dos homens eram ainda o buscar mel selvagem trazer lenha, e até o ir lavar as redes nos rios.

Passando aos trabalhos que estavam a cargo das mulheres, diremos que ellas viviam menos ociosas que os homens, entre as cabildas agricolas. — Roçada pelos ultimos a terra, áquellas pertenciam a plantação do aipim e da mandioca, a sementeira

---

H) No Sul são conhecidas pelo nome de Sambaquis, e além de outros estudaram-nas Capanema nos *Ensaios de sciencia*, Wiener no *Archivo do Museu Nacional*, Löfgren no *Boletim da Commissão Geologica* de S. Paulo. Os sambaquis do Amazonas foram estudados por Carlos Hartt nos *Archivos* do Museu, VI, Rio, 1885.

I) No Maranhão os patos bravos, gallinholas e marrecas, diz Simão Estacio na *Relação Summaria*, Lisboa, 1624, c. 26, « se caçam lindamente lançando cabaços nas alagoas (até que avesem a elles) e depois se mette um Indio pela agua com um cabaço na cabeça e buraco nos olhos, e chegando a elles mansamente os vae mergulhando pelas pernas e debaixo da agua lhes torce o pescoço. » Consulte-se a monographia de José Verissimo, *A pesca no Amazonas*, Rio, 1895.

do milho e do mandubi ; e para que ellas o não extranhassem, lhes explicavam tal uso pela razão de que era o sexo fecundo ou prolifico o que devia entender-se melhor com a madre terra. Da mandioca fabricavam a farinha, pelo processo grosseiro que depois adoptaram os colonos, que ainda hoje se pratica nas roças, ralando-a sobre um prancha ou superficie com pedrinhas agudas embutidas ; e expremendo-a com o *tepetim*, que era um sacco de junco oblongo, mui elastico, e que, por meio de um peso no extremo, apertando o mesmo sacco se fazia enxugar a polpa da mandioca ralada, que depois se cozia em tachos ao fogo. A farinha que devia servir para jornadas, á qual chamavam *de guerra*, era cozida de fórma que ficava compacta em pequenos pães embrulhados em folhas, de tal modo que não lhe fazia damno a agua da chuva, ou de um rio em que caisse. Juntavam-lhe uma pouca de *carimã*, e a coziam mais que a outra [30]). Tambem cultivavam a mandioca doce, ou aipim que comiam simplesmente assado. Do aipim, do milho, e tambem dos cajús e ananazes e outros productos naturaes de sucos sacharinos, convenientemente exprimidos e fermentados em talhas, tiravam bebidas espirituosas, que levavam os nomes dos fructos de que se haviam confeccionado, como *aipy-y'*, *auati-y'*, *cajá-y'*, *naná-y'*, *janipá-y'*, *jetic-y'*, *pacoba-y'*, etc., segundo eram feitos de *aipim*, *milho*, *cajás*, *ananazes*, *genipapos* [31]), *batatas doces*, *bananas da terra*, etc. — Mas o nome que davam, em geral, ao vinho era o de *ca-yú-y*, ou licor do *cajú* (adulterado pelos nossos em *cauim*) por isso que este fructo era o que fornecia em maior abundancia.

Dos utensilios domesticos cuidavam tambem as mulheres.

Reduziam-se estes a um *patiguá* [32]), *panacú*, ou canastra que lhes servia de arca, algumas talhas ou *iguaçabas* para os vinhos

---

[30]) Ives d'Evreux, p. 22.

[31]) *Inni-papoeeyua* de Staden, o que não corresponde ao mamão *(Carica Papaya)*, como julgou Burton (Trad. ingl. de Staden, p. 165, nota).

[32]) Ou « *petiguá* » Vasconcellos, Vida do P. João de Almeida, p. 16. *Patuá* diz o *Dic. Bras.*, no voc. *Arca*.

e para agua, têstos para cozer a mandioca, panellas de barro (*cumã*), uma *cuyambuca* (cumbúca ou cambúca) de guardar farinha, e algumas *cuias* singelas. Estas serviam de copos para beber, e ás vezes de pratos. As redes (*kyçaba*), as cordas (*mussurâna*) e passamanes, feitas umas de algodão e outras de varias embiras, tambem eram da sua competencia. Alguns Indios não conheciam as redes, e tinham apenas em seu logar esteiras, das quaes, aliás, tambem faziam uso os Tupis, com a denominação de *pembî*, (pyri), precedida do nome da planta de que eram feitas, com mais frequencia de *perîs* ou tabúa.

As mulheres mais velhas eram destinadas á oleiras. Misturavam ao barro cinza de certas cortiças, e depois faziam-o em torcidas, e assim o iam unindo e achatando ; logo coziam-o em uma cova a fogo brando por cima, e a final o pintavam e envernisavam por dentro com resinas, que por algum tempo equivaliam ao vidrado J). As velhas preparavam tambem os vinhos, as farinhas, e os venenos, operação em que morriam algumas. No fabrico dos vinhos faziam-se ajudar das mais moças, que trituravam os fructos com os proprios dentes, concorrendo a saliva para facilitar a fermentação. Os *samburás* ou balaios [33]) de timbós e *pacarazes* [34]) de taquáras e cipós, eram obra dos homens, que os faziam com a perfeição que ainda hoje nos dos já christãos, admiram os estrangeiros, quando se exportam do Brazil.

Para onde quer que o casal se transferia conduzia comsigo todo o enxoval. O homem egoista, a pretexto de que devia ir ligeiro para combater, só levava o arco e as frechas; tudo o mais a mulher. «A rede ao hombro, o patiguá ás costas, o cabaço e cuia dependurados a um lado, o cão atado a uma corda pela mão,

J) O estudo da ceramica brasilica, iniciado por Hartt, foi continuado por Steinen, Ladislau Netto, Ehrenreich, Derby, Smith e outros. Os Indios que mais fizeram nesta especialidade são, como demonstrou Steinen, os Maypures ou Nu-Aruaks, a que pertencem os Nheengahibas de Marajó.

[33]) *Balaio* é voz africana.

[34]) Era o nome dos conhecidos cestinhos caboclos de varias cores. Rev. do Inst. IX, p. 333.

e o filho pequeno... n'uma tipoia ás costas [35].».A carga collonha sustentava-se por diante sobre a testa por meio da *pissama* [36]), da maneira que usavam tambem os Mexicanos; e da que ainda hoje usam muitos Indios mansos na roça.

Outro instrumento e até arma indispensavel á maior parte das cabildas era a canoa (*igára*). De ordinario era esta feita de um tronco, carcomendo-o ou cavando-o por dentro, com ajuda do fogo. Havia-as enormes, remadas até por cincoenta e sessenta homens, exactamente como as antigas *pentecontores*, no velho continente. Outras vezes era só uma cortiça de arvore, com pontaletes no meio, e apertada com cipós, para ficar convexa, e lhes chamavam *ubás*. Tal foi o modelo que ao depois tiveram os colonos, para fazerem as *pelotas* de couros de boi, ainda usadas na passagem dos rios, especialmente no Rio Grande do Sul. Tambem algumas cabildas, especialmente entre os Caités de Pernambuco, faziam canoas de *periperîs* K), como os antigos Egypcios as de *papyrus*, planta igualmente cyperacea como a *periperî* (Malachoete riparia, de Nees). Ao remo denominavam *apecuitá*, e á pá do leme *yacumã*.

---

35) Vasconcellos. — Vida do Padre João de Almeida, p. 16.

36) *Tupaçama* ou *xama*; Dicc. Bras. voc. *Atilho e Corda*.

K) E' duvidoso se pode chamar-se canôas as embarcações dos Caetés, como Gabriel Soares de Souza as descreve nos seguintes termos: « As embarcações, de que este gentio usava, eram de uma palha comprida como a das esteiras de tabúa que fazem em Santarém, a que elles chamam periperi, a qual fazem em molhos muito apertados com umas varas como vimes, a que elles chamam timbós, que são muito brandas e rijas, e, com estes molhos atados em umas varas grossas, faziam uma feição de embarcações, em que cabiam dez a doze indios, que se remavam muito bem, e nellas guerreavam com os Tupinambás neste rio S. Francisco, e se faziam uns a outros muito damno. E aconteceu por muitas vezes fazerem os Caetés dessa palha tamanhas embarcações que vinham nellas, ao longo da costa, fazer seus saltos aos Tupinambás junto da Bahia, que são cincoenta leguas ». (*Rev. do Inst. Hist.* XIV, 38/39, Rio, 1851).

No Maranhão faziam-se balsas de talo de burity por maneira semelhante. Della tomou nome o consideravel affluente que o Parnahyba recebe pelo lado esquerdo.

As canoas, a rapidez de seus movimentos e o modo regular de remar não poderam deixar de admirar os Europeos, com toda a sua civilisação. Tambem por sua parte o que os Indios mais admiravam dos mesmos Europeos foram as náos, que em sua lingua singela chamavam canoa grande (*igáraraçú*).

A sorte da mulher era julgada tão inferior L) á do homem que muitas mãis afogavam as filhas ao nascer [37]. Como tambem succedia entre os povos gentios da Europa antes do christianismo, as mulheres quasi não eram mais que escravas. E com mais razão assim deviam ser consideradas pelos Tupis, quando, na America, as suas primeiras mulheres haviam sido tomadas á força como verdadeiras escravas.

Tudo quanto dissemos se applica especialmente á raça tupi, em geral; pois sabido é que havia e ha ainda Indios que passam toda a vida em canoas, no alto Paraguay, e que por isso são chamados *Guatós*. No Amazonas havia tambem cardumes de outros que viviam n'agua, em casas construidas sobre esteios; já porque dos rios se sustentavam, já por se livrarem assim dos mosquitos e cobras, e mais inimigos.

L) A mulher, diz Carlos von den Steinen dos Bacaerys e o mesmo se póde dizer de outras tribus, não occupava nenhuma posição indigna. O homem dava-lhe maior peso a carregar do que elle proprio carregava, conservava-a afastada da casa da dança, onde os homens deliberavam, fumavam, faziam festas, e onde os estrangeiros eram hospedados, era seu senhor e dono, — e fazia o que ella queria. Quando Martius affirma que a mulher « apezar da subordinação escrava em consequencia de sua azafama alegre » não occupava posição inferior, disse cousa que se applica perfeitamente aos nossos indios, nas quaes a subordinação escrava, entretanto, estava fortemente attenuada. A mulher precisava de protecção, primeiro porque era fraca, e «chorava» a qualquer perigo, depois porque devia ser resguardada dos appetites alheios. Na volta da roça para casa, ia adiante do homem, porque pesadamente carregada ia correndo e tudo estava seguro; na mata ia atraz delle para que se houvesse qualquer perigo, fosse elle o primeiro a affrontal-o. Dos hospedes estrangeiros era guardada; e, quando estes eram de natureza duvidosa como nós, mulheres e meninos corriam para o mato (*Unter den Naturvoelkern Zentral-Brasiliens*, 332).

[37]) Gumilla, « *Orin. illust.* » — Vargas Machuca, fol. 139 v.

SECÇÃO IV

(X da I edição)

IDÉAS RELIGIOSAS E ORGANISAÇÃO SOCIAL DOS TUPIS: SUA PROCEDENCIA

Significação dos sacrificios anthropophagos. Sepulturas. Camucins. Jazigo ou t'iby'. Tupan. Raios. Superstições. Agouros. Pajés. Abusos destes. Poracés. Seus tristes resultados. Descripção do sacrificio. Partilha do cadaver. Destino dos ossos e dentes. Geração. Nascimento. Velhas. Morubixab. Communismo. Roubo. Hospitalidade. Polygamia. Heroinas. Amazonas. Noivados. Recem-nascidos. Doenças. Curativos. Soffrimento. Chorar. Nomes. Sentidos apurados. Caracter. Vida habitual. Banhos. Fogo. Sal. Pazes. Tabaco. Paricá. Guaraná. Coca; etc. Infancia da sociedade. Exemplo. O homem sem leis nem religião. Em todos os paizes o mesmo. Carib: S. Thomé e suas pégádas. Sumé. Pajés. Monumentos primitivos. Procedencia plausivel dos Caribs. Tupis ou Guaranis.

Entremos porém um pouco mais profundamente nesta sociedade selvagem, e vejamos até onde alcançavam as idéas religiosas e a jurisprudencia dos Tupis; e quaes eram os seus usos bons e máos.

Podemos dizer que a unica crença forte e radicada que tinham era a da obrigação de se vingarem dos estranhos que offendiam a qualquer de sua alcateia. Este espirito de vingança levado ao excesso constituia a sua verdadeira fé. — Era o odio excessivo contra os inimigos o principal estimulo que os conduzia até á anthropophagia, facto que, segundo alguns historiadores, se dava igualmente no velho continente, entre os Scytas, dos quaes pareciam proceder.

A anthropophagia não era pois motivada pela gula, senão algumas vezes por aberração; era-o pelo prazer que sentiam na desaffronta, cujos effeitos faziam extensivos a todas as

gerações A). O instincto de se vingarem era tão excessivo que se julgavam obrigados a trincar todo o animal que antes os molestára, ainda que fosse sevandija. E se não o podiam conseguir ás claras, o obteriam por meio da traição e dos venenos.

Aos captivos de guerra sacrificavam solemnemente no meio de um terreiro, e todos deviam provar sua carne; para desta fórma vingarem os amigos e os antepassados, mortos ou offendidos pelos do prisioneiro. Nesta expiação tomavam parte homens e mulheres, velhos e crianças; e até para os ausentes se guardava moqueado, algum pedaço. — E tanto era o pensamento de desaffronta e expiação o que nestes sacrificios dominava, que de um inimigo desenterravam o corpo ao cabo de muitos annos, para no cadaver, quebrando-lhe a caveira, delle se vingarem, adquirindo com isso novo trophéo.

O sacrificador de um captivo juntava tambem por esse feito a si mais um titulo de gloria; como o contendor em duello poderá contar mais um vencido. Quando havia muitos prisioneiros,

---

A) Pigafetta, companheiro de Magalhães, conta a seguinte lenda que ouviu de João Lopes de Carvalho, o capitão da nau *Bretoa*, que se menciona na secção VI.

«Os homens e as mulheres (do Rio de Janeiro) são bem constituidos e conformados como nós. Comem algumas vezes carne humana, mas só a de seus inimigos. Não é nem por necessidade nem por gosto que desta se alimentam, mas por um uso que, segundo nos disseram, entre elles se introduzio da maneira seguinte: Uma velha tinha só um filho que foi morto pelos inimigos. Algum tempo depois o assassino de seu filho foi aprisionado e conduzido diante della; para vingar-se esta mãi atirou-se a elle como uma fera e rasgou-lhe uma espadua com os dentes. Este homem teve a felicidade não só de se arrancar das mãos desta velha e de evadir-se, mas tambem de voltar para o meio dos seus, aos quaes mostrou os signaes dos dentes em sua espadua e fez acreditar (talvez elle proprio o cresse) que os inimigos quizeram devoral-o vivo. Para não ceder em ferocidade aos outros, determinaram comer realmente os inimigos que pegassem nos combates, e estes fizeram outro tanto. Entretanto não os comem immediatamente nem vivos; mas despedaçam-no e repartem entre os vencedores. Cada um leva para casa o quinhão que lhe coube, fal-o seccar no fumeiro e de oito em oito dias assa um pedacinho para comer. (*Premier voyage autour du monde par le chev. Pigafetta*, 17/18, Paris, l'an IX).

começava a chacina pelos mais gordos. Os mal feridos matavam logo. Deviam morrer sem soltar um ai; á maneira de muitos dos nossos martyres anciosos de experimentarem as delicias da vida eterna.

A vingança ainda além dos umbraes da eternidade, se por um lado não prova bons dotes de coração, descobre que estes povos, ou antes seus antepassados, tinham idéas superiores ás do instincto brutal dos gosos puramente positivos do presente. Estas idéas se justificavam melhor pelo respeito escrupuloso que todos guardavam ás sepulturas dos seus, nem que do velho mundo tivessem recebido, conforme parece confirmar-se por tantas outras inducções que em outro escripto apresentamos, as crenças das penas que soffriam no Averno as almas dos desgraçados que não haviam tido quem na terra lhes sepultasse os corpos. O mesmo uso dos banquetes anthropophagos talvez tivesse, em quem os inventou, origem na crença de que a vingança do inimigo passaria além desta vida, impedindo-se por esta fórma que o cadaver tivesse jámais enterro.

Dispunham alguns as sepulturas dentro dos ranchos em que viviam. A obrigação de abrir a cova correspondia ao parente mais chegado. Ao defunto ou defunta servia de féretro a propria rede; e sendo principal ia trajado de pennas, e com todas as armas, e de comer, beber e fumar, o que se lhe renovava quasi diariamente durante algum tempo, e tinham-lhe fogo acceso por varios dias. A rede ficava suspensa na cova que se cobria de paus e ramagem e depois de terra. Outras vezes, em logar de rede, de que não faziam uso algumas cabildas, que dormiam sobre folhas no chão (os dos Ilheos e Espirito Santo), mettiam o defunto de cócaras, em posição analoga á dos fetos no ventre, com todos os seus trajos, dentro d'uma talha de barro. Ainda se encontram no Brazil muitas destas talhas com qualquer desaterro, ao abrirem-se as estradas. O nome de *cambuchîs* ou *camucîns* dado a todas as talhas e potes pintados, a que tambem chamavam *iguaçabas*, applica-se hoje mais especialmente a estas urnas funerarias; mas o termo geral tupico

para o jazigo do cadaver era *t'ybi'*, e o dos cemiterios, onde os havia *t'-ybi'-coera*.

Na provincia de Minas tem-se ultimamente descoberto sepulcros tambem de barro, não em fórma de talhas, mas sim como caixões, de côr castanha e com pinturas de arabescos e pontinhos, feitos de barro de côres, tudo envernisado com resina. De ordinario só tem cinco palmos de comprido, tres de largo, e tres quartos de palmo de alto.

Apezar da frequencia das trovoadas nestes climas carregados de electricidade, os Tupis não se tinham familiarisado com os seus terriveis phenomenos: e receiavam-se do trovão, que consideravam como uma manifestação de ira de *Ibag* ou do firmamento. Não passava a sua metaphysica [1]) mais além deste innato terror; nem concebiam a idéa de um ente superior, immaterial e infinito a reger este infinito orbe; por mais que nol-o querem fazer crer alguns escriptores, animados de piedade ou de excessiva boa fé, interpretando mal os ditos dos Barbaros, que ás vezes pouco antes os haviam ouvido dos nossos proprios missionarios. Propendemos antes a crer que acreditavam, como outros povos na infancia, na existencia de um espirito maligno, a que chamavam *Tupán* B), e de cujo influxo julgavam os raios uma verdadeira manifestação. Era como um Typheo, de quem, em certas

[1]) "C'est icy qu'il fault que ie me mocque de celuy, qui a esté si temeraire, que de se vanter d'auoir fait vn livre de la religion que tiennent ces sauvages", diz Thevet (Cosm. f. 910).

B) *Tupán*, que os Tupis diziam Tupana e os Guaranis *Tupang*, comparado com *Anhang*, Diabo, pode ser explicado, segundo Baptista Caetano, por *Tub-ang*, alma do ser, espirito do que é, e até alma do pae ou dos paes, em contraposição a *ai-ang* = *ay-ang* = añ-ang, alma da ruina, espirito do mal. Isto concorda com o pensâr dos Indios, que não faziam adorações a Tupan, visto que elle era bom, era o doador dos fructos e de todos os bens, era o pae da luz e do calor, e não precisava de cultos, ao passo que faziam offrendas a añã, para que elle não lhes fizesse mal (*Annaes da Bibliotheca Nacional*, VII, 544, Rio, 1879).

Entre os Bacaerys encontra-se *Nakoeri*, principio luminoso e bom, e *Yamüra*, principio tenebroso e multiplo que precisa propiciar-se com offrendas. Seus *piahis*, eram *yamüras*.

contrariedades, pensavam tomar vingança disparando frechadas contra o firmamento.

Além disto, acreditavam, por tradição, na existencia de um certo barbado semideus *Sumé* C), que lhes ensinara o uso da mandioca, etc. [2]), e que havia tido máo pago, e desapparecera. Seria o mesmo *Cemi* dos de Cuba e *Tzemes* do Haiti, onde o veneravam em forma de idolos. A identidade desta crença se manifesta na existencia, entre os Caraibes, dos *pagés*, sob o nome de *piachés* e *beyes*; — no sul dos Estados Unidos *pawas*.

Se porém os Tupis não adoravam a nenhum Deus, não deixavam de temer supersticiosamente a influencia de mais outros entes malignos, a que davam os nomes de *Anhangá* [3]) *Jeropary* [4]), *Curupira, Caipóra* e outros. De noite não se aventuravam a andar sós, ás escuras. Ouviam como agouro o piar da coruja, e tinham-lhe, como os antigos, certo receio e até respeito, e nunca a matavam. Tambem se considerava de máo agouro que o marido ou companheiro da mulher pejada matasse alimaria prenhe. Assim bem se guardava de caçar o que se julgava causa da gravidez de uma mulher; e morreria de fome antes do que se resolveria a violar os mysterios da geração: pelo mesmo motivo respeitava então os ovos dos passaros [5]). — De máo agouro era igualmente o facto de embicar o Barbaro de certo modo, e em determinadas occasiões, n'uma anta ou n'um ouriço *quanduaçú*. A mulher pejada

C) Tumé ou Sumé é, segundo Baptista Caetano, o absoluto *tubé* de *ubé*, e pode interpetrar-se «o pae estrangeiro». Os Bacaerys conheciam Tomehi, que diziam de cor preta.

[2]) Desta crença nos aproveitámos na lenda, em estylo biblico, intitulada *Sumé*, imp. em Madrid em 1858, 8°; e reimpressa no *Panorama* nesse mesmo anno.

[3]) J. Daniel, Rev. do Inst. II, 480; Gumilla, *Orin. illustr.* cap. 10; Laet (nas notas a Grocio sobre a origem dos Americanos; Amsterdam, 1643) pagina 194.

[4]) Um viajante moderno que havia tratado os Indios de varias provincias do littoral assim o confirma em parte dizendo: "Quanto á religião duvido qual adoptem; e só sei que seguem uma seita occulta denominada "Juriparim". Muniz e Sousa. Viag.—Rio de Janeiro, 1834, p. 28.

[5]) Gabriel Soares, II, p. 161.

não podia fabricar os oleos e azeites; tambem lhe era prohibido ajudar a acepilhar as canoas; — prohibições contra que naturalmente nunca se lembrariam de reclamar.

Como não tinham tradições suas, admittiam com a maior credulidade tudo quanto se lhes embutia. Dessa pia fé se aproveitavam certos *pajés* ou adevinhos, que muito nos fazem recordar os jogues da India, e os quaes de tempos a tempos iam visitar as povoações, e quando lhes convinha intimidavam aos desgraçados Barbaros com agouros taes que de pasmo vinham a morrer. Viviam os pajés em brenhas ou em tujupares, longe do povoado, e cada qual tinha autoridade n'um grande districto. Quando se propunham á visitação eram dias de festa na taba. Alimpavam-lhes as picadas e preparavam-lhes pomposos recebimentos, com muitos presentes, que denominavam *potába* [6]). Embustiavam os pagés de ter tratos com os mencionados numens diabolicos; e como revelação destes oraculos diziam á pobre gente o que bem lhes parecia. Tambem se inculcavam com dominio sobre os jacarés, cobras e outros bichos aggressores do homem D).

Das festas religiosas e sacrificios eram inseparaveis as danças chamadas *poracés* [7]): as quaes deviam ser acompanhadas de bebidas fermentadas, de fumar-se muito tabaco ou seus equivalentes, e dos sons de muitos instrumentos. Estas festas acabavam sempre em indisposições de estomago e de juizo, e então havia ferimentos e mortes. Viam-se até mães, que criavam, esquecerem, contra os instinctos naturaes, seus filhos, que, ao cabo de dois

---

[6]) Ou antes *poitaba*, comida; do verbo *ayopoi*, eu dou de comer.

D) Parece que entre os Tupis se deve distinguir os Pajés dos Caraibas: aquelles os chronistas chamam feiticeiros, a estes santidades. Os Caraibas faziam verdadeiras missões, sendo aplainados os caminhos para recebel-os.

Entre os Bacaerys os pajés, chamados *piahi*, são immortaes, entram nos corpos de animaes, podem criar animaes, são um principio tenebroso, absolutamente iguaes aos Yamũra, e como taes devem ser propiciados para não fazer mal.

[7]) Aprassé, diz Staden. Purassé escrevem outros. No *Diario* de Ribeiro de Sampaio (Mem. Ultr. VI, App. p. 28) imprimiu-se, por algum erro, *parassé*; erro que passou á palavra immediata, lendo-se *causa* em vez de *dansa*.

ou tres dias sem serem attendidos, eram encontrados mortos de sede e de fome. Havia ainda outras danças, a que davam os nomes de *guáos* e *urucapîs;* mas o nome para as danças, acompanhando o canto em que celebravam as proezas de seus antepassados, cra *yeroqui;* o que correspondia aos *areytos* dos Caribes.

Antes de infligirem a morte á victima, atavam-a pela cintura com a corda *mussurana*, cujas pontas se liavam ou sustinham a certa distancia ; depois dançavam todos e todas em redor, de axorcas de cascaveis nos pés, fazendo acompanhamento com os religiosos maracás. Nesta dança só não tinham parte as creanças e os velhos, que ficavam sentados para batucarem o tambòr, que era oblongo, como o dos antigos Egypcios, e se ouvia á grande distancia. Ao som deste iam todos a fio andando á roda, dando patadas e entoando o seu monotono Eh! eh! Além do tambor e do maracá, tinham por instrumentos o *mimby* ou flauta simples, feito de algum fémur ou tibia, e o *toré* ou flauta dobre ou triple, feita de *taquára*, e o buzio *uatapú*, instrumento de que tambem havia feito uso a antiga Europa, sendo até na fabula o symbolo dos Tritões. No tocar guardavam o compasso, andando juntos, e com uma das mãos sobre o hombro do companheiro.

O dia para o sacrificio se fixava para logo que os vinhos eram feitos, e que o prisioneiro posto a bom tratamento parecia bastante gordo e são. Afim de que nada lhe faltasse, durante o tempo que estava esperando a morte, e antes pelo contrario com intento de distrahil-o, até lhe davam por concubina a moça que ellc acertava de escolher, a qual, quando morria a victima, tinha que derramar por cerimonia algumas lagrimas, mas por honra devia logo depois tragar delle o primeiro bocado, geralmente pudendo.

Chegada a hora do sacrificio, o matador vestido de gala, isto é, tão horroroso como podia fazer-se com suas pinturas, se aproximava da victima, ja tosqueada, e brandindo a *tangapêma*, tambem mui ornada de pennas e tauxiada de cascas d'ovos de côres, embutidas no elemi ou goma *icica*, descarregava o golpe, com que lhe escachava a cabeça, em meio das algazarras, uivos e applausos

de toda comitiva. O sacrificador tinha o direito de lavrar no corpo, com riscos indeleveis, a memoria deste feito. Era este evidentemente outro uso do paganismo do antigo continente. Moysés o prohibiu da parte do Senhor, no Levitico [8]), com estas palavras: « Não fareis por algum morto incisões em vossa carne, nem figuras nem signos indeleveis. »

O dedo pollegar era immediatamente cortado ao cadaver, como disparador das frechas e causador das mortes. O tronco do corpo se atassalhava, separando-se os braços e pernas; sendo tudo feito pelas velhas, que moqueavam os pedaços...

Não diremos os mais horrores que praticavam, que não nos propomos a arripiar as carnes dos leitores, como os Barbaros as de suas victimas. Os ossos se guardavam para muitos usos; e as caveiras ou espetavam depois á entradas das aldêas, ou faziam dellas *cuyambucas*. Os dentes recolhiam-se, enfiados em collares, como reliquias, em trophéo da grande proeza de trucidar um individuo desarmado, e muita vez innocente, sendo só declarado inimigo em virtude da geração... Irresistivelmente se nos detem a penna nem que corrida de escrever estas miserias da humanidade bestial, que sem nenhum pejo as praticava... Vamos a concluir.

Todos os que assistiam á festa, ou que obtinham um bocado do cadaver se honravam com mais um triumpho ; porém as glorias deste pertenciam principalmente ao matador ou carrasco, que dahi colhia novo titulo, em opposição aos nossos usos em que tal officio é infamante. As mulheres aprisionadas ficavam escravas, e se houve alguma excepção, seria quando se provasse que ellas tinham combatido, pois que então, pela regra geral, deviam morrer. Tambem sacrificavam algumas mulheres, quando queriam declarar a guerra; pois neste caso começavam por quebrar as cabeças ás primeiras victimas que aprisionavam E).

[8]) Cap. 13, v. 28.

E) Diz Diogo de Campos que conforme o rito e costumes de suas guerras, os Indios quebravam as cabeças para se romper todo o signal de paz entre uns e outros (Almeida, *Memorias do Maranhão*, II, 198).

A jurisprudencia indiana, se assim lhe podemos chamar, reduzia-se a mui poucos principios. A geração se regulava pela do pae, em opposição com o que se nota em alguns povos barbaros da Africa. A mãe só era considerada, á maneira dos antigos Egypcios, como guarda ou depositaria do feto, até o dar á luz, e nenhuns deveres contrahia com ella o filho que amamentava. O pae denominava ao filho *taîra* ou « o procedente do seu sangue » ; e a mãe chamava-lhe *membira*, « o seu parido », o procedente de seu seio. Assim as escravas que tomavam os Tupis por mulheres não eram somenos das demais, e aos filhos dellas só passava a condição do pae. — Filho de escravo ficaria escravo : e se o pae havia sido inimigo, ainda que a mãe fosse filha de um principal, havia de ser sacrificado. Assim, excepto os captivos em guerra e seus filhos, e os estranhos que escravisavam por causas accidentaes e tambem os seus filhos, todos nasciam livres, ou gozavam de liberdade individual, — com a sujeição aos mais fortes. A' falta de clareza porém a tal respeito, devemos attribuir esse fraccionamento, essa desmembração em esgalhos tão pequenos como os que encontraram os Europeos. A's vezes não havia para subdivisão ou independencia mais causas do que os ciumes por uma mulher [9].

A repudiada passava ao poder do outro, quando outro encontrava que ainda a quizesse : quando não, desde logo a declaravam velha para os deveres que, como tal, lhe caberiam na communidade. Por morte do marido pertencia a mulher de direito, como entre os Judeus, ao irmão do que fallecera, se elle a preferia.

---

[9]) «Guerra... que regularmente... dos ciumes que em cabo uns de outros têm, em respeito dos quaes dão mui facil credito a qualquer suspeita e leve indicio » (Jer. Machado, Summario das armadas que se fizeram e das guerras que se deram na conquista do rio Parahyba na Rev. Inst. Hist. XXXVI, p. 1ª, Rio, 1873).

Os laços de familia, primeiro elemento da nossa organisação social, eram mui frouxos. Os filhos não respeitavam as mães, e só temiam, emquanto os temiam, os paes e os tios. No amor não havia que buscar sentimentos moraes. As delicias da verdadeira felicidade domestica quasi não podem ser apreciadas e saboreadas pelo homem no estado selvagem. Rodeado de feras, ou de homens-feras, mal podem nelle desenvolver-se a parte affectuosa da nossa natureza, a amisade, a gratidão, a dedicação.

Aos principaes ou chefes de cada alcateia ou cabilda denominavam *morubi-châbs* [10]). A força e a audacia [11]) o elegia, ou antes o fazia tolerar, emquanto algum rival não vinha a disputar-lhe a obediencia da parte dos seus. Regularmente primavam os mais bem aparentados; e algum tanto influia tambem que fosse parente do anterior, o qual de ordinario, já em vida, como que apontava por successor o individuo em quem depositava mais confiança, destinando-lhe empresas arriscadas e de prova. Na guerra commandava o chefe com poder supremo; porém para ella se decidir, ou para se decidirem casos mais difficeis, como uma transmigração, ou as duvidas sobre a morte de algum prisioneiro, era convocada toda a cabilda, que se reunia no terreiro da *taba*, fazendo roda em duas ou tres ordens, segundo o numero dos que assistiam. A estas reuniões ou concelhos denominavam *Nhêmongaba*, palavra que equivale a parlamento.

Havia entre os da mesma tribu uma verdadeira fraternidade communista. Nenhum comia ou bebia sem que fizesse os outros participantes. Assim mal podiam negociar; e bem que alguns indicios de commercio antigo encontremos no Amazonas [12]), parece antes devido a influencia do trato com os Quichuas visinhos,

---

[10]) *Morubi*, o que lida, o que vae á guerra; *chab*, chefe.

[11]) O mesmo succedia entre os barbaros Germanos. Tacito, I, 57.

[12]) Diogo Nunes, Rev. do Inst. II, 366, diz sem embargo que até tinham os caminhos muito abertos pela gente que transitava, o que é confirmado pela narração de Orellana que nos transmitte Herrera.

e por ventura o uso se generalizou mais com as necessidades que trouxe o trato da Europa. Os Mauhés do Rio-Negro faziam negocio em canoas e armas, e preparavam guaraná; e os Mundrucús em ornatos de pennas; e uns e outros vendiam aos brancos farinhas, e salsaparrilha. A idéa de roubo era quasi desconhecida, e muitas vezes tirar o que outro sem usar possuia nem se considerava delicto. Os parentes tinham direito de retaliação. Na hospitalidade e generosidade não havia limites, até para os mesmos inimigos, a quem, só depois de ser concedida, se tomavam as contas de, se o eram definitivamente ou não.

Em cada *oca* ou rancho viviam varios casaes, com os competentes fogos e redes, em differentes turmas; os morubi-chábas comiam quasi sempre á parte e recostados; e se mantinham de tudo quanto os seus traziam da caça ou da pesca [13]), os mais comiam de gamella em commum, pondo-se de cócaras no chão.

Cada homem, segundo sua valia, tinha uma ou mais mulheres: quando eram várias, a primeira, ainda que já desdenhada e velha, era sempre considerada superior as outras. Em geral todas aturavam os maridos como escravas: acompanhavam-os, nas suas longiquas jornadas, e as vezes até nas expedições de guerra. Estes habitos marciaes e a dura condição em que, sem ter a ellas respeito, as guardavam os maridos, não as levavam a separações; e sérias investigações, feitas com o maior criterio, nos obrigam hoje a dar pouco credito á noticia de uma nação de novas Amazonas, no rio que dahi tomou essè nome, apezar do que a tal respeito informam varios escriptores, começando por Gabriel Soares em 1587 [14]). Orellana, que foi o primeiro autor desse mytho, desceu o rio, quasi desde as cabeceiras do Napo, com semelhante prevenção, mas nunca as viu, nem tão pouco os seus companheiros; conforme conseguimos escrupulosamente

[13]) Gab. Soares, II, p. 160.

[14]) Soares, II, 182, diz que ellas eram visinhas dos «Ubirajaras» que nós imaginamos povos do Amazonas.

averiguar e provar[15]. A idéa das Amazonas existia porém nas Antilhas; e Colombo foi informado de que a ilha de Matinino (Martinica) era habitada só de mulheres.

As moças, ao entrarem na puberdade eram, entre algumas cabildas, suspendidas na cumieira da casa em um cesto e alli as mantinham a dieta de *mingáo* por dias; e depois as sangravam com uma sarjadura de alto abaixo. Os pretendentes dellas, quando não as tomavam por armas, como as vezes tinham por mais facil, submettiam-se á dependencia do pae, que se aproveitava da circumstancia para os fazer trabalhar por annos antes de lh'as concederem, e para sujeital-os á sua influencia, contando-os na sua *tribu*. Assim o noivo passava a pertencer á familia do sogro, a quem até devia acompanhar a guerra. O dia das nupcias era festejado com bailes e bacchanaes.

A mulher quando paria, ia-se lavar ao rio com o filho, e o marido ficava deitado na rede por alguns dias successivos, sem comer, talvez para que não o perturbasse physicamente o sentimento innato da paternidade F).

Ao recem-nascido furavam-lhe o beiço inferior, esborrachavam-lhe o nariz[16] e o punham na rede com as armas que devia manejar, e alli de continuo lhe estiravam os braços e as pernas, para o fazer forte e agil. A mãe criava o filho até nova gravidez. Assim columim havia que mamava seis e oito annos.

O castigo, como correctivo caridoso, applicado sem espirito de vingança, e que tantas vezes dá mais penas a quem o inflige que ao que o recebe, era inteiramente desconhecido.

Nas doenças curavam-se em geral antiphlogisticamente: usavam com muito rigor da dieta de *mingáo*, e até da completa

---

[15] Vej. a nota que a este respeito escrevemos, no fim da *Descripção* de Mauricio de Heriarte, que publicámos em 1874.

F) Veja-se a informação de Anchieta sobre o casamento dos Indios, na Rev. do Inst. VIII p. 254 a 262, Rio, 1846. O choco dos Indios foi estudado cuidadosamente no livro de Carlos von den Steinen, *Unter den Naturvoelkern Zentral Brasiliens*, 334/339, Berlin, 1893.

[16] Abbeville, f. 262.

abstinencia; e sangravam-se com o dente da cutia, ou com uma lamina de cristal de roca. O sangrar tambem competia ás velhas. Para cicatrizar as feridas aqueciam-as ao fogo, provocando certa inflammação e insensibilidade local, afim de sairem os humores; e depois faziam fechar e cicatrizar com oleo de cupaiba. Como sudorifico empregavam o pôr-se ao fumo, collocando fogo debaixo das redes em que dormiam. Se o enfermo se achava em perigo, o abandonavam á sorte.

Blasonavam de mui soffredores na doença ou todo outro trabalho, e até no transe da morte. Deviam todos ser dotados de uma impassibilidade espartana. O chorar, o soltar um ai, um gemido, passava pela acção de maior cobardia que podiam cometter. Eram geralmente taciturnos. Em silencio comiam, bebendo geralmente agua, quando acabavam. Os vinhos sómente se bebiam nas suas festas bacchanaes. Nas canoas remavam dias e dias, dormindo apenas duas ou tres horas cada noite. Quando morria algum, carpiam-o as mulheres, que em signal de luto dispunham o cabello de outra forma por algum tempo. O homem não devia chorar nunca: este recurso natural para allivio da dor era considerado como prova de fraqueza e covardia. O verdadeiro bravo devia, para elles, ser completamente insensivel.

Além do nome de nascença, que era de algum animal, planta etc., como entre nós a maior parte dos appellidos, cada individuo tomava um de guerra, logo que a ella ia; e a tantas acções heroicas assistia, quantos titulos novos para si tomava; dos quaes lavrava no corpo, com riscos indeleveis, a memoria em hieroglificos barbaros, que os outros entendiam. Destes nomes participavam tambem as suas mulheres, que de ordinario haviam igualmente contribuido, ao menos, para o *moquem* dos prisioneiros. O epitheto de grande (*assú*) andava quasi sempre unido a qualquer novo titulo, a que se julgavam com direito por seus serviços.

Tinham em geral os Barbaros mui apurados os sentidos, e mui agudos os instinctos. Viam a grande distancia, sentiam o cheiro do fumo, ou da gente, a ponto de distinguirem a raça pelo olfacto; descobriam a pista da onça; sentiam pelo cheiro

a proximidade do jacaré, pelo ouvido o tinir da cobra cascavel, quando mal poderia sonhar o Europeo que tinha junto a si qualquer destes inimigos. Seguindo uma picada, não lhes faltava o tino, para regressar por ella; e quando muito, se auxiliavam do meio inteiramente primitivo de quebrar ramos d'arvores, de distancia em distancia, ao que chamavam, segundo Montoya [17]), *ibapaá*. Varios Indios que foram levados da Bahia ao Rio de Janeiro, fugiram para o mato, e pouco a pouco por terra, apezar das hordas estranhas durante as duzentas leguas de permeio, souberam chegar de novo á Bahia. Assim davam elles sempre bem conta da commissão de mensageiros ou *pareás* G).

Se eram porém tão favorecidos nos dotes do corpo e nos sentidos, outro tanto não succedia com os do espirito. Eram falsos e infieis; inconstantes e ingratos, e bastante desconfiados. Além de que desconheciam a virtude da compaixão. O terror, que, com o nome de Caribs, haviam inspirado aos innocentes Lucayos, em suas frequentes invasões ao archipelago das Antilhas, é um dos factos importantes de que foi testemunho o proprio Colombo em sua primeira viagem. Nem tinham idéas de sã moral; isto é, da que nasce dos sentimentos do pudor e da sensibilidade, da moral que respeita o decóro e a boa fé; e eram dotados de uma quasi estupida brutalidade, e difficeis de abalar-se de seu genio fleugmatico.

Monotona e tristemente passavam a vida habitual, quando não a interrompiam os sobresaltos da guerra, as festas dos sacrificios, ou as visitas dos pajés. Assim a expressão das physionomias dos Barbaros aos trinta annos, era ou melancolica ou feroz.

Ao levantarem-se, iam ao banho, a que estavam tão habituados que em jornadas, ao verem agua, mettiam-se logo por ella, com o que, quando era má, se poupavam a bebel-a, refrescando-se com

---

17) *Tes.* fol. 3 v.

G) Diz o padre Vieira que os Indios, cerca de 1660, costumavam levar as cartas de que eram portadores «mettidas em uns cabaços tapados com cera para que nos rios que passam a nado não se molhassem.» (Missão da serra de Ibiapaba, em Almeida, *Memorias do Maranhão*, II, 467).

a que lhes devia penetrar pelos poros. Muitas vezes nas expedições pelo sertão tiveram os nossos occasiões de lastimar este uso, por acharem turvada pelos Indios da vanguarda a unica pôça ou alverca, que para matar a sede acaso encontravam.

Os homens iam á caça; as mulheres cuidavam da comida, e do mais que lhes respeitava. Quando alguma vez se apagava o fogo, o que procuravam que não succedesse, feriam-o pela fricção aturada de dois páus, pondo um firme no chão, e em uma pequena cavidade nelle praticada, introduziam uma especie de vareta, roliça, de páu muito duro, que faziam rolar mui forte e velozmente entre as palmas das mãos, até produzir-se o lume. O banho repetia-se á tarde, antes de se recolherem; e alguns tomavam um terceiro durante o dia, quando voltavam sujos de lama, ou fatigados da jornada. A caça era comida sempre moqueada. — Alguns dos que viviam pela costa conheciam o uso do sal, e fabricavam um bastante escuro, apurando ao fogo a agua salgada. Nos affluentes do Amazonas, povos havia e ha ainda, que das cinzas de certas plantas, conseguiam até fazer apurar e cristalisar uma especie de salino, que empregavam como sal. Mas o tempero estimulante mais geral era certa massa, feita com pimenta, a que chamavam *jukiray'*, da qual tinham sempre as cuias cheias, e com uma pinga d'agua estava feito o molho. Usavam tambem do *tucupy' H*), que era a agua da mandioca (*manibá*) a qual, sendo cozida, deixava de ser venenosa. A amizade a manifestavam por meio da offerta do tabaco de fumo, ou do uso de correrem a mão pela cabeça daquelle a quem saudavam. Eram estas praticas entre elles o que o osculo entre os antigos, ou entre nós o aperto de mão. No combate, quando se davam por vencidos, atiravam fóra as armas, e punham as mãos sobre a cabeça I).

H) Em alguns lugares a agua da mandioca chama-se *manipuera*.

I) Diogo de Campos conta que no combate contra La Ravardière os indios vendo-se perdidos começaram ao seu modo de bater as palmas (Almeida, *Memorias do Maranhão*, II, 205). Mãos que palmeiam são o melhor signal de que não têm armas.

Além dos excessos do vinho nas bacchanaes, usavam do tabaco de fumo, o que faziam principalmente quando peroravam no terreiro, ou quando queriam beber mais. O charuto (*p'tybába*) era um grande canudo de palma cheio de folhas de tabaco. Outros, em uns dos affluentes do Amazonas, em lugar de tabaco sorviam o *paricá* ou tomavam o *guaraná*. No alto Amazonas já faziam algum uso da *coca*, com o nome de *ipadú*. Mui provavelmente fôra introduzida do alto Perú, bem como o fôra, pelos Omáguas ou Cambebas, a industria do fabrico da gomma elastica.

Taes eram os vindiços alienigenas que á matroca percorriam, ha mais de tres seculos, todo o actual territorio do Brazil, e que em parte percorrem ainda alguns districtos delle, cobertos de matos virgens, onde por ora não poude penetrar a luz da civilisação e do evangelho. Não constituiam uma nação, nem mesmo pequenas nações, na accepção em que mais geralmente, em direito universal, se toma hoje esta palavra. Formavam antes muitas cabildas, pela maior parte, procedentes dos ultimos invasores do territorio.

A pintura que fizemos dessas gentes, que mais ou menos errantes disfructavam, sem os beneficios da paz nem da cultura do espirito, o fertil e formoso solo do Brazil, — antes que outras mais civilisadas as viessem a substituir, conquistando-as e cruzando-se com ellas, e com outras trazidas d'além dos mares pela cobiça, essa pintura, dizemos, bem pouco lisongeira é na verdade. A' vista do esboço que traçámos, sem nada carregar as côres, não sabemos como haja ainda poetas, e até philosophos, que vejam no estado selvagem a maior felicidade do homem; quando nesse estado, sem o auxilio mutuo da sociedade e sem a terra se cultivar sufficientemente, ha sempre, numa ou outra epoca, privações e fome; e esta ultima aos mais civilisados converte em canibaes, como nos provam as historias de tantos sitios e naufragios. Desgraçadamente o estudo profundo da barbaria humana, em todos os paizes, prova que, sem os vinculos das leis e da religião, o triste mortal propende tanto

á ferocidade, que quasi se metamorphosea em fera... As leis a que o homem quiz voluntariamente sujeitar-se, depois de mui tristes soffrimentos do mesquinho genero humano antes de as possuir, não tem outro fim senão fazel-o mais livre e mais feliz do que seria sem ellas. O proprio philosopho de Genebra, apezar de suas paradoxaes sympathias pelo estado selvagem, não duvidou reconhecer as vantagens de substituirmos a justiça e o direito e a razão ao instincto, ao apetite e ao capricho; de vermos desenvolvidas as faculdades, ampliadas as idéas, e "um animal estupido e limitado convertido em um ser intelligente, —em um homem" 18)! Assim é que com razão disse Buffon: "Se vivemos tranquillos e somos fortes... se dominamos o Universo, é porque soubemos dominar-nos nós mesmos,... sujeitando-nos ás leis..." «O homem não é homem (prosegue eloquentemente este grande genio) senão porque soube unir-se com o homem, sob a autoridade de um governo".

O selvagem, cercado sempre de perigos, não sabe o que seja tranquillidade dalma: de tudo tem que prevenir-se e receiar-se; fica desconfiado de caracter, e inhabil de pensar se quer em concorrer para melhorar a situação da humanidade.

Necessitavamos ajuizar o mais justamente possivel os usos e costumes dos antigos habitantes, para estarmos no caso de melhor apreciar ao diante os factos. —Nem nos humilhe essa triste condição dos habitantes desta terra, noutras eras: com pouca differença seria a mesma das terras da Europa, hoje tão florescentes, quando os Fenicios, os Gregos, e mais que todos, os Romanos lhes incutiram a sua civilisação, que com a lingua levaram á Lusitania, e que mais tarde, auxiliada na industria pela illustração arabica, e nos costumes pelas branduras do christianismo, foi trazida a este abençoado paiz, quando, a imprensa publicava os monumentos da civilisação grega e romana, quando a Europa se debatia por interpretar muitos costumes absurdos, e quasi incriveis, descriptos por Herodoto, Strabo, Tacito e

---

18) J. J. Rousseau, *Cont. soc.* c. 8.

Cesar. O estudo e a colonisação da America, nessa epoca, deu aos commentadores luz, aos leitores fé. O homem aprende humilhando-se a entender melhor o que dos barbaros Germanos nos contam os Romanos, o que das saturnaes da primitiva Italia nos revelam os Gregos. Os tempos heroicos da Europa e na Asia passaram-se naturalmente em meio de scenas analogas ás que acabamos de descrever, tão degradantes, que um chefe da Igreja, Paulo III, julgou necessaria uma bulla para obrigar os christãos a crer que os aborigenes americanos eram, como os demais homens, descendentes do pae Adão J).

Monumentos de raças anteriores, analogas aos do Mexico, Centro-America e Perú, não tem por ora apparecido no Brazil,

---

J) É a bulla *Veritas ipsa,* que Simão de Vasconcellos traduz assim nas *Noticias antecedentes, curiosas e necessarias das cousas do Brasil,* livro II, 7.º

Paulo, Papa terceiro, a todos os fieis christãos que as presentes letras virem, saude e benção apostolica.

A mesma Verdade, que nem póde enganar nem ser enganada, quando mandava os Pregadores de sua Fé a exercitar este officio, sabemos que disse: Ide e ensinai a todas as gentes. A todas disse indifferentemente, por que todas são capazes de receber a doutrina de nossa Fé. Vendo isto e invejando-o o commum inimigo da geração humana, que sempre se oppõe ás bôas obras para que pereçam, inventou um modo nunca dantes ouvido para estorvar que a palavra de Deus não se pregasse ás gentes nem ellas se salvassem. Para isso moveu alguns ministros seus, que desejosos de satisfazer as suas cobiças presumem affirmar a cada passo que os Indios das partes occidentaes e os do Meio-Dia e as mais gentes que nestes nossos tempos têm chegado a nossa noticia, hão de ser tratados e reduzidos a nosso serviço como animaes brutos, a titulo de que são inhabeis para a Fé Catholica; e socapa de que são incapazes de recebel-a os põem em dura servidão e os affligem e opprimem tanto que ainda a servidão em que tem suas bestas, apenas é tão grande como aquella com que affligem esta gente. Nos outros, pois, que ainda que indignos temos as vezes de Deus na terra e procuramos com todas as forças achar suas ovelhas que andam perdidas fora do seu rebanho, para reduzil-os a elle, pois este é o nosso officio, conhecendo que aquelles mesmos Indios como verdadeiros homens, não sómente são capazes da Fé de Christo, sinão que acodem a ella, correndo com grandissima promptidão, segundo nos consta: e querendo prover nestas cousas de remedio conveniente, com Autoridade Apostolica, pelo teor da presente determinamos e declaramos que os ditos Indios e todas as mais gentes que daqui em diante vierem á noticia dos Christãos, ainda que estejam fóra da Fé de Christo não estão privados nem devem sel-o de sua liberdade, nem do dominio dos seus

se bem que não faltem alguns toscos lavores, praticados na pedra, a respeito dos quaes nenhuns estudos serios se tem feito K). Nada mais natural do que acreditar que, por varias partes, o chamado novo-continente não deixou de ter tido communicação com o antigo ; já depois de primitivamente povoado por gentes da mesma raça mongolia do oriente da Asia, quer antes de se haverem separado os dois continentes pelo estreito de Behring, quer passando os povos este exiguo estreito no tempo dos gêlos, no que ainda hoje não encontram difficuldade.

Todas as inducções porém que offerecemos em um trabalho especial [19]) nos levam a acreditar que os Tupis procediam, como os Guanches das Canarias, de povos navegadores do Mediterraneo, que aqui haviam aportado. Com as Canarias deve até haver sido frequente a navegação desde o Norte d'Africa, visto que está hoje provado que a lingua dos Guanches tinha muito de berberesca e egypcio-antigo. E entretanto essa navegação, provavelmente em virtude de frequentes invasões e *barbarisações* dos povos de uma ou outra parte, ou de ambas, se havia quasi perdido ; e as ditas ilhas tiveram de ser de novo descobertas; facto que se repetiu depois com a Groenlandia, cuja navegação, que existira com o Norte da Europa, chegara a interromper-se.

Os principaes caracteristicos que nos podem indicar a epoca das relações dessas ilhas com navegadores do Mediterraneo, são : 1.º A falta completa do ferro, e o uso de machados e mais instrumentos de pedra polida, analogos aos que ainda na

---

bens e não devem ser reduzidos a servidão, declarando que os ditos Indios e as demais gentes hão de ser attrahidas e convidadas á dita Fé de Christo com a pregação da palavra divina e com o exemplo de bôa vida. E tudo o que em contrario desta determinação se fizer, seja em si de nem um valor, nem firmeza; não obstante quaesquer cousas em contrario, nem as sobreditas, nem outras em qualquer maneira. Dada em Roma, anno de 1537 aos 9 de Junho (*quarto nonas Junii*) no anno terceiro do nosso Pontificado.

K) Algumas das inscripções encontradas em pedras foram reproduzidas por Alencar Araripe na Rev. do Inst. Hist. p. 1.ª p. 213 á 295, Rio, 1887 n'um artigo sob o titulo *Cidades petrificadas e inscripções lapidares no Brasil.*

19) « *L'origine touranienne des Américaines Tupis-Caribes et des anciens Egyptiens indiquée par la Philologie comparée* », etc., Vienne, 1876.

Europa se encontram nas escavações; 2.º O desconhecimento de moedas cunhadas, para o trato reciproco; 3.º O pintarem-se e riscarem-se os habitantes o corpo de vermelho e outras cores; 4.º O conhecimento da ceramica.

Todos esses caracteristicos eram identicos na America; e não só esses, que consideramos em separado por attenção á chronologia, como os seguintes; 1.º Os cantares monotonos tristes, e as danças em circulo, em uma fila; 2.º As festas *guatativas* ou bacchanaes; 3.º As idéas de fatalismo e desprezo da morte, a resignação e impassibilidade apparente no soffrimento e o valor para se mutilarem a si proprios; 4.º As industrias nas esteiras, redes, cestos e anzoes de espinhas e de osso; 5.º O uso de fisgar o peixe com dardos, e das *ostreiras* ou montões de ostras e cascas dos mariscos, que deixavam nas praias, nas epocas do anno em que os apanhavam; 6.º O da farinha feita de raiz do feto canario (Pteris aquilina), cuja idéa não deixa de ter analogia com a da yuca ou mandioca; 7.º O de dar gritos e urros, como os antigos, nos ataques, sempre intentados por surpreza e em ciladas; 8.º O das mumias postadas de cócaras.

Provada a existencia de antigas relações quasi historicas entre povos do Mediterraneo e as Canarias, ilhas de que até Ptolomeu e Plinio fazem menção, nomeando varias dellas, nada mais natural do que conceber, naquelles tempos de atrazo da navegação, frequentes esgarramentos de alguns barcos, que fossem parar, uns nas costas do Mexico, outros nas do Yucatan e Centro-America, e finalmente outros nas do Brazil e Antilhas. Destes ultimos, bons navegadores, conhecendo já o uso do arco e da frecha, o fabrico das bebidas fermentadas e dos venenos, a arte ceramica, certa agricultura, os instrumentos de pedra polida, e o uso do fogo para varios misteres, provieram os nossos *Tupis*, «os da primordial geração», segundo a significação desta palavra, conforme provámos.

O facto de se chamarem tambem *Caribs* ou *Carys*, de se denominarem *Caryyós* (Carioes escreve o chronista Herrera) os que se achavam na vanguarda da emigração, no sul do Brazil,

e de designarem, como honra, com esse nome, aos Europeos que depois aqui aportavam como amigos, (donde proveio *Caryoca*) nos deu as suspeitas de que os primitivos immigrantes teriam este nome. E hoje temos quasi a convicção de que houve effectivamente para o Brazil uma grande emigração dos proprios Carios da Asia Menor, effectuada talvez depois da queda de Troia. Havendo elles estado, nesta guerra tremenda de dez annos entre a Europa e a Asia, contra os Gregos, e havendo ficado victoriosos os Gregos e senhores dos mares, é mais que possivel que os mesmos Carios nem nas suas colonias ao Oeste de Africa se julgassem ao abrigo das crueldades que nesses tempos se praticavam com os prisioneiros de guerra, e que não se reduziam só á escravidão, mas ao sacrificio de muitos e á amputação das mãos e do proprio phallus. Sendo assim por ventura preferiam confiar-se a esse elemento que lhes era tão familiar, e se lançaram ao oceano á aventura... A fórma das canoas de guerra dos Tupis, semelhantes ás antigas pentecontores, o uso das outras canoas de *periperis*, analogas, como dissemos, ás de papyros dos Egypcios, as pequenas canoinhas *ubás*, nome que tambem se encontrava no egypcio, sob a fórma de *báa* e *uáa*, o uso do maracá, antigo *sistrum*, as superstições por uma ave nocturna, o serem curandeiros os sacerdotes, o uso da circumcisão, que hoje temos averiguado que havia chegado até aos proprios Guaranis do Paraguay, e finalmente certa semelhança entre o tupi e o egypcio antigo, não só nas fórmas grammaticaes, como especialmente em um grande numero de palavras (ás vezes até identicas), e significando objectos de uma natureza primitiva e não susceptiveis de soffrer a concorrencia de synonimos, taes como os com que designavam o sol, o fogo, a terra, o campo, a argila, o ouro (nas Antilhas), a agua, o caminho, o cão, a formiga, a arvore, a folha, o espinho, a frecha, e outros, fazem-nos crer que eram de raça aparentada com os Egypcios os ascendentes dos nossos Tupis. Muitos verbos tem tambem significação identica. Semelhantes eram os nomes para designar pae e chefe (em tupi *cháb*); a palavra *taî* nas duas linguas designava « filho », só

ua accepção de «gerado»; e finalmente encontramos até que um adverbio de tres syllabas, (em tupi *tequenó*, em egypcio *tekennu*) tinha a mesma significação de «eis aqui». — Por estas analogias e porventura outras que novos estudos farão apparecer em maior numero, inclinamo-nos a concluir que, em todo caso, os Tupis descenderiam de um povo do antigo Continente aparentado com os antigos Egypcios. Que os Carios não eram gregos, sabemol-o por um verso da Ilíada, dando á lingua o epitheto de barbara, o que é confirmado pelo testemunho de Strabo, quando assegura que os mesmos Carios haviam introduzido na propria lingua muitos vocabulos gregos; sendo admiravel que tambem alguns se diria terem passado ao tupi, onde parecem proceder do grego as palavras *catú*, bom, *cunhã*, mulher, *oca*, habitação. De origem grega parecem tambem os *areitos*, ou cantos heroicos dos Caribes, e *cudinos* de officio analogo aos *Κλεινός* dos Cretenses a cujo serviço haviam estado algum dia os Carios.

E' mui possivel que o foco, neste continente, desta grande nação, que chamaremos indistinctamente *Tupy* ou *Carib*, fosse nos densos matos das margens do Amazonas; e que nas aguas deste poderoso rio e dos seus braços até as do Orinoco (que todas se communicam) se conservasse como navegadora. A população em maior numero, que ainda os primeiros viajantes dão, sobretudo ao territorio tão cortado de canaes junto do Amazonas, desde o Japurá até o rio Negro, deixa algumas apprehensões para crer-se que d'ahi partiram para quasi todo o continente meridional os conquistadores, trazendo comsigo não só a dita navegação, como a industria da mandioca, a da cultura do milho, e a das sementeiras de feijão e aboboras gerimús; isto é, uma primitiva agricultura, além de varios instrumentos de pedra polida e de barro cozido, herdados de seus antepassados que haviam passado a este continente.

Para se manterem navegadores, tiveram em seu favor as mesmas cheias do grande rio, que lhes conduzia boiando, desde as cordilheiras do Perú [20]), e lhes depunha nas praias (que lhes

[20]) G. Soares, p. II, cap. 183. Acuña, n. 38.

serviam de estaleiros) grandes cedros; de modo que nem tinham que cortal-os, nem que transportal-os. A conquista, que effectuaram, de toda a costa do Brazil, a deveram seguramente, como levamos dito, á superioridade da sua marinha, ou canoas de guerra [21]), de que não faziam uso os Barbaros que anteriormente aqui residiam; — embora haja quem sustente que a navegação precedeu ao trato por terra, que os rios foram as primeiras vias de communicação dos povos não civilisados, e que a canoa existiu antes da rede ou serpentina, e o navio antes do carro. A proposição pode ser verdadeira para povos ribeirinhos de aguas navegaveis, mas porventura arriscar-se-iam logo á navegação, ao ver aguas, os barbaros oriundos de páramos seccos? Os Aimorés de que ao adiante trataremos nos decidirão pela negativa.

Em todo o caso, para nós, não cabe a minima duvida que os Caribs ou Tupis [22]), haviam, com inauditas crueldades, invadido uma grande parte do lado oriental deste continente, cujos

---

[21]) «Todos los que viven á las orillas de este grau rio (Amazonas) están poblados en grandes poblaciones y como venecianos y mejicanos: todo su trato es por agua», etc. Acuña, n. 38 — «Andan derramados (los Guarauis) por esta tierra (la Plata), y por otras muchas, como cosarios, á causa de ser enemigos de todas estotras naciones» etc. — Ramirez, — Carta em 1528, XV, 27, da *Rev. do Inst.*

[22]) « Falsos, covardes, traidores...» «aleivosos, mentirosos »... nenhuma caridade... «pouca vergonha, muita malicia e vaidade»; diz Mauricio de Heriarte. Não lhes foi mais favoravel Villegaignon (*Rev. do Inst.* II, 198); e menos o P. Juan Patricio Fernandez, referindo-se aos Chiriguanás e aos Chiquitos (p. 9 e 426). «Son gente mui traidora; todo lo que hacen es contraicion» Luiz Ramirez, Carta de 10 de Julho de 1528, *Rev. do Inst.* XV. 27. Vargas que tanto os conhecia, diz: «Es gente sin honra (f. 132 v)... sin género de virtud, cuando no tiene miedo y cuando lo tiene es gente humilda para todo». (Fol. 110)—«São viciosos ou inconstantes em toda a extensão da palavra... muito escassos e muito ingratos, inconstantes, desleaes e invejosos... contaminados de vicios... desmanchados e indolentes. «*Viag. e Obs. de um Brasileiro*», pag. 29.

«Sincero e fiel á amizade «attributo muito raro nesta qualidade de gente». — Mem. sobre o campo de Palmas do Sr. Bandeira, na *Rev. do Inst.* XIV, 436.

anteriores habitantes, bem que em maior atrazo, eram, em geral, mansos e timoratos. A seu turno devia chegar-lhes o dia da expiação. Veio a trazel-o o descobrimento e colonisação, effectuados pela Europa christã.

« Daqui se pode ver o cabedal que se deve fazer das palavras dos Indios do Brasil». Moreno, *Jorn. do Maranhão*, em Almeida, *Memorias*, II, 182.

« Mui varios e mudaveis... assim em nada tem constancia nem firmeza: são muito falsos, inclinados a enganos e aleives», O jesuita Jeronymo Machado: Summario das armadas na *Rev. do Inst. Hist.* p. 10, Rio, 1878.

« Segundo aquelles que nos dão as noticias que as suas peregrinações lhes tem ensinado, todos os indios são propensos a mentir, são inconstantes e por isso facilmente passam a rebeldes. » (Baena, *Rev. do Inst.* V. 270).

SECÇÃO V

(I. e parte da II. da 1. edição.)

DESCOBRIMENTO DA AMERICA E DO BRAZIL

Raymundo Lull. D. João I. Ceuta. O infante D. Henrique. Os Reis Catholicos. Os Malhorquinos. Circumnavegação d'Africa. Circumnavegação da Europa. Descobrimentos a Loeste. Fernão Telles e Ulmo. Plano de Toscanelli. E' realisado pela perseverança de Colombo. Seus estudos. Obra d'Ailly. Descobrimento da America. Indias Occidentaes. Opinião de Strabo. Bulla Pontificia. Justas queixas de Portugal. Convenção de Tordesilhas. Pouca precisão na redacção. Consequencia. Meridiano. Direitos de Portugal a colonisar o Brazil. Cabral. Vista de terra. Monte Paschoal. Pero Vaz de Caminha. Porto Seguro. Seus habitantes. Nome da ilha da Vera-Cruz. Vasco da Gama. Mestre João. Pouca importancia dada ao Brazil. Descobrimento da costa do Norte. Delta do Assú. Maranhão e Amazonas. Hojeda e Vespucci. Cabos de Consolacion e de Rostro Hermoso e Pinzon. Lepe. Opiniões de Martyr e de Enciso.

Os interesses do commercio, mais que a curiosidade natural ao homem, e que a sede das conquistas, tem sido em geral a causa da facilidade do trato e communicação dos individuos da especie humana entre si. Foi ao da especiaria do Oriente que originariamente se deveu o grande acontecimento que denominamos *Descobrimento do Novo-Continente*.

Quando a Grecia, herdeira da antiga civilisação fenicia, babylonica e egypcia, era o foco da illustração da parte occidental e central do chamado Antigo Continente, e levava o seu commercio e semeava as suas colonias desde as costas do Bósforo até os portos do Atlantico, anciava ella por ver-se directamente em contacto com a Asia meridional e oriental, até que, com o poder das armas, lhe satisfez, em parte, essa anciedade o grande Alexandre.

Ambas as civilisações, grega e asiatica, começaram depois a auxiliar-se e a assimillar-se pelas propagandas religiosas do islamismo e das cruzadas. Peregrinos das duas religiões narravam o que observavam, e um dos que publicou observações mais profundas, e que deviam algum dia ter maior influencia na historia da humanidade, foi o beato malhorquino Raymundo Lull A).

Lull ou Lullio, como vulgarmente o appellidam, talvez o sabio mais encyclopedico da idade media [1]), depois de haver corrido grande parte do mundo, segundo elle ingenuamente diz, escreveu em principios do seculo XIV (1305) um livro intitulado *De fine* [2]), no qual lembrou a conveniencia de acabarem os Christãos com o improficuo systema das cruzadas maritimas, com que nunca ficariam por uma vez senhores da Terra-Santa; e propoz para aggredir os Musulmanos um plano mais razoavel.

Consistia em ir rechassando passo a passo os infieis das terras por onde se avisinhavam da christandade, obrigando-os assim a abandonarem todas as conquistas feitas áquem da Arabia, e a retrocederem pelo mesmo caminho por que tinham avançado victoriosos. Insistia se começasse a nova cruzada terrestre pela conquista de Granada, sendo depois a guerra trausferida a Ceuta, e dahi por toda a Africa septentrional até o Egypto, paiz que se devia tratar desde logo de empobrecer por meio de um aturado bloqueio, que desviasse para outra parte o commercio da especiaria do Oriente; o qual os Catalães e Genovezes, que frequentavam Alexandria, se veriam obrigados a fazer de outro

A) Raimon Lull nasceu em Palma, cerca de 1235, aprendeu a lingua arabe, fundou uma escola de freires menores que deviam empregar-se em estudal-a, teve diversas visões, viajou por terras da Europa, Africa e Asia, e entregou-se á alchimia e á conversão dos infieis. Com o seu nome existem 486 obras, muitas das quaes apocryphas ou ineditas. O *Doctor illuminatus*, como o chamavam, morreu apedrejado em Bugia no anno 1315.

1) Navarrete, *Hist. de la Nautica*, p. 47 e seg.

2) Deste livro *De Fine* se fez uma edição em Malhorca em 1665. Do mesmo livro trata tambem Nic. Antonio, *Bib. Vetus*, tom. II, pag. 132, liv. 9, cap. 3, § 126).

modo, indo inclusivamente em pessoa, dizia elle, a "Bagdad e á propria India". As obras de Lull adquiriram nome e fama, e até certa popularidade, no Sul da Europa, muitos annos depois; e o dito projecto nellas contido só foi estudado e seguido d'ahi a um seculo, de maneira que pareceu então nascer de novo.

D. João I de Portugal, desejoso de estender mais o seu pequeno reino por meio de conquista sobre os infieis, passou a desalojal-os de Ceuta; e os seus herdeiros proseguiram depois nesse grande pensamento, apoderando-se de outras terras dos Algarves d'Africa.

O infante D. Henrique, filho d'aquelle rei, propoz-se a diminuir a riqueza e por consequencia a importancia do Egypto, bloqueando-lhe o seu rendoso commercio da especiaria, não do lado do Mediterraneo, mas, com muito maior ousadia, pelos mares do Oriente, que tratou de buscar, emprehendendo chegar á India por meio da circumnavegação d'Africa.

Mais tarde os reis catholicos, por instincto de conservação, tiveram tambem que realisar a idéa da expulsão total dos infieis, não só do territorio hispano, como de toda a Africa septentrional, até os Santos Logares [3]), idéa que um homem, pela luz do seu genio, havia concebido quasi dois seculos antes. Tanto é certo, ainda que ao mesmo tempo lastimoso, pela pequenhez nossa, que, na historia do progresso do espirito humano, as idéas mais fecundas necessitam de muito tempo para germinarem e fructificarem.

No fim porém do seculo XV o pensamento de Lull estava tão aceito, e a politica de perseguir os Musulmanos a ferro e fogo se havia por tal forma encarnado nos dois reinos da Hespanha, que, se os descobrimentos e conquistas no Oriente e no Occidente se não mettem de permeio, pode ser que ambos esses reinos (acaso reunidos por alguma combinação como a que naquelles tempos se mallogrou) tivessem invadido toda a costa africana do Mediterraneo,

---

[3]) Podem consultar-se as negociações que a tal respeito tiveram lugar entre Portugal e Castella, dirigidas pelo astuto cardeal Cisneros. Torre do Tombo, C. C. I, 5, 90 e 91, e Santarém, *Quad. El.*, vol. 15, p. 7 a 9.

e conquistado pelo menos tudo até o Egypto e Arabia Feliz; se é que taes guerras não produzissem algum novo Alexandre ibéro, que victorioso penetrasse por terra, como o macedonico, até o Ganges; — ou até os confins da Asia, cujas riquezas a Europa agora conhecia melhor.

Nem nos admire que fosse originariamente devido aos escriptos de Lull o pensamento da conquista dos Algarves d'Africa, e do desvio do Egypto do commercio da especiaria; quando sabemos que as obras desse distincto escriptor são ainda hoje lidas em Malhorca, ilha que desde o seculo XIII se tornara «o foco dos conhecimentos scientificos na difficil arte do navegador», a ponto que os seus nautas, juntos talvez aos Catalães, haviam já montado os promontorios Nam e Bojador, antes que o emprehendessem os de Sagres [4]), cujo preceptor primeiro foi a nosso ver outro malhorquino, mestre Jacome, «homem mui docto na arte do navegar, que fazia cartas e instrumentos B)», e que não deixaria de transmittir ao proprio infante D. Henrique as idéas de Lull, com as quaes estaria familiarisado, como todos os seus patricios. Assim o trafico da especiaria veiu a estimular os Portuguezes a emprehender a circumnavegação d'Africa, como o do ambar havia, milhares de annos antes, estimulado os Fenicios á circumnavegação da Europa, desde os confins do Mediterraneo até o Baltico.

---

[4]) Humboldt, *Ex. Crit.*, I. 283, 284 e 288.

B) D. Michel Bonet publicou recentemente documentos sobre um judeu catalão chamado Jaffuda Cresques, que depois de baptisado tomou o nome Jacome ou Jacob Ribes.

Teve uma hospedaria no bairro de Mayorca e distinguiu-se como cartographo em Barcellona. E' possivel, mas não certo, que seja este o mesmo mestre Jacome, de que falla João de Barros na *Asia*, Dec. I, l. I, c. 16. V. Ruge, n. 349 do *Litteraturbericht* do *Pet. Mitt.* para 1899. Duarte Pacheco Pereira no seu *Esmeraldo*, composto cerca de 1506, assim escreve: isso mesmo mandou (D. Henrique) a ilha de Malhorca por um mestre Jacome, mestre de cartas de marear, na qual ilha primeiramente se fizerom as ditas cartas, e com muitas dadivas e mercês ho ouve nestes Reynos, ho qual as ensinou a fazer aquelles de que os que em nosso tempo vivem aprenderam. *Esmeraldo de situ orbis*, 58. Lisboa, 1892.

Empresa porém tão ousada não podia ser obra de uma só geração. O infante D. Henrique morreu antes de ver realisados os seus planos; mas com elle não morreu o ardor de os levar avante. Descobertas e colonisadas por Portugal as ilhas dos Açores, obteve Fernão Telles, senhor das mais occidentaes dellas, em 28 de Janeiro de 1473 [5]), uma doação do rei D. Affonso 5º, neto do mencionado D. João 1º, concedendo-lhe quaesquer ilhas despovoadas que encontrasse no Atlantico C). E pedindo o mesmo Fernão Telles igualmente a doação da *ilha das Sete Cidades*, ordenou o mesmo rei ao conego da sé de Lisboa, Fernão Martins, (seu grande valido e que veiu até a acompanhal-o na viagem á França), que consultasse a tal respeito a opinião do celebre mathematico e cosmographo florentino Paolo Toscanelli. Respondeu este, em 25 de Junho desse mesmo anno de 1474, que já por vezes havia sustentado a doutrina de que, seguindo-se pelo Atlantico em direitura ao Poente, se chegaria á India por um caminho mais directo e mais curto: que esta asserção se podia fazer bem sensivel, tendo uma poma ou pequeno globo á vista; mas que, em todo caso, lhe remettia um mappa ou carta, como as de marear, por elle desenhada, na qual havia marcado todo *Poente* (incluindo a Irlanda), designando nella o paiz da especiaria, e accrescenta: «Nem vos admire que chame *Poente* ao paiz da especiaria, que commummente se diz nascer no Levante; porque os que navegarem sem cessar para o Poente acharão por essa banda os referidos logares.» Conclue informando que, desde a *ilha das Sete-Cidades* ou *Antilha* a Cipango, havia só a distancia de dez espaços,— no que por certo se illudia.

---

[5]) Todos os documentos que aqui citamos acham-se reproduzidos integralmente no nosso trabalho «*La verdadera Guanahani*», *An. de la Univ. de Chile*, an. 1861.

C) Reimpressa em *Alguns documentos da Torre do Tombo*, 38, Lis. 1892. A relação entre o pedido de Fernão Telles e a correspondencia de Fernão Martins com Toscanelli, comquanto provavel, não passa de inferencia do autor.

O recebimento destas informações daria provavelmente logar a que Fernão Telles, então governador e mordomo da princeza filha d'elrei, obtivesse, em 10 de Novembro do anno seguinte D), uma nova concessão, ampliando a anterior a quaesquer ilhas despovoadas, incluindo a das Sete-Cidades, por cuidar o mesmo Fernão Telles que «de serem achadas podiam vir grandes proveitos aos seus reynos».

Não havendo resultado fructo algum dessas concessões, ao cabo de perto de nove annos apresentou-se ao rei D. João 2º, successor do dito Affonso 5º, um Fernão Domingues do Arco, da ilha da Madeira, pedindo a doação de uma ilha que julgava haver divisado ao Oeste, a qual lhe foi concedida em 30 de Junho de 1484 E).

Não se haviam ainda passado dois annos, quando acudiu ao mesmo rei, em Santarém, o povoador e capitão da ilha Terceira, Fernão d'Ulmo, pedindo e obtendo (em 3 de Março de 1486) a doação de uma grande ilha ou *terra firme*, que se propunha descobrir por sua conta F). Afim de contar com mais recursos para a empreza, este novo concessionario se associou com João Affonso do Estreito, morador no Funchal; e ambos chegaram a emprehender a viagem, sem resultado algum, por falta de perseverança. Esses resultados havia Deus reservado conceder ao insigne genovez Christovam Colombo, o qual no modo como resistiu, com a coragem da convicção, aos obstaculos que se lhe levantaram, e aos muitos desdens com que foram escutados os seus projectos, nos deixou a prova do seu genio.

Esses projectos levou elle á presença do mesmo rei D. João 2º, o qual se dignou responder-lhe, convidando-o, com um salvo-conducto, do proprio punho, para vir a sua presença, em

---

D) Reimpresso em *Alguns documentos*, 41

E) Reimpresso em *Alguns documentos*, 56

F) *Alguns documentos* 58/63. Fernão d'Ulmo é certamente o mesmo Fernão Dolino que incorrectamente mencionam alguns autores estrangeiros.

data de 20 de Março de 1488. Havia Colombo feito anteriormente várias viagens, algumas dellas em navios portuguezes, e não contente com o instruir-se praticamente na arte da navegação, lia, ácerca dos ramos concernentes a ella, as obras antigas e modernas propagadas pela imprensa, e as commentava á margem, com observações de sua lettra, depois de as estudar e de sobre ellas meditar. Na bibliotheca chamada *Colombina*, da cathedral de Sevilha, se guarda ainda hoje um desses impressos monumentaes; e a sua presença quasi nos faz remontar o espirito a admirar o grande Genovez concebendo a idéa do seu feito. E' o livro um exemplar da obra *Imago Mundi* de um antigo bispo de Cambray, o cardeal Petrus Alliacus (Pierre d'Ailly), compilada de varios autores antigos e daquella idade. Codice veneravel, que por assim dizer foi o cathecismo onde o nauta ousado adquiriu talvez a maior parte dos seus conhecimentos cosmologicos, os quaes acaso não houvera chegado a possuir sem a propagação, pela imprensa, da dita *Imago Mundi*, em principios da ultima quadra do decimo quinto seculo. Além disso tinha tambem conhecimento da mencionada carta, escripta ao conego Martins pelo dito Toscanelli, pois que este cosmographo lhe mandára della cópia.

Não pertence a esta Historia relatar o modo como sendo as propostas e projectos do mesmo Colombo rejeitados em Portugal foram depois aceitos por Castella, a cujo serviço navegando com tres pequenas caravellas, com a proa no occidente, veiu encontrar a Guanahani [6]) e outras ilhas, das chamadas hoje

---

[6]) Em nossa opinião a *Mayaguana*, e não a *Watling*, nem a *Catt*, nem os *Turcos*, etc. No *Diario* do proprio Colombo, que nos foi transmittido por uma copia tirada por Las Casas, temos disso as provas. Os mappas posteriores, incluindo os de Juan de la Cosa, são de nem uma autoridade ao lado da do dito *Diario*, do qual se deduzem rasões, pouco menos que mathematicas, de como a primeira ilha visitada foi a *Mayaguana*. Veja-se, acompanhando a nova edição do dito *Diario*, a nossa memoria intitulada «*La Verdadera Guanahani de Colon*», nos *An. da Univ. de Chile*, t. 24, anno de 1864.

Antilhas, que tomou pela extrema oriental da Asia, na qual ainda se imaginava quando, mais tarde, abordou ao continente. E na errada persuasão de haver abicado ás costas da Asia, havendo chegado a ellas desde a Hespanha, sempre por mar, pelo rumo do Occidente, morreu o grande homem que verdadeiramente se pode dizer que consummou a obra começada por Alexandre de pôr em communicação reciproca o genero humano.

Deste modo tiveram noticia os geographos europeus de um continente antes a elles desconhecido; e os zelosos propagadores da fé christã encontraram novas ovelhas para aggregar ao rebanho commum.

Apressemo-nos porém a lembrar que esse mesmo continente pelo lado mais septentrional fôra visitado por Europeus G) da Irlanda e da Islandia, desde obra de quatro seculos; passando-se porém isso como um facto extraviado, sem importancia alguma, desconhecido do resto da Europa (que era quasi toda ella), e sem nem uma consequencia para a humanidade em geral, como teve o grande feito do audaz Ligurio, — a navegação de Colombo. Em virtude da grande autoridade deste homem extraordinario, que muitos julgaram como inspirado, começou-se a chamar India a toda região que se explorava da outra banda do Atlantico, e por conseguinte Indios aos seus habitantes indigenas. Quando, poucos annos depois, os Portuguezes chegaram por mar á *verdadeira India*, e, pelo exame dos ultimos confins della, conheceram que era a mesma a que os viajantes tinham chegado por terra, antes de existir aberta a circumnavegação d'Africa,

---

G) Que Irlandezes fizeram viagens para o N. e NO. não admitte duvida; duvidoso é que tenham chegado até a America. Zimmer (*Sitzungsberichte der K. preuss. Akademie der Wissenschaften*, 1891) rejeita a lenda de Madoc, e apenas admitte como provado que foram até Faroer e Islandia, donde se retiraram com a chegada dos Normandos pagãos. Já vimos que deve haver alguma relação entre estas viagens e o nome Brasil applicado a ilhas occidentaes. Tambem, segundo os trabalhos de Storm, os Normandos não passaram na America além da Nova Scotia, e depois de uma tentativa frustrada de colonisação, não recomeçaram. Ruge, *Geographisches Jahrbuch*, XVIII, 5/9, Gotha, 1895.

foi que todos reconheceram com maior evidencia o engano de Colombo ; e Castella, para não se dar por enganada, começou a chamar ás suas conquistas *Indias Occidentaes*.

Então se devia admirar a previsão ou o saber de Strabo, quando nos deixou escripto que no meio do Atlantico, distante da desembocadura do Mediterraneo H), bem poderiam jazer « um ou mais continentes, povoados de differentes raças humanas ».

Em verdade, quanto taes linhas se achavam em Strabo, não admira que os cosmographos mais entendidos não pudessem dar credito ás theorias de Colombo de estar a China, pelo lado do Atlantico, mais perto da Hespanha do que pelo lado do Oriente).

H) «Aristoteles foi appareutemente o primeiro a construir uma theoria geographica que envolvia a existencia da America e a presentir uma verdade cujo conhecimento teria sustado todos os planos de Colombo. Elle presentiu que o velho mundo ou *oikoumenê* era apenas um dos diversos continentes maiores ou menores que afloram do Oceano... Na linguagem commum, diz elle, fallamos de nosso mundo (*oikumenê*) como dividido em continentes e ilhas. Está errado. A *oikoumenê*, até onde nos é conhecida, é realmente uma ilha solteira, que demora no meio do Atlantico. Provavelmente ha outras *oikoumenai* semelhantes, algumas maiores que a nossa, algumas menores (*De mundo*, cap. 3. Comquanto condemnado agora como espurio, este tratado representa as opiniões da escola aristotelica original). Uma destas suppostas *oikoumenai* Aristoteles conjecturou que formava uma terra austral ou *oikoumenê* no hemispherio meridional, separada da Africa pelo mar; e assim o grande pai da Sciencia conjurou um vago phantasma geographico que assumiu varias fórmas até o tempo de Cook, que reduziu-o á certeza ha um seculo passado. Esta conjectura baseava-se finalmente na crença infundada que a *oikoumenê* conhecida fenecia algures ao Norte do Equador e que o Equador demorava todo no Oceano. Um grande continente ao Sul do Equador era um corollario natural da pluralidade de *oikoumenai*; e a crença numa disposição cosmica symetrica, que incluia uma *oikoumenê* debaixo de cada polo, sobreviveu até as explorações do infante D. Henrique de Portugal no seculo decimo quinto.

«Strabo, que era senhor de todos os factos e theorias geographicas do seu tempo, não devia desdenhar a conjectura memoravel de Aristoteles quanto á pluralidade de *oikoumenai*. Melhorou-a mesmo com intuição quasi prophetica. Além de uma terra austral, qual Aristoteles indicara, elle antecipou claramente o descobrimento de uma terra occidental, occupando as mesmas latitudes que a velha *oikoumenê*. «Talvez, diz, a mesma zona temperada possa conter duas ou mais oikoumenai. E' mesmo provavel que taes sejam

Admiremos no grande Genovez a sua fé e perseverança; mas não condemnemos, quando os não podemos chamar a defenderem-se, os cosmographos, que, com as razões que lhes dava a sua sciencia [7]), não acreditaram nas do mesmo Colombo, as quaes, segundo hoje sabemos, não eram de bastante peso, embora o exito da empreza désse a Castella, não a mesma terra para cuja descoberta empenhara a catholica rainha Isabel as suas proprias joias; mas uma verdadeira mina, que fez os sofregos de colher ouro della esquecerem-se do intento primitivo de quem a mostrou. — Fragilidade humana que, porque nisso ganhamos todos, chamamos sciencia o que não passou de ser um erro feliz!

Lisboa foi a primeira cidade da Europa onde pisou o heroe do Atlantico, apenas o seu feliz achado lhe acabava de grangear a gloria immortal. Logo os reis catholicos trataram de recorrer á Curia Romana, então arbitra suprema dos negocios entre os Principes Christãos, pedindo lhes confirmasse o direito de posse das terras que, a expensas de Castella, acabavam de ser patenteadas á christandade. Alexandre VI não hesitou um momento em conceder quanto lhe era pedido. As concessões estenderam-se a todas as terras e ilhas descobertas e por descobrir [8]), que ficassem a Loeste da linha meridiana, imaginada a cem leguas das ilhas dos Açores e das de Cabo-Verde [9]). Citemos só o facto, e abstenhamo-nos de censuras á falta de clareza da

---

no parallelo de Athenas ». Payne, *History of the new world called America* I, 21 e seguintes, Oxford, 1892. Cf. Kretschmer, *Die Entdeckung Amerikas*, Berlin, 1892.

[7] Nas obras de Aristoteles e de Seneca se encontra o pensamento de que o Atlantico se estendia desde que nelle desemboca o Mediterraneo até á India [Nota da 1ª edição. Sobre este assumpto vejam-se os livros de Payne e Kretschmer já citados].

[8] « Omnes insulas et terras firmas inventas et inveniendas, detectas et detegendas versus occidentem et meridiem ». Bul. Pont.; Nav. II, doc. 18; Munoz, pag. 158.

[9] ... « quæ linea distet á qualibet insularum quæ vulgariter nuncupantur de los Azores et Cabo-Verde centum leucis versus occidentem et meridiem ». Navarr. II, pag. 31.

linguagem da bulla ou bullas concessorias, que não vem a este logar, nem nos consente o respeito com que nos cumpre acatar esses documentos. Baste-nos saber que o rei de Portugal não podia deixar de resentir-se das concessões á Hespanha, que iam aggredir de frente e quasi annullar as identicas a ellas, que haviam feito ao seu reino, (como remuneração dos serviços prestados ao christianismo por alguns principes da dynastia d'Aviz), varios Pontifices, maximé Nicolau V e Calisto III [10]. Este ultimo declarara inherentes ao mestrado da ordem de Christo em Portugal a administração e padroado das terras adquiridas e por adquirir, desde o cabo Bojador até a India [11], e Xisto IV [12], confirmara ao rei D. João II, as bullas de seus predecessores.

Julgando assim o rei portuguez postergadas as suas doações, e revalidadas em beneficio de outrem, depois de tentar debalde fazer valer os seus direitos junto da Curia Romana e dos Reis Catholicos (aos quaes enviou expressamente dois agentes, que foram Pero Dias e o celebre chronista Ruy de Pina), assentou que o unico modo que lhe restava de decidir a questão era o de provar a sorte da guerra nos proprios mares das regiões descobertas. Aprestava-se para isso uma armada, cujo mando chegou a ser confiado ao valoroso Francisco d'Almeida [13], que poucos annos depois tão temido se fez na Asia, quando os reis catholicos, informados do que se estava passando á foz do Tejo [14], e desejosos de não crearem deste lado difficuldades,

---

10) A Bulla de Nicolau V é de 8 de Janeiro de 1454 e a de Calixto III de 13 de Março de 1455.—*Prov. da Hist. Gen.* , 46, *Alguns documentos da Torre do Tombo*, 14/22.

11) « Ultra illam meridionalem plagam, usque ad Indos adquisitis et acquerendis » etc. Manif. Leg: de D. Luiz Cerdeno §§ 15 e 16. [Esta obra de 94 folhas de folio, ainda que sem lugar nem anno de impressão, diz o autor em nota da 1ª edição, deve provavelmente ser de Madrid e de 1681. Pelo titulo completo, que se póde ler no *Catalogo da Exposição de historia*, vê-se que é de 1682.]

12) *Alguns documentos da Torre do Tombo*; *Prov. da Hist. Gen.* I, n. 29.

13) Barros, *Asia*, I, IV, 11.

14) Navarrete, II, *Docums.* 14, 46, 50 e 54.

quando tantos cuidados lhes davam então os negocios da Italia, mandaram a D. João II dois embaixadores, encarregados de encaminhar tudo por meios pacificos, embora viesse Castella a ceder uma parte do que lhe outorgára o Papa. Foram encarregados d'estas propostas de conciliação Garcia de Carvajal e Pedro d'Ayala, que desde logo alcançaram, com suas promessas, sobrestar todos os preparativos de guerra, compromettendo-se a novos ajustes. Houve talvez idéa de se reformar a bulla, ou de fazel-a *emendar*, segundo a expressão dos reis catholicos a Colombo I); porém vieram por fim as duas nações a entender-se, nomeando plenipotenciarios para uma convenção reguladora dos limites dos futuros dominios de uma e outra. Esta convenção foi effectivamente assignada em Tordesilhas em 7 de Junho de 1494 [15]), e a Curia Romana alcançou por este meio sair de apuro em que se via, sendo interpellada de haver feito uma doação de terras já por ella mesma doadas. O meridiano demarcador foi transportado muito para o Occidente. Assentou-se que passaria a trezentas e setenta leguas ao Poente do archipelago de Cabo-Verde; e não, como havia sido dito na bulla do anno anterior, a cem deste archipelago e do dos Açores, o qual fica, respectivamente ao primeiro, em longitude mais occidental. Infelizmente, ainda com designar para fixar a linha de demarcação todo o archipelago de Cabo-Verde, em vez de um ponto delle, não ficava rigorosamente determinada a mesma linha, e na convenção de Tordesilhas se deixavam germens de discordia que depois haviam de desenvolver-se, e promover questões de limites, das quaes nasceram outras, que ainda se não terminaram de todo. Isto apezar de haver-se estipulado que a demarcação effectiva tivesse logar dentro de dez mezes, e de haverem

---

I) A primitiva concessão foi de facto ampliada, não emendada, por bulla de 25 de Setembro, doando a Hespanha todas e quaesquer ilhas e terras firmes achadas e por achar, descobertas e por descobrir, e as que, navegando ou caminhando para o Occidente ou Meiodia, são ou forem apparecendo, ou estejam nas partes occidentaes ou meridionaes e orientaes da India.

[15]) Ratificada em Arévalo aos 2 de Julho, em Setubal aos 5 de Setembro desse anno.

sido depois indicados outros arbitrios [16]), e tambem apezar das promessas feitas pelas duas partes contratantes para que esta negociação de verdadeira concordia se não quebrantasse no futuro.

Sem prevenções de qualidade alguma, entendemos que, assim como a distancia de um continente a outro situado ao Poente, se deve rasoavelmente começar a contar desde a paragem mais occidental do primeiro, assim tambem, ao afastarmo-nos de um archipelago, as leguas devem começar a contar-se do ultimo ponto do mesmo archipelago; isto é, do mais proximo ao rumo que vamos seguindo. Nesta conformidade a linha imaginaria deveria passar 370 leguas para o Poente da ponta mais occidental da ilha de Santo Antão, que é tambem a mais occidental do archipelago [17]), vindo assim o meridiano de demarcação a cair um pouco a Loeste do Pará e da Laguna, na hypothese, pouco favoravel para o Brazil, de serem essas leguas das de deseseis e dois terços [18])

---

[16]) Navarr. *Hist. de la Naut.*, p. 121 a 123. — *Coll. de Viag.* tom. II. p. 103. T. Tombo, G. 10, 5, 4. — Bib. R. de Madrid, tom. VI da Coll. d'Ayala.

[17]) De igual opinião foram o geographo Enciso em 1519, e o filho de Colombo (D. Fernando), nas juntas de Badajoz em 1524.—(Navarr., t. IV, p. 363).

[18]) Na extensão das leguas, bem que não seja ella indicada no tratado, nenhuma duvida temos de que se deviam entender de 16 2/3 ao gráu equinocial, pois que isso era então convencional (vejam-se as cosmographias de Enciso 1519 e de Francisco Falero 1537), suppondo-se a circumferencia da terra de 6.000 leguas. Era nesta idéa que os antigos reduziam a 22° as 370 leguas. (Magalhães em Navarrete, t. IV, p. 188). Devendo, porém, as 370 leguas ser contadas no circulo da altura do ponto incoativo, hão de a elle reduzir-se; e estando a ponta do Tarrafal da ilha de Santo Antão em 17°5 de lat. N., achamos por meio da conhecida proporção de *coseno das taboas*, etc., que equivalem naquella altura a 23°,14'51", e que portanto a linha meridiana rigorosamente calculada viria

Cos.: 17°5 = 9.980, 4027

Lg. $16\frac{2}{3}$ = 1.2218314

Lg. 15,93 = 1) 1.2022341

37000 | 15,93
514 — 23° etc.
361

370.. | 15,93
514 — 23°14'51"
361
6
2116
7730
1358
6
8148
1830

a ser a que cortasse a ilha de Marajó desde 10'34" (ou proximamente tres leguas e meia maritimas) a Loeste do Pará, e viesse a passar do lado do

ao gráu, e não de quinze, como as contavam Colombo, Vespucci, e outros navegantes daquella época.

As terras pois que se encontrassem desse meridiano para Leste deveriam logo ser adjudicadas a Portugal; e neste caso, em virtude das anteriores bullas, tinham de ser administradas pela insigne ordem de Christo, da qual era grão-mestre, não já o infante D. Henrique, fallecido trinta e tres annos antes (em 1460), mas sim o duque de Viseu D. Manuel, seu primo, que depois herdou (em 1495) a corôa portugueza, reunindo em si a administração e padroado da dita ordem, e que, em tudo venturoso, recebêra em Tordesilhas um legado, que se póde dizer se continha em um testamento cujos sellos só em devido tempo se deveriam romper. Claro está que, desde que se entabolavam taes negociações em Tordesilhas, é porque se julgava mais que possivel a existencia de novas terras aquem da linha de demarcação, do lado do Sul; e portanto não póde ser conceituada de menos fundamentada a opinião de que, tres annos depois (em 1497), Vasco da Gama, percorrendo o Atlantico ao longo d'Africa, suspeitaria [19]) a existencia de terras a Oeste.

Sul 5'30'' (ou quasi duas leguas maritimas) para dentro do porto de Embituba no isthmo da Laguna, si acaso não anda nas *taboas* maritimas inexacto o computo das longitudes desses logares. Barros, (Decada 1°, livro 3°, cap. 11) engana-se na conta das leguas que suppõe trezentas e sessenta e tantas, como na dos gráus computando 21° pelos 23 e quasi um quarto.

Do calculo acima se póde conhecer que o verdadeiro dominio de Portugal do lado do Sul só se devia estender sobre a costa á altura de 28° 1/3 proximamente; visto que dahi para baixo ella sai da linha de demarcação. Isto explicará porque D. João III, apezar de pugnar pela prioridade do descobrimento do rio do Prata, esquecendo-se de que este descobrimento ainda que provado não lhe garantia direito a posse, não se atreveu a fazer passar dos limites que marcamos as datas de terras e doações. [Nota da 1ª edição. Veja-se: d'Avezac, *Considerations géographiques sur l'histoire du Brésil*; idem, *Les voyages d'Americ Vespuce au compte de l'Espagne*; Varnhagen, *Examen de quelques points de l'histoire géographique du Brésil* em que a questão foi novamente debatida, em resposta a d'Avezac. De grande valor sobre o assumpto é a profunda monographia de Harrisse, *The diplomatic history of America. Its first chapter*. London, 1897).

19) ... á direita
«Não ha certeza d'outra, mas suspeita.» Camões, *Lusiadas*.

Assim este legado, que abrangia grande parte das terras do actual Imperio do Brazil, ainda desconhecidas aos Europeus, veiu a pertencer a Portugal, não em virtude do chamado direito de conquista, ou descobrimento, equivalente ao de primeiro occupante; mas sim em virtude de um tratado solemne, feito com a nação que descobrira as *Indias Occidentaes*, e sanccionado pelo Summo Pontifice, que então, perante as potencias christãs da Europa, ainda não dissidentes por scismas ou heresias, e formando todas como uma especie de confederação, de que era chefe o mesmo Pontifice, tinha para as mesmas a fôrça e prestigio de um direito, a que ellas proprias se haviam sujeitado. Os que criticam a ingerencia da Santa Sé neste negocio esquecem-se de que não vivem no seculo em que ella teve logar.

Como e quando se inteirou Portugal da existencia do legado a que, com poucos annos de antecipação, dera herdeiro o tratado testamentario de Tordesilhas; como o descuidou a principio, e o beneficiou e aproveitou depois; e finalmente como, atravez de muitas vicissitudes (incluindo acomettimentos e guerras por parte de gentes das quatro nações, que além de Portugal mais se occuparam de colonias do seculo dezeseis para cá, isto é, da Hespanha, França, Inglaterra e Hollanda), veiu a surgir, na extensão de territorio que o mesmo legado abarcava, um novo Imperio a figurar no Orbe entre as nações civilisadas, regido por uma das primeiras dynastias de nossos tempos... tal é o assumpto da presente Historia.

Da existencia de uma grande terra, na extensão que lhe coubera em partilha em Tordesilhas, só teve Portugal conhecimento seis annos depois do tratado, em 1500. Proseguindo no empenho de encontrar a India, dobrando a extrema meridional da Africa, viu resolvido esse problema com a chegada de Vasco da Gama a Calecut, em 1498; com a qual se comprovou a possibilidade de cortar ao Egypto, pelos mares da India, o commercio da especiaria, dando-lhe outro rumo. Afim de assegurar

esse commercio em favor de Portugal, por meio do estabelecimento de algumas feitorias, partiu da foz do Tejo, aos 9 de Março de 1500, uma esquadra de treze embarcações, armadas algumas por negociantes particulares [20]), mas todas sujeitas á capitania mór de Pedr'Alvares Cabral, individuo de familia illustre, porém não afamado por feitos alguns anteriores. Nas instrucções escriptas que recebeu, e das quaes chegaram providencialmente a nossas mãos alguns fragmentos da maior importancia, foi-lhe recommendado [21]) que na altura de Guiné se afastasse quanto pudesse d'Africa, para evitar suas morosas e doentias calmas. Obediente a essas instrucções, que haviam sido redigidas pelas insinuações do Gama, Cabral se foi amarando d'Africa, e naturalmente ajudado a levar pelas correntes oceanas ou *pelagicas* J), quando se achava com mais de quarenta dias de viagem, ao 22 d'Abril, avistou a Loeste terra desconhecida. O que desta se apresentou primeiro distinctamente aos olhos curiosos da gente dessa armada, agora constante só de doze embarcações, por se haver desgarrado dias antes uma dellas, foi

---

[20]) Cremos que os nomes de sete destas embarcações que da India regressaram, nos são dados em um doc. (n. 300, m. 3 do arm. 26) que encontramos, sem data, no Interior da Casa da Coroa (na Torre do Tombo), e que só podemos attribuir a esta expedição. Eis esses nomes: náos Espirito-Santo, Santa-Cruz, Fror de la Mar, S. Pedro, Victoria e Espera, e galeão Trindade.

[21]) Veja-se o *fac-simile* da primeira folha do rascunho ou borrão dessas instrucções, por nós encontrada, e mandada gravar; offerecendo depois o original á Torre do Tombo, onde hoje se conserva. [O fac-simile publicado na 1ª e 2ª ed. da *Historia Geral* foi omittido nesta].

J) Tem sido objecto de discussão si o descobrimento do Brasil foi ou não devido ao acaso. Levantou esta questão primeiramente Joaquim Norberto de Sousa e Silva, que concluiu affirmativamente; responderam-lhe, concluindo pela negativa, Gonçalves Dias e Machado de Oliveira. Veja-se a *Revista Trimensal* do Instituto Historico XV e XVIII. No volume *Centenario do descobrimento da America*, publicado pela Academia de Sciencias de Lisboa, ha uma memoria de A. A. Baldaque da Silva, concluindo pela affirmativa. Pela mesma conclusão declararam-se Zeferino Candido no livro *Brazil*, publicado pelo Instituto Historico para commemorar o centenario; Oliveira Freitas na *Revista maritima brazileira*, e muitos outros. A questão, em summa, é ao mesmo tempo insoluvel e futil.

um alto monte, que, em attenção á festa da paschoa que se acabava de solemnisar a bordo, foi chamado *Paschoal*; nome que ainda conserva esse monte, mui conhecido dos mareantes, que o consideram entre as melhores balizas para a conhecença d'essa parte do litoral.

A esquadra approximou-se da costa no dia immediato. O Capitão-mór mandou um batel a terra; o qual, remando para uma praia em que havia gente, tentou communicar com ella. Mas baldados foram os esforços dos interpretes de linguas africanas e asiaticas, que iam no batel, para se fazerem entender. Assim, o primeiro trato com aquella gente se reduziu a algumas dadivas ou escambos feitos de parte a parte, e mediante as costumadas prevenções. Isto tinha lugar no dia 23 de Abril, cujo anniversario (em virtude da correcção gregoriana em 1582) se deve celebrar dez dias depois, isto é a 3 de Maio, conforme entre nós effectivamente se admitte.

Entendendo Cabral que lhe cumpria haver mais exacta informação da terra que tinha á vista, da qual se poderia aproveitar para fazer nova aguada, e porventura refrescar os navios com algumas provisões, decidiu exploral-a na manhã seguinte; começando desde logo por buscar uma enseada, em que a frota pudesse surgir com segurança. Encontrou-se esta, dez leguas mais ao Norte; e de tão bom abrigo que lhe foi então dado o nome, que ainda conserva, de *Porto Seguro* 22). Si a aragem, em vez de soprar do Sul, levando a armada para o Norte, vem deste lado e a leva para o Sul, grande risco houvera ella corrido entre os baixos e recifes dos Abrolhos, que começam justamente com os de Itacolomy logo ao Sul do Monte-Paschoal.

---

22) Cabral, quanto a nós, fundeou mais ao Sul, no porto entre a ponta Gorda e a foz do Burahem ou rio de Porto Seguro, abrigado da banda do mar por varias restingas, na mais secca das quaes se effectuaria o acto de posse. [Sobre este assumpto publicou o autor da *Historia Geral* uma memoria na *Revista do Instituto* de 1877. O assumpto foi depois discutido por Beaurepaire Rohan, Oliveira Catramby, Salvador Pires, Ignacio Joaquim da Fonceca, este favoravel, aquelles contrarios á opinião do Visconde de Porto Seguro. Com elle tambem não concordou quem escreve esta linha, em seu opusculo *O descobrimento do Brasil pelos Portuguezes*, Rio, 1900.]

Não seguiremos agora passo a passo as acções do Capitão-mór e dos mais da armada, nem as dos nesta occasião hospitaleiros habitadores desta terra, nos oito dias que se demoraram os navegantes, até seguir sua rota para o Oriente. Dispensa-nos dessa tarefa o minucioso chronista deste descobrimento, o ingenuo Pedro Vaz de Caminha, cuja narrativa epistolar [23]), dirigida ao proprio rei destas plagas virgens, tanto nos encanta. Não podemos porém deixar de transcrever aqui a sua narração do modo como o Capitão-mór tratou dois individuos da terra trazidos a bordo, como os mandou sentar no chão em uma alcatifa, á maneira dos Orientaes, e como finalmente os agazalhou, até que no dia seguinte os devolveu á terra, ricos de insignificantes presentes. Eis as expressões de Caminha:

« O Capitão, quando elles vieram, estava assentado em uma cadeira, com uma alcatifa aos pés por estrado, e bem vestido, com um collar de ouro mui grande ao pescoço, e Sancho de Toar, e Simão de Miranda, e Nicolau Coelho, e Ayres Corrêa, e nós outros, que aqui na nau com elle imos, assentados no chão por essa alcatifa. Acenderam tochas e entraram; e não fizeram nem uma menção de cortezia, nem de fallar ao Capitão, nem a ninguem. Pero um delles poz olho no collar do Capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o collar, como que nos dizia que havia em terra ouro. E tambem viu um castiçal de prata, e assim mesmo acenava para a terra e então para o castiçal, como que havia tambem prata. Mostraram-lhes um papagaio pardo, que aqui o Capitão traz, tomaram-no logo na mão, e acenaram para a terra, como que os havia ahi.

---

[23]) Guarda-se o original na Torre do Tombo, em Lisboa (Gav. VIII, 2, 8), escripto em sete folhas de papel florete. E' um documento digno de reproduzir-se por fac-simile.

[Tem sido publicado e traduzido em diversas linguas, como se póde ver nos artigos que Valle Cabral lhe consagrou em varios logares nos *Annaes* da Bibliotheca Nacional, especialmente XI, 483-489. As edições originaes são sete: 1ª, de Ayres de Casal em 1817, em sua *Chorographia*, no Rio de Janeiro; 2ª, em Lisboa em 1826, no t. IV da *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*; 3ª, por Varnhagen no Rio, em 1877 na *Rev. Inst. Hist.*; 4ª e 5ª, em Lisboa, nos volumes da Academia de Sciencias e da Torre do Tombo publicados em 1892 para celebrar o descobrimento da America; 6ª no *Livro do Centenario* Rio, 1900; 7ª na Bahia em 1900, reproducção fac-simile do texto, com duas transcripções, uma em portuguez da epoca, outra em portuguez actual].

Mostraram-lhes uma gallinha; quasi haviam medo della e não lhe quizeram pôr a mão; e depois a tomaram como espantados. Deram-lhes alli de comer pão e pescado cozido, confeitos, fárteis, mel e figos passados; não queriam comer daquillo quasi nada, e alguma cousa, si a provavam, lançavam-na logo fóra. Trouxeram-lhes vinho por uma taça; puzeram-lhes assim á bocca tam-a-lavez, e não gostaram delle nada, nem o quizeram mais. Trouxeram-lhes agua por uma albarrada; tomaram della senhos bocados, e não beberam; sómente lavaram as boccas e lançaram fóra. Viu um delles umas contas de rosario brancas; acenou que lhas dessem, e folgou muito com ellas, e lançou-as ao pescoço. E depois tirou-as e embrulhou-as no braço; e acenava para a terra, e então para as contas e para o collar do Capitão, como que dariam ouro por aquillo. Isto tomavamos nós assim pelo desejarmos, mas si elle queria dizer que levaria as contas e mais o collar, isso não queriamos nós entender; porque lh'o não haviamos de dar. E depois tornou as contas a quem lhas deu. E então estiraram-se assim de costas na alcatifa a dormir... O Capitão lhes mandou pôr ás suas cabeças senhos coxins..., e lançaram-lhes um manto em cima. E elles consentiram e jouveram e dormiram.»

Copiemos ainda do mesmo Caminha a seguinte pintura que faz dos habitantes:

« A feição delles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos, e bons narizes, bem feitos; andam nús, sem nem uma cobertura, nem estimam nem uma cousa cobrir, nem mostrar suas vergonhas; e estão ácerca disso com tanta innocencia como teem em mostrar o rosto; traziam ambos o beiço debaixo furado, e mettido por elle senhos ossos d'osso branco de compridão de uma mão travessa, e de grossura de um fuso dalgodão, e agudo na ponta, como furador. Mettem-nos pela parte de dentro do beiço, e o que lhe fica entre o beiço e os dentes é feito como roque d'enxadrez; e em tal maneira o trazem ali encaixado que lhes não dá paixão, nem lhes torva a fala, nem comer, nem beber. Os cabellos seus são corredios, e andavam tosquiados de trosquia alta, mais que de sobrepente, de boa grandura, e rapados até por cima das orelhas. E um delles trazia por baixo da sulapa, de fonte a fonte, para detrás, uma maneira de cabelleira de pennas d'ave amarellas, que seria de compridão de um conto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas; a qual andava pegada nos cabellos penna e penna com uma confeição branda como cêra, e não no era...»

«Andavam ali muitos delles ou quasi a maior parte, que todos traziam aquelles bicos de osso nos beiços, e alguns que andavam sem elles traziam os beiços furados... E alguns delles traziam tres daquelles bicos a saber, um na metade e os dois nos cabos. E andavam ahi outros quartejados de cores; a saber, delles ametade da sua propria cor, e ametade de tintura negra, maneira azulada, e outros quartejados de escaques. Ali andavam entre elles tres ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabellos mui pretos, compridos pelas espadoas...»

No dia 26 do mencionado Abril, que era domingo da Paschoela, foram todos os da armada assistir á missa que foi celebrada em um ilhéo ou restinga, que se acha á entrada do dito *Porto Seguro*. Presencearam a solemnidade, cheios de espanto (que alguns dos nossos tomaram por devoção), muitos filhos da terra que ali vieram. Tambem cumpre fazer menção de que, no 1°. de Maio seguinte e no meio da solemnidade de outra missa, se effectuou a cerimonia da toma de posse da nova região para a Corôa de Portugal, levantando-se num morro visinho uma grande cruz de madeira, com a divisa do venturoso rei D. Manuel.

Do alto desse morro se descobria o mar fenecendo no horizonte; e os que, c'o pensamento na patria, sobre a superficie das aguas estendiam saudosos os olhos, mal podiam imaginar a importancia e grandeza da terra, comprehendida dentro da demarcação ajustada em Tordesilhas, cuja existencia iam revelar ao mundo civilisado. E menos por certo imaginariam que nessa terra, dentro de algumas gerações, se havia de organisar uma nação mais rica e mais consideravel do que a mãe patria. Pelas informações que pareciam dar os naturaes, se julgou ser a terra uma ilha. — Nesta hypothese, Cabral a denominou *ilha da Vera-Crùz*; commemorando por este nome a festa que ia celebrar a Igreja K). O tempo veiu a descobrir quão pouco ha que fiar em informes dados por acenos, em que as mãos fazem o officio da lingua, e os olhos o dos ouvidos. Mais proximos da verdade estiveram os pilotos, arrumando em dezesete gráus de latitude austral o porto, que jaz effectivamente em deseseis gráus e meio escaços.

Assim o descobrimento casual desta região, que era verdadeiramente uma porção remota do proprio continente que mais ao Norte estava sendo visitado por Colombo e os mais capitães que na sua esteira successivamente navegaram de Castella, este descobrimento, dizemos, devido a causa que nada tinha que ver com as explorações de celebre Genovez, houvera agora feito

---

K) Mais provavelmente a cruz da ordem de Christo que trazia na bandeira entregue por el-rei D. Manuel. O nome foi dado a 26 de Abril.

conhecer esta quarta parte da terra ás tres, que antes umas ás outras se conheciam, se o discipulo de Toscanelli tivesse, por quaesquer tristes contrariedades, sido embargado, durante mais sete ou oito annos, na execução da sua empresa.

Desta forma a Vasco da Gama, que dirigiu o rumo dos pilotos de Cabral, é que se deve verdadeiramente o infeliz achamento desta terra, — achamento, que, se não se effectuára por esta primeira expedição que o seguiu, não poderia deixar de ter logar num dos annos immediatos, desde que a navegação da India se tornou frequente. Aberta uma vez aos navios europeos tal navegação, o cabo de Santo Agostinho, promontorio mui occidental desta região, não poderia subtrahir-se por muitos annos aos cruzadores da parte meridional do Atlantico; e o descobrimento desta terra maravilhosa houvera seguramente de realizar-se por qualquer outro capitão, durante o reinado do venturoso D. Manuel, que ainda viveu depois de elle ter logar mais de vinte annos. A epoca do descobrimento, a origem delle e o reinado em que teve logar, vieram a ser perpetuados até no proprio escudo do paiz descoberto, que ainda se gloria de ter por brazão a esphera armillar e a cruz floreteada da ordem de Christo, que eram a divisa daquelle soberano.

Cabral, de accordo com os outros capitães, despachou para Portugal uma caravella [24]) com a feliz noticia, comprovada por não poucas producções do paiz, distinguindo-se entre ellas algumas aráras vivas, e tambem varios vestuarios, armas e utensilios dos hospedes, que tão bem tratára; e ordenou que em terra ficassem dois criminosos condemnados a degredo, afim de irem aprendendo a nova lingua de que não havia interpretes; e no segundo dia de Maio fez-se de vela para o Oriente, com os onze navios que

---

[24]) Dizem varios escriptores que o commandante desta caravella se chamava Gaspar de Lemos. A um individuo deste nome era tempos depois (12 de ag. de 1531) mandada abonar uma tença de 400$ reis (C. Chr. II, 170, 45).

[Veja-se a tal respeito a memoria de Candido Mendes de Almeida na *Rev. Trim. do Inst.* XXXIX, parte 2ª, pag. 5 e seg. que, baseado em Gaspar Corrêa, conclue que André Gonçalves foi o commandante].

lhe restavam; alguns dos quaes triste fim vieram a ter dentro de pouco, antes de dobrarem o cabo da Boa-Esperança.

Os dois degradados ficaram na praia chorando a sua infeliz sorte, e acompanhando com os olhos as quilhas patrias até que ellas se haviam de todo sumido no horizonte. Acaso as saudades dos que até ali eram seus carcereiros cresciam com o receio daquelles desconhecidos a cuja mercê ficaram. A caravella, que regressou, talvez percorreria ainda para o Norte parte da costa, é porém certo que a nova que levou á Europa foi a do simples descobrimento de uma ilha, não de um continente.

Tambem nos consta que o aspecto e novidade das côres das grandes aráras, enviadas a Lisboa por Cabral, impressionaram ahi a alguns de tal modo que chegaram a designar com o nome de **Terra dos Papagaios** o novo descobrimento. E este nome, que se encontra em alguns mappas antigos, era até o empregado em sua correspondencia 25) pelo então agente em Lisboa da senhoria de Veneza, Lorenzo Cretico.

Não ha hoje noticia alguma da correspondencia que dirigiu á côrte Pedro Alvares Cabral 26), mas não é sensivel a sua falta, quando possuimos a veneravel carta, que já o leitor conhece, de Pero Vaz de Caminha; além de outra do castelhano mestre João L), que ia por cirurgião da armada, e tinha presumpções de astronomo. Em ambas estas cartas, datadas do primeiro de Maio, se chama á terra encontrada *ilha da Vera-Cruz*: e o nome de *ilha da Cruz* (sem *Vera*) consignava logo o governo no regimento dado a João da Nova, que com quatro caravellas, em parte de armadores (pois de uma dellas sabemos que era

---

25) Humboldt, *Ex. Crit.* V, p. 78.

26) Cabral vivia ainda em 1518, anno em que se lhe pagavam, de moradia 2.437 réis, por mez. [Segundo o Visconde de Sanches de Baena, *O descobridor do Br. Pedro Alvares Cabral*, Lisboa, 1897, Cabral morreu em 1528].

L) Publicada por Varnhagen em 1844 na *Rev. Trim. do Inst.*, reimpressa na primeira edição deste livro, I, 423. Outra edição acompanhada de facsimile no *Centenario do descobrimento da America* da Academia Real das Sciencias de Lisboa; nova no *Livro do Centenario*, Rio, 1900.

capitão Fernão Vinet, florentino, socio da casa de Bartholomeu Marchioni), e com a monção seguinte, ia mandado á India. E como ilha « mui util para refrescarem e fazerem a guarda suas armadas da India » dava o feliz monarcha conta do descobrimento aos reis catholicos, em uma carta que lhes escrevia [27]), depois de haver regressado de Calecut o mencionado Pedro Alvares Cabral.

Cumpre porém declarar que, antes que a fortuna deste chefe fizesse conhecer a Portugal a existencia de terra nestas paragens, já varios nautas castelhanos a haviam encontrado e costeado mais para o Norte. Com effeito: dez mezes antes, em fins de Junho de 1499, Alonso de Hojeda, navegando em companhia dos celebres pilotos Juan de la Cosa e Amerigo Vespucci [28]), se encontrara com terra, proximamente na latitude de cinco graus ao Sul da Equinocial; a qual terra era baixa, alagada e de varios esteiros e de braços de rios. Não póde ter sido outra sinão a do delta do Assú, na actual provincia do Rio Grande do Norte. Intentou Hojeda proseguir pela costa, no rumo de Lessueste; mas não lhe foi possivel vencer a força das correntes, e viu-se obrigado a seguir com estas na direcção de Noroeste; e, navegando ao largo foi sómente de novo aportar, segundo parece, em Cayena. No avistar terra junto á foz do Assú fôra o mesmo Hojeda protegido pela Providencia, de um modo analogo como depois o foi Cabral; pois si, durante a travessia do Atlantico, houvesse descaido um pouco menos para Loeste, poderia ter naufragado nos perigosos escolhos e baixios (Urcas e Lavadeiras), que por ali jazem, um pouco mais a Léste.

Sete mezes depois de haver Hojeda avistado a costa no delta do Assú, Vicente Yañez Pinzon, navegando com uma

27) Carta de D. Manuel, escripta aos reis catholicos, em 29 de Julho de 1501, achando-se em Cintra. Não em Santarém, conforme se lê no texto do documento imp. por Navarrete, t. III, pag. 94.

28) Veja a relação da 2ª viagem deste navegante, na sua grande epistola escripta a Pedro Soderini em 1504, e o nosso trabalho *Amerigo Vespucci*, etc., pag. 103.

flotilha de quatro caravellas, aproou a terra por essa banda, em 26 de Janeiro de 1500, junto a um cabo, que denominou de *Santa Maria de la Consolacion*, cabo que, por muitas razões, julgamos hoje ter sido a chamada ponta de Mocuripe, visinha ao porto da capital da provincia do Ceará, e não o de Santo Agostinho, como se chegou a acreditar. Desde esse cabo, proseguindo o mesmo Pinzon pela costa, no rumo de Oeste-quarta-a Noroeste, avistou outro cabo, a que deu o nome de *Rostro-Hermoso*; e o qual, em nossa opinião, não póde ter sido sinão a ponta de Jererécoára, ainda hoje notada, entre os praticos da costa, pela sua formosura e que, ao avistarmol-a por primeira vez de longe, da banda de Suéste (em 1861), se nos figurou como um vermelho bico de cysne mergulhando-se no oceano. Logo seguiu Pinzon ao Amazonas que denominou *Mar-Doce*, e depois foi navegando até o cabo de Orange; ao qual, com toda a probabilidade, chegou no dia 5 de Abril (1500), pelo que o denominou de S. Vicente, que era o orago desse dia, e ao mesmo tempo o santo do seu nome [29]).

Que o cabo primeiro descoberto por Pinzon não póde haver sido o de Santo Agostinho o passamos a provar com toda evidencia. Depuzeram judicialmente varios [30]) dos da tripolação que a mencionada flotilha, desde as ilhas de Cabo-Verde, tomou o rumo de Susudoeste, e qualquer nauta entendido sabe que, com tal rumo, nem um barco de vela iria ter ao cabo de Santo Agostinho. Demais: o proprio Pinzon declarou, que desde o primeiro cabo por elle descoberto, seguiu navegando pelo rumo de Loeste-quarta-a-Noroeste rumo em que, segundo sua affirmativa, corria ahi a costa [31]); o que não poderia ter logar partindo do cabo de Santo Agostinho, pois, logo um pouco para o Norte delle, a costa pende antes para Léste, e não para Loeste.

---

[29]) J. C. da Silva, *L'Oyapoc et l'Amazone*, §§ 2574 a 2582.

[30]) Colmenero, Ramirez e Valdovinos. Vej. Navarrete, Tom. III, pag. 547, 550 e 552.

[31]) « Que asi se corre la tierra ».

Além disso: contra uma tal interpretação, a favor do cabo de Santo Agostinho, militam não só a confrontação do numero de leguas nesta viagem navegadas pelo dito Pinzon, que officialmente [32]) foram computadas em seiscentas, como tambem o testemunho dos cartographos antigos Juan de la Cosa e Diogo Ribeiro. Aquelle no seu celebre mappa, feito no proprio anno de 1500, sitúa o «cabo descoberto por Pinzon» muito a Loeste da terra que ahi se diz «descoberta por Portugal» (Porto Seguro); e todos sabemos que o cabo de Santo Agostinho fica bastante a Léste dessa terra. E Diogo Ribeiro, em 1529, indicou o descobrimento de Pinzon para Loeste do cabo de S. Roque, e não para o Sul M).

Para a probabilidade de ser o *Rostro Hermoso* a ponta de Jererécoára, nos abonamos até com o roteiro de Pimentel, que diz ser este «um monte *formoso*»; e não menos com as palavras do roteiro do pratico Joaquim Duarte de Sousa Aguiar, quando diz: «O morro de Jararéquara bem conhecido pela sua fórma e belleza», etc. — Accresce que, a Léste de Jererécoára, o promontorio mais notavel que se apresenta é a ponta de Mocuripe, a qual tem até a seu favor a circumstancia de haver podido, nessa paragem, ser a terra vista pelos navegantes, para sua *consolação*, de maior distancia, graças ás visinhas serras de Maranguape, Pacatuba, Aratanha e Cahuhype, que se avistam do mar, desde quinze a vinte leguas.

Um mez, proximamente, depois de Pinzon, aportou tambem, por essa banda, com duas caravellas, ao parecer mais para o Poente de *Rostro Hermoso*, — o piloto Diego de Lepe. Travou peleja com os Indios, e perdeu na refrega dez dos da tripolação.

---

[32]) Navarrete, tom. III, pag. 82.

M) A opinião tradicional foi defendida pelo annotador desta edição em seu trabalho *Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no seculo XVI*, Rio, 1883.

Este Lepe, encontrado annos depois, pelos cruzeiros portuguezes, traficando na costa d'Africa, veio a morrer enforcado [33]).

Estas navegações de Castelhanos, ao longo da costa do Norte, não produziam nem um resultado de consequencia; e ás vezes até eram sonegadas, como succedeu á de Hojeda que o foi por elle proprio; ou mal interpretadas, como passou com Pinzon, que, alguns annos depois, julgava haver sido o cabo de Santo Agostinho o por elle descoberto. Entretanto é certo que das mesmas navegações resultou o terem sido os Castelhanos os primeiros a conhecer e a frequentar essa parte da costa, havendo sido não só, com toda a certeza, descobridores do *Mar-Doce* ou Amazonas, como tambem, mui provavelmente, do porto ainda hoje chamado de Maranhão; nome que não será facil averiguar se proveio, como disse Pedro Martyr [34]), do indigena adulterado [35]), ou se de qualquer feito notavel praticado nelle por algum dos da tripolação com esse appellido (Marañon), que já então existia em Hespanha; ou, finalmente, se foi dado por ironia contra algum fanfarrão, que contasse de rio maranhas e proezas dos demais não acreditadas N).

O que ora temos por sem duvida é que esse nome foi de principio dado ao proprio Maranhão de hoje; e que a este se referem com tal nome não só o mesmo Martyr e o geographo Enciso [36]), bem que este com engano na latitude (que sem duvida

---

[33]) Carta de Est. de Fróes, da ilha de S. Domingos.

[Publicada, com a assignatura errada de Fernão Froes, pelo annotador desta edição em *O Descobrimento do Brasil*, Rio, 1883.]

[34]) Epist. 532, de 18 de Dez. de 1513.

[35]) Meary? *Mârâ*, segundo Montoya (*Voc.*) quer dizer falta, e tambem calumnia; *Mârandeeguára*, estrangeiro.

N) A etymologia, geralmente aceita hoje, é que Maranhão tem a mesma origem que *paranã*. Parece que se deve ao benemerito Charles Fr. Hartt. Entretanto contra ella milita o facto de Marañon se encontrar no Perú, fóra do dominio da lingua tupi.

[36]) Do Amazonas trata Enciso, com o nome de *Mar Doce*, dando-lhe sessenta leguas de bocca, ao passo que do Maranhão que situa «a 300 *leguas além do cabo de Santo Agostinho e com baixos a Léste da entrada*, diz

por erro typographico, se diz de 7 1/2° em vez de 2 1/2°), mas tambem todos os cartographos antigos sem exceptuar Diogo Ribeiro [37]).

A' navegação de Lepe se referem, quanto a nós, no mappa de Cosa, as duas significativas caravellas e os dizeres proximos, a Loeste do primeiro descobrimento de Pinzon; sendo para lastimar que um rasgão no original nos prive das indicações respectivas ao Maranhão de hoje, onde ainda a haste de uma bandeira indica que teria tido lugar a tomada de posse, e por conseguinte a infeliz refrega. Pinzon, depois do segundo cabo, só fôra parar junto á ponta da Tigioca, onde tambem em uma refrega perdera parte dos seus; passando logo além do canal do Norte donde levou comsigo trinta e seis Indios.

---

que tem na bocca *mais de quinze* leguas. E Diego Ordaz, em 1531, e o piloto João Affonso, em 1545, não fizeram mais do que inventar terem ahi viajado, copiando exactamente o que encontraram no dito Enciso.

[37]) Temos disso a principal prova no designar o mesmo Ribeiro a ilha do seu Maranhão pelo nome de Trindade, que sabemos haver-lhe sido dado a principio, como adiante se dirá.

[Sobre esta questão luminosamente debatida pelo barão do Rio Branco a proposito da questão de limites com a França, em que ainda uma vez lhe foi dado conquistar a victoria para o Brasil, vai uma nota no fim do volume].

SECÇÃO VI

(II. da 1. edição.)

EXPLORAÇÕES PRIMITIVAS DA COSTA BRAZILICA.

D. Nuno Manuel em 1501. Vespucci e Solís. Cabos de S. Roque e Santo Agostinho. Portos ao Sul: Bahia, Rio, S. Vicente, Cananea. Cabo de Santa Maria. Georgia Austral. Gonçalo Coelho em 1503. Ilha de Fernão de Noronha. Colonias em Cabo-Frio e Rio de Janeiro. Cari-oca. Bahia de São Mathias. Gonneville. Brazileiros. Náo Bretoa. Maranhão. Indias. Santa Cruz. Antartica. Mundo Novo, etc. Consequencias da partida de Americo. João Dias de Solís. Portugal descuida o Brazil pela Asia. Feitorias. Um pirata. As Molucas. Fernão de Magalhães. O meridiano da demarcação. Contracto de Saragoça. Origem do nome rio da Prata. El Dorado.

Não sabemos ao certo em que data do anno de 1500, foi recebida em Lisboa a nova do achamento, por Cabral, das terras de Porto-Seguro. Em todo o caso alguma demora houve em aprestar-se uma pequena frota, de tres caravellas, que foi destinada a reconhecer a qualidade, valor e extensão da nova terra descoberta. Só alcançaram os novos expedicionarios a partir em meiados de maio do anno seguinte de 1501, antes do regresso de Cabral a Lisboa, vindo a encontral-o no porto de Bezenègue (actual Gorée), junto do Cabo-Verde.

Deveriam por ventura contribuir a tanta demora as pretenções do governo de mandar na pequena frota exploradora alguns dos pilotos praticos nas navegações anteriores dos Castelhanos a este novo continente, e que esperou chegassem de Sevilha; entrando n'este numero o florentino Amerigo Vespucci, que acompanhára pouco antes a Hojeda, e em 1497-1498 havia estado em outra grande exploração, desde a costa de Honduras, por todo o golfo mexicano, até a Florida [1].

1) Veja-se o nosso opusculo: „*Le premier voyage de Amerigo Vespucci définitivement expliqué*" etc. Vienna 1869, in-folio.

Temos tambem por mui provavel que, para ir n'esta exploração, se fizeram propostas vantajosas a João Dias de Solís, o Bofes de Bagaço, portuguez que se havia passado ao serviço de Castella.

A capitania da nova frotilha foi pelo rei D. Manuel, segundo as conjecturas mais admissiveis, confiada a um de seus favorecidos, D. Nuno Manuel, ao depois guarda-mór e almotacé mór da sua casa, irmão do seu camareiro mór D. João Manuel, e ambos filhos de D. João, bispo da Guarda, e de Justa Rodrigues, ama que fôra do mesmo rei A.)

A circumstancia de não ser um nauta entendido o chefe da expedição, fez que, na direcção d'ella, tivesse voto preponderante o mesmo Amerigo Vespucci, que a conduziu a buscar a costa proximo á paragem onde estivera com Hojeda. Assim, depois de aportar em Bezenégue, em Africa, veiu avistar terra, a 16 de Agosto,

---

A) O unico documento official relativo a D. Nuno Manuel é uma carta de Alvaro Mendes de Vasconcellos escripta a D. João III de Medina del Campo 14 de Dezembro de 1531, publicada pelo autor nas *Nouvelles recherches sur les derniers voyages du navigateur florentin, et le reste des documents et éclaircissements sur lui*, Vienna, 1870.

Narra uma conversa da Imperatriz em que esta affirmou ser notorio que o Imperador tinha posse do rio da Prata antes do rei de Portugal. A isto entre outras cousas respondeu o embaixador portuguez: «que ella por parte do Imperador e sua mandasse averiguar em que tempo descobrira o dito rio, e que Vossa Alteza mandaria mui brevemente saber em que tempo descobrira uma armada de D. Nuno Manuel, que por mandado d'el-rei vosso pae que está em gloria, foi descobrir ao dito rio, e que quem se achasse por verdade que primeiro descobrira estivesse em posse até se lançar a linha. (de Tordesilhas).»

Como os Hespanhoes não pretendiam ter descoberto o rio da Prata antes de 1516, a affirmação de Alvaro Mendes de Vasconcellos apenas implicava que a armada de D. Nuno viria anteriormente. Que veiu em 1514, demonstrou-o recentemente K. Gaebler, por meio de uma copia manuscripta da gazeta allemã, citada adiante, encontrada no archivo da familia Fugger.

Candido Mendes de Almeida, na *Revista do Inst.*, XL, p. 201, reparou bem que o facto de uma armada de D. Nuno Manuel ter vindo ao Brasil, não implicava a vinda de D. Nuno Manuel, preso á corte pelos altos cargos que exercia. A mesma conclusão defendeu com muita força Zeferino Candido em seu livro *Brazil*, Rio, 1900.

De accordo com a data de 1514 deve ser alterada a de 1506 que o autor dá diversas vezes neste capitulo, ligando a gazeta allemã á viagem de Gonçalo Coelho, com a qual nada tem.

na latitude proximamente de cinco gráos, junto do cabo que, em virtude da festa do calendario n'esse dia, recebeu o nome de *São Roque*, com que ainda hoje é designado B.)

Dois jovens que então desembarcaram, a tratar com os habitantes, ficaram ahi victimas da barbaridade e anthropophagia d'elles. Assim, por este lado, a primeira ruptura e aggressão, entre os da terra e os futuros colonisadores, não partiu d'estes, os quaes foram victimas da traição, e a deixaram absolutamente impune.

A esquadrilha seguiu para o Sul; e o seu chefe, com o calendario na mão, foi successivamente baptizando as differentes paragens da costa, designando á posteridade o dia em que a ellas aportava, do modo seguinte:

A 28 de Agosto no cabo de *S. Agostinho;*
» 29 de Setembro no rio de *S. Miguel;*
» 30 do dito no rio de *S. Jeronymo;*
» 4 de Outubro no rio de *S. Francisco;*
» 21 do dito no rio das *Virgens;*
» 1º de Novembro na bahia de *Todos os Santos;*
» 13 de Dezembro no rio de *S. Luzia* (rio Doce?);
» 21 do dito no cabo de *S. Thomé;*
» 25 do dito na bahia do *Salvador;*
» 1º de Janeiro (1502) no rio de *Janeiro;*
» 6 do dito na angra *dos Reis;*
» 20 do dito na ilha de *S. Sebastião;*
» 22 do dito no porto de *S. Vicente.*

A maior parte destes nomes ainda hoje subsistem; e alguns foram, com o andar do tempo, substituidos por outros.

B) O primeiro ponto a que chegou a armada de 1501 foi no entender de C. Mendes de Almeida o cabo dos Marcos, entre as bahias Formosa e da Traição —*Rev. do Inst. Hist.*, XL, p. 2ª, 185-198. Esta opinião parece entretanto, pouco fundada. Os marcos que deram o nome á localidade não procedem da primeira expedição; de certo são posteriores á divisão do Brasil em capitanias, e neste caso limitavam as de Pedro Lopes de Sousa e João de Barros. Outros marcos separando as terras de Pero Lopes das de Duarte Coelho existiam junto a Itamaracá.

Do porto de S. Vicente passou a esquadrilha ao da Cananéa, no qual deixou degradado um bacharel portuguez, que ainda vivia trinta annos depois. Propendemos a crer que seria este o proprio bacharel Gonçalo da Costa, que alli veio a ser encontrado por Cabot[2].

---

2) Não havemos podido legitimar o nome de Duarte Peres, que dá um escriptor do seculo passado a certo bacharel degradado nessas paragens, de que faz menção, sem allegar titulos convincentes. [O nome do bacharel Duarte Peres encontra-se pela primeira vez na *Argentina* de Ruy Dias de Guzman, escripta em 1612, impressa e reimpressa muitas vezes no correr do seculo XIX. Candido Mendes de Almeida em erudita memoria procurou provar que o bacharel era João Ramalho — *Quem era o bacharel de Cananéa*, na *Rev. do Inst.*, XL, parte II, 163-247. O Autor, tendo noticia deste trabalho, publicou no fim do primeiro volume da *Historia geral* uma nota que melhor cabe aqui. Na opinião dos entendidos, apesar de sua erudição e sagacidade, Candido Mendes não demonstrou sua these principal; deixou, porém, demonstrado que o bacharel de Cananéa não podia ser Gonçalo da Costa. De facto, Sebastião Cabot não esteve em Cananéa, e de Gonçalo da Costa não consta fosse bacharel. O que sobre elle se sabe contém as seguintes linhas de Herrera IV, 10, 6, referindo-se ao anno de 1531: « Foi informada a Rainha que el-rei de Portugal havia escripto a Sevilha, a um portuguez chamado Gonçalo de Acosta, que havia estado muitos annos na provincia do Brasil entre os Indios e se veio com Sebastião Gavoto a Castella, offerecendo-lhe seguro e mercês por que fosse a Lisboa; e que havendo-lhe perguntado muitas cousas do rio de Solís, que dizem da Prata, lhe rogaram que fosse em uma armada que se despachava para aquellas partes, fazendo-lhe crescidos partidos ».

Eis agora a nota do nosso Autor:

« Em nossa opinião existiram, de principio, na antiga capitania de S. Vicente, dois differentes colonos portuguezes, ambos com descendencia.

« Um era bacharel e fôra deixado degradado, mui provavelmente pela frota de 1501; visto que Pero Lopes em 1531 diz, ao encontral-o perto da Cananéa, que ahi estava havia trinta annos.

« Este bacharel percorreria, com os seus Indios, toda costa visinha para o Norte e para o Sul; pois tudo nos induz a crer que seria o mesmo encontrado quatro annos antes por Diego Garcia, embora já então avalie nos mesmos trinta annos (*que ha bien 30 annos*) o dito tempo de residencia, quando contratou com elle o acompanhal-o ao rio da Prata, e o fornecer-lhe 800 Indios escravos para mandar a Hespanha.

« O outro era o bem conhecido João Ramalho, que habitava e dominava nos elevados campos visinhos á actual cidade de S. Paulo, e a quem Thomé de Sousa promoveu a capitão e alcaide mór do campo, vindo a ser tambem vereador da camara de Santo André, em cujas vereanças de 1555 a 1558 (*Rev. do Inst.* II, 257) se encontra o seu nome assignado *de cruz*, ou antes com uma simples risca em fórma de ferradura (sendo as palavras do seu

Da Cananéa seguiu a frotilha para o Sul até o cabo de *Santa Maria*, ao qual deu então talvez este nome, que pouco tempo depois encontramos dado tambem ao rio que hoje denominamos da *Prata*; por ventura por haverem a elle chegado a 2 de fevereiro, dia da Purificação da Virgem. Apezar de que nesta parte mui pouco explicito seja Vespucci, na sua narração, unica que desta viagem nos resta, entendemos que, ao chegarem a esse cabo, imaginaram que ahi acabava este continente.

---

nome em letra do escrivão), prova de como não sabia escrever, e por conseguinte que não seria bacharel. Este Ramalho devia ter vindo a estas terras em 1508; pois em uma carta escripta da propria capitania de S. Vicente, ao que parece de Piratininga, pelo jesuita Balthasar Fernandes, por commissão do padre reitor Joseph de Anchieta, em 22 de Abril de 1568, a nosso ver só a elle se podem referir estas palavras: « Hum homem branco, que *ha 60 annos que está nesta terra* entre este gentio, que agora he quasi de 100 annos, estando entre os Indios e vivendo não sei de que maneira, e não querendo nada de nossas ajudas nem ministerio, deu-lhe Deus de rosto com hum accidente, além de muitos corrimentos e pontadas que tinha. Veio em tanto um filho seu, que pousava daqui uma legua, a dizer-nos que seu pai morrera, e suspeitando nós que não seria ainda morto, foram dois Padres cedo a correr por aguas que estavam pelo campo por onde haviam de passar por ser grande chea. Chegados á casa do miseravel velho que não queria nada de Deus, veio Deus a visitar com os nossos, porque o que estava dantes já morrendo, em máo estado, acudiu-lhe Deus com a confissão que elle fez boa, pondo-se em bom estado e commungando; mas não morreu daquelle accidente, sinão anda para isso apparelhado e posto na verdade, esperando por sua hora. Cedo lhe virá ».

« Nem se diga que este mesmo João Ramalho seria o proprio designado como bacharel por Pero Lopes e Diego Garcia, e que um e outro lhe chamariam bacharel, porque seria este nome uma sua alcunha. O ultimo destes dois escriptores diz positivamente: « Alli *vive un bachiller* »; o que não póde dar logar á dita interpretação, talvez admissivel no texto de Pero Lopes. Demais: sabemos que Cabot tambem veiu a encontrar, por essas mesmas alturas, um pouco mais ao Sul, a um bacharel, (cujo nome nos é revelado ser Gonçalo da Costa, conforme publicamos na pag. 83 do 1° vol. da nova edição da *Hist. Geral.*

« Deste modo, si o texto jesuitico acima se applica, segundo cremos, a João Ramalho, de quem parece não terem tido conhecimento os navegadores que se limitaram a correr a costa, bem que este não era fallecido em 22 de abril de 1568, pouco mais tempo viviria; e não é impossivel o suppor-se que o testamento de que dá fé Fr. Gaspar da Madre de Deus (*Rev. do Inst.* II, 426), como feito perante o tabellião Lourenço Vaz, em presença do juiz ordinario

83

Em todo o caso, diz-nos Vespucci que esmorecendo o chefe, entregára á sua responsabilidade a futura direcção da viagem ; pelo que elle, depois de prover como poude as caravellas do necessario, partiu dahi no dia 15 de Fevereiro (1502), e tomando, á ventura, o rumo de Sueste, ao cabo de 50 dias de navegação, no dia 7 de Abril, descobriu e depois costeou uma inhospita e grande terra, que não póde ter sido outra sinão a ilha hoje denominada *Georgia Austral*, segundo a appellidou Cook ao visital-a, em Janeiro de 1775, julgando descobril-a então; sendo certo que além de descoberta por Vespucci desta vez em 1502, havia ella já sido visitada (justamente um seculo antes de Cook) em 1675, por Antonio Rocha, vindo de Chiloe; pelo que a denominaram, algum tempo — *ilha Grande de Rocha* [3]).

Destas plagas inhospitas e tempestuosas, cobertas de nevoas e onde as noites eram mui grandes, resolveu Vespucci regressar a Portugal; e tomando rumo em direitura á serra Leôa, e dahi aos Açores, veio entrar em Lisboa, no dia 7 de Setembro, com duas caravellas, havendo-se resolvido queimar a outra em serra Leôa C).

As informações dadas por estes exploradores foram pouco favoraveis a uma tão grande extensão de terra; e o proprio Vespucci

---

Pedro Dias, aos 3 de Maio, deva referir-se ao anno de mil quinhentos e *setenta* (não *oitenta*), e que nos annos de assistencia tambem tenha havido errada leitura, devendo ser *sessenta* e não *noventa*.

« Infelizmente foram inuteis todas as nossas averiguações em S. Paulo, em 1840, para encontrar o texto ou notas originaes desse testamento ».

Candido Mendes de Almeida, em outro estudo em que responde a algumas destas objecções, cita uma carta do jesuita Antonio de Sá, para demonstrar que João Ramalho morrera em fins de 1558 ou principios de 1559. Engana-se duplamente: a carta de Antonio de Sá foi escripta do Espirito Santo, não de S. Vicente como imagina ; o João Ramalho de cuja morte se falla era do Espirito Santo, não de S. Vicente. A memoria, intitulada João Ramalho, o bacharel de Cananéa, precedeu Christovão Colombo na descoberta da America? encontra-se na *Rev. do Inst.* XL, II, p. 276 e seg.

[3]) Veja o *Diario Nautico* do mesmo Rocha na *Descripcion Geografica y Derrotero de la Region Austral Magallanica* por D. Francisco de Seixas y Lovera, Madrid, 1690, in-4°.

C) A armada chegou a Portugal em 22 de Julho de 1502 (*Raccolta Colombiana*, parte 3ª, vol. 1°, pag. 91).

nol-o confirma, na carta que escreveu ao gonfaloneiro de Florença Pedro Soderini, seu antigo condiscipulo, e que corre impressa; não hesitando em assegurar-lhe que na terra não havia metaes alguns, nem mercadoria de aproveitar-se, mais que canafistola e o lenho de tinturaria.

Em presença de taes informações, a corôa limitou-se a abandonar a mesma terra á mercê dos especuladores particulares, os quaes á porfia começaram a vir a estes portos, principalmente a buscar tão productivas cargas do tal novo páo-brazil, a ponto que delle veio a tomar o nome toda a região. Um desses especuladores deve haver sido Fernão de Noronha, o qual, provavelmente pelo S. João de 1503, descobriu a ilha a que então deu o nome deste santo, e hoje é conhecida pelo proprio do descobridor, que foi tambem o primeiro donatario della D).

Ao abandonar, porém, a corôa á especulação particular o tirar proveito da terra, concentrou os seus cuidados em preparar uma nova expedição mais consideravel, para seguir da extrema meridional deste novo continente (que então julgaria terminar-se no cabo de Santa Maria) até as plagas orientaes da Asia, donde já se sabia que provinham as especiarias, e ás quaes se contava chegar com mais facilidade seguindo pelo Poente. Era um regresso ás idéas

---

D) Por uma carta de Pero Rondinelli, escripta de Sevilha a 3 de Outubro de 1502, e publicada na *Raccolta Colombiana*, parte 3ª, vol. 2º, pag. 121, sabemos que a terra do Brasil foi arrendada a alguns christãos novos, com a condição de todos os annos mandarem seus navios a descobrir trezentas leguas de terra para adiante, fazerem uma fortaleza no descoberto e conservarem-na tres annos: no primeiro nada pagariam, no segundo pagariam um sexto, no terceiro um quarto do que levassem para o reino.

No relatorio de Cha de Masser, escripto de 1506 a 1507, e publicado no volume da Academia de Sciencias de Lisboa, commemorativo do descobrimento da America, lê-se que o arrendamento era de vinte mil quintaes de páu brasil, de que um custava meio ducado e se vendia por dois e meio a tres. O arrendatario, Fernão de Noronha, christão novo, tinha contracto por dez annos, e cada anno pagava quatro mil ducados. Fernando de Noronha mandava todos os annos homens e navios á terra. É pouco provavel que aqui jamais viesse, embora a carta de doação da ilha, primitivamente de S. João, e mais tarde de Fernão de Noronha, insinue apparentemente o contrario.

de Toscanelli, ensaiadas por Colombo, e depois realisadas por Fernão de Magalhães.

Organisou-se pois uma frota de seis navios, equipados provavelmente alguns por conta de armadores particulares; e o porto de Malaca, que na frase de João de Barros (I, 8, 1) era então « emporio e feira universal do Oriente », foi designado como o a que ella devia dirigir-se. Já antes de partir, Vespucci escrevia ao seu antigo patrão Lourenço de Pier Francesco dei Medici, que contava ir breve « ao Levante, passando pelo Sul[4] ».

O commando d'esta importante expedição foi confiado a um nauta mais experimentado. Tal era Gonçalo Coelho, que já no tempo de D. João 2º, encontramos a commandar um navio, indo em 1488 a Senegambia, e conduzindo d'aqui um rei preto a Portugal. Amerigo Vespucci o acompanhou feito capitão de um dos navios; e temos por mui provavel que, na mesma esquadra, se embarcassem João Dias de Solís, e por ventura tambem João Lopes de Carvalho e João de Lisbôa E), que annos depois apparecem como praticos e conhecedores d'estas paragens.

Os novos expedicionarios não chegaram a partir sinão em meiados de 1503; e depois de refrescarem na ilha de Santiago, principal das de Cabo-Verde, se encontraram, a 10 de Agosto F), em presença de outra ilha d'elles desconhecida, a qual era a mesma que, pouco dias antes, havia sido encontrada por Fernão de Noronha, como dissemos, e que ainda hoje leva este nome.

---

4) « *Versus meridiem, a latere orientis,... per ventum qui africus dicitur* », se lê na traducção latina que dessa carta foi então publicada, feita pelo veronez Giocondo.

E) João de Lisboa, segundo Gaspar Corrêa, descobriu o cabo de Santa Maria no anno de 1514 (*Lendas das Indias*).

Esta viagem parece a mesma da armada de D. Nuno Manuel. Segundo o Autor, na 1ª edição, I, 436, João de Lisboa chegou a piloto-mór em Portugal; em 1534 era fallecido e pedia o seu logar Heitor Coimbra que estava na India.

F) No *Esmeraldo de situ orbis* de Duarte Pacheco vem indicada uma ilha de S. Lourenço, orago do dia 10 de Agosto.

Em um cachopo proximo d'esta ilha naufragou a náo chefe; de modo que Gonçalo Coelho teve que passar-se com a demais tripulação a outro navio. Este triste acontecimento foi causa de se desmembrar desde logo a mesma esquadra, separando-se o navio de Vespucci e mais outro, dos tres companheiros, os quaes, provavelmente, proseguiram juntos ás ordens do dito chefe Gonçalo Coelho.

O navio de Vespucci e o que se lhe aggregou fizeram rumo para a Bahia, paragem descoberta na viagem anterior, e que fôra antes assignada como ponto de juncção, em caso de esgarramento.

Depois de haverem ambos esperado em vão na mesma Bahia durante dois mezes e quatro dias, sem que chegasse nem um dos outros, assentaram de proseguir por sua conta, esperançados por ventura de ainda encontrarem os demais, ou de tomarem em outros portos alguma carga, com que indemnisassem em parte os gastos da viagem.

N'esta conformidade, seguiram para o Sul, e foram entrando em differentes portos até chegarem ao de Cabo-Frio. Havendo aqui feito boa carga de páo brazil, resolveram regressar com ella a Portugal, deixando no mesmo cabo estabelecida uma pequena feitoria, guarnecida de vinte e quatro homens [5]; tendo Vespucci, antes de partir, effectuado uma excursão pela terra dentro, na distancia de umas quarenta leguas.

Os dois navios vieram a aportar a Lisboa aos 18 de junho de 1504. E, um mez depois, em 16 de julho, ahi entrava igualmente, « vinda do Brazil », a náo de Ruy Mendes. Não podemos suppor que fosse esta outra desgarrada da mesma expedição; pois tal circumstancia não deixaria de ser contemplada pelo dito Vespucci, na carta que, em 4 de Setembro, dirigiu ao seu compatriota Soderini, quando ainda nem umas noticias havia de Gonçalo

---

[5]) Os novos argumentos apresentados na obra — *Amerigo Vespucci* — confirmaram-se em 1868 á vista do — *Isolario* de Sta. Cruz, MS. da Bibl. I. de Vienna. Vej. a nossa mem. *Dell' Importanza*, etc., imp. pela Acad. I. das Sc. de Vienna.

Coelho, o qual o mesmo Vespucci julgava perdido (segundo elle) « para castigo da sua muita soberba ».

Não succedia porém assim. Gonçalo Coelho havia tambem seguido para o Sul, e, segundo revelações deduzidas de alguns antigos portolanos [6]), se recolhêra nada menos que á bahia do Rio de Janeiro, e ahi assentára em terra um arraial, onde não tardaria em ter, pelos proprios selvagens, noticias da existencia do outro deixado em Cabo-Frio. — Algumas suspeitas levam-nos até a suppôr, que esse primitivo arraial ou alojamento teve lugar junto do riacho que d'ahi tomou o nome de *Carioca* (casa do branco), e que foi n'elle que foram sacrificados á brutalidade dos Barbaros os dois religiosos arrabidos, que dos archivos da provincia constava [7]) haverem passado a estas regiões em 1503. Cremos tambem que a demora de Gonçalo Coelho n'estas plagas seria de dois a tres annos, que mandou explorar a costa do Sul até a bahia de S. Mathias; que regressaram os exploradores, sem persistir mais em busca da passagem, com que contavam para seguir, por esse lado, até Malaca; e que finalmente era da sua expedição a náo de que se trata em uma relação ou gazeta [8])

---

[6]) Vej. — *Nouvelles Recherches* — etc. (acerca de Amerigo Vespucci). [O autor funda-se na interpretação que Joaquim Caetano da Silva dá do dizer: *Penachulo detetio*, encontrado em cartas contemporaneas, de que a mais antiga parece a de Caserio, desenhada no começo da primeira decada. Esta opinião, no dizer de Wieser, *Magalhãesstrasse*, Insbruck, 1882, tem contra si motivos paleographicos; Rio Branco, *Esquisse de l'histoire du Brésil*, combate-a igualmente por considerações linguisticas.]

[7]) Veja o periodo da *Chron. da Arrabida*, por frei Antonio da Piedade, parte 1ª Liv. 3, ap. 40, n. 603. Não cremos hoje provavel que em 1503 estivessem em Porto Seguro. [Em carta escripta de Porto Seguro em 6 de Janeiro de 1550 assevera o padre Manuel da Nobrega: Entre esses (Tupiniquins de Ilheos ou Porto Seguro) ha cerca de 20 ou 30 christãos e alguns que foram baptisados por certos Padres que mandou a boa memoria del rei D. Manuel a este paiz, os quaes Padres foram mortos por culpa dos mesmos Christãos, segundo ouvi. *Cartas*, ed. Valle Cabral, 77].

[8]) *Zeitung aus Presilig Landt* — No opusculo — *Nouvelles Recherches* — (respeito a Vespucci) pags. 10, 11, 49 e 50, dizemos que essa relação seria escripta em 1506, anno, cremos, em que seria antes publicada, em Italia, com o fôra a relação annexa de Pedro Affonso Malheiro, que segundo

que por esse tempo se publicou, com muitas noticias d'estas paragens, e até das grandes riquezas e metaes de um paiz (o Perú) nas cabeceiras do Prata.

Julgamos de tal importancia alguns periodos d'essa relação ou gazeta (que suppomos haver sido escripta em Lisboa por um estrangeiro e publicada por primeira vez em 1506) que nos não é possivel deixar de os transcrever aqui integralmente. Depois de dar conta de como um navio recolhêra, no dia 12 de Outubro, falto de mantimentos, prosegue o autor :

« Tendo chegado á altura de quarenta gráos, viram como o Brazil concluia por um cabo que se prolonga pelo mar : e ao montal-o acharam que a terra, como no meio-dia da Europa, se dirigia de Leste a Oeste. E' como si ao passar o estreito de Gibraltar, se proseguisse pela costa de Berberia. Quando teriam andado umas sessenta leguas além do cabo, acharam-se com terra firme do outro lado, e tiveram que dirigir-se para o Noroeste ; mas veiu-lhes tal tormenta que não poderam continuar.

« Obrigados pelos ventos tiveram que regressar para o Brazil (Presill). O piloto que dirigia este barco, meu intimo amigo, é o mais celebre de quantos pilotos tem elrei de Portugal. Tem feito varias viagens á India ; e me assegurou que, segundo seu calculo, não póde haver mais de seiscentas leguas de distancia, desde o dito cabo do Brazil, que se deve considerar o principio deste paiz, até Malaca. Diz tambem que, dentro em pouco, no commercio da especiaria, o rei de Portugal ganhará muito em aproveitar-se desta nova derrota para a navegação entre Lisboa e Malaca, terra esta para a qual, segundo elle, a costa do Brazil se ia afeiçoando.

« Regressando ao Brazil os nossos viajantes descobriram bellissimos rios e portos de facil entrada, e um paiz tanto mais povoado quanto mais se

---

Panzer (X, p. 21) foi publicada (em latim) em Roma por Joan Besicken em 7 de Novembro de 1506. E' sabido como Alex. Humboldt acreditou que essa relação se referia a uma viagem ao estreito de Magalhães, e por conseguinte que só havia sido publicada depois de descoberto este estreito ; e como foi o autor d'esta historia quem primeiro indicou que a especie de mar Mediterraneo de que n'ella se faz menção, deve ter sido a grande bahia de S. Mathias, que no seculo 16° era considerada termo, por esse lado, das explorações portuguezas.

[O exemplar manuscripto achado no archivo da familia Fugger, fixa na ilha da Madeira o logar a que chegou o navio com as noticias e a data da gazeta em 1514. No anno seguinte Johannes Schoener traduzia d'ella alguns trechos, e de accordo com ella traçava um globo, reproduzido por Wieser no livro citado anteriormente, e tambem no prologo do annotador deste livro á *Historia topographica e bellica da colonia do Sacramento*, Rio, 1900].

aproxima do cabo. Os habitantes são de boa indole, sem leis, nem reis; e só obedecem aos mais anciãos. Teem sempre guerras, mas não se devoram uns aos outros, como no Brazil: matam porém aos prisioneiros sem remissão. A sua lingua differe da do Brazil inferior Notam-se nesta gente reminiscencias de S. Thomé, e os moradores pretenderam mostrar aos Portuguezes, pela terra dentro, as suas pégadas...

« Os naturaes carecem de ferro, e dão, como no Brazil, por um machado quanto possuem. Tambem tereis satisfação em saber que os viajantes annunciam haver obtido na embocadura de um rio [9] que fica na distancia de duzentas leguas aquem do cabo para a Europa, noticias da existencia pelos sertões de muita prata, ouro, e cobre. Asseguram até que o capitão do outro navio trará ao rei de Portugal um machado de prata. Os naturaes os tem de pedra. Trazem tambem um metal [10] da côr do latão, que não se oxida; ignora-se que metal seja, quiçá ouro de baixo quilate. Ouviram falar de um povo das serras, rico de armaduras feitas de chapas de ouro, muito delgadas, que os combatentes levam sobre o peito e na testa. O capitão traz comsigo um morador do paiz, o qual quiz absolutamente ver o rei de Portugal, e dizer-lhe como se offerece a trazer-lhe tanto ouro e prata que apenas o poderão carregar seus navios.

« Os moradores da costa disseram que, de quando em quando, ahi chegavam outros navios, cujas tripolações se vestiam como os nossos, e tinham quasi todos a barba ruiva. Os Portuguezes creem por estes signaes serem Francezes »...

D'este modo ficaram ainda perdidos e mallogrados para o Estado os gastos feitos com esta segunda expedição; o que daria ao governo poucos estimulos para empenhar-se tão depressa em outros novos, sem nem uma esperança de resultados proficuos.

Entretanto não deixaram de aportar n'esta costa, como era natural, os navios das primeiras armadas que se dirigiam á India, taes como das commandadas por Affonso de Albuquerque, pelo almirante Gama, por Tristão da Cunha, e mui provavelmente tambem,

---

[9] Indubitavelmente o rio da Prata, o que serve a confirmar a estada na bahia de S. Mathias.

[Segundo Gaebler a viagem descripta na gazeta allemã e realizada de 1513 a 1514 não deitou tão longe: perlongou, porém bastante a costa da Patagonia e della trouxe a nova de montes nevados a Oeste].

[10] Parece alludir a simples amostras de algum mineral, não a instrumento fabricado, ainda que tambem do Perú poderia ter vindo algum de bronze, com o machado ou cunha de prata. Os pirites de ferro, tão communs, são amarellos côr de latão e não se oxidam facilmente.

antes d'estes, os de João da Nova G). De nem uma destas frotas consta ao certo os portos em que entraram, nem o numero de dias que n'elles se demoraram, nem os colonos que, contrariados ou por vontade propria, foram por ellas deixados em terra. Pela tradição sabemos que o porto geralmente freqüentado pelas náos da India era o de Santa Cruz, ao Norte de Porto Seguro, e de mais fundo que este. Tambem, desde os primeiros annos, alguns navios francezes principalmente de Honfleur, trazendo comsigo Portuguezes praticos destas viagens, começaram a frequentar o nosso littoral; e disso foi informado Portugal ao regressar a gente de Gonçalo Coelho em 1506. De um delles chamado *Espoir de Honfleur*, de cento e vinte toneladas, tendo por capitão Binot Paulmier, de Gonneville, temos noticia circunstanciada, de cuja authenticidade não é possivel duvidar-se. Partindo, com destino para a India oriental, em meiado de 1503, veiu a arribar a estas costas; primeiro, ao que parece, entre os *Carijós* do Sul, e segunda vez ao Norte do Tropico, entre os ferozes *Tupinambás*, já visitados pelos Européos, talvez nas immediações de Cabo-Frio [11]); e depois cem leguas mais ao Norte; por ventura nas immediações de Porto-Seguro, entre os mansos *Tupiniquins*, avistando finalmente, no regresso á Europa, a ilha de Fernão de Noronha. Iam a bordo dois portuguezes Bastião de Moura e Diogo de Còito (Cohinto).

Toda a costa, desde o cabo de S. Roque para o Sul, começou a ser visitada por um grande numero de navios de especuladores, vindo em busca do novo páo-brazil, que se vendia com grande vantagem. Os que se dedicavam a esse trafico começaram a ser chamados *Brazileiros*, do mesmo modo que se dizem *Baleeiros*

G) Segundo Huemmerich a ilha da Trindade foi descoberta a 18 de Maio de 1502 pela esquadra de Estevão da Gama, companheiro de D. Vasco na segunda expedição á India. *Vasco da Gama und die Entdeckung des Seewegens nach Ostindien*, Muenchen, 1898.

11) Apartamo-nos aqui da opinião de Sr. d'Avezac, que julga terem sido estas novas arribadas, primeiro em Porto Seguro, e depois na Bahia (*An. des Voy. de junho e julho de 1869.*) [Veja-se na *Revista Brazileira*, I, Rio, 1880, o artigo de Ramiz Galvão sobre um livro de Gaffarel].

os que vão á pesca das baleias, e que se chamaram *Negreiros* aos que se occupavam do trafico dos Africanos negros, e que algum dia se disseram *Pimenteiros* os que andavam traficando em pimenta [12]). Tal foi a origem de se haver adoptado este nome em portuguez; e de não nos chamarmos *Brazilenses* ou *Brazilienses*, como, inquestionavelmente mais em regra, nos appelidam outras nações [13]). Para os selvagens introduziram os Jesuitas a palavra *Brazis:* mas esta denominação, tão apropriada e laconica, caiu em desuso, supplantada pela mais seguida, bem que inexacta, de *Indios*; da qual, com preferencia á de *Indigenas*, igualmente inexacta, e menos usada, nos servimos nesta Historia. E affirmamos ser menos exacta a expressão *Indigenas*, porque as gentes que possuiam, ou antes percorriam o territorio, eram apenas as ultimas invasoras delle. Quanto ao nome de Indios, ja admittido como dissemos nas conquistas dos Castelhanos, não fora hoje facil explicar por que fórma se introduziu e fez tão familiar por toda a nossa costa; cremos porém que não é possivel pôr em duvida que foi dos mesmos Castelhanos que o recebemos e adoptamos. Aos navegantes da verdadeira India não occorreria por certo tal nome H).

O trato e o uso familiar fizeram pois que o nome do lenho lucrativo supplantasse o do lenho sagrado; e a designação do paiz por *Terra de Santa Cruz* apenas hoje se póde empregar na poesia ou no estylo elevado, havendo sido baldados os esforços dos que, esquecidos de quão justos e consequentes são os povos na preferencia das denominações, quizeram restaurar o antigo nome, para justificar o qual tão pouco havia concorrido o governo, que só cuidava de arrematar a quem mais dava o *trafico do brazil*. Os contratadores ou

---

[12]) Alv. de 18 de março de 1621. O nome de Mineiros, aos de Minas, veiu a derivar do mesmo principio. Na ilha de Cuba ainda designam por *Chineros* os que se empregam no trafico de *coolis*.

[13]) Franc. Brésilien; Ingl. Brazilian; Allem. Brasilianer; Hesp. Brasileño, etc.

H) Algum tempo os Portuguezes chamaram-nos de preferencia Negros.

arrendatarios mandavam por sua conta náos a esta *Terra do brazil.* D'uma de taes náos, de que eram armadores Bartholomeu Marchioni, Benedicto Morelli, Francisco Martins e o mesmo Fernão de Noronha, de quem fizemos menção, e que a principio fôra contratador unico, se conserva o regimento dado ao seu capitão Christovam Pires, e o original do roteiro da viagem até o porto do cabo Frio. A náo chamava-se Bretoa, naturalmente porque nos estaleiros da Bretanha fôra construida I). Era piloto João Lopes Carvalho J), ao depois companheiro de Fernão de Magalhães na primeira navegação em redor do Globo. Duarte Fernandes vinha por escrivão, e de sua lettra é o livro [14]) inedito que encontramos e demos á luz, do qual consta que a viagem redonda da Bretoa durou oito mezes, contados do dia da partida. Consta igualmente que existia na ilha da enseada de cabo Frio uma feitoria portugueza, e provavelmente seria a mesma que, em 1504, alli havia deixado fundada Amerigo Vespucci, segundo vimos. Os da tripolação não podiam passar dessa ilha para o continente, afim de não se deixarem ficar nelle « como algumas vezes haviam feito ». Recommendava o regimento que fossem os da terra bem tratados, não se levando delles nenhum para a Europa, ainda que para isso se offerecessem; porque, quando na ausencia falleciam, cuidavam os outros que alguem os matara, para os devorar « segundo entre elles se costuma ». — Apezar desta recommendação, importante por nos denunciar a politica do governo

---

I) Em 1502 havia em Portugal uma nau chamada *Bretoa,* como se vê em Corrêa, *Lendas da India,* I, 269.

J) Partiu-se (Magalhães) das Canarias de Tanarife e foi demandar o Cabo Verde, donde atravessou a costa do Brasil e foi entrar em um rio que se chama Janeiro. Ia por piloto-mór um portuguez chamado João Lopes Carvalhinho, o qual neste rio já estivera e levou um filho que ahi fizera em uma mulher da terra, e daqui foram navegando até chegarem ao Cabo de Santa Maria. Corrêa, *Lendas da India,* II, 628.

[14] «Llyuro da naoo bertoa que vay para a terra do brazyll.... que partio deste porto de Lix.ª a 22 de feu.º de 511.» etc.—Veja este doc. na nota 13 da 1ª ed. desta obra, e reimpresso, juntamente com a 4ª edição do *Diario de Pero Lopes de Sousa,* Rio de Janeiro, 1868, 8 vo.

ácerca dos Indios, a Bretoa com a carga de cinco mil toros de brazil e alguns animaes e passaros vivos, levou para a Europa trinta e tantos captivos. Em vista das recommendações terminantes de que fizemos menção, devemos crer que seriam legitimamente *resgatados* de algum outro captiveiro não christão, segundo o que se praticava em Africa; donde veio chamarem-se de resgate os artigos, taes como facas, machados, espelhos, cascaveis e avelorios, que nos escambos se empregavam. Assim não ha duvida que alguns Indios eram então levados a Portugal K) e o escriptor Damião de Goes nos dá fé de haverem sido varios apresentados a el-rei D. Manuel, e até o comprova, mencionando que era então contratador do páo-brazil Jorge Lopes Bixorda; nome que depois encontramos envolvido entre os dos armadores e navegantes que em França se queixavam contra certas piratarias. Dos nossos generos, além de brazil, levavam tambem muitos navios, pelles de animaes, algodão e a pimenta da terra, que começou a fazer concurrencia á *malagueta* da costa da Mina. O páo-brazil se vendia na Europa na razão de um a dois ducados por arroba.

Pelo que respeita á primitiva exploração das costas do Norte, além do cabo de S. Roque, por navios de Portugal, as noticias são mais vagas e escassas. Sabemos sómente que andou explorando a costa por essas bandas o piloto João de Lisboa, e que deu até o seu nome a um dos rios áquem do Maranhão; porém não nos consta em que anno. Sabemos tambem, por um documento 15) de 1514, que, algum tempo antes, percorrera parte da costa, suppomos que desse lado, um João Coelho, das portas da Cruz em Lisboa, e que os Indios haviam morto o arauto Diogo Ribeiro, que, com alvará regio, andava a descobrir. Em todo caso, é indubitavel que, tambem por essas bandas, começaram a navegar alguns navios de Portugal. Como porém se limitavam a traficar nas immediações das paragens

K) A *Gazeta Allemã* de 1514 diz que os Indios estavam sempre dispostos a embarcar, porque pensavam que iam para o céu.

15) C. de Estevam Fróes ao rei D. Manuel, escripta da ilha de S. Domingos em 30 de Julho.

onde aportavam, e não se propunham a explorar e correr toda essa costa, tanto em Portugal como em Castella estiveram por algum tempo na crença de que não havia por ahi mais que um unico grande rio, entrando pela terra dentro; pois os que reconheciam o verdadeiro Maranhão, não conheciam o Amazonas actual, e vice-versa; donde se originou confusão acerca destes dois rios, vindo ambos a ser designados com o nome de Maranhão; de modo que o proprio Pinzon, descobridor, não do verdadeiro Maranhão, descoberto por Lepe, mas sim da boca do grande rio de Santa Maria do *Mar Doce*, ou actual Amazonas, não duvidou assegurar a Oviedo haver elle sido o descobridor do *Marañon*; e mais tarde Orellana baixando o mesmo Amazonas, não teve forças para fazer acreditar que não era o *Marañon* o rio por que baixara [16]), e, para voltar ao mesmo rio, chegava a desejar pilotos portuguezes; « porque eram os unicos conhecedores da costa, que continuamente navegavam ».

Amerigo Vespucci, que (com Hojeda) acompanhara a primeira das tres expedições que correram para Loeste a parte septentrional da nossa costa, e que depois visitou por duas vezes o littoral, desde o cabo de S. Roque para o Sul, foi naturalmente o primeiro europeu que navegou por toda a extensão da fronteira maritima do actual imperio do Brazil, e foi tambem o primeiro que por si proprio se inteirou da grande extensão continental que hoje se chama America do Sul, e que sem injustiça se poderia chamar *America*, como os geographos, estranhos á Hespanha e á patria daquelle navegador, propozeram; pois que só ao continente austral se referia a indicação que, em 1507, fez a esse respeito, animado pela grande voga que havia adquirido o nome de Amerigo Vespucci (em consequencia das muitas edições até então publicadas da traducção latina de uma carta sua ao seu amigo patrão Lorenzo de Pier Francesco dei Medici, a respeito da viagem em 1501-1502, em que lhe assegurava haver explorado um novo Continente) o allemão Martin Waldzeemueller (pseudonymo *Hylacomilus*), indicação logo adoptada por Watt (Vadianus), por Schœner, por Pedro

16) Herrera, VI, 9, 6.

Margalho [17]), por Benewitz (Apianus) e outros geographos [18]), do 16º seculo.

O mesmo Amerigo Vespucci, de simples socio de uma casa de commercio que era, chegou, por sua habilidade e applicação, a cosmographo ou engenheiro geographo, como hoje diriamos; e, no sentir do grande Colombo, que se mostra seu amigo, era homem honrado. Não vemos pois justas razões para nos conspirarmos tanto contra o nome que o uso adoptou, no intento de designar a vigorosa companheira da bella Europa, da Asia opulenta e da adusta Africa. Os que se rebellam, clamando contra a injustiça deste nome, e accusando a memoria do homem intelligente e activo que prestou importantes serviços á civilisação, commettem nesse mesmo acto de rebeldia outra injustiça ; e quando querem que os contemporaneos conquistem o nome de *Colombia* para a quarta parte da terra, propõem, não diremos com alguns que uma utopia, mas quem sabe si uma nova injustiça. O nome dado aquellas terras pelo ousado Genovez foi o de *Indias*, ao qual Castella acrescentou depois a qualificação de *occidentaes*. E a designação de Indias Occidentaes nos perpetuaria melhor a obra de Colombo, e o seu genio perseverante n'uma grande idéa, e lembraria continuamente á humanidade como deve ella respeitar o engenho, ainda em seus grandes erros ; porquanto destes se póde tanto chegar á verdade, como ao conhecimento della se chega, nas sciencias exactas, partindo ás vezes de hypotheses gratuitas.

O celebre chronista da Asia João de Barros ideou, segundo entendemos, ainda no meiado do seculo XVI, applicar por ampliação a todo o continente o nome «Santa Cruz», que pretendia essencialmente fazer prevalecer para o Brazil. A denominação de *America* acha-se hoje, quasi com exclusão, absorvida pelos Estados-Unidos do Norte, nem que a seu lado se eliminassem todas as outras nações

---

17) *Phisices Compendium*, Salamantice, 1520. « Prima est Asia secunda Africa et tertia Europa... addenda tamen veteribus incognita America a Vesputio inuenta que occidentem versus », etc.

18) Veja-se o nosso trabalho « *Jo. Schöner e P. Benewitz* (*Apianus*) » *etc.* Vienna 1872 ; e *Rev. do Inst.* Tom. XXXV. p. 2ª, p. 171 e segs.

d'aquem do Atlantico, maximè as que constituimos verdadeiramente, na parte austral, outro continente da terra, para o qual já havia no seculo XVI quem mais apropriadamente propunha a denominação de *Antartica*, idéa que foi realisada com pequena alteração ao nomear-se a Australia. E talvez dia virá em que algum geographo de autoridade, reconhecendo que a actualmente chamada quarta parte da terra se compõe de dois continentes distinctos, mais marcados que o é da Africa a Asia, ou desta a Europa, se resolva a propor que a Australia seja o sexto continente, passando ao quinto ou quarto lugar a nossa *Antartica*, já com este nome, ou com o de *Atlantica*, ou algum outro.

As designações de *Mundo-Novo* e de *Novo-Orbe* e até de *Novo-Continente* caem em desuso, por sua propria inexactidão; mas não deixaremos de empregal-as nesta historia.

O governo solicitara de Roma o reconhecimento dos seus direitos e do tratado de Tordesilhas ; o que teve logar pela bulla de Julio II, de 24 de Janeiro [19]) de 1506. O rei não se dignou accrescentar, aos titulos de seu dictado, algum novo pelo paiz de maior extensão e melhor clima que o de Guiné, donde se gloriava de se chamar senhor ; mas hoje possuimos dados que nos comprovam como, durante o seu reinado, algumas providencias tomou para fazer colonisar o Brazil. Sabemos, que em 1516 ordenou, por um alvará, ao feitor e officiaes da Casa da India que dessem « machados e enxadas e toda a mais ferramenta ás pessoas que fossem a povoar o Brazil » ; e que, por outro alvará, ordenou ao mesmo feitor e officiaes que « procurassem e elegessem um homem pratico e capaz de ir ao Brazil dar principio a um engenho de assucar; e que se lhe desse sua ajuda de custo, e tambem todo o cobre e ferro e mais cousas necessarias » para a factura do dito engenho [20]).

---

[19]) Kal. Feb.—*Prov. da Hist. Gen.*, II, n. 22, pags. 106 e 107.

[20]) O primeiro destes alvarás se achava registrado no *Livro das Reportações da Casa da India*, a fl. 25 v. e o 2º a fl. 42 do *Livro da Mina* segundo consta de uma certidão, passada a 26 de Out. de 1757, pelo competente provedor Bernardo de Almada Castro e Noronha, e escrivão Caetano Cordeiro Fialho, a qual temos presente, em publica forma de 17 de Nov. do mesmo anno.

Segundo as bullas de que anteriormente fizemos menção, as terras do Brazil foram a principio consideradas da ordem de Christo, e por conseguinte espiritualmente declaradas sujeitas ao vigario de Thomar, que, como delegado do Papa, tinha jurisdicção episcopal em todas as igrejas *nullius diocesis* da ordem de Christo. Por uma bulla [21]) de Leão X, de 7 de Julho de 1514, foi concedido a elrei D. Manuel o direito do padroado e apresentação das igrejas e beneficios nas terras ao Sul do cabo de Bojador; e continuaria o espiritual sujeito á mesma ordem de Christo, si por outra bulla, de 12 de Junho do mesmo anno [22]), não houvesse sido creado para as ditas terras o bispado do Funchal, reduzindo-se a cathedral a collegiada que havia nesta cidade. Assim o bispado do Funchal foi o primeiro a que, depois da vigararia de Thomar, se consideraram espiritualmente sujeitos os primeiros colonos e Indios christãos do Brazil.

A noticia de como o Brazil podia ir entestar em grande extensão com dominios que deviam ser de Castella, produziu entretanto neste ultimo reino, e com toda a rasão, ciumes e cuidados. Foi por isso mandado a Lisboa o cosmographo Juan de la Cosa, de quem acima fizemos lembrança. A algumas providencias tomadas talvez em Lisboa por Cosa nesta missão, e á falta de premios e de novos incentivos a Amerigo, da parte de Portugal, ha que attribuir o seu regresso para Castella L); o que foi nocivo tanto ao mesmo Portugal como ao progresso da civilisação do Brazil. Provavelmente levou comsigo as cartas geographicas que havia levantado ; e naturalisado em Hespanha, e ahi promovido a um cargo de importancia, devia, como homem de bem que era, cuidar de servir com lealdade a

---

21) *Dum fidei constantiam*, etc. *Pr.*, II, n. 42, p. 217.

22) *Pro excellente proeminenti*, *Pr.*, II, n. 56, p. 259.

L) Desde sua primeira viagem, Vespucio ficara descontente com Portugal, como attesta Rondinelli, na carta citada em outra nota; depois da segunda é provavel que fosse despedido do serviço portuguez pelo comportamento pouco correcto com os companheiros. Não é impossivel que tivesse fugido para evitar qualquer castigo.

nação que assim o acolhia, e nelle tanto confiava. Portugal perdeu um servidor activo, de muito prestimo e de grandes espiritos, cuja presença houvera de certo contribuido a auxiliar a memoria dos estadistas que influiam no governo, afim de não deixarem em abandono, como quasi deixaram, um paiz tão rico, e cujas scenas grandiosas não se apagam jamais da retentiva do mortal, cujos olhos viram uma só vez tantas maravilhas da criação.

Entrando Vespucci de novo ao serviço de Castella, figura-se-nos como mais que provavel, em presença de certos indicios e inducções por nós em outra occasião [23]) offerecidos, que inda fizesse mais duas viagens, ambas para as bandas do golfo de Urabá. O que não ha duvida é que o governo portuguez, com a idéa de attrahir a si mais pilotos, e por ventura outra vez o proprio Vespucci, despachou para Andalusia a Alonso Alvares, o qual chegou a entrar em tratos com o piloto Juan Barbero, adiantando-lhe até vinte ducados. Porém sendo taes planos descobertos, o dito Alonso Alvares foi preso, e o rei D. Fernando resolveu que um Alonso de la Puente passasse logo a Portugal, a representar contra similhantes tentativas de seducção [24])

Porém a Hespanha, ou para melhor dizer Castella, mal podia bastar com gente e actividade para tantas terras que se povoavam ao Norte da Equinocial, e não era possivel que sem algum grande impulso divergisse a sua attenção para este outro lado.

Fallecendo porém Amerigo Vespucci em 1512, succedeu-lhe no posto de piloto mór o mencionado João Dias de Solís. Este nauta tratou de dar impulso a uma nova expedição, para seguir pelo caminho do Occidente até Malaca, isto é, para effectuar a circumnavegação proposta por Colombo e lembrada de novo, como vimos, em 1503. Pensava Solís partir em Abril de 1513, porém não conseguiu effectuar a viagem antes de 1515.

---

[23]) *Nouvelles Recherches sur Amerigo Vespucci*, etc. Vienna 1869.

[24]) Herrera, Dec. I, 7°, 13. [As instrucções a Alonso de la Puente e a credencial apresentando-o, datada de 18 de Dezembro de 1516, encontram-se no livro de Medina sobre Solís, p. CCCIX e seg. A viagem devia ser ao Norte do Equador, ás terras descobertas por Solís e Pinzon em 1508. Juan de Barbero tambem se chamava João Rodrigues Mafra e Alonso Rodriguez].

Avistou Solís a costa do Brazil nos cabos de S. Roque e Santo Agostinho ; e logo foi em busca do cabo Frio, e pelo rio de Janeiro e Cananéa (conforme fizera a frotilha de 1501, da qual julgamos fizera elle parte M) seguiu para o rio da Prata, que subiu até uma ilha na latitude de trinta e quatro gráus e dois terços ; donde, passando ao Continente, e fiando-se nos Indios, foi por estes morto á traição.

Os que com elle iam deliberaram logo regressar para a Europa, fazendo escala pelo cabo de Santo Agostinho, afim de levarem dahi á Hespanha alguma carga de páu-brazil. Chegados a

---

M) Segundo Medina, a vida mysteriosa de João Dias de Solís antes de descoberto o Brasil póde resumir-se assim: era por linhagem oriundo de Asturias de Oviedo, donde seus ascendentes passaram para Portugal, que foi-lhe patria; depois de ter feito algumas viagens á India como marinheiro, desgostoso por não lhe pagarem os salarios, abandonou o serviço portuguez; alistou-se, sem duvida como piloto, em navios de corsarios francezes, e, segundo uma carta del rei de Portugal, tomou parte no roubo de uma caravella, procedente da costa de Mina com 20.000 doblas. Fugiu depois para a Hespanha, a cujo rei foi requisitada sua prisão em 1495. (Medina, *Juan Dias de Solis, Estudio Historico*, Santiago de Chile, 1897).

Depois disto tornaria ao serviço do governo portuguez que lhe perdoou faltas tão graves ? E' pouco provavel, porque ainda em 1517, depois de descoberto o rio da Prata, D. Manuel queixava-se que « João Dias de Solís, portuguez, veio fugindo a estes reinos de Castella desde Portugal, por muitos crimes e excessos que lá bavia feito.»

A viagem de 1512, planejada e não realisada, tinha por fim achar a linha de demarcação entre as possessões hespanholas e portuguezas; nella devia ser dobrado o cabo da Boa Esperança, visitada a ilha de Ceilão : *era uma viagem para o' Oriente.* No anno de 1513, porém, Vasco Nuñez de Balboa descobriu o mar do Sul ou oceano Pacifico; no de 1514 a armada de D. Nuno Manuel tornou annunciando o achamento de um estreito ao Sul do continente ; só então a *viagem de Solís voltou-se para o Occidente.* Na carta geographica attribuida a Leonardo da Vinci e no globo de Johannes Schoener encontra-se a imagem do mundo que appareceu aos espiritos reflectidos depois de descobertos o mar do Sul e o pretenso estreito, pouco tempo antes da partida de Solís.

Sobre Solís o trabalho mais completo é o de José Toribio Medina, em dois volumes, dos quaes um de documentos, publicado em Santiago de Chile, 1897.

Pernambuco, e encontrando alli uma feitoria com N) onze Portuguezes, os prenderam a todos, e os levaram comsigo.

Queixou-se a côrte portugueza, reclamando o castigo da gente dos navios que haviam acompanhado a Solís; e vieram por fim ambos os governos ao ajuste de serem entregues os ditos onze Portuguezes, em cambio de uns sete Castelhanos, que estavam presos em Portugal, encontrados na bahia dos Innocentes, ao Norte da Cananéa.

Donde proveiu porém o ter-se chamado *da Prata* o grande rio, em cujas margens o metal argentino não se tem encontrado? — A origem não foi outra sinão a de haver sido por este lado que primeiro chegaram aos Europeos as noticias mais averiguadas das riquezas do Perú, acompanhadas de amostras de prata, da mesma forma que á foz do Amazonas chegariam com algumas mostras de ouro, para dar origem á fabula de El Dorado. Nem fôra verosimil que, com as aguas navegaveis que baixavam, desde tempos immemoriaes, dos ricos estados do Inca á foz desses dois grandes rios, não tivessem chegado de mão em mão alguns instrumentos dos dois metaes que lá abundavam. — Que vieram ao rio da Prata sabemos com toda a evidencia, pelas narrações contemporaneas; e já desde 1506, segundo se deduz da relação ou gazeta antes mencionada, o capitão mór Gonçalo Coelho devia ter mostrado em Portugal um machado de prata, dahi trazido. Consta-nos tambem mui positivamente que cinco Europeos vindos com Solís, informados pelos Indios das riquezas existentes nas serras onde havia um « rei branco, que trazia bons vestidos como nós outros » se resolveram a ir lá. E emprehendendo a viagem, chegaram até uns « Indios comarcãos á

N) O autor equivocou-se. Os companheiros de Solís cortaram pau-brasil, (quinhentos quintaes, calcula Medina), mas não aprisionaram ninguem; ao contrario, foram presos alguns delles na bahia dos Innocentes, que ou tinham ficado de uma caravella que se perdeu, ou desertado ou desgarrado das duas que voltaram. Os onze Portuguezes eram os que tinham ido a Portorico e lá foram presos: ainda não estavam soltos a 30 de Março de 1517. Por ordem do governo hespanhol tinham sido levados de S. Domingos para Sevilha. Os documentos estão publicados no livro de Medina, p. CCCVI e seg.

serra, que traziam na cabeça corôas de prata e umas pranchas de ouro dependuradas do pescoço e orelhas, e cingidos por cintas O).» — Mandaram disto aviso por doze Indios a varios companheiros que os não haviam querido seguir; e voltavam carregados de metal, quando, achando-se já num dos affluentes do Paraguay, talvez no Pilcomayo, foram acommettidos, roubados e mortos pelos Indios. Entre os que não tinham querido acompanhar os cinco aventureiros, mencionaremos a Henrique Montes e a Melchior Ramirez, que vieram estabelecer-se junto da ilha de Santa Catharina. Mais tres colonos deste tempo viviam ainda annos depois. Francisco del Puerto, que veremos servir de lingua aos navegadores do dito rio da Prata; Francisco de Chaves, que se estabeleceu na Cananéa; e Aleixo Garcia, que, segundo a tradição, aprisionado joven, veiu a prestar importantes serviços na colonisação do Paraguay.

Anteriormente, em 1513, fôra ter á ilha de Porto Rico um navio de Portuguezes, que haviam desamparado a paragem da nossa costa, onde se achavam, em consequencia de um levante dos Indios, dirigidos por um Pero Gallego [25]). O tal navio se encontrava sem leme, comido do gusano, e quasi impossibilitado de navegar. Em Porto Rico tomaram o mesmo navio, e mandaram a tripolação para a ilha de S. Domingos, donde foram remettidos a Castella P).

Não nos fôra hoje possivel dar noticia de todos os navios que naquelles tempos, para a nossa historia primitivos, aportavam nesta costa, ás vezes só para buscar abrigo do temporal, ou para

---

O) Estas noticias foram colhidas da carta de Luiz Ramirez escripta do rio da Prata, 10 de Julho de 1528, e primeiramente publicada pelo autor na *Rev. do Inst. Hist.* de 1852.

[25]) Por ventura o hespanhol que no Norte do Brasil se fizera botucudo.

P) As ordens para que fossem mandados para a Europa são de 10 de Fevereiro de 1515 e estão publicadas no livro de Medina. Estes Portuguezes foram os mesmos de que dá noticia Froes. Por elles, e não por outros, como o Autor affirma enganado, devem ter sido trocados os Hespanhoes presos no rio dos Innocentes.

refrescar, ou para descançar de longas fadigas; e que por conseguinte na terra não deixavam rasto algum de interesse na historia da civilisação do paiz. — Neste numero devemos contar em 1519 o navio do castelhano D. Luiz de Gusman [26]), que em vez de seguir de conserva para a India com Jorge de Albuquerque, veiu desertor e pirata ter aos nossos mares; mas nem sabemos (e quasi preferimos não sabel-o) em que porto meridional buscou abrigo, para refazer-se de leme, deixando nelle cincoenta e tres da tripulação sacrificados pelos Indios. Façamos porém excepção em favor da pequena frota do primeiro circumnavegador Fernão de Magalhães. Em vão quiz elle mudar para bahia de Santa Luzia o nome do golfo, em que aportou no dia do orago daquella santa, e ao qual os primeiros navegantes chamaram tão impropriamente *rio* de Janeiro. Deixemol-o passar adiante sem detença; que o resoluto nauta portuense tem reservadas para si paginas mais brilhantes na historia das navegações em torno do globo, que elle emprehendeu levar avante, a preço da propria vida e do labéo (miseravelmente mal cabido, quando se trata de tão grande homem e de tão grande feito) de traidor a um rei e a um paiz que o não ajudavam, e que, a applicar-se a Magalhães por parte de Portugal, poderia nada menos que ser tambem por Genova applicado ao grande Colombo. A navegação de Magalhães, com respeito á historia do Brazil, só interessa pelo facto da conquista das Molucas, que fez descobrir as primeiras duvidas na intelligencia dos pontos questionaveis do tratado de Tordesilhas, pontos que a historia hoje elucida; mas que em direito nunca se aclararam, apezar dos muitos gastos e esforços ostensivos feitos pelas duas coroas, como veremos.

---

[26]) Quintella, *Annaes da Marinha,* I, 332; Castanheda, liv. V. cap. 15 e segs. As ordens de prisão contra D. Luiz (12 de Janeiro de 1520) se podem ver na Torre do Tombo, Corp. Chr., I, 25, 100 e 101; e tambem Ib. III, 7.°. [De outro corsario de nacionalidade portugueza, chamado D. João de Lima, em fins do seculo XVII, nas proximidades do Maranhão, de quem Beckmann e os companheiros esperavam auxilio, fallam Francisco Teixeira de Moraes e Fr. Domingos Teixeira].

Por parte de Portugal, já alguns pedidos para que se fixasse a linha divisoria se haviam feito em 1512 em Logroño, sendo embaixador João Mendes de Vasconcelos [27]. Entretanto foi-se isso adiando, até que a chegada dos navios castelhanos ás Molucas, pelo Occidente, trouxe a questão de a quem tocava a legitima posse dellas. — E' claro que passando a armilla ou meridiano da demarcação um pouco ao Poente do Pará, devia cortar outra vez a equinocial d'ahi a cento e oitenta gráus, e deixar no hemispherio gentilico-portuguez, digamos assim, não só as Molucas, como as Filippinas, e proximamente metade do continente, depois descoberto, a que se deu o nome de Nova-Hollanda. Entretanto o caso não era tão facil de decidir como hoje, naquelles tempos em que as longitudes estavam ainda determinadas com pouca exactidão. Para tratar de resolver este ponto, foram nomeados, por parte das duas corôas de Portugal e de Castella, commissarios arbitros: — lettrados, cosmographos e astronomos. Porém havendo-se reunido na fronteira junto ao Caya, entre Elvas e Badajoz, nada concordaram; começando a duvida sobre qual devia ser a paragem no archipelago de Cabo-Verde, a que se havia de considerar referente a lettra do ajustado em Tordesilhas: — os Castelhanos, com a idéa de favorecer a causa das Molucas, pretendiam que fosse o extremo da ilha mais occidental ou de Santo-Antão; e os Portuguezes, esquecendo-se de quanto esta versão, que era a unica logica, os favorecia com mais terras no Brazil, afim de que as ilhas Molucas por essa pequena differença de longitude não se lhes escapassem, repelliram-a com tanta energia, como nos seculos seguintes a sustentaram Q). Finalmente, depois de muitas

---

27) Off. de João Mendes de Vasconcellos de 7 de Set. desse anno.

Q) Pergunta-se agora onde demorava a linha de demarcação? escreve K. Kretschmer a p. 303 do seu livro sobre o descobrimento da America. Como uma legua continha quatro milhas romanas, e uma milha approximadamente 1480 metros, as 370 leguas equivaliam a cerca de 21.904 kilometros, o que no parallelo de Santo Antão, a ilha mais occidental do Cabo-Verde, corresponde approximadamente a 20 1/2 gráus de longitude. Como Santo Antão demora

discussões sem nada se decidir, vendo-se Castella em apuros por dinheiro, resolveu, por contracto assignado em Saragoça, em 22 de Abril de 1529, ceder a Portugal, mediante a somma de trezentos e cincoenta mil ducados, os direitos que podesse ter ás Molucas, obrigando-se a restituil-a, a todo o tempo que se provasse que estas ilhas não estavam dentro da sua demarcação, mas sim da de Portugal. Em 1531 repetiu de novo em Castella infructuosamente, por parte de Portugal, as instancias para que se decidisse quem havia descoberto o rio da Prata, si D. Nuno Manuel, si o dito Solís, o embaixador Alvaro Mendes de Vasconcellos [28]). Seguramente, segundo nossas conjecturas, a descoberta fora simultanea em 1502. Mui provavelmente Solís, o Bofe de Bagaços R), fazia parte da expedição commandada por D. Nuno Manuel.

---

25 $1/2$ gráus a Oeste de Greenwich, a linha de demarcação cahiria assim approximadamente em 46° W. de Greenwich.

Em recente monographia, S. E. Dawson conclue que a legua combinada em Tordesilhas era uma legua usual e perfeitamente determinada; havia apenas duvidas quanto ao numero de leguas contidas no gráu, porque não havia unanimidade quanto á circumferencia attribuida ao globo terrestre. Naquella epoca por gráu contava-se 17 leguas e meia, o que colloca a linha fixada pelo tratado de Tordesilhas em alto-mar a 45° 40' long. W. de Greenwich. Na realidade, em consequencia dos erros commettidos na determinação das longitudes, a linha tal qual está figurada nas cartas, cortava o continente e correspondia a cerca de 60°, o que autoriza dizer que é mesmo ali que queriam traçal-a. Neste caso, como observa Kretschmer, as leguas seriam não 370, mas 480.

[28]) Off. deste embaixador, de 18 de nov. e 14 de dez. do dito anno de 1531, [ambos hoje impressos pelo Autor em um de seus livros sobre Vespucci].

R) Medina p. XXV suggere que estas palavras, de evidente apodo, « quízas pudieran aludir al color encendido del rostro de aquel piloto ». Não se vê facilmente como. Bagaço daria antes a idéa de qualquer cousa desfibrada, esgarçada.

SECÇÃO V

(III da I. edição)

ATTENDE-SE MAIS AO BRAZIL. PENSAMENTO DE COLONISAL-O EM MAIOR ESCALA

Os Portuguezes na Asia. Os Francezes no Brazil. Recursos do foro e da diplomacia. Ango. Roger. Jaques. Igaraçú e Pernambuco. Diego Garcia e Cabot. D. Rodrigo de Acuña. Porto de D. Rodrigo. Baixos de D. Rodrigo. Suas peregrinações. D. Rodrigo em Pernambuco. Christovão Jaques e os Francezes. Antonio Ribeiro. Idéa de colonisação. Diogo de Gouvêa. Meritos de Gouvêa. Resolve-se a colonisação do Brazil. Henrique Montes. Martim Affonso de Sousa. Poderes que trazia. Pero Lopes de Sousa. Reclamações de França. Negociações diplomaticas importantes.

Vimos na secção precedente como já no reinado de D. Manuel, e pelo menos desde 1516, haviam sido dadas algumas providencias em favor da colonisação e cultura do Brazil. Sabemos, além disso, que depois o mesmo rei, ou pelo menos o seu successor apenas começou a reinar, creou no Brazil algumas pequenas capitanias A); e que de uma dellas foi capitão um Pero Capico, o qual chegou a juntar algum cabedal. Igualmente sabemos que os productos que iam então do Brazil ao reino pagavam de direitos,

---

A) Entre os factos succedidos em tempo de D. Manoel deve incluir-se uma viagem narrada em carta á S. C. C. Magestade, escripta por Juan de Çuñiga, datada de Evora 27 de Julho de 1524, e publicada por Medina, *Juan Diaz de Solis*, CCCXII e seguintes. Nosso Autor a conhecia, e extrahiu em 1847 uma copia que a Bibliotheca Nacional possue: não se utilisou posteriormente della, talvez pelas difficuldades que apresenta sua interpretação.

O chefe da expedição partiu com duas caravellas para o Brasil em 1521, encontrou, em logar que hoje sabemos pertencer ao Estado de Santa Catharina, nove homens que foram companheiros de Solís, seguiu adiante mais trezentas leguas até um rio de agua doce, maravilhoso, de largura de quatorze leguas. Subiu o rio doze leguas em seus navios, depois vinte e tres leguas em bateis armados, não proseguindo em consequencia da attitude hostil dos naturaes.

na casa da India, o quarto e vintena dos respectivos valores, e que no numero desses productos entravam não só alguns escravos, como, em 1526, algum assucar „de Pernambuco e Tamaracá".

Decorriam porém os annos, e o Brazil seguia com o seu immenso littoral á mercê de qualquer navio que o procurava.— Não ha porque fazer censuras. Os reforços e os capitaes empregados na Asia produziam maior e mais immediato interesse, nessa epocha de crise commercial, em que se effectuava em favor da Europa um grande saque das riquezas empatadas no Oriente. Além de que, ainda sem considerar a questão sob miras economicas, é certo que Portugal, forçando os Turcos a levar a guerra á Asia, alliviou por algum tempo a Europa do seu peso ameaçador, e sustentando o commercio da especiaria por mar, consummou o pensamento de Lull de empobrecer bastante o Egypto. Ora, não fôra possivel durante essa luta distrahir muitos navios e forças para outro continente. Os adustos campos das então recentes glorias portuguezas, — a propria Africa, onde filhos de reis iam armar-se cavalleiros, começou a ser descuidada. E ainda suppondo que já então tivesse occorrido a idéa que depois (nesse mesmo seculo) occorreu B) de que no Brazil

---

Sua missão principal consistia em procurar ouro, prata e cobre, do que achou as noticias mais animadoras.

Que o rio descoberto ou antes redescoberto em 1521 era o da Prata, não padece duvida. O nome do chefe da expedição infelizmente não o declina Juan de Çuñiga, dizendo apenas que era um hespanhol; mas podemos affirmar com confiança que era Christovão Jaques, e que nesta, não na expedição de 1527, vio o rio da Prata, em cuja foz o mappa de Diogo Ribeiro, desenhado em 1529, figura uma ilha com seu nome.

Seria, porém, Christovão Jaques de nacionalidade hespanhola ?

E' o que parece claramente resultar de uma carta de João da Silveira a D. João III, escripta de Paris a 24 de Dezembro de 1527, em que depois de dizer que Verazzano vae a costa do Brasil a um rio descoberto por um hespanhol, conclue : « creio que é o rio descoberto por Christovão Jaques. » *Alg. doc. da Torre do Tombo*, pag. 490. Veja-se a nota M deste capitulo, pag. 166.

B) A D. Pedro da Cunha, quando Portugal passou para o dominio da Hespanha, como se verá adiante na secção 21. No *Dialogo das grandezas do Brasil*, pag. 21, lê-se que, ao chegar a noticia do descobrimento a Portugal, um astrologo «levantara uma figura e achara que a terra novamente descoberta havia de ser uma opulenta provincia, refugio e abrigo de gente portugueza.»

poderia vir a organisar-se um grande Imperio, a metropole aguardava acaso para isso melhor occasião. A gloria que Portugal adquiriu na Asia custou-lhe entretanto a perda de muita da sua população, e o perverter em parte a indole dos seus habitantes, com tantas piratarias e crueldades. Em virtude dellas, o tem coberto de baldões, como si as crueldades e as piratarias não tivessem em todos os tempos sido apanagio das conquistas. Esses heroes da antiguidade que em geral só contemplamos pelo aspecto maravilhoso, tambem practicaram muitas crueldades e muitas injustiças; porém, como aos panegyristas que nos transmittiram seus feitos não faltou manhoso artificio para nol-os contarem a seu modo, occultando tudo quanto lhes não servia ao panegyrico, e nem todos os que leem são pensadores, succede que muitos, inconsequentemente, louvam e admiram na historia como heroicidades feitos identicos aos que em outra epocha, ou em outro paiz, condemnam como miserias e pequenhezas desta ou daquella geração. Si de todas as conquistas dos Gregos e dos Romanos tivessemos historias escriptas pelos seus inimigos ou rivaes, talvez que não admirasse o mundo tantas proezas, nem tantos heroes.

Emquanto porém Portugal se via a braços com grande numero de inimigos no littoral e mares da Asia, onde em 1521 a sua armada contava nada menos que uns oitenta e tantos vasos [1]), muitos armadores da Bretanha e Normandia, já avesados á navegação das costas de Guiné e da Malagueta, passavam não só a alguns excessos de pirataria com os galeões que vinham da India, como a traficar nas terras do Brazil; onde adquiriam quasi de graça generos que nos mercados europeos obtinham grandes valores, e os quaes lhes deviam produzir maiores vantagens do que aos contratadores portuguezes, por isso mesmo que não tinham, como estes, de indemnisar a corôa pela faculdade de commerciarem. — Debalde havia Portugal prohibido com duras penas aos seus «mestres de cartas de marear» o fazerem pomas ou espheras terrestres, e o marcarem nos mappas as terras ao

[1]) Documento da Torre do Tombo.

Sul do rio de Manicongo e das ilhas de S. Thomé e Principe [2]). Debalde prohibia que acceitassem seus pilotos e marinheiros [3]) o serviço de mar de outras nações, pensando talvez com isso obstar á propagação dos conhecimentos nauticos pela Europa. Os ousados navegadores de Honfleur e de Dieppe frequentavam cada dia mais os portos do Brazil. As guerras da França não faziam diminuir o ardor e a actividade dos seus homens do mar, estimulados por tantos lucros. Em 1516 haviam chegado a Portugal taes noticias de suas navegações ao Brazil, que elrei D. Manuel mandava por seus agentes representar contra ellas á côrte de França [4]). E digamos desde já que tão poderosos se tinham feito alguns armadores, que nem o mesmo governo francez podia sujeital-os, e que Portugal, depois de haver exhaurido na França, perante os tribunaes, os parlamentos e a propria coroa, todos os recursos do foro e da diplomacia, se viu obrigado a transigir e a negociar com os mais notaveis corsarios, que eram João Affonso e o celebre João Ango, ao depois visconde de Dieppe [5]). Todos estes acontecimentos merecem uma historia especial que não duvidamos se escreverá algum dia; pois sobram para ella os documentos, dos quaes somente aproveitaremos agora o que mais de perto nos interesse. Sabemos que, já em vida de el-rei D. Manuel, fôra o seu subdito Jacome Monteiro nomeado embaixador junto a Francisco I, com instrucções para representar ácerca das tomadías e das invasões nas suas conquistas effectuadas umas e outras por Francezes. A Monteiro succedeu João da Silveira, mandado por D. João III apenas subiu ao throno, com especial recommendação para que ponderasse quão triste era que se estivessem hostilisando no mar os subditos de dois reis e de duas nações que se diziam

---

[2]) Alv. de 13 de Nov. de 1504 na Torre do Tombo.

[3]) Ordenações Manuelinas, liv. V, tit. 98, § 2. Vej. tambem o tit. 88, § 11.

[4]) C. de P. Correa de Bruxellas em 5 de Fev. 1517, na Torre do Tombo Corp. Chron. I, 21, 24.

[5]) Ferdinand Denis «Génie de la Navigation», pag. 113 a 115.

amigos C). Apezar das reclamações que faziam, como levamos dito, os agentes portuguezes, emprehendêra Hugues Roger com felicidade, em 1521, uma viagem á nossa costa, e havia noticia de que se preparavam outros navios. Por fim, em 11 de Fevereiro de 1526, escrevia o embaixador João da Silveira como em França se armavam dez navios para virem apoderar-se das embarcações que encontrassem.

Tal aviso, a nosso ver, decidiu Portugal a mandar ao Brazil de guarda-costa, neste mesmo anno, uma esquadrilha composta de uma não e cinco caravelas, a qual findo certo prazo devia ser rendida por outra. Vinha por capitão mór Christovão Jaques D), e trazia de chefes subalternos Diogo Leite, com seu irmão Gonçalo Leite, e Gaspar Corrêa. O mesmo Jaques era portador de um alvará, passado em Almeirim por Jorge Rodrigues, a 5 de Julho de 1526, autorisando a Pero Capico a retirar-se. Esse alvará era concebido nos seguintes termos:

« Eu Elrei Faço saber a vós Christovam Jaques, que ora envio por Governador ás partes do Brazil, que Pero Capico, Capitam de *uma das capitanias* [6]) do dito Brazil, me enviou dizer que lhe era acabado o tempo da sua capitania, e que queria vir para este Reyno, e trazer comsigo todas as peças de escravos e mais fazendas que tivesse, Hey por bem e me praz que na primeira caravella ou navio que vier das ditas partes, o deixeis vir, com todas as suas peças de escravos e mais fazendas; com tanto que virão direitamente á casa da India, para nella pagarem os direitos de quarto e vintena, e o mais que a isso forem obrigados, na fórma que costumam pagar todas as fazendas que vem das sobreditas partes [7]) ».

C) As instrucções dadas a João da Silveira ácerca de tomadías de náus feitas pelos Francezes, tem a data de 5 Fevereiro de 1522. *Alguns documentos da Torre do Tombo*, 459.— João da Silveira falleceu por 1530: Palha, *A carta de marca de João Ango*, 13.

D) Christovão Jaques já estivera no Brasil em 1521. Nesta viagem, não na segunda, visitou as plagas platinas. Veja-se a nota A.

[6]) Prova que havia mais de uma. [Haveria mais de uma capitania, sem duvida; é, porém, duvidoso si a capitania era de terra ou de navio. Esta ultima hypothese parece a mais acceitavel, sem embargo da carta de D. João III, extractada na secção seguinte. Pero Capico, ou outro de igual nome, appareceu depois na capitania de S. Vicente como escrivão, sob o governo de Martim Affonso de Sousa. Azevedo Marques, *Apontamentos historicos*, II, 169. Rio, 1879.]

[7]) *Liv. das Reformações* da Casa da India, fol. 25: Publica fórma de uma certidão em 23 de Janeiro de 1755 [*Reformações* ou *reportações*? cf. 145, nota 20].

Jaques alcançou a costa do Brazil no fim do dito anno E); e fundeando no canal que separa do continente a ilha de Itamaracá, deu ali principio a uma casa de feitoria no sitio, que se chamou « dos Marcos » em virtude dos que ahi depois se collocaram para termos de demarcação, no proprio continente, quasi em frente da entrada do Sul do mesmo canal, e da autiga villa da Conceição, situada a cavalleiro, na propria ilha. Esta feitoria, ou outra a par desta, passou ao que parece a ser estabelecida pelo mesmo Jaques no porto de Pernambuco ou antes *Paranámbuko*, nome que significa furo [8]) do mar, segundo alguns; mas que parece antes dever derivar-se de duas palavras equivalentes a «mar largo», visto haver no littoral mais algum *Paranambuco*, sem nem-um furo ou ria.

Deixando fundada essa feitoria, passou Jaques a correr a costa até o rio da Prata, onde pouco tempo se demorou, regressando outra vez para o Norte, a commetter feitos que não tardaremos em commemorar. Primeiro nos cumpre dizer como por este mesmo tempo estacionavam ou navegavam nas aguas do nosso littoral, duas frotas, ambas de Castella. De uma, que constava de tres náos, era chefe Diego Garcia F). Mandava a outro, com igual numero

E) Sebastião Caboto chegou a Pernambuco em Junho de 1526, por conseguinte um mez antes da nomeação de Christovam Jaques. Já encontrou fundada a feitoria e nella noticias das riquezas do rio da Prata, que o desviaram da projectada expedição ás Molucas. E' mais uma prova da viagem de Christovam Jaques sob o reinado de D. Manoel, e de logo daquella vez ter sido fundada a feitoria. Nada autorisa a crer que tivesse mudado de logar. Pernambuco parece ter sido primitivamente o nome do canal que separa Itamaracá do continente. De um trecho do membro da expedição Alonso de S. Cruz que Harrisse publicou em *John Cabot, the discoverer of North America*, pag. 409, Londres, 1896, pode concluir-se que Itamaracá era chamada naquelle tempo ilha da Ascensão.

8) *Pará-ná*,—rio tantas vezes, ou mar, e *bog* furo; ou antes *pucú*, largo, transformado em *mbuku* para a composição, segundo Montoya, *Arte*, cap. 22.

F) Diego Garcia era portuguez, e fôra ao rio da Prata em companhia de Solís, no anno de 1516. Tornando pela terceira vez a este rio em companhia de D. Pedro de Mendoça, falleceu na ilha de Gomera nos ultimos dias de Setembro de 1535. Medina, *J. D. de Solís*, CCCXXXI.

Não é, portanto, como insinua Harrisse, o mesmo Diego Garcia que em 1538 commandou um navio da expedição de Hernando Soto e descobriu a ilha de Diego Garcia nos mares indios. Harrisse com rasão defende sua memoria contra os enthusiastas de Sebastião Caboto que o deprimem.

de navios redondos e mais uma caravella, Sebastião Cabot, filho do navegador de igual appellido, que descobrira por Inglaterra as costas do Norte deste grande continente. Estas duas frotas haviam deixado a Europa um pouco antes que Jaques. Diego Garcia, que partira primeiro, aportou em S. Vicente; e tantos mezes ahi se demorou que parecia esquecer-se do seu destino, que era subir o rio da Prata. Por meio da relação que de sua viagem nos transmittiu, não se nos recommenda como homem verdadeiro, nem polido, nem superior á mesquinha inveja, e deve ler-se com precaução. Cabot era mandado ás Molucas por este lado, reforçando outra armada maior que havia partido um anno antes, e da qual em breve daremos noticia. Aportou Cabot em Pernambuco G), onde já encontrou a feitoria portugueza, e seguindo a navegação para o Sul, só avistou de novo terra nas alturas da ilha, a que então poz o nome de Santa Catharina. Ahi fundeou Cabot, e logo de um porto vizinho da parte do Sul vieram visital-o muitos Castelhanos, dos quaes uns ali viviam desde muitos annos [9]) e outros desde mui pouco tempo, não havendo querido seguir a D. Rodrigo, de quem passaremos a tratar.

Era D. Rodrigo de Acuña o commandante da náo S. Gabriel pertencente a uma armada [10]) que, ás ordens do commendador

---

G) Em Pernambuco a primeira pessoa que se dirigiu para a nau capitanea foi João ou Jorge Gomes, que estava desterrado e dahi se incorporou á armada. Medina, *J. D. de Solis*, CCXCIII. O feitor chama-se Manoel de Braga, como se vê do citado livro de Harrisse.

João de Mello da Camara descreve estes colonos como homens que se contentam «com terem quatro indias por mancebas e comerem do mantimento da terra», ao contrario dos que elle queria introduzir, «homens de muita sustancia e pessoas mui abastadas, que podem comsigo levar muitas eguas, cavallos e gados e todalas outras cousas necessarias para o frutificamento da terra.» Veja-se adiante neste capitulo a nota M.

9) Talvez em virtude de algum naufragio, na ponta da barra do Sul, que ainda hoje se chama dos *Naufragados*. [Eram os companheiros restantes de Solis; delles já faz menção a carta de Çuniga de 27 de Julho de 1524 citada nota A deste capitulo.]

10) Vej. Herrera, Dec. III; 7°; 5, 6 e 7.—Vej. tambem Gav. 2, 10, 20 a carta de Antonio Ribeiro, de 28 de Fev. 1525, da Corunha, e a relação da viagem de Fr. Garcia Jofre de Loaysa pelo capitão Andrés de Urdaneta na *Coll. de Doc. inéd.* de D. Luis Torres de Mendoza, Tom. 5°.

Fr. Garcia Jofre de Loaysa, partira, antes de Cabot e de Diego Garcia, com direcção ás Molucas, seguindo derrota pelo Occidente. Essa armada, largando da Corunha em 24 de Julho de 1525, avistara em principios de Dezembro a costa do Brazil, ao Sul do cabo de São Thomé, e fôra, pela maior parte, desbaratar-se junto ao estreito de Magalhães. Não é de nosso proposito contar esse desbarato, ao qual pouco depois seguiu-se a morte de Loaysa e do seu immediato Del Cano; e contentemo-nos de saber que D. Rodrigo achou refugio em um porto, ao Sul da ilha de Santa Catharina, e encontrou varios companheiros de Solís, que bastecendo-o de agua, lenha e mantimentos, deram da terra taes informes que muitos da tripolação, alborotando-se, se determinaram a ficar nella, em vez de exporem-se a novos perigos de mar. As exhortações de D. Rodrigo apenas poderam attrahir-lhe alguns poucos dos alborotadores.

Daqui proveiu a este porto o nome de *porto de D. Rodrigo*, com que por muito tempo foi conhecido nos mappas e roteiros. Acaso seria o mesmo a que Solís, dez annos antes, chamára bahia dos Perdidos, talvez em virtude dos mencionados seus companheiros que ahi lhe fugiram ou se perderam; si é que esses individuos não houvessem effectivamente ficado por ahi, voluntariamente ou desgarrados, já desde alguns annos antes.

Com trinta e dois homens menos de tripolação, fez-se por fim D. Rodrigo de vela para o rio de Janeiro. Neste porto convocou a sua gente a conselho: e nelle foi resolvido que a náo, em vez de seguir para as Molucas, voltasse á Hespanha, com alguma carregação de páo-brazil. Dirigiu pois D. Rodrigo o rumo para o Norte e entrou na Bahia.—Ahi a tripolação se lhe diminuiu de nove homens, que, indo a terra, lá ficaram devorados pelos selvagens, segundo se julgou.

Saindo da Bahia para o Norte, pela muita agua que fazia a náo tratou de arribar, e deu-se a casualidade de que, meiado Outubro, fosse entrar justamente num porto proximo do rio de São Francisco, no qual se achavam carregando de brazil duas náos e um galeão de França H). Os capitães francezes ao principio offereceram

H) Eram « el galeon de Mosliense y Lomaria de la dicha villa, é otro navio de Normandia del rio de la Sena ». Navarrete, *Coleccion*, V, 321.

protecção a D. Rodrigo, mandando-lhe até dois calafates; e quando, passados oito dias, se achava a náo hespanhola virada de crena, e impossibilitada de navegar, cairam na fraqueza de ir acommettel-a, intimando a D. Rodrigo que se rendesse. Vendo este que a resistencia era impossivel, metteu-se no batel, foi ter com os Francezes, e conseguiu delles tregoas, ficando de lhes dar vinho e azeite que diziam carecer. Emquanto porém se negociavam estas tregoas, e os Francezes, tendo o capitão castelhano em refens, se descuidavam da náo aggredida, ella conseguia não só empinar-se e surgir boiante, como picar as amarras, e fazer-se de vela. Quando os Francezes despertaram do seu descuido, já a náo hespanhola ia barra fóra, sem o capitão, nem os marinheiros que o haviam acompanhado. Em vão D. Rodrigo lhes bradava e fazia signaes, em vão os seguia, em um batel á vela. A náo S. Gabriel já nem nas promessas do seu proprio capitão confiava, que a tanta desconfiança levam os desenganos das promessas não cumpridas.

Seguiu D. Rodrigo no batel todo aquelle dia e parte do immediato. Porém... baldados esforços! A náo tinha desapparecido no horisonte, e o seu legitimo commandante e fieis remeiros, exhaustos de forças, emproavam para terra e iam varar á costa, a umas dez leguas para o Norte do porto donde haviam partido;—naturalmente na paragem que se ficou até hoje chamando os *baixos de D. Rodrigo*, quasi defronte do rio Cururipe. Dahi se dirigiram por terra, bastante expostos aos selvagens, ao porto que acabavam de deixar.

Já tinham delle partido as duas náos francezas, e só ficava o galeão. Neste se alojaram os tristes por mais de um mez; mas acabando o mesmo galeão de carregar, fez-se de vela, desamparando os miseros em um batel, sem mantimento algum!

Não havia, porém, soado a hora final aos pobres desamparados. Entregues á Providencia, seguiram pelos mares durante vinte dias, nutrindo-se apenas de algum marisco e da pouca fruta que acertavam de colher pela costa, até que na ilha de Santo Aleixo lhes deparou Deus porto, onde poderam refazer-se. Nessa ilha tiveram a fortuna de encontrar alguma farinha de trigo, uma pipa de bolacha molhada,

um forno, e anzoes com que apanharam muito peixe I). De Santo Aleixo passaram á feitoria de Pernambuco [11]).

Christovam Jaques se negou a dar-lhes passagem para a Europa J), primeiro em uma náo que enviava carregada de brazil, e na qual mui provavelmente se embarcou com seus haveres Pero Capico, e depois numa caravela que igualmente mandou regressar ao reino. Pela primeira escreveu D. Rodrigo ao bispo d'Osma; porém a carta, em vez de seguir ao seu destino, foi apprehendida e ainda hoje se guarda no archivo publico em Portugal [12]). Dez mezes depois escreveu outras, uma das quaes para el-rei D. João III; e estas chegaram a Lisboa, pela mencionada caravella, ao mando do capitão Gonçalo Leite. As que eram para Castella foram remettidas pelo embaixador em Lisboa [13]), Lope Hurtado. Os da náo S. Gabriel, depois de eleger por capitão ao piloto Juan de Pilola, não podendo montar o cabo de Santo Agostinho, retrocederam á Bahia, para querenar: porém, inquietados ahi por outra náo franceza, passaram ao cabo Frio, e deste a um porto mais ao Sul, do qual se fizeram afinal de vela para a Europa, chegando a Bayona de Galiza aos 28 de Maio de 1527 [14]).

I) Segundo Oviedo houve, por este tempo approximadamente, uma feitoria de Francezes em Santo Aleixo.

Os companheiros de D. Rodrigo. que ainda em 2 de Novembro de 1528 existiam na feitoria de Pernambuco, chamavam-se Jorge de Catan (ou Catorico) Machin Vizcaino, Bartholomé Vizcaino, Geronimo Ginoves, Alfonso de Napoles, Pascual de Negro (ou Negron) e Esteban Gomez. Navarrete, V, 314, 321.

11) Em 30 de Abril de 1528 diz D. Rodrigo que havia 18 mezes que ali estava, e em 15 de Junho de 1527 diz que havia sete mezes.

J) Talvez pelo mesmo motivo por que o fizera o commandante dos navios de 1521 com os companheiros de Solís: tratar-se de Hespanhoes, e elle ser hespanhol.

12) G. 18, 5. 20; Navarr., V. 238; Varn. *Prim. Neg. Diplomaticas*, pag. 128.

13) Off. do dito Embaixador (em Simancas) M. 368, fol. 5.— Torre do Tombo, P. 1, 39, 133 e G. 15, 10, 30.

14) Nav. V. 173 e 233: quanto ao dito porto ao sul de Cabo-Frio, ao qual na relação se chama *rio do Extremo*, póde suppor-se que fóra a angra dos Reis ou a bahia de Guaratiba, em vista do lugar que lhe assigna a carta de Diogo Ribeiro (1529).

Quando a náo hespanhola S. Gabriel, ao querenar, soffria as bombardas dos tres navios francezes, navegava pelos mares brazilicos, por aquella altura, a armada de Sebastião Cabot, que deixara Pernambuco no mez anterior. — E ai! dos aleivosos si nessa occasião se approximara da costa a esquadra hespanhola! — Porém Cabot seguia de largo, e só foi de novo avistar terra na ilha de Santa Catharina, como antes dissemos.

As informações que a Cabot deram os Castelhanos, que nesta ilha encoutrou, das riquezas do rio da Prata, o induziram, a pretexto de não poder emprehender maior viagem por se haver perdido a capitanea, a subir pelo mesmo rio da Prata, em vez de proseguir para as Molucas K).

Deixando, porém, os mais successos desta armada, bem como os outros da sua contemporanea castelhana ao mando de Diego Garcia, e que não pertencem á nossa historia, sigamos a Christovam Jaques em seus feitos. Vimos como, julgando que lhe bastava ter comsigo as cinco caravellas latinas, mandara para o reino a náo, com carga de brazil. Logo depois, andando a correr a costa com quatro das ditas caravellas, travou peleja com tres navios de mercadores bretões, dois delles de cento e quarenta toneladas. Combateu um dia inteiro, e, sahindo vencedor, levou para Pernambuco os prisioneiros em numero de trezentos. Segundo nos consta por tradição, este combate teve lugar num reconcavo, pelo rio Paraguassú acima, junto á ilha ainda chamada dos Francezes. Sabendo, porém, positivamente, por outro lado, que as hostilidades começaram de parte dos navios francezes contra uma das caravellas, pelos tempos contrarios esgarrada das outras que depois acudiram, só teria o combate lugar nessa paragem, si acaso a ella se foram refugiar os mesmos navios, depois de começadas as hostilidades. As queixas do attribulado D. Rodrigo de

---

K) Os castelhanos Henrique Montes e Melchior Ramirez apenas confirmaram as noticias colhidas na feitoria de Pernambuco. Como evidencia Harrisse no livro citado supra, Cabot já levava desde então a idea de ir ao Prata.

Acuña, os informes de Gonçalo Leite, que se nos denuncia como pouco affeiçoado ao chefe, e uma carta de Diogo Leite, em que parece censurar quanto no Brazil se fazia, decidiriam o governo em apressar-se a dar por acabada a commissão de Jaques. Para lhe succeder foi escolhido Antonio Ribeiro. E Jaques recolheu ao Reino, com trezentos prisioneiros estrangeiros que tinha comsigo na feitoria. Neste numero entrou talvez Acuña, em favor de quem se empenharia o mencionado embaixador hespanhol Lope Hurtado L).

Quanto a Ribeiro, nem-uma noticia encontramos dos seus feitos dos nossos mares. Naturalmente abandonou pouco depois a costa com a esquadrilha, chamada talvez a outro serviço. O certo é que, ficando a feitoria desprotegida, caiu sobre ella um galeão de França, que a saqueou, conseguindo apenas o feitor Diogo Dias escapar-se em uma caravella, que ali então passava com destino para Sofala.

Christovam Jaques, que havia tido occasião de estudar o paiz e de avaliar a sua riqueza, e que conhecia o estado florescente a que ja nesse tempo tinham chegado as colonias portuguezas da Madeira, dos Açores e de S. Thomé, onde possuiam importantes solares varios senhores donatarios, cujos avós apenas eram conhecidos, propoz-se a ser tambem donatario no Brazil, offerecendo-se a levar comsigo mil colonos.

Achava-se então em Lisboa Diogo de Gouvêa, um dos Portuguezes mais illustrados daquelles tempos, estabelecido em Pariz, onde dirigia o collegio de Santa Barbara, do qual sahiram para o mundo litterario não poucos alumnos, que lhe deram gloria. Gouvêa, que desde 1513 prestava em França nos negocios das tomadías valiosos serviços, empenhou-se com el rei D. João III para que levasse avante os intentos de Christovam Jaques M). Parece porém que ainda então

---

L) De muitos factos narrados aqui pelo Autor são desconhecidas as fontes: no que vagamente chama tradição parece referir-se a Gabriel Soares, *Trat. descript. do Br.*, 16.

M) Consta isto do seguinte trecho da carta que de Ruão escreveu a D. João III Diogo de Gouvêa á 29 de Fevereiro e 1 de Março de 32:

« A verdade era dar, Senhor, as terras a vossos vassallos, que tres annos ha que si as Vossa Alteza dera aos dois que vos falei, a saber do irmão do Capitão da ilha de S. Miguel, que queria ir com dois mil moradores la a povoar, e

não estava a côrte resolvida a seguir o seu parecer, como depois seguiu, apenas o tempo começou a deixar que se começassem a realisar as previsões do profundo pensador, por ventura antes tratado, como succede ordinariamente, de sonhador e de utopista, pelos que não pensam, ou pelos que não chegam a lobrigar o que elle vê ás claras.

---

de Christovam Jaques com mil, já agora houvera quatro ou cinco mil crianças nascidas e outros moradores da terra casados com os nossos, e é certo que após estes houveram de ir outros moradores e se vos, Senhor, estorvaram por dizerem que enriqueciam muito. Quando vossos vassallos forem ricos, os reinos non se perdem por isso mas se ganham... porque quando la houver sete ou oito povoações estes serão abastantes pera defenderem aos da terra que não vendam o brasil a ninguem e non o vendendo as naus não hão de querer la ir pera virem de vasio.

«Depois disto aproveitaram a terra, na qual non se sabe si ha minas de metaes como pode haver, e converterão a gente á fé, que é o principal intento que deve de ser de Vossa Alteza, e nom teremos pendença com esta gente nem com outra...» Varnhagen, *Primeiras negociações*, 135.

O irmão do capitão da ilha de S. Miguel chamava-se João de Mello da Camara: delle possuimos uma carta a D. João III, sem data, mas de 1529, como se vê do trecho acima de Gouvêa, em que allude á sua proposta. Mello da Camara assim se refere a Christovam Jaques: «... dá-me muita paixão darem pessoas informações a Vossa Alteza como querem, por onde o fazem assi estar perdendo tempo, e nom tomar em nem uma cousa concrusão. E non sei, senhor, quem lh'as dá, porque lhe non dizem que dê as terras que tem perdidas a seus vasalos e naturaes, que lhas ganhem e povorem, pagando-lhe aqueles direitos que Vossa Alteza ordenar e forem resão, e non buscarem-lhe cousas em que gaste dinheiro sem proveito, como agora me certificaram que dizia Christovam Jaques que lhe mandara Vossa Alteza dizer que nã fazia nada desta terra sem seu parecer, o que lhe havia de mandar ou mandara já por apontamentos. E que este meio buscara por terceira pessoa, que o dissesse como de si a Vossa Alteza, que eu nã sei que parecer pode ser o seu, pois que Vossa Alteza tem por experiencia nisto quanto foi. E diz que buscou este meio pera lhe dizer que nã dê sinã de tal parte a tal e que o mais guarde pera si pelo muito ouro e prata e metaes que ahi havia e que pera aqui havia dar-me Vossa Alteza que o fizese; mas atá aqui não temos visto esta somma de metaes, nem quem nos visse, sinão dizerem que um homem viu outro... (falta) que fosse assi porque eu e mais amigos nossos *portuguezes e naturaes* somos e leaes e nã *castelhanos* nem francezes, e tudo como é servido de Vossa Alteza. E com isto diz que com estas cousas se ha de vingar dos que lhe pedem o seu, e que os ha de fazer ficar nas mõtanhas e serranias pera que se percam, porque elle crê que toda esta terra lhe pertence de direito, e que uã ha lá de mandar Vossa Alteza outrem sinã a elle, e assi o anda dizendo, que eu affirmo a Vossa Alteza que lhe o ouvi, e eu, Senhor, lhe digo pera que saiba

Digamos desde ja que o de que tratamos é o mesmo doutor (ou mestre) Diogo de Gouvêa, que depois (1537), foi eleito regente da Universidade de Bordeos, e nesta lente de theologia, emquanto não passou a Coimbra com muitos outros professores que foi encarregado de ajustar [15]).

Antes de proseguir, cumpre-nos dizer que os interessados [16] nos tres navios aprezados por Christovam Jaques, requereram a Francisco I, por intermedio do conde de Laval, governador da Bretanha, cartas de marca para se indemnisarem de suas perdas, que orçavam em sessenta mil cruzados. Mandou Francisco I a Portugal para agenciar essas indemnisações o rei d'armas Helice Alesge de Angouleme. Chegou este a Lisboa em Janeiro de 1529; deu conta da missão, porém, não sendo despachado durante mais de dois mezes, regressou a França ; e poucos dias depois assignava Francisco I uma carta patente de corso, em favor do celebre Ango, contra Portugal. Vendo-se porém mui necessitado de dinheiro, inclusivamente para pagar o resgate de seus filhos ao vencedor Carlos V, mandou o mestre Pedro de la Garde de embaixador a D. João III, offerecendo-se a cassar as cartas de corso, e pedindo-lhe trezentos mil cruzados emprestados. Respondeu o monarcha portuguez (com muitas desculpas e incumbindo de encarecel-as em França o seu embaixador João da Silveira) que por obsequial-o lhe emprestaria

---

a verdade e a tenção e fundamento deste homem, e dahi póde fazer o que mais seu serviço for. E si Vossa Alteza quizer mais verdadeira informação da terra, aqui andam homens que o sabem tão bem como elle, porque foram nella mais vezes, e que lhe darão verdadeiramente, porque nã são partes no caso. » Sousa Viterbo, *Trabalhos nauticos dos Portuguezes*, I, 216/217. Lisboa, 1898. A que viria a opposição entre Portuguezes naturaes, leaes, e Castelhanos ou Francezes, si Christovam Jaques não fosse castelhano, como tantos indicios levam a crêr ?

15) Barbosa e Mariz enganam-se attribuindo alguns de seus actos a André de Gouvêa. Diogo falleceu, com mais de 90 annos, de conego em Lisboa, em 1557. [Cf. Theophilo Braga, *Historia da Universidade de Coimbra*, I, 309. Lisboa, 1892].

16) Ivon Cretrugar; Jean Bureau (ou Burcau), Jean Janet, e Guerret Mathurin Tournemouche.

cem mil cruzados em dinheiro ; e que o mais, que passava e muito de trezentos mil cruzados, lhe cedia tambem de emprestimo, si elle quizesse fazer justiça, obrigando muitos dos seus vassallos a restituir as tomadías illegitimamente feitos. João da Silveira era autorisado, inclusivamente, a agenciar estes negocios concedendo aos individuos que assentasse « algum proveito secreto [17]) ». A este intento foram de embaixada os desembargadores Lourenço Garcez e Gaspar Vaz.

Entretanto reconhecera-se que eram insufficientes as pequenas capitanias, antes fundadas no Brazil, e que as simples armadas de guarda-costa, além de muito dispendiosas, não promettiam toda segurança, sem uma forte colonia n'algum porto visinho, a que ellas se podessem recolher para refazer-se, não só de mantimentos, como de gente, em caso de necessidade. Ao mesmo tempo a colonia, desenvolvendo-se e crescendo, poderia com seus proprios recursos sustentar tal armada, sem sobrecarregar o thesouro da mãe patria.

A idéa de fundar pois no Brazil uma colonia vigorosa começava a triunfar, quando se recebia em Lisboa uma carta escripta [18]) de Sevilha por um Dr. Simão Affonso, dizendo como, acabando Sebastião Cabot de chegar mui derrotado do rio Paraná, o haviam mandado ali prender, e de como pensava elle doutor que Hespanha não tentaria para aquellas bandas novas emprezas.

O plano vago da fundação de uma povoação forte no aquem-mar se fixou então justamente sôbre essa paragem de clima temperado e de tantas apregoadas riquezas, que os Castelhanos escarmentados iam por ventura desamparar de todo : sobre as margens do rio da Prata. Apromptou-se com mais rapidez a frota composta de duas náos, um galeão e duas caravellas. Além das competentes guarnições e tripulações, embarcaram-se nella familias inteiras... « Vão para o rio da Prata »... E bastava esta voz para não faltar quem quizesse

---

[17]) C. R. a João da Silveira de 16 de Janeiro de 1530; e sup. ao Arm. 26 m. 2.º, n.º 31. [Navarrete, V, 236].

[18]) Em 2 de Agosto de 1530. [Publicada pelo autor na 1ª edição, I, 439.]

alistar-se... Ao todo contam-se nas cinco velas [19]) quatrocentas pessoas. Muitas destas diziam adeus á patria, no momento em que por ventura sonhavam que dentro de pouco volveriam a ella com grossos cabedaes, — com rios de prata. Henrique Montes, que estivera com Cabot e que tinha passado a Portugal, regressava na armada [20]) feito *cavalleiro da casa*, e agraciado com o officio de provedor dos mantimentos, assim na viagem, como ao depois, « em terra, em qualquer lugar onde assentassem » os que iam na armada, uns por obediencia ás soberanas ordens, outros por curiosidade, ou por ambição ou sede das riquezas, e alguns até por sua infelicidade, — seus vicios e crimes.

Para commandante fôra escolhido Martim Affonso de Sousa, que ao depois se fez celebre na Asia, obrando prodigios de valor N). Contava então apenas trinta annos; mas já, por seu bom juizo, havia merecido a honra de fazer parte dos conselhos do rei. A amizade e o parentesco que com elle tinha o vedor da Fazenda D. Antonio de Attaide, depois conde da Castanheira, deviam contribuir muito para a escolha; mas quem como nós teve occasião de conhecer tão cabalmente o dito Castanheira por toda a sua correspondencia privada e de officio, incluindo a que ao depois por annos entreteve com o mesmo Martim Affonso, em serviço na Asia, não póde por um só instante

---

19) Em uma destas voltava ao Brazil o mesmo Diogo Leite, que estivera ás ordens de Christovam Jaques. [A armada como se vê do *Diario* de Pero Lopes, constava da nau maior capitanea, de dois galeões: um chamado *S. Miguel*, commandado por Heitor de Sousa, outro *S. Vicente*, commandado por Pero Lobo Pinheiro, e duas caravellas: *Princeza* commandada por Baltasar Gonçalves, e *Rosa*, commandada por Diogo Leite. Fr. Luiz de Sousa, *Ann. de D. João III*, 283, dá a armada como composta de tres naus e quatro caravellas].

20) Torre do Tombo, Chanc. de D. João III. — Liv. 56, f. 130 v. [Da volta de Henrique Montes dá noticia Herrera, Dec. IV, l. X, c. 6.]

N) «Era Martim Affonso de Sousa um fidalgo principal e de alta linhagem, neto de Pedro de Sousa, senhor do Prado, e filho de Lopo de Sousa, senhor do Prado, Pavia e Baltar, alcaide-mor de Bragança, e aio do duque de Bragança, D. Jayme. O proprio Martim Affonso foi na sua primeira mocidade creado dos duques, passando depois para o serviço do principe herdeiro, D. João. Elle e seu primo co-irmão, D. Antonio de Athayde, foram os dois grandes validos e privados de D. João, chegando a tal ponto este valimento que offuscou o animo

suspeitar que, no animo do Conde, a amizade preponderasse ao zelo pelo Estado, tratando-se de um empregado deste. Além de que, não era o conde da Castanheira exclusivo no conselho, — e não se atreveria a fazer ao soberano qualquer recommendação, quando não tivesse o apoio de Antonio Carneiro, que era tambem secretario, mui influente na governação do Estado. Demais : o exito desta expedição e a successiva carreira de serviços de Martim Affonso justificam cabalmente a proposta que delle fez o seu primo e amigo a Sua Alteza, — que tal era o tratamento que se dava ainda ao rei.

Vinha Martim Affonso munido de poderes extraordinarios, tanto para o mar, como para reger a colonia que fundasse; e até autorisado com alçada e com mero e mixto imperio no civel e no crime, até morte natural inclusivè ; excepto quanto aos fidalgos, que, si delinquissem, deveria enviar para Portugal. Trazia autorisação para tomar posse de todo o territorio situado até á linha meridiana demarcadora; para fazer lavrar autos, e pôr os marcos necessarios ; para dar terras de sesmarias a quem as pedisse, e até para criar

---

cioso del-rei D. Manoel, o qual tratou de arredar os dois jovens fidalgos da companhia de seu filho... Martim Affonso de Sousa era «fantesioso e opiniatigo» e resentiu-se tanto desta intervenção do rei, e da fraca resistencia offerecida pelo principe ás determinações de seu pae, que se retirou para Castella. Visitou então Salamanca, e residiu mesmo durante algum tempo naquella cidade, vindo a casar ali com D. Anna Pimentel, filha de Aryas Maldonado, regedor de Salamanca e Talavera, e pertencendo a uma das mais nobres familias daquella provincia.

« Quando el-rei D. Manoel falleceu, ainda Martim Affonso se conservava em Hespanha e ali se deteve até que o novo rei o mandou chamar ; o que este não fez nem tão prontamente nem de tão boa vontade quanto elle esperava e desejava. No animo fraco e voluvel de D. João III estava já um tanto apagada a memoria da antiga amisade, « a privança era resfriada. » Dominava-o além disso a influencia do outro valido, Antonio de Athayde, que depois foi conde da Castanheira, vedor de sua fazenda, e já então era, como continuou a ser, o seu principal e mais intimo conselheiro. Dados os habitos da côrte de então, podemos crer que Antonio de Athayde receiasse a presença do seu antigo amigo e rival, e desejaria conserval-o arredado da pessoa do rei. Por isso vemos Martim Affonso encarregado depois de altas e honrosas, mas longiquas commissões. Ficalho, *Garcia da Orta e o seu tempo* 65/66, Lisboa, 1886.

tabelliães, officiaes de justiça e outros cargos. As sesmarias [21]) deviam ser dadas em uma só vida, o que não parece coherente com o pensamento de ligar a terra á geração perpetuada de pais a filhos. Não sabemos que politica ou que miras envolvia esta disposição, que logo depois se modificou, com melhor conselho.

Com Martim Affonso vinha tambem nesta armada seu irmão Pero Lopes de Sousa, moço honrado e de grandes brios e valor, e igualmente muito bem conceituado perante o mesmo conde da Castanheira [22]). A' pena de Pero Lopes devemos hoje tudo quanto de mais averiguado sabemos dessa expedição, que se apresentou diante do cabo de Santo Agostinho no ultimo de Janeiro de 1531, depois de haver tido alguns dias de demora para se refazer de mais mantimentos, na Ribeira-Grande, porto da cidade capital do archipelago de Cabo-Verde.

Para não interrompermos dentro de pouco a narração que vai seguir-se, digamos ja que, complicando-se as negociações em França, e havendo probabilidade de que mais se complicariam com alguns feitos de nova armada, foi lá de embaixador, em Maio de 1531, o proprio vedor da Fazenda D. Antonio d'Attaide. E á presença nesse reino, durante poucos mezes, deste prudente estadista, a quem por certo não se faz geralmente a devida justiça, attribuimos não só as capitulações celebradas com Ango, mas tambem as boas disposições da parte do Almirante de França e outros O), para os accordos depois

---

[21]) « Sesmarias são as dadas de terras... que foram ou são de alguns senhorios », etc. Ord. Man. IV, 67; e Filip. IV, 43.

[22]) A Martim Affonso escrevia de Pero Lopes o C. da Castanheira, em 1538 « Pero Lopes, vosso irmão, está feito um homem muito honrado, e outra vez vos affirmo muito honrado. E digo vol-o assim porque póde ser que por sua pouca idade vos pareça que terá bons principios, mas que não será ainda de todo bem assentado nisso, como vol-o eu aqui digo, que é ainda menos do que o que delle cuido ». [A data 1538 não deve estar certa, pois não combina com o facto de Pero Lopes já ser então pae de familia e donatario de uma capitania de juro e herdade. Será 1528?]

O) João Ango obteve duas cartas de marca. Uma, de 27 de Julho de 1530, autorisava-o a apresar bens de subditos portuguezes no valor de duzentos e cincoenta mil ducados. D. Antonio de Athayde, conde da Castanheira, conseguiu rehavel-a, pagando a Philippe de Chabot, conde de Charny, a quantia

tomados, em virtude dos quaes, em 1537, se installaram em Irun e Fuenterrabia commissões mixtas de Portugal e França, para attenderem ás reclamações de prezas e tomadias, dos queixosos d'uma e outra parte. O proprio João Affonso, de appellido Francez, pratico do Brazil [23]) e que antes de fugir de Portugal fôra mestre de um

---

de 10,000 francos, e a João Ango, nos prazos que se fixassem, a quantia de cincoenta mil. Em documento passado em Rouen a 20 de Fevereiro de 1531 (sic!) João Ango reconhece juntamente com os consocios ter recebido do conde de Castanheira e Gaspar Vaz a quantia convencionada. Este dinheiro aliás não lhe deu fortuna. Morel, um dos socios, promoveu contra o grande armador uma acção, que, iniciada em 1548, terminou em 1604, condemnando os herdeiros de Ango a pagarem aos de Morel a quantia de 30,000 ducados, com o juro de 14 °/₀ a partir de 1531.

A primeira carta de marca nada tem com o Brasil. A segunda, concedida em 3 de Fevereiro de 1543, refere-se a um navio tomado em 1531, segundo parece, e póde relacionar-se com a expedição de Martim Affonso. Ango allega que seu navio *La Michelle*, tendo de carregar na costa do Brasil em certa abra chamada ASTER,— nome evidentemente deturpado, porque não é europeu nem americano —, capitães e subditos portuguezes tomaram-no, e levaram-no a Portugal, onde ficou a serviço do dito rei. Da gente do *La Michelle*, parte refugiou-se entre os Indios, parte foi levada para o reino, e lá conservada presa. Na longa detenção morreram alguns dos aprisionados.

A data deste successo não é positivamente declarada, mas não tendo entrado na primeira carta de marca, outhorgada em 1530, e referindo a segunda carta, em seguida ao successo da *La Michelle* logo outro de 1532 (quiçá 1533), naturalmente foi neste meio tempo, durante a assistencia de Martim Affonso no Brasil, que isto passou.

A expedição de Martim Affonso, como veremos na secção seguinte, tomou duas naus francezas a 31 de Janeiro de 1531: a gente de uma fugiu para terra; sobre a tomada da outra nem uma particularidade offerece o diario de Pero Lopes. Terceiro navio tomou este a 2 de Fevereiro depois de grande resistencia. Antes de deixar Pernambuco, Martim Affonso queimou um dos navios, outro mandou para Portugal por João de Sousa, no ultimo, baptisado *Nossa Senhora das Candeas*, seguiu Pero Lopes para o Sul. *La Michelle* podia ser tanto o navio de João de Sousa como o de Pero Lopes, ambos aproveitados no serviço real. Pode-se consultar sobre o assumpto, F. Palha, *A carta de marca de João Angô*, Lisboa, 1882, que trata só da primeira, e Eug. Guénin, *Ango et ses pilotes*, Paris, 1901, que publica ambos os documentos.

[23]) « Joannis Alfonsi Francez, qui erat expertus in viagiis ad brasiliarias insulas. » [O documento citado, escreve Sousa Viterbo, se acha no Archivo Nacional da Torre do Tombo, num maço de libellos apresentado pelo Dr. Jorge Nunes aos juizes commissarios, delegados para a divisão das prezas feitas no mar entre Portuguezes e Francezes (Gav. 15, maço 21, doc. 3, fi-

navio de Duarte de Paz), recebeu d'elrei carta de seguro de que não seria demandado, nem perseguido [24]), por incurso nas penas dos *naturaes* que acceitavam serviço do mar das outras nações, ou iam ás conquistas sem licença [25]).

---

bello 16). No segundo libello, logo em principio, tambem se fez referencias a João Affonso:... adversus Rogerium Bansa Magistrum unius navigiis qui erant de conserva Joannis Alfonsi Francez cognomento et contra Giles Philippes capitaneum navis aut navium dictæ conservæ Joannis Alfonsi et contra Joannem Ango vicinos de Anna Frol... »

[24]) Casa da Coroa, Arm. 26. 3, 10. [Publ. pelo Autor em *Amerigo Vespucci*, 115/116, Lima, 1865, e reproduzido por Sousa Viterbo, *Trabalhos nauticos dos portuguezes nss seculos XVI e XVII*, I. 16/17. Lisboa, 1878].

[25]) Ord. Man., Liv. V. tit. 98 e 112. —Vej. tambem N. 11 do maç. 1. das leis sem data. A respeito da naturalidade de João Affonso, posta em duvida pelo douto D'Avezac, vejam nos esclarecimentos que publicamos no escripto : « *Amerigo Vespucci,* » etc.

[Em carta de Gaspar Palha, de Paris, 1 de Maio de 1531 lê-se: «Depois de ser esta escrita, fui topar com um homem de Rochella que chegava então della, e me comecei informar delle, sem que me este conhecesse, das novas que lá havia; antre outras coisas lhe perguntei que era feito de João Affonso, aquelle piloto portuguez que ahi estava. Disse-me que andava homesiado, porque quando se perdera com tromenta na costa da Bretanha, que houvera razões com um filho que tinha já homem e que o matara, e que por este caso andava agora homesiado, que non ousava parecer. Hei esta nova por certo, porque a soube desta maneira». *Raccolta Colombiana*, parte V, vol. II, pag. 296. Uma carta de Gaspar Vaz para D. João III, escripta de Honfleur em 19 de Outubro de 1531 e extractada por Santarem, *Quadro elementar*, III, 241, confirma a nacionalidade portugueza de João Affonso, do mesmo modo que um documento de 3 de Fevereiro de 1533 citado por Fr. Luiz de Sousa, *Annaes de D. João III*, 377. Comtudo Sousa Viterbo, *Trat. Nauticos*, s. v., acha a questão duvidosa.]

SECÇÃO VIII

(IV da I. edição.)

RESULTADOS DA EXPEDIÇÃO DE MARTIM AFFONSO

Seus feitos. Os Francezes. O Maranhão. A Bahia. Combate naval dos Indios. Martim Affonso na Bahia e no Rio. Ilha da Cananéa. Oitenta homens ao sertão. Padrões da Cananéa. Naufragio de Martim Affonso. Pero Lopes sóbe o Paraná. Martim Affonso fica na costa. Escolha do porto de S. Vicente. Sua descripção. Estabelecimento da colonia. João Ramalho. Etymologia do nome Piratininga. Piracemas. Villas de S. Vicente e de Piratininga. Concelhos das duas villas. Sesmarias. Direitos dos colonos. Jurisdicção ecclesiastica primitiva.

Acabava Martim Affonso de avistar a costa de Pernambuco, quando descobrio ao longe uma náo franceza. Pouco lhe custou dar-lhe caça, e rendel-a, fugindo no batel para terra toda a tripolação, menos um só homem. Seguiu-se a esta preza a de outras duas náos, tambem francezas, e carregadas, como estava tambem a primeira, de brazil. De uma dellas coube o aprezamento a Pero Lopes, que depois de a haver seguido com duas caravellas, e combatido um dia todo, conseguiu rendel-a.

Feliz com tão boa estréa, dirigiu-se Martim Affonso ao proximo porto de Pernambuco; e dahi resolveu mandar a Portugal uma das náos aprezadas, com a noticia do succedido A), levando outra comsigo,

A) A Portugal a noticia do succedido chegou meiado Maio, como se vê da seguinte carta de D. João III ao conde de Castanheira, publicada por Fernando Palha n'*A Carta de marca de João Ango*, 56/57:

«D. Antonio amigo, Eu el Rei vos envio muito saudar.

Aqui se diz, e não porem por via nenhuma certa nem autentica, que M. A. de Sousa topou com algumas naus francezas carregadas de brasil que as tomou: e, porem, porque isto M. Af. me não escreve nen disso sei mais que dizer-se, não o tenho por certo. E todavia me pareceu necessario, por que la pode ir ter a mesma nova, dar-vos aviso disso, pera que se vos nisso apontar alguem e la

caminho do rio da Prata, e queimando a terceira por incapaz [1]). Igualmente resolveu, talvez em virtude de ordens que tinha, mandar

---

se disser isto mesmo, que vós digaes que o não credes, por que si assi fosse eu volo escreveria, que eu não vos tenho mandado tal nova, e como pessoa que totalmente haveis esta por falsa respondereis a quem vos nisso falar, sem vir a outra resão emquanto la na materia se não falar sinão como incerta. E porém, si apertarem mais comvosco e a nova for la per outra via e a tiverem por certa e disso fizerem caso, vós todavia direis que o não credes, nem vos parece que sendo assi eu podera leixar de o saber e de volo escrever, e tambem que vós não credes que Francezes fossem aquella parte, e porem, si alguma cousa foi, que poderia mui bem ser que os Francezes fariam o que não deviam em algumas de minhas feitorias que eu la tenho muitas, ou tambem elles seriam os acomettedores, como se acontece, e que por certo tendes que M. Af. nem meus capitães não haviam de fazer nem uma cousa sinão com muita resão e de que possam dar boa conta a todo o tempo e logar, e que vós sabeis mui bem quão apertadas levam as commissões todas minhas armadas e capitães que pelo mundo navegam pera nunca poderem errar guardando o que lhe por mim é mandado; e que, assi como isso tendes por certo, assi não duvidaes nada que si elles alguma cousa fizeram como não deviam e passaram meu mandado, que sabendo eu quem errou não passará sem castigo, mas que percima de tudo vos não parece que pode ser verdade, e si a for que ha de ser muito differente do que dizem, e meus capitães e gentes mui sem culpa. E como acima vae apontado podeis tocar em camanho trato e quantas casas de feitorias eu tenho em todos aquelles mares, como em partes mui proprias minhas, e que de tantos tempos atraz foram achadas, ganhadas e pessuidas por mim e por a coroa destes reinos, onde ha tambem muita fazenda minha, e muita guarda assi do mar como da terra, como é resão que haja, e que não é maravilha quem destes logares e guardas e tratos tem o cuidado não querer consentir nem-uma torvação nelles. E tudo isto, porem, direis e apontareis aos tempos e nos logares e com as pessoas que vos parecer conveniente, mais e menos segundo vos nisso falarem, e segundo o caso tambem que vos disso fizerem mais ou menos grave, que eu confio que vós mui bem sabereis fazer e dizer, e todas estas deferenças e ensejos sabereis mui bem guardar, e porisso nesta carta não é necessario vos dizer mais. Jorge Rodrigues o fez em Montemor o novo a 17 de Maio de 1531.

[1]) So em Novembro chegou a propagar-se em França, em meio de grandes queixas e alaridos, a noticia dos tres navios aprezados, com a circumstancia, não sabemos se verdadeira, de haver Martim Affonso mandado enforcar o piloto Pedro Serpa, que encontrou em uma dellas. Sendo certo que já então, (principalmente desde a creação, em 2 agosto de 1525, do officio do Correio mór em Portugal, officio em que foi primeiro provido Luiz Homem, que veiu a ter á sua morte, por successor Luiz Affonso em 13 de Janeiro de 1533) havia correio público cada oito dias de Lisboa a Burgos, e

as duas caravellas para as bandas do Maranhão, afim de fazer explorar por ahi a costa, e de collocar nella padrões em signal de posse. Diogo Leite foi o capitão a quem Martim Affonso confiou o mando dessas duas caravellas. Sabemos que este chefe, percorrendo o littoral de Leste-Oeste, chegou pelo menos até a bahia de Gurupy, que por algum tempo se denominou « abra de Diogo Leite »; — nome este que já se lê em um mappa em pergaminho de toda a costa, feito por Gaspar Viegas em 1534 [2]).

Da náo franceza mandada a Portugal foi capitão João de Sousa. Além de umas setenta toneladas de brazil, levou trinta e tantos

---

cada quinze de Burgos a Flandres, devemos crer que os prisioneiros francezes estiveram incommunicaveis em Portugal por algum tempo. Gouveia parecia assustado com a noticia, porém o embaixador Gaspar Vaz era de parecer que por fim o resultado seria favoravel a Portugal; não querendo outros expor-se ao que acabava de succeder a tantos.

[O trecho da carta de Diogo de Gouveia (cópia no Inst. Hist.), escripta de Ruão a 17 18 de Novembro de 1531 é o seguinte:

« Eu me achei aqui hoje 17 de Novembro e o Almirante era vindo aqui... e fui ver o Almirante para lhe fazer a reverencia. Elle me mandou mostrar uma carta que no mesmo ponto de sua chegada viera de Lisboa desses Francezes que la foram presos no Brasil por Martim Affonso de Sousa. E depois de elle aqui ser chegado as mulheres e parentes se foram lançar diante delle e lhe pedir justiça e principalmente a mulher de um piloto ou mestre que chamavam Pero Serpa. Elle me disse que rogava que visse este negocio e esprevesse a Vossa Alteza que os mandasse soltar. Eu non sei o porque elles som presos porem sei que deste negocio não ha... (roto) provento. Si assi é como na carta diz, que o Capitão maor mandou enforcar este Pero Serpa, e que catou todo o navio para ver si achava alguma cousa afora bresil, e dizem que nom achou nada, eu por o que devo a Deus e a V. A. e ao proveito desse reino queria ver todas estas cousas postas em outro rumo e que se levassem por outra manha.]

2) Mais a Oeste se vê designada a bahia de S. João. Chegaria a ella Diogo Leite, no dia deste santo (24 de Junho), depois de haver entrado, a 19 de Março, na bahia de S. José, e a 25 de Abril na de S. Marcos: se é que estes nomes não haviam sido anteriormente dados por Diego Lepe, em 1500.

[Em 1537 estando um Diogo Leite, cavalleiro da casa real, com uma armada de cinco caravelas pousado sobre ancoras no porto da ilha do Corvo á espera de uma nau da India, cinco navios francezes deram sôbre elles, e os tomaram e levaram com toda a artilharia, segundo uma carta de D. João III a Ruy Fernandes, de que existe copia no Instituto Historico. Será o mesmo ?]

dos prisioneiros, e em fins de Julho estava a dita náo fundeada em Villa-Nova de Portimão, no Algarve, onde se procedeu á venda da sua carga de brazil, a rasão de 800 a 900 réis o quintal [3]).

De Pernambuco seguiram os outros navios para o Sul, e foram entrar na bahia de Todos os Santos, descoberta em 1501. Aqui se apresentou ao Capitão mór o portuguez Diogo Alvares, que em terra vivera entre os Indios os vinte e dois annos anteriores, e que ahi tinha muitos filhos, havendo-se alliado a uma India, cujo nome primitivo corre haver sido Paraguaçú, Catharina o da pia baptismal B).

Por intervenção do mesmo Diogo Alvares, vieram todos os principaes visitar ao Capitão mór, trazendo-lhe mantimentos, que foram retribuidos com as dadivas de costume. Admirou Pero Lopes na Bahia a alvura da gente, a boa disposição dos homens, e a formosura das mulheres, que não achou inferiores ás mais bellas de Lisboa.

Reservando-nos a tratar, mais ao diante, do colono Diogo Alvares e desta bahia, nos limitaremos agora a dizer que, durante os quatro dias que fundeada se demorou a armada, tiveram os nautas occasião de presenciar um combate naval travado dentro do reconcavo; naturalmente entre os da ilha de Itaparíca, e os do lado do Norte que senhoreavam as terras onde se assentou depois a cidade do Salvador. Cada esquadrilha constava de cincoenta canoas, guarnecidas algumas destas de sessenta homens, todos escudados de pavezes de cores, semelhante aos que usavam

3) Vej. (no Arm. 25 març. 9, n. 5 do interior da Casa da Coroa na Torre do Tombo) um livro rubricado por Diogo Toscano, almoxarife e juiz da alfandega da dita villa. Consta deste livro que Lourenço Fernandes viera por mestre da náo franceza de que João de Sousa viera por capitão, sendo marinheiros Rodrigo Eanes e Affonso Vaz, e bombardeiro Aleixo Pinto. Parece que eram no todo 927 quintaes de brazil, dos quaes 17 foram dados de quebra.

B) Frei Vicente do Salvador, que ainda a alcançou, « viuva mui honrada, amiga de fazer esmolas aos pobres e outras obras de piedade », chama-a Luisa na *Hist. do Brasil*, livro 3.° cap. 1.°

então os guerreiros maritimos portuguezes. O combate durou desde o meio dia até o sol posto; — os da armada europea conservaram-se impassiveis espectadores desta naumachia entretropica, e viram com gosto decidir-se o triunfo pelos que combatiam do lado em que elles estavam surtos. Muitos dos vencidos cairam prisioneiros; e com estes practicaram os vencedores o costumado uso de os matarem, com grandes ceremonias, e de lhes tragarem depois ¡oh asqueroso horror! as carnes.

Martim Affonso, deixando com Diogo Alvares dois homens e muitas sementes, para saber-se por experiencia o que a terra (que, segundo doze annos antes publicára Enciso, era *de pouco proveito*) poderia melhor produzir, velejava com sua pequena frota para o Sul, quando ao cabo de alguns dias foi obrigado a arribar. Entrando na mesma bahia, em 26 de Março (1531), encontrou agora ahi fundeada a caravella que, com destino a Sofala, passára por Pernambuco, e recebera a bordo a Diogo Dias, feitor do estabelecimento ou feitoria, que o galeão francez havia, mezes antes, saqueado. Martim Affonso, vendo que esta caravella lhe podia servir, decidiu-se a leval-a comsigo. No dia immediato levantaram de novo ancoras todos os navios da armada, e seguiram navegando para o Sul até que entraram, em 30 de Abril, no porto ou bahia já então conhecida pelo improprio nome de „rio de Janeiro" C). Para não deixarmos de aproveitar a minima eventualidade no pouco que sabemos do que então se passou nesta paragem, cujas menores circumstancias hoje interessam a todo o Imperio, transcreveremos fielmente quanto nos transmittiu um dos nautas, que logo veremos donatario de Itamaracá, Santo Amaro e Santa Catharina. E' Pero Lopes quem prosegue, em seu estylo tão ingenuo como pintoresco:

Como fomos dentro (da bahia de Janeiro) mandou o Capitão (Martim Affonso) fazer uma casa forte com cêrca por derredor; e mandou sair a gente em terra,

---

C) O nome de rio de Janeiro, já conhecido no tempo de Magalhães, *Noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, IV, n. 2, Lisboa, 1826, *Racc. Colombiana*, parte 3ª, I, 273, Roma, 1893, figura em mappas anteriores a 1530.—Estes testemunhos bastariam a provar que não foi Martim Affonso de Sousa quem deu o nome de rio de Janeiro, si já não o soubessemos pelo *Diario* de Pero Lopes.

e pôr em ordem a ferraria, para fazermos cousas de que tinhamos necessidade. D'aqui mandou o Capitão (Martim Affonso) quatro homens pela terra dentro: e foram e vieram em dois mezes; e andaram pela terra cento e quinze leguas, e as sessenta e cinco dellas foram por montanhas mui grandes; e as cincoentas foram por um campo mui grande; e foram até darem com um grande rei senhor de todos aquelles campos; e lhes fez muita honra e veio com elles até os entregar ao Capitão; e lhe trouxe muito cristal, e deu novas como no rio de Peraguay havia muito ouro e prata D). O capitão lhe fez muito honra, e lhe deu muitas dadivas, e o mandou tornar para as suas terras. A gente deste rio é como a da bahia de Todos os Santos; sinão quanto é mais gentil gente. Toda terra deste rio é de montanhas e serras mui altas. As melhores aguas ha neste rio que podem ser. Aqui estivemos tres mezes tomando mantimentos para um anno, para quatrocentos homens que traziamos, e fizemos dois berganlins de quinze bancos.»

Cumpre aqui acrescentar que o mencionado estabelecimento de Martim Affonso, nesta bahia, deve ter tido logar na enseada em que desemboca o rio Comprido; e em uma paragem que, ainda meio seculo depois, se denominava «porto de Martim Affonso [4])».

Deixando o rio de Janeiro foram os navios, ao cabo de doze dias de navegação, ancorar da banda de dentro da ilha chamada « do Abrigo », junto do porto de Cananéá. Por este ultimo, cujas aguas, com o nome de « Mar pequeno », se estendem terra dentro (desde o rio de Iguape até o Sul da barra de Ararapira, onde acaba a ilha que ora chamam do Cardoso) e quasi a communicam com a bahia de Paranaguá, mandou Martim Affonso ao piloto Pedr'-Annes, entendido na lingua dos Indios, que fosse, em um bergantim, haver fala dos que ali houvesse. Este piloto voltou cinco dias depois, conduzindo a bordo do bergantim um bacharel portuguez, que havia trinta annos que ali estava, isto é, como vimos, desde a primitiva exploração da costa em 1502, um tal Francisco de Chaves, e varios castelhanos.

Este Francisco de Chaves, naturalmente, era algum dos aventureiros que antes haviam chegado até as terras do Inca. O certo

---

D) Orville Derby, *Revista do Inst. Geog. e Hist. de S. Paulo*, pensa que podiam estes emissarios ter chegado a Minas Geraes. Parece preferivel admittir que tenham ido a terras de S. Paulo, pois só nestas havia conhecimento das riquezas do rio Paraguay.

[4]) Gabriel Soares, I, c. 52.

é que, pelas informações que deu e promessas que fez de trazer, dentro de dez mezes, quatrocentos escravos carregados de prata e ouro, Martim Affonso accedeu a mandal-o seguir de oitenta homens armados, metade de arcabuzes, e outra metade de béstas, da sorte dos quaes adiante trataremos.

Quarenta e quatro dias se demorou a esquadra junto da Cananéa, durante os quaes esteve sempre encoberto o sol, circumstancia pouco para admirar aos que saibam que ainda hoje raras vezes elle se mostra radiante aos habitantes desses contornos.

Tambem no ancoradouro se romperam muitas amarras e perderam-se varias ancoras, o que succede ainda agora nesse porto, cujo fundo tem rato, como dizem os mareantes daquelles que rompem as amarras, quando não são de élos de ferro.

Defronte da ilha da Cananéa sae da terra para o mar um pontal de pedra, que se chama hoje de *Itaquaruçá*, onde ainda existem tres padrões de marmore sacharoide, do que se encontra nas formações volcanicas das immediações de Lisboa, os quaes, com toda a probabilidade, foram ali postos durante estes quarenta e quatro dias, apezar do silencio que a tal respeito guarda o (tantas vezes desesperantemente omisso) escriptor dos feitos desta expedição, que merece desculpa, porque não se propunha elle a ser chronista, mas somente a consignar por escripto o seu roteiro ou diario maritimo. Os padrões da Cananéa, que examinámos pessoalmente, são de quatro palmos de comprido, dois de largura e um de grossura; e tem esculpidas as quinas portuguezas, sem a esphera manuelina, nem castellos; e nem-uma data se lê em suas faces [5]).

Com o pensamento sempre na colonisação do rio da Prata, seguiu Martim Affonso para o Sul, e dahi a dias, a 26 de Setembro, experimentou tão grande temporal que a capitanea deu á costa,

---

[5]) Como asseverou o meritissimo Cazal, I, p. 227 e 228.—Vej. Fr. Gaspar, p. 32.—*Annaes da Marinha*, p. 401.— Soares, I, cap. 65, e tambem Varnh. na *Rev. do Inst. Hist.*, XII, p. 374 e 375. Convem aqui notar que já no seculo passado Affonso Botelho, visitando esses marcos, ou antes o que está visivel em cima, diz «que lhe não apparece letreiro algum.» Vej. a *Descrip. da comarca de Paranaguá*, Ms. na Bib. do Porto, 437.

júnto ao riacho de Chuy, na actual fronteira meridional do Brazil; do que resultou perecerem sete pessoas.

Reunidos de novo todos os navios, exceptuando um bergantim tambem naufragado, chamou Martim Affonso a conselho todos os que para isso eram, e neste foi assentado que em virtude não só da falta de mantimentos, originada da perda da capitanea, como do mau estado das outras duas náos, que se não poderiam expor aos temporaes do rio da Prata naquella estação (naturalmente os conhecidos pampeiros), se desistisse da empreza de ir colonisal-o.

Apezar desta resolução, julgou Martim Affonso que, estando tão perto desse rio, não devia deixar para mais tarde o acto da posse delle, por meio dos padrões que levava. Julgando ser para isso sufficiente um bergantim com trinta homens, encarregou o commando deste, e a commissão de por os mesmos padrões, a seu irmão Pero Lopes, que se fez de vela em companhia de Pero de Goes, ao depois donatario da capitania de S. Thomé ou Campos de Guaitacazes. — Desempenhou Pero Lopes o mandado, subindo pelo Paraná e Uruguay, e achando-se de volta, decorrido pouco mais de um mez. Desta exploração do rio da Prata é que seu chefe Pero Lopes, a quem ella deu tantos trabalhos, se compraz de nos transmittir informações muito mais minuciosas do que costuma. Ainda mal, são justamente todas alheias á nossa historia, e mais poderão interessar á dos estados limitrofes do Brazil pelo Sul.

Muito provavel é que no entremeio de tantos dias, em que Pero Lopes demarcava o rio da Prata, não estivessem ociosos os pilotos que haviam ficado na costa com Martim Affonso. Em terra tiveram occasião de fazer frequentes observações astronomicas [6])

---

[6]) Assim nol-o confirma o mathematico Pedro Nunes em uma de suas obras. [Que elle (Martim Affonso) possuia um alto valor intellectual é facto sobre que tambem não pode haver duvida. Todos os escriptores do tempo, amigos como inimigos, se referem ao seu engenho agudo e subtil, á sua razão clara e á prudencia do seu conselho. Reunia aos dotes naturaes do espirito uma instrucção pouco vulgar. Era-lhe familiar a lingua latina como si fosse a sua propria e materna. Passava na India as raras horas de ocio em graves leituras de

sobre a latitude e longitude do logar, e isso lhes daria a convicção, e ao Capitão mór, de que aquella costa, e com mais razão todo o rio da Prata, ja se achavam fóra, isto é, mais a Loeste, da raia até onde se estendia, pelo tratado de Tordesilhas, o dominio portuguez naquellas paragens. Ao conhecimento deste facto em Portugal devemos attribuir o não proseguirem em Madrid as reclamações ácerca desse rio; o desistir aquelle reino de mandar mais frotas ás suas aguas; e até o não doar, quando doou outras terras, as que ficaram além das de Santa-Anna, ou da Laguna, onde terminava a courela de que de direito ainda por ahi lhe tocava.

Talvez tambem pelo conhecimento desse facto, mais que por serem ahi as terras (no littoral) sáfias e areentas, é que Martim Affonso não se deixou ficar nas plagas da actual provincia do Rio Grande, onde o lançara de si o proprio mar, e decidiu retroceder mais para o Norte, a buscar outro local onde fixar-se de preferencia. Entrando no porto de S. Vicente, o bom abrigo que nelle encontrou para as náos, a excellencia das aguas, a abundancia do arvoredo, encantador principalmente aos que acabavam de viver nos areentos plainos do Chuy, a amenidade do clima, por certo mui preferivel ao do visinho porto da Cananéa, onde nunca se vira o sol durante quarenta e quatro dias, e talvez, mais que todas estas razões, a presença de um colono portuguez, por nome João Ramalho, que ali contava ja mais de vinte annos de residencia, e que, naturalmente avisado pelos Indios, appareceu dando rasão da terra e de como toda ella pelo interior era de campos e climas

historia. Era como D. João de Castro perito nas questões de navegação e cosmographia. Quando voltou do Brasil deu a Pedro Nunes miuda relação da sua derrota, «contou-lhe com quanta deligencia e por quantas maneiras tomara a altura dos logares em que se achara e verificara as rotas por que fazia seus caminhos,» e expoz-lhe algumas duvidas que tivera durante a navegação, as quaes o grande geometra tomou em tanta conta que expressamente compoz um tratado para as resolver. (*Tratado que o doutor Pedro Nunes fez sobre certas duvidas de navegação, dirigido a El-Rei Nosso Senhor*. Ainda annexo ao *Tratado da sphera*, Lisbôa, 1537). Escreveu as suas memorias,—um Epitome da sua vida—que provavelmente se perderam, mas ainda foram vistos pelo erudito investigador conde da Ericeira. Ficalho, *Garcia da Orta e o seu tempo*. 69/70].

semelhantes aos amenos de Coimbra onde nascera,—tudo concorreria a predispor o animo do Capitão mór em favor desta paragem para fundar nella, como fundou, a primeira colonia regular europea no Brazil. E dizemos a primeira, porque não podemos chamar colonias regulares ás pequenas feitorias provisorias fundadas antes, nem-uma das quaes vingou até chegar a ter as honras de povoação e de villa.

E' o porto de S. Vicente, por assim dizer, formado em um canal que convenientemente se afeiçoa entre duas ilhas de mediana extensão conchegadas á terra firme. Mais mettida por esta a dentro fica a que se diz de S. Vicente, cuja planta apresenta alguma semelhança ao perfil de uma cabeça humana, vista pela face direita [7]). Um pouco para o Norte, se prolonga a visinha ilha de Santo-Amaro, que nesse rumo vai fenecer na barra do canal chamado da Bertioga, corrupção de Buriqui-oca, que quer dizer covil de bogios; o que prova que ahi devia de haver muitos, pois eram os Tupis sinceros em taes denominações E). Assim á dita ilha de Santo Amaro chamaram elles do

---

[7]) A boca se representa no Outerinho ; Mouserrate no lugar de olho direito; Santos sobre o cavalete do nariz; a praia de Embaré na papada, etc. [Na secção XII o autor emprega imagem semelhante para a ilha do Maranhão].

E) A este respeito escreve Theodoro Sampaio em nota a Hans Staden : « Em nem-um documento antigo se encontra o nome do canal entre a ilha de Santo Amaro e a terra firme com a graphia Brikioka. O primeiro k foi erroneamente substituido a um *t*. Examinando-se a estampa da pag. 28, vê-se que o nome escripto por sobre a figura no alto e á esquerda tanto póde ser lido *Brikioka* como *Britioka*, sendo até mais admissivel a segunda hypothese, que de facto é a mais proxima da verdade.

« Frei Gaspar da Madre de Deus, que de certo conheceu a obra de Staden, donde tirou *Enguaguassú* por Iguaguaçupe (Iwawassupe) colheu tambem *Brikioka* por *Britioka* e sobre esse nome adulterado pelos copistas ou traductores fez a lenda dos macacos buriquis, dizendo-nos que o nome foi primeiro applicado ao monte fronteiro ao forte, cuja matta era de continuo visitada por essa especie de simios vermelhos. Não discutiremos a authenticidade do documento indicado, nem a lenda que depois se formou. O que está averiguado é que o nome *Bertioga*, *Britioka*, *Bartioga*, sempre se applicou ao canal que separa do continente a ilha de Santo Amaro, lendo-se sempre nos roteiros, cartas da costa e relações de viagens, assim como nas chronicas, *canal de Bertioga*, variando ás vezes para Bartioga.

Guaimbé [8]), planta deste nome, que nella dava, como verdadeira praga. A' ilha de S. Vicente chamavam *Orpion* ou *Morpion* [9]), nome que sómente podemos explicar como uma contracção de *Morubi-nhum*, isto é, campo dos trabalhadores ou lidadores). O nome de S. Vicente lhe proveiu da povoação nella construida, que o recebeu em virtude de ser o que ja tinha o porto.

O local desta ultima ilha, escolhido para assento da colonia, foi uma quasi insensivel eminencia fronteira á barra e á ilha de Santo Amaro, mui lavada de ares, e situada no meio do isthmo para um farilhão ou promontorio, em que ella remata por este lado. Os morros deste promontorio alimentariam os mananciaes de agua para a povoação e dariam no principio pedra para as obras; e os matos, que ainda hoje os cobrem, forneceriam com a maior commodidade a necessaria lenha. Um pequeno regato, essencial para muito em qualquer povoação, corre para o lado da barra, e vai desaguar na deliciosa praia que segue contornando a ilha. — Para o rumo opposto, a quasi igual distancia, havia outra vez agua, um mar pequeno, com beiras mui a proposito para porto e varadouro das canôas. Finalmente, do local preferido se descobria, pela barra, o mar até

« Evidente é que o nome *Bertioga* ou *Bartioga* é corruptella do tupi, não sendo difficil a sua restauração uma vez conhecida a lei, segundo a qual em todas as linguas os vocabulos evoluem e se alteram. Bertioga é de facto corruptella de *Birati-oca*, ou melhor de *Pirati-oca*, que quer dizer paradeiro das *tainhas*, pelas muitas que nesse canal se encontravam naquelles remotos tempos.»

8) *Gaibé* escreve o jesuita Simão de Vasconcellos; *Guaybea* diz Thomas Grigs, em Hackluyt, III, 704 e 706. [IV, p. 203 da reedição de 1811].

9) Vej. Thevet e Abbevile. [Lery ? Cf. C. Mendes de Almeida, *Rev. do Inst.*, IV, parte 2ª, 237 n., 325, 330]. Staden diz *Orbioneme, Orbion-ém*, ou *Orpion má)* e na collecção de Purchas (V, 1242) ha quem a denomine *Warapisumama*. Este ultimo nome alludiria aos guarás, que ali se matavam.

[O nome Urbioneme transmittido por Staden, repara Theodoro Sampaio, em nota á traducção do livro de ans Staden commemorativa do quarto centenario do descobrimento do Brasil, deve estar alterado, si é que o devemos ter como de lingua tupí, como se deve inferir das proprias palavras do narrador. Muito se tem discutido a proposito deste vocabulo adulterado, parece-nos, porém, que elle não é sinão corruptela de *Upau-nema* denominação tupi, que quer dizer — ilha imprestavel ou ruim, talvez em allusão a ser ella baixa em sua maxlma extensão, lamacenta, alagada e coberta de mangues].

perder-se no horisonte, o que permittiria aos moradores, sem atalaias de aviso, juntarem-se a tempo para acudir e qualquer rebate de pirata inimigo. O viajante que percorresse a ilha de S. Vicente, em busca da melhor paragem para uma povoação, sobretudo no mez de Janeiro, em que a praia de Embaré, fronteira á barra, está alagada, ainda hoje não indicara outra mais adequada, si o porto de S. Vicente podesse competir com o de Santos, aliás abafadiço e tristonho F).

Martim Affonso não quiz porém limitar-se a fundar uma só villa. A' vista das informações que lhe deu João Ramalho, assentou de reforçar esta, contra qualquer tentativa de inimigo maritimo, com outra povoação sertaneja, que ao mesmo tempo servisse de guarda avançada para as futuras conquistas da civilisação. As duas villas irmãs ficariam assim no caso de prestarem-se apoio uma á outra segundo lhes viesse do mar ou da terra o inimigo, ao passo que a maritima receberia, ao mesmo tempo, soccorros das náos do reino, a quem por seu turno soccorreria.

De S. Vicente para o interior, a umas tres leguas, se levanta o continente, apresentando para o mar um paredão, em fórma de serra, ás vezes elevada de mais de dois mil pés. Do cimo manam varios riachos, dos quaes um se despenha com tal furia que de longe se vê branquejar a espuma de seus ferventes cachões. Chamavam-lhe os Indios *Itú-tinga* ou cachoeira branca. As aguas desses riachos, promiscuando-se com as salgadas do mar, recortam todas as planicies debaixo por tal fórma em esteiros, que, vistas estas dos altos ao longe, mais parecem marinhas de sal que braços de mar ou de rios. — A' serra denominavam os Indios, como nós hoje, Paraná-piacaba, o que quer dizer «de donde se vê o mar [10])».

F) É S. Vicente) situada em uma ilha que tira seis milhas em largo e nove em circuito, antigamente era porto de mar e nelle entrou Martim Affonso a primeira vez com sua frota, mas depois com a corrente das aguas de terra do monte se tem fechado o canal, nem podem chegar as embarcações por causa dos baixos e arrecifes—Anchieta, *Informações e fragmentos historicos*, 44.

[10]) Ruiz de Montoya, *Conq. Espiritual del Paraguay*, fol. 45f, [p. 143-da edição de Bilbao feita em 1892]; se bem que "ver" se diga (*Dicc. Bras.* p. 78) *Cepiáca*.

Desde aquelles cimos elevadissimos, as aguas baixam com o terreno para o interior ; quasi insensivelmente , pois este se reduz na essencia a uma extensa chada ou chapada, que para o sertão se ramifica em varios sentidos até mui longe. A zona vizinha ao mar, o paredão de serra para o lado delle, reforçado por muitos espigões ainda o primeiro par de leguas para o interior, são vestidos de vegetação vigorosa de mato virgem, que alcança até um linde que chamam « borda do campo »; pois que dahi por diante a terra não é de matos, e apenas, de quando em quando, povoada de reboleiras e de pequenas boscagens, algumas dellas de pinheiros curís ou araucarios, que os Indios muito apreciavam, pelo alimento que lhes forneciam seus grandes pinhões G).

A algumas leguas da borda do campo, e proximo de uma ribeira, cujas margens não deixam de recordar as coimbrãs do placido Mondego, era a aldêa em que principalmente vivera João Ramalho, com a sua familia, já numerosa, como se pode imaginar, sabendo que vinte annos passara livremente entre aquella gente, á lei da natureza. Chamavam-se, tanto a aldêa como a ribeira, de *Pira-tininga* ou do Peixe-secco [11]), nome que em outros logares do Brazil se pronunciava *Pira-sinunga*, e queria dizer o mesmo. A origem do nome explica a causa porque se fundara ahi a aldêa: provinha aquella das frequentes *pira-cemas* ou invasões do peixe pelas margens, principalmente do chamado *saguairú*, isto é, de certos enxurros e desenxurros, digamos assim, demasiado rapidos, a que era, e é ainda, sujeita a dita ribeira, em virtude dos quaes o peixe ficava em secco pelas margens, o que dava aos moradores destas grande fartura, como succede aos povos do lit-

---

G) O apreço do fructo ainda mais tarde, entre os moradores de lingua européa, pode deduzir-se do facto que, ao tempo do padre Belchior de Pontes (1644/1719) pinhão servia para designar outono. Fonseca, *Vida do Veneravel Padre.Belchior de Pontes*, 98, Lisboa, 1752.

11) *Tining*, «seccar», Vej. *Dicc. Bras.* nos voc. *Secca* e *Murchar*. Por ventura a traducção litteral seria a estação de « secca do peixe».—[Segundo Theodoro Sampaio, *O Tupí na geographia nacional*, 147, S. Paulo, 1901, Pirassununga, corruptela de *piracyninga*, significa peixe roncando, ou ronca peixe].

toral quando, com os temporaes, dão certos peixes á costa. O fenomeno das *piracemas* é frequente em varios rios do Imperio, sobretudo na proximidade de sua foz, donde se póde imaginar que vem tal fenomeno a ser como uma pequena pororoca, causada pelo desempate de suas aguas com as do monte do outro rio, em que afflue o da *piracema*. Foi a aldêa de Piratininga que Martim Affonso escolheu para fundar a colonia ou villa sertaneja, cujo governo militar confiou a João Ramalho, com o pomposo titulo de guarda-mór do campo. Eis a origem européa da actual cidade de São Paulo.

Ouçamos agora o que nos diz Pero Lopes de Sousa, testimunha de vista, durante os primeiros quatro mezes de vida das ditas duas colonias:

« Repartiu o capitão mór a gente nestas duas villas, e fez nellas officiaes; e poz tudo em boa ordem de justiça; do que a gente toda tomou muita consolação, com verem povoar villas, e ter leis e sacrificios, celebrar matrimonios e viver em communicação das artes; e ser cada um senhor do seu; e investir as injurias particulares; e ter todos outros bens da vida segura e conversavel ».

Nestas poucas palavras se encerram os pontos capitaes respectivos a qualquer sociedade constituida. Vemos as colonias e as suas competentes autoridades ; vemos o reconhecimento das leis; vemos as praticas, assim do que respeita ás consciencias, pelas ceremonias dos sacrificios religiosos, como ao estado social pela celebração dos matrimonios ; vemos garantida a segurança individual e a propriedade, e sem valhacouto as tropelias e injurias. Para nada faltar, como bem essencial na vida « segura e conversavel », diz-nos Pero Lopes que já viviam os colonos em « communicação das artes ».

Tal era o estado florescente das duas colonias, quando Pero Lopes, por ordem de seu irmão, as deixou, fazendo-se de vela aos 12 de Maio de 1532.

Emfim Martim Affonso não se descuidou da empresa confiada á sua solicitude, e que mais nol-o recommenda, e o ha de recommendar á posteridade, que todos os outros seus feitos militares (apezar de mui brilhantes, de mais perecedoura memoria) praticados nesse Oriente por que tanto se afanava. Emquanto no Brazil, não dava elle nem um dia de féria a seu cuidado. A igreja, a casa da camara, o estaleiro, as sesmarias, o tombo competente para

estas, tudo o trazia occupado,— a tudo acudia. Nem lhe consentiu o dever, nem talvez tão pouco a curiosidade propria da sua idade, o deixar de emprehender uma jornada a Piratininga: e sesmarias chegaram até nós que elle ahi assignou. De falta da actividade nem siquer na velhice foi accusado. O seu caracter, si tinha defeito, era antes o da vivesa afanosa, e de alguma violencia.

Varias terras de S. Vicente e de Piratininga, destinou elle desde logo, como era natural, para rocios e logradouros dos dois concelhos, aos quaes fixou os termos que julgou razoaveis H).— Escusamos dizer que estas villas foram fundadas sem differença alguma do que se passaria, tratando-se da installação de qualquer colonia, em uma paragem menos povoada de Portugal. Subentendeu-se que, em legislação e em tudo, os novos moradores e os descendentes destes teriam em relação á metropole os foros de *naturaes*; e seriam governados pelas mesmas leis vigentes, das quaes nos occuparemos mais ao diante.

Quanto á jurisdicção ecclesiastica, vimos que em 1514 fôra o Brazil considerado sujeito á mitra do Funchal. Cumpre accrescentar que assim continuou a declarar-se, em 1534, metropolitana a sua sé, tendo por suffraganeos os bispados de Angra, Cabo-Verde, S. Thomé e Gôa, então creados por Clemente VII; o que mais evidentemente se consignou na bulla — *Romani Pontificis* — de 8 de julho de 1539, que reformou a anterior [12]).

H) O Autor aproveita-se nesta secção do *Diario* de Pero Lopes, que publicou em Lisboa no anno de 1839 e depois reimprimiu na *Revist. Trim. do Inst. Hist.* e avulso. A authenticidade deste documento foi contestada por João Mendes de Almeida em uma memoria: *A Capitania de S. Vicente— S. Paulo. Sua origem: legenda historica*, S. Paulo, 1887, reproduzida na *Rev. Trim.*, vol. 53, Rio, 1890. Sua these é: «Manifestamente esse Diario da navegação de Pero Lopes de Sousa com referencia á expedição de 1530/1535, é um documento apocrypho ou sem fundamento algum de authenticidade, podendo, porém, ser o *Diario da navegação de Martim Affonso de Souza* para a India em 1533/1534, mudados para 1530/1531, com o enxerto em forma complementar da navegação de Pero Lopes de Sousa para o rio da Prata e do seu regresso para Portugal em 1531/1532.» A argumentação de Mendes de Almeida difficilmente convencerá a quem ler o Diario, confirmado por tantos outros testemunhos independentes.

12) *Provas de Hist. Gen.* II. n. 122, p. 728.—Nesta bulla se diz em latim *terras de Brasil, e terrarum de Brasil*, em vez de *Brasiliae*, como hoje, e como já se preferira escrever no hemispherio de J. Schoner (1520).

SECÇÃO IX

(V. da I. edição)

SUCCESSOS IMMEDIATOS Á EXPEDIÇÃO DE MARTIM AFFONSO

Tomada de uma fortaleza e uma náo de França. Resolve-se a partição do Brazil em capitanias. Carta regia a Martim Affonso. Volta de Martim Affonso á Europa. Doze donatarios. Quinze quinhões. Irmãos Sousas. P. de Góes. Vasco Fernandes. P. do Campo. Jorge de Figueiredo. Francisco Pereira. Duarte Coelho. Pero Lopes. Fernão d'Alvares. Ayres da Cunha. João de Barros. Antonio Cardoso de Barros. Poucos competidores. Extensão das differentes capitanias. Demasiada terra a cada donatario. Parallelo com a colonisação da Madeira e Açores. Vantagens que se propunha sacar Portugal desta colonisação.

Deixemos porém por algum tempo a nascente colonia brazileira e vejamos o que entretanto se passa no resto do Brazil, ou se decide a seu respeito no além-mar, isto é, na metropole.

Doloroso é ter que mencionar a sorte dos que da Cananéa partiram pela terra dentro com Francisco de Chaves. Seguindo na direcção do Sudoeste, talvez a buscar o rio Paraguay, para naturalmente depois passarem aos estados do Inca, haviam chegado ás margens do Iguaçú [1]), quando foram todos traiçoeiramente assassinados pelos Indios. Ignoramos ao justo em que época chegaria a São Vicente a triste nova deste successo, presente ainda na memoria de seus habitantes d'ahi a meio seculo [2]), e transmittido além disso até nós pelo adelantado Cabeza de Vaca, que por esses campos passava, mais prevenido contra os Indios, dez annos depois [3]).

---

[1]) Herrera. D. VII, 2, 9.

[2]) Fr. Gaspar, p. 8.

[3]) Tambem desse infausto successo trata Oviedo, no liv. 23, cap. 10. (T. 2º, p. 188).—[Sobre o caminho seguido por Cabeza de Vaca, interpretado de modos tão differentes, consulte-se Rio Branco *Exposição*. etc, II, 221/225].

Emquanto Martim Affonso navegava pelo Sul, fôra ter a Pernambuco uma náo de Marselha, com desoito peças e cento e vinte homens, denominada *La Pélerine* e armada á custa do Barão de St. Blancard [4]). Em logar da feitoria portugueza de seis homens que ahi haviam ficado, fez o capitão da *Pélerine*, Jean Duperet, construir uma fortaleza provisoria, que deixou guarnecida de trinta homens; e regressava á Europa, com uma carga, que (segundo as reclamações posteriores dos interessados, ás quaes nos cumpre dar algum desconto) montava a cinco mil quintaes de brazil, trezentos de algodão (*bombicis*), seiscentos papagaios, trez mil pelles de animaes, grande numero de macacos e muitas bugiarias.

Tanto a náo como a fortaleza franceza tinham de ser mui mal afortunadas. A primeira, entrando no Mediterraneo, se viu necessitada de arribar a Malaga; e, quando deste porto sahia, foi aprezada pela armada de guarda-costa, que Portugal mantinha á bocca do estreito de Gibraltar, e que pela mencionada arribada da náo soubera como vinha ella do Brazil. A fortaleza gallo-pernambucana [5]), ou porque Pero Lopes teve conhecimento da sua existencia, ou porque necessitava ir no porto em que ella estava fazer aguada, antes de atravessar o Atlantico, foi por tal fórma pelo intrepido capitão combatida, durante desoito dias consecutivos [6]), que se lhe rendeu [7]).

Então Pero Lopes, deixando a mesma fortaleza guarnecida de gente sua, ás ordens de um Paullos Nunes, fez-se de vela para

---

4) « Général des armées navales » — diz o Sr. F. Denis no seu interessante trabalho — « Le Génie de la Navigation », p. 33. Tambem se escrevia Blanquart.

5) Cremos que esta fortaleza seria em um dos morros de Olinda, nome que Duarte Coelho veiu a substituir ao indigena de *Marim*, que tinha no tempo dos Francezes e de Paullos Nunes.

6) Processo do Barão de St. Blancard contra Pero Lopes, na nota 32 da 1ª, edição desta Historia geral, e na 3ª e na 4ª do Diario de Pero Lopes.

7) ...« Pernambuco onde achou os Francezes que tinham feito fortaleza e lh'a tomou a elles, e ficou pacificamente em poder de Portuguezes.» Primeira carta de el-rei ao conde da Castanheira, de 21 de Janeiro de 1533 (copia ms. na coll. do A.)—[Fr. Luiz de Sousa, *Annaes de D. João III*, 377 escreve: Consta que por carta d'el-rei ao conde de Castanheira de 21 de Janeiro de

Portugal, levando comsigo duas náos francezas que tomára, alguns Indios, e trinta e tantos prisioneiros. No principio do anno immediato aportou em Faro; e desta cidade do Algarve, seguiu logo para Evora, onde então estava a côrte, e ahi chegou, ao que parece, a 21 de Janeiro de 1533. Suas náos se mandaram recolher com os Francezes a Lisboa, e quatro principaes da terra, que o soberano chegou a distinguir dando-lhes o nome de reis, foram por ordem régia vestidos de seda.

Já havia mezes que, pelos da mencionada náo aprezada no Estreito, soubera o governo de como ella havia deixado em Pernambuco um forte com numerosa guarnição; e mandára ordens á costa da Malagueta afim de que Duarte Coelho, capitão mór de uma esquadrilha ahi estacionada, passasse a Pernambuco para desalojar os intrusos [8]. Com a chegada de Pero Lopes, foi ordenado que a mesma esquadrilha, em logar de ir ao Brazil, ficasse cruzando na altura dos Açôres, e para Pernambuco foi, segundo entendemos [9], despachada (depois de 23 de janeiro de 1534) uma caravella, ao mando de Vicente Martins, com ordens para Paullos Nunes.

Pouco antes, o governo portuguez, instado ainda de França pelo Dr. Diogo de Gouvêa, e receioso do demasiado desenvolvimento que os Francezes iam dando ao seu commercio com o Brazil, viu-se obrigado a adoptar o plano de colonisar, pelo simples meio de ceder essas terras a uma especie de novos senhores feudaes, que, por seus proprios esforços, as guardassem e cultivassem, povoando-as de colonos europeus, com a condição de prestarem preito e homenagem á Corôa. Providencias analogas tinham adoptado, com proveito, os reinos da Europa, para se povoarem com a necessaria disciplina, sobretudo nos logares fronteiriços aos inimigos,

---

1533 que Martim Affonso de Sousa tomou na sua viagem (parece que foi do Brasil) duas náos de Francezes com trinta e tantos homens da França e quatro Indios do Brasil que chama reis, manda el-rei que os Francezes venham presos ao Limoeiro e os navios a Lisboa; e os que chama reis sejam bem tratados e vestidos de seda].

[8]) Carta de el-rei ao Conde, de 25 de Janeiro de 1533.

[9]) Vol. II, fol. 208 da coll. de cartas do conde da Castanheira.

em que, para fugir da perigosa fraqueza, era necessaria toda a união e a maior subordinação; e para convocar colonisadores com alguns capitaes, era indispensavel conceder-lhes sobre os colonos, que elles contratavam e levavam á sua custa, certo ascendente [10]).

Foi pois, resolvido que o Brazil se dividisse [11]) em grandes capitanias, contando para cada uma, sobre a costa, cincoenta ou mais leguas; o que el-rei participou logo a Martim Affonso, na resposta ás cartas que o mesmo Martim Affonso escrevera de Pernambuco, dando conta da tomada das náos francezas. Embora seja essa resposta bastante conhecida, por andar reproduzida em muitos livros, julgamol-a de tal importancia que não nos é possivel deixar de incluil-a tambem neste logar. Diz assim:

« Martim Affonso, amigo: Eu el-rei vos envio muito saudar.

« Vi as cartas que me escrevestes por João de Sousa; e por elle soube da vossa chegada a essa terra do Brasil, e como ieis correndo a costa, caminho do rio da Prata; e assim do que passastes com as náos francezas, dos cossairos que tomastes, e tudo o que nisso fizestes vos agradeço muito; e foi tão bem feito como se de vós esperava; e sou certo qual a vontade que tendes para me servir.

« A náo que cá mandastes quizera que ficára antes lá, com todos os que nella vinham. D'aqui em diante, quando outras taes náos de cossarios achardes, tereis com ellas e com a gente dellas a maneira que por outra provisão vos escrevo [12]).

« Porque folgaria de saber as mais vezes novas de vós, e do que lá tendes feito, tinha mandado o anno passado fazer prestes um navio para se tornar

---

[10]) Para promover a colonisação dos paizes aonde ella não ia espontaneamente não havia então, e nem talvez haja ainda hoje, outro meio; bem que se possam aperfeiçoar cada vez mais as condições, sempre em harmonia com o systema da emphyteusis romana. Sómente certos direitos sobre o colono podem estabelecer igualdade em contratos, onde um homem, sem fiador, faz promessas, em virtude das quaes unicamente o donatario lhe abona o custo de seu transporte e outras despezas.

[11]) Este systema foi tambem seguido pelos Hollandezes quando por 1630 colonisaram os Estados Unidos, no Delaware, Hudson, etc.

[12]) Não encontrámos até hoje cópia nesta provisão. [Talvez seja o edicto publicado em 1526 ou 1527, no qual, segundo o barão de Saint Blancard, se mandou que sob pena de morte fossem postas a pique as náos francezas que viessem ou tornassem do Brasil. De executal-o, foi encarregado Antonio Correia, talvez o filho de Ayres Correia, companheiro de Pedralvares no descobrimento e posteriormente assassinado em Calecut].

João de Sousa para vós; e quando foi de todo prestes para poder partir, era tão tarde para lá poder correr a costa, e por isso se tornou a desarmar e não foi. Vai agora com duas caravellas armadas, para andarem comvosco o tempo que vos parecer necessario, e fazer o que lhe mandardes.

« E por até agora não ter algum recado vosso do feito, vos não posso escrever a determinação do que deveis fazer em vossa vinda ou estada, nem cousa que a isso toque: e somente encommendar-vos muito que vos lembre a gente e armada que lá tendes, e o custo que se com ella fez e faz: e segundo vos o tempo tem succedido, e o que tendes feito ou esperardes de fazer, assim vos determineis em vossa vinda ou estada, fazendo o que vos melhor e mais meu serviço parecer; porque eu confio de vós que no que assentardes será o melhor. Havendo de estar lá mais tempo, enviareis logo uma caravella com recado vosso, e me escrevereis muito largamente todo o que até então tiverdes passado, e o que na terra achastes, e assim o que no rio da Prata, tudo mui declaradamente, para eu por vossas cartas e informação saber o que se ao diante deverá fazer. E si vos parecer que não é necessario estardes lá mais, poder-vos-eis vir; porque, pela confiança que em vós tenho, o deixo a vós; que sou certo que nisso fareis o que mais meu serviço for.

« Depois de vossa partida se praticou si seria meu serviço povoar-se toda essa costa do Brasil, e algumas pessoas me requeriam capitanias em terra della. Eu quizera, antes de nisso fazer cousa alguma, esperar por vossa vinda, para com vossa informação fazer o que me bem parecer, e que na repartição que disso se houver de fazer escolhaes a melhor parte. E porém porque depois fui informado que de algumas partes faziam fundamento de povoar a terra do dito Brasil, considerando eu com quanto trabalho se lançaria fóra a gente que a povoasse, depois de estar assentada na terra, e ter nella feitas algumas forças (como já em Pernambuco começava a fazer, segundo o Conde da Castanheira vos escreverá), determinei de mandar demarcar de Pernambuco até o rio da Prata cincoenta leguas de costa a cada capitania, e antes de se dar a nem-uma pessoa, mandei apartar para vós cem leguas, e para Pero Lopes, vosso irmão, cincoenta, nos melhores limites dessa costa, por parecer de pilotos e de outras pessoas de quem se o Conde, por meu mandado, informou, como vereis pelas doações que logo mandei fazer, que vos enviará; e depois de escolhidas estas cento e cincoenta leguas de costa para vós e para vosso irmão, mandei dar a algumas pessoas que requeriam capitanias de cincoenta leguas cada uma; e segundo se requerem, parece que se dará a maior parte da costa; e todos fazem obrigações de levarem gente e navios á sua custa, em tempo certo, como vos o Conde mais largamente escreverá; porque elle tem cuidado de me requerer vossas cousas, e eu lhe mandei que vos escrevesse.

« Na costa da Andaluzia foi tomada agora pelas minhas caravellas, que andavam na armada do Estreito, uma náo franceza carregada de brasil e trazida a esta cidade; a qual foi de Marselha a Pernambuco, e desembarcou gente em terra, a qual desfez uma feitoria minha que ahi estava, e deixou lá trinta [13])

---

[13]) «Setenta» se lê nas cópias, parece porém ter havido engano de algum copista; pois «trinta» se lê no processo authentico de St. Blancard.

homens, com tenção de povoarem a terra e de se defenderem. E o que eu tenho mandado que se nisso faça mandei ao Conde que vol-o escrevesse, para serdes informado de tudo o que passa, e se hade fazer; e pareceu necessario fazer vol-o saber, para serdes avisado disso, e terdes tal vigia nessas partes por onde andaes, que vos não possa acontecer nem-um máo recado: e que qualquer força ou fortaleza que tiverdes feita, quando nella não estiverdes, deixeis pessoa de quem confieis que a tenha a bom recado; ainda que eu creio que elles não tornarão lá mais a fazer outra tal, pois lhe esta não succedeu como cuidavam.

« E mui declaradamente me avisai de tudo o que fizerdes; e me mandai novas de vosso irmão, e de toda a gente que levastes; porque com toda a boa que me enviardes, receberei muito prazer [14]) ».

A recepção desta carta A) devia apressar a partida do Capitão mór para a Europa. Vê-se della que o rei, com o seu conselheiro, o conde da Castanheira, anciava primeiro ouvir os votos de pessoas praticas, como o capitão mór do Brazil, para não ir tanto ás cegas na doação das suas terras. Assim o entendeu tambem Martim Affonso; e deixando por seu logar-tenente, com os poderes que podia delegar, a Gonçalo Monteiro [15]) na colonia de S. Vicente, partiu para Portugal; onde chegou naturalmente antes do meiado do anno de 1533 B).

Bem que, como se vê da carta acima transcripta, a resolução de se dividir o Brazil por donatarios foi tomada em 1532, e já então se fizeram alvarás de lembranças por algumas doações, só

---

[14]) Segue: «Pero Anriques a fez em Lisboa aos 28 de Setembro de 1532 annos-**REI** [Santarem (*Quadro elementar*, III, 241, equivoca-se dando-a como escripta por Martim Affonso a D. João III].

A) Esta carta parece authentica; entretanto o final dá que pensar. Significára que el-rei tinha tanta confiança nas medidas tomadas que de antemão ja cantava victoria? Conterá referencia a algum facto de que não temos outra noticia?

[15]) Pedro Taques, na *Rev. do Inst.*, IX, 160.

B) Martim Affonso estava ainda em S. Vicente a 4 de Março de 1533, segundo Taques na *Rev. do Inst.*, IX, 146. Reuniu-se a Duarte Coelho na ilha Terceira, e naturalmente voltou com elle para Lisboa, depois de Julho do mesmo anno, como se vê de Fr. Luis de Sousa, *Annaes de D. João III*, 378. Parece que primeiro governou como seu loco-tenente Pero de Goes, que teve com os Hespanhoes de Iguape um conflicto, a que o autor se refere na secção XI.

em Março de 1534, mez em que partia [16]) Martim Affonso para a India, é que se começaram a passar as cartas ou diplomas aos agraciados, que gosariam, de juro e herdade, do titulo e mando de governadores das suas terras, as quaes tinham pela costa mais ou menos extensão; e por conseguinte eram maiores ou menores os quinhões, segundo o favor de que gosavam, e talvez os meios de que podiam dispor. Comprehendiam-se nas doações as ilhas que se achassem até á distancia de dez leguas da costa continental. As raias entre capitania e capitania se fixaram por linhas geographicas tiradas de um logar da mesma costa, em direcção a Loeste. Assim o territorio ficou verdadeiramente dividido em zonas parallelas, porém umas mais largas que outras. Este meio de linhas rectas divisorias imaginarias, que ainda como os mais exactos instrumentos, num terreno muito conhecido, seriam quasi impossiveis de traçar, era o unico de que se podia lançar mão, pelo quasi nenhum conhecimento corographico que havia do paiz, além do seu littoral. Em algumas doações, nem foi possivel declarar o ponto em que principiavam ou acabavam. Incluia-se apenas a extensão da fronteira maritima, e designavam-se os nomes dos dois donatarios limitrofes.

Manifesta é a insufficiencia de uma tal demarcação, que, para algumas capitanias veio a dar origem a pleitos que duraram mais de um seculo.

Doze foram os donatarios: mas verdadeiramente quinze os quinhões; visto que os dois irmãos Sousas tinham só para si cento e oitenta leguas, distribuidas em cinco porções separadas, e não em duas inteiriças. Com razão deviam elles de ser, pelos serviços importantes que acabavam de prestar no proprio Brazil, os mais attendidos na partilha.

---

[16]) A doação a Duarte Coelho, é de 10 de Março de 1534 e teve apostilla em 25 de Set., concedendo-lhe metade da dizima do pescado, que pertencia de direito á ordem de Christo. A 1ª edição desta doação a Coelho acompanha a *Allegação* de Pegas, em favor da Casa de Vimioso, imp. em Evora, em 1671, 21 pag. de folio.

A Martim Affonso, a quem a carta régia acima fazia terminantemente a promessa, foram adjudicadas, naturalmente por sua propria escolha, as terras da colonia de S. Vicente, e por conseguinte com ella os gastos já feitos pelo Estado para fundal-a. O não se mencionar esta clausula fez que, em virtude da lettra da carta de doação, se entendesse tempos depois pertencer esta villa aos herdeiros de Pero Lopes, cuja doação começava do lado do Norte da barra grande de S. Vicente. Os dois quinhões de Martim Affonso comprehendiam as terras que correm desde a barra de S. Vicente até doze leguas mais ao Sul da ilha da Cananéa, ou proximamente até uma das barras de Paranaguá; e para o lado opposto, as que vão desde o rio Juquiriqueré até treze leguas ao Norte do Cabo-Frio, que depois se fixou pela barra de Macahé, ficando por conseguinte suas as magnificas terras de angra dos Reis, as da soberba bahia de Janeiro, e do cabo Frio. Eram nada menos que cem leguas contadas sobre o littoral; mas, em virtude do rumo que durante essa extensão toma a costa, vieram a produzir, na totalidade, em leguas quadradas, alguns milhares de menos do que a varios dos outros, como se verá.

A extensão do Juquiriqueré até a barra de S. Vicente, e a de Paranaguá para o Sul até as immediações da Laguna, que chamavam terras de Sant'Anna [17]), foi doada a Pero Lopes, que, além destas porções, que perfaziam cincoenta leguas sobre o littoral, recebeu, desde a ilha de Itamaracá inclusive para o Norte, trinta leguas mais, como abaixo diremos, quando costeando, como vamos o Brazil de Sul a Norte, chegarmos co'a nossa resenha, á paragem onde ellas se encontram.

Com a porção mais septeutrional de Martim Affonso entestavam as trinta leguas doadas a Pero de Goes, e que iam terminar no baixo dos Pargos, ou antes em Itapemirim proximamente. Era Pedro de Goes irmão do celebre escriptor Damião de Goes, e prestara tambem importantes serviços na armada de Martim Affonso, a cuja familia devia ser mui affeiçoado, e até foi elle quem se

---

17) «Em altura de vinte oito graus e um terço». (Carta de doaç.)

encarregou de escrever por sua lettra o diario de Pero Lopes, cujo original entregámos, em 1839, pela primeira vez, á imprensa C). Essa affeição não deixaria de ser tomada em conta no repartimento da terra para evitar as demandas e pleitos que podessem acaso resultar da falta irremediavel de precisão nas demarcações lateraes.

Contiguo a Pero de Goes, cincoenta leguas sobre a costa, as quaes alcançavam até o rio Mocury, veiu a ficar Vasco Fernandes Coutinho, tambem fidalgo da casa real; e que havendo servido em Gôa, em Malaca e na China, ás ordens de Affonso d'Albuquerque [18]), conforme recordam as historias da Asia, depois de juntar algum cabedal se havia retirado á Alemquer (villa situada, como sabemos, a algumas leguas de Lisboa, perto de Tejo) para ahi disfructar, com a ajuda da moradia, de uma tença que recebia do Estado. Naturalmente nessa villa, por intermedio de algum agente do conde da Castanheira, proprietario visinho seu, se recommendaria para entrar no numero dos da partilha.

Do Mocury para o Norte vinha a capitania de Porto Seguro, com outras cincoenta leguas concedidas a Pero do Campo Tourinho, rico proprietario de Vianna do Minho.

Seguiam-se os Ilheos, nas cincoenta leguas até a barra da Bahia, doadas a Jorge de Figueiredo Corrêa, tambem fidalgo da casa real, e que exercia na côrte o cargo de escrivão da Fazenda,

---

C) Si a lettra é de Pero de Goes, segundo o autor affirma tambem na *Revista do Instituto* XXIV, p. 5, a copia foi extrahida alguns annos depois dos successos narrados, porque Pero de Goes ainda ficou no Brasil, como se vê do seguinte trecho de sua carta de doação passada a 28 de Janeiro de 1536; «havendo respeito aos serviços que me tem feito Pedro de Goes, fidalgo de minha casa, assim na armada que Martim Affonso de Sousa foi por capitão-mór na dita costa do Brasil como em alguns descobrimentos que o dito Martim Affonso fez no tempo em que lá andou, e em todas as mais cousas de meu serviço e a que se o dito Pedro de Goes achou, assim com o dito Martim Affonso *como sem elle, depois de sua vinda por ficar la*. Silva Lisboa, *Annaes do Rio de Janeiro*, I, 351. Rio, 1834.

[18]) Liv. 7, de D. João III, fols. 113 e 187. [O que se encontra em João de Barros sobre os feitos de Vasco Fernandes Coutinho compendiou Silva Lisboa, *Annaes do Rio de Janeiro*, I, 333 e seg.].

o qual lhe daria logar a estar informado do que se passava, e a pedir para si o que tão generosamente via conceder a outros. A raia entre esta capitania e a precedente não se indicava.

Tudo quanto se extende desde a barra da Bahia á foz do rio de S. Francisco obteve para si Francisco Pereira Coutinho, exceptuando-se porém o mesmo rio que devia ficar exclusivamente a Duarte Coelho; e, segundo se diz na propria doação, foi-lhe, conferida tal graça, em attenção aos *muitos serviços* que elle havia prestado, assim em Portugal, como «nas partes da India, onde servira muito tempo com o Conde Almirante [19]) e com o Vice-Rei D. Francisco de Almeida, e com Affonso d'Albuquerque, e em todos feitos e cousas que os ditos capitães nas ditas partes fizeram, nos quaes dera sempre de si mui boa conta».

As Alagôas e parte do actual territorio da provincia de Pernambuco tocaram, na extensão de sessenta leguas, a Duarte Coelho, valente capitão que muito se distinguira por feitos no Oriente, em cujos fastos achamos mais de uma vez consignado honrosamente o seu nome, em missões ao reino de Sião e á China, no descobrimento da Cochinchina, no recontro que teve com duas armadas, conseguindo fazer vinte e tantas prêsas, e em outras acções illustres [20]). Havia sete annos que voltara do Oriente, e se casára com D. Brites, irman de Jeronymo d'Albuquerque. Como, por occasião da primitiva repartição das terras, lhe haviam ido

---

[19]) Vasco da Gama.

[20]) Barros, III, passim, e Couto, IV, passim. Vej. tambem o t. V. das obras poeticas de Diniz, p. 142 a 144, donde se collige como a essa familia veio a entroncar-se um homem celebre [marquez de Pombal. Duarte Coelho passou á India em 1509, na armada em que foi por capitão mór D. Fernando Coutinho; esteve na China, primeiro europeu que isto fez em navios europeus em 1500; em 1529 foi encarregado de ver com dois engenheiros os portos Africa que deviam ser fortificados; em 1531 foi elle, ou outro de igual á França, donde voltou pouco depois de la ter chegado o conde de Castanheira. Frei Luis de Sousa, *Annaes de D. João III*, 378 dá breve noticia dos seus serviços no Oriente. Quanto ao parentesco com o marquez de Pombal veja-se a nota da secção XXV].

ordens para navegar até Pernambuco (da costa da Malagueta, onde se achava cruzando), a fim de destruir a feitoria deixada pela náo de Marselha, é natural que d'ahi proviesse o ser preferido para esta parte da costa, de que por ventura chegaria a ter conhecimento previo.

Um pouco ao Norte da foz do rio Igaraçú ficava a extrema do dominio de Coelho. A' margem esquerda da foz deste rio, no canal de Itamaracá, fôra levantada a feitoria de Christovam Jaques. A uns cincoenta passos ao Norte della, onde se diz « Os Marcos », em virtude dos que ahi se postaram, era o ponto donde partia designadamente a raia septentrional da mesma capitania. Para o Norte se contavam as restantes trinta leguas da pertença do donatario Pero Lopes, as quaes alcançavam á bahia da Traição, comprehendendo parte da actual provincia da Parahyba, e incluindo a fertil ilha de Itamaracá.

A extensão do littoral d'ahi para diante, o resto da actual Parahyba e Rio Grande do Norte, couberam a João de Barros e a Ayres da Cunha, de parceria; contando-se-lhes cem leguas além da bahia da Traição. Seguiam-se sobre o Ceará quarenta leguas para o cavalleiro fidalgo Antonio Cardoso de Barros, e depois de mediarem setenta e cinco para Fernand' Alvares de Andrade, e que vinham a incluir parte da costa do Piauhy e Maranhão actual « desde o cabo de Todos os Santos, a Leste do rio Maranhão, até junto ao rio da Cruz D)», competiam outra vez áquelles dois donatarios associados, Barros e Cunha, cincoenta leguas mais, começando a contal-as de Loeste « desde a abra de Diogo Leite até o dito cabo de Todos os Santos ».

D) Affirma o gentio que nasce este rio de uma lagôa, ou de junto della, onde tambem se criam perolas e chama-se este rio da Cruz, porque se mettem nelle perto do mar dois riachos em direito um do outro, com que fica a agua em cruz. Gabriel Soares, *Tratado descriptivo*, 23. O nome do rio da Cruz (*rio donde se halló una cruz*) já se encontra no mappa de Juan de la Cosa; é o actual Camocim, como o affirmava Pimentel em 1712.

Fernand' Alvares d'Andrade, do conselho do rei, era então thesoureiro mór do reino 21). — Em quanto viveu, diz-nos o conde da Castanheira, foi sollicitador acerrimo em favor de providencias a bem do Brazil.

Ayres da Cunha era um valente nauta que se distinguira como capitão mór do mar em Malaca 22). Recolhendo dos Açores, onde se achava com uma esquadrilha de caravellas de guarda-costa, e onde prestára serviços importantes 23), em Setembro de 1533 E), chegára a Lisboa, commandando um galeão, com o qual se offerecêra a destruir a feitoria que em Pernambuco fundára a náo de Marselha *La Pélerine*, commissão que não lhe foi incumbida por chegar pouco depois Pero Lopes, deixando concluida essa empreza.

Quanto ao donatario João de Barros, escusado é dizer que se trata do que viria a ser historiador da India, com tanta gloria para a nação, e fortuna para a lingua, em que elle tão vigorosamente escrevia. Louve-se muito embora, nos historiadores portuguezes, a critica de Brandão, o colorido de Brito, o fraseado de Sousa, de Lucena, ou de Mendes Pinto, sempre haverá que conceder a Barros toda a pureza da linguagem, muita propriedade na fraze, e um estilo elegante, principalmente quando descreve ou pinta certas paragens, ostentando as muitas noções que tinha das cousas do Oriente, como quem, aproveitando-se do seu officio de feitor da Casa da India, não praticava em outro assumpto com os que de lá chegavam. Bem alheias vereis sempre as *Decadas da Asia*, assim dos suporiferos contos de Castanheda e de Azurara, como das prégações homericas do velho Fernão Lopes ; e por

---

21) Barros, I, VI, 1°.

22) Barros, III, livro 10, c. 6. — IV, livro 1.°, c. 9, 10 e 11. — Couto, IV, livro 1.°, c. 6; livro 2.°, cap. 2 e 3.

23) P. I, 49, 89 e 91.

E) Si, como se lê a pag. 190, já em Janeiro de 1533 Pero Lopes chegava a Europa depois de tomada a fortaleza gallo-pernambucana, como ainda em Setembro do mesmo anno poderia Ayres da Cunha se offerecer para desempenhar esta commissão? Evidentemente onde está 1533, deve se ler 1532.

isso mereceram ellas a gloria de ser o livro portuguez que mais folheou o immortal cantor do Gama. O conde da Castanheira tinha o erudito feitor da Casa da India em tão boa conta qne a seu respeito dizia n'um relatorio [24]) ou exposição ao monarcha:

« O feitor hei eu por tão fiel em seu officio que casi me parece que aiuda que furtar fôra virtude elle o não fizera: entende o negocio muito bem, ha mister mais favor que sofreadas. Não fôra mau para o negocio da Casa [25]) não ser elle incrinado a outros, os quaes, não sómente não são illicitos, mas muito proveitosos á terra». Estes outros negocios licitos, uteis á terra, a que se mostrava inclinado o pobre feitor, eram naturalmente as occupações de sua penna, que tanta gloria dão ao paiz, e que revertem em quem assim o protegia, para escrever suas obras, e colonisar a patria e o orbe com as suas criações. No numero destas contariamos hoje uma chronica do Brazil até o seu tempo, se havendo vivido mais annos, houvesse elle podido realizar [26]) os seus intentos.

Resta-nos unicamente tratar do cavalleiro fidalgo Antonio Cardoso de Barros, cuja capitauia, computada em quarenta leguas de costa, se estendia, á quem da de Fernand' Alvares, desde o rio da Cruz, em dois gráos e um terço, correndo para Leste, até a angra dos Negros, em dois gráos [27]). Esta capitania tinha apenas seis leguas de espaço de latitude, pois seguia de dois gráos a dois gráos e um terço.—Dos precedentes deste donatario não encontramos noticias.—Segundo certos indicios de ruinas de pedra

---

24) Este relatorio será opportunamente dado á luz. [Esta promessa, já feita na 1.ª ed. I, 68, nunca foi realisada pelo autor; o paradeiro do documento é desconhecido].

25) Da India, entende-se.

26) Varn. na *Rev. do Inst.* XIII, 396. Barros servira tambem, interinamente, de thesoureiro da casa da India do 1º de Maio de 1525 a fins de 1528 Rib. *Diss. Chr.* Tom. 2º. p. 272. Recebeu quitação em 20 de Out. de 1563.

27) Doaç. de Evora, em 19 de Nov. de 1535.

e cal, encontradas depois na Tutoia F) ahi pretendeu estabelecer uma colonia, que se viu obrigado a desamparar; e mais tarde aceitou da coroa um cargo de fazenda para a Bahia, e ao recolher-s ao Reino naufragou, e foi barbaramente assassinado pelos Indios.

Por certas expressões, que lemos no relatorio mencionado do conde da Castanheira, deduzimos que não houve entre os poderosos da côrte grande concorrencia, como dá a entender a carta regia a Martim Affonso, para alcançar taes capitanias, que nem sabiam alguns dos agraciados que coisa eram. Reconhece o Conde que a distribuição não tinha dado ainda tantos resultados como se esperava, e desculpa-se de que a tal respeito não se poude fazer mais, por o não consentirem os que queriam *ir*, «e serem poucos os que sobre isso competiam».

Embora pareça que nada ha que oppor a estas reflexões, porque a necessidade era a lei, e porque urgia o estimulo aos emprehendedores, que naturalmente imporiam as condições, não podemos dissimular que, em nosso entender, o governo andou precipitado em distribuir logo toda a terra, de juro e herdade: reconhecemos a necessidade que havia de colonias por toda a extensão da costa; mas talvez estas se houveram da mesma sorte obtido e outras muitas apoz ellas, se as doações se houvessem limitado, por então, a doze ou mais quinhões muito mais pequenos e que constassem de algumas leguas quadradas, proximas aos portos principaes da costa, já então conhecidos e frequentados. A colonisação não se teria dessiminado tanto (chegando ás vezes a perder-se), e houvera sido mais proficua, e dado resultados mais promptos; e o governo poderia ter guardado um novo cofre de graças para recompensar os serviços feitos pelos abastados do commercio, que aspirassem a satisfazer a tendencia existente no coração humano de vincular, para seus successores, as fortunas

F) Na entrada tinha umas ruinas de pedra e cal, como que em algum tempo houvesse sido povoada de gente da Europa — lê-se na *Jornada do Maranhão*, 185. Este trecho não implica, porem que de Antonio Cardoso de Barros procedessem taes ruinas.

adquiridas. — Com doações pequenas, a colonisação se teria feito com mais gente, e naturalmente o Brazil estaria hoje mais povoado—talvez—do que os Estados-Unidos; sua povoação seria por ventura homogenea, e teriam entre si as provincias menos rivalidades, que, se ainda existem, procedem, em parte, das taes grandes capitanias. Pois é possivel crer que esses poucos que competiam para ser donatarios, como diz o conde da Castanheira, se não contentassem sem a idéa do dominio de muita terra embora inutil, e sobre que nem sequer podiam saciar com os olhos, mas só com a imaginação, sua cobiça, quando na maior parte eram de sertão, onde não poderiam ir, nem foram, em sua vida? O mal foi fazer-se tudo á pressa! E o caso é que com isso, por ser mal feito, não se expulsaram de nossos mares os navios francezes, que era o resultado principal que se pretendia obter.

E' certo que a mania de muita terra acompanhou sempre pelo tempo adiante os sesmeiros, e acompanha ainda os nossos fazendeiros, que se regalam de ter matos e campos em tal extensão que levem dias a percorrer-se, bem que as vezes só a decima parte esteja aproveitada; mas, si tivesse havido alguma resistencia em dar o mais, não faltaria quem se fosse apresentando a buscar o menos. Annos antes tinham aparecido colonisadores para os Açores, com muito mais pequenas doações de terra; e os Açores e a Madeira teem hoje, proporcionalmente, mais povoação que os districtos de Portugal, naturalmente porque foram as doações mais pequenas e em maior numero: e apezar de haverem sido muitos dos colonos estrangeiros, como os que levou Hürter para o Fayal e Bruges para a ilha Terceira, nem por isso a colonia, formada de Flamengos, ficou flamenga, nem fallando flamengo.

Na distribuição primitiva das terras, sem duvida se deram mui notaveis desigualdades, não tanto no avaliar as doações pelo maior ou menor numero de leguas sobre a costa, que esse foi em geral de cincoenta, bem que por excepção se extendesse a oitenta ou a cem, ou se restringisse a trinta. As maiores e mais caprichosas desigualdades se encontram, quando hoje vamos sobre o terreno apurar até onde chegavam, pelo sertão a dentro, os direitos

senhoriaes concedidos; e medimos aproximadamente os milhares de leguas quadradas, que, segundo a correspondente carta de doação, tocava a cada um destes estados, geralmente com maior extensão de territorio do que a mãe-patria; extremando de Loeste, pela merediana da raia que estabelecemos G), na supposição de se contarem as leguas como de dezeseis gráus e dois terços.

Procedendo a esta apuração, facil será conhecer que as doações em milhares de leguas quadradas, vinham a guardar, pouco mais ou menos, as proporções seguintes:

1.º — Duarte Coelho, doze milhares;
2.º — Pero Lopes, sete e meio;
3.º — Francisco Pereira, sete milhares;
4.º — Figueiredo, quasi o mesmo;
5.º — Tourinho, seis milhares e meio;
6.º e 7.º — Barros e Cunha, quasi o mesmo cada um;
8.º — Vasco Fernandes, cinco milhares e meio;
9.º — Martim Affonso, pouco mais de dois e meio;
10.º — Pero de Goes, menos de dois;
11.º — Fernand'Alvares, menos de milhar e meio;
12.º — Antonio Cardoso, pouco mais de seiscentas leguas.

Deste modo a capitania de Martim Affonso, que talvez o doador pensou fazer maior que as outras, saiu das mais pequenas. Ainda nos nossos tempos ha exemplos de disposições legislativas, em que da ignorancia de principios scientificos procedem resultados absurdos, ou contrarios á mente dos legisladores.

Em todo caso, por meio do estabelecimento destas capitanias, pensou o governo de D. João 3.º, sem lesar directamente o thesouro da nação, não só assegurar esta grande extensão de terra que a fortuna lhe outorgára, como, com o tempo, recolher, por meio da cultura della, maiores vantagens. — Não ha duvida que por muito entraria no animo do soberano o pensamento de propagar o evangelho; mas elle o faria faltando aos seus deveres,

G) A raia que o autor deduz da interpretação do tratado de Tordesilhas.,

se o executasse empobrecendo, em gente e em recursos, o povo que regia, sem esperanças de retribuição. Uma colonia, diz um publicista que se occupou professionalmente do assumpto, " é o resultado da emigração de individuos de que a metropole se priva, com a esperança de poder indemnisar-se mais tarde dos sacrificios que faz; sem o que os estabelecimentos que fizesse só lhe causariam damno ". Pelo que, o simples facto do estabelecimento de uma colonia por qualquer nação, que a funda com os seus filhos, "a defende com as suas armas e a mantêm por suas leis" como diz Montesquieu, reclama a compensação nas vantagens do seu commercio, com exclusão de todas as outras nações, segundo o direito europeo, ainda praticado em nossos dias por alguns.

SECÇÃO X

(VI. da I. edição)

DIREITOS DOS DONATARIOS E COLONOS. PORTUGAL NESTA EPOCHA

Privilegios ou foros dos donatarios. Privilegios feudaes. Desprendimento da corôa. Foral. Deveres para com o rei e os colónos. Couto e Homisio. Estrangeiros christãos. Leis do Reino. Codigo Manuelino ou cinco livros das Ordenações. Administração dos Concelhos. Juizes de fóra. Mesa da Consciencia. Alçadas. Systema fiscal. O throno. A magistratura lettrada. Aristocracias. Tratantes ou agiotas. Titulos. Fidalgos, Infanções. Moradias. Brazão. Fontes de legislação. Tres ordens militares. Nomes e Appellidos. Lingua portugueza. Escriptores antigos. Pronunciação brazileira. Cultura intellectual da metropole. Industria. Civilisação arabe na Hespanha. Architectura. Pintura. Typographia. Marinha. Nautica, Antiguidade do Astrolabio. Seculo XV. A imprensa. Livre exame. Protestantismo. Tribunal da inquisição. Advertencia.

As concessões outorgadas pelas cartas de doação, passadas quasi por igual teor, são mais latas do que se devia esperar em uma epocha em que na Europa os reis tratavam de concentrar cada dia mais a autoridade, fazendo prevalecer o direito real dos imperadores, com detrimento dos antigos senhores, ou de certas corporações privilegiadas; mas a beneficio em geral do povo. Os meios *feudaes* tinham sido porêm os mais proficuos para colonizar os paizes quasi ermos de gente: por isso mesmo que o desejo do poder existe na natureza humana, e é um estimulo vigoroso para convocar os ambiciosos a exporem, no meio de trabalhos, quanto já tem para adquirirem mais. E como eterno só é Deus, ao tempo cumpria corrigir o que antes fôra e agora era medida necessaria.

As doações são feitas pelo rei, não só como tal, senão como governador e perpetuo administrador da ordem e cavalleria do mestrado de Christo; e são declaradas válidas, apezar de irem contra as leis do reino que dispunham de outro modo, e princi-

palmente contra a lei mental [1]) que, como é sabido, foi aquella com que o rei D. Duarte (a pretexto de que o chorado Mestre d'Aviz, seu pae a tinha *in mente*) deu o primeiro golpe nos privilegios senhoriaes. As referidas doações são vinculadas nas familias dos primeiros donatarios; obrigando aos successores herdeiros, sob pena de perdimento da capitania, a guardarem para sempre os mesmos appellidos.

Apezar desta concessão, claro está que, segundo a lei geral, cada herdeiro necessitava sempre da confirmação régia, e ás vezes o mesmo herdeiro a pedia cada vez que a corôa passava a novo rei. Os morgados, isto é, as capitanias deviam seguir indivisivelmente, assim nos transversaes e ascendentes como nos bastardos, até pela linha feminina, o que fôra abolido pela dita lei mental. E isto com tanto empenho que, excepto no caso de traição á corôa, o vinculo seguia ao successor, quando o proprietario commettesse crime tal que pelas leis do reino devesse perdel-o.

O donatario da terra poderia perpetuamente:

Chamar-se capitão e governador della;

Possuir na mesma uma zona de dez, e alguns até dezeseis, leguas de extensão de terra sobre a costa, comtanto que fossem em quatro ou cinco porções separadas entre si duas leguas pelo menos, e nunca juntas; sem pagarem outro tributo mais que o dizimo;

Captivar gentios para seu serviço e de seus navios:

Mandar delles a vender a Lisboa até trinta e nove (a uns mais que a outros) cada anno, livres da siza que pagavam todos os que entravam;

Dar sesmarias, segundo as leis do reino, aos que as pedissem, sendo christãos; não ficando estes obrigados a mais tributo que o dizimo.

Competia-lhe:

O direito das barcas de passagem dos rios mais ou menos caudaes;

O dizimo do quinto dos metaes e pedras preciosas;

O criar villas, dando-lhes insignias e liberdades, e por conseguinte foros especiaes, e nomeando para governal-as, em nome delle donatario e de seu successor, os ouvidores, meirinhos e mais officiaes de justiça.

Prover, em seus nomes, as capitanias de tabelliães do publico e judicial, recebendo de cada um quinhentos réis de pensão por anno;

Delegar a alcaidaria, ou governo militar das villas, nos individuos que escolhessem, tomando-lhes a devida menagem ou juramento de fidelidade;

---

[1]) Ordenações do reino, Liv. 2, tit. 35.

O monopolio das marinhas, moendas de agua e quaesquer outros engenhos, podendo cobrar tributos dos que se fizessem com sua licença;

A meia dizima ou vintena de todo o pescado; excepto Duarte Coelho a quem foi concedida a outra meia dizima;

Redizima dos productos da terra ou dizimo de todos os dizimos;

A vintena do producto do páo-brazil, ido da capitania, que se vendesse em Portugal 2);

Alçada, sem appellação nem aggravo, em causas crimes até morte natural, para os peões, escravos e até gentios; dez annos de degredo, e cem cruzados de pena ás pessoas de maior qualidade: e nas causas civeis, com appellação e aggravo só quando os valores excedessem a cem mil rèis;

Conhecer das appellações e aggravos de qualquer ponto da capitania;

Influir nas eleições dos juizes e mais officiaes dos concelhos das villas, apurando as listas dos homens bons, que os deviam eleger; e annuindo ou não as ditas eleições dos juizes e mais officiaes, que se chamariam pelo dito capitão e governador, apezar do que em contrario dispunham as ordenações do reino.

O Soberano promettia além disso que nunca entrariam nas capitanias os seus corregedores, com alçada de natureza alguma, nem jamais seria o donatario suspenso ou sentenciado, sem ter sido primeiro ouvido por elle proprio soberano, que para isso o faria chamar á sua presença.

Deste modo a corôa chegava a ceder, em beneficio dos donatarios, a maior parte dos seus direitos magestaticos; e quasi conservava sobre as novas capitanias brazilicas um protectorado, com poderes mui limitados, a troco de poucos tributos, incluindo o do dizimo; do qual tributo ella mesma pagava o culto publico e a redizima aos senhores das terras. Quasi que podemos dizer que Portugal reconhecia a independencia do Brazil, antes delle se colonizar. Tal era o empenho que devia levar, graças a Diogo de Gouvêa principalmente, em não ver passar a gente estranha o bello territorio que a sorte lhe dera em partilha! Quantas vezes um só homem, uma só idéa ou pensamento fecundo, póde salvar de todo um paiz!

Porém as doações constituiram apenas a legitimidade da posse, e os direitos e privilegios do donatario. Falta pois que nos oc-

---

2) Esta parte foi revogada por alvará de 5 de março de 1557. *Synops. Chron. de Portug.*, por José Anastacio de Figueiredo; t. II, p. 18.

cupemos do titulo do pacto que fixava os deveres deste ultimo para com a corôa, e para com os colonos ou futuros habitadores do couto. Este pacto era o «*Foral* dos direitos, foros e tributos e cousas que na dita terra haviam os colonos de pagar»[3]) ao rei e ao donatario. Era um contracto emphiteutico, em virtude do qual se constituiam perpetuos tributarios, da coroa e dos donatarios capitães mores, os solarengos que recebessem terras de sesmarias. A preferencia dada ao systema de ração (pensão do dizimo) a um foro certo, proveiu de ser elle o mais de accordo com as idéas religiosas dos colonos.

Cada capitania recebeu o seu foral. Nelle se confirmam as doações e privilegios feitos ao senhor da terra; estipulam-se os foros dos solarengos que a haviam de habitar, e as pouquissimas regalias que a coroa se reservava. Estas se reduziam aos direitos das alfandegas, ao monopolio das drogas e especiaria, ao quinto dos metaes e pedras preciosas que se encontrassem, e, finalmente, ao dizimo de todos os productos pagos ao rei, que como chefe dos mestrado e padroado da ordem de Christo, deveria prover, segundo dissemos, quanto respeitava ao culto divino. Para effectuar as cobranças nomearia o rei os competentes officiaes de Fazenda, equivalentes aos *mordomos* dos feudos antigos, como almoxarifes e feitores, com seus competentes escrivães.

Os foros concedidos aos colonos ou futuros moradores se reduziam:

A possuirem sesmarias sem mais tributos que o dizimo;

A' isenção para sempre de quaesquer direitos de sizas, impostos sobre o sal ou saboarias, ou outros quaesquer tributos não constantes da doação e foral;

A' garantia de que o capitão não protegeria com mais terras os seus parentes, nem illudiria as datas dellas, para augmentar as suas;

A ser declarada livre de direitos toda a exportação para quaesquer terras de Portugal, pagando somente a siza ordinaria quando se vendessem os productos;

---

3) Palavras dos proprios foraes. Vej. Doc. VIII e IX app. ao *Diario de Pero Lopes*, publicado pelo autor em 1839.

A' franquia de direitos dos artigos importados de Portugal, excepto por navios estrangeiros (tratadores estranhos), em cujo caso pagariam o dizimo de entrada;

Ao commercio livre dos povoadores entre si, ainda quando de differentes capitanias, e privilegio para só elles, quando não estivessem associados a estrangeiros, negociarem com os gentios da terra.

Além disso cada capitania era declarada couto e homisio; e ninguem poderia portanto ser nella perseguido, em virtude de crimes e delictos anteriores.

Desta fórma aos estrangeiros christãos (catholicos se entende) não ficava vedado o virem por colonos, como succedeu no principio do seculo immediato; e aos proprios navios estrangeiros se permittia o commercio directo com Portugal, bem que cumulados do grande direito differencial de dez por cento a toda importação, o que equivalia a não se expor a que elles fossem depois carregados para seus paizes, o que, segundo parece, estivera nos intentos do legislador prohibir. Socialmente reconhecia o foral e doação, além do privilegiado donatario, tres classes distinctas: os fidalgos, os piões e os gentios.

Claro está que em todos os pontos não especificados nas doações e foraes, se consideraram vigentes para o Brazil as leis geraes do reino.

Estas leis eram então as Ordenações, que em virtude do nome do rei que as promulgou (fazendo reformar as *Affonsinas* do meiado do seculo anterior), se ficaram chamando *Manuelinas;* as quaes, additadas e melhor redigidas, se promulgaram de novo no principio do seculo seguinte, reinando um dos Filippes de Castella, pelo que se ficaram chamando *Filippinas*. As fontes originarias destas ordenações eram o codigo wisigothico [4]), as leis promulgadas separadamente, desde o principio da monarchia portugueza, as das Partidas de Castella, e todo o direito justiniano e mais codigos romanos, explicados e commentados nas universidades de Bolonha e de Paris.

---

[4]) «Codigo por que a Nação se havia regido» lhe chamava, já em 1814, Vicente A. de Carvalho, «*Mem. sobre a Emphyteuse*», pag. 17.

O codigo *Filippino*, promulgado em principios do seguinte seculo, foi pouco mais do que uma nova edição correcta e augmentada do *Manuelino*, que como lei não chegou a vigorar por um seculo; se bem que na sua confecção presidissem muitos mais trabalhos e muitos maiores esforços de codificação que no que lhe usurpou o nome. Occupou-se do dito codigo manuelino, durante deseseis annos, o honrado chanceller-mór Ruy Botto, e outros jurisconsultos distinctos; e o proprio rei ligava ao seu codigo tanta importancia que nem sequer o esquecera no testamento, pois recommendára em uma verba deste que obra tão gloriosa para o seu reinado se concluisse; verba com o cumprimento da qual nada tiveram que fazer seus successores, por haver Deus disposto que o mesmo rei só fallecesse depois de receber o Codigo a ultima de mão, ficando assim por sua morte publicada em terceira edição [5]) em 1521, a collecção das leis patrias por que tanto se empenhava. Verdade é que muitos artigos do codigo manuelino sairam diffusos e com redundancia, e que ás vezes comprehendem até explicações e glossas, de forma que o legislador se apresenta de quando em quando convertido em lente de direito; mas estes pequenos defeitos, que em geral não prejudicam á clareza, são inherentes ao estylo da epoca, o qual alias os reformadores filippinos deixaram muitas vezes como estava.

Constam as Ordenações manuelinas de cinco distinctos codigos chamados *Livros*, divididos em titulos.

O primeiro comprehende os regimentos de todos os magistrados do reino, os quaes estavam sujeitos ao magistrado supremo, o rei.

Trata o segundo livro dos direitos e bens da corôa, dos privilegios e jurisdicção dos donatarios, dos ecclesiasticos, das igrejas, dos mosteiros, das capellas e dos residuos dos testamentos.

---

[5]) Já assim o afirmavamos em 1854, na pag. 77 da 1.ª edição desta *Historia*. No opusculo *Ordenações do Reino* do Sr. Tito de Noronha, pub. em 1873, vem explicada (nas pags. 16 e 17) a rasão da raridade das duas primeiras edições de 1512 e 1514: dellas foram mandadas *romper* todos os exemplares, com pena até de degredo aos que o não fizessem; isto por C. R. de 15 de março de 1521.

O terceiro comprehende o codigo do processo judicial, ja no tempo [6]) das nossas doações alterado.

O quarto vinha a ser o codigo civil. Nelle se estipula sobre successões e contratos, quasi tudo á maneira do direito romano, com as modificações que resultaram da *civilisação* goda: os feudos e morgados, e os dotes e arrhas dos matrimonios.

O quinto livro abrangia o codigo penal, e o do processo das causas crimes; e tornou-se celebre pelo seu muito rigor, e pela frase lugubre, nelle muitas vezes repetida, de *morra per ello*, frase com que por ventura os legisladores haviam pensado amedrontar a sociedade que começava em Portugal a perverter-se moralmente.

Nos casos não previstos no codigo, dispunha um artigo [7]) que fossem subsidiarios, envolvendo peccado, os sagrados canones; e, não o envolvendo, a antiga legislação romana, embora discorde com os mesmos canones. Na fallencia destas duas fontes de direito, seriam válidas as glossas de Acursio não reprovadas pelos doutores, e as opiniões de Bártolo não rebatidas pela opinião commum.

A jurisdicção primaria em cada terra era exercida pelos *juizes ordinarios*, mudados annualmente, e eleitos d'entre os «homens bons» ou pessoas mais gradas do concelho.—Nas cidades e villas eram geralmente dois, e se denominavam de *vara vermelha*, por ser desta côr o distinctivo que tinham obrigação de levar sempre comsigo. Os mesmos juizes, juntos, pelo menos, a dois *vereadores* e a um *procurador* do concelho, constituiam a *camara* ou *senado*, que exercia o governo municipal, e economico do mesmo concelho. O *procurador* servia, nas povoações menores, de *thesoureiro*. Aos vereadores competia organisarem as *posturas* e vereações. Havia mais em cada concelho um escrivão e um *almotacé*; este encarregado da execução das posturas determinadas pelos vereadores, e de fiscalisar a aferição dos pesos e medidas, os preços dos comestiveis, e de zelar pelo aceio e policia das povoações, etc.

---

6) Lei de 1526, Julho, 5.

7) Liv. II, tit. 5.°

A autoridade dos juizes ordinarios cessava, em parte, onde havia, nomeados pelo rei, *juizes de fóra*, ou lettrados, chamados tambem de *vara branca*; e igualmente, havendo juizes especiaes de orfãos, de defunctos e ausentes, do crime e outros, no que era da especial competencia destes.

As Ordenações prohibiam expressamente aos senhores das terras o transtornar ou quebrar o que ellas dispunham acerca das eleições dos officiaes das camaras; mas, segundo vimos, aos donatarios do Brazil fôra concedido o annuirem ou não ás eleições dos juizes ordinarios e mais officiaes, clausula que só durou emquanto não foram coartados os poderes illimitados, que a principio lhes foram concedidos.

Em cada concelho havia um *alcaide* pequeno, que respondia pelo socego, e fazia as prisões e as citações. Era escolhido pela camara entre os propostos pelo senhor da terra. Na propria casa da camara se dispunham de ordinario o carcere, ou prisão municipal.

Nas causas julgadas em primeira instancia se appellava no reino para a Casa do Civel; e desta se podia aggravar para a da Supplicação e Desembargo do Paço. Porém, para as capitanias do Brazil, foi primeiro concedido aos donatarios o terem alçada, e poderem conhecer das appellações e aggravos; depois passou esta prerogativa ao Governador Geral e ao Conselho da India; e só pelo tempo em que se estabeleceram as relações é que poderam os colonos appellar dellas para o Desembargo do Paço.

Além do codigo manuelino se haviam publicado, em 1516, o regimento e as ordenações da Fazenda, com as quaes se reformou de todo o systema antigo, e se adoptára um novo systema tributario, em harmonia com a transformação que se operára no Reino depois das descobertas. Neste regimento se comprehendem o dos vedores da Fazenda, o dos contadores das comarcas e o dos almoxarifes e recebedores, que taes eram os cargos que constituiam a ordem dos fiscaes da renda do Estado.

Para aconselhar a Corôa acerca do regimen dos estabelecimentos de piedade e caridade, como os respectivos ás capellas, hos-

pitaes, albergarias, mamposterias e resgate dos captivos, e tambem aos perdões, ás ordens religiosas, e a varias attribuições da universidade etc., acabava de ser instituido (em dezembro de 1532), um tribunal intitulado „*Meza da Consciencia e Ordens*", composto de um presidente e cinco deputados theologos ou juristas.

Na jerarchia governativa, como paiz eminentemente monarchico, tudo ia convergir ao throno, ou antes tudo delle divergia; desde que os reis portuguezes, á imitação dos outros do continente europeu, haviam feito mais dependentes da corôa não só os antigos senhores das terras, como o proprio clero, restringindo-lhe, por meio de concordatas com a Santa Sé, suas liberdades, e apropriando-se os beneficios e nomeações delles. Sem esse poder quasi absoluto que se tinham adjudicado os reis, valendo-se da magistratura lettrada, classe média entre os grandes e o povo, que se formava nas universidades, talvez não fôra possivel a Portugal ter levado e mantido tão longe suas conquistas, em uma epoca de revolução social, como a que se operou pelo trato da America, e pela facilidade e frequencia do da Asia. Essa magistratura lettrada, por seu saber, por seus enredos, sua actividade, sua loquella e a protecção que lhe davam as Ordenações, redigidas por individuos de sua classe, veiu, pelo tempo adiante, a predominar no paiz; — e até a alistar-se no numero de seus primeiros aristocratas, depois de haver em geral hostilisado a classe, antes de chegar a ella. E' a tendencia do espirito humano; e quem sabe se desgraçadamente originada por um principio de inveja que degenera em orgulho. Entretanto, por mais que corram os seculos, não ha paiz, embora blazone de mui republicano, que não aprecie a sua aristocracia, isto é, a nobreza hereditaria; — sendo que a tradição das familias vem, com o andar do tempo, a constituir a historia da patria. A nação acata nos filhos, e ainda mais nos netos, os nomes e a sombra, digamos assim, dos individuos que lhe deram illustração e gloria, como nós em sociedade veneramos até as suas reliquias; e não só o cadaver, como a espada do heroe que morreu pela independencia da patria; a penna do escriptor que a illustrou pelas lettras; o annel do prelado que foi modelo de saber

e virtudes. Além de que, a experiencia prova que as aristocracias, sustentaculos dos thronos, são ao mesmo tempo a mais segura barreira contra as invasões e despotismos do poder, e contra os transbordamentos tyranicos e intolerantes das democracias.

A aristocracia de serviços e a de nascimento ou de sangue (que não é outra cousa mais que a de serviços, com algumas gerações em cima) começava a mesclar-se bastante com a dos haveres. O que hoje chamamos agiotagem conseguiu nesta quadra monopolisar na Hespanha e Portugal os suores e os trabalhos de toda a industria do lavrador, do armador e até da renda do Estado. O rapido giro de fundos dados pelas lettras de cambio, a promptidão com se passavam grandes creditos de Lisboa para Sevilha, para a feira de Medina, para Genova, para Flandres, deu aos desta classe, ajudados pelo estabelecimento dos correios, de que souberam tirar partido, tal superioridade nos negocios que ninguem podia com elles competir. A's vezes acudiam nas urgencias do estado, e o soccorro era reputado um grande serviço, e recompensado como tal. Outras vezes era o herdeiro de um grande nome e representante de muitos heroes quem, para poder ter com que accommodar-se ao luxo da epoca, não desdenhava alliar-se com a neta do sayão convertido, cujo descendente se fizera rico tratante como então se dizia, sem que o vocabulo se tomasse em máo sentido, como as obras delles tratantes ou tratadores vieram a fazer que se tomasse.

A população livre em Portugal, no principio da monarchia, podia reduzir-se ás duas classes de nobres e plebeos. Os primeiros comprehendiam os *ricos-homens*, « senhores de pendão e caldeira », com *vassallos* a seu serviço, e os *infanções*, que vinham a ser os nobres por linhagem [8]) ou *fidalgos* (filhos d'algo), mas filhos segundos, e por conseguinte sem terras e pobres.

O titulo de *dom*, equivalente ao de senhor (de *dominus*), dava-se apenas a principio aos reis, principes e ricos-homens, vindo a ter

---

8) Vej. Alv. Ferreira de Vera, Garibai, Zurita e outros.

quasi a mesma valia que ao depois o de duques. Mais tarde o fizeram os reis extensivos aos seus filhos naturaes e aos que muito se distinguiam por altos feitos, como o condestavel Nun'Alvares e o nauta Vasco da Gama. Tornado porém mui familiar em Castella, e julgando-se autorisados a usal-o todos os que de Castella procediam, veiu a ficar quasi sem valor, principalmente depois do tempo dos Filippes, ordenando-se, entretanto, por uma lei que por caso nenhum podessem herdar tal titulo os filhos illegitimos.

Os titulos usados nas outras nações mais antigas da Europa, começando pelo de conde, foram pouco a pouco introduzidos em Portugal, a principio com tanta parcimonia que o rei D. Diniz apenas creou dois, D. Pedro o Justiceiro outros dois e D. Fernando cinco. Esse titulo, derivado do nome latino *comes*, companheiro, andára associado em outros paizes aos principaes conselheiros e mais affectos servidores do rei.

D. João 1º, casado com ingleza, e muito imitador de Inglaterra, creou os dois primeiros ducados portuguezes, que foram os de Coimbra e de Vizeu, com o intuito de premiar os serviços de dois de seus filhos. D. Affonso 5º creou os dois ducados de Bragança e de Guimarães, e os dois primeiros marquezados (Valença e Villa-Viçosa), bem como o primeiro viscondado (de Villa-Nova da Cerveira) e o primeiro baronato (d'Alvito). O titulo de marquez (Marcgraf) era originario d'Allemanha, e correspondia ao dos antigos *adiantados mores* das fronteiras em Portugal. Entre os cargos de primeira classe se contavam tambem os *alcaides mores* ou governadores militares das villas ou cidades, ordinariamente hereditarios.

Elrei D. Manuel, para regularisar melhor as recompensas dos altos feitos, e dar á ordem hierarchica da nação certa disciplina, de accordo com a centralisação monarchica, que triunfára de todo em Portugal em tempo do seu predecessor D. João 2º, estabelecêra pensões ou *moradias* da Casa real aos descendentes das tres classes de servidores do estado, que requeriam taes assentamentos. Os filhos dos grandes, ou antigos ricos-homens, eram admittidos por moços fidalgos, podendo passar a fidalgos cavalleiros, depois

que, por algum feito, fossem armados: os dos simples fidalgos ou *infanções* entravam por moços da Camara, podendo subir, por accesso ordinario, a cavalleiros fidalgos: os dos simples plebeos por moços da estribeira, podendo passar a escudeiros e até subir a simples cavalleiros, como succedeu com o Caramurú da Bahia, com Henrique Montes e outros. Isto, bem entendido, como recompensas hereditarias aos que já se haviam distinguido, como entre nós ainda se concedem, pela nação, pensões ás viuvas e filhos, pelos serviços dos maridos e pais, mas sem prejuizo de elevar a estes ás classes superiores, quando prestassem taes serviços que viessem a dar gloria á mesma nação, e a proporcionar, ainda depois de mortos, estimulos vivos ás successivas gerações. Por esta razão os titulos que importavam glorias nacionaes, dignas de serem perpetuadas, como os concedidos a Vasco da Gama, eram com razão declarados hereditarios. Os grandes senhores e os prelados tinham tambem escudeiros a seu serviço.

As mencionadas honras na Casa Real vieram a ser mui empregadas para recompensar tambem serviços feitos no Brazil, como ja vimos a respeito do Caramurú e de Henrique Montes; pelo que convem que fique desde ja explicado em que consistiam; e com maior razão, quando a natural aspiração de cada um a passar á classe superior serviu de estimulo a praticarem-se grandes feitos e trabalhos, e contribuiu a dar ao poder central a força e unidade sem a qual não houvera obtido tantos triumphos em regiões tão afastadas do centro de sua acção...

O mesmo rei D. Manuel regularisou na monarchia o uso dos brasões, dando regimento ao rei d'armas, arautos e passavantes, depois de haver mandado tomar a tal respeito informes nas côrtes estrangeiras; convencido de que estava nos interesses da nação, com vantagem para o fisco; sendo mais um recurso de estimulo e paga de serviços, o regularisar o uso das distincções hieroglyphicas da arte heraldica, prohibindo que indevidamente se condecorassem a si proprios com o seu uso os que o não legitimassem com a competente licença ou diploma e a paga dos direitos.

Assim como as demais nações do meiodia da Europa, Portugal, que fizera parte do imperio romano, que fôra conquista dos Barbaros seus invasores e dos Mauro-arabes, vencedores destes, herdára de todos instituições e habitos. A legislação civil e as municipalidades eram romanas. Dos Barbaros procediam originalmente os foraes e parte da legislação criminal ; tambem delles, mais que do senado romano, provieram as antigas *Côrtes* ou congressos, convocados pelos reis, em que, com o andar do tempo, vieram a ter parte os procuradores dos povos, mas a que assistiam a principio só os magnatas, para resolverem o augmento de tributos ou as questões imprevistas. Dos Mauro-arabes foram adoptados os cargos de alcaides-mores, alferes-mores, almocadens, adaís, almogavares e outros titulos da milicia. Esta veiu a reformar-se muito com as guerras das Cruzadas, onde tiveram origem as ordens militares, isto é, as ordens de freires que faziam profissão de combater pela fé de Christo. Destas ordens havia tres em Portugal, a saber : 1ª de *Christo*, creada para substituir neste reino a suprimida dos Templarios, cujos bens foram em Portugal confirmados á de Christo em 1319, pelo papa João XXII ; 2.ª a de *Santiago da Espada*, a principio rama da de igual nome no reino visinho, donde foi desannexada por bulla de Nicoláu IV de 1288 ; 3ª a de *S. Bento* (vulgo d'Aviz), correspondente á castelhana de Calatrava, da qual só foi definitivamente separada pelo papa Eugenio IV.

Havendo o successor do mencionado rei D. Manuel (D. João 3.º) associado á Corôa os grãos-mestrados destas tres ordens, vieram os seus bens a prestar-lhes muitos mais meios de galardoar os serviços ; e cumpre dizer que, em meio de alguns abusos inevitaveis á condição humana, foi isso de grande recurso para que não deixassem de ser recompensados muitos trabalhos e boas acções, que então se praticaram, especialmente nas colonias.

Seguindo os usos da epoca e da nação, cada individuo, além do nome, tinha o sobrenome. Estes, a principio, haviam sido sempre *patronimicos*, ou derivados dos nomes dos pais, como ainda hoje usam os Russos. Assim o filho de Pedro (Pero), accrescentava o sobrenome de Peres, e o filho de Alvaro o de Alvares. Porém já

este costume caia em desuso, adoptando-se o cognome por mero arbitrio, ou contentando-se com o appellido dos pais, juntando tambem alguns, a modo dos Castelhanos, o materno. Quanto aos mesmos appellidos, uns haviam sido tomados ou se tomavam dos nomes das terras, donde procediam, nem sempre solares das respectivas familias, outros haviam provindo de simples alcunhas, taes como os de Leitão e Coelho [9]).

Digamos agora duas palavras ácerca do estado em que se achava a lingua, a litteratura e a instrucção no paiz em que se haviam creado os que vieram colonisar o nosso.

A lingua portugueza campeava já na virilidade. No tempo da dominiação romana quasi toda a peninsula iberica havia abandonado as linguas anteriormente ahi faladas, acceitando com mais ou menos corrupção um latim, que depois não deixou naturalmente de soffrer ainda alguma degeneração com expressões godas e arabicas. No condado portugalense, berço da monarchia de Affonso I, se falaria quasi a mesma lingua que em todo o reino de Leon, a que com a Galliza e as Asturias pertencia, e até com pouca differença a mesma que no Aragão, cujo dialecto ainda hoje se parece muito mais com o portuguez que o castelhano. Pouco a pouco entretanto se foi extremando a linguagem portugueza dos dialectos desses outros districtos.

Alguns trovadores provençaes tinham nas côrtes dos reis D. Affonso III e D. Diniz estimulado o apparecimento de muitos trovadores no mesmo genero, no numero dos quaes devemos contar este ultimo rei, e um seu filho natural, o conde de Barcellos. A creação da universidade portugueza, devida ao mesmo rei D. Diniz, as continuas guerras civis, e o augmento das ordens religiosas, em tempos em que as estradas eram pessimas e os povos commerciavam em ponto muito pequeno, deram em grande parte azo á communicação delles uns com os outros, a qual tendia a uniformar a lingua. O praticarem-se altos feitos, que incitavam engenhos a escrevel-os ; e logo depois o renascimento da antiga lit-

9) Alv. Ferr. de Vera.

teratura classica grega e latina na Europa, tudo concorrêra ao polimento da nossa lingua, que, no periodo que esboçamos, contava já : tres novellistas de cavallarias, Vasco de Lobeira, autor do *Amadiz de Gaula* [10], Bernardim Ribeiro, autor da novella contada na *Menina e Moça*, e João de Barros, o nosso donatario, autor do *Clarimundo* ; aos quaes não tardou em associar-se Francisco de Moraes, com o *Palmeirim d'Inglaterra*, tronco fecundo de uma familia de outras novellas de cavallarias de novos Palmeirins : alguns chronistas, como Fernão Lopes, Azurara, Vasco Fernandes de Lucena, Ruy de Pina e Resende ; alguns poetas, taes como Gil Vicente e o mencionado Bernardim Ribeiro:—sem mencionar os muitos versos de pouca inspiração do cancioneiro de Resende, nem as obras sobre a monteria, a gineta e a moral, attribuidas aos reis D. João I e D. Duarte e ao infante D. Pedro. Na philologia e na musica adquirira em Portugal celebridade Arias Barboza, o amigo do physico Pedro Margalho e do celebre escriptor Pedro Martyr.

E' a lingua portugueza, disse um illustre Brazileiro [11]) polyglota e encyclopedico, « bella, rica e sonora; menos dura e tarda que a allemã e a ingleza ; mais energica e variada ao ouvido que a italiana, mais suave e natural que a castelhana, e superior em tudo á franceza ».

Na passagem para o Brazil, antes de aqui se aclimar, modificou-se ella um pouco, sobretudo na pronunciação ; já pela maneira como nosso differente clima operaria sobre os orgãos da fala, ja pelo trato de muitos castelhanos, tambem colonos, e pelo dos habitantes da terra ; ja finalmente pela necessidade de adoptar nomes novos para novas ideas ; o que fez passar não só a Portugal, como a toda a Europa, muitos vocabulos que são exclusi-

---

[10]) Em um opusculo especial acerca dos *Livros de Cavallarias*, que publicámos em 1872, provámos que o primeiro livro da novella que por si constitue já uma acção acabada, se deve attribuir, sem a minima duvida, a este autor.

[11]) José Bonifacio « Poesias avulsas d' Americo Elysio », Bordeos 1825, pag. 110.

vamente do Brazil, taes como : tapioca, mandioca, cajú, guaiába, jacarandá, copaíba, ananás, piassaba ou antes piassá, ipecacuanha, e outros muitos.

A cultura intellectual de Portugal, isto é, o estado das lettras e das sciencias, pode dizer-se que andava então a par do dos mais paizes da Europa. A universidade era favorecida pelo soberano, que a doou com seus proprios paços em Coimbra, para onde a transferiu de Lisboa, « vendo que o trafego da côrte e grande commercio de mercadores (negociantes) naturaes e forasteiros condiziam mal com o repouso e quietação das lettras; e que em Coimbra ficava mais accommodada, tanto pelo sitio, que é quasi no meio do reino, como pela temperança e fartura da terra [12]) ». As grandes riquezas que em Portugal então havia, e que facultavam os meios de se viajar pelo estrangeiro, a facilidade de entender o italiano e o castelhano, as dependencias de Roma e as pendencias com Castella, o frequente que ja era o estudo do latim, o trato dos estrangeiros instruidos ambiciosos de adquirir gloria nas sciencias ou nas armas, ou cubiçosos de fortuna, que, embriagados pelas estupendas novas dos descobrimentos, iam a Portugal com intuito de passarem á India ou á America, — tudo concorria a nivelar este paiz com os outros mais adiantados nessa epoca, em todos os ramos dos conhecimentos humanos.

A industria agricola retrogradava porém ; por isso mesmo que os habitos da guerra não permittiam o socego que exige a cultura do campo, nem os outros meios que havia de adquirir cabedaes, com mais facilidade, podiam estimular a que os braços se dedicassem áquella de preferencia.

Entretanto a civilisação arabe deixára de si traços indeleveis por toda a Hespanha, em differentes ramos que tem relação com a agricultura : na meteorologia, na astronomia, na medicina e na pharmacia. Todos estão hoje concordes em confessar o muito que a civilisação européa deve á invasão arabe-mauritana, ou antes á cultura fermentada no proprio solo hispano, na côrte de Cordova,

---

[12]) Fr. Bern. de Brito.

nos tempos do emirado e califado da dynastia Ommeyada, desde o fim do seculo oitavo até os principios do decimo primeiro ; dessa civilisação que produziu os industriosos Ebn-el-Awam, os philosophos Alfaraby, os alchimistas Alhacem, os astronomos Alfergan e os physicos Averroes (Aben-Roiz). Dos Arabes são até na nossa lingua os termos empregados em muitas applicações industriaes : o nome das *alcórcovas* ou sanjas qne se abriam para enxugar as *liziras* ou margens dos rios : o das *acequias* ou *açacaias* [13]) e *noras*, com que estabeleciam as regas ; o dos *açudes*, com que derivavam as aguas para fazer trabalhar as *azenhas* e *atafonas* ; o dos *azerves* com que amparavam dos ventos frios os pomares ; o das *beringelas*, *acelgas*, *tremoços* e *alfaces* que semeavam em *alfobres*; o das *almanjarras* que moviam para prensar a azeitona ; o dos *azulejos* com que tão profusamente adornavam os *alizares* dos seus *pateos*, plantados de arvores que davam o *azaár* [14]), e adornados de *arrayans*, de *alelis* [15]), *alecrim*, *alfazema*, *anémonas*, etc.; o das *açotéas* ou eirados de seus *alcáceres* e, afinal, o das *azarolas*, *ameixas*, *alfarrobas*, *alperces* e *romans*, com que ornavam os seus *alfoufes*. Lembram-nos esses nomes de origem arabe, que vão em grifo, e não seria difficil, seguindo os livros que se teem publicado ácerca dos vestigios da lingua algemia em Hespanha e Portugal, descobrir nelles muitos outros vestigios da introducção dos methodos ou industrias, que ainda hoje, no uso vulgar, as etymologias das palavras nos comprovam. Limitar-nos-hemos entretanto ainda a citar, como puramente arabes, os vocabulos *seára, sáfra, tâmara, algodão, arroba* e *alqueire*. Diremos tambem que os mesmos Arabes consideravam em ponto de vista mesquinho a industria agricola, quando a limitaram á cultura só das terras de regadio, e não propagaram mais a plantação das arvores. Se em paizes humidos pelo solo ou pelos orvalhos, os prados são a base e a riqueza dos lavradores, nos paizes

---

13) Açacaias é ainda o nome das hortas regadias em Santarem.

14) Nome dado pelos Arabes, e ainda hoje pelos Castelhanos, á flor da larangeira.

15) Ou gôivos.

áridos a cultura das arvores e das vinhas é de todo o proveito não só para se melhorar com estas plantas o clima, mas para que ellas possam subsistir, indo muito ao seio da terra buscar com as raizes a frescura e a nutrição para sua seiva, que não teem á superficie, nem podem da árida atmosphera sorver pelas folhas.

Tambem na architectura deixou de si indeleveis vestigios na Hespanha a civilisação dos Arabes. Por elles tinham vindo de Constantinopla á Hespanha, modificados em sua passagem por Damasco, inclusivamente lindos modelos de edificios, e certo gosto original de construcção, que as plantas exoticas dessa architectura que podemos chamar pontaguda não poderam desinçar de todo. E quando, no seculo dezeseis, o descobrimento das Indias, Occidentaes e Oriental, occasionou nos espiritos a grande energia que se manifestou principalmente nas artes, produzindo uma nova epoca de grandes construcções, como o havia sido anteriormente a do triumpho do christianismo e como o está sendo, em nossos dias, a que inaugura a facilidade das communicações proporcionadas pelo uso dos ferreos carris, ainda a influencia arabe se faz sentir. Esta tendencia de restauração introduziu em Portugal um estylo original, anterior ao *plateresco* hespanhol imitado depois por João de Castilho, e á renascença em Italia. São typos desse estylo, (para que fomos o primeiro a indicar o nome de *manuelino*, que recebeu a sancção do eximio cantor de Camões, o illustre Garrette, do publico portuguez em geral), o mosteiro e a torre de Belém, que se levantavam ambos, quasi á foz do Tejo, quando o Brazil se descobria.

Não nos é possivel falar tão vantajosamente da arte da pintura, bem que alguns nomes de pintores portuguezes se conheciam já por esse tempo. Entretanto em pintura não havia, nem ainda até hoje houve, escola que portugueza se chamasse.

A typographia corria sim parelhas com a de outros paizes da Europa; e basta ver a obra de Cataldus [16]) Siculus, feita em Lisboa em 1500, isto é, no anno que Cabral aportava á terra de Santa Cruz, para conhecer que não se imprimia então em Portugal peor

---

[16]) Vimos deste livro o exemplar que possue o Sr. Ferdinand Denis.

que na Allemanha ou na Italia. Poucos annos antes, em 1495, haviam dois allemães, Valentim de Moravia e Nicolau de Saxonia, impresso tambem em Lisboa os quatro magnificos volumes *incunabulos* da *Vita Christi*, em portuguez, os quaes são ainda em nossos dias um verdadeiro modelo de perfeita execução typographica.

A arte, ou antes a sciencia, em que Portugal porém se avantajava a todas as nações era a maritima; — sciencia caracteristica da actividade do engenho de qualquer povo, e que dá vida a uma arma arbitra dos destinos dos estados, e até do dos continentes, como a historia nos ensina pelos resultados que na sorte da Europa, e talvez da humanidade, tiveram as batalhas navaes de Salamina, Actium, Lepanto, La Hogue e Trafalgar.

Não seguiremos a trilha dos que tem até agora exaggerado os serviços feitos á nautica pelo Infante descobridor, de melhoramentos na bussola, nas cartas geographicas e nos astrolabios, — instrumentos estes que já no seculo XI se construiam com a maior perfeição, segundo nol-o provam alguns que temos visto desses tempos. Limitar-nos-hemos pois a lembrar que os Portuguezes mostraram ás nações da Europa o caminho do mar da India, e que as armadas todas pareciam ser em pequeno numero, para, sem muita arte, chegar a realisar o pensamento d'Affonso d'Albuquerque de assenhorear todo o mar Indico pela simples occupação dos tres pontos: Ormuz, Gôa e Malaca. Foram as viagens da India que mais augmentaram a marinha portugueza; e tanto pedia a necessidade esse augmento que o governo tomou a resolução de proteger o fabrico, ou a compra a estranhos, de náos maiores de cento e trinta toneladas, por meio de gratificações [17]) e de privilegios para a preferencia de carga e impostos differenciaes. Assim consta que, em Maio de 1521, tinha Portugal nos mares da India, a seu serviço, suas fretadas, oitenta e tantas velas, segundo já em outro lugar fica dito.

Moralmente todos os povos da Europa achavam-se então uns a par dos outros. O seculo decimo quinto, todo de actividade, de in-

---

[17]) Reg. da Fazenda, cap. 232.

vestigação e de inventos, fôra um seculo dos chamados de transição, bem que todos os seculos se poderiam classificar com tal nome. A invenção da imprensa, antes de acabar a primeira metade delle, lançou em circulação milhares de obras, resultados do cogitar de homens de varias idades e de varias seitas, que entre os contemporaneos vinham, segundo suas tendencias, a uns exaltar a imaginação, fortalecer em outros a rasão. Vimos como á imprensa devêra Colombo em grande parte suas lucubrações, e devemos agora ajuntar que a leitura e o estudo nunca lhe entibiaram a fé. Outro tanto não succedia a grande numero dos sabios e eruditos desta epoca. A imprensa prestava-se a tudo, não só na Hollanda e na Allemanha, como na França e na Italia. O livre exame de quanto respeitava á religião invadiu a autoridade do catholicismo, e organisou um sem numero de seitas protestantes, das quaes umas atacam reciprocamente, em prejuizo da fé de todas, os dogmas que as outras creem. Tal era a revolução que na Europa se operava nos animos, no principio do seculo decimo sexto, e que não era mais que o preludio de aggressões, que se dirigiram á autoridade dos reis e dos governos, e até, como já então se viu com os anabaptistas d'Allemanha, do proprio direito de propriedade, que nos estimula ao trabalho, e deu origem a tantas grandes acções.

A aprehensão de que se apoderou o governo portuguez ácerca da invasão de heresias, nesta epoca febril, foi tal, que pediu de Roma, e, depois de muita opposição de parte da Curia de 1530 a 1536, chegou a obter no reino, a pretexto de combater o judaismo, a installação do Tribunal da Inquisição. —Triste foi o recurso, segundo a experiencia veiu a mostrar; mas as instancias feitas para obtel-o descobrem-nos que o governo tinha o instincto da necessidade de meios heroicos, — para metter nos eixos a roda da sociedade que se desgarrava e desgalgava.

A origem de semelhante instituição remonta ao 12.º seculo. Os progressos que, em França, faziam as heregias dos Albigenses e outras seitas, se haviam atalhado, organisando-se juntas de eclesiasticos que *inquiririam* quem eram os aliciadores, e os denunciavam á justiça.—Chamavam-se, pois, *inquisidores* aos individuos dessas jun-

tas; e, em 1204, foram reconhecidos por Innocencio IV. Imitaram essa instituição os Aragoneses, e em Castella foi introduzida, só contra os Judeos e Mouriscos, em 1478, ou antes, 1483, quando o celebre Torquemada, de maldita memoria, lhe deu a fórma de tribunal.

Quem como nós teve occasião de estudar, em varios autos, as fórmas de processos, que mais tarde se adoptaram para esse tribunal, não pode deixar de falar delle sem desde logo maldizel-o. Entretanto suas influencias perniciosas, que eram quasi todas, só passaram ao Brazil depois deste bastante colonisado e constituido; maxime desde o seculo passado, em que as riquezas começaram a seduzir os cubiçosos fiscaes do chamado *Santo Officio*,—deste *Status in Statu*, cujos dictames, superiores a toda a lei, diminuiam ao rei a magestade, ao governo o poder, aos tribunaes a justiça, aos prelados a autoridade ecclesiastica, e aos povos a liberdade, — não só de discutir, como até quasi de pensar. Para o Brazil nunca se creou uma inquisição especial; ficou elle sempre sujeito á de Lisboa.

SECÇÃO XI

CHRONICA PRIMITIVA DAS SEIS CAPITANIAS CUJA COLONISAÇÃO VINGOU.

Capitania de Martim Affonso. Ataque de Iguape. Derrota. Ataque a S. Vicente. Invasão do mar. Villa de Santos. Monjôlo. Sua procedencia da China. Engenhos de assucar. Sesmarias. Terras de Pero Lopes. Seus delegados em Santo Amaro. Itamaracá. Pero Lopes vai á India. Sua morte. D. Izabel de Gamboa: seus delegados. Villa da Conceição. Itamaracá. Duarte Coelho. Marim ou Olinda. Recife. Porto de Pernambuco. Villa de Olinda. Sua situação. Desprezo do Recife. Tamandaré. Trabalhos dos Indios. Etymologia de Olinda. Nova Lusitania. Prospéra a colonia. Rigor do donatario. Queixas. Viagem á Europa. Rio de S. Francisco. Caxoeira de Paulo Affonso. Cultura do assucar. Igaraçú. Capitania do Espirito Santo. Sesmarias. Villa da Victoria. Principaes colonos. O donatario e seus vicios. Decadencia. Porto Seguro. Seu donatario. Primeira villa. Gentio. Colonos pescadores. Capitania dos Ilhéos. Romero, delegado do donatario. Morro de S. Paulo. S. Jorge dos Ilheos. Descripção do paiz. Expulsão e reintegração do delegado. Resultados.

Vejamos agora como se conduziu cada um dos senhores isentos ou donatarios das capitanias.

De todos chama primeiro a nossa attenção Martim Affonso de Sousa, — o fundador da colonia de S. Vicente, a quem ella fôra na partilha geral com tanta justiça e tanta politica adjudicada. E chama este donatario primeiro nossa attenção, não só porque a sua capitania prosperava, quando ainda estavam em embrião os preparativos para colonisar as outras, como porque, havendo já della começado a tratar anteriormente, ataremos por aqui melhor o fio da narração que devemos levar, passando successivamente a cada uma das outras, por ordem chronologica; segundo proximamente nos constar que foram sendo colonisadas pelos esforços dos donatarios ou de seus delegados.

Na capitania de Martim Affonso, que do nome da povoação capital se chamou de S. Vicente, prosperam as duas villas fundadas. O vigario Gonçalo Monteiro rege na marinha A). O sertanejo João Ramalho capitanêa no campo, e influe em Piratininga. E' natural que desde logo em uma e outra villa se organizasse um simulacro de camaras municipaes, com seus vereadores:—estes provavelmente seriam a principio de nomeação, e não eleição;—pois não se poderia esta fazer sem se apurarem os homens-bons, que, em conformidade das ordenações, deviam ser os eleitores.

A) Gonçalo Monteiro ainda vivia em 1560, era vigario de Santos, ouvidor ecclesiastico, e funccionou no processo de Bolés, a quem absolveu, appellando para o Bispo, que era o commissario do Santo Officio no Brasil. Provavelmente a elle se refere Anchieta quando falla de «um Vigario muito velho e honrado, que conformava pouco com o proceder da Companhia no governo de suas ovelhas, que achavam nelle refugio pera suas consciencias, com pouco escrupulo da verdade que dos Padres ouviam e criam. Com este pousava (Nobrega) muitas vezes e recebia suas esmolas, advertindo-o do que tocava á sua consciencia e de suas ovelhas. E tendo elle alguns tempos impedimentos de enfermidade e outros, suppria o padre Nobrega por si e pelos Padres nas missas e em tudo o mais por elle, e depois pondo-lhe embargo em sua paga pelos officiaes d'el-rei lhe fez pagar tudo. Com estas boas obras o Vigario se chegava cada vez mais aos Padres, até que, já no cabo da vida, fez uma confissão geral com um delles, e por seu conselho deixou muitos mezes de dizer missa por ser tremulo pela muita velhice, e fazer o mais do seu officio, deixando tudo aos Padres, e com isto acabou em paz, com muita edificação de todas as suas ovelhas, que com esta occasião se deixavam tambem reger pelos da Companhia». Anchieta, *Informações e frag. historico*, 67/68.

Na *Revista do Inst. Hist. e Geogr. de S. Paulo* 5, 159 e seguintes, foram publicados uns apontamentos do pouco fidedigno frei Gaspar da Madre de Deus, de que se desentranha a seguinte lista de capitães-móres de S. Vicente, em vida do seu primeiro donatario:

1.° Gaspar Monteiro, que já governava em 1536;
2.° Antonio de Oliveira, que já governava em 1539;
3.° Christovão de Aguiar de Altero, que tomou posse a 28 de Março de 1543;
4.° Braz Cubas, que tomou posse a 8 de Junho de 1545;
5.° Antonio de Oliveira (pela 2ª vez) que tomou posse em Maio de 1549;
6.° Braz Cubas (pela 2ª vez) que governava em 1555 e 1556;
7.° Jorge Ferreira, que ainda governava em 1558;
8.° Francisco de Moraes Barreto, que tomou posse a 30 de Abril de 1558;
9.° Pero Collaço, que governava em 1562;
10. Pedro Ferraz Barreto de 1562 a 1567;
11. Jorge Ferreira, pela 2ª vez, de 1567 em diante.

Martim Affonso não voltou mais ao Brazil. Recolhendo a Lisboa partiu para a Asia. Lá se illustrou muito por seus feitos, como capitão mór do mar, e depois como governador; e, regressando a Portugal, apenas de quando em quando se lembrava de acudir á sua capitania brazilica.

A' cerca da administração do vigario Gonçalo Monteiro mui escaços documentos nos foram transmittidos, por se haverem extraviado os livros do tombo da villa de S. Vicente, e por não existir nos archivos da metropole communicação alguma sua. Provavelmente se limitaria elle a corresponder-se com Martim Affonso; mas os papeis deste passariam, com o seu morgado, aos condes de Vimieiro, e naturalmente vieram a perecer nas chammas, com toda a escolhida bibliotheca dessa illustre casa.

Entretanto, de algumas indicações que aproveitamos de outros documentos, devemos crer que a nascente colonia maritima, logo nos primeiros annos, foi pouco afortunada, e soffreu até uma invasão da parte d'outros colonos, estabelecidos em Iguape. Sabemos esta circumstancia pela apostilla de uma dada de sesmaria concedida por Martim Affonso a Ruy Pinto B). Dessa apostilla consta que em 20 de agosto de 1537 não existia em S. Vicente o livro do tombo, em consequencia de o « haverem levado os moradores de Iguape », o que só poderia ter logar, assenhoreando-se primeiro da dita villa. E o facto de hostilidades com os de Iguape se confirma por um livro da camara de S. Paulo [1]), onde lemos que a razão porque Pero de Goes e Ruy Pinto não foram contra os Indios da Curitiba, que haviam assassinado os oitenta exploradores partidos da Cananéa, foi por « estarem occupados com as guerras de Iguape » [2]).

B) Azevedo Marques publica duas sesmarias concedidas por Martim Affonso a Pero de Goes, uma a 10, outra a 15 de Outubro de 1532, e uma a Ruy Pinto concedida em 10 de Fevereiro de 1533; esta não traz, porém, a apostilla que o Autor publicou na primeira edição desta *Historia*, 1,440. Veja-se adiante nota D. *Apontamentos historicos*, 2, 168/172.

[1]) De 1585—1586, fol. 13 v. e fol. 14.

[2]) A' vista destes dois factos nenhuma duvida tivemos em admittir, com prudente reserva, os que nos transmitte Charlevoix. «*Hist. do Paraguay*»

Se havemos de dar credito a Charlevoix, escriptor que em outros assumptos nos não merece muito, viera das bandas do Sul, com varios Castelhanos, até Iguape, um Ruy Mosquera, e ahi se estabelecera com o degradado bacharel portuguez, cujo nome nos diz que era Duarte Peres C).

---

imp. em 1762, Paris 1, p. 51 e seguintes; embora tão combatidos por Fr. Gaspar, p. 86 e seguintes. [Charlevoix apenas repetiu Ruy Dias de Gusman, cuja *Argentina*, escripta em principios do seculo XVII, muitas vezes reimpressa no correr do seculo passado, o autor aqui e em outros pontos mostra não ter consultado].

C) A historia passou do seguinte modo, segundo Ruy Dias de Gusman:

Ali (em Iguape) determinaram fazer assento, para o qual travaram amizade com os naturaes daquella costa, e com os Portuguezes circumvisinhos com quem tinham correspondencia. Feitas, pois, suas casas e sementeiras, viveram dois annos em boa conformidade, até que um fidalgo portuguez, chamado o bacharel Duarte Peres, se lhes veiu a metter com toda sua casa, filhos e creados, despeitado e queixoso dos de sua propria nação : o qual havia sido desterrado por el-rei D. Manoel a aquella costa na qual havia padecido innumeraveis trabalhos. Pelo que falava com alguma liberdade, mais da que devia : do que resultou que o capitão daquella costa o enviou a notificar que fosse a cumprir seu desterro á parte e logar donde por seu rei foi mandado ; e pelo conseguinte os Castelhanos que ali estavam foram requeridos que, si queriam permanecer naquella terra, dessem logo obediencia a seu rei e senhor, cujo era aquelle districto e jurisdicção, e em seu nome ao governador Martim Affonso de Sousa, sinão dentro de trinta dias deixassem aquella terra, sahindo-se della sob pena de morte e perdimento de seus bens.

Os Castelhanos responderam que não conheciam ser aquella terra da coroa de Portugal, sinão da de Castella, e como tal estavam ali povoados em nome do imperador D. Carlos, cujos vassalos eram. De estas perguntas e respostas veio a resultar mui grande desconformidade entre uns e outros.

Neste tempo succedeu o chegar áquella costa um navio de Francezes corsarios, os quaes, chegados á Cananéa, entraram em aquelle porto. E sendo os Castelhanos avisados, se determinaram de acommetter o navio, e colhendo dois marinheiros que haviam saltado a terra a tomar provisão dos Indios, uma noite mui obscura cercaram o navio com muitas canoas e balsas em que iam mais de 200 frecheiros, e levando comsigo os dois francezes lhes mandaram que dissessem que vinham com o refresco e comida que haviam saido a buscar, e que não havia de que recear-se porque estava tudo mui quieto. Com o qual os asseguraram, e foram deitando seus cabos ao navio, emquanto acabavam de chegar as canoas para deitar em riba súas escadas ; e saltando dentro os Castelhanos e Indios repentinamente, pelejaram com os Francezes, os renderam e tomaram o navio com muitas armas, munições e outras cousas que traziam, com cujo successo ficaram os Hespanhoes mui bem petrechados para

Por intimação do capitão de S. Vicente recolheu este ultimo á villa; mas, havendo resistido Mosquera e os outros a obedecer á intimação, decidiram os nossos a obrigal-os pela força. Em má hora porém os foram atacar, pois caíram n'uma emboscada, e nem sequer poderam salvar os barcos ou canoas, dos quaes se aproveitaram Mosquera e os seus para irem de improviso sobre S. Vicente, pilharem quanto encontraram, e retirarem-se com os des-

---

qualquer acontecimento. Passando adiante a discordia que com os Portuguezes tinham, determinaram de lançal-os daquella terra e porto, castigando-os com o rigor que seu atrevimento pedia.

Desta determinação tiveram os Castelhanos aviso; e assim trataram entre si o modo que haviam de ter para defender-se dos contrarios. E resolutos em o que haviam de fazer, souberam como dois capitães portuguezes vinham de facto com 80 homens a dar sobre elles, sem contar muitos Indios que comsigo traziam com determinação, como digo, de lançal-os daquelle porto, tirarlhes suas fazendas, castigando-os nas pessoas. Para cujo resguardo os Castelhanos procuraram reparar e fortificar o porto com suas trincheiras da parte do mar, por donde tambem os haviam de acommetter, onde plantaram quatro peças de artilharia, e entre o porto e o logar fizeram uma emboscada de vinte soldados e cento e cincoenta Indios frecheiros, para que vindo ás mãos com os da trincheira de improviso dessem sobre os contrarios.

Neste tempo chegaram os Portuguezes por mar e terra, e postos em boa ordem marcharam para o logar com suas bandeiras despregadas e, passando por perto da emboscada, chegaram a reconhecer a trincheira, da qual se lhes disparou a artilharia, e abrindo-lhes seu esquadrão a um lado e outro, perto de uma montanha, sahiram a elles os de emboscada, e dando-lhes uma surriada de arcabuzaria e flexaria, os Portuguezes se desordenaram, e disparando alguns arcabuzaços se retiraram com toda pressa. Os do logar deram atraz delles, e ao passar num passo estreito que alli fazia um arroio, fizeram grande matança, prendendo alguns e entre elles ao capitão Pero de Goes, que foi ferido de um arcabuzaço. Continuando os Castelhanos a victoria por não perder a occasião, chegaram á villa de São Vicente, donde entrados nas tercenas del rei, saquearam e roubaram quanto havia no porto.

Feito este desconcerto, volveram a seu assento com alguns dos mesmos Portuguezes, que dissimuladamente os favoreceram; onde, mettidos todos em dois navios, desampararam a terra e se foram á ilha de Santa Catharina, que está oitenta leguas mais para o rio da Prata, por ser conhecidamente demarcação e territorio da coroa de Castella e alli fizeram assento por alguns dias, até que o capitão Gonçalo de Mendoça encontrou com elles... Passou este successo em o anno de 1534, o qual entendo que foi o primeiro que houve entre christãos em estas partes das Indias Occidentaes. *Argentina*, l. 1°, cap. 8.—Como se vê, Ruy Dias não diz que Duarte Peres obedeceu á intimação; nem elle nem Charlevoix dão notícia de desforra tomada por Pedro de Goes e Ruy Pinto.

contentes para o Sul, até onde se julgaram seguros de não terem que dar contas de tanta insolencia. Reunindo-se porém depois desta surpresa, foram em seu alcance os de S. Vicente, commandados pelos ditos Pero de Goes e Ruy Pinto.

O feitor e almoxarife régio Antonio de Oliveira [3]) veiu depois a reunir em si os cargos de capitão e ouvidor do donatario. Em seu tempo soffreu a nobre villa de S. Vicente o novo sinistro de uma invasão das ondas do mar, que lhe arruinou pelo menos as casas do conselho e o pelourinho [4]).

Além destes reveses, passou por outro que acabou com ella; e poucos annos depois quasi que já da primeira colonia do Brazil não existia mais que o campo *ubi illa fuit:* as roçadas ou derrubadas dos matos, que antes vestiam o solo e o asseguravam, permittiram que as enxorradas levassem comsigo muita terra até chegar a entulhar o ancoradouro visinho, fenomeno este que se passou em muitos outros dos nossos rios e bahias, e barras delles e dellas, á medida que as vertentes contiguas se cultivavam.

Esta circunstancia deu ao porto de Santos toda a superioridade ao de S. Vicente: e bem depressa a soube fazer valer um dos colonos mais prestantes, que em seu principio teve esta terra, — Braz Cubas.

Este homem activo e emprehendedor, que veiu a ser na capitania não só procurador de Martim Affonso, com quem estivera na Asia e de quem era amigo, como provedor da fazenda real e alcaide mór, conheceu que, havendo-se entulhado, como dissemos, o porto de S. Vicente, esta villa não poderia deixar de passar pouco a pouco para o outro lado da ilha, onde o ancoradouro era mais fundo, e onde a principio se haviam construido as tercenas para guarda das vellas e enxarcias das náos de Martim Affonso, que alli haviam recebido concerto. Nesse logar adquiriu terras,

---

[3]) A nomeação régia de feitor e almoxarife tivera logar por provisão de 18 de janeiro de 1537. Liv. 24, f. 104 v. [Antonio de Oliveira era ouvidor com alçada da capitania de S. Vicente em 1549. Azevedo Marques, *Apontamentos*, 2, 170].

[4]) Fr. Gaspar, p. 37 e 38.

e se estabeleceu, construindo ahi o primeiro monjôlo que se conheceu no Brazil, e foi pelos Indios denominado *Enguá*[5]*-guaçú* (pilão grande), nome que primitivamente teve o local, onde depois se fundou a villa chamada de Todos os Santos, hoje cidade de *Santos*, villa que, por influencia do mesmo Cubas, desde logo teve hospital e casa de [6]) misericordia, com os privilegios da de Lisboa por alvará regio. Da parochia passou a ser vigario Gonçalo Monteiro, que antes o fôra de S. Vicente.

A idêa de monjôlo fôra sem duvida trazida por Cubas da Asia e ainda hoje é conhecida na China; sendo-o na ilha Formosa com o nome de *Chui toi*[7]), que equivale a „pilão d'agua". Apezar de ser um tanto primitiva, esta machina hydraulica prestou, e ainda está prestando, bons serviços em todo o Brazil.

Foi igualmente esta capitania a primeira que apresentou um engenho de assucar moente e corrente, havendo para esse fim o donatario feito sociedade com alguns estrangeiros entendidos neste ramo da mechanica agricola, como os Venistes, Erasmos D) e Adornos, sem duvida no Brazil mestres e propagadores de tal industria,

---

5) *Ungá* disse Anchieta, o que desconhecia o sr. Julio Platzmann, quando na sua traducção (§ 32) declarou este vocabulo *von unbekannter Bedeutung* (de significação ignorada). [Na traducção de Hans Staden recentemente publicada em S. Paulo, escreve Theodoro Sampaio: Os Tupys denominavam as bacias fluviaes os estuarios ou lagamares *ygoá*. Do vocabulo *Iwawasupe* (*igoagoa çupe*) mal escrito ou mal interpretado, originou-se o nome *Enguaguaçu*, que nos chega transmittido por Frei Gaspar da Madre de Deus, em allusão, diz o autor das *Memorias para a historia da capitania de S. Vicente*, á forma deste utensil que a ilha simula para quem a observa dos montes elevados de Paranapiacaba, (*Hans Staden*, *Suas viagens, etc.*, *XIII*, S. Paulo, 1900. Cf. C. M. de Almeida, *Rev. do Inst.*, 40, 1ª, 334].

6) Acerca desta instituição se tratará adiante, na Secç. XVIII.

7) Facto que conseguimos apurar em 1873, na Exposição Universal de Vienna, em vista dos modelos expostos na secção da China, junto aos quaes se lia o nome em caracteres chineses, ou proximamente 水碓„ A primeira palavra (chui) quer dizer agua, e por ventura será o mesmo radical da segunda syllaba de mon-jô-lo, — nome que falta averiguar de que provincia seria tomado.

D) Frei Gaspar da Madre de Deus, que deve ser sempre lido com cautela, diz o seguinte nos §§ 104 e 105 da primeira parte das *Memorias para a historia da capitania de S. Vicente*, Lisboa, 1792, reimpressas no Rio em 1847:

que primeiro permittiu que o paiz se podesse reger e pagar seus funccionarios, sem sobrecarregar o thezouro da metropole. Se alguns destes não eram já vindos das ilhas da Madeira e S. Thomé, não ha duvida que muitos dos principaes operarios dahi vieram, não só para o Brazil, como para as colonias tropicaes da America hespanhola, onde ainda são portuguezes muitos nomes nos engenhos como safra, chumaceira, etc.

«Consta por duas escripturas lavradas em Lisboa, registradas no cartorio da Fazenda Real de S. Paulo, que Martim Affonso de Sousa e Pero Lopes de Sousa celebraram contracto de sociedade com João Veniste, Francisco Lobo e o piloto-mór Vicente Gonçalves, para o effeito de se levantarem dois engenhos nas capitanias destes donatarios, obrigando-se elles a darem as terras para isso necessarias nas capitanias respectivas; de sorte que no engenho construido na capitania de Martim Affonso, teria elle a quarta parte e uma cada um dos tres socios João Veniste, Francisco Lobo e o Piloto-mór; da mesma fórma seriam tres partes dos mencionados tres socios, e uma de Pedro Lopes no outro engenho que se erigisse em suas terras. Consta mais expressamente que Martim Affonso satisfez a condição, assignando as terras no engenho de São Jorge, situado na ilha de São Vicente, e consignando mais para refeição do dito engenho as terras que haviam sido de Ruy Pinto, as quaes ficam no fundo da ilha de Santo Amaro, ao Norte do rio da villa de Santos, aquelle rio que forma a barra, a barra grande do meio...

Foram varios os appellidos do sobredito engenho, por terem sido tambem diversos os seus donos em tempos differentes: no principio chamavam-lhe *Engenho do Senhor Governador*, por ser do donatario; ao depois *Engenho dos Armadores*; e ultimamente *S. Jorge dos Erasmos*, segundo tenho visto nos livros das vereações de S. Vicente. Martim Affonso, Francisco Lobo e o Piloto-mór venderam suas partes ao Allemão Erasmo Scheter; ultimamente os filhos deste dono compraram tambem o quinhão de João Veniste, e por isso se ficou chamando o Engenho *S. Jorge dos Erasmos*».

Martim Affonso tinha poder de conceder terras ás pessoas que no Brasil quizessem viver e povoar «e as terras que assim der lhes passará suas cartas que dentro de dois annos da data cada um aproveite a sua, e que si no dito tempo assim não fizer, as poderá dar a outras pessoas que as aproveitem com a dita condicção», nos termos da carta regia passada a 22 de Novembro de 1530.

Não tendo Ruy Pinto cumprido estas condicções, Martim Affonso juntamente com a Senhora D. Anna Pimentel deram sua sesmaria «a João Veniste, e Erasmos Esquetes e filhos para se refazerem das terras que lhes haviam dado para o engenho, como favor ao contracto da companhia que entre elles e Pero Lopes de Souza, Vicente Gonçalo e Francisco Lobo fora feito».

Tendo Francisco Pinto e Martim Pereira doado a Nicolau de Azevedo, fidalgo, morador no logar da Fonte Longa, termo da villa de Anciães, casado com

A capitania de S. Vicente contava, aos deseseis annos de fundada, seis engenhos, mais de seiscentos colonos, e muita escravaria africana E); e a villa de Piratininga, dentro de dez annos mais, transferida para melhor local, conseguia do donatario um foral proprio, com a data de 5 de Abril de 1558. Os moradores se dilatavam não só pelas duas villas mencionadas, como, para as praias meridionaes, pelas aldêas de Itanhaem e Peruibe, onde tambem se lhes concediam sesmarias. Para as bandas de Guaratiba foi dada uma sesmaria de oito leguas de terra, depois herdada pela viuva Marquesa Ferreira, que deixou metade della aos Jesuitas e outra metade a seus filhos Eliseu e Catharina Monteiro, casada, esta última, com José Adorno [8].

Se Martim Affonso seguia distrahido dos seus estados, para só cuidar de conquistar glória no Oriente, não pensava nesta menos seu irmão Pero Lopes; ao qual, segundo parece, não deveram muita sollicitude suas tres partições. — A carta de doação é do 1.º de

---

Isabel Pinto, doado as terras que foram de Ruy Pinto, para evitarem duvidas futuras com elle entraram em tracto João Veniste por sua parte e dos ditos Senhores Erasmos e filhos. Concordou-se vender por 50$000 os bens moveis e immoveis que lhe tocaram por morte de Ruy Pinto, cabendo porém, a quarta parte do vendido a Pero Roso, «que ora esta en São Vicente por feitor.» O documento se acha publicado no 1º volume da primeira edição deste livro, p. 440.

Pero Roso é o Pedro Rosel de que falam os dois allemães Hans Staden e Ulrich Schmidel, a quem deu passagem para o reino. A familia Schetz ainda hoje existe na Belgica com o titulo do ducado de Ursel.

E) Escravaria africana é pouco provavel. O que Luiz de Goes diz em sua carta de Santos, a 12 de Maio de 1548, é: Haja Vossa Alteza piedade de muitas almas christãs, que so nesta capitania entre homens e mulheres e meninos ha mais de seiscentas almas e de escravaria mais de trez mil e seis engenhos e muita fazenda que nella se pode perder, afora muita que é gastada, assi por nos que a povoamos como por muitos que ajudavam povoar...

[8]) Estes herdeiros cederam a sua metade aos Padres, em troco de terras na Bertioga, a 8 de Dez. 1589. Tal foi a base da fazenda de Santa Cruz, á qual depois se aggregaram mais algumas terras. [A fazenda de Santa Cruz a que o Autor se refere, antiga propriedade dos Jesuitas, fica no districto federal e é servida pela E. de F. Central do Brasil, outrora E. F. D. Pedro II. Marqueza é nome de baptismo e não titulo, como já se tem implicado ou affirmado. Os documentos aqui citados estão impressos em *O Tombo ou copia fiel da medição demarcação da fazenda nacional de Santa Cruz*. Rio, 1829].

Setembro de 1534: o foral do mez immediato, e ainda tres mezes depois teve naquella um codicillo de novas graças. Logo se embarcou para a célebre expedição de Tunis, em que o Imperador Carlos V foi em pessoa contra Barba-roxa: voltando desta expedição, tratou subsequentemente de ajustar seu casamento com D. Isabel de Gamboa, rica herdeira na Côrte; e com esta dama se achava já enlaçado em 1536. Mezes depois, foi mandado aos Açôres esperar o comboy em que regressava da India o capitão Thomé de Sousa, que dahi a muitos annos veria governar o Brazil. Logo recebeu ordem para seguir cruzando, desde aquellas ilhas até as Berlengas[9]; e durante este cruzeiro teve occasião de acommetter e aprezar com glória um galeão de França F).

Com todos estes cuidados pouco poderia providenciar á cerca do Brazil. Entretanto nas terras do Sul, que entestavam com as de Martim Affonso, o vigario Gonçalo Monteiro, substituto d'este chefe em S. Vicente, ainda depois de saber como se tinham effectuado as doações, seguiu governando e dando sesmarias[10] nellas; no que lhe succedeu, na parte respectiva a Pero Lopes, um Gonçalo Affonso, encarregado de installar legitimamente a colonia, e de dar as ditas cartas de sesmaria.

Para primeiro assento da povoação escolheu este procurador do donatario, talvez por ordens que delle trazia, a ilha fronteira á já fundada colonia de S. Vicente; isto é a grande ilha que os Indios denominavam de Guaimbé, nome derivado da abundancia da planta aquatica, que dá em cacho o fructo que em outras paragens do Brazil dizem *aninga*. Nesta ilha, da banda de fóra, e a umas tres leguas ao Norte de S. Vicente, onde se faz uma enseada fronteira á ilha do Arvoredo, se fundou a primeira povoação,

---

9) Prov. de 12 de ag. de 1536, Coll. Ms. do conde da Castanheira, Tom. 2.° fol. 4.

F) Estas informações foram colhidas em Sousa, *Annaes de D. João III*, 391, 398, 399 e 400.

10) Em 1536 a Estevam da Costa, chegado ali no anno anterior, deu terras na ilha de Guaibé ou Guaimbé etc. Taques na *Rev. do Inst.*, 9, 160.

com o nome de villa de Santo Amaro, santo que naturalmente seria escolhido por orago da igreja primitiva. Da villa capital passou o nome por ampliação a toda a ilha, e até á capitania, como succedeu nas demais.

Chegaram poucos colonos; distribuiram-se-lhes algumas terras; mas infelizmente bem depressa começaram a ser offendidos pelas assaltadas dos Indios navegadores, que habitavam para o Norte até as ilhas de S. Sebastião e Grande, e que estavam no costume de irem, em certas épocas do anno, áquellas paragens.

Para a capitania de Itamaracá, chamada de Santa Cruz, mandou Pero Lopes por seu loco-tenente a João Gonçalves, ao depois nomeado almoxarife e feitor régio, o qual [11]) contratara a fabrica de um engenho de assucar, que não sabemos se levou a cabo G).

Fundou João Gonçalves a villa capital, que denominou da *Conceição*, na propria ilha que deu o nome á capitania. A importancia que terá em nossa Historia esta ilha, exige que desde já dediquemos á descripção della algumas linhas. — Itamaracá é nome formado de duas palavras túpicas que significam « maracá de pedra »; chamando os Indios, por pobreza de ideas, *ita* ou pedra a todos os metaes; e designando, em virtude da mesma pobreza, por *maracá* todos os instrumentos musicos, mais ou menos disso-

---

[11]) F. Gaspar, p. 64.

G) Frei Vicente do Salvador, que a respeito de Itamaracá e Pernambuco parece ter compulsado uma chronica antiga, diz que o primeiro locotenente de Pero Lopes foi Francisco de Braga, a quem Duarte Coelho por certas questões mandou dar uma cutilada no rosto, obrigando-o a por isso se retirar da capitania, que durante algum tempo ficou quasi em abandono.

João Gonçalves, nomeado por D. Isabel de Gamboa já depois da morte do marido, foi aportar a S. Domingos; em sua ausencia governou Pedro Vogado, commandante de tres navios, que mandou para o reino carregados de pau brasil. Este foi logo substituido por um capitão, «mais para mandar uma barca», que retirou-se deixando a terra em termos de se despovoar. O despovoamento não se deu graças a Miguel Alvares de Paiva, em cujo tempo a colonia prosperou. Era este o capitão quando houve a guerra de Igaraçú, isto em 1548, si tal guerra é a narrada por Hans Stade.

Hans Stade fala de uma familia Braga em Santo Amaro, provavelmente aparentada com o primeiro capitão de Tamaracá.

nantes, começando pelo sino H), que provavelmente seria o primeiro que os mesmos Indios ahi conheceram aos Europeos, em algum barco ou capellinha. A algumas leguas ao Norte de Olinda, a costa se recolhe pouco a pouco, formando um seio em que vão afogar-se uns cinco rios caudaes. Em toda essa distancia, desde a foz do primeiro, da banda do Sul, até a do ultimo, ao Norte, que é o Maçaranduba, conhecido por seu ancoradouro, enche por assim dizer o mencionado seio a ilha de Itamaracá, que um estreito, mas profundo canal, em voltas colleadas, aparta do continente. O desenho em planta da ilha lembra o de uma pera, ou antes o de um cajú. Cortado de meio a meio longitudinalmente, e deitado com a semente ou castanha para o lado do Norte, vereis em ponto pequeno a ilha em relevo. No pé da fructa, do lado do Sul, tendes a villa capital da Conceição, fundada pelo logartenente e ouvidor de Pero Lopes. Para o meio as elevações donde manam alguns rios.—Ao Norte, no logar da escura semente ou castanha, concebei escuros tujucaes, mangues, e marinhas.—Passando porém da comparação á realidade, é de saber-se que a ilha estende-se em direcção quasi Norte-Sul, e para este ultimo rumo se alarga e espalma sensivelmente. Tem de comprido quasi quatro tantos da maior largura. Pelos dois extremos do canal entram os navios, por barras mais ou menos areadas; o fundeadouro para os mesmos é regular, maximé perto do rio, que dahi tomou o nome (*Igara-açú*). A parte septemtrional é retalhada por esteiros, que se mettem bastante pelo interior; junto ao canal é baixa, paludosa e de mangues.

H) Etamariqua na lingua india é um sino, é uma ponta da terra como um cabo: a ponta corre meia milha pelo mar, e sobre ella os Portuguezes construiram uma cidade, podeis ancorar muito perto da praia, tanto da banda de Sudoeste como de Nordeste da cidade, em sete e oito braças (*fadome*) de agua. Todo o paiz até chegardes ao cabo Agostinho é terra baixa, e para navegar dahi a Pernambuco não ha perigo, sinão os recifes (*clifts*) que demoram ao longo da costa até o rio de S. Francisco que são sempre vistos; os mares quando ha marés vivas cobrem a terra que demora atraz; alem disso se qualquer vento soprar de Este bate o mar para os cabeços dos recifes, de modo que faz grande barulho. Por isso os Indios chamam-na a *terra do sino*. Anthony Knivet, em Purchas *his Pilgrimes*, 4, 1238, London, 1625.

A circumstancia de ser esse primeiro nucleo de povoação em uma ilha, a tornava mais defensavel aos que nunca deixariam de ter por si pelo menos algum lanchão, armado de artilheria, percorrendo o canal, e impedindo que quaesquer Indios inimigos, não dispondo senão de suas canoas e arcos, passassem á mesma ilha.

Infelizmente porém esta colonia, por estar tão visinha á de Duarte Coelho, que não perdoava culpas, converteu-se em valhacouto de malfeitores e contrabandistas; e a tal ponto que, em 1546, constava que, nos tres annos anteriores, haviam despachado dahi para a Europa, de contrabando, pelo menos seis barcos carregados de páo brazil I).

O activo e valente donatario era demasiado moço e ambicioso para ligar maior importancia a outros interesses além dos da gloria. Havia navegado parte da Europa, da Africa e da America, e não prestára ainda serviço algum no grande theatro dos mares da Asia, então o em que os Portuguezes alcançavam as melhores corôas. Lá se foi com uma armada; e, quando já de volta (1539), encontrou nas ondas a sepultura, perto da ilha de Madagascar, segundo se crê J).

Faltou pois Pero Lopes do mundo no momento em que a sua perda era a todos mais sensivel. Depois de haver elle lobrigado a trilha que o devia conduzir ao templo da gloria, depois que a esposa cedendo a seu carinho, havia nelle, e só nelle, posto toda a esperança de gozosa felicidade, e o de um bello renome para seus filhos, depois que as esperanças da patria começavam a desabrochar em favor deste joven pundonoroso... tudo perdido! Em verdade nada pode haver de mais triste, de mais cruel do que uma prematura morte. — Quão differente se nos apresenta o fim do ancião illustre, cuja falta successiva de forças physicas o tem ido pouco e pouco desprendendo do mundo, onde havendo cuidado

I) Duarte Coelho o affirma em carta de 20 de Dezembro de 1546. Fernandes Gama, *Memorias historicas da prov. de Pern.* 1, 71, Pernambuco, 1844.

J) A nau em que Pero Lopes se perdeu tinha o nome de *Gallega*, segund Sousa, *Annaes de D. João III*, 432.

de robustecer com os estudos cada dia mais, a sua razão, vê na morte o sello da immortalidade de seu nome no porvir, ganha pelos serviços que teve tempo de legar aos seus semelhantes — á humanidade.

A desventurada viuva (e bem desventurada, que não foi esta a unica perda que soffreu [12]) de Pero Lopes ainda o chorava vinte e tantos annos depois, e quasi não podia acreditar que seu marido se houvesse deste mundo ido de todo, sem lhe haver dito o ultimo adeus.

Esta situação da pobre senhora explica o abandono em que tinha as pingues terras, ja então de seu filho maior, chamado, como o tio, Martim Affonso, as quaes ella por ventura imaginava que ainda algum dia haviam de ser beneficiadas pela actividade do legitimo senhor primeiro. Deste modo, e só tres annos depois que seu marido devia ser fallecido, a desventurada D. Izabel de Gambôa, «moradora na rua do Outeiro, junto ás portas de Santa Catharina em Lisboa», se resolvia, á força de instancias, a assignar a nomeação de capitão e loco-tenente de seu filho na capitania ja meio abandonada de S. Amaro de Guaimbé [13]), em favor de Christovam de Aguiar de Altero, a quem succedeu Jorge Ferreira, e por fim, por deposição que fez deste (que era tambem loco-tenente de Martim Affonso em S. Vicente), o cavalleiro fidalgo Antonio Rodrigues de Almeida. Todos seguiram dando ou confirmando sesmarias para as bandas da Bertioga [14]).

---

[12]) Na Torre do Tombo, Corp. Chron. p. 3.ª, m. 18., d. 68, se encontra uma carta de D. Isabel á Rainha, em que lhe agradece a mercê que lhe faz a ella viuva atormentada de trabalhos. Fala da morte de seu genro, que deixara sua filha tão joven com duas filhinhas, e pede a S. A. se lembre de sua filha e netas, e accrescenta: «que para mim *que sam morta* não quero nada».

[13]) Pedro Taques, *Rev. do Inst.* 9, 156. [A procuração que se encontra no logar citado tem data de 22 de Setembro de 1557 e dá póderes a Antonio Rodrigues de Almeida].

[14]) Mencionariamos as concedidas a um Jorge Grego, que deu seu nome á ilha assim chamada; a Paschoal Fernandes, condestavel da Bertioga, a Braz Cubas (a ilha de Maracanã, ao Norte da de S. Sebastião), a Domingos Garocho e a outros. P. Taques, *Rev. do Inst.* 9, 161.

O territorio da ourela da costa, que ora faz parte das provincias do Paraná e Santa Catharina, constituia a terceira partição ou terceiro quinhão de Pero Lopes, abrangendo proximamente desde Paranaguá até o porto da Laguna. Por toda essa fralda de littoral nenhuma colonisação foi então intentada, que chegasse a nossa noticia.

Depois das duas anteriores capitanias por onde a colonisação do Brazil começára, porque antes tivera nisso parte a Corôa, a que chama primeiro a nossa attenção é a do activo, severo e virtuoso Duarte Coelho: é Pernambuco. Tinha Coelho, além de um coração robusto, a necessaria ambição e mediano desejo de ganho, essenciaes para lidar com vantagem no campo de gloria e de fortuna que se lhe apresentava, e augmentar assim os capitaes de uma e outra, que ja na Asia lhe haviam cabido, por varias terras e navios que tomara ou apresara.

Encommendou de fóra alguns artigos que devia trazer comsigo, e para os quaes obteve franquia [15]) na alfandega de Lisboa; e logo depois (Outubro de 1534) seguiu viagem, com sua mulher e muitos parentes seus e della. Tambem enviou ao mesmo tempo outros colonos, fazendo-lhes partidos, segundo seus merecimentos e exigencias.

Vimos como em extensão de territorio o melhor aquinhoado fora Duarte Coelho. Accrescentaremos que tambem o fora igualmente pela maior visinhança da Europa em que estavam suas terras, e pela bondade do clima; pois que proverbiaes são os ares de Pernambuco como preferiveis da nossa costa, apezar da equinocial que lhe fica a poucos gráos do lado do Norte. E ainda em outro sentido fora elle dos mais favorecidos. Nessas terras suas, existia já o nucleo da pequena colonia que Pero Lopes deixara confiada a Paullos Nunes, e é natural que a ella se dirigisse desde logo Duarte

---

[15]) Alvará de 2 de Outubro de 1534, Torre do Tombo, P. 1.ª, m. 53, d. 118..." mercê dos direitos que havia de pagar dos ferros e cousas outras que mandara trazer de fora do reino para provimento de seus navios em que" ora vae" para o Brasyll : e isto té a quantia de quarenta cruzados do que montarem os ditos direitos. "

Coelho, e que, por conseguinte, a primeira povoação por elle escolhida não fosse, como pretendem alguns, Igaraçú. O nome de *Marim* ou *Mayr-y* [16]), que primitivamente tinha a aldea que depois cedeu a Olinda o posto, queria como dizer "agua ou rio dos Francezes"; e denuncia-nos que foram os mesmos Francezes os primeiros que ahi se estabeleceram.

A entrada para o porto é pela estreita barra, que offerece uma abertura ou boqueirão do mencionado recife, nem que de intento interrompido nessa curta distancia. — Da banda de dentro, se encontram os navios como em um remanso, ou doca natural; pois que ahi o arrecife, a logares com mais de dez braças de largo, segundo pessoalmente medimos, só no preamar, em que fica ao lume d'agua, consente que as ondas o galguem, e vão fazer balouçar um tanto, por mui pouco tempo, os navios que no fundeadouro se acham delle mais chegados. A pedra do arrecife é um grés amarellado, no qual não deixam de exercer alguma acção desgastadora as ondas do mar.

Fenece no ancoradouro, para dentro do boqueirão, um isthmo esguio e encurvado, chão e arcento, a modo de cabedêlo, que vem do lado do Norte, apertado entre as aguas do mar e as do rio Beberibe. A distancia de uma legua, o chão se levanta em promontorio, com morros cobertos de vegetação de mato virgem que seguem encapellando-se para o sertão, apresentando sempre ás aguas do Beberibe, pela margem esquerda, um marachão mais ou menos elevado. — Sobre esse promontorio, que fica além do cabedêlo, foi que, em virtude da melhoria das aguas, dos ares e do torrão para a cultura, Duarte Coelho assentou a villa capital.

Emquanto pois se aproveitava dos tujupares da aldeota primitiva para o primeiro estabelecimento dos colonos, traçou no alto o

---

16) „ Marim " se disse pela adulteração natural portugueza. Aos Francezes chamavam os Indios „Mair", mas não temos encontrado por que razão. Lembra-nos se por serem louros e cor do mel, os denominariam *Mba-yra*. Em Venezula davam os Indios a qualquer pessoa loura o nome de *catira*. [Sobre os nomes Peró e Mair pelos Indios da lingua geral dados aos Portuguezes e Francezes escreveu C. Mendes de Almeida na *Rev. do Inst. Hist.* de 1878].

assento da nova povoação ; apezar de que mais commodo fora que o porto em que fundeavam os navios lhe não ficasse na distancia de uma legua proximamente, e sim mais perto. Por ventura Coelho esqueceu-se de que effectivamente ia fundar uma colonia maritima, e que uma tal colonia é sempre uma verdadeira tercena com mais ou menos desenvolvimento, fronteira ao porto dos navios, e tão proximo delle quanto possivel. Tambem deixou de attender a que assentava a povoação junto de um sitio onde as margens do Beberibe se estagnam em certos mezes do anno. O tempo veiu a corrigir estas desattenções, mas a mui alto preço ; pois a villa que se fundava, com tão bons auspicios, não chegou a ceder de suas prerogativas sobre a que por si mesma se foi desenvolvendo junto ao porto do mencionado Recife (nome este que passou á povoação), senão á custa de muitos trabalhos e até de uma guerra civil, como veremos K). E' para lastimar, segundo alguns Pernambucanos, que o donatario não tivesse tido desde logo conhecimento do porto de Tamandaré; pois creem que nelle houvera ficado melhor situada a capital.

Era no verão [17]): e a intensidade do calor da tórrida não fazia diminuir no donatario e seus socios o ardor e actividade com que todos se esmeravam, primeiro que tudo, em levantar por aduas uma especie de castello quadrado, á maneira das torres de menagem dos solares da idade média ; pois succedia que neste paiz renasciam as suas instituições, quando na Europa morriam, porque, havendo já preenchido sua alta missão, na civilisação de tantos paizes, começavam a prejudicar á unidade nacional. Para ajudarem

---

K) Ver a secção 39 relativa á guerra dos Mascates, no principio do seculo XVIII.

17) Em Março de 1548 escrevia Coelho que havia treze annos que estava com elle em Pernambuco o feitor Vasco Fernandes, o que vae de accordo com o que diz o alvará que transcrevemos em uma nota anterior. [Informa Coelho que Vasco Fernandes quer fazer um engenho num pedaço de terra que lhe deu e pede a S. A. que conceda licença para Vasco poder mandar algum brasil de ca para ajuda disto, o que virá fazer pela costa, onde não faça damno nem prejuizo.— Em carta de 24 de Novembro 1550 escreve ainda D. Coelho que estava na terra havia dezeseis annos].

no trabalho da primeira capellinha que a devoção dos tempos reclamava (de S. Pedro Martyr), construcção dessa torre e em outros edificios, tratou o donatario de attrahir os Indios, recompensando-os com ferrinhos e cascaveis, e promettendo-lhes soccorros contra seus inimigos.

Os mesmos Indios trabalhavam pois de mistura com os colonos, e os nomes dos chefes delles Itabira L), Itagibe [18]) e principalmente o de Uirá-uby, que traduzido se disse Arco-Verde, ficaram memoraveis nos annaes pernambucanos, pelos serviços que prestaram, não só nesta occasião, como ao depois contra seus proprios companheiros, quando se alevantavam e vinham por vezes dar guerra á nascente colonia: e foram sempre repellidos, chegando a perder um olho o cunhado do donatario M), e a ficar prisioneiro, escapando (diz-se) pela intervenção de uma filha do dito Arco-Verde.

Por fim dirigidos por Momboré e outros chefes, e seguidos de muitos Francezes e de criminosos portuguezes, tiveram de refugiar-se ás serras de Ibiapaba. Do frequente uso dos Portuguezes dessa época de apodarem de « perros » aos seus inimigos, ou áquelles que pretendiam injuriar, proveiu talvez aos Indios o darem, tambem por injuria, este nome aos proprios Portuguezes; de modo que não temos por impossivel que desse uso, e não da as-

---

L) Simão de Vasconcellos, na *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, livro 1.º § 101 e segs., depois de se referir a Duarte Coelho, passa logo a tratar dos indios Tabira, Piragibá, Itajubá, etc. Concluiu-se dahi, sem insinuação aliás do chronista, que foram auxiliares de Duarte Coelho. Pelo menos dois não foram : Piragibá só apparece nas guerras da Parahyba, de que o A. trata na secção 22; Tabira é ainda posterior a esto, porque seus feitos são contemporaneos da fundação do Rio-Grande, como se pode verificar em frei Vicente do Salvador, (que escreve Tavira), *Hist. do Brasil*, l. 4, e 32, p. 156. Descontados os exageros de estylo de Simão de Vasconcellos, vê-se que o Tabira do Jesuita é o proprio Tavira do Franciscano.

18) «Ita» quer dizer pedra, metal ou materia dura; «Gy», machado, ou instrumento cortante; «Uirá», arco.

M) Jeronymo de Albuquerque, mais de uma vez mencionado neste livro, tronco de numerosa descendencia.

cendencia de um certo Pedro, viesse aos Tupinambás a idéa de chamarem Perós aos colonos portuguezes N).

Quanto á etymologia do nome Olinda, que deu Coelho á sua villa capital, os amigos de as indagar, e de as achar em todas as

---

N) Que muitos Indios de Pernambuco passaram para o Norte está fora de duvida; não parece igualmente certo que Mamboré fosse seu chefe, nem isto se deduz de Claude d'Abbeville.

No cap. 24 da sua *Histoire de la mission des Peres Capucins en Isle de Maragnon*, Paris, 1614, Claude d'Abbeville apenas diz que Momboré Ouassou tinha mais de 180 annos, (*aagé de plus de neuf vingts ans*), e reproduz sua narrativa, muito curiosa, das primeiras relações entre Tupinambás e Perós, fl. 149 e seg.

A historia da migração encontra-se no cap. 43 nos seguintes termos, fs. 259 v. e seg: nella não apparece o nome de Momboré:

«Em primeiro logar convem saber que os Indios de Maragnan affirmam que para o tropico de Capricornio ha um bello paiz que chamam *Cayeté*, o que quer dizer a grande floresta, porque neste logar ha porção de bosques e plantas cheias de arvores de incrivel grossura e admiravel altura: é ali que habitavam no passado. E como eram estimados os mais valorosos e os maiores guerreiros de todas as outras nações, traziam o nome de *Topinamba* que têm sempre retido até agora.

«Tendo os Portuguezes se assenhoreado do dito paiz de *Cayeté*, queriam do mesmo modo sujeitar todos os habitantes a suas leis, mas os *Topinamba*, que são de natureza livre e não querem ser forçados, preferiram deixar e abandonar seu proprio paiz a dar-se a elles e ser seus subditos. E de facto a maior parte delles o abandonaram desde então, retirando-se para os ocos do mato e para o mais profundo das brenhas.

«Mas ainda ahi não estando seguros, porque os inimigos os encalçavam de todas as partes e os perseguiam mortalmente, resolveram atravessar e passar os desertos e os campos; e caminharam tanto que por fim chegaram á linha equinocial, onde encontraram o grande Oceano que os impediu de passar adiante, limitando-os a direita, como o grande rio das Amazonas os esbarrava á esquerda, de modo que não podendo passar mais adiante, e não ousando tambem recuar atraz, nem volver sobre seus passos com receio de seus imigos, tomaram a resolução de ficar neste paiz e de habitar (como fizeram), uns ao longo do mar, se chamando por isso *Paranan eugouäre*, isto é, os habitantes do mar, os outros sobre a grande montanha de *Ibouyäpap*, que se chamaram *Ibouyäpap eugouare*, isto é, os habitantes de *Ibouyäpap*. Alguns se apoderaram da grande ilha de Maranhão, reconhecendo que era um ponto muito forte e um logar de segurança para elles, que este grande Deus talvez lhes preparara de toda a eternidade, para os conservar da perseguição de seus imigos e do diabo e operar por meio delles a salvação desta nação, querendo ser servido, adorado e glorificado entre este povo barbaro que se devia converter

palavras, acreditam com seriedade que proveiu da simples exclamação : O' linda ! proferida pelo donatario, admirando a sua obra, e vendò que ella era boa ; exclamação que para ser logicos deveramos crer que desde logo se estampara milagrosamente na povoação, á maneira do O do caroço das tamaras, segundo a crença do vulgo.

Ridiculo O) como nos parece este conto, temos por muito mais natural que aquelle nome fosse o de alguma quinta, ou casa, ou

---

pela pregação do Evangelho antes do fim do mundo. Estes foram chamados *Maragnan eugouâre*, isto é, habitantes de Maragnan. Outros moravam ao longo do rio *Taboucourou*, os quaes se chamaram *Taboucourou eugouâre*, os habitantes do *Taboucourou ;* os outros habitaram ao longo do rio *Miary*, chamados por esta occasião *Miary eugouâre*, os habitantes de Miary, os outros em fim ficaram em *Comma*, em *Pará de Este*, em *Pará de Oeste*, e em *Cayeté*, que está á beira mar, dispersando-se assim pelos outros logares que estão ali, donde tiraram tambem seus nomes como os precedentes, retendo todos entretanto o nome de *Topinamba*, do qual se tem sempre qualificado, assim como são ainda até agora.

Muitos delles, que ainda são vivos, se lembram e dizem que algum tempo depois de sua vinda a este paiz, fizeram um vinho ou festim que chamam *Caouin*, onde, os principaes e mais antigos se tendo reunido com a maior parte do povo, succedeu que estando todos embriagados, uma mulher deu em alguem da companhia, donde se levantou grande disturbio e motim que causou logo a divisão e separação de todo este povo: pois uns esposando o partido daquelle que fora batido, outros o da mulher, outros fazendo tambem bando a parte, tanto brigaram entre si que, de grandes amigos e alliados que eram, desde então tamanhos inimigos se tornaram e tanto se dividiram uns de outros que desde então se tem feito sempre guerra, dando-se uns a outros o nome de *Tobaiares*, que quer dizer grandes inimigos, ou para melhor dizer, segundo a etymologia da palavra: Tu és o meu inimigo e eu sou o teu ; e, comquanto sejam todos da mesma nação, e se qualifiquem todos *Topinamba*, com tudo o diabo de tal modo os tem animado uns contra outros, que chegaram até entre comerem-se».

Ainda hoje no Pàra empregam o suffixo *uara* para designar a procedencia: *Marajoara*, *Parauara*.

O) Ridiculo ou não, este conto já apparece na *Hist. do Brasil* de Fr. Vicente do Salvador : A villa se chama de Olinda, nome que lhe poz um gallego, creado de Duarte Coelho, porque andando com outros por entre o mato buscando o sitio onde se edificasse, achando este que é um monte alto, disse com exclamação e alegria *O linda! Historia*, l. 2, c. 8, p. 45. Frei Vicente a respeito de Pernambuco parece ter consultado uma chronica antiga, perdida ou pelo menos até hoje desconhecida: a elle quasi exclusivamente deve-se o pouco que se sabe desta capitania anterior á guerra hollandeza.

burgo, por qualquer titulo caro ao donatario na sua patria [19]), e que elle no Brazil quizesse perpetuar; como, sem tanta felicidade, quiz, tambem com o maior empenho, praticar ácerca do de «Nova Lusitania» para toda a capitania; que alguem [20]), depois, ainda com menos felicidade, indicou para o Brazil todo. Sabe-se tambem que Olinda era o nome de uma das bellas damas na novella do Amadiz de Gaula, cuja leitura estava então mui em voga, não faltando leitores que lhe davam tanta fé, como em nossos dias se dá á historia.

Para boa ordem da justiça mandou o donatario organisar um livro do tombo das terras que dava; e outro de matricula dos que se propunham a gosar dos foros de moradores da sua capitania. De taes assentos fez que tomasse conhecimento o feitor e almoxarife regio, Vasco Fernandes, e o escrivão deste; por isso que seus attestados consulares deviam valer no Reino, afim de regularem os privilegios e franquias que teriam nas alfandegas os productos exportados para a capitania.

Promoveu tambem por todos os modos este chefe activo os casamentos dos primeiros colonos com as Indias da terra P); e o mesmo continuou a fazer com outros que successivamente e por sua conta mandava vir, não só de Portugal, como das Canarias e da Galliza.

A colonia prosperava, como dizem, a olhos vistos: a industria se desenvolvia, e a renda do estado crescia, a par da do donatario e da dos particulares. As occupações de cada qual começavam a extremar-se definitivamente.—Uns cultivavam o algodão, outros a canna: muitos os mantimentos: estes eram oleiros ou pedreiros, aquelles ferreiros ou carpinteiros. Tanta paz e prosperidade deviam fazer

---

19) Comprova-nos esta conjectura o modo como Duarte Coelho datava ordinariamente suas cartas. — «Desta Olinda de Pernambuco», ou desta «Olinda da Nova Lusitania». Perto de Lisboa existem freguezias com os nomes de «Linda-a-Pastora, Linda a Velha», etc.

20) Francisco de Brito Freire, *Nova Lusitania* etc. 1675.

P) Resumindo a sua obra de quinze annos, que o Autor parece antedatar, assim a 15 de Abril de 1549 escrevia Duarte Coelho a D. João III: «entre todos os moradores e povoadores uns fazem engenhos de açucar, porque são poderosos pera isso, outros cannaviaes e outros algodões, e outros mantimentos que é a

attrahir a Pernambuco muitos colonos bons das outras capitanias, e sobre tudo da de Porto Seguro, — que não se atemorisavam da reputação de rigoroso com os delinquentes, que em todas as outras capitanias adquirira Duarte Coelho, da qual reputação tinha noticia o soberano, a quem davam de tudo conta não só o proprio donatario como alguns dos colonos. Em nossa collecção guardamos o fragmento original da carta[21] ou requerimento de um que se diz «Paio Correia, escudeiro», queixando-se-lhe, não só do donatario, que o havia condemnado em cincoenta crusados e em tres annos de degredo, como do almoxarife e feitor da capitania.

Asseveram escriptores sisudos que Duarte Coelho, dera um foral a Olinda, com a data de 12 de Março de 1537, e que este foral tivera confirmação em 17 de Março de 1550; e igualmente asseveram que fora 1° juiz ordinario da villa um João Carneiro[22]).

Vendo tudo em boa marcha, Duarte Coelho não duvidou emprehender uma viagem á Europa, para entabolar contractos com alguns ricos mercadores sobre a construcção de obras para o fabrico do assucar, mediante concessões que lhes fazia; e em poucos annos já tinha em sua capitania varios engenhos. Foi naturalmente nesta ida á côrte que o ousado donatario entrou em propostas para realisar o

---

principal e mais necessaria cousa pera a terra, outros usam de pescar, que outro sim é muito necessario para a terra, outros usam de navios que andam buscando mantimentos, e tratando pela terra conforme ao regimento que tenho posto, outros são mestres de engenhos, outros mestres de açucar, carpinteiros, ferreiros, pedreiros, oleiros e officiaes de formas e sinos para os açucares, e outros officiaes que ando trabalhando e gastando o meu por adquirir pera a terra, e os mando buscar a Portugal e a Galliza e ás Canarias ás minhas custas e alguns que os que vem a fazer os engenhos trazem e aqui moram e povoam, delles solteiros e delles casados aqui, e delles que cada dia caso e trabalho por casar na terra, porque toda esta ordem e maneira, Senhor, se ha de ter para povoar terras novas e tão alongadas do reino e tão grandes como esta e de que se espera tanto proveito...» Fernandes Gama, *Memorias historicas* **1**, 81. De Duarte Coelho dizer que «delles que cada dia caso e *trabalho por casar na terra*» terá o A. razão em concluir que «promoveu por todos os modos este chefe activo os casamentos dos primeiros colonos com as Indias da terra?»

21) Acha-se impresso na pag. 149 do vol. **1** da 1ª edição desta Historia.

22) Até hoje não nos tem sido possivel ver tal foral, nem saber nada mais acerca do 1°, juiz ordinario de Olinda.

descobrimento do rio de S. Francisco, o que não teve effeito por serem excessivas as suas exigencias, sendo o resultado definitivo mais em favor delle que da metropole. Cremos entretanto hoje que foi ainda no seu tempo que Paulo Affonso chegou nesse rio á caxoeira, rival da Niágara, que ainda leva o seu nome, e que foi talvez tambem ainda no seu tempo que um Sebastião Alvares a devassou, ficando por lá, sem que delle, nem dos que o acompanhavam, houvesse mais noticia Q).

Dentro de alguns annos, já Coelho mandava ao soberano amostras dos seus melhores assucares, e lhe participava como fôra na capitania decidido em juizo que os senhores de engenhos pagariam o dizimo em assucar já feito; o que elles não queriam, em virtude da « negra cobiça do mundo ser tanta que turba o juize dos homens para não concederem no que é razão e justiça [23] ».

Igualmente bem seguia a colonia de Igaraçú, que ficava na fronteira septemtrional da capitania; ainda que alguma vez os Barbaros lhe apertaram o sitio a tal ponto que acaso ella succumbiria em 1548 se não chegasse a Pernambuco um navio, cuja tripolação foi convidada a ir em seu socorro, ao que se prestaram todos; indo por mar, e depois pelo rio Igaraçú, em uns lanchões, que tiveram de subir o dito rio, atravez das derribadas, em que eram frechados pelos inimigos.

Da dita tripolação fazia parte um certo Hans Staden, que do facto nos transmittiu noticia; e que, caindo prisioneiro dos gentios

---

Q) Tanto Gabriel Soares como Vicente de Salvador collocam a entrada de Sebastião Alvares no governo de Luis de Brito e Almeida, quando ja desde muito não existia Duarte Coelho. Tambem parece duvidoso si Paulo Affonso é contemporaneo do primeiro donatario. Provavelmente foi muito posterior, e não fez simples entrada, porém estabeleceu-se proximo do grande salto, como se pode concluir da expressão *tapera* de Paulo Affonso, encontrada em documentos antigos. E' possivel que fosse parente dos descobridores do Piauhy, Domingos Affonso e Julião Affonso. Ha noticia de um capitão Paulo Affonso Montes que em 1704 descobriu a serra dos Cocos no Ceará. *Revista do Instituto Historico*, 20, 162.

23) D. Coelho em carta de 20 de Dezembro de 1548, em que remettia os autos e sentenças á el-rei. [Copia no Instituto Historico].

na capitania de S. Vicente, passou entre elles trabalhos e perigos que se occupou a descrever ao regressar a patria. Como volveremos a tratar de Staden, limitemo-nos a dizer que, segundo elle, os defensores de Igaraçú montavam a cento e sessenta homens, inclusos quarenta indios amigos. Não temos por impossivel que fosse a acção neste anno travada a que fizesse os da villa invocar para seu orago os Santos Cosme e Damião, em cujo dia sabemos que uma grande victoria foi alcançada pelos seus primeiros moradores R).

Contemporanea á fundação da cabeça de colonia de Duarte Coelho foi a de que tratou Vasco Fernandes Coutinho.

Este donatario, apenas agraciado, vendeu sua quinta de Alemquer á real fazenda, contrahiu alguns emprestimos, cedeu ao Estado a tença que desfructava, a troco de um navio e varios generos [24], angariou muitos colonos, entrando neste numero varios nobres, e disse adeus ao Tejo, com idéas de o fazer pela ultima vez; e a darmos credito aos que ao depois se declararam seus inimigos, levava comsigo o pensamento de vir a fazer-se algum potentado independente [25].

Seguindo o rumo para o Brazil, foi demandar a altura de sua capitania, e avistando a serra do Mestre-Alvaro, que os maritimos descobrem de longe, em fórma arredondada, emproou a buscar o porto, já antes conhecido dos navegadores destes mares, que se afeiçoa como enseada para dentro da ponta do Tubarão, ao Norte, e do monte Moreno, da banda do Sul. Apenas fundeado, desembarcou com toda a sua gente logo á entrada da enseada, á mão esquerda, numa especie de saco que ella faz ; e ahi principiou o assento da

---

R) Frei Vicente do Salvador dá noticia de um cerco de Igaraçú, com cir cumstancias diversas das mencionadas por Hans Staden, e provavelmente posterior.

24) Torre do Tombo, P. 1ª, 53, 29. [Copia no Inst. Hist.]

25) — « E crea V. A. que ja quando partyo... para este Brasill da primeira vez veio com este preposyto e será boa testimunha fernão vyllas e elle a mi mo cometeo e eu lhe dixe que nunqua Deos quysese que fose tredo (traidor) a V. A. e porque os tempos lhe não sosederão nem Deos quis que elle tall desservyço lhe fisese, ho não fês, não porque não fose boa sua vontade.»— Cart. de Duarte de Lemos de 14 de Julho de 1550. [Copia no Instituto Historico].

povoação, para a qual invocou a graça do Espirito Santo, dando-lhe este nome, bem que o Barbaro da terra começasse a denominal-a *Mboab* S), como designando o sitio habitado pelos emboabas.

Passou á distribuição das sesmarias; entre estas deu a primeira ilha da enseada a D. Jorge de Menezes, e a outra immediata a Valentim Nunes. Por algum tempo, de um e outro guardaram essas ilhas os nomes.—O gentio quiz a principio resistir, porém foi vencido, apasigou-se, e começou a concorrer para os trabalhos da colonia. Introduziu-se a cultura da canna, e construiu-se um engenho; mas a maioria dos colonos lavravam suas terras para mantimentos.

Apezar desta apparente prosperidade, a colonia continha de tal modo em si os elementos de dissolução que estes ganhavam terreno, á medida que parecia augmentar aquella prosperidade. A invocação do Espirito Santo estava só nos labios, procedera do habito, não nascera do coração.

Duarte de Lemos, um dos principaes colonos, que obrara na Asia feitos importantes, se desaveiu com o donatario, a quem acompanhara, e de quem recebera de sesmaria a ilha, chamada antes de Santo Antonio [26], porém de Duarte de Lemos apenas o teve por solarengo.

Foi para esta ilha que se passou depois a villa, com a invocação da Senhora da Victoria; situação triste, não sò por ser ilhada, o que bem significa separação, como pelo aspecto melancolico, causado pelas altas serras e montes que a rodeiam.

A antiga povoação do Espirito Santo se ficou denominando Villa-Velha,—como na Bahia a da Victoria.

D. Jorge de Menezes, o das proezas nas Molucas e do descobrimento da Nova-Guiné, e o seu companheiro D. Simão de Castel-Branco, ambos fidalgos e condemnados antes a degredo, seguiam conduzindo-se menos regradamente; e o donatario, como se não ti-

---

S) Lery, *Histoire d'un voyage*, cap. 5.°: nous nous trouvasme à l'endroit d'un fort des Portugais, nommé par eux *Spiritus Sanctus* (et par les sauvages *Moab*).

26) Confirmação regia a 8 de janeiro de 1549. Liv. 97 de D. João 3.°, f. 1 o 8 etc. [*Rev. Inst.* **24**, 209.]

vesse com elles já bastante que fazer, procurava estender o direito de homisio que tinha a sua capitania, acoutando nella os que nas outras commettiam crimes [27]. E'necessario confessar que Vasco Fernandes não era nascido para o mando. Como simples colono houvera sido um companheiro agradavel e obediente : — era um pessimo chefe. Na Asia havia ganho celebridade pela proeza de investir em Malaga com um elephante que com a tromba esgrimia uma espada. Era de caracter docil e jocoso, mas de nenhuma severidade para com os delinquentes e criminosos. Sem pureza de costumes, não podia ser modelo de uns, nem terror de outros. Acabou por dedicar-se com excesso a bebidas espirituosas, e até se acostumou com os Indios a fumar, ou a *beber fumo* T), como então se chamava a esse

---

27) Em 1550 dera na villa de S. Cruz de Porto Seguro abrigo em seu navio a certos criminosos fugidos da cadêa dos Ilheos... [Vasco Fernandes Coutinho veio ter a este Porto Seguro e foi surgir junto da nau a Santa Cruz, fazenda do Duque de Aveiro, que é desta villa duas leguas, onde estava a nau de Vossa Alteza, á carga de brasil, dizendo que se queria ir nella ao reino. E estaria ahi oito dias eu o fui ver, e lhe pedi e requeri da parte de Vossa Alteza que não levasse uns homisiados que o Ouvidor geral prendeu nos Ilheos, que fugiram da cadeia, os quaes estavam presos por lançarem dez ou quinze ou vinte almas nos Petigues (sic) em terra e as deram a comer aos Indios e despois se alevantarem com o navio e lhe trazerem suas fazendas roubadas e elles mortos, e assim um francez por nome Formão (sic) que veio narmada de Vossa Alteza degradado para sempre por ladrão do mar cossairo. Carta de Duarte de Lemos de 14 de Junho de 1550. Copia no Inst. Hist.]

T) Vasco Fernandes Coutinho, escreve D. Duarte da Costa da Bahia, em 20 de Maio de 1555, chegou aqui velho e pobre e cançado, bem injuriado do Bispo (Sardinha), por que em Pernambuco lhe tolheu caldeira d'espaldas na igreja e apregoar por excommungado, de mistura com homens baixos, por beber fumo, segundo mo elle disse; eu o agasalhei em minha casa, e com minha fazenda lhe soccorri a sua pobresa, pera se poder ir pera o Espirito Santo, e o Bispo o agasalhou com dizer no pulpito cousas delle tão descortezes, estando elle presente, que o pozeram em condição de se perder, do que eu o desviei e hei vergonha de declarar o que lhe disse, e por lhe defender a elle o fumo, sem o qual não tem vida, segundo elle diz, o defendeu nesta cidade com excommunhões e grandes penas, dizendo que era rito gentilico, sendo uma mesinha que nesta terra sarava os homens e as alimarias de muitas doenças, o que parece que não devia de defender. E por se achar que um pobre homem o bebia, o mandou por nu da cinta para cima na Sé, um domingo á missa, com os fumos ao pescoço, e condemnou a outro na mesma pena, o qual de vergonha de a comprir fugiu para os gentios Tutiapara, e o mataram la, e o Bispo foi causa

habito, que naquelle tempo serviu de compendiar até onde tinha levado sua devassidão.

A desordem a que chegou esta capitania, e a falta de respeito ao donatario e governador, foram causa de que os gentios se animassem a assaltal-a por vezes, e fizessem exular d'ahi os melhores colonos. De modo que a capitania do Espirito Santo, com tão boas terras, com um porto excellente, com rios navegaveis para o sertão, ficou até os nossos tempos sem desenvolver-se, e reduzida a uma população que não medra, e a um solo cujas matas virgens estão quasi todas sem romper-se.

Quasi simultaneamente com a pintoresca Olinda e a mal aventurada terra do Espirito Santo se colonisava Porto Seguro.

Seu nobre donatario, homem prudente, esforçado, e mui entendido nas cousas do mar, gozava de tal credito na populosa provincia do Minho, nas immediações de sua villa natal de Vianna, que apenas fez constar que daria terras aos que o quizessem acompanhar, se encontrou com tantos que não poude acceitar a todos, e preferiu, depois dos parentes pobres, os de que tinha mui seguras informações. Tendo vendido as propriedades que possuia em Vianna, ahi se embarcou levando comsigo mulher e filhos; e emproando direito ao Brazil, foi demandar o mesmo Porto Seguro, onde a armada do afortunado Cabral entrára sete lustros antes.

Segundo a tradição, o proprio monte onde Cabral deixára plantado o signal da redempção, foi o que Pero do Campo escolheu para assentar a primeira villa que fundou em seus estados. Além desse precedente, que devia influir muito na alma pia do donatario, era o local dos mais defensaveis na proximidade do porto; e nos tempos antigos os bons guerreiros nunca se esqueciam da maxima mui sabida de que a paz não é mais do que a sombra da guerra; isto é, de que o melhor modo de manter a paz é o de ter sempre presente o fantasma da guerra. Assentou pois a povoação na chapada de um

desta morte e da guerra que pode sobceder do troco que hei de tomar, como tiver tempo e certa informação da maneira de sua morte. *Rev. do Inst.* 49, 1, p. 574/575. Onde teria visto o A. que Vasco Fernandes Coutinho se entregava a bebidas espirituosas?

monte, situado entre dois rios caudaes; e tão extensa era a dita chapada que podera em si admittir, para o futuro, uma grande cidade [28].

Os gentios do paiz pareciam ainda mansos e trataveis, como se apresentaram aos primeiros descobridores; mas tão notoria era ja sua volubilidade que, longe de se fiar nelles, o donatario se preveniu; e em pouco tempo conheceu que com razão o tinha feito, por quanto não tardaram elles em darem algumas assaltadas á nova colonia; mas vencidos, e levados depois com alguma politica, a capitania seguiu em paz, bem que modestamente; por isso que a ella tinham acudido mui poucos capitaes. A cultura e fabrico do assucar só mais tarde ahi começou e mui vagarosamente, de modo que ainda em 1550 com difficuldade podia a capitania dar carga annual para um navio, não sendo muito ajudado do páo-brazil [29] que nella se cortava.

Os colonos cultivavam apenas em suas roças o que restrictamente necessitavam para alimento; e, como homens do mar que pela maior parte eram na Europa, favorecidos pela proximidade dos baixos dos Abrolhos, tão abundante de garoupas, ao mar iam buscar a industria a que mais se dedicaram: — a da pesca. E não só levavam pescado ás capitanias visinhas, como, devidamente preparado, ao proprio Reino. Os pescadores encontravam sempre entre os Indios, pouco amigos de cultivar a terra, gente para suas companhas. Esta vida habituou os Porto-segurenses a certa independencia e desprendimento de si, e ao espirito emprehendedor com que depois, sob a direcção de um sobrinho do donatario, se lançaram d'aqui, primeiro que de outra parte do Brazil, até o amago do sertão, em busca de minas.

Durante a vida do primeiro donatario a colonia seguiu feliz. Havia nella bons costumes, fazia-se justiça a todos, eram os habitantes tementes a Deus, e observadores da religião, sem a qual não

---

28) Cardim, p. 25. [*Rev. Trim. Inst. Hist.*, 65,1, 22, Rio 1902].

29) Duarte de Lemos, carta de 14 de julho de 1550, „Os armadores desta capitania e moradores della, não tinham outro repairo pera pagarem fretes de seus navyos, por ainda haver pouquo asuquere, se não ho brasill."

ha sociedade possivel. Pero do Campo foi menos activo e emprehendedor que Duarte Coelho. Tinha deste todo o zêlo religioso, mas faltavam-lhe outros poderosos estimulos da humanidade para emprehender obras grandes. Pernambuco é hoje uma provincia bastante rica e povoada: Porto Seguro ficou sempre pobre, e nem se quer constitue uma provincia, apezar de ter para isso territorio.

Pero do Campo não devia já existir, pelo menos em Porto-Seguro, em 1550, quando ahi foi mandado por capitão Duarte de Lemos U).

Por morte do primeiro donatario, herdou a capitania seu filho Fernão do Campo, e deste passou ella á irmã, D. Leonor do Campo, viuva de Gregorio da Pesqueira.

A capitania, em virtude de repetidas invasões dos cruentos Aymorés não devidamente castigadas ou reprimidas, começou em decadencia, chegando a perder-se a villa de Santa Cruz V), ao Sul de Sernambitiba, depois da derrota que soffreram os moradores em Comagi X), dali a algumas leguas; e muitos povoadores della se passaram para Pernambuco, que prosperava.

U) Pero de Campos Tourinho ainda vivia, provavelmente em Portugal, quando a 19 de Novembro de 1554 com sua mulher D. Ignez Fernandes Pinta renunciou a favor de seu filho Fernando, mandado logo metter de posse da capitania, e a quem, por fallecer sem herdeiro, substituiu sua irmã Leonor, confirmada a 30 de Maio de 1556.

Escrevendo da Bahia em 17 de Março de 1552 o jesuita Vicente Rodrigues fala de um homem " o qual está casado com uma filha de uma capitania do Porto Seguro com a qual não teve copula, porque assi elle como ella são umas benditas almas dadas muito a oração. "

E' duvidoso si isto se refere a Leonor de Campos que já era viuva a 16 de Julho de 1559, (e por conseguinte, ao contrario do que affirma Gabriel Soares, *Trat.* 54, casou pelo menos uma vez) e teve um filho, condiscipulo de Frei Vicente do Salvador, *Historia*, livro 2.° c. 5. Sobre os primeiros donatarios desta capitania pode se consultar o impresso, sem data e sem logar de impressão de que dá noticia o *Catalogo da Exposição de historia e geographia* sob o n.° 5668: Doação da capitania de Porto Seguro a favor de Pedro de Campo Tourinho, etc.

V) Ainda é mencionada por Gandavo e Cardim.

X) Desta derrota não fala o A. na 1ª edição, e ignora o annotador da presente em que fonte foi bebida a noticia.

Contraste notavel á capitania anterior apresentava a sua visinha do lado do Norte, doada a Jorge de Figueiredo. Aqui não faltavam colonos, com sufficientes capitaes, e as terras eram magnificas. O que faltava era governo. Se o houvesse, desde logo ter-se-hia a capitania desenvolvido, e preparado para resistir ás invasões dos Aymorés que a destruiam. A esta falta, na origem, devemos talvez attribuir a que tão pouca consideração alcançasse, desde ha tres seculos, este districto que apenas agora se vae um tanto alevantando. O donatario, em vez de resignar o cargo que tinha de escrivão da Fazenda na côrte, aproveitou-se por ventura das relações que elle lhe poderia proporcionar, para angariar os colonos da primeira expedição que mandou a este seu morgado e os que pelo tempo adiante foi conseguindo attrahir.

Figueiredo escolheu para delegado, com o titulo de loco-tenente e ouvidor, a um Castelhano Y) por nome Francisco Romero que era tido por homem bravo, e que lhe parecia completamente circumspecto. Embarcou-se este com os colonos, e, dirigindo-se á Bahia, proseguiu para o Sul, em busca de um local para começar a povoar essas terras que faziam parte das da sua administração. Julgou achar esse local no cimo do morro de S. Paulo, na ilha de Tinharé, e decidiu fundar ahi a povoação que lhe fôra imcumbida.

Com muito trabalho e grande incommodo da gente que levava, tinha começado a lançar sobre o morro os fundamentos de uma villa mui regular, quando informado de que mais para o Sul, e por conseguinte em paragem mais central da capitania, se encontrava o porto dos Ilhéos, em tudo superior áquelle, abandonou a sua primeira tentativa, e foi definitivamente fundar no dito porto a povoação a que deu o nome de S. Jorge ; não tanto por invocar como padroeiro este guerreiro da côrte celestial, como por adular a seu proprio patrono humano, que como vimos se chamava Jorge.

Y) Outro Castelhano que desde 1540 se fixou nos Ilhéos foi Felippe de Guillem, cujo nome adiante encontraremos repetido.

O porto dos Ilhéos era assim nomeado em virtude de varios pequenos que lhe ficam de fóra [30], dos quaes um guarnecido de arvoredo, e os outros escalvados. No mesmo porto, da banda do Sul, se mette no ancoradouro um rio navegavel, que hoje se diz Caxoeira, depois de dar uma grande volta, deixando formada uma peninsula elevada, que remata n'um pontal mui propriamente denominado *Fucinho de Cão*. Foi na chapada desta peninsula, banhada por um lado pelas ondas do porto, e pelo outro pelas aguas do rio, que, a alguma distancia ao Norte do mesmo pontal e do morro [31] que lhe fica a cavalleiro, Romero e os seus companheiros assentaram a nova capital. Do outro lado do rio avança sobre o mar outro promontorio, chamado morro de Pernambuco, que concorre a abrigar o porto pela banda do Sul. Todo o paiz visinho era abundantissimo de mananciaes, sendo as chuvas mui frequentes; e o terreno, montuoso e coberto de vegetação vigorosa, promettia a este districto, quando bem cultivado, toda a sorte de riqueza e de prosperidade. Passou-se á distribuição das terras. Entre os nomes dos que foram contemplados com sesmarias, encontramos o de Fernand'Alvares, da Casa da Iudia [32], o qual tendo por seu procurador a um Antonio Vaz [33], chegou a alcançar lucros importantes. — Um escriptor antigo [34] assegura que foi nesta capitania, e por conseguinte não em S. Vicente, que primeiro se plantou a cana, trazida das ilhas da Madeira ou Cabo-Verde. Sabendo porém nós hoje que, já antes da vinda de Martim Affonso, e da distribuição da costa entre os doze donatarios, e desde 1526 pelo menos, era do Brazil mandado

---

30) Ilheo Grande, Itapitanga, Rapa e Itaipins.

31) Morro da Matriz Velha. Este nome faz suppor que ahi se teria chegado a fazer algum primeiro ensaio de povoação; bem que as igrejas de S. Jorge e S. Sebastião sejam mais centraes; e que a igreja da *Victoria*, do outro lado, faça pensar que ahi se alcançou alguma. Os archivos das camaras dos Ilheos e do Porto Seguro ainda estão á espera de quem os examine, antes que acabem de perder-se com o cupim.

32) Carta de Duarte de Lemos, 14 Julho 1550.

33) Seria o que deu seu nome á ilha tambem chamada de S. Antonio em Pernambuco.

34) Gab. Soares, 2, 34, [p. 34, Rio 1851].

algum assucar a Portugal, seria necessario conceder que houvera ahi uma das capitanias fundadas antes do dito anno de 1526 Z).

Não deixou de se construir logo, com a mesma invocação de S. Jorge, uma capellinha em que se podessem celebrar os officios divinos; porém tudo o mais respectivo á administração e justiça se descuidou. Romero, chefe excellente para commandar tropas em guerra, e para repellir as primeiras acommettidas dos Indios, era completamente ignorante nos assumptos do governo politico; crendo que o seu arbitrio podia em tudo supprir a legislação do Reino, que desconhecia, avexava os colonos, os quaes, começando por suspeitar de sua probidade [35], chegaram contra elle a conspirar por tal modo que o agarraram e remetteram de presente ao donatario.

Este porém, movido de suas razões, commetteu a indiscrição de o restabelecer, e introduziu com isso na capitania o pomo da discordia, e concorreu a que ella, quando estava sendo de todas a que mais rendia, succumbisse vergonhosamente, por falta de união e obediencia, ás piáras invasoras dos cruentos Aimorés, que assaltaram e arruinaram varios engenhos.

O primeiro donatario era já fallecido em 26 de Setembro de 1551 [36]. O seu successor fez desistencia da capitania em favor de um irmão, Jeronymo d'Alarcão de Figueiredo, o que lhe foi confirmado (22 Nov. 1552).

Z) Supra, 145, 155.

[35]) Carta de Pero Borges, 7 de Fevereiro 1550.

[36]) Segundo se declara na nomeação feita nessa data, em Almeirim, a Sebastião Martins, morador nos Ilhéos, para alcaide mór desta capitania; Chanc. de D. João III, Liv. 68.

SECÇÃO XII

CAPITANIAS CUJA PRIMITIVA COLONISAÇÃO SE MALLOGROU

Capitanias septentrionaes. Associação trina. Intentos. Naufragio de Ayres da Cunha. Nazareth na ilha da Trindade. Maranhão. Sua descripção. Sorte dos colonos. O ellana no Amazonas. Diego Nuñes e João de Sande. Perós do Maranhão. Castelhano, Botocudo. Capitania de Cardoso de Barros. Ruinas de pedra e cal no porto de Camucim. Capitania de Goes. Ida a Portugal. Contractos. Perdas. Derrota. Evacuação da capitania. Francisco Pereira na Bahia. Estabelecimento. Vicios. Villa da Victoria. Sesmarias. Texto de uma a Diogo Alvares (Caramurú). Insubordinação. Perplexidade do donatario. Seu apuro e prisão. Sua morte. Ilha do Fernão de Noronha. Sua descripção e donataria.

A partição das terras da costa septentrional não entrára a principio nos intentos do Soberano; pois que na carta a Martim Affonso, que em outro lugar fica transcripta, apenas se consigna a extensão desde Pernambuco para o Sul. Naturalmente só se tratou do resto do littoral até o Amazonas ao regressar á côrte Diogo Leite, que, segundo vimos, fôra a explorar por esse lado em 1531.—Provavelmente eram insufficientes os exames por ahi feitos antes A).

Como Fernand'Alvares e João de Barros se não atrevessem a deixar a côrte, onde, segundo dissemos, exerciam cargos importantes, se associaram ao capitão do mar, e tambem donatario, Ayres da Cunha, para que, com uma frota armada á custa desta associação trina, fosse tomar posse das terras dos tres, e dar principio a seu aproveitamento.—Por sua parte Barros mandava, para o representar, dois filhos, e Fernand'Alvares um delegado de confiança.

A) De facto lê-se no mappa de Diego Ribero que « nesta costa, desde o rio Doce (Amazonas) até o cabo de S. Roque, não se achou cousa de proveito, e depois de visitada uma ou duas vezes, logo que foi descoberta, não se voltou mais a ella ».

Aviou-se em Lisboa a frota que veiu a constar de nada menos do que de dez [1] navios, conduzindo novecentos homens, dos quaes mais de cem [2] de cavallo. Tanto ruido faziam os preparativos que o embaixador hespanhol Sarmiento chegou a acreditar que a expedição era mandada pelo governo contra os recentes estabelecimentos castelhanos no rio da Prata ; duvidando até da palavra do monarcha portuguez—o piedoso João III, que lhe assegurara o contrario.

Sarmiento, na carta á sua côrte, pondera como os navios (nenhum dos quaes havia ainda regressado), anteriormente partidos para o Brazil por conta de outros donatarios, não haviam levado, como estes, preparativos para a guerra; mas simplesmente gente para povoar, e o necessario á vida habitual e pacifica. E além disso participava como se dizia que os desta expedição, ao desembarcarem, se embrenhariam pela terra dentro até dar com o Perú.

---

1) «Dez navios, [aliás. doze] e 1500 homens, dos quaes 120 de cavallo», diz um informe da ilha de S. Domingos de [12] Fev. de 1536.

[« Este mes de Noviembre pasado paresce que por las islas de Canaria pasó una armada del reino de Portogal, de doce naos, en que iban mill y quinientos hombres y ciento y veinte de á caballo, diz que á poblar le Rio de Maranõn, que es de la demarcación de V. M.; yendo su viaje, una fusta de remos que llevaba para entrar por el rio se les perdió de vista en el golfo, y ansi anduvo por la mar más de dos meses sin poder tornar al dicho Rio de Marañón, y veniendo por el mismo golfo una nao de naturales de V. M. para esta isla, lá halló sin mantenimienlo ni agua, ni que sabian donde estabam, y la trajo consigo á este puerto, adonde fueron presos ocho marineros portogueses... Dicen los marineros desta fusta que llegarón cerca del rio de Marañón, y que á la sazón llegó alli un navio de la armada de D. Pedro de Mendoza, que iba al Rio de Plata, y que los indios da tierra mataron á algunos de los españoles que iban en aquel navio » Medina, *Descubrimiento del rio de la Amazonas*, CCXXXI, Sevilha, 1892. Si as reticencias não importam qualquer suppressão por parte de Medina, nada indica que a fusta de remos fosse fornecida por Duarte Coelho. Tão pouco o indica o documento transcripto adiante, nota 5. A armada estava de partida em Dezembro de 1535, segundo informações de que ha copia no archivo da 2ª missão Rio Branco, *Hespanha*, doc. 5, Secretaria do Exterior].

2) Galvão diz cento e trinta, e Barros, talvez porque faltaram alguns a embarcar, cento e treze.

Este ultimo boato devia, cremos nós, ter todo fundamento. Já era sabido [3] que as costas da America do Sul contorneavam um grande continente, e nada mais natural do que colligir que, partindo-se do Brazil, sempre para o Occidente, se chegaria aos dominios do Inca do Cuzco, cuja riqueza patenteada de todo pela atroz audacia de Pizarro, poucos annos antes, devia naturalmente excitar a cobiça de muita gente. Pará nós é sobretudo grande argumento para crer no boato o terem levado cavallaria, arma esta que valeu mais a Pizarro para vencer que toda a sua audacia; como já noutros tempos tinha valido aos Arabes, para o exito feliz das suas conquistas.

Antes da partida dos navios, alcançaram os tres socios a doação especial [4]) do ouro e prata que na terra descobrissem, no que tiveram mais favor que todos os demais donatarios. Porém não só se não descobriram minas, apezar de não faltarem ellas no Turiuaçú, como nem sequer a colonisação e cultura da terra foi por diante, como vamos a ver.

A frota sarpou de Lisboa em Novembro (1535) e dirigiu-se a Pernambuco, onde aportou com felicidade; e para maior fortuna o donatario Duarte Coelho pareceu como tomar empenho pelo bom exito de uma tão luzida expedição; e desde logo se prestou a dar linguas ou interpretes, e até a pôr á disposição de Ayres da Cunha uma fusta de remos, que podesse ir adiante, sondando, nas paragens menos conhecidas e exploradas.

Com tão bons auspicios deixou Ayres da Cunha o ancoradouro de Pernambuco, seguindo para o Norte; e primeiro resolveu desembarcar e estabelecer-se na actual provincia do Rio-Grande do Norte, a qual fôra um dos quinhões que coubera em sorte a elle e a João de Barros, cujos filhos iam na armada. O proprio rio Grande, chamado

---

[3]) Já pelo mappa de Diogo Ribeiro feito em 1529, em que partindo do isthmo de Panamá seguia a contracosta marcada, para o Sul até a altura de 10°., se podia prever o facto de que seguindo-se do Maranhão para Loeste, se dava com o Perú. [Desde 1526 Santiago de Guevara fora do estreito de Magalhães, costeando o continente, até Tehuantepec, o que deixara provado que o continente não se prolongava tanto para Oeste como se suppunha].

[4]) Chancellaria de D. João III, Liv. 21, fol. 73 e 74.

depois pelos Indios *Putigy*, estava já dentro do dito quinhão, e não sabemos por que foi desdenhado, indo Ayres da Cunha, com toda a frota, aportar tres leguas mais ao Norte, ao rio chamado *Baquipe* pelos Indios, e Pequeno pelos nossos, dito hoje Ceará-merim. Ahi chegou a desembarcar, com idéa de fundar uma colonia. Encontrou porém tão grande opposição de parte dos Petiguares, unidos a muitos Franceses que com elles se achavam, que, depois de perder alguma gente, resolveu ir tentar fortuna na terra do seu terceiro socio, Fernand' Alvares d'Andrade B).

Fizeram-se pois todos ao mar, tomando tambem comsigo alguns dos naufragos de um galeão de D. Pedro de Mendoza (conhecido por seus feitos no rio da Prata), os quaes ainda ahi encontraram, havendo outros dos companheiros sido devorados pelos mesmos Petiguares.

Montaram pois o cabo de S. Roque, com proposito de buscarem o porto do Maranhão; porém, por nova desdita, a fusta de remos que devia conduzil-os se lhes esgarrou, chegando a andar perdida, e já sem mantimentos nem agua, quando um navio hespanhol a encontrou, e tomando a bordo os tripulantes, os levou á ilha de S. Domingos.

Este incidente não deixaria de contribuir um tanto para os malogrados successos que sobrevieram, em consequencia do naufragio e morte de Ayres da Cunha, nas aguas do Maranhão. Hoje sabemos que nove dos navios chegaram salvos a essas aguas em Março de 1536, e que, em 15 de Julho deste anno [5], era já conhecida em Evora

B) Esta informação deve-se a Gabriel Soares, *Tratado descriptivo*, 25, Rio 1851. Dizendo, porém, que os filhos de João de Barros andaram por esta costa depois que se perderam, parece indicar que a ella vieram depois, não antes do mallogro do Maranhão.

[5]) C. de Luiz Sarmiento, de Evora, em 15 de Julho de 1536.

[«El año pasado scrivi a vuestra magestad de una armada quel Serenisimo Rey ynvio de Lisboa la qual dizian publicamente quera para yr a lo del Peru. Yo hable a su alteza entonces sobre elo y su alteza me certifico de lo contrario diziendo que con quatrocientas leguas no allegarian a cosa que fuese de la marcacion de sus reynos y asi yo lo scrivi a su magestad e a vuestra magestad. Agora es venido a Lisboa un piloto con cartas del capitan della ques

essa chegada, sem ser acompanhada de nenhuma noticia contristadora.—Provavelmente, só depois de despachado do Maranhão o barco para Portugal com estas informações, chegaria ali a triste noticia do naufragio e morte do chefe da expedição; morte que sem duvida seria para ella um grande golpe, e que, em vista dos resultados, lhe veiu a ser funesta; talvez porque nenhum dos outros teria igual prestigio para infundir o necessario respeito a tanta gente, ainda mal disciplinada, e para conter pelo temor, suavisado pela caridade, um tão numeroso e tão vario gentio, como o que habitava a grande ilha,

---

uno que se llama de Acuña y yo he visto una carta particular que escrive uno de los que fueron en la armada que queda alla muy secretamente y aca esla muy escondido cslo. El qual scrive como elles fueron a dar en la costa del Brasil y yendo por ella adelante loparon con un capitan del serenisimo rey que aya avita en cierta parte de la costa el qual se llama Duarte Coelho c dize que savido a los qu estos yban les dixo como el tenla ciertos lenguas de la tierra que le certificaban que en una sierra y provincia quostaba cabo del rio Marañon avia mucba cantidad de oro e que por otro rio que estaba mas cerca dezian estos lenguas que podian yr a dar aquella sierra adonde dezian que avia el oro.

Aquel capitan de aquella armada tomó aquellas lenguas y fuese por la costa adelante del Brasil a dar en aquel rio y llegado alli aun que llebava mucha gente quiso tomar tierra junto aquel rio y la gente de la tierra dizen que acudio tanta gente e que son tan brabos quel capitan portugueses non fue poderoso deslar alli, dizen que se llama esta gente questa cabo este rio los petiçuales ques gente muy braba y que alli supieron quo un navio que alli avia aportado en aquella costa do los castellanos que iban al rio de la Plata se avia perdido y que alguna gente della avia salido en tierra y que los de la tierra los avian comido, y de algunos que los portuguezes alli tomaran con las lenguas que llevaban, lodos lcs cerlificaron que en aquella sierra y provincia quo esta por donde pasa el rio Marañon que ay mucho oro y asi aquella armada fue dar al dicho rio de Marañon, y saltaran en una isla junto al rrio, o dizen que fueron bien recebidos do la gente que alli avitaba, y pusieron de nombre a la dicha isla da la Trenidad y enpeçaron a hedificar un lugar y castillo y pusieron nombre aquel lugar nazareu. Scrive que los mismos de aquella ysla le certifican que ochenta leguas de alli por el dicho rio del Marañon ariba ay ynfinito oro. Llegaron alli los portuguezes con una armada en este moz de março pasado llegaran nuebo nabios en que eran quatro naos y cinco carabelas los que alli arribaran aca tienen en esto en mucho y estan muy alegres con esta nueba y piensan que nadie lo sabe y tienesolo mas encuberto que pueden. Si esto es cosa que toca o no en perjuizio do la marcacion de los reynos yo no lo se. Seguuda missão Rio Branco. *Hespanha*, doc. 5. Sec. do Exterior].

em que se encontra o ancoradouro. Nesta ilha procuraram estabelecer-se, formando uma villa a que, segundo em 1536 escreve o dito Sarmiento, embaixador castelhano em Evora, deram o nome de Nazareth, e admittindo para a grande ilha (do Maranhão) o nome da Trindade, que, se acaso já antes lhe havia sido dado [6], agora melhor devia caber-lhe, pela associação dos tres donatarios.

A quasi duas terças partes da distancia que vai do cabo de São Roque ao Amazonas, se engolfa a costa bastante para dentro, como se a alagassem ahi os muitos rios affluentes nesta paragem, que, destinada a ser terra firme, como que se vinga de os rios lh'o não deixarem ser, apresentando tantos parceis e tantos escolhos, que podera dizer-se que o mar aqui não se propoz de ser mar. Desses rios os mais caudalosos, e que mais rasgam a costa, são o Meary e o Itapicurú, os quaes, vindo da banda do Sul desde certa distancia um tanto parallelamente, depois de encontrarem a agua salgada seguem ainda a par, inclinando-se um pouco para Leste, e formando as duas chamadas bahias de S. Marcos ao Poente, e a de S. José, ao Nascente, menos vasta do que a primeira. — Entre estes dois grandes rios e seus portos ou bahias, que, como dissemos, correm a pouca distancia um tanto a par, se destaca naturalmente uma comprida peninsula ou nesga de terra, cujo extremo se esgarça do tronco principal, e por conseguinte do continente, por um canal chamado do Mosquito; deixando formada a dita ilha, cuja figura, mais que uma fórma trapesoidal, apresenta, quando vista na planta, a face de um enrugado velho. Desenhae, voltada para o lado esquerdo, a parte dianteira de um respeitavel carão, com o labio superior mui sumido e o inferior grande e caido, boquiaberto, nariz grande e de cavalete, a testa fugindo em linha recta para traz, e o queixo mui reintrante, e tereis proximamente a figura da planta da ilha, voltada a Noroeste; ficando-lhe na bocca o porto ou ancoradouro, no labio superior, junto á venta, a actual povoação; — no proprio local, em que depois de

---

[6] No mappa de Diogo Ribeiro de 1529 vem este nome, mas bem podia ser acrescentado depois. [O nome Trinidad dado a um rio do Maranhão já se encontra no mappa de Turim de 1513, reproduzido no primeiro atlas do barão do Rio Branco].

muitos exames e observações que pessoalmente [7] fizemos, cremos hoje que foi situada a povoação primitiva.

A extensão da ilha, do Nordeste a Sudoeste, é de umas sete leguas, tendo de largura, no meio della, metade desta dimensão. E' geralmente a mesma ilha mais elevada que a terra firme visinha, á qual parece pertencer. Vestem-a frondosas matas, e regam-a muitas ribeiras. A principal, que era a chamada então de Jeviré C), e hoje se diz tambem, como a ilha, do Maranhão, desemboca na bahia de S. Marcos, de modo que do lado de barra serve de abrigar o porto a propria terra do continente fronteiro. O littoral da ilha que corre do porto para Leste, um tanto convexamente, e quasi parallelo ao canal do Mosquito, que contorna a mesma ilha do lado do Sul, é desabrigado e tem diante o grande parcel chamado da Coroa-Grande, no qual por ventura se perderia o dito Ayres da Cunha D).

Não possuimos a historia da fundação desta primitiva colonia mallograda; e isso nos faz lamentar que João de Barros nol-a não deixasse escripta, o que teria feito com tanto vigor, como era viva a lembrança que perpetuamente conservou desta para elle tão mal fadada empreza.

Sabemos somente que, a principio, estiveram de pazes com os Indios, que fizeram muitas roças, e que mandaram explorar os rios vizinhos E) — Não tardaram porém os mesmos Indios, com a sua pro-

---

7) Nos dias 5, 10, 11 e 12 de Abril do 1861, que estivemos percorrendo o porto, examinando Itaqui, a Guia e seus arredores, e havendo tido que arribar á ilha de Medo, no fragil bote em que nos achavamos, em virtude de um tremendo temporal, que se levantou.

C) Seria mais exacto dizer que era chamada Jeviré no tempo em que os Francezes occuparam o Maranhão.

D) O sinistro de Ayres da Cunha, parece hoje bem provado, não se deu no Boqueirão. Tambem não acreditamos que fosse nos bancos da Coroa-Grande, mas nos recifes e parceis do littoral dos Lençoes-Grandes, delles muito abundantes. C. M. de Almeida, *Rev. do Inst. Hist.* 41, I, 118.

E) Aqui (barra do Maranhão) se mettem dois rios nelle que vêm do sertão, por um dos quaes entraram alguns Portuguezes quando foi do descobrimento que foram fazer no anno de 35, e navegaram por elle acima duzentas e cincoenta leguas, até que não poderam ir mais adiante por causa da agua ser

verbial volubilidade, a levantar-se; queimando e destruindo as plantações e sementeiras, e chegando a pôr em apertado sitio a povoação da Nazareth, a tomar-lhe a agua das fontes de beber; do modo que ficaram constrangidos a ir embarcados em busca desta e do necessario alimento, que se reduzia a palmitos, a algum peixe e caça, que conseguiam obter, e a alguns fructos selvagens. — Por fim vendo-se nos ultimos apuros, havendo já perdido muita gente, se resolveram embarcar-se e, a deixar de todo a terra.

Não sabemos se alguns conseguiram regressar directamente a Portugal; temos apenas a certeza de que tres caravellões, com muitos colonos e uns duzentos Indios, foram ter ás Antilhas, em Agosto de 1538 [8]; chegando á ilha de Porto Rico dois com quarenta e cinco dos mesmos colonos, alguns delles casados, e cento e quarenta Indios, entre escravos e livres. O outro caravellão foi aportar na de S. Domingos. — Os desta ultima ilha, não só lançaram mão dos Indios, como de todos os bens dos infelizes, os quaes por ordem da metropole, foram mandados reter por colonos. João de Barros, só á custa de muitos trabalhos e despezas, poude rehaver seus dois filhos. E feliz com elles na pobreza, fazia dahi em diante protestos de não fundar mais vãs esperanças em vir a ser rico, e assim resignou inteiramente toda a idéa de ser senhor donatario no Brazil. « O principio da milicia desta terra (diz este escriptor) ainda que seja o ultimo de nossos trabalhos, na memoria eu o tenho mui vivo, por quão morto me leixou o grande custo desta armada sem fructo

---

pouca e o rio se ir estreitando de maneira que não podiam já por elle subir as embarcações. Do outro não descobriram cousa alguma e assi se não sabe até agora donde procedem ambos. Gandavo, *Hist. da prov. de Santa Cruz*, c. 2.

8) C. de Porto Rico de Novembro deste anno. [Não existe aqui copia deste documento: talvez possa, quanto a S. Domingo, ser supprido pela seguinte informação de Oviedo, *Historia general y natural de las Indias*, 2, 115, ed. 1852: Estos portugueses despues, el año que passó de mil é quinientos o treynta y nueve, doxaron aquellas tierras por temor de los indios, con daño é perdida de sus haçiendas, é aun á algunos les costó las vidas; e se fueron con ciertas caravelas, una de las quales vino al puerto desta cibdad de Sancto Domingo com más do çiento é cinquénta personas entre portugueses é indios, muy perdidos y nesçessitados].

algum ». Galvão accrescenta uma circumstancia que o chronista da Asia teve a virtude de calar e vem a ser que elle, como de « condição larga, pagou por Ayres da Cunha e outros que lá falleceram, com piedade da mulher e filhos que lhes ficaram ». — El-rei D. Sebastião perdoou depois a Barros a divida de uns 600.000 rs., em que estava alcançado pela artilheria, armas e munições, que lhe haviam sido fornecidas, pelo arsenal regio, para a expedição ; e depois de elle fallecer (1570) fez mercê á viuva de 500.000 rs. de pensão. — E D. Filippe (I de Portugal) concedeu a Jeronymo de Barros, filho do nosso donatario, e talvez como indemnisação dos direitos que tinha á capitania, uma tença de 100.000 rs., com faculdade para testar della até á quantia de 30.000 rs.

Por desdita para o Maranhão, a mencionada perda não seria a unica reservada aos navegantes e colonos europeus, antes de chegarem de todo a convencer-se de que essa parte do littoral não se podia affrontar sem praticos mui conhecedores della.

Pouco depois chegava ao conhecimento do governo portuguez a noticia de tão arriscada como feliz viagem, desde o Napó até á foz do Amazonas, feita pelo capitão Orellana. Esta viagem patenteava de todo, para nos servirmos da expressão da época, que o Brazil era a continuação do Perú.

Emquanto pois em Hespanha se preparava Orellana ou se entretinha com duvidas em juntar gente para a sua nova expedição (que só veio a poder realizar em 1549 F) e com bem má fortuna),

---

F) Segundo os trabalhos de Medina póde resumir-se os ultimos annos da vida de Orelana do seguinte modo. Separou-se de Gonçalo Pizarro em fins de 1541; desceu pelo Cusango ao Coca e ao Napo ; entrou nas aguas do Marañon a 13 de Fevereiro ; a 12 de Maio começou a passar as terras de Machifaro; a 3 de Junho avistou a barra do Negro, a 10 a do Madeira, a 24 combateu com as Amazonas, a 26 de Agosto desembocou no mar, a 11 de Setembro alcançou a ilha Cubagua, a 22 de Novembro chegou a São Domingo. Em meiados de Maio de 1543 devia estar em Valadolid na corte; a 13 de Fevereiro de 1544 obteve a capitulação com as graças e mercês que pedia para a conquista da Nova Andalusia; a 11 de Maio de 45 largou de San Lucar para o Novo Mundo; a 20 de Dezembro novamente avistou o rio-mar. Falleceu em 1546 nas proximidades do mez de Novembro.

como governador e capitão general e adiantado das terras do Amazonas, a que se propunha denominar *Nova Andalusia*, e como tenente de suas fortalezas, com franquias por dez annos de todos os lucros, se apresentava em Portugal Diego Nuñes de Quesada, com projectos para uma expedição identica afim de varar pelo sertão do Amazonas aos lindes dos Andes. Este Diego Nuñes estivera muitos annos no Perú, e trouxera de lá grandes cabedaes. Associou-se pois ao capitão portuguez João de Sande, e parece que os dois chegaram a ordenar quatro navios com ajuda do governo. Pelos apontamentos que nos deixou Nuñes, vê-se que elle tinha cabal conhecimento do alto Amazonas, e da terra do *Machifaro*, de que tambem deram razão Orellana e Orsua.

Nenhumas noticias nos ficaram desta expedição, que, ou não se chegou a realizar, ou por ventura ainda devia mallograr-se, como as outras G).

G) A identidade parcial de nomes levou o Autor a attribuir a um só os actos de dois Diogos Nunes.

O primeiro, Diego Nunes de Quesada, talvez hespanhol, levou abundancia de dinheiro para Portugal e lá andava em Outubro de 1544 tratando de uma expedição ás terras descobertas por Orellana. O commandante da expedição devia ser D. João de Sande, que, chegado a Sevilha a 21 de Novembro, foi preso por espião e preso ficou até Abril do anno seguinte. Deste Diego Nunes Quesada é tudo o que se apura nos documentos publicados pelo A. na 1ª edição da *Historia Geral* e por Medina no erudito livro consagrado a Orellana e ao descobrimento do rio dos Amazonas. A fonte principal é frei Pablo de Torres, dominicano que devia acompanhar Orellana como vedor, e depois foi escolhido bispo de Castilla de Oro.

O segundo Diogo Nunes conhecemos de uns apontamentos offerecidos a D. João 3°, e publicados pelo Autor deste livro desde 1840 na *Revista do Instituto Historico*. O papel não é datado; mas, dizendo Diogo Nunes que em 1538 foi até Machifaro, e de lá trouxe um Indio que ficou em sua companhia quatorze ou quinze annos, a data cae de 1552 para diante. A data se confirma por muitas outras considerações faceis de apanhar no estudo attento da peça.

Depois de referir brevemente sua viagem a Machifaro, de dar algumas noticias sobre o grande rio que chama simplesmente das Amazonas, prova evidente de já terem passado alguns annos depois de Orellana, que deu este nome, Diogo Nunes expõe o systema empregado pelos Hespanhoes a respeito dos Indios de suas conquistas, e se offerece para ir ás terras de Machifaro, onde os Indios traziam armas e bracelete de ouro, sendo-lhe feitas concessões iguaes ás usadas nas colonias hespanholas.

Tão pouco temos até agora pedido encontrar um documento historico, que nos dê informações sufficientes e exactas acerca de um primeiro colono europeu, outro Ramalho ou Caramurú, — que, segundo a tradição no Maranhão ficou entre os Indios, e veiu a organisar uma grande tribu, conhecida pelo appellido de Perôs, nome com que, talvez por outro motivo, segundo dissemos, ao depois os Barbaros designavam aos Portuguezes H). Assim não podemos aventurar se fôra este mesmo ou outro individuo o Castelhano do Rio Grande do Norte, que, segundo um antigo escriptor I), se fez botucudo: e depois de effectuar uma visita a França, em um navio desta

---

A este Diogo Nunes refere-se com certeza um documento de que existe copia no archivo da segunda missão Rio Branco, *Hespanha*, doc. n. 6. Secretaria do Exterior. Com certeza pode-se dizer, por que é mais facil existir no mesmo tempo, no mesmo logar, com os mesmos planos um só homem do que dois. Diogo Nunes diz que o capitão sob cujas ordens foi a Machifaro tinha o nome de Mercadillo. Nome ou alcunha? Oviedo e Herrera falam de Gonçalo Dias, de Pinedo, que em 1536 passou a grande cordilheira e entrou na terra de Quijos e de Canela.

O documento de que falamos é uma carta de Luis Sarmiento, escripta ao Principe Real, de Lisboa, a 8 de Novembro de 1553 em que se lê o seguinte:

Truxo (Thome de Sousa) a un honbre hijo de um portuguez, que dizen que lo hubo en una muger de alli del brasil, el qual se criyo por la tierra del brasil adelante, y este dice que ha hestado en el peru y que del peru bino alli por tierra y que esla mu cerca de aquello y que donde estan los Portugueses en el brasil en mui pocos dias por tierre yran adonde dize que ay mas minas de oro y de plata que diez bezes en el Peru. Este honbre benido aqui lleuaronle a ablar al rrey y dizen quel quedó tan descontento de que el rey no le auia hecho aquel acogimento que su grande auiso merezia, e salido del rrey dizen que dixo quel se yria para Vuesta Alteza por que le gratificaria mexor su gran servizio y auiso que daua y partiose para alla e se supo luego como se auia partido para yr a Vuestra Alteza, y el duque de avero hizo grandes alaracas de luego yr al rrey y dezille quanto ymporlaua tener contento à heste honbre y que luego el Rey le escriuiese y que le mandase que luego tornase a el por que le queria azer merced. Heste honbre boluio aqui luego por que puzieron deligencie en alcançalle y agora hestan tan alborozados con el que les parece que beste les a de dar horden para que tengan outro Peru.

H) Esta noticia, segundo parece, foi primeiramente publicada por Simão Estacio da Silveira na *Relação Summaria das cousas do Maranhão*, Lisboa, 1624. Cf. Fr. Vicente de Salvador, *Hist. do Brasil*, livro 2°, cap. 13.

H) Cf. Supra, 244.

I) Gabriel Soares, *Tratado*, 25.

nação, voltou para o sertão, e alli se assalvajou outra vez. De um Pero Gallego, mui mettido com os indios, e que foi a causa de um alboroto destes, contra alguns colonos portuguezes, estabelecidos já por esta banda, antes de 1514, encontramos menção J).

De Antonio Cardoso de Barros, a quem coubera parte da actual provincia do Ceará, nenhuma noticia escripta nos ficou do que chegaria a emprehender, para colonisar e aproveitar a capitania que requerêra. Temos porém por mais que provavel, segundo dissemos, que resultado de seus esforços seriam as ruinas de pedra e cal que, logo á entrada do porto de Camocim, se viam ainda em 1614, e que, como indemnisação desses esforços mallogrados, é que veio a acompanhar depois a Thomé de Sousa, juntamente com Pero de Goes, outro donatario mallogrado K).

Pareceu esquecida até agora o fidalgo donatario de Campos, o nobre amigo de Martim Affonso, e ora senhor quasi feudal seu limitrofe, não pela escassez de suas trinta leguas, que não são ellas tão insignificantes quando ha principes soberanos que regem estados muitos menores, mas sim porque effectivamente a doação dellas só se realizou posteriormente ás outras[9]. Sabemos como tinha ficado por ordem de Martim Affonso em S. Vicente, e naturalmente não lhe havia sido possivel fazer antes valer os seus direitos, apresentando

---

J) Cf. Supra, 150.

K) Ainda não foi publicada a carta de doação de Antonio Cardoso de Barros, nem o foral.

No livro 1.º de provisões reaes da Bahia de que a Bibliotheca Nacional guarda copia, sob a rubrica: Titulo dos Registos das Provisoens que se passam de serviço d'El-Rey Nosso Senhor, que tocam a fazenda de Sua Alteza lê-se fls. 380 v:

«A vinte e um de junho do dito anno (1549) passou o provedor-mor (Antonio Cardoso de Barros) o traslado de um foral de sua capitania que tem nestas partes, porque manda a Rodrigo de Argolo Provedor nesta Capitania da cidade de S. Salvador para por em arrecadação todolos direitos e pensoens que pertençam ao Capitão para El Rey Nosso Senhor; e bem assi tudo o que pertence ao dito senhor por bem do dito Foral e que se registrassem no Livro do Registro dos Foraes de Alfandega».

9) Liv. 21, f. 65 e Liv. 22, f. 141 da Chancellaria de D. João III.

para isso o alvará de lembrança que da mercê lhe fôra passado anteriormente.

Depois de attrahir a si o seu irmão Luiz de Goes, e alguns outros parentes e mais colonos, foi tomar posse das suas terras, e assentar nellas alguns ranchos e tujupares, a que deu o nome de *villa da Rainha*. Tratou então de fixar com Vasco Fernandes a demarcação que não estava bem dislindada nos respectivos titulos. O rio Itapemerim [10] foi por mutua convenção escolhido para servir de barreira ás pretenções futuras de seus descendentes. Cremos que ja estaria estabelecido na capitania, ou que iria a partir para ella, no meado de 1536, em que se effectuava em um Antonio Teixeira, [11] a nomeação de feitor e almoxarife regio na mesma.

O activo Pero de Goes, vendo-se de posse das fecundissimas liziras do Parahiba, cuidou desde logo de introduzir de S. Vicente alguma planta de cana, e começou a cultival-a: ainda antes de ter pensado no modo como conseguiria os meios para fazer um engenho. Convencido de que nada podia emprehender faltando-lhe os capitaes, resolveu passar ao Reino, e assim o executou deixando em seu logar por chefe a um Jorge Martins.

Em Portugal acertou de associar-se com alguns tratadores, aos quaes concedia mais vantagens em todo o sentido, entrando no numero a melhor qualidade da terra, que as que se proporcionavam em S. Vicente. Conseguio principalmente entender-se com um mercador de ferragens, que lhe devia fornecer os generos e artigos de resgate para pagar as roças que fizesse o gentio, e mandar-lhe novos operarios e colonos.

Ufano do bom exito desta ida ao Reino, entrava de novo o donatario pela barra do seu rio da Parahiba do Sul, quando logo soube quanto havia sido desastrosa a curta ausencia que de sua propriedade fizera o que para vel-a tem cem olhos, como diz a fabula antiga.

---

10) ...,,que tem na bocca a entrada algumas ilhotas de pedra, e de baixa mar descobre outra" ... accrescenta, como explicação a confirmação regia de 12 de março de 1543. Liv. 6 da Chancellaria de D. João III, f. 51 v. [*Rev. do Inst. Hist*, 24]

11) Liv. 21, f. 139 da Chancellaria de D. João III.

Tudo se desbaratara, os colonos tinham pela maior parte desertado, e á frente delles o administrador L). Pero de Goes soffreu muito desgosto ; mas de grandes animos e affeito aos trabalhos, não se descoroçou : angariou de novo o gentio ; e emprehendeu

L) Pero de Goes teve alvará a 10 de Março de 1534, mas a carta de doação só lhe foi passada em 28 de Janeiro de 1536, quando tornou para o reino. A 24 de Abril do anno seguinte estava em S. Vicente (Azevedo Marques, *Apontamento*, **2**, 160). A 14 de Agosto de 39 assentou nos limites com Vasco Fernando Coutinho, que reconhece os serviços prestados em occasião difficil "por ajudar-me e soccorrer-me e fazer depois de Deus a minha capitania se sustivesse, e eu recebi, grande bem com dar-me escravos e outras boas obras o dito Pero de Goes.» *Revista de Inst. Historico*, **24**, 205. Em Abril de 42 estava em Pernambuco, de viagem para o reino, segundo informa Duarte Coelho ; no reino devia se achar ainda em Março do anno seguinte, pois a 12 deste mez obtinha fosse approvada a demarcação feita com os donatarios confinantes (*Rev. do Ins.* ib, 209). Foi nesta occasião que deve ter feito contracto com Martim Ferreira. Em carta a este de 12 de Agosto de 1545 mostra-se satisfeito com a situação, diz que está fazendo engenhos no rio Manajé, que, como Augusto de Carvalho notou, e se vê de Gabriel Soares, é o actual Itabopoanna', a dez leguas do mar, e outros dois engenhos de cavallo a beira-mar.

Contrasta com esta a carta dirigida a D. João III em 29 de Abril de 1546, em que narra todas as desgraças provocadas por Henrique Luiz e outros. Não é facil atinar si os tristes successos passaram entre 12 de Agosto de 1545 e 29 de Abril do anno seguinte, ou si são anteriores á primeira data. Esta conclusão parece plausivel á vista da carta a el-rei ; que começa : Por uma que, *logo que a esta sua terra cheguei*, lhe escrevi, lhe dei conta de quão desbaratada a minha capitania ou antes alevantada, pois toda a gente que nella tinha deixado havia fugido com o capitão. Este capitão não pode porem ser Jorge Martins, como affirma o autor.

Ambos os documentos estão impressos no livro de Augusto de Carvalho, *Apontamento para a historia da capitania de São Thomé*, Campos, 1888.

Segundo este autor, Pero de Goes elegeu «para seu ancouradouro a enseada do Retiro, poucas braças ao Sul do rio Manajé. Ahi assomando á terra, no sitio que ainda se conhece pela designação de barreiras do Retiro, lançou os lineamentos da nova povoação, começando por erigir uma capellinha sob a invocação de Santa Catharina. *Obr cit.*, 51. Infelizmente Augusto de Carvalho não adduz os documentos em que se funda.

Na carta a D. João III diz Pero de Goes que os Indios lhe tomaram artilheria. Em Janeiro de 1810 foi desenterrada no sertão de Cacimbas, municipio de S. João da Barra, uma peça de bronze, «fundida no reinado de D. Manoel, ou com moldes deste tempo, por ter uma esphera armilar abaixo das armas portuguezas», como opina P. de A. Bellegarde. Seria das tomadas ali a Pero de Goes ? Cf. *Rev. do Ins. Hist.* daquelle anno, 267, 276, 399.

outras plantações. Foi em pessoa ao Espirito Santo, e trouxe dahi um official de engenhos, com o qual começou a correr suas terras e além de duas engenhocas de cavallos, que fez perto da costa, se deliberou a construir, na distancia de dez leguas pelo rio acima, onde havia bastante ferida de agua, um grande engenho; e dahi a pouco escrevia a seu socio que esperava dentro de um anno mandar-lhe duas mil arrobas de assucar. Instava entretanto por mais trabalhadores, e pedia sessenta escravos de Guiné [12]).

Porém novos trabalhos o esperavam. O insulto e traição feitos por um pirata da costa, Henrique Luiz, ao chefe do gentio do districto, entregue pelo mesmo pirata aos seus maiores inimigos, valeu de toque de rebate: e os engenhos e povoações foram assaltados, os canaviaes incendiados, e tudo destruido. Pero de Goes ainda juntou os seus, e offereceu resistencia; mas teve de ceder com a perda de vinte e cinco mortos, e com o ficar elle ferido e com um olho de menos. Quiz fazer pazes; mas os Indios lh'as quebraram com mil traições. E como diariamente perdia alguns homens, e padecia mais fome, e ninguem o soccorria, foi constrangido a deixar a terra, — que de todo ficou despovoada de colonos M).

Passando-se á visinha capitania do Espirito Santo, e desta recolhendo a Portugal, deixou em poder dos Barbaros alguns edificios já feitos de pedra e cal; facto que nos póde ministrar clara idéa de como por ventura succederia em outras paragens da America, v. gr. no Iucatan e no valle de Mississipi, onde se encontraram mausoléos que eram, não obra dos Barbaros que senhoreavam a terra no seculo XVI, mas sim de outras gentes semi-civilisadas, e quem sabe se idas algum dia do velho Continente, e d'ahi expulsadas ou exterminadas por esses invasores vindos do Norte, cujo numero iufiuito era sufficiente para triunfar, ainda de gentes mais fortes e mais civilisadas, quando em menor numero.

---

[12]) C. a Martim Ferreira: original na Bib. pub. eborense [impressa por Aug. de Carvalho, *Apontamentos para a Hist. da capit. de S. Thomé.*]

M) Ignora-se onde o A. colheu estas ultimas informações.

Parece que a penna se nos resiste a tratar do donatario da Bahia, nem que movida pela dor que nos punge o coração, ao considerar seu triste fim.

Não ha duvida que é assumpto de que não nos podemos occupar sem que se nos repasse a alma de magoa, que desejaramos poupar de repetir, se, pela importancia do assumpto, não foramos a isso obrigados, pela severa tarefa que nos impozemos, desde que ousamos levantar o pensamento a ser fiel, bem que humilde, historiador da patria.

Todavia não é só o sinistro verificado com o primeiro donatario da Bahia que nos levou a deixal-o para o ultimo logar. E' que elle, já velho e sem energia, não conseguiu, quanto a nós, preparar-se logo. Nem que a sua boa estrella o retivesse, criando-lhe difficuldades, para poupar-lhe os padecimentos e horrenda morte que veiu a experimentar.

Sabemos porém que já em Dezembro de 1536 se achava Francisco Pereira com seus colonos na bahia de Todos os Santos, extremo meridional da sua capitania, e melhor porto della N). Pouco mais de um anno antes, em Agosto de 1535, haviam sido ahi

---

N) Em uma collecção de papeis velhos da Bibliotheca Nacional se encontra a seguinte copia:

1536. Relação de Francisco Martins (sic) Coutinho, que chegando á terra do Brasil a primeira terra que viu foi um rio de agua doce tamanho como o de Lisboa, e não consente maré em si, que tamanha é esta corrente, e de comprido pelo certão nove mezes de jornada, e vindo deste rio pela costa se acha a melhor e mais limpa terra do mundo. Ao outro dia achou um rio d'agua doce pequeno e ao seguinte dia uma angra com dois rios de agua salgada e de muita frescura; dahi partindo-se ao outro dia foi ter a uma bahia em que agora está, que tem a entrada duas leguas de ponta a ponta, de baixa mar tem quatro braças e meia, sem restinga nem baixo, podem entrar quantos navios ha no mundo, nem nunca se viu porto melhor, nem mais seguro, e ha dentro desta bahia treze ilhas, em que ha ilha de nove leguas em roda a terra de barro e massapé (?) muito boa; tem dentro cinco rios, em que ha dois de agua doce e delles esteiros, as melhores aguas e ares que nunca se viram. Poz a villa no melhor assento que achou, em que tem feito casas para cem moradores e tranqueiras de redor e uma torre já no primeiro sobrado.

A terra muito pacifica; obra de uma legua daqui ha uma aldea com 120 ou 130 pessoas muito pacificas que vêm a sua casa por ração (?) e o principe delles com sua mulher, filhos e gente querem já ser christãos. De uma

encontrados apenas nove colonos europeos, pelo hespanhol João de Mori, que, com uma de duas náos saidas de S. Lucar, naufragara em Boipeba O). No numero dos nove, se comprehendiam naturalmente Diogo Alvares e os seus genros Paulo Dias, e Affonso Rodrigues, natural de Obidos, e casado em 1534, com a sua filha Magdalena P). Este seria provavelmente um dos dois deixados por Martim Affonso, ou dos tres que ficaram da náo de Pero Lopes, quando regressava ao Reino Q).

---

parte de sua capitania se vêm quasi todos para elle, dizendo que querem ser christãos e não quereiu comer carne humana e trazem mantimentos: uma anta vale um vintem, um viado mesmo vintem, um porco montez mesmo vintem, um coelho dois vintens e muitas outras caças de muitas maneiras. O peixe é tanto que vai de graça, peixe de oito palmos e mais que se toma ao anzol, muitas pescadas, salmonetes, linguados, sardinhas. A costa tem muito coral mas não tem inda com que o tire. A terra dará tudo o que lhe deitarem, os algodões são os mais excellentes do mundo, o açucar se dará quanto quizerem.»

O) *Archivo de Indias*, 5, 111 e seg. Madrid, 1866.

P) Este casamento consta de uma inscripção gravada na igreja da Victoria, —Accioly, *Memorias historicas e politicas da provincia da Bahia*, 1, 102/103, Bahia, 1892, (edição de Hypolito Cassiano de Miranda, que infelizmente não passou do primeiro volume da reimpressão).

Q) Dos poucos documentos autenticos sobre filhos e genros de Caramurú é o seguinte, encontrado na Torre do Tombo e publicado por Sousa Viterbo em alguma folha de Portugal, donde o reproduziu o *Jornal do Commercio* do Rio :

« Dom Joham & A quamtos esta minha carta virem faço saber que por parte de *Guaspar Aluarez*, filho de Dioguo Aluarez Caramoru, que diz ser caualeiro de minha casa, me foy apresemtado hun alluara de Thomé de Sousa, do meu conselho, que esteue por capitão gerall do Brazyil, feyto ha seis de Julho do ano pasado de bc liij, pello qual se mostraua que elle fizera e armara caualeiro per vertude de seu Regimento que pera isso leuara e do poder que por elle lhe outorguey ao dito Guaspar Aluarez por o merecer e me seruir todo o tempo que o dito capitão nas ditas partes esteue asy da guera como na paz do mar e da terra e em todas as mais cousas que o encarregou de meu seruiço o fez sempre muito bem de sua pesoa como se delle esperaua, segundo tudo mais larguamente he comtheudo e declarado no dito alluara ; pidimdome por merce que lho cõfirmase e mãdase que lhe fosem guardados os preuylegyos e liberdades dos caualeiros e visto seu requerymento, e querendolhe fazer graça e merce, ey por bem e me praz de lhe confirmar o dito alluara e per esta lho confirmo e quero que elle gouze e use daquy em diante de todolos preuilegyos e liberdades, graças e

Taes primeiros colonos, meio affeitos já aos habitos dos Barbaros, enlaçados com suas familias, *tapejaras* ou vaqueanos de todo o reconcavo, e sem prestigio algum perante elles, foram a peor praga que podia cair sobre à recente colonia, que Francisco Pereira tinha de fundar. A mesma facilidade de trato que, por intermedio desses christãos gentilisados, tinham os novos colonos para se derramarem pela terra, em virtude da excessiva viabilidade que ella offerecia, nas communicações aquaticas, de umas paragens para outras, não só os pervertia, como os expunha a serem innocentemente sacrificados ás mãos dos gentios, quando se arredavam um pouco mais. A par destes males resultava outro maior. A colonia se dissolvia; os acostumados a obedecer perdiam o habito da disciplina e o chefe começava a não ter força para fazer-se temer e respeitar.

Effectuara o donatario seu desembarque e primeiro estabelecimento logo da barra para dentro, á mão direita, na linda paragem

---

franquezas de que gozão e de direito devem de guozar e gouvir os caualeiros per mim confirmados; e elle sera obriguado á ter armas e cauallo segundo forma da ordenação. Notificoo asy a todas as minhas justiças, oficiaes e pesoas a que esta carta for mostrada e o conhecimento della pertencer e lhe mãdo que a cumprão e guardem e fação inteiramente comprir e guardar como se nella contem sem a ello porém duuida nem ẽbarguo algun porque asy he minha merce, Dada em Lisboa a bij de feuereiro —Beltesar Fernandez a fez — ano do nascimento de noso Senhor Jesus Christo de jbc lmj (1554) Joham de Castilho a fez esprever. »

« D. J.º & outra tall carta de cõfirmação de caualeiro nem mais nem menos como acima á *Guabriel Alvarez*, filho do sobredito Dioguo Aluarez Caramoru feyta e sobsprita pellos ditos escrivauaens na dita cidade, no dito dia, mes e ano acima comteudo. »

« Dom J.º & outra tall carta de confirmação de caualeiro nem mais nem menos como acima a *Joham de Figueiredo* jemro do sobre dito Dioguo Alluarez Caramoru, feyta e sobresprita pellos ditos esprivaees na dita cidade no dito dia mez e ano acima comteudo. »

« Dom J.º & outra tall carta de cofirmação de caualeiro nem mais nem menos como hacima a *Jorge Aluarez*, filho do sobredito Diogo Aluarez Caramoru, feita e sobsprita pellos ditos esprivaees na dita cidade no dito dia, mes e ano acima comtheudo. »

Oviedo, *Hist. General*, 2, 164/165 da ed. de 1852 diz que os genros de Caramoru eram hespanhoes. Isto não consta de nossas nobiliarchias, geralmente fide-indignas.

que ainda hoje se chama da *Victoria*, pela primeira que ahi alcauçaram os colonos, quando de surpreza os atacaram os Barbaros, e a piedade lhes suggeriu uma capellinha á Rainha dos Ceos, invocando-a n'um feito que julgaram milagroso. Perto dessa povoação em que estava, e que depois se disse *Villa-Velha*, deu tambem, em fins de 1536, sesmarias a Pedro Affonso, bombardeiro, a Sebastião Aranha, a Francisco d'Azevedo, a Fernão Dolores, a Paulo Dias, outro genro de Diogo Alvares, e finalmente a este, cujo texto de doação foi o unico que (com algumas pequenas faltas) chegou até nós, e aqui o transcrevemos, com a propria redacção menos correcta, obra de Rodrigo Fernandes, tendo tido por unica assignatura o sello do donatario, o que deixa suspeitas de que não saberia escrever. Eis [12]) o mencionado documento:

« Saibam quantos esta carta de sesmaria virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1536, aos 26 do mez de Dezembro da dita era, Francisco Pereira Coutinho, fidalgo da casa d'elrei nosso senhor, capitão e governador da bahia do Todos os Santos, faço saber como por esta minha carta dou ora novamente a Diogo Alvares, morador em a dita bahia, quatrocentas varas de terra de largo e quinhentas de comprido; convêm a saber: as quatrocentas de largo se começarão a contar da banda de Leste do caminho do concelho, que vai pelas cabeçadas das terras dos moradores desta fortaleza: convêm a saber: Fernão Dolores, Pedro Affonso, bombardeiro, e Sebastião Aranha; e dali a Leste até o rio dos Seixos, quo é o primeiro que está na dita..., o qual rio parte com Paulo Dias da banda do Leste; e dali, do dito rio dos Seixos, do mar directamente ao Norte... as ditas quinhentas varas de comprido, e vai intestar com o outeiro grande, e torna d'ali a Leste a partir com terra de Francisco de Azevedo, e d'ali directamente ao mar contra o sol, outras quinhentas varas. As quaes quatrocentas varas de largo se rezam largas por costa, como pelo meio, como por cima: as quaes varas acima conteudas é cada uma de duas varas e meia de medir o costumado, por onde foram medidas; de que está feito assento por padrão.

« A qual terra assim lhe dou e outorgo, com todas as entradas e sahidas, serventias e fontes e rios, mattos, arvoredos de toda a sorte e maneira, que dentro da dita terra houver, de que se aproveitar possa. E que o dito Diogo Alvares, deste dia para todo sempre, possua a dita terra, tudo intei-

---

[12]) Supprimos com reticencias certas frases, onde suppomos ter havido erro de transcripção. Em todo caso, julgamos da maior importancia este documento, cujo teor possue o archivo dos Benedictinos da Bahia; porquanto do mesmo teor seriam provavelmente todas as primeiras cartas de sesmaria de Francisco Pereira.

ramente como cousa propria, e outros quaesquer bens seus, em todos seus ascendentes, e descendentes que delle succederem, e hajam e gozem livremente, e aproveitem, sem pagar outro nenhum foro nem direito que pagar possam, sómente o dizimo a Deus dos fructos e novidades que a dita terra der. E outrosim lhe dou e outorgo, pela mesma maneira, desto dia para sempre, ao dito Diogo Alvares, como herdeiros acima conteúdos, a camboa de pescar, que está ao pé desta fortaleza; com tanto que elle, ou seus herdeiros, que a possuirem, paguem os direitos da posse, e do que na dita camboa pescar ou matar, conforme ao foral d'el-rei nosso senhor. A qual terra e demarcação o dito Diogo Alvares, e herdeiros que a possuirem serão obrigados de alimpar e aproveitar, para as novidades e fructos que lhe bem vier, de modo que dentro em cinco annos, do dia da feitura desta, aproveitem e façam bemfeitorias nella, conforme aos titulos d'el-rei nosso senhor das datas das terras e sesmarias, sob as penas nelle conteudas; roçando, alimpando e plantando na dita terra, para seu provoito, como dito é, e lhe aprouver... suas novidades e fructos, pela maneira sobredita, sem pagar cousa alguma, sómente o dizimo a Deus.

«E por assim haver por dada e entregada e outorgada... por bem de minha doação, e poder que me Sua Alteza deu e outorgou, lhe mandei... para sempre, para sua guarda, e possuimento e de todos seus herdeiros: a qual mando que seja sellada do sello de minhas armas que perante mim serve. Rodrigo Fernandes a fez, por meu mandado e autoridade. Feita na dita Bahia em o dito dia, mez e era acima escripto.»

Só mais tarde Francisco Pereira começou a conhecer o erro de ter deixado espalhar a sua gente, e de haver até para isso concorrido, chegando a dar sesmarias no Reconcavo, que devia guardar para mais tarde. Assim consta-nos que das terras do esteiro de Pirajá passou elle titulo ao colono João de Vellosa que já no seu tempo começou a fazer ali um engenho.

Vendo-se com o inimigo tão perto, quiz ainda o donatario tocar a reunir, e a muitos obrigou a que assim o fizessem.

Outros despresaram suas intimações, e á furia dos Indios vieram depois dispersos a succumbir e a pagar caro sua desobediencia. Os que obedeceram, não vendo como rudes que só nessa obediencia podiam encontrar salvação, gritavam contra o arbitrio e introduziam na colonia já desmoralisada a insubordinação; e com a maior covardia chegavam a açular os Barbaros a aggredir; — á maneira dos miseraveis anões politicos de todas as nações, que desejam ás vezes a victoria dos inimigos da patria, pensando que com ella tomam vingança do partido a elles contrario que

tem o poder. O donatario além de velho, estava achacoso, e, apezar da grande escola practica que tivera na Asia, mostrava-se agora molle e falto de energia; e não sendo severo para com os máos, tornava taes os que dantes eram bons. Perplexo para castigar, e irresoluto para tomar uma grande decisão, qual seria a de uma arrancada a ferro e fogo atravez das fileiras dos inimigos; deixando-se pelo contrario envolver por estes, bem que defendendo o terreno palmo a palmo, teve que retirar-se sobre o pontal da barra chamada de *Santo Antonio*, e naquelles tempos, *do Padrão*,—por um que ali haviam inaugurado os primeiros exploradores da costa. O apuro chegou a tal ponto que, faltos de agua, tinham de mandar caravellões por ella á visinha capitania dos Ilheos; e em vez de voltarem com agua, a matar a sede aos que pela escassez della tanto soffriam na trincheira da barra, alguns passavam de todo a outras capitanias.

Nesse comenos fundeou no porto uma caravella, que se dizia chegar de Portugal, com um alvará regio para a prisão do velho chefe. Era portador do alvará um clerigo de missa, que chamavam o Bezerra, e que d'ali fugira mezes antes, com outros descontentes. Apresentando-se com o alvará perante as autoridades inferiores da colonia, com quem estava naturalmente mancommunado, resultou dahi a prisão do donatario, apezar de suas immunidades. Desde logo, cada um ficou livre de seguir para onde melhor lhe pareceu. A resolução geral que tomaram foi a de passarem todos a acoutar-se [13]) na proxima capitania dos Ilheos.

O tal alvará era falso, e a acção praticada chega a ser infame, pelo escarneo feito a um velho contrariado; e mais se aggrava com a circumstancia de ser executada pelo ministro de uma religião toda de paz e de amor.

---

[13]) Carta de Pero Borges, de 7 de Fevereiro de 1550.

[Dita de Duarte Coelho de 20 de dezembro de 1546, onde se lê o seguinte: posto que Francisco Pereira tenha culpa de não saber usar com a gente como bom christão e ser mole para resistir ás doidices e desmandos dos doudos e mal ensinados que fazem e causam levantamentos e uniões de que se elle não póde escusar de culpa, todavia, Senhor, cumpre e é necessario os que em tal erro

O donatario, assim desamparado, retirou-se para Porto Seguro, onde esteve mais de um anno R); até que, instado por Pero de Campo e convidado de novo pelo gentio da Bahia, e seus socios, os christãos gentilisados (que haviam contribuido a expulsal-o e que ora em sua busca mandaram a Diogo Alvares), voltava lá outra vez a estabelecer-se quando o navio em que ia naufragou na costa fronteira á da antiga povoação; onde depois de escapar do mar, não conseguiu escapar-se das fauces dos Barbaros anthropophagos da ilha de Itaparica, que o prenderam e devoraram com quasi todos os que com elle iam, salvando-se porêm habilmente o mesmo Diogo Alvares [14]).

---

cahiram por suas doidices e desordens e maus ensinos e desobediencias que com o dito Francisco Pereira tiveram serem mui bem castigados, porque affirmo a Vossa Alteza que foi uma cousa mui deshonesta e feia e digna de muito castigo, porque aquellas revoltas e levantamentos contra o Francisco Pereira foi a causa de se a Bahia perder, e o clerigo que foi o principio daquelle damno e mal deve V. A. de o mandar ir preso para Portugal e que nunca torne ao Brasil porque tenho sabido ser um grão ribaldo. F. Gama, *Memorias*, 1, 74.

Regimento de Thomé de Sousa, *Revist doInst.* 61, I, 41:

Assi sou informado (D. João III) que no anno de quarenta e cinco estando Francisco Pereira Coutinho por capitão da dita Bahia alguma desta gente (Tupinambá), lhe fez guerra e o lançou da terra e estruio as fazendas e fez outros muitos damnos aos Christãos.

Carta de Nobrega de 9 de Agosto de 1549: De maravilha se achará terra em que os Christãos não fossem causa de guerra e dissenção, e tanto que nesta Bahia, que é tida por um gentio dos peiores de todos, se levantou a guerra para os Christãos porque um Padre por lhe um Principal destes negros não dar o que lhe pedia, lhe lançou a morte, no que tanto imaginou que morreu e mandou aos filhos que o vingassem. *Cartas* ed. Cabral, 55/56.

R) Carta de P. C. Tourinho de 28 de Julho de 1546, publicada pelo Autor em sua memoria sobre Caramurú, *Rev. do Inst. Hist.*, 10, 134. Diz Tourinho que Diogo Alvares o informara que «se fora dahi (Bahia) uma nau de França havia dois ou tres dias, os quaes fizeram amizade com os Brasis e levou toda a artilharia e fazenda, e concertaram com os Brasis de tornarem ali com quatro ou cinco naus armadas, e muita gente a povoar a terra por causa do algodão e do brasil que nella ha e reedificarem as fazendas e engenhos que eram feitos.» Hakluyt dá noticia vaga de certo Pudsey de Southampton, que foi a bahia de Todos os Santos e alli construiu um forte por esse tempo, approximadamente. *Collection of the early voyages, travels, and discoveries*, 4, 199, London, 1811.

[14]) Não Francisco Alvares, como se lê em Mariz, nem Lourenço Alvares, como se lê no *Peregrino da America*.

Primeiros martyres da civilisação da terra bahiana! A grande obra que emprehendestes, e por que vos sacrificastes, veiu a realizar-se. O solo que regastes de vosso sangue é um dos mais populosos e mais productivos do Imperio de Santa Cruz, e os seus habitantes mais piedosos ainda se lembram de vós em suas orações ao Senhor dos justos, que distribue a quem os mereceu galardões sempiternos!

Depois das doze capitanias do continente, justo é que tratemos tambem da ilha adjacente, que, em virtude do nome do seu proprietario, passou a chamar-se de Fernão (ou Fernando) de Noronha, em vez de ilha de S. João, como primitivamente. Jaz esta ilha ao Nordeste do cabo de S. Roque umas setenta leguas: tem tres de comprido, e é montuosa, de penedias e mui boas aguas, e com poucas porções de terras de cultura. Abundam nella as rolas e os ratos, dos quaes tomou nome um ilhéo que fica ao Norte, tendo mais tres, o do *Meio*, *Rasa* e *Grande*: — tudo é de formação vulcanica, segundo se pode ver dos basaltos e trachytes, chamados « seixos de Fernando », com que estão calçadas as ruas do Recife S). Abundam os arbustos denominados *mulungú* e *burra*, planta excessivamente-caustica, de virtudes por em quanto desconhecidas, e por ventura abundante em acido prussico.

A doação fôra feita no reinado anterior, e confirmada por D. João III em 1522, afim de que o donatario na ilha lançasse gado e a rompesse e aproveitasse, segundo lhe aprouvesse, obrigando-se ao tributo do quarto e dizimo. Em 20 de Maio de 1559 foi confir-

---

S) Uma das ilhas chamou-se algum tempo do *Fogo*, segundo Claude d'Abbeville que por lá passou em Junho de 1612. Já ahi encontrou «force bons *Melons*, *Gyromons*, *Patates*, pois verds, febues & autres fruicts excellens auec vne grand quantité de *Maïs* & de Cotton, comme aussi des Bœufs, Cheures sauvages, Poules communes, plus grosses que celles de France». Tambem fala dos rabiforcados e da famosa arvore da burra. Estavam ahi os Portuguezes com dezesete ou dezoito Indios, homens, mulheres e meninos, todos escravos e desterrados naquelles logares pelos de Pernambuco. Esta gente seguiu com os Francezes para o Maranhão por sua vontade, assegura-nos o bom Capuchinho; á força, diz Alexandre Moura. C. d'Abbeville, *Hist. de la mission des Pères Capucins*. c. 8. Veja-se na seguinte nota o estado da ilha dez annos antes.

mada a doação em outro Fernão de Noronha, neto do descobridor, outorgando-lhe elrei nova carta de doação, com todas as clausulas concedidas aos outros donatarios, incluindo *as respectivas aos Indios* apezar de não haver nenhuns na dita ilha.

O primeiro donatario e seus successores apenas se limitaram ao goso de se chamarem donos da ilha; pois que nada fizeram, contentando-se de tirar a confirmação em cada novo reinado[16]) Não consta que mandassem colonos, nem invertessem nella cabedaes;

---

16) A ilha seguiu ainda por muito tempo na familia do donatario, a cujos herdeiros foi confirmada pelo alvará de 8 de Joneiro de 1593. Talvez só passou de todo á Corôa quando della fizeram entrega os Hollandezes, que foram os que mais cuidaram de seu aproveitamento. Em 1602 havia alli, talvez por conta do donatario, apenas um feitor com treze escravos d'ambos os sexos. (Quintella, *Annaes da marinha portugueza*, II, 139).

[Melchior Estacio do Amaral, que la foi ter no galeão Santiago em 1602, dá as seguintes noticias sobre a ilha; provavelmente nellas se basea Quintella, citado pelo Autor:

Esta ilha está em tres graus e dois terços do polo antartico, dista da costa do Brasil oitenta leguas, e alguns querem que cento; é pequena, aspera e pedragosa, tem alguns regatos de agua muito salobra e ruim, e alguns arvoredos silvestres e nem uns de fruto, e muitos de algodão, e não ha nella hervas algumas de comer; tem gado vaccum, cabras e porcos, tudo bravo e nem um domestico; tem muitos passaros marinhos e muitas rolas, mais pequenas que as que arribam á Hespanha. Estavam treze ou quatorze escravos pretos, machos e femeas, e com elles um homem branco portuguez, por feitor... Foi necessario aos nossos fazerem muitos mimos ao Feitor que estava na ilha com os negros, pedindo-lhe que os não desamparasse... Padeciam os nossos nestes dias grandes necessidades que não podiam remediar por não terem com que matar gado, nem peixe nem passaros, senão uns que eram chamados rabi-forcados, de feição de minhotos, que se mantem de peixe, e eram por isso de malissima carne, e de tal natureza que se não deixavam depennar, sinão esfolar como coelhos; destes ha muitos e nos primeiros dias esperavam que os tomassemos com a mão sem fugirem, de tal maneira que, trepando-se um homem com um pau na mão sobre uma arvore em que estava grande quantidade delles, ás pancadas derribou quarenta e oito mortos, e mais matara si lhe não foram á mão os companheiros. Outro homem deu no campo com um pau num destes passaros, e grasnando elle com a dor da pancada lhe acudiram tantos que se não podia o homem valer, e por se defender delles matou doze. Não durou muito esta facilidade de tomar estes passaros, por que pondo elles cobro em si, se fizeram ariscos não se deixando tomar, nem com o pau; o que deu cuidado áquella gente, por que, si não eram estes passaros, não tinham com que passar, por a terra ser muito esteril, sem fruta nem herva de

por quanto, annos depois, ainda estava deserta [17]): e d'ahi a um seculo, a encontraram tambem despovoada alguns viajantes, e ainda mais de dois seculos depois (em 1737) estava quasi abandonada T).

---

comer; e quando em maior cuidado estavam, começaram os campos do brotar baldroegas em quantidade, e cresceram brevemente, das quaes faziam pasto cruas e cozidas com os passaros, e como cada um podia, ajuntando a isto alguns caramujos de que havia boa quantidade, como tambem havia de caranguejos, que criavam e habitavam em terra, fora do mar, em covas, por cuja rasão tinham grande asco delles e os não podiam comer.

Ha tambem naquella ilha grande quantidade de ratos, que têm os pês tão curtos que não andam nem correm, e o seu fugir e meneio é em saltos como pulgas, e assim os matavam facilmente, e houve pareceres que os não matassem e os poupassem para comer, si tal fosse a necessidade a que receavam chegar. Ajudavam-se tambem de umas tartarugas, que tomavam de noite ao longo das praias, sahindo ellas á terra a por seus ovos, como tem por natureza e como fazem as emas, que os poem e encovam na area e nunca mais os veem, e ali a natureza os choca, e tira as tartarugas e as emas, que por si depois se criam. Destas tartarugas tomaram algumas tão grandes que não podiam dois homens fazer mais que levar um quarto de uma. Brito, *Historia tragico-maritima*, 2, 493/497, Lisboa, 1736.

17) Não podia ser outra a ilha «de seis leguas de comprido, em que havi só passaros em tanta quantidade que se matavam á mão» a que, segundo diz Schmidel (cap. 4), aportaram, aos dois mezes de viagem, os navios da armada de D. Pedro de Mendoza.

T) Entre as capitanias doadas por D. João III cumpre não esquecer a da ilha d'Ascensão, «que está através da visinha costa do Brasil setenta e cinco leguas a la mar do dito Brasil, em altura de dezenove graus e um terço, a qual ilha é deserta e haverá vinte e cinco annos pouco mais ou menos que descoberta». Esta capitania foi doada em 22 de Agosto de 1539 a Belchior Camacho, cavalleiro da casa real, havendo respeito aos serviços «que a el-rei meu Senhor e padre que Santa gloria haja e a mim tem feitos, assi nestes reinos como em Africa e na India e em outras partes e á boa conta que sempre de si deu em todas as cousas em que serviu».

Viu-se *Supra*, 139, nota 2, que a ilha da Ascensão ou Trindade fora descoberta por Estevão da Gama a 18 de Maio de 1502. Isto não contradiz a carta de doação, que fixa o descobrimento por 1514, pouco mais ou menos: uma ilha oceanica e deserta pode ser descoberta mais de uma vez, haja vista a de Fernão de Noronha, primeiro chamada de S. Lourenço, isto é, descoberta em Agosto, e depois de S. João, isto é, descoberta em Junho ou Dezembro. A ilha da Trindade, mais de uma vez disputada pela Inglaterra, nos seculos 18 e 19, não tem ainda população permanente, e parece não admittil-a, como prova-o sufficientemente a facilidade da Inglaterra em evacual-a.

SECÇÃO XIII

VIDA DOS PRIMEIROS COLONOS E SUAS RELAÇÕES COM OS INDIOS

Adopção dos alimentos, agricultura e utensilios. Adopção das canoas e da pesca e caça dos Indios. A mulher, elemento de fusão. Caribocas, mamelucos, etc. Scenas primitivas. Trabalho dos Indios. Festas religiosas. Festas publicas e das familias. Escravos Indios. Crueldades exaggeradas. Governo dos Indios. Sua ferocidade, indomavel por meios brandos. O emprego da força reconhecido necessario. Opinião de Pedro Martyr. Necessidade d'Africanos. O pseudo-philantropo Las Casas, negreiro. Os Jesuitas. O trafico favorecido. Consequencia. Locuções viciosas.

Como nenhum dos donatarios tivesse os meios necessarios para beneficiar nem a centesima parte da terra que podiam tomar para si, o maior empenho de todos fôra o de angariar moradores que levassem capitaes, e que se propozessem a receber terras de sesmarias e a cultival-as. Os artigos de exportação que primeiro mais se cultivaram foram o arroz e o assucar: valia a arroba deste, do melhor, a quatrocentos reis, preço equivalente a oito alqueires de arroz em casca A).

Vendo-se em pequeno numero e tão desamparados, os Christãos em cada uma das capitanias começaram por afazer-se a muitos usos dos Barbaros, nos objetos domesticos e de primeira necessidade. Destes adoptaram o uso do tabaco de fumo [1]), e com tanto amor que se tornou geral e passou á Europa, e já no seculo seguinte constituia um dos ramos da industria e producção do Brazil. Quiz a Igreja

A) E' o que affirma, sem precisar bem a data, e só para a capitania de S. Vicente, Fr. Gaspar da Madre de Deus, *Memorias* **1**, 108.

1) O tabaco já era na Asia conhecido, e de lá nos veiu o vocabulo « charuto.» [A these da exclusiva origem americana do fumo é sustentada por A de Candole, *Origine des plantes cultivées*].

oppor-se a este uso, declarando-o rito gentilico, e prelado houve que chegou a prohibil-o, com pena de excommunhão, dando alguma vez aos que fumavam na Igreja de penitencia o trazerem os *pytimbáos* [2]) ou grandes charutos ao pescoço; mas tudo foi debalde.

Dos mesmos Barbaros adoptaram os colonos o uso do milho e da mandioca, e todos os meios de cultivar e preparar estas duas substancias alimenticias, bem como as aboboras, o feijão, etc. Delles, e não de Portugal, foi tomado o systema, ainda hoje seguido geralmente pelos nossos lavradores, de roçar e derrubar, cada dous ou tres annos, novos mattos virgens, queimal-os, encoivaral-os, e por fim semeal-os, ficando o terreno atravancado de tocos e madeiros, que pouco a pouco se vão apodrecendo, continuando a estrumar a terra, mas dificultando o passo aos trabalhadores, e roubando ás sementeiras muita superficie. Em Portugal não se roçavam matas para semear a terra de legumes: as mattas eram raras, e por conseguinte uma riqueza por si sós. O proprio vocabulo *Coivára*, do qual tomámos o verbo *encoivarar*, é uma voz tupica, derivada de *Cog*, roça.

Dos Indios adoptaram tambem o uso da farinha de *mandioca*, bem como o das folhas da planta ou *maniçoba* [3]), como hortaliça; para o que usaram tambem de folhas do *tayá* ou *tayobas*, e dos olhos tenros das aboboreiras *gerimús*, cujos guizados chamaram *cambuquira* [4]). Além disso cultivavam os carás e inhames, e ainda mais o excellente aipim ou mandioca doce, comido assado, simplesmente ao borralho, e sem mais preparativos. — Dos Indios adoptavam os nossos o *pirão*. *Mingáo* é tambem nome dos Tupis, que chamavam ao caldo *migan*.

As bananas da terra foram tambem um dos primeiros alimentos que mais se generalisou, emquanto da ilha africana de São Thomé não se transplantaram as que por isso ainda hoje tem este nome.

---

[2]) Moraes dá catimbáo por cachimbo pequeno. A origem é de *p'ty'*, tabaco, donde *p'ty'-mbába*. [Cf. *Supra*, 252, nota S].

[3]) «Oba» significa folha: ou, em geral roupa.

[4]) Adulteração de «Coan Kyra,» grelo ou olho de qualquer planta. *Dicc. Bras.* p. 74. [Cf. Theodoro Sampaio, *O Tupi na geog. nac.*, 118].

Alguns pés desta planta, ao abrigo da choupana ou tapujar de um colono, lhe asseguravam a subsistencia sem o trabalho; pois que, como diz um contemporaneo, parece que a bananeira, que alguns creem ser a figueira do Paraiso terreal, foi a planta dada ao homem para o deixar falhar ao preceito de ganhar o sustento com o suor de seu rosto. O vocabulo *banana* é africano: *musa* lhe chamavam os Arabes: *pacoba* os nossos Indios B).

Na primitiva construcção das casas, em vez de pregadura se adoptou o *cipó-embé*, para segurar as ripas, conforme usavam os Indios. Tambem se adoptaram as proprias formas de suas cantaras ou vasos de barro, para trazerem agua do rio ou das fontes; e em outros artigos domesticos foi a adopção dos usos tão excessiva que até com elles vieram os proprios vocabulos de lingua tupi, os quaes para sempre no Brazil accusarão a sua procedencia, como dissemos [5]) ácerca dos Arabes na Hespanha. São tambem puramente Indios os vocabulos *Chará, Guapiára, Apicum, Massapé, Cherapy, Coivára, Pipóca, Tipoia*[6]), *Picumã*[7]), *Chulé, Chué, Teteia, Tapejára, Pixuna, Tocayar, Coroca, Catapóra, Canhambola*[8]), *Pixaim, Cauira, Pitiú, Garajáu* e muitos outros.

Dos Tupis adoptaram os nossos quasi tudo quanto respeitava ao barquejar, bem como á pesca e até á caça.

A atrevida jangada C) de Pernambuco, semelhavel aos pangaios da Africa oriental e da India, que ainda hoje acommette os nossos mares, com pasmo do viajante europeu, que mal concebe como haja quem arrisque a vida sobre uns toros ligeirissimos mal unidos, que vão quasi debaixo d'agua navegando dias e dias longe da terra, — as

---

B) A proposição do A. combina bem com os dizeres de Thevet, Lery e Gabriel Soares; mas a opinião geral é que a banana procede do velho mundo. Carlos von den Steinen nega até que seja indigena a palavra *pacoba*, generica no tupi, e usada ainda hoje nas terras do Norte para designar certas especies; segundo este sabio viajante pacova deriva do portuguez *bago*, derivação impossivel evidentemente.

[5]) Secç. X, pag. 159 [p. 222 da presente edição].

[6]) Verificámos ser voz tupi.

[7]) *Picumã*, pó ou fuligem da panella.

[8]) Alias *Canhembóra*, o que anda fugido, de *canhê* fugir.

C) Que pelo menos o nome jangada é asiatico facilmente se pode verificar em Castanheira e Barros.

frageis ubás de cortiças que se deslizam sobre as aguas do Amazonas, — as soberbas canoas feitas de um só tronco cavado, que ás vezes se arrostam pelo alto mar, de umas para outras de nossas provincias, e que remadas a vinte pás por banda poderiam porfiar em velocidade com a galeota imperial, para não dizermos com um vapor dos nossos dias, — bem como as balsas de molhos de timbó ou perî-perî... ¿ o que vem a ser tudo senão remanescentes da industria selvagem ? Tão pouco foi importação européa a humilde canoinha, pouco maior do que uma arteza caseira, e tal como ainda hoje a vemos nos sacos ou conchas em que remanseam as nossas pintorescas bahias ou caudalosos rios, movida brandamente pela yacumá do indolente pescador, sentado á popa, e apupando de quando em quando, com o rouco busio *uatapy*, qual fabuloso Tritão, pensando com isso chamar o vento.

O uso que ainda se faz desse buzio por busina, o emprego do fortissimo fio do tucum, adoptado de preferencia para as linhas de pesca, e para a rêde *puçá* 9) ou *jareré*, a pratica de *tinguijar* os rios, e a dos *giquis* nos caneiros,— tudo foi adoptado dos que estavam por esta terra.

Não ha ainda muitos annos que todos ouviamos aos pretos e pretas (africanos), que vendiam agua pelas ruas da capital, o apregoal-a gritando, com aspiração, *Heh!* Pois bem: esse monosyllabo era herança dos antigos escravos de ganho indios, que com tal exclamação, não adulterada, apregoavam em sua lingua : *Agua !*

E o que dissemos da agricultura, da industria, da navegação e da pesca, com mais rasão applicariamos á caça, se os colonos não viessem munidos dos instrumentos de invenção de recente data, — as armas de fogo , e ainda assim muito teve que aprender do Barbaro o colono caçador, não só para *mateiro*, isto é, para saber andar no mato, como para conhecer muitas industrias especiaes da mesma caça, tanto de monteria, como de volateria, e para moqueal-a.

Assim forçoso nos é reconhecer que a nova industria se deixou absorver judiciosamente pela dos Indios, em tudo quanto ella tinha

---

9) Poçá escreve Moraes. V. este A. no vocabulo Rodofolle.

de aproveitavel. O uso da rêde e a frequencia do dos banhos, tomados pelo menos duas vezes por dia, symbolisam ainda hoje o triunfo dos usos que pareceram de todo razoaveis.

Um dos elementos que mais aqui concorreu para a fusão das nacionalidades tupi e portugueza foi a mulher. Os primeiros colonos que vieram ao Brazil, e que se familiarisaram e alliaram com a cabilda visinha do porto em que ficaram, juntavam-se logo, mesmo sem ser em lei da graça, com alguma India, que, segundo vimos, os proprios escriptores não deixavam de achar bonitas. Por outro lado, ellas tinham, e tem ainda hoje as meio domesticadas, muita disposição para se unirem aos Europeus, não só, como querem alguns, por causas physiologicas, que nos não pertence individuar, como por se libertarem assim do mais duro captiveiro, que lhes davam os seus maridos. A's vezes deslizavam-se mesmo os colonos pelos abusos da polygamia, como fez João Ramalho em Piratininga; e os resultados, apezar de serem irreligiosos os meios, não podiam deixar de ser em favor da fusão das duas nacionalidades [10]). Os nascidos das raças cruzadas diziam-so em fraze tupi *curibocas*, porém o uso fez preferir o nome de *mamelucos*, que se davam em algumas terras da Peninsula aos filhos de christão e moura D).— Os descendentes dos

---

10) « Participant aux lumières de son père sans abandonner entièrement les coutumes sauvages de sa race maternelle, le métis forme le lien naturel entre la civilisation et la barbarie. Partout où les métis se sont multipliés, on a vu les sauvages modifier peu à peu leur état social et changer leurs moeurs ». (Toqueville, *Dem. en Am.*, Cap. 18.)

D) Baptista Caetano de Almeida Nogueira descreve a transformação nos seguintes termos: Dosappareceu o indio (*abá*), o indigena autochtone (*t-yby-abá=typynaba*), o selvagem (*tapyya*),— mas ficou o caboclo, o perfilhado por branco (*caraïboca=cariboca*), o mameluco, o filho da mulher india (*memby-rucá*), o pelle tostada (*caipira*), ou o homem corrido, envergonhado, abatido, submettido (*kuaipïra*). E esses mamelucos, caboclos e caipiras, falando a lingua do «outro», do estrangeiro, do homem de lá do longe, do emboaba (*amôabá*), falando essa lingua corrompida pelo falar do africano, do selvagem negro *tapyyñuna*), conservam no sotaque, no fraseado, reminiscencias da lingua geral... Foi proscripta a lingua do indio (o *aba ñeenga*), mas na lingua do branco (no *caraï-ñeenga*), falada pelos matutos o reproduzida ás vezes com bastante merito em escriptos litterarios, subsistem dizeres *sui-generis*, oriundos da lingua materna, certamente *materna*, pois que elles são os mame-

primeiros colonisadores começaram a designar com a expressão africana *mazombos* aos filhos dos chegados da Europa, reservando o termo portuguez *creoulos* para os filhos dos Africanos; chamando a estes *ladinos*, quando já instruidos na lingua e serviço da casa, etc. A abundancia que havia de mestiços e mamelucos, que, segundo os Jesuitas, eram os autores de tantas invasões de Indios indomitos no sertão, vem em auxilio dos que cremos que o typo indio desappareceu, mais em virtude de cruzamentos successivos que de verdadeiro e cruel exterminio. Contra as allianças destas gentias com os christãos, nunca houve prevenções, como havia contra as das mouras e judias: naquellas o proprio acto do matrimonio religioso era um triumpho: quem não tinha outras crenças não deixaria de seguir as do esposo. Todos os documentos dos tempos antigos e modernos nos descobrem tanto aqui como nas colonias dos Castelhanos, as tendencias dos Europeus a este cruzamento successivo de raça, que fez que a americana não se exterminasse em parte alguma, mas antes se cruzasse e refundisse [11]). O nome curiboca applica-se hoje no Pará aos descendentes mestiços das raças africana e americana: *cafusos* aos da raça africana e parda. *Canicurús* chamam os Barbaros áquelles dos seus que transigem com a civilisação começando por aldear-se.

Passavam-se nestes tempos primitivos, nas colonias brazileiras nascentes, analogas scenas ás que haverão tido logar em todos os paizes mais atrazados, que começam a ceder o passo á nacionalidade que nelles se introduz com a superioridade e encantos da civilisação sobre a barbaria. Os selvagens prestavam-se gostosos a trabalhar nas roças ou derrubadas, nas sementeiras e plantações, e

---

lucos, os filhos da mulher indigena, são os caboclos oriundos do homem branco. *Annaes da Bibliotheca Nacional*, 6, XII, Rio, 1879.

[11]) Ni al computar la aminoracion de la raça india se ha tampoco ido a investigar la parte que de ella se ha convertido em sangre criolla ó mestiza, ó refundido em las demas estas... Los españoles y los negros careciendo en America de mujeres de su especie respectiva, en proporcion de sus exigencias fisicas, necesariamente habiam de recurrir á las mugeres del pais. (Vadillo, *Apuntes* etc., 3 ed., p. 52 e 53.)

na construcção das casas, a troco de uma vara de linho, ou de um anzol, ou de um pedaço de ferro ou enfeite de vidro, que reputavam de grande valor, só porque mediam este pela impossibilidade que teriam de produzir taes artigos, que lhes eram de tanta utilidade. Assim, o que delles se não alcançaria por punhados de ouro [12]) ou de prata, se obtinha por algum ornato de vidro, ou por um pedaço desse metal que mais utilidade nos presta, e só desconsideramos pela abundancia com que se apresenta sobre a terra; e quem sabe se, ao realisarem elles esses primeiros contractos e escambos com os Europeus, se persuadiam ficar de muito melhor partido e haver logrado aquelles que effectivamente os logravam.

Os habitos religiosos presidiam na vida dos moradores, especialmente nas colonias que mais prosperavam; como S. Vicente, Porto Seguro e Pernambuco E).— Os colonos, como quando estavam a bordo, se reuniam em terra todas as noites para rezar o terço; e introduziam a saudação do «Louvado seja Nosso Senhor Christo», que ainda hoje se usa proferir, ao render os quartos, em alguns dos nossos navios, e que veio a ser a que geralmente dizem nas differentes provincias os Africanos captivos.

Durante o anno, as festas do kalendario romano celebravam-se com o maior escrupulo, aiuda naquelles usos em que a differença dos climas e dos productos do solo pediriam menos rigorosa observancia. Esta porém parecia aos colonos que os conchegava aos seus parentes no além-mar. O dia de anno bom era festejado com o banquete que lhes permittia sua pobreza; no entrudo arremedavam-se, perante os gentios, as loucas saturnaes de outros gentios antigos. Nem aquelles podiam entender donde vinha aos hos-

---

[12]) E' digno de citar-se o facto passado em 1556 a uma frota da Nova Hespanha, cujos Indios, da prata que se salvou em terra, só roubaram o canhamaço dos sacos, de modo que veiu a encontrar-se, d'ahi a cinco mezes, na praia todo o metal. Deste facto nos conservou memória Fr. Thomaz de Mercado, na sua obra, impressa em Salamanca em 1569, com o titulo : — *Tratos y contratos de mercaderes*, etc. fol. 18 v.

E) As cartas dos Jesuitas vindas com Thomé de Sousa não confirmam taes asserções, que não concordam bem com a secção seguinte.

pedes, de um dia para outro, e sem beberem vinhos, tanta embriaguez; — nem porque se offendiam os amigos mais intimos, lançando-se agua, ovos e farinhas; que então não eram taes acommettimentos feitos, como depois, com limõesinhos de cêra e aguas de cheiro F). Vinham as endoenças e suas consoadas de confeito, e as igrejas juncadas de plantas balsamicas. Seguia a festa do Maio, com flores, e a do Espirito Santo, com a doçaina e a competente gaita de folle e o imperador de um só dia. As fogueiras e os foguetes de S. Antonio, S. João e S. Pedro, e do padroeiro ou padroeira do logar, eram indispensaveis. Finalmente vinha cerrar o anno o Natal, com seus presepios, seus autos sacros representados, sua missa do gallo, e seu bacorinho morto.

Nas cerimonias religiosas consistia a principal parte da vida domestica desde o berço. — O baptisado do recemnascido fazia-se com a possivel pompa; o dia da primeira communhão era de grande festa na familia, como precursor do matrimonio, sacramento este ao qual os pais procuravam encaminhar seus filhos apenas entravam na puberdade. Os trages, entre a gente de prez, eram identicos aos que se usavam na metropole, e as modas variavam como lá.

Não se envergonhavam os christãos de roçar mato ou de cavar com a enxada, ao lado dos Indios, seus amigos, ou de algum escravo que destes adquiriam. No captivar o gentio da propria capitania foram os donatarios mui parcos, e só consideravam legitimamente seus os que haviam sido aprisionados na guerra. E devemos confessar que esta pratica, fundada no chamado direito dos vencedores, tinha tendencias civilisadoras, e em alguns pontos chegou a produzir o influxo benefico de poupar muitas vidas, fazendo que os mesmos vencedores guardassem, para resgatar com os nossos os prisioneiros que segundo seus habitos deviam matar.

Quanto a nós, tem-se clamado demasiado injustamente contra as tendencias dos primeiros colonos de levarem a ferro e fogo os Barbaros da terra, agrilhoando-os, matando-os ou escravisando-os.

F) Muitas tribus do Brasil usavam de mascaras em certas festas.

Não sejamos tão injustos com os nossos antepassados, nem tão pouco generosos com os que da mudez dos sepulcros não se podem defender. Para provar a humanal fraqueza, os nossos instinctos de vingança, não necessitamos ir contender com os ossos dos antepassados, para os quaes só nos cumpre pedir paz e commiseração, quando até alguns (os dos devorados pelos Barbaros) nem sepultura tiveram. Houve, sim, como adiante veremos, quem abusasse, quem sem caridade pretendesse conculcar as leis divinas e humanas, e introduzir, com piratarias e crueldades, a anarchia, a dissolução nas primeiras povoações que o christianismo fundava no Brazil. Mas taes monstros da sociedade eram a excepção, e muitos delles tiveram o merecido castigo.

Por via de regra, para com os Indios os donatarios conduziram-se ao principio do melhor modo que lhes era possivel. A' frente de um limitadissimo numero de colonos, contando entre elles alguns escravos de Guiné, ou criminosos, senão inimigos figadaes, por castigos que se tinham visto obrigados a applicar-lhes ainda durante a viagem, passando em revista, ao porem os pés em terra, o maior numero de gentios qne se reuniam de todos os contornos, para admirar aquellas canôas colossaes (igara-açú), que os haviam transportado, e para tratar de obter alguns cascaveis e outras frioleiras de resgate; e vendo diante de si guerreiros tão fortes e tão destros, que nunca deixavam o arco e a frecha, que acertavam com esta, a grande distancia, no passaro que voava, e no peixe que rapidamente fendia as aguas, os donatarios não podiam, excepto em caso de demencia, deixar de conhecer que a melhor e mais segura politica era a de attrahir a si, pelos meios da persuasão, taes elementos de força.

Neste intento, começaram em geral a obsequiar e presentear os Indios, seguindo a practica que aos primeiros exploradores era recommendada pelo proprio Soberano. Passavam depois aos contractos; e da falta da execução destes, entre os particulares, procediam motivos de desintelligencia. O Barbaro, vaidoso e independente, desconhecendo os direitos da rasão e a supremacia da consciencia, nem sequer admittia a admoestação que alguma vez de parte, de um ou

outro colono e do proprio donatario, provinha de verdadeira caridade evangelica. Demais, dissimulado sempre, e tendo [13]) para si que é ardil de ataque e de desaffronta o que, á nossa rasoavel maneira de ver, é traição e aleivosia, aproveitava-se da primeira occasião para commetter um assassinato, crime que o nosso direito pune com a pena de Talião.

Por outro lado, os mesmos Barbaros reputavam como a maior prova de covardia de um homem o não saber ser altivo e insultante contra os que o iam matar. Entre elles, como ja vimos, o prisioneiro, seguro de que tinha de morrer, era obrigado a fazel-o a sangue frio, indo para o sacrificio de frente levantada, como para o combate. Antes de succumbir lhe cumpria, com ameaças, vingar-se dos que o matavam: devia dizer-lhes como os seus companheiros o haviam algum dia de vingar, matando-os a elles todos, e como a elle proprio não o privavam da vida, senão quando ja lhes tinha feito todo o mal que podia. O conhecido escriptor francez Montaigne transcreve, em seus *Ensaios* [14]), a seguinte mostra de taes discursos: „ Vinde bem hardidamente, e juntai-vos todos para me devorar. E comereis pedaços da carne de vossos pais e avós, que serviu de pasto ao meu corpo. Estes musculos, esta carne, e estas veias são as vossas, meus pobres tontos. Não encontrareis outra sustancia, senão de vossos progenitores. Saboreae bem; que saboreareis a vossa propria carne."

---

[13]) ... „ com notoria aleivosia apparecem como amigos... se reconhecem descuido que os assegure de sua premeditada atrocidade, sem perigo de alguns dos seus, infallivelmente accommettem... E de tantas atrocidades se gloriam como de um heroismo, ficando com mais nome, e mais respeitado em toda a nação aquelle que commetteu mais crimes. Se pelo contrário acham a cautella precisa, e que os desanima da sua perfidia, com a maior dissimulação tudo occultam; e sabem mostrar a mais fingida e sincera urbanidade, repetindo com a maior familiaridade as suas visitas, até ver se encontram occasião para o seu atroz proceder.,... Sem que tanta cobardia e atrocidade os envergonhe, antes della fazem garbo, tratando de estulticie o modo de fazer a guerra dos Portuguezes e Hespanhoes, — dando e recebendo golpes, ainda a mesma morte de frente a frente... que isto só nescios fazem, quando na guerra o modo delles... é o mais seguro e prudente; porque fazem estragos sem receberem damnos, espreitando uma e muitas vezes occasião opportuna. " (Almeida Serra, *Rev. do Inst.*, **13**, 369 e 370).

[14]) Liv. 1.° cap. 30.

Podemos pois imaginar que pouco favoravel juizo faziam dos Europeus, vendo-os chorosos e pusilanimes e covardes no acto para o qual elles reservavam a ostentação do seu maior valor. Os Christãos, aprisionados ás vezes ao acabarem de chegar da Europa, ignorando os usos barbaros e a sorte que os esperava, quando levados ao sacrificio, alheios inteiramente a taes scenas hórridas, não podiam deixar de atemorisar-se; e desconhecendo a nenhuma piedade destes homens ferozes e duros de coração (por isso mesmo que, gastando-se-lhes toda a sensibilidade nos proprios males, nenhuma lhes ficava para os estranhos) e o facto de que o sacrificio do prisioneiro de geração contrária era para elles de religiosa vingança, bradavam misericordia aos ceos e a elles, que despresavam nessa occasião as lagrimas, como se fossem derramadas por pusillanimidade. O resultado eram julgarem-se cada vez mais valentes e mais fortes que os Europeus.

Da menor rixa se originava uma desordem, nesta cada um pugnava pelo seu companheiro, e pelo direito que julgava ter por si. A guerra estava declarada. O Indios retiravam-se e preparavam-se para na forma de seu costume, dar a vingativa assaltada de surpreza. Os christãos ou se fortificavam, ou, depois que conheceram que os gentios tomavam por covardia quaesquer esforços para com elles se reconciliarem, e que, aleivosos, tinham a maior repugnancia de entrar em combate franco corpo a corpo, saiam a aggredil-os; e os prisioneiros de guerra traziam-os para captivos. E cumpre confessar que nem havia nesta pena retaliação; quando os mesmos gentios, logo que se declaravam inimigos dos nossos, os matavam e devoravam.— E a principio (emquanto se não fez frequente o uso dos saios ou gibões d'armas de seda acolchoados de algodão, introdusidos das Antilhas, menos pesados que as cotas de malha, e sufficientes para embotar as frechas G), tinham elles pelo numero grande superioridade.

G) Estes saios e gibões de que usaram os Bandeirantes, acham-se representados na narrativa da viagem de Debret ao Brasil, vol. 1° estampa 21, como reparou o barão do Rio Branco, *Le Brésil en 1889*, 127. Com o correr do tempo foram modificados de tal modo que só serviam para combates nocturnos. Cf. Auguste de Saint-Hilaire, *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et Minas Geraes*, 1,435, Paris 1830.

Foi a experiencia [15]), e não o arbitrio nem a tyrania, quem ensinou o verdadeiro modo de levar os Barbaros, impondo-lhes á força a necessaria tutella, para acceitarem o christianismo, e adoptarem habitos civilisados; começando pelos de alguma resignação e caridade, fazendo-se moralmente melhores; aproveitando-se de mais bens, incluindo os da tranquilidade do espirito e da segurança individual, á sombra de leis protectoras.

Conheceu-se que ou se havia de seguir tal systema, ou de abandonar a terra, para evital-o. Sabemos quanto cumpre na historia não desculpar os erros, e quanto os exemplos que nos levam a aborrecer o vicio são quasi de tanta instrucção, como os que nos fazem enamorar das acções virtuosas; mas temos que o habito de esquadrinhar o lado desfavoravel dos factos, para depois contar como verdade o que se maliciou, é reprehensivel tendencia do animo, que em vez de artificio inculca existencia de peçonha.

Está porém reservada aos nossos vindouros a tarefa de condemnar ou de justificar o proceder dos antepassados, segundo por fim venham a conduzir-se com os Indios que ainda temos [16]). A experiencia de cada dia [17]) nos está provando que «sem o emprego da força... não é possivel repellir a aggressão dos mais feroses [18])

---

[15]) «E' bem que estejam (os Indios) obrigados continuamente mais de temor e força dos brancos que de palavras.»— (Baena, *Rev. do Inst.* 5, 270.) «Importa estarem (os Indios) obrigados continuamente mais de temor e força dos brancos que de palavras» dizia Diogo de Campos, companheiro de conquistador do Maranhão em 1614.

[16]) Havendo, na noite de 3 para 4 de Fevereiro de 1855, os Indios de campo de Palmas atacado a fazenda do capitão Hermogenes, os nossos prenderam o cacique, pozeram-o no tronco, e depois o mataram: «unico meio (diz o correspondente do *Jornal do Commercio* de 30 de Abril desse anno), que tinham ao seu dispor, para *amedrontar e afugentar* o inimigo.

[17]) Em 1763 escrevia um respeitavel prelado, o bispo do Pará Fr. João de S. José (*Rev. do Inst.*, 9, 339). «Por esta indulgencia que experimentam os Indios se fazem insolentes; nem ha semana na cidade de Belem em que deixem de haver facadas, pancadas e algumas vezes mortes. Temos por certo que esta casta de gentios não se encaminha sem a força», etc.

[18]) Palavras do ministro do Imperio, (Mont'Alegre), no seu relatorio á Assembléa geral legislativa em 1852. Veja-se a nota 63, na pagina 458 do 1° Vol. da anterior edição [1ª] desta *Historia*.

reprimir suas correrias; e mesmo evitar as represalias a que ellas dão logar [19])». Entre os Indios era tal a idéa dos beneficios da ameaça e do terror, que elles proprios pretendiam intimidar aos céos, disparando-lhes fréchas, com intento de aplacal-os [20]).

Com a jurisprudencia que se havia adoptado ácerca do gentio barbaro da terra, aliás inteiramente em harmonia com a que ainda hoje aconselham os publicistas mais liberaes, houvera aquella seguido cultivando-se, sem a dependencia tão immediata dos braços dos pretos africanos, que as providencias philantropicas, ao depois adoptadas em favor das raças americanas, tornaram indispensaveis.

Já nesses tempos havia o illustre escriptor Pedro Martyr, numa carta [21]) que escrevia ao arcebispo de Calabria, consignado estas memoraveis palavras: « Acerca da liberdade dos Indios ainda não se sabe o que mais convêm... Uma longa experiencia ensina que a sujeição é necessaria aos que, quando privados de senhores e de tutores, voltam a seus antigos usos e idolatrias ». Desde 1504 fora em Castella declarado legitimo o captiveiro dos Canibaes, manchados não só pelo horror da antropophagia, como pelos vicios de nefandas bestialidades. — Annos depois, defendiam e sustentavam essa decretada escravidão muitos religiosos [22]) de S. Domingos e de S. Francisco; sendo certo que os meios coercivos, mais ou menos crueis, foram os que geralmente se empregaram para domar ou submetter á rasão, quer as turbas de Barbaros, na Asia e na Europa, quer (ainda nas melhores idades do christianismo...) as multidões desenfreadas ou semi-barbarisadas... Pelo que respeita aos demais Indios, adoptou Castella o arbitrio de os confiar

---

[19]) «Só com o medo se alcança alguma cousa delles» diz o missionario Fr. Apolonio de Todi; *An. do Rio de Jan.*, 6, 183.

[20]) *Rev. do Inst.* 8, 361.

[21]) Carta 806. — Vej. Humboldt. *Ex. Crit.*, 2, 283. — O pensamento de Martyr é o que depois parafraseou o jesuita Vieira, comparando graciosamente o nosso gentio ás estatuas de murta dos jardins, as quaes, se bem que mui faceis de reduzir-se a conveniente fórma, vicejam continuamente, propendendo ao seu estado natural de arvores. (Vieira, *Serm*, 3, 403).

[22]) Herrera, 3, 8, 10.

a encommendeiros que se obrigavam a cuidar de sua reducção, educação e conversão [23]).

As providencias de mal entendida philantropia, decretadas depois pela piedade dos reis, e sustentadas pela politica dos Jesuitas, foram a causa de que os Indios começassem pouco a pouco a serem unicamente chamados á civilisação pelos demorados meios da catechese, e que ainda restem tantos nos sertões, devorando-se uns aos outros, vexando o paiz e degradando a humanidade.— Era uma verdadeira monomania do pseudo-philantropico Las Casas a de deixar aos Americanos todos no mesmo estado em que estavam; pois que a verdadeira philantropia ou o amor da humanidade não era quem o movia, quando elle por outro lado pregava a conveniencia da escravidão africana, e em 1511 lembrava, para haver mais escravos, que não pagassem direitos os Africanos que se levassem á America! Nem que o seu proposito fosse transportar á mesma America toda a Etiopia. Em nossos dias, Las Casas, o philantropo proverbial Las Casas, devia ser perseguido como negreiro, ou ao menos como cumplice em defender o trafico africano.

Pelo que respeita aos Jesuitas, cumpre dizer que os primeiros, e principalmente os dois a quem o Brazil reconhece dever maiores serviços, Nobrega e Anchieta, não eram elles sectarios das idéas de Las Casas. Aquelle escrevia mui terminantemente a Thomé de Sousa [24]): «Em mentes o gentio não for senhoreado por guerra e sujeito, como fazem os Castelhanos nas terras que conquistam, e no Paraguay fizeram com mui pouca gente, senhoreando o maior gentio que ha na terra... » « E se o deixam em sua liberdade e vontade, como é gente brutal, não se faz nada com elles, como por experiencia vimos todo esse tempo que com elles tratamos, com muito trabalho, sem delle tirarmos mais fructo que poucas almas innocentes que aos céos mandamos.»

---

[23]) Herrera, 1, 9, 14; 1, 10, 12; 2, 1, 11; 2, 2, 6, etc. [Uma rapida exposição do systema seguido pelos Castelhanos na segunda metadé do seculo 16º se encontra no escripto de Diogo Nunes, a que já se fez referencia no capitulo anterior, *Revista do Inst. Hist.* 2, 365 e seg.].

[24]) *An. do R. de Jan.*, 6, 98. [*Cartas*, 166, ed. Valle Cabral].

De igual opinião era tambem Ruy Pereira, outro jesuita, que applaudia haver certo Governador [25]) deixado de seguir pseudo-philantropias com os Indios: « Ajudou grandemente a esta conversão, diz, cahir o sr. Governador na conta, e assentar que sem temor não se podia fazer fructo.»

Anchieta [26]) escrevia pouco depois que haviam projectado fazer a guerra aos Indios contrarios «para que podessem viver com alguma paz e socego, e juntamente começassem a abrir algum caminho para se poder prégar o evangelho, assim aos inimigos como a estes Indios; sobre os quaes já temos sabido que *por temor se hão de converter mais que por amor.*» E o proprio P. Antonio Vieira, tão apregoado defensor dos Barbaros, dizia, em carta do Pará, de 14 de Dezembro de 1655, ao secretario d'Estado Pedro Vieira da Silva [27]), que André Vidal, a quem elogia, «ficava dispondo umas tropas. que hão de ir ao sertão, do que esperamos *primeiro a quietação e paz, e depois uma grande conversão de almas* ».

Se o uso e as leis tivessem continuado a permittir que a cubiça dos colonos bem encaminhada arrebanhasse os selvagens do Brazil, sugeitando-os primeiro, não se teria ido aquella exercitar, além dos mares, buscando nos porões dos navios, e entre os ferros do mais atroz captiveiro, colonos de nações igualmente barbaras e mais supersticiosas, essencialmente intolerantes, inimigas de toda a liberdade, e que como que ostentam a raia da separação com que se extremam dos Indios e dos seus civilisadores. Sem identidade de lingua, de usos e de religião entre si, só a côr e o infortunio vinha a unir esses infelizes, communicando-se na lingua do colono, estrangeira a todos, e por isso sempre por elles cada vez mais estropeada, em detrimento até da educação da mocidade, que, havendo começado por aprender com elles a falar erradamente, tinha depois mais trabalho para se desavezar de muitas locuções viciosas.

---

25) Men de Sá.—Set. 1560.

26) 1561. *An. do R. de Jan.*, **6**, 57.

27) Coll. de Mss. da Bib. de Jesus em Lisboa Tom. **16** pag. 23. [Publicada na edição de 1885, feita em Lisbo das *Cartas*, **1**, 142].

Além das relações com os Indios do districto em que se fixavam, emprehendiam os colonos, tanto por mar como por terra dentro, algumas de trafico e resgate com outros Indios mais distantes. A essas relações deveram os mesmos colonos o conhecimento, que prompto adquiriram, não só de toda a costa que percorriam em caravellões, em barcaças e até em jangadas, como dos proprios sertões, que devassavam em pequenas troças, chamadas *bandeiras* H), pois não havia cabilda d'Indios, assaz numerosa, que se atrevesse a atacar quarenta homens junctos, bem armados e de sobre-aviso. As colonisações das actuaes provincias de Sergipe e Alagoas, e das da Parahiba ao Pará, e das do sertão, foram precedidas de taes expedições, que, apezar de feitas com o intento principal de *resgatar* escravos, não deixavam de ser exploradoras I).

H) De uma indicação de Anchieta póde-se concluir que o uso das bandeiras já era conhecido dos Tupininquins de Piratininga como signal de guerra: « ainda que alguns dos seus (Martim Affonso Tibiriçá) ficaram em uma aldeia sem o querer seguir, e um delles vinha justamente com os inimigos, e lhe mandou incutir grande medo que eram muitos e que lhe haviam de destruir a villa, todavia teve em mais o amor de nós outros e dos Christãos do que o dos seus proprios sobrinhos, que tem em conta de filhos, levantando logo bandeira contra todos elles, e uma espada de ferro mui pintada e ornada de pennas de diversas cores, que é signal de guerra. *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, **2**, 541. Rio, 1840.

I) Sobre este e o seguinte capitulo cf. a memoravel nota C de João Francisco Lisboa, *Obras* **3**, 462/515, S. Luis do Maranhão 1865, e o folheto do Autor: *Os Indios bravos e o Sr. Lisboa*, *Timon* 3°, Lima, 1867.

SECÇÃO XIV

ESCRAVIDÃO D'AFRICANOS. PERIGOS AMEAÇADORES.

Origem da escravatura africana. Condição do escravo. Tolerancia no Brazil. Raças africanas escravisadas. Jurisprudencia. Fecundidade. Caracter. Religiões. Bens e males provindos d'Africa e do captiveiro. Perigos imminentes do Brazil. Desmoralisação. Piratas. Degradados. Homisios. Queixas de Duarte Coelho. Colonisação por muitos degradados. Excepções. Desmoralisação e irreligiosidade. Náos francezas. Eloquente brado de Luiz de Goes. Providencias. Queixas dos donatarios. Sorte destes.

O principio da escravidão foi antigamente admittido por todos os povos, ainda o reconhecem algumas nações da Europa, e até o tolera o Evangelho. A introducção porém da escravatura dos Africanos foi em Portugal uma especie de continuação á da dos Mouriscos vencidos nas guerras de religião, em represalia ao que elles faziam. A necessidade de braços nas colonias portuguezas das ilhas da Madeira e de Cabo-Verde, a abundancia que delles havia na costa de Guiné, tão proxima, e senhoreada por Portugal, tinha induzido a muitos proprietarios a mandar por elles; porém, como foi estabelecido [1]) que nenhuns de taes escravos pudessem ir de umas colonias para as outras, sem darem primeiro entrada no porto da capital, afim de pagarem siza, converteu-se Lisboa em um grande mercado de escravos africanos, do qual não deixariam de aproveitar-se com algumas *peças* (como então se dizia e se disse por muito tempo [2]) depois)

---

1) Vej. Reg. da Fazenda.

2) Vieira, Sermões, 6, 397.

[Não se encontra esse trecho no logar citado, nem disso se faria reparo, tão commum é o emprego do termo, si não coubesse aqui uma curiosidade lexicographica. Frei Domingos Vieira, *Dicc. portuguez*, 4, 714, *Porto*, 1873, *sub-verbo*, escreve: «*Tantas* peças, tantos navios: E já o anno passado se fez outra missão deste genero aos mesmos rios pelo padre Francisco Veltoso

os donatarios, que tanto necessitavam de braços, e que não sabiam se poderiam contar ou não com o gentio de suas capitanias. Os escravos eram considerados, como na legislação romana, *coisa* venal; e as Ordenações Manuelinas tratam delles em uma secção, cujo titulo [3]) por si só nos revela a consideração em que os haviam: diz assim: «Como se podem engeitar os escravos, e bêstas por os acharem doentes ou mancos». As Ordenações Filippinas, que as substituiram, alteram-o deste modo [4]): «Quando os que compram escravos, ou bêstas os poderão engeitar por doenças, ou manqueiras».

Em nosso entender, os escravos africanos foram trazidos ao Brazil desde a sua primitiva colonisação; e naturalmente muitos vieram, com seus senhores, a bordo dos primeiros navios que aqui aportaram, comprehendendo os da armada de Cabral. Porém a verdadeira introducção dos escravos de Guiné, e depois de quasi toda a Africa, isto é, do trafico em ponto maior, proveiu, em primeiro lugar, como fica dito, de se haver promulgado como illegal a escravatura india, com raras excepções, das quaes, se os poderosos abusavam [5]), outros se receiavam, só para não virem a achar-se no caso de ter que pleitear o seu direito. Em segundo lugar proveiu de se haver já nas Antilhas conhecido por experiencia que os Africanos eram mais fortes, e resistiam mais ao trabalho aturado do sol do que os Indios.

Os engenhos de assucar necessitavam, é verdade, arduo trabalho e muitos braços; mas talvez teria havido modo de se não dar, apezar disso, tanta latitude á introducção dos Africanos, ou de se haver aberto mão da cultura da cana.

Parece que, logo a principio, no Brazil, onde a natureza é tão fecunda que permitte conseguir talvez resultados iguaes aos de outros paizes com metade do trabalho, ninguem se lembrou de que bastava

---

em que se resgataram e desceram outras tantas *peças* em grande beneficio e augmento do Estado, posto que não é esta a maior utilidade e fructo desta missão. Vieira, *Cartas*, ed. de 1854, n. 17»].

3) Liv. 4, tit. 16.

4) Liv. 4, tit. 17.

5) Veja-se o testamento de Jeronymo d'Albuquerque. [Fernandes Gama, *Mem. hist. de Pernambuco* 1, 85/90].

que os colonos ou os Indios trabalhassem nas lavouras desde ás cinco até ás oito ou nove da manhã, e desde as quatro ou cinco até ás seis e meia da tarde, descançando assim, ou empregando-se em casa, durante as sete horas mais calmosas do dia. E isto, apezar de que segundo hoje sabemos, era esta, entre os proprios Indios, a pratica geral, antes da chegada dos Europeus.

O direito da siza dos escravos foi na metropole rematado por contracto; e a um pedido de Duarte Coelho, para introduzir livres certo numero delles, respondeu-lhe o rei que não lh'a podia dar, emquanto o prazo do tal contracto não expirasse A).

Como a colonisação africana, distincta principalmente pela sua côr, veiu para o diante a ter tão grande entrada no Brazil, que se póde considerar hoje como um dos tres elementos de sua população, julgamos do nosso dever consagrar algumas linhas neste logar a tratar da origem desta gente, a cujo vigoroso braço deve o Brazil principalmente os trabalhos do fabrico do assucar, e modernamente os da cultura do café; mas fazemos votos para que chegue um dia em que as cores de tal modo se combinem que venham a desapparecer totalmente no nosso povo os caracteristicos da origem africana, e por conseguinte a accusação da procedencia de uma geração, cujos troncos no Brazil vieram conduzidos em ferros do continente fronteiro, e soffreram os grilhões da escravidão, embora talvez com mais suavidade do que em nenhum outro paiz da America, começando pelos Estados Unidos do Norte, onde o anathema acompanha não só a condição e a côr, como a todas as suas gradações; sendo neste ponto, como em outros muitos, a nossa monarchia mais tolerante e livre que essa arrogante republica, que tanto blasona de suas intituições liberrimas, e cujo aristocratico cidadão não admitte a seu lado, nas reuniões politicas, nem as civis e sociaes, o pardo mais claro, por maiores que sejam seus talentos e virtudes.

Não é nosso intento entrar aqui em explicações anatomicas sobre a apparencia physica dos povos d'Africa; nem nos interessa agora

---

A) Carta de Duarte Coelho de 27 de Abril de 1542. Copia no Inst. Hist., impressa muito incorrectamente no *Brasil Hist.*, 2ª serie, 1, 170.

indagar como a pelle parece preta, como o cabello se apresenta em fórma de carapinha (o que aliás não é symptoma infallivel das raças pretas), nem qual seja a theoria dos angulos *faciaes,* tudo o que deve ainda ser submettido a novas observações para dar resultados seguros e simples, capazes de serem aproveitados em uma historia civil.

Tão pouco temos por essencial dar [6]) um extenso catalogo das differentes nações de raça preta, que os novos colonos preferiram nesta ou naquella época, e para esta ou aquella provincia.

Pode-se dizer que a importação dos colonos pretos para o Brazil, feita pelos traficantes, teve logar de todas as nações, não só do littoral d'Africa que decorre desde o Cabo-Verde para o Sul, e ainda além do cabo da Boa-Esperança, nos territorios e costas de Moçambique B); como tambem não menos de outras dos sertões que com ellas estavam em guerra, e ás quaes faziam muitos prisioneiros, sem os matarem. Os mais conhecidos no Brazil [7]) eram os provindos de Guiné (em cujo numero se comprehendiam Berberes, Jalofos, Felupos, Mandingas), do Congo, de Moçambique, e da costa da Mina, donde eram o maior numero dos que entravam na Bahia, que ficava fronteira e com mui facil navegação; motivo porque nesta cidade tantos escravos aprendiam menos o portuguez, entendendo-se uns com outros em *nagô.* Nessas nações a liberdade individual não estava assegurada; pelo que os mais fortes vendiam os fracos, os pais os filhos, e os vencedores, com muito maior razão, os inimigos vencidos. Assim, ainda passando taes gentes ao Brazil, com as condições da escravidão romana, isto é, de serem cousa venal ou bem movel, melho-

---

6) Seguindo a Prichard, que acredita demasiado a Oldendorp.

B) Os negros de Moçambique só começaram a ser exportados em numero avultado depois que os Hollandezes se estabeleceram na costa occidental de Africa, a partir de 1645, segundo Zimmermann, *Die europaeischen Kolonien,* 1,186. Berlin, 1896.

7) Na obra *Naturalesa Politica* do P. Alonso de Sandoval, pub. em Sevilla em 1627, cap. 16, se encontra uma lista e nomenclatura com muitos informes dos Africanos que iam a Cartagena de Indias, em parte applicaveis ao Brazil. Podem ver-se os desenhos de varios individuos dessas raças na *Narrative* da viagem de C. Wlikes, Philadelphia, 1845, pag, 54 a 63,

ravam ellas de sorte; bem que o acto de as escravisar era injusto, principalmente por não ser emprehendido por idéa alguma philantropica, e pelo contrario dar em resultado um insulto á humanidade, pelo ataque feito a um tempo ao individuo, á familia e ao estado donde eram arrancadas.

A fecundidade dessas raças, em seus paizes, era tal que permittiria até povoar o orbe todo de negreria, se de todo o orbe fossem navios por colonos dellas. E o certo é que, passando á America, ainda em captiveiro, não só melhoravam de sorte, como se melhoravam socialmente, em contacto com gente mais polida, e com a civilisação do christianismo. Assim a raça africana tem na America produzido mais homens prestimosos, e até notaveis, do que no continente donde é oriunda.

Estes povos, pertencentes em geral á região que os geographos antigos chamavam Nigricia, distinguiam-se sobretudo pela facilidade com que supportavam o trabalho no littoral do Brazil, facilidade proveniente da sua força physica, da semelhança dos climas, e não menos do seu genio alegre, talvez o maior dom com que a Providencia os dotou, para supportar a sorte que os esperava; pois que, com seu canto monotono, mais sempre afinado e melodioso, disfarçam as maiores penas.

Dos mencionados povos negros, alguns havia com idéas religiosas de islamismo, e até já de christianismo, em virtude da visinhança dos estabelecimentos e feitorias dos Europeus; mas pela maior parte eram gentios ou idolatras: em geral andavam nús; lavavam-se a miudo; e, muitos delles, em pequenos, golpeavam a cara por distinctivo de nação. — Alguns adoravam idolos, outros animaes; acreditavam estes em calunduns, quigilas e feitiços, aquelles faziam sacrificios e offertas aos que tinham bastante charlatanismo para se inculcarem por seus sacerdotes C).

Da Africa não recebemos só colonos africanos captivos. Ao trato da navegação, em alguns do seus portos, devemos a introducção de

C) Sobre este assumpto podem ser consultados os interessantes estudos de Nina Rodrigues na *Revista Brazileira* de 1896 e alhures.

algumas plantas, como dos *guingombôs*, ou quiabos, e maxixes, do feijão preto (segundo alguns), do capim da Angola, do coqueiro de deudê, dos guandús e da malagueta, bem como de algumas comidas e *quitutes*, conhecidos com nomes africanos, sobretudo na Bahia. A bebida do aloá póde ser introducção da Asia, mas alguns a teem por africana. São tambem d'Africa as palavras quitauda, quenga, senzala, calundum, caçula, bunda, mocotó, tamina, moxinga, mocambo, quilombo, matombo, maribondo [8] quinguingú, curinga, mocotó, cabungo e outras muitas, incluindo varias que passaram á Europa; taes como: coco D), papagaio, macaco, muringue, cacimba, tanga, quindins, gerebita, moleque e outras.

Se os colonos escravos africanos concorriam a augmentar a riqueza publica com o seu trabalho, por outro lado pervertiam os costumes, por seus habitos menos descorosos, seu pouco pudor, e sua tenaz audacia. A escravidão, como ella foi admittida entre nós, alheia á ternura da familia, endurecia o coração dos escravos, os quaes não queriam adquirir inclinações que de um a outro momento lhes seriam contrariadas, nem podiam interessar-se tanto pela prosperidade de seu proprio senhor; visto que della nada lhes cabia em sorte, desde o dia em que passavam a outro dono.

Passemos porém a apreciar outros vicios e miserias que tendo como tiveram, melhor cura e remedio, eram os que, na infancia de todas as nossas capitanias, pareciam ameaçal-as de perigos mais imminentes.

---

8) *Maribúndo*, o formigão, Cannecatim, *Coll, sobre a lingua bunda*. p. 138.

D) A palavra coco não deve ser africana. «Nós os Portuguezes, diz Garcia d'Orta, Colloquio XVI, por ter aquelle tres buracos lhe puzemos o nome de coco, porque parece rosto de bugio ou de outro animal». Pelos estudos do conde de Ficalho em sua edição dos *Colloquios*, pode-se concluir (elle proprio não conclue) que o nome coco applicado a este fructo do Oriente foi dado pelos companheiros de Vasco da Gama entre 11 de Março e 21 de Setembro de 1498. Na primeira data escreve o autor do *Roteiro*, depois de sahir de Moçambique: «As palmeiras desta terra dão um fructo tão grande como melões, e o miolo de dentro é o que comem, e sabe como junça avellanada.» Na segunda, tratando de uma barca tomada nas ilhas Anjedivas, escreve: «Abalroamos logo com ella, e nom achamos em ella salvo mantimentos e armas, e o mantimento era *coquos* e quatro talhos de uns queijos de assucar.»

Provinham estes perigos :

Da extraordinaria desmoralisação a que tinham chegado principalmente as colonias do Espirito Santo, Ilhéos, Itamaracá e Bahia (antes de perder-se); duas das quaes quasi que se haviam convertido em valhacouto de contrabandistas;

Da insubordinação e irreligiosidade que ia lavrando em todas as outras, em consequencias dos degradados que choviam da mãe patria;

Das expedições francezas, cada vez mais ameaçadoras.

O primeiro destes males, a desmoralisação de algumas colonias, chegou a ser tal que nellas se armavam navios de contrabandistas, ou para melhor dizer de piratas, que iam a corso pela cost.a Estavam os mares do Brazil ainda peor do que nesse tempo os de Tunes e d'Argel. Seis caravellões, preparados n'uma das capitanias do Sul, foram á Parahiba do Norte tratar por sua conta com os Indios e *fazer brazil*, para vender não sabemos onde E). O capitão de Itamaracá asylava naquella ilha aos que fugiam de Olinda, para escapar ao merecido castigo a que por seus delictos os condemnava o severo Duarte Coelho, que, apezar da repugnancia que tinha de desmoralisar perante os Indios o prestigio dos seus patricios pervertidos,

E) ...este anno presente, Senhor, vieram de la de baixo aqui a ter seis caravellas como que nos vinham a ver e a tratar com minha gente, e quando entenderam que eu estou esperando a hora em que Deus for servido de me dar possibilidade para seguir esta empreza do sertão que tanto desejo por servir a Vossa Alteza offereceram-se a irem comigo, promettendo-lhes eu grandes partidas e me puz a fazer bragantins novos, e quando me não precatei todos apanharam o fanete em paga das boas obras que de mim receberam soube como foram salteando por minha costa primeiro que a isso acudisse, sem poder haver á mão senão um só que salteou nos Pytyguaras, terra onde ha tres annos houve por resgate 25 ou 30 Portuguezes que se ahi perderam e todos quantos Indios traziam salteados lhes tomei e os tornei a mandar para suas terras, porque quando a fortuna der com alguns Portuguezes ahi á costa por ser ruim paragem terá homens esperança de os haver por resgate, e a estes salteadores dei o castigo que me bem pareceu. Duarte Coelho, C. de 20 de Dezembro de 1546 ap. Fernandes Gama, *Memorias*, **1**, 75. Toda a carta é digna de meditação e contem mais outros dados aproveitados no texto.

teve alguma vez de mandar enforcar alguns por incorrigiveis. Um certo Henrique Luiz e outros da capitania do Espirito Santo foram a Campos; e sob pretextos de resgate, apanharam a bordo um chefe indio, e o foram entregar (naturalmente a troco de alguma vantagem) a seu maior inimigo. Todo o gentio de Campos se vingou da aleivosia, assaltando a colonia de Pero de Goes, queimando-lhe os canavia es e hostilisando-o a tal ponto que se viu obrigado a evacuar, como fica dito precedentemente.

Alguns navios traziam de Portugal colonos contra sua vontade; e succedeu que estes se levantavam, deixando n'algum porto menos frequentado o capitão, e mais gente que se não associava a elles, e seguiam o rumo que lhes parecia. Um dos taes navios foi á Bahia vender roupas, e d'ahi se passou aos Ilhéos, e quem sabe se depois á Turquia, onde a pirateria contra os christãos seria por ventura virtude, como era heroicidade nos tempos dos primeiros povos da Grecia, que se deram á navegação. Desta praga de piratas provieram, por muito tempo, as queixas e rivalidades de umas capitanias para as outras, á custa das quaes viviam os inimigos.

Assim, a intelligencia que alguns donatarios queriam dar ao homisio e couto, fazendo-o extensivo aos crimes commettidos nas capitanias, apresentava por absurdo que um criminoso poderia só no Brazil perpetrar onze crimes, e ter igual numero de homisios successivos. Já em 1546 que se queixára a tal respeito o velho Duarte Coelho, pedindo ao rei que ordenasse aos outros donatarios e seus capitães que satisfizessem ás precatorias para entregarem os criminosos; porém nada tinha conseguido. — Dahi odios e rixas, entre os capitães e as capitanias, que infelizmente medraram, e alguns duravam ainda ha pouco, com grande prejuizo da causa popular.

Os degradados, que o mal entendido zelo do governo pelo Brazil agora começava a mandar em maior numero, concorriam a augmentar a triste situação das capitanias. Nas Ordenações Manuelinas ainda não ha degredos para o Brazil. Foi em 1535 que o governo ordenou que se entendessem para o Brazil os com que ellas presenteavam as ilhas de S. Thomé e Principe; numero que foi augmentado por outras providencias tomadas em 1551 e 1564. Verdade é que a

Pernambuco é que cabiam mais geralmente em partilha as taes remessas, por ser conhecido o rigor com que os sabia levar seu velho donatario, que a final se viu obrigado a representar contra esse abuso, em uma carta dirigida ao rei [9]: «Certifico á V. A., e lh'o juro pela hora da morte, que nenhum fructo nem bem fazem na terra, mas muito mal. Creia V. A. que são peores cá na terra que peste; pelo que peço a V. A. que pelo amor de Deus tal peçonha me cá não mande». Alguns de taes degradados conseguiam fugir para as outras capitanias, sobretudo para aquellas onde não estavam os donatarios em pessôa.—Nellas se insinuavam com os capitães ou administradores, que, tendo em tudo a mesma alçada e autoridade que os donatarios, em certas causas mais que a Casa do civel da Côrte, ou os protegiam directamente, ou, pela protecção que davam aos seus amigos, com cargos ficticios de tabelliães, inquiridores e outros, concorriam a dispensar a estes dos mais trabalhosos e importantes naquelles tempos, como eram os do concelho; de modo que estes vinham ás vezes a ser desempenhados por degradados por culpas d'infamia e *desorelhados*. Já se vê que impossivel fôra advogar a opinião de que para a colonisação do Brazil não concorreram alguns degradados. Em Portugal os habitantes, pervertidos moralmente com tantas fortunas, bem ou mal adquiridas na Africa, e principalmente na India, já não eram os mesmos do seculo anterior. O espirito de cavallaria tinha perecido, e com elle o desinteresse, a boa fé, e a ambição de glória, nascida da elevação do espirito. O desejo de conquista nascia só da cobiça. Os crimes não tinham fim, e os legisladores, conhecendo que eram insufficientes todos os esforços e rigores do Livro quinto das Ordenações, para fazer barreira ao vicio, que estava menos no homem que na sociedade, viam-se obrigados a commutar em degredos muitas condemnações á morte.

---

[9]) Carta de Duarte Coelho de 20 de Dezembro de 1546. [Fernandes Gama, 1, 73. Os degradados, observa Fr. Vicente do Salvador, não eram como o pecego,

Pomo que da patria persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio

versos de Camões, *Lusiadas*, 9, 58].

Assim pensamos que, com narrar os factos como se passaram, em nada degraduamos a actualidade, tanto mais quando é bem sabido como nas aristocraticas capitanias de Pernambuco, S. Vicente, e ao depois na da Bahia, donde procederam os povoadores do Rio de Janeiro, Maranhão e Minas, as familias principaes, fazendo timbre da sua origem, se extremaram sempre, evitando allianças com individuos cujos precedentes não conheciam. Isto sem levar em conta que os povos não começam em geral aristocraticamente, e a estirpe dos nobres patricios de Roma provinha dos estupros commettidos nas Sabinas, pelos bandidos que as roubaram. Se no seu tempo [10]), Barros ponderava a origem humilde da nobreza das ilhas adjacentes a Portugal (Madeira e Açores), já enlaçada com os descendentes dos companheiros de Affonso Henriques, com igual razão podéra hoje notar a mescla genealogica, não só da raça portugueza com a asiatica, como da dos descendentes dos companheiros de Pelayo, com as dos caciques da America, ou com a do tecelão [11]) da opulenta patria dos Dorias, rival de Veneza. Por outro lado: tão rigorosas foram as penas que no codigo Filipino, promulgado no principio de seculo seguinte, são castigadas com degredo para o Brazil culpas mui leves e até simples pecados, havendo quem, feita a conta, assegure que, nas mesmas Ordenações, são, de duzentos cincoenta e seis casos de degredo, para o Brazil oitenta e sete,—mais de um terço E).

Voltando porêm ao nosso assumpto, cumpre saber que a desmoralisação e irreligiosidade, em varias das capitanias nascentes, chegou a tal ponto que se commettiam assassinatos, entrando no número dos criminosos alguns ecclesiasticos. Muitos destes, não só deixavam de cumprir os preceitos da Igreja, como, ás escancaras faltavam á sociedade, vivendo escandalosamente na polygamia. Colono houve em Pernambuco que se lançou á vida gentilica, da qual

---

10) Barros, 2, 5°, 11.

11) O pae de Colombo era tecelão de Genova.

E) Cf. João Francisco Lisboa, *Obras*, 3, 119 e seg., S. Luis do Maranhão, 1865.

apenas saiu, quando se lhe offereceu mais tarde occasião de ir ver seus pais em Portugal. Alguns Indios, depois de ja christianisados e domesticados, e de haverem até feito viagens á Europa, voltavam por qualquer capricho á selvageria [12]). Em poucas palavras: a religião e a moral, primeiras columnas da humana felicidade, estavam abaladas, ou antes tombadas; a honradez que deve presidir nos negocios publicos, como nos particulares, cedia o passo ao cynico egoismo; e já quasi começava a justiça equitativa, e por conseguinte a boa fé e a confiança, a fugir desta terra.

Mas outro perigo crescente punha em maior risco toda a colonia e ameaçava a ruina e a perda do Brazil. Eram as náos francezas; as quaes, não passando anteriormente do cabo de Santo Agostinho ou quando muito da Bahia, desde que estas terras tiveram donatarios se avezaram ao cabo Frio e rio de Janeiro, ilha Grande e Ubatuba, de modo que ja por estes portos não ousavam mostrar vela os navios portuguezes. A Bretanha e a Normandia consideravam as terras do Brazil tão suas como o proprio Portugal. Até á França levavam Indios, e em vez de torneio chegaram a representar em Ruão um combate e festim de nossos selvagens [13]) nos dias 1 e 2 de Outubro de 1550.

A longiqua colonia de S. Vicente, que até então tinha crescido com a paz em prosperidade, esteve, em consequencia do trato dos navios francezes, em termos de ver cortadas as suas relações com a mãe-patria.

Foi dessa capitania de S. Vicente, que tão célebre devia um dia fazer-se nos annaes brazilienses, que partiu o brado mais energico, pelo qual a Côrte se inteirou bem ao vivo do perigo em que estava todo o Brazil. Levantou esse brado Luiz de Goes,

---

[12]) Veja o folheto publicado em 1551 pelos Jesuitas, intitulado *Copia de unas cartas*, etc., f. 8 o 10. [Nobrega, *Cartas*, 87].

[13]) Veja o interessante folheto publicado em 1850 pelo Sr. F. Denis. *Une fête brésilienne*, etc.

irmão do donatario de Campos, e ao depois jesuita, a quem a Europa deveu a primeira planta de tabaco que recebeu d'America F). Goes, em uma carta datada de Santos, depois de um preambulo de submissão e humildade, levanta assim a voz: « Se com tempo e brevidade V. A. não soccorre estas capitanias e costa do Brazil,... ainda que nós percamos as vidas e fazendas, V. A. perderá a terra ». Como se não estivesse bem seguro do apreço que a Côrte daria á perda do Brazil, por muito embriagada com o Oriente, acrescenta : « e que n'isto perca pouco aventura a perder muito... queira Deus não se vão (os Francezes) a dobrar o cabo da Boa Esperança ». E receoso ainda de que não fosse bastante o ter falado assim ao interesse, tenta tambem demover a piedade: « Soccorra V. A, e com braço forte, que tudo ha mister, e se não o mover a terra e os inconvenientes acima ditos, haja V. A. piedade de muitas almas christans ». Finalmente depois de ponderar que no Brazil tinha gasto mais do que possuia, e o melhor tempo de sua vida, conclue : « O que me fica para gastar é a minha vida e de minha mulher e de meus filhos, das quaes a Deus e a V. A. farei sacrificio, e, em mentes

---

F) Cf. Damião de Goes, *Chronica do Serenismo Senhor rei D. Emanuel*, 1, c. 56. Houve muitos Goes nos primeiros tempos, e é difficil estabelecer as relações existentes entre elles. De um Luis de Goes de S. Vicente conta o seguinte Gregorio de Acosta numa informação coeva de rio Prata dirigida a Sua Magestade e ao conselho de Indias : Item ha hecho (Ruy Dias Malgarejo) cuando estuvo eu San Vicente á donde se casó con su mujer, la que mató, despojó un ingenio de hacer azúcar y lo hizo echar a perder, que era de um caballero portugués que se llamava Luis de Goes; y enganó a sus dos hijos que eran mancebos con palavras y pormetimientos ; de manera que se llevó toda la gente de esclavos e esclavas que Luis de Goes ten a en el ingenio ; de manera que el ingenio y Luis de Goes quedaron perdidos ; de manera que de enojo Luis de Goes se murió padre de los mozos; murió el y su mujer; y los mozos que llevó consigo, despues que los tuvo en el puerto del Piqueri, los trató muy mal y les quitó sus haciendas, y al uno su mujer y fué mal infamado con ella, siendo su comadre. *Archivo de Indias*, 10, 531/535, Madrid, 1868.

nos durar, sempre rogaremos a Deus pela vida e estado de Vossa Alteza » G).

As eloquentes instancias de Goes, ja precedidas dos avisos prudentes de Coelho, e das noticias do desastroso caso do donatario da Bahia, levaram o Governo a adoptar a final meios mais heroicos, para fazer articular de novo o corpo que se desmembrava. No principio do anno anterior (1547), com a chegada da noticia da perda da capitania da Bahia, o Governo, ou verdadeiramente então Fernand'Alvares de Andrade, que tomára a si os negocios do Brazil, chegára a mandar armar um navio, no qual devía ir com soccorros Jorge Pimentel, passando Henriques Mendes de Vasconcellos da costa da Malagueta ao mesmo Brazil. Depois houve plano de criar uma companhia de armadores em grande H), talvez semelhante ás de commercio que mais para o diante se estabeleceram ; porêm a final, graças á presença na Côrte de Pero de Goes, e a sua illustração e genio activo, se assentou, em fim do mencionado anno de 1548, no melhor partido, qual o de criar no Brazil um centro de poder, para acudir onde houvesse mais necessidade. Foi tambem resolvido que se retirassem aos donatarios algumas das prerogativas, de que não tinham sabido usar convenientemente, como a alçada que no civel e crime possuiam sobre os colonos ; devendo, desde então entrar em suas terras corregedores e outras justiças, e podendo elles ser suspensos das suas jurisdicções.

Os donatarios não deixaram de aggravar ; mas apenas foi attendido Duarte Coelho, que pouco tempo sobre-viveu. E na ver-

---

G) Copia no Instituto Historico. Impressa incorrectamente no *Brasil Historico*, 2ª serie, 1, 78.

H) Duarte Coelho estava informado em 15 de Abril de 1549 de que os armadores se offereciam a povoar e ajudar as capitanias de baixo, isto é, as que ficavam ao Sul de Pernambuco, si a Corôa lhes concedesse durante vinte annos o pau brasil da costa, e todos os dizimos e rendimentos. Fernandes Gama, *Memorias*, 1, 76. Das noticias sobre Jorge Pimentel, Henrique Mendes de Vasconcellos e chegada de Pero de Goes á corte não foi possivel descobrir a fonte.

dade o não exceptual-o fôra quebrarem-se-lhe doações e promessas, quando sua boa administração e serviços mereciam antes novas recompensas e estimulos I).

Aos outros donatarios só bens, e nenhuns males iam fazer as novas providencias. — Dos primitivos, tres já os levára Deus, todos por naufragio; outros haviam insensivelmente desistido de suas doações; dois (Martim Affonso e Figueiredo) se limitavam a assignar uma ou outra providencia, que lhes pediam seus loco-tenentes-ouvidores. Restavam pois, além de Duarte Coelho, quatro: destes, um (Pero do Campo) morreu logo, dois (Pero de Goes e Cardoso de Barros) nada tinham de seu, e o quarto (Vasco Fernandes) ja nenhuma influencia tinha nos seus subditos, e se considerava, por varios titulos, de todo perdido.

I) Mesmo este não devia ser exceptuado na opinião de Nobrega: «Duarte Coelho e sua mulher são tão virtuosos como é a fama que tem, escrevia a el-rei de Olinda a 14 de Setembro de 1551; e certo creio que por elles não castigou a justiça do Altissimo tantos males até agora, e, porém, é já velho e falta-lhe muito para o bom regimento da justiça e por isso a jurisdicção de toda a costa devia ser de Vossa Alteza. *Cartas*, 91.

Como se vê da carta de Duarte de Lemos, Vasco Fernandes partiu de sua capitania com Duarte Coelho para a de Pernambuco no intuito de protestar contra o desprezo de suas doações e privilegio que a criação do governo geral importava. O mesmo motivo levaria-o a dar abrigo aos criminosos fugidos dos Ilhéos e presos pelo Ouvidor Geral, cuja autoridade não reconhecia. *Supra*, 252.

SECÇÃO XV

ESTABELECIMENTO DE UM GOVERNO CENTRAL NA BAHIA.

Thomé de Sousa, Governador. Pero Borges, Ouvidor geral. Antonio Cardoso, Provedor mór. Provedorias parciaes. Seu regimento. Pero de Goes, Capitão-mór da costa. Milicia. Compra da capitania. Colonos. Descripção da Bahia. Ilhas. Paraguaçú. Iguape, Matoim, Pirajá. Desembarque. Assento mais proprio para a cidade. Itapagipe. Cidade do Salvador. Sua fundação e muralha. Suas armas. Villa Velha. Cidade baixa. Sesmarias. Gados. Braços. Os Indios. Systema de terror. A religião. A musica. O novo Orfeo. O P. Navarro. O Caramurú, origem desta alcunha. Emprego dos Jesuitas. Relaxação de costumes. Matrimonios. Cruzamentos de raças. Os Jesuitas contribuem á unidade brazileira. Correição do Ouvidor geral e do Provedor mór. Pero de Goes. Peleja em Cabo-Frio com uma náo franceza.

Resolvido o governo da metropole a delegar parte da sua autoridade em todo o Estado do Brazil n'um governador geral, que podesse cohibir os abusos e desmandes dos capitães-móres donatarios, ou de seus loco-tenentes-ouvidores, que acudisse ás capitanias apartadas em caso de guerras dos inimigos ou de quaesquer arbitrios das autoridades, que fiscalisasse em fim os direitos da Corôa conciliando ao mesmo tempo os dos capitães e os dos colonos, determinou fixar a sède do governo geral na Bahia, por ser o porto mais central, com respeito a todas as capitanias. Assim o declara expressamente a carta régia de 7 de Janeiro de 1549: „Vendo em quanto cumpre ao serviço de Deus e meu conservar e enobrecer as capitanias e povoações que tenho nas minhas terras do Brazil, ordenei ora de mandar fazer uma fortaleza e uma povoação grande e forte na bahia de Todos os Santos, por ser para isso o mais conveniente logar que ha nas terras do Brazil, para d'ahi se dar favor e ajuda ás outras povoações, e se ministrar justiça,

e prover nas cousas que cumprem a meu serviço, e aos negocios da minha fazenda, e ao bem das partes".

Deste modo a centralisação administrativa, propriamente dita, era acompanhada da dos negocios da Justiça e da dos da Fazenda, sujeitos aos cargos de Ouvidor geral e de Provedor mór, que pela mesma occasião se instituiram. Igualmente foi nomeado para defender o littoral um Capitão mór da costa, como havia na India. Mais ao diante, para mandar as armas na capital, se criou tambem o cargo de Alcaide-mór. Todos estes cargos eram providos só por tres annos, como estava em uso a respeito de alguns no reino e nas outras conquistas.

Para Governador geral foi escolhido Thomé de Sousa, filho natural d'uma das primeiras casas do reino, distincto por seus grandes dotes governativos, e pelo valor e prudencia, que provára em muitas occasiões difficeis na Africa e na Asia. Quatorze annos antes ja este capitão merecia grande conceito ao Conde da Castanheira, quando (escrevendo a Martim Affonso) dizia delle, ao partir para a India, que «cada vez lhe ia achando mais qualidades boas, tendo sobre todas a de ser sisudo». — Para a colonia que ia fundar possuia ainda a de saber fazer-se querer: — a de ser superior sem deixar de ser companheiro. D. João de Castro confiava tanto na sua honradez e prudencia que pouco antes pedia com instancia ao rei que lho mandasse para o ajudar no governo da India.

O regimento que, em data de 17 de Dezembro de 1548, lhe foi dado, constante de quarenta e um artigos, e mais sete supplementares, é um modelo de tino governativo, e prova o muito conhecimento que ja seu redactor, o Conde da Castanheira, tinha do Brazil. Nelle se ordena a escolha de outro local, sem ser o preferido por Francisco Pereira, para se fundar a capital brazilica. Recommenda-se o bom tratamento dos gentios, estabelecendo-se alliança com os Tupininkins, visto que os Tupinambâs se haviam levantado. Impõe-se pena de morte aos colonos que fossem buscar Indios para os escravisar, prohibindo-se tambem o vender-lhes armas, e o embrenharem-se os mesmos colonos pela terra dentro, communicando-se, pelo sertão, de umas capitanias ás outras. Fixa o regimento o termo da cidade a seis leguas, para cada lado. Estabelece o modo de se darem as sesmarias para os engenhos d'assucar; devendo os proprietarios destes obrigar-se a moer as cannas dos lavradores visinhos, sob as clausulas que o Governador designasse. Tambem seriam obrigados os senhores dos engenhos a fortificar estes; fixando-lhes o regimento quanto armamento deviam ter, bem como o minimo que em cada capitania

deviam ter os donatarios. Providencêa contra os abusos de luxo nos vestuarios. Dispõe acerca da fortificação da cidade capital, da construcção de navios, da perseguição dos corsarios. Igualmente recommenda o estabelecimento de feiras periodicas, e a exploração e descobrimento de todo o rio de S. Francisco. O Governador poderia, aos que prestassem bons serviços, armar cavalleiros; prover os officios da justiça e fazenda, ainda quando fosse em degradados por certos crimes; conceder donativos, e adiantar ordenados. Nos casos omissos, deveria consultar os principaes empregados, e as pessoas mais idoneas: prevalecendo porém a sua opinião, em havendo discordancia, mas lavrando-se da sessão da junta um termo ou acta, que deveria ser enviado á côrte. Tal foi a origem das «juntas geraes», que tanta importancia vieram a ter no regimen colonial, o qual veiu a constituir-se mais constitucionalmente que a propria metropole A).

Para o cargo de Ouvidor geral, com alçada e autoridade de passar provisões em nome d'elrei, foi nomeado o desembargador Pero Borges, que servira de corregedor no Algarve 1), e que tinha reputação de homem justo, se bem que no Brazil veiu a adquirir a de excessivamente severo e pouco caridoso. No regimento que recebeu 2), foi-lhe concedido conhecer nas causas crimes por acção nova; e teve alçada até morte natural, exclusive, nos escravos gentios e piões christãos livres; aos quaes, quando competisse pena de morte, poderia esta applicar-se sem appellação, concordando nella o Governador geral, e não concordando, teria de remetter os autos ao cor-

---

A) *Revista Trim. do Inst. Hist.* 61, I, 39 e seg., Rio, 1898. Já fora antes publicado no *Brasil Historico* de Mello Moraes.

1) Elle proprio o diz. Enganou-se pois o chronista Andrada, dizendo que o fôra em Elvas [e frei Vicente do Salvador repetindo-o].

2) Não encontramos até agora o teor deste regimento; porém temos motivos para suppor que, com pequenas differenças nos dezoito primeiros artigos e omissão dos cinco ultimos, era analogo ao de 14 de abril de 1628, dado ao ouvidor geral Paulo Leitão de Abreu.

[As informações em que o A. se fundou existiam na carta escripta por Pero Borges de Porto Seguro, 7 de Fevereiro de 1550. Cf. J. F. Lisboa, *Obras*, 3, 318. As modificações feitas no regime primitivo dos donatarios constam da posterior confirmação de doações antigas ou de cartas de novas doações. Frei Vicente do Salvador, *Hist. do Brasil*, 3, 1, diz em resumo: os capitães proprietarios ficaram sem alçada no crime, devendo dar appellação para o Ouvidor geral; no civel sua alçada foi rebaixada a vinte mil réis; o Ouvidor geral ficou com o poder de entrar nas terras dos donatarios por correção, e ouvir nellas por acções novas e velhas. Cf. João Mendes Junior, *O processo crim. br.*, 1, 135, Rio 1901].

regedor da côrte, com o prezo. Nas pessoas de mór qualidade teria o Ouvidor alçada até cinco annos de degredo. Taes disposições, de mais rigor dos que as contidas nas doações, não deixaram de apresentar alguns inconvenientes, que ao diante se corregiram modificando-as. No civel, foi dada ao Ouvidor alçada até sessenta mil réis; isto é, até o dobro da que tinha o tribunal da côrte.

Estes poderes eram independentes do Governador, que não foi autorisado a amnistiar nem a castigar; e o tempo veiu tambem a provar que melhor houvera sidó que a magistratura judicial não tivesse delle tanta independencia. Antes de partir, em 15 de Janeiro de 1549, recebeu Borges a promessa de ser feito desembargador da supplicação se bem servisse, e dois dias depois ordenou elrei que á sua mulher, Simoa da Costa, se mandassem abonar quarenta mil réis annuaes B).

O cargo de Provedor mór da Fazenda alcançou Antonio Cardoso de Barros, cujo nome não nos é estranho, pois foi elle o donatario mangrado de uma das doze capitanias da costa. Era a Antonio Cardoso mui recommendado em seu regimento o providenciar convenientemente, em cada uma das capitanias, ácerca das casas d'alfandega e dos contos (da thesouraria), e fazer pôr em ordem a escripturação dellas, organizando, em livros separados, os lançamentos das differentes rendas e direitos; — em fim, cumpria-lhe prover e zelar tudo o que respeitasse á Fazenda pública.

Para este fim, o seu regimento foi acompanhado de outro da mesma data [3] aos Provedores e officiaes das capitanias, os quaes até então faziam o que bem lhes parecia: e sem lei que os sujeitasse, não podiam zelar muito os interesses da Corôa, quando em alguns pontos, como Itamaracá e S. Vicente, eram elles ao mesmo tempo os delegados dos donatarios. A este regimento deveram todas as ca-

---

B) Copias no Inst. Hist.

[3]) Datado de Almeirim aos 17 de Dezembro de 1548. [O regimento de C. de Barros foi publicado na *Rev. do Inst. Hist.* de 1857; o dos Provedores das Capitanias foi dado em extracto por J. T. Lisboa; O *Brasil Historico* traz muitas das primeiras nomeações, segundo copias existentes no Instituto Historico, e extrahidas sob as vistas de A. Gonçalves Dias].

pitanias os livros das provedorias que, bem compulsados, serão a melhor fonte das historias parciaes de cada uma das provincias, que ainda os conservem, como os conserva a de S. Paulo; os quaes, apezar de folheados por Taques e Fr. Gaspar, ainda podem offerecer á curiosidade publica, e á chronica da provincia, muitas noticias importantes [4].) Com a organisação das provedorias, não somente ganhou o Estado, estabelecendo sua boa arrecadação, como ganharam muitos particulares, em terem em taes livros um tombo das suas sesmarias.

Os Provedores são por esse regimento encarregados da cobrança do dizimo, e declarados juizes das respectivas alfandegas, acerca do melhor serviço das quaes se dedicam muitos artigos. A's ordens dos Provedores se deixam os escrivães, que ás vezes o eram igualmente das alfandegas, e tambem os recebedores e almoxarifes e seus escrivães. Para a cobrança dos direitos do dizimo da calda do assucar e outros, se obriga aos almoxarifes a ter um livro com os nomes dos lavradores [5]. Dispõe-se ácerca dos testamentos, e da fazenda dos defuntos e ausentes que devia ser enviada a Lisboa, por um dos primeiros navios, ao thesoureiro dos defuntos de Guiné. Concede-se aos Provedores o julgarem, sem appellação nem aggravo, sobre as anteriores datas de sesmarias; havendo somente a tal respeito appellação ao Provedor mór, em valores maiores de dez mil reis. Prohibe-se aos colonos internarem-se pela terra, e communicarem por esta via de uma capitania ás outras, afim naturalmente de favorecer-se a navegação. Providencea-se ácerca do commercio de cabotagem, estimulando, sobretudo por meio de alivio dos tributos e de premios, os barcos de remos de mais de quinze bancos. Igualmente se procura promover ja no Brazil, para que se aproveitem suas boas madeiras, a construcção de navios de cento e trinta toneis para cima. Declara-se finalmente independente da mais justiça da terra a administracção da Fazenda.

Para o cargo de Capitão mór da costa, foi escolhido o mallogrado donatario de Campos, Pero de Goes, que á custa dos trabalhos passados tão bem conhecia as terras e os mares do Brazil; pelo que não trazia elle outro regimento mais do que o governar-se pelo que lhe desse Thomé de Sousa.

---

4) Deste aviso, que já se se publicára na 1ª edição (I, p. 194), resultaram muitos documentos obtidos na provedoria de Pernambuco, pelo fallecido commendador Mello [Antonio Joaquim de Mello, autor das *Biographias de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco*].

5) Se taes livros ainda se encontrassem ainda em Porto Seguro e nos Ilhéos, que noticias não nos poderiam elles offerecer!

Além destes quatro chefes, foram desde logo nomeados, com os competentes estipendios :

Francisco Mendes da Costa, escrivão dante o Provedor da Fazenda ;

Antonio dos Reys, escrivão da provedoria, alfandega e defuntos,

Pedro Ferreira, thesoureiro das rendas ;

Miguel Moniz, escrivão dos contos ;

Christovam d'Aguiar, almoxarife dos mantimentos, tendo seu escrivão ;

Manuel Lourenço, vigario da igreja matriz ;

Diogo de Crastro (sic), boticario ;

Luiz Dias, mestre das obras da fortaleza, ao qual depois succedeu Lopo Machado C);

Miguel Martins, mestre de fazer cal ;

Diogo Peres (sobrinho do anterior) mestre pedreiro, além de muitos outros ; bastando-nos dizer que o numero total dos que se embarcaram, vencendo ordenados, subia a tresentas e vinte pessoas D).

Para a segurança da terra ordenára elrei que cada donatario tivesse em sua capitania, com a polvora necessaria, pelo menos dois falcões, seis berços, seis meios-berços, vinte arcabuzes ou espingardas, vinte béstas, outras vinte lanças ou chuços, quarenta espadas e outros tantos gibões d'armas, d'algodão, dos que se usavam.

Aos senhores de engenhos e fazendas obrigava a quatro terços de espingardas, vinte espadas, dez lanças ou chuços, vinte dos ditos gibões; e a todos os outros moradores ao menos a alguma arma; devendo os que a não tivessem tratar de havel-a dentro de um anno. Ao Provedor mór competia fazer esse exame, e comminar as penas em caso de falta. Tal foi o começo da milicia regular de segunda linha no Brazil.

C) Este veio em companhia de D. Duarte da Costa ; Luiz Dias só se retirou para o reino com Thomé de Sousa.

D) Destas nomeações existem copias no Inst. Hist. e na Bibl. Nac. Diogo Peres, sobrinho de Luis Dias, não de Miguel Martins.

O tempo veiu logo a confirmar o acerto de todas estas providencias, e ainda mais a escolha do varão avisado que foi incumbido de lhes dar cumprimento; sendo que muitas vezes as mais acertadas se mallogram ao ser a sua execução confiada a um individuo que não se acha na altura de quem as concebeu.

Porém a capitania da Bahia pertencia de direito ao filho do donatario. Este ficára pobrissimo, e sem meio algum para proseguir na malfadada empreza de seu pae, ainda quando para isso tivesse mais fortaleza de coração que elle. Contratou pois com a corôa de ceder-lhe a capitania, a troco de um padrão de quatro centos mil reis de juro por anno, pagos pela redizima da mesma capitania, e vinculados para si e seus herdeiros [6].) Antes de prompta a expedição, escreveu el rei, por um barco que largava para o Brazil, a seguinte carta regia ao Caramurú:

« Dioguo Alvares. Eu el-rey vos envio muyto saudar. Eu ora mando Thomé de Sousa, fidalgo de minha casa, a essa bahia de Todos os Santos, por capitão governador della, para na dita capitania, e mais outras desse Estado do Brazil, prover da justiça della e do mais que ao meu serviço cumprir; e mando que na dita Bahya faça uma povoação e assento grande e outras cousas do meu serviço: e porque sou informado, pela muita pratica e experiencia

---

[6]) No Liv. 7.º f. 110 v. da Chancell. de D. João III, está lançada a postila por Christovam Benavente, mestre em artes e escrivão da Torre do Tombo, em favor de Manoel Coutinho [publicada em nota ás *Informações e fragmentos historicos* de Anchieta, 78, Rio, 1886]. A este ultimo foi passada a carta de juro, em 16 de Agosto de 1576;—e se constituiu, em seus descendentes, o chamado *Morgado do Juro* que por descuido dos ultimos herdeiros chegara a prescrever, quando, em 1796, Jose de Seabra, *sendo ministro do reino*, alcançou o decreto de 13 de Maio, supprimindo por seus serviços a prescripção em favor de seu filho, e agraciando a este como herdeiro de sua mãe. [Esta chamava-se D. Anna Felicia Coutinho Pereira de Sousa Tavares da Horta e Cerveira, 11ª administradora do morgado de juro da redizima da Bahia, 12ª do da Cerveira de Santarem e outros. O filho, Manoel Maria da Piedade Coutinho de Seabra, teve tambem o titulo de visconde da Bahia « em memoria ao seu avô materno Francisco Pereira Coutinho, que em 16 de Agosto de 1566 lançou os fundamentos daquella antiga metropole do Brasil », escreve o marquez de Rezende no *Elogio historico de José de Seabra da Silva*, 19, cf. 71, Lisboa, 1863. A data de 1566 está evidentemente errada; si fosse 1536 em vez de 1566, combinaria com a sesmaria concedida a Diogo Alvares, transcripta *Supra*, 277 e podia bem ser exacta; parece, porém, que Rezende confundiu a data da fundação da capitania com a do padrão de 400$000].

que tendes dessas terras e da gente e costumes dellas, o sabereis bem ajudar e conciliar, vos mando que tanto o dito Thomé de Sousa lá chegar, vos vades para elle, e o ajudeis no que lhe deveis cumprir e vos elle encarregar; porque fareis nisso muito serviço. E porque o cumprimento e tempo de sua chegada, ache abastada de mantimentos da terra, para provimento da gente que com elle vay, escrevo sobre isso a Paulo Dias, vosso genro, procure se haverem, e os va buscar pelos portos dessa capitania de Jorge de Figueiredo, sendo necessario vossa companhya e ajuda, encommendo vos que o ajudeis, no que virdes que cumpre, como creyo que o fareis [7])».

Apromptada a nova expedição colonisadora da Bahia e regeneradora do Brazil, partiu ella de Lisboa no primeiro de Fevereiro, e aportou no seu destino a 29 do seguinte mez [8]). Constava a armada de tres náos (*Conceição, Salvador* e *Ajuda*), duas caravellas e um bergantim. Vieram na primeira o proprio Thomé de Sousa, na segunda Antonio Cardozo, e capitaniava a terceira Duarte de Lemos. As caravellas eram mandadas por Pero de Goes e Francisco da Silva E). Haviam acompanhado a Thomé de Sousa, além

---

[7]) Segue: Bertolomeu Fernandes a fez em Lisboa a 19 de Novembro de 1548.— Rei. «Sobrescripto—Por El-Rei—A Dioguo Alvares, cavalleyro de sua casa, na Bahya de todos os Santos.» Vej. a noticia do achado deste documento, pelo autor, no *Diario Official*, do Rio de Janeiro de 13 de Dez. de 1872.

[Na 2a edição desta obra sahio 13 de Novembro, em vez de 13 do mez seguiute, como foi realmente. Candido Mendes põe em duvida a autenticidade deste documento, que, comquanto conhecido desde o seculo XVIII, parece suspeito. De facto, si em 1549 D. João III chamara Diogo Alvares cavalheiro de sua casa, difficilmente se explica o facto de em 1554, *Supra* 275, nota 2, escrever em papel official: «Diogo Alvares Caramurú, que *diz ser* cavalheiro da minha casa». Cf. C. M. de Almeida. *Rev. Trim. do Inst. Hist.* 39, II, 23. Rio 1876. Por carta de Thomé de Sousa sabemos que Fernand'Alvares de Andrade mandou antes da armada uma caravela para preparar mantimentos. Por ella poderia vir esta carta ou outro semelhante. Fernand'Alvares de Andrade foi pae de tres escriptores: frei Thomé de Jesus, Diogo de Paiva de Andrade e Francisco de Andrade, auctor da *Chronica de D. João III*, publicada em 1613].

[8]) Primeira carta de Nobrega escripta na Bahia. (Coll. na Bib. Pub. de Evora [aliás, Rio]). Na traducção italiana imp. em 1558, na Coll. *Diversi avisi*, etc., lemos que a viagem fora de 56 dias, o que daria a chegada a 26 de março. [Valle Cabral, *Cartas de Nobrega*, 62, nota com razão que o A. esqueceu que Fevereiro tem 28 dias e o anno não era bissexto].

E) Francisco de Andrade, *Chronica de D. João III*, 4, 32. As duas caravellas, segundo se deduz dos assentamentos de Thomé de Sousa e Antonio Cardoso de Barros, chamavam-se *Leoa* e *Rainha*. O bergantim podia chamar-se *S. Roque* ou *S. Iago*. — Alem disso, informa Thomé de Sousa em

dos chefes mencionados e as outras pessoas notaveis, que deviam exercer cargos importantes, o padre Mauuel da Nobrega, com outros religiosos da Companhia de Jesus F), designados para fundarem o primeiro collegio na Bahia, muitos casaes que vinham ahi estabelecer-se, seiscentos homens d'armas, e quatrocentos degradados.

Os Jesuitas, estavam em Portugal recebendo todo o favor do governo, e já antes haviam passado alguns á Asia, contando-se no numero o padre Francisco Xavier, hoje canonisado pela Igreja G).

Deixemos porêm fundear successivamente todos os navios nessa espaçosa bahia, e dediquemos a nossa attenção a percor-

---

carta de 18 de Julho de 1551, Fernaud'Alvares de Andrade fretou e mandou em sua companhia duas naus, que deviam tornar carregadas de brasil, mas foram de vasio.

F) Os companheiros de Nobrega foram os padres João de Aspilcueta Navarro, Leonardo Nunes, Antonio Pires, os irmãos Diogo Jacome e Vicente Rodrigues.

G) A idea de aproveitar os Jesuitas na Asia é anterior á approvação da ordem pelo Papa. Já a 17 de Fevereiro de 1538, o Dr. Gouvea escrevia de Paris a D. João III :

« Eu mandei a carta a mestre Simão Rodrigues que partiu daqui com seis outros para irem a Jerusalem ; elle e seus companheiros fazem grandissimo fructo em Italia, e tal que temos cartas de Roma que o Papa mandou chamar dois delles a Roma, outros dois estão em Milão, dois em Bolonha la grassa, e um outro com certos outros Italianos que se com elles ajuntaram estão em Ferrara. Ora por que sua tenção era, quando daqui partirom vai em dois annos, de irem a Jerusalem não só pola romaria, mas para verem se podiam converter mouros, e non poderam passar por a armada do Turco, ficaram em Italia onde lhe fazem muito gasalhado e esmola. O principal delles é um mestre Pero Fabro, homem douto e de mui grande vida, e um outro Inigo, Castelhano : se estes homens se podessem haver per irem a India, será um bem inestimavel. O mestre Simão foi creado do bispo adoaiam e é irmão de outro bolseiro chamado mestre Sebastião, que é um dos que cada domingo recebe nos Cartuxos. São homens proprios para esta obra e se Vossa Alteza deseja de fazer o que sempre mostrou, crea que nom podia nem a pedir de boca achar homens mais autos pera converter toda a India. Elles são todos sacerdotes e de muito exempro e lettrados e nom demandam nada por amor de Nosso Senhor. Que se spreva ao consul da nossa nação que está em Veneza e a quem por Vossa Alteza faz os negocios em Roma que lhe fale, por que vendo elles cartas de Vossa Alteza tanto mais se moverão, sprevendo ao mestre Simão Rodrigues e o mestre Pero Fabro e ao Inigo abasará, por que estes trez moveram os outros». — Copia no Inst. Hist.

rel-a em todos os seus reconcavos, não só até onde os olhos podem alcançar, do ancoradouro para o interior, como pelo reconhecimento que vamos a emprehender de toda ella, para melhor fazermos idéa do local, onde ora nos achamos.

Chamaram os primitivos descobridores bahia de Todos os Santos a um lagamar que se fórma na costa do Brazil, em altura de treze gráos escaços, com a entrada voltada ao Sul. E' um mar povoado de muitas ilhas, e circumdado, na extensão de umas vinte leguas, de caprichosos remansos e portos, onde despejam suas aguas infinidade de regatos, que correm atravez de terras cobertas de viçosa vegetação, deixando o solo fertilisado e cortado, para um e outro lado, por frequentes igarapés ou esteiros. A maior das ilhas, e que se pode quasi considerar continuação da terra firme (sendo apenas desta separada por um canal coberto de pequenos ilhéos, que formam como a ossada da continuação de uma a outra) tapa e abriga de tal modo do lado de fóra o dito lagamar que, em sua extensão de seis leguas, se reduz ao contorno dessa ilha a costa bravia do mar.

A' mão esquerda de quem entra na bahia, vem afluir as aguas do rio Paraguassú, de margens pintorescas e elevadas, navegavel por barcos grandes até a caxoeira, que deu nome á actual cidade perto della, que assim se noméa. Antes de chegar á mesma caxoeira, as aguas se derramam pelos vastos e ferteis seios de Iguape e Maragogipe, separados por um grande lago, no meio do qual campêa a ilha chamada dos Francezes, que, segundo a tradição, presenciou a derrota que lhes deu Christovam Jaques. A' mão direita, ao entrar do mar na mesma bahia, em distancia de uma legua, se mette pela terra dentro um esteiro de muito fundo, e capacidade para náos de primeiro porte, denominado de Pirajá. Logo detraz deste, estão as vertentes de um ribeiro chamado então Camuriji [9]), e hoje Vermelho, que indo com as suas aguas lançar-se na costa do mar, e por conseguinte fóra da barra, deixa como ilhada toda a extensão de terreno, geralmente montuoso,

---

[9]) Rio de Camuris, segundo Anchieta.

áquem delle, desde o Pirajá até á costa. Um dos pontos dessa extensão mais proximo ao mar tinha, com preferencia a qualquer outro, de ser escolhido para o primeiro assento da cidade, quando reunisse a circumstancia de não ficar longe do melhor ancoradouro dos navios. Para os fundos do Reconcavo, desde as bocas do Paraguassú e do Pirajá, ha uma infinidade de outros reconcavos menores, cujas terras são fertilissimas; distinguindo-se os valles do Acupe [10]) e Santo Amaro, e tambem os de Mataripe, Pacé e Cotegipe. A amenidade e primor destes terrenos, abundantes alguns de marisco, se realça com a presença de varias ilhas, taes como as de Cajaiba, Madre de Deus, Bimbarra, Maré, Frades e outras. E' uma paragem, esta da Bahia, por muitos titulos analoga á da antiga Grecia, e se é verdade que a impressão do logar, em que se é creado, exerce no homem grande influencia, não se deve estranhar que, em todo o Brazil, os Bahianos se tenham sempre distinguido pelo engenho.

Apenas fundeada a armada, acudiram de terra muitos colonos, antes nella estabelecidos, e que, apezar do triste successo do donatario Coutinho, haviam tido manha para conservar-se em meio dos gentios. Eram mais de quarenta [11]), e entrava neste numero Diogo Alvares, ahi residente havia perto de quarenta annos, e de quem ja em outro logar fizemos menção, e devemos mais adiante tratar de novo; visto que, com o nome de *Caramurú*, chegou a adquirir celebridade na nossa historia.

---

10) O furo do Acupe, formado pelas aguas de Iguape, atravez do paredâ e grés, que forma a *conca* da bahia, é um fenómeno geologico digno de estudo.

11) Primeira carta de Nobrega na Coll. de Evora [*Cartas*, 47]. Outro colono de importancia, que ja ahi encontrou Thomé de Souza com filhos, foi Paulo Dias, por quem, em 7 de Agosto de 1558, escreveu o Dr. Pero Borges uma carta de recommendação a elrei, relatando os serviços delle. F. d'Andrada conta trinta, e accrescenta que estavam ahi «com Grammatão Telles». Todos serviriam de ajudar aos recem-chegados, ainda não vaqueanos ou *tapejáras*, como elles. [Cf. C. Mendes de Almeida, *Rev. Trim.*, *Inst. Hist.* **39**, II, 20. De um G. Telles na Africa, em 1527, fala Fr. L. de Sousa, Annaes de D. João III, 215].

Os da armada foram logo aposentar-se junto da arruinada capellinha da Victoria, que concertaram, para nella começarem a celebrar suas prácticas religiosas. Ficava esta logo á entrada da bahia no local onde já antes fôra assentada a povoação, a qual igualmente estivera por algum tempo mais no fundo do Reconcavo, na defensavel peninsula de Paripe, entre a propria bahia e o esteiro de Matuim: visto que trinta e tantos annos 12) depois era esse local considerado como o assento da primeira povoação neste porto.

Em todo o caso, Thomé de Sousa tinha no seu proprio regimento, como vimos, instrucção de mudar a povoação do logar em que estava, se encontrasse outro melhor. E reconhecendo-se que a paragem da Victoria, demasiado junto da barra, ao mar do ancoradouro, e falta d'agua, não era a mais a proposito para a cidade, tratou da escolha de outro local, que não tivesse taes inconvenientes.

Estudada minuciosamente a topographia do terreno visinho, apresentaram-se pareceres para que a nova cidade se assentasse sobre a peninsula de Itapagipe, que se fórma desde o ancoradouro até o esteiro de Pirajá; isto é nas immediações do sitio hoje chamado do Bomfim, para onde expontaneamente ora se vão agrupando muitos moradores H). Ponderavam os de tal parecer, que nessa

---

12) Segundo Gabriel Soares. *Paripe* tambem se dizia *porto do Tubarão.* Era uma adulteração de *Iperú-ipe.*

[Gabriel Soares diz effectivamente, *Trat.* 133, 1ª ed., 124, 2ª ed., «Paripe é a mais antiga povoação e *julgado* da Bahia». *Julgado* tem significação precisa: é, informa Bluteau em seu *Vocabulario,* e repete Moraes quasi nas mesmas palavras, «povoação que não tem pelourinho, nem gosa dos privilegios de villa, mas tem justiça e juizes que julgam». Com isto concorda o que se lê em Gandavo, *Historia,* cap. 3: Quatro leguas pela terra a dentro 'está outra povoação que se chama Paripe, que tambem tem *jurisdicção sobre si.* Gabriel Soares não implicou, pois, precedencia chronologica, nem relativamente á *villa* Velha nem á cidade do Salvador].

H) Nesta ponta (de Tapagipe) quando se fundou a cidade houve pareceres que ella se edificasse, por ficar mais segura e melhor assentada e muito forte, informa G. Soares, 2, 9.

Accrescenta Francisco de Andrade: *Chronica do muyto alto e muyto poderoso Rey deste reyno de Portugal D. João o III deste nome,* 4, 32:

«O governador despois que viu o logar em que do reyno levava por regimento que edificasse a cidade, entendeu quão differente juizo faz das cou-

peninsula, começando a edificação desde o pontal, por ser o terreno plano, as ruas se traçariam melhor, as casas ficariam seguras e a abrigo de desmoronamentos, que pareciam imminentes nas immediações do ancoradouro, e a fortificação se executaria com mais facilidade, por isso que a defensa da banda da terra se limitava á de um pequeno isthmo. Accrescia que, quanto ao ancoradouro, mais seguros se achariam os navios, para aquella banda, dos ventos do quadrante do Sul, visto que não seria difficil remover ou acautelar os inconvenientes de uma pequena restinga que por ali se estendia.

Desse ancoradouro os navios descubririam ao longe a barra, entre a ponta do Padrão e a ilha de Itaparica, e poderiam previnir-se a tempo contra os inimigos que se apresentassem a entral-a.

Apezar porêm de tão judiciosas opiniões, prevaleceu a de subordinar-se o assento da cidade ao pouso atéli habitual dos navios, ajudando muito para isso a circumstancia de uma fonte na praia, e junto ao logar mais conveniente para o caes, da qual os mesmos navios faziam aguada. Vinha esta paragem a ficar situada, a meia distancia, entre a reputada melhor e a povoação primitiva.

O tempo veiu a mostrar que ainda não era a mais a proposito e a voz geral, que assim o apregôa, sirva de exemplo da muita circumspecção que devem ter aquelles a quem cabe a gloria de fundar uma cidade ou qualquer outra povoação, em paragem que ha que occupar ou que civilisar.

---

sas a vista ou a informação dellas, e que era necessario mudar-se este edificio para outro sitio, porque aquelle não era tão accommodado para seu intento como trazia do reyno por informação, mas por não tomar sobre si só o peso dessa mudança, despois de mandar dizer uma missa ao Espirito Santo, que lhe inspirasse o melhor e o mais acertado, posto o negocio em conselho, a todos pareceu que a cidade se devia edificar meia legua afastada da povoação velha, num logar que todos houveram por convenientissimo para a defensão sua e offensa dos inimigos, quer viessem por mar quer por terra, e com esta detriminação se poz logo mão na obra, a que se deu tanta pressa que ao derradeiro de Abril estava já acabada a fortaleza de madeira, com bastante cantidade de artilharia e a cidade quasi toda cercada em roda, provida de todos os officiaes ordenados para o governo della e com todas as officinas para isso necessarias ».

Ha que advertir que, do lado do Norte da bahia desde a barra, ou antes, desde o local visinho a esta, junto á primitiva povoação, para dentro, o solo se eleva sobre a praia, apresentando uma série de encostas pendoradas, cuja terra vermelha, então vestida ainda de mato virgem, e em algumas partes já de capoeiras originadas pelas roças dos colonos do primeiro donatario, se desmorona com facilidade. A chapada de uma dessas encostas mais visinhas ao ancoradouro foi o sitio pelo qual Thomé de Sousa por fim se decidiu; talvez porque, devendo a nova cidade ser ao mesmo tempo praça forte, julgou conveniente a esta uma paragem tanto a cavalheiro sobre os contornos, com agua potavel perto, corrente por um lado e nascente por outro ; circumstancia que tambem se não dava em Itapagipe, e que era importante a quem não podia começar por construir um aqueducto.

Sobre a encosta se abriram obliquamente duas ladeiras, hoje denominadas do Páo de Bandeira e da Misericordia, que conduziam desde a praia ás portas da cidade, de uma e outra parte della. A mesma cidade coroava a chapada de Norte a Sul, desde o local que foi dado para o collegio dos Padres da Companhia, até o em que, sob a invocação de N. S.ª da Ajuda, se edificou a primeira capella-matriz I). E ahi, roçado o mato, Thomé de Sousa, como prudente capitão que era, se foi aproveitando delle para construir uma forte tranqueira, com a qual desde logo ficassem os colonos ao abrigo das inconstancias do gentio.—Terraplenado um tanto o local, traçou as ruas e praças, fez a distribuição de differentes solares, marcando o dos paços do concelho, da casa do governo, e da dos contos. Para a primeira vivenda dos colonos, construiram-se provisoriamente, com ajuda de muitos Indios, alguns como tujupares cobertos de palma. Depois tratou Thomé

I) A nova cidade, escreveu Valle Cabral, bahiano e muito conhecedor de sua terra, era comprehendida entre o lugar que depois tomou o nome do terreiro de Jesus e o largo do Theatro, actual praça Castro Alves. Nobrega, *Cartas*, 48, n. 3.

de Sousa de dar mais solidez á cerca, substituindo-a por uma forte muralha de taipa, com duas torres para o lado do mar e quatro pela banda da terra, de que já não restavam vestigios alguns manifestos nesse mesmo seculo, segundo Gabriel Soares.

A este arrayal, ainda apenas em principio, deu o primeiro Governador Geral do Brazil o religioso nome de *cidade do Salvador* [13]), e assim se lhe chama em todos os documentos contemporaneos, e não cidade de S. Salvador, como hoje dizem, talvez porque este nome foi o preferido na bulla da criação do bispado. —Ao mesmo tempo deu á *futura* cidade por armas em campo azul uma pombinha J), tendo no bico um ramo de oliveira com a divisa «*Sic illa ad Arcam reversa est*».— E em verdade a cidade do Salvador era effectivamente o symbolo da paz com que o Senhor acudia ao Brazil. Ao logarejo primitivo junto á barra se ficou por muito tempo chamando *Villa-Velha* K), sendo que com tão poucos annos precedera a sua nascença á da sua orgulhosa visinha. Esta, dentro de alguns mezes, já contava cem casas regulares, todas no alto; pois que as da praia, tão expostas, apezar da muralha, a ser soterradas por algum desmoronamento, já se construiram muito depois, em virtude das exigencias do commercio, que se occupa mais do presente que do futuro. O termo da cidade foi fixado, na conformidade do proprio regimento dado a Thomé de Sousa, á distancia de seis leguas para cada banda, exceptuando-se as terras já doadas.

Por tres capitulos do seu regimento, vinha o Governador Geral autorisado para conceder sesmarias nesta capitania, em nome

---

[13]) Brito Freire andou correcto, designando a cidade com este nome em vez de *S. Salvador*, como outros já no seu tempo.

J) Segundo Gabriel Soares, *Tratado*, 2, 5, foi D. Duarte da Costa quem deu por armas á cidade «uma pomba em campo verde com um rolo á roda branco, com lettras de ouro que dizem *Sic illa ad arcam reversa est*». Informa Fr. Vicente do Salvador, *Historia*, 2, 7, que os Indios velhos comparavam o Brasil a uma pomba, cujo peito é a Bahia e as azas as outras capitanias, porque dizem que na Bahia está a polpa da terra.

K) Tambem povoação do Pereira.

d'elrei, com as mesmas clausulas que as davam os donatarios nas outras. Dellas se levava methodicamente um tombo, que não existe. Terras no esteiro de Pirajá sabemos porém que foram dadas a Simão da Gama de Andrade L), o qual tendo vindo por commandante do galeão S. João Baptista, preferiu ali ficar, recebendo uma legua de sesmaria, além da ilha dos Frades, em 17 de janeiro de 1552. No Pirajá tiveram igualmente sesmarias Affonso de Torres e João de Vellosa M). A extensa ilha de Itaparica foi

L) Na sesmaria de Simão da Gama doada a 17 de Janeiro de 1552 lê-se: Dou a Simão da Gama o que me pede... com as seguintes declarações, a saber: da ponta do rio do Pirajá para o Norte até ir dar com a dada de sesmaria que tem Affonso Torres e para o sertão uma legua que será o que alvidrar tres homens bons, ou aquella medida que melhor for para se saber a grandura da legua, e isto se entenderá tirando as terras que já tiver dado no dito limite ou meu antecessor (Francisco Pereira Coutinho), aproveitando-as as pessoas cujas forem, porque pedindo-as para as não aproveitarem por sua culpa serão do dito Simão da Gama, e havendo no dito limite que lhe assim nomeio aguas para engenhos, ou para quaesquer outras moendas eu lhas dou com tal declaração que não impida a moenda de João de Vellosa, nem lhe faça nojo algum, e havendo aguas onde se possa fazer engenho d'açucares, elle supplicante será obrigado de fazer moente e corrente dentro em tres annos, e não o fazendo assi poderá o dito Senhor ou quem meu cargo tiver dar a dita agua a quem a aproveite, e com as mais condicções de meu regimento que serão todas tresladadas na mesma carta de sesmaria, e quando o dito Simão da Gama ordenar fazer o dito engenho ou engenhos lhe assignarei ou quem meu cargo tiver de que grandura será a fortaleza que fizer e que artilharia será obrigado a ter, o que tudo será segundo a disposição de terra onde fizer os ditos engenhos, e assim lhe dou o chão das casas donde ora pousa que está no cabo da rua do Sousa e parte com Diogo Muniz Barreto de uma parte e da outra com a travessa que vai para a estrada dos soldados pela qual estrada parte o quintal das ditas casas, e assim lhe dou a ilha dos Frades que está nesta bahia, com todas as aguas que se nella acharem, e sendo para engenho com as condições acima declaradas que o dito supplicante viva nesta cidade ou em seus termos da feitura desta a um anno e meio. Copia na Bibliotheca Nacional.

Simão da Gama ainda vivia em 1570 e tinha um engenho de assucar, o melhor que havia naquellas partes e muita creação de gado. Em 1587 o engenho pertencia a sua viuva D. Leonor Soares, como se lê em G. Soares.

M) A terra de João de Vellosa fora concedida por Francisco Pereira Coutinho. Nella foi começada obra para um engenho, que depois se deixou damnificar; em 1555 tinha apenas uma casa de taipa descoberta e roças de alguns

por Thomé de Sousa, ou por seu successor, doada a D. Violante de Tavora, mãi do conde da Castanheira, então ministro da Corôa; mas nem a agraciada, nem os seus herdeiros vieram della aproveitar-se, apezar da outorga pelo Soberano de um foral e de muitas confirmações regias, por se haver sempre opposto ao acto de posse a Camara da cidade, allegando uma clausula do dito regimento de que o Governador a cada pessoa só daria de sesmaria a terra que podesse beneficiar, obrigando-se a ir nella viver dentro de tres annos, o que não se realisára com a mencionada D. Violante, nem com seus herdeiros. — A cultura progrediu de modo que nesse anno já a freguezia da terra recebeu setenta e seis mil réis de dizimo N).

A' falta de gados que depressa se fez sentir, como uma das necessidades mais urgentes das roças e lavouras, acudiu Thomé de Sousa mandando desde logo que uma caravella, a *Galga* por nome, fosse exclusivamente destinada a ir buscal-os ás ilhas de Cabo-Verde, levando para a permuta cargas de madeira, a qual obtinha nesse archipelago mui subido preço O). Braços para o trabalho não escasseavam. Os indios comarcãos se acarduma-

---

mantimentos. A' vista disto el-rei mandou a D. Duarte da Costa que a tomasse para nella fazer um engenho por conta da fazenda. Constava então que João de Vellosa estava na ilha da Madeira. Livro 1º dos *Provimentos seculares e ecclesiasticos*, folha 102 (B. N.). Cf. *Rev. Inst. Hist.* **3**, 376, Rio, 1841.

N) Na carta do vigario do Salvador, de 3 de Agosto da 1550, lê-se o seguinte: « ... agora quero lembrar a Vossa Alteza a mercê que me prometteu fazer (pelo bispo de S. Thomé), pedindo-lhe eu um terço dos dizimos desta igreja que este anno de quinhentos e cincoenta estão arrendados em setenta e seis mil réis, e me despachou que me fazia, mas que primeiro queria ter informação de como eu governava o cargo que acceitara ». Copia na Bibliotheca Nacional.

O) Este anno passado, veiu a esta cidade a caravella *Galga* de Vossa Alteza com gado vaccum, que é a maior nobresa e fartura que pode haver nestas partes e eu a mandei tornar a carregar no Cabo-Verde do mesmo gado para tornar aqui, que isto era o que lhe a Casa da India dava por regimento e a mandei carregada de madeira, porque val muito no Cabo-Verde. Ha um anno que é partida daqui e nom tenho nova della Si la nom é arribada ou nova della, deve ser perdida, que este anno passado de cincoenta se haverá medo delle nestas partes, emquanto houver memoria de homens. Carta de Thomé de Sousa.

vam em torno da civilisação, para desfrutar della os beneficios, com o suor do seu rosto, conforme o divino preceito ; e a troco de machados, tisouras, anzoes, espelhos ou avellorios, ajudavam ás roças e plantações. Porém não reconheciam autoridade nem direito algum, e a vida patriarchal não pode subsistir sem a obediencia mais ou menos cega da communidade. Os roubos eram frequentes, e os castigos reputados mui injuriosos ataques. Se porém a amizade durava, se era sincera a alliança com alguma cabilda, este só facto excitava o ciume de outra visinha, dali duas ou tres leguas, que, declarando-se em hostilidade contra os amigos de seus rivaes, os assaltava quando descuidados. Deste modo foram victimas do canibalismo quatro desgraçados colonos, que se atreveram a embrenhar-se um tanto pelo interior.—Soube-o Thomé de Sousa : e encarregou da desaffronta a Pero de Goes, o qual, conseguindo prender dois principaes dos culpados, os mandou fusilar á bocca de um canhão [14]), como primeiro ensaio do systema de terror, que os proprios padres da Companhia, começando por Nobrega, julgaram de boa fé que era o mais conveniente para a sujeição dos adultos; seguindo-se depois, e só depois, os esforços para a conversão pacifica pelos meios da caridade evangelica, e pelos mais de que dispõe a nossa religião, cujo chefe morreu por nos salvar, e cujos principios são axiomas de moral em qualquer paiz. Na verdade mais que nenhuma outra é ella « merecedora de converter a si as almas pelo resplandor da doutrina, pela nobreza do sacrificio, pela policia do culto, pela pureza dos costumes, pela justiça e justificação dos preceitos, pela magestade do premio », segundo se expressa um dos primeiros escriptores [15]) da nossa lingua. Para a conversão dos columins, ou crianças gentias, os meios que melhor se estrearam foram principalmente a musica, o canto e o apparato deslumbrador das cerimonias, que os enfeitiçava. Feitos acolytos os primeiros piás mansos, todos os mais caboclinhos

---

[14]) Carta de Goes [alias de Thomé de Sousa] de 18 de Julho de 1551.
[15]) Lucena, II, c. 12.

lhes tinham inveja, do que se aproveitavam os Jesuitas entrando com elles pelas aldêas em procissões, de cruz alçada, entoando a ladainha, cantando rezas e arrebanhando muitos; com o que se honravam ás vezes os pais. A musica attrahiu assim á civilisação, do meio dos bosques, muitos que se estavam criando para homens-feras; e Nobrega foi quasi um segundo Orfeo em nosso paiz.

O P. João de Azpilcueta Navarro, aproveitando-se do trato de tantos piás, começou com assiduidade a estudar a lingua, a reduzil-a a grammatica, e por fim a prégar nella: e para que os sermões produzissem mais effeito, e não parecessem menos inspirados e persuasivos que as endemoninhadas praticas dos pajés, tratou até de imitar os usos destes, fazendo biocos e visagens, dando de quando em quando gritos mais agudos, batendo com o pé no chão, etc. P).— Com isto não fazia mais do que, muito antes delle, haviam feito na Europa os apostolos do christianismo, que capitularam muitas vezes com o paganismo, admittindo varias praticas barbaras.—Ao mesmo tempo o P. Nobrega prégava aos colonos, e dirigia a escola, á qual concorriam não só os filhos destes, como varios meninos orfãos vindos de Lisboa, e até alguns piás da terra. O collegio jesuitico se estabeleceu n'um dos logares mais bellos da cidade, sobranceiro á bahia, com vistas não só para ella até mui

---

P) Navarro enconlrou facilidade em aprender a lingua da terra por ser conhecedor do euskara. Referindo-se a um meslre João que devia eslar no mesmo caso, escrevia Nobrega a Simão Rodrigues : Tambem me parece que mestre João aproveitaria cá muito, porque a *sua lingua é semelhante a esta* e mais aproveilar-nos-emos ca de sua theologia, *Cartas*, 50. Em outra escreve: e ja sabe (Navarro) a lingua delles que, ao que parece, muilo se conforma com a biscainha, de modo que com elles se enlende, *ib.* 65. Navarro em carta de 28 de Maio de 1550 informa que já tem lraduzido « a creação do mundo e a encarnação e os demais artigos da fé e mandamenlos da lei, e ainda outras orações, especialmente o Padre Nosso ». E' interessante que a primeira grammalica da lingua brasilica fosse devida a José de Anchiela, de origem igualmenle biscainha. As relações entre o euskara e o abanheenga são de ordem morphologica; são ambas linguas encorporanles.—O modo de pregação de Navarro parece que não foi approvado pelo bispo D. Pero Fernandes: Nobrega, *Cartas*, 105.

longe, onde já apparecem pardo-azuladas algumas das ilhas que a povoam, como tambem para o mar a grande distancia Q).

Favorecendo os padres foi que Diogo Alvares prestou serviços pelos quaes merece que neste logar lhe dediquemos algumas linhas. Morador na Bahia desde o anno 1510 [16]), ahi resistira a todas as inconstancias dos gentios; porque, tendo-se criado entre elles desde moço, talvez fôra já outro gentio em tudo, menos na côr da pelle e no pouco que ainda se lembraria da sua lingua. Tinha muitos filhos, e estava assim aparentado por afiuidade, ao modo da terra, com muitos da cabilda a que se aggregara. A tradição, em harmonia com alguus documentos, faz-nos crer que, em certa conjunctura, vendo-se em grande aperto e ameaçado do gentio, usou de um ardil que o salvou, e foi causa de receber dos Indios a alcunha de *Caramurú*, porque ficou sendo conhecido. Vejamos qual foi este ardil, e deixemos de parte a questão secundaria de averiguar se teve logar por occasião do primeiro desembarque do colono e quando elle ainda seria muito moço, ou se depois, como imaginamos nós, quando foi arrojado com o donatario Coutinho na costa da ilha de Itaparica R). Diz a tradição que, achando-se Diogo Alvares na praia, armado de uma espingarda, e vendo-se cercado de muitos gentios, julgou que os amedrontava disparando um tiro, e que tão bom effeito surtiu, que o julgaram munido de um poder sobrehumano, e estiveram logo por tudo quanto quiz. O nome *Caramurú* é o

---

Q) Os Jesuitas quizeram se estabelecer primeiro no monte Calvario, onde esteve uma das portas da cidade, chamada de Santa Luzia, e mais tarde se fundou o convento do Carmo: en este tiempo se recogeron los Padres para la ciudad por consejo de Thomé de Sosa por que no estavam seguros de los Indios en el monte Calvario, y hizieron unas casas de tapia en el lugar donde agora se edifica el Collegio. *Annaes da Bibl. Nac.*, **19**, 82, Rio, 1897.

[16]) O Caramurú perante a Historia, dissertação escripta pelo autor desta historia, premiada pelo Instituto Hist. do Rio de Janeiro, na *Rev.* **10**, 129. O mesmo autor cedeu o premio (uma medalha de ouro) para o mesmo Instituto o offerecer em novo concurso.

R) E' pouco provavel a ultima supposição, porque em tão pouco tempo a alcunha se não teria divulgado tanto. Cf. C. Mendes de Almeida, *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, **39**, II, 17 e seg.

de certa enguia electrica; isto é o de um peixe comprido e fino como uma espingarda, que por suas virtudes de fazer estremecer, e por damnar e ferir poderia ser applicado ao tremendo instrumento (oriundo tambem agora do mar) e por uma facil e insensivel ampliação ao seu portador. Delle Caramurú se valeram muito os primeiros missionarios e o mesmo Thomé de Sousa, para angariar a si os Barbaros visinhos, com ajuda do temor que se lhes chegou a inspirar.

Os Jesuitas encontraram na Bahia um dos principaes da terra que se dizia christão, e outro que em dois dias aprendeu o alphabeto, e que se propoz a seguil-os em tudo. A ambos deram toda a protecção, o que serviu de estimulo a se converterem alguns mais. O padre Leonardo Nunes e o irmão Diogo Jacome foram mandados aos Ilheos e a Porto Seguro, donde voltaram, depois de ahi colherem alguns fructos espirituaes, entre os colonos e seus escravos.

De volta, e em quanto não iam, como foram logo, para São Vicente, assistiram a uma pomposa festividade que se fez para celebrar o dia de Corpus. As ruas estavam enramadas; havia danças e invenções; jogava a artilheria da cerca do Collegio, e muitas trombetas acompanhavam o côro de vozes que regia o dito padre Leonardo. Com tudo isto se deslumbravam os Indios, e a tal ponto que ao depois pediam aos Jesuitas que lhes cantassem, como faziam na procissão.

Maiores embaraços encontravam porêm estes ecclesiasticos para acudir com remedio á relaxação de costumes, que começava a grassar entre os colonos, sobretudo no que respeitava ao sacramento do matrimonio, pelo exemplo dos gentios e de alguns Europeos gentilisados. A falta de mulheres com quem os novamente chegados podessem casar-se, provocados a isso pelo governador e pelos padres, promovia nelles tendencias de requestarem as mulheres da terra. Viu-se um colono ir pedir ao governador por mulher uma escrava sua, propondo-se a forral-a; outros brigavam por ver quem havia de ficar com a criada ou ama de uma familia que viera na armada. A' vista do que, o

padre Nobrega [17]) não fazia senão instar para que da côrte mandassem orphãs, ainda que fossem *erradas*, pois que todas casariam; visto ser a terra muito *grossa* S) e *larga* [18]). E outrosim instavam, tanto Nobrega como o governador, pela vinda de um bispo, para consagrar oleos e chrismar, ou pelo menos de um vigario geral, para castigar e emendar muitos abusos dos sacerdotes, que seguiam, em todas as capitanias, vivendo escandalosamente amancebados. Os seculares, dizia Nobrega [19]) com toda a razão, tomam o exemplo dos sacerdotes, e os gentios o de todos. Da propria capitania de Pernambuco, apezar dos esforços do donatario, que ora por velho pouco mandava, diz elle que ali viviam mui seguramente nos peccados de todo o genero, e tinham o peccado por lei e costume, e que entre os ecclesiasticos se fazia muito mais escandaloso. „ O sertão, accrescentava, está cheio de filhos de christãos, grandes e pequenos, machos e femeas, com viverem e se criarem nos costumes do gentio. Ha grandes odios e baudos; as cousas da igreja mui mal regidas e as da justiça pelo conseguinte."

Tudo mostrava a necessidade de acudir com prompto remedio á religião, poderosissimo instrumento de civilisação e de moral.....

Entretanto os mencionados factos confirmam o que ja em outro logar dissemos: que a gente de origem europea posta em

---

[17]) Carta de 9 de Agosto de 1549 [p. 54/61 da ed. de Valle Cabral].

[18]) Isto succedia ao principio. Pouco depois era necessario dar officio aos que quizessem com ellas casar; e Men de Sá o propunha em 1563, o que se não executara. Vej. a Carta de Fr. André Torneiro de 20 de fevrº. de 1561. Torre do Tombo, P. 1ª, M. 106. D. 122. [Copia na B. N.]

S) Nobrega empregava grossa no sentido de pingue, como se vê dos dois seguintes trechos: Na primeira carta da edição de Valle Cabral lê-se p. 51: « eu um bem acho nesta terra... que é ser a terra grossa e todos têm bem o que hão mister, e a necessidade lhes não fará prejuizo algum ». E alhures p. 54: « E' terra muito grossa e larga, e uma planta que se faz uma vez dura dez annos aquella novidade porque assim como vão apanhando as raizes, plantam logo ramos e logo arrebentam ».

[19]) Carta de 9 de Agosto de 1549 [*Cartas*, 57].

contacto com a da terra não a exterminou, absorveu-a: — amalgamou-se com ella. Tal é a verdadeira razão por que de nossas provincias desapareceu quasi absolutamente o typo indio.

Nobrega apenas recebeu para o seu collegio mais padres, como tinha pedido, tratou de espalhar por todo o Brazil os seus combatentes; e com isso, favorecendo a unidade proverbial da Companhia, concorreu muito para favorecer tambem a do Brazil, entabolando mais frequencia de noticias e relações, de umas villas para as outras, e contribuindo, com as pacificadoras palavras do Evangelho, para estabelecer mais fraternidade, entre os habitantes das differentes capitanias, e para destruir o feio habito, resultante de falta de educação dos habitantes, de se estarem umas ás outras injuriando com doestos, ainda quando mais polidos que os de piratas, ladrões e quejandos. O padre Navarro foi mandado para Porto Seguro, onde estavam os melhores interpretes da lingua tupi T) — talvez ainda, em avançada idade, algum dos deixados por Cabral, e depois pela segunda armada exploradora. Logo o seguiram os irmãos Francisco Pires e Vicente Rodrigues. Este ultimo ja ali tinha construido uma ermida, pela qual começava o povo a ter devoção, fazendo romarias; especialmente desde que correu a voz de que uma fonte visinha era milagrosa para os enfermos. Affonso Braz e Simão Gonçalves foram mandados para o Espirito Santo; o padre Manuel de Paiva tinha ido aos Ilheos, donde foi obrigado depois a voltar, para tomar conta do collegio da cidade, emquanto Nobrega ia visitar as capitanias do Sul U).

T) Entre estes devia estar Espinhoso, de quem fala o jesuita Antonio Blasques, *Revista Trim. do Inst. Hist.*, 49, 1, 8 « um grande lingua que se chama Espinhoso, homem que entre elles tem grande autoridade » ; provavelmente é Diogo Brueza de Espinhosa, companheiro de Navarro na entrada no sertão mencionada na secção seguinte: « Castelhano, grande lingua, homem de bem e de verdade e de bons espiritos », segundo testemunha Men de Sá. — *Revista do Archivo Publico Mineiro*, 6, 1163, Bello Horisonte, 1902.

U) A 28 de Março de 1550 escrevia da Bahia o jesuita Navarro: « Seis mezes ha que o padre Nobrega partiu com a armada a visitar os christãos da costa de São Vicente, e com elle o padre Leonardo Nunes e Diogo Jacome

Esta visita se levou a effeito por ordem de Thomé de Sousa, que desejoso de ser informado de tudo, mandou que fossem igualmente para essas bandas o Ouvidor geral e o Provedor mór, em uma esquadrilha de duas caravellas e um bergantim, ás ordens de Pero de Goes; a qual, sarpando da Bahia, meiado o anno de 1549, entrou successivamente nos Ilheos, em Porto Seguro, S. Vicente; e depois, á volta, no Espirito Santo e outra vez nos Ilheos.

Na primeira dessas capitanias foram presos alguns colonos, que se haviam refugiado, por crimes de pirateria ou pelo ultrage feito ao donatario da Bahia. Infelizmente varios delles poderam depois escapar-se para Porto Seguro, onde lhes deu homizio, como

---

para ficar com uma terra de gentios chamados Carijos». Pelas provisões de Cardoso de Barros ainda existentes se estabelece o seguinte itinerario: Porto Seguro 11 de Janeiro a 5 de Fevereiro de 50; Espirito Santo 26 de Fevereiro a 4 de Março; S. Vicente 28 de Abril a 1 de Agosto. Cf. a carta citada de Pero de Goes, pela qual se vê que só tornaram á Bahia em Outubro do mesmo anno. Assim Nobrega não se achava na Bahia quando chegaram os segundos Jesuitas, vindos em companhia de Simão da Gama, que foram os padres Salvador Rodrigues, Manoel de Paiva, Affonso Braz e Francisco Pires.

Nesta viagem de 49/50 deve ter-se dado o seguinte episodio, mencionado por Antonio Franco na Imagem da virtude no collegio de Coimbra :

« Contou delle um cavalleiro chamado Pero de Goes, o qual sendo capitão ou governador em aquellas partes se confessava com o mesmo padre e era muito devoto seu. Tinha este senhor superstição de não comer cabeça de cousa viva, á honra de S. João Baptista, porque neste dia lhe tinham acontecido alguns desastres. Andando elle de armada e indo o Padre ao visitar ao mar, sendo horas de jantar lhe fez o capitão força que comesse com elle como fez; e trazendo-lhe uma cabeça de um peixe estimado do Capitão, a poz elle e deu ao mesmo Padre, não a querendo comer; e fazendo o padre força que a comesse elle, lhe fez a saber o voto que tinha feito; e logo porfiou que comesse e não curasse disso; o que não querendo fazer, lhe prometteu que d'ahi por diante o faria. Chegando-se o dia de S. João Baptista, que parece estava perto ou era isso em sua vespera, lança o Governador um anzol ao mar, atando a linha no braço; e ferrando logo um peixe do anzol o levava com grande furia ao mar; tanto que acudindo-lhe outra gente se embrulhou o cordel no pescoço de um marinheiro e o apertou de tal maneira que o houvera de afogar, metendo-se-lhe muito pela carne dentro. Emfim que tirando suavemente o cordel, veio no anzol a cabeça de um peixe cortada como com uma faca. E aqui entendeu ser vontade de Deus o que o Padre lhe tinha mandado e ser superstição o que fazia » Nobrega, *Cartas*, edic. Valle Cabral, 11.

dissemos V) o donatario do Espirito Santo, que ahi se achava surto no porto de Santa Cruz. Nas outras capitanias se occupou mui zelosamente o Ouvidor geral de pôr em ordem as coisas da justiça, mandando que nenhum degradado servisse nos officios, e provendo que os cargos do concelho ficassem reduzidos a um juiz ordinario e dois vereadores, servindo um de provedor e outro de thesoureiro; não só pela falta que havia de gente, como porque, dizia Borges, por propria experiencia sabia como as demandas eram em tanto maior numero, quantos mais juizes e escrivães

---

V) Supra 252. Como se vê da carta de Duarte de Lemos, Vasco Fernandes partiu de sua capitania para, juntamente com Duarte Coelho, senhor de Pernambuco, protestar contra o desprezo de suas doações e privilegio que a criação do governo geral importava. O mesmo motivo levaria-o a dar abrigo aos criminosos fugidos dos Ilhéos e presos pelo Ouvidor Geral, cuja autoridade não reconhecia: o seu acto importava simples desforço.

A correição foi causa de uma provisão real a Thome de Sousa, em que se lê: « são enformado que antes de vossa ida a essas partes muitos dos christãos que la audavam commetteram delictos e fizeram erros em seus carregos e officios e tinham culpas por que eram obrigados a justiça, e que indo o meu Ouvidor geral no anno passado de 550 a fazer correição pelas villas e logares dessas Capitanias muitos dos que asi eram culpados se homisiaram e alguns se lançaram com os gentios da terra, e andam antre elles dando lhes mau exempro e usando de seus costumes e outros se vieram a estes reinos e se foram para as Antilhas e outras partes com receio de serem prezos e castigados como per direito mereciam ». Copia no Inst. Hist.

A provisão, passada em Almeirim 6 de Agosto de 1551, perdôa a todos os crimes commettidos antes de chegada do Governador geral, não havendo parte que acuse e residindo o criminoso algum tempo nas povoações. A amnistia não abarcava os cinco casos de heresia, sodomia, traição, moeda falsa ou morte de homem christão.

Pero Borges escreveu uma carta a D. João III, contendo, ao que parece, noticias muito importantes para o periodo dos donatarios.

O A. que a descobriu e cita nunca a publicou. Quando João Francisco Lisbôa examinava os archivos portuguezes por conta do governo brasileiro, escreveu pedindo-lhe as indicações do documento para mandar copial-o; em vez dellas, recebeu uma copia. (Os *Indios bravos e o Sr. Lisboa, Timon* 3º, 99, Lima, 1867) A copia pertencente a João Lisboa não existe no Instituto Historico. O original parece que desappareceu da Torre do Tombo. Assim de Pero Borges tudo quanto possuimos é uma ligeira apresentação de Paulo Dias, publicada por Valle Cabral em sua edição das *Cartas* de Nobrega, p. 62 a que já fez referencia a nota 11 desta secção.

havia. Metteu tambem ua ordem alguns tabelliães, que nem estavam encartados, nem juramentados, nem tinham livros de querellas, e as tomavam em pedaços de papel, levando ás partes o que bem queriam. Degradou de umas para as outras capitanias alguns colonos que viviam abarregados, deixando de o fazer para a costa d'Africa, como dispunham as Ordenações, porque em sua opinião, para a colonisação desta terra ir avante, era necessario em muitos casos deixar de seguir estas, que haviam sido feitas „não havendo respeito aos moradores do Brazil."

O Provedor mór tambem por sua parte tratou de dar ordem a todas as provedorias, nomeando para ellas pessoas de confiança, e entendendo-se com os donatarios, ou seus loco-tenentes sobre as melhoras necessitadas nas alfandegás, almoxarifados e collectorias.

Quando o Ouvidor geral e o Provedor mór haviam despachado de S. Vicente, Pero de Goes voltou para o Norte X). Entrando no Rio de Janeiro, encontrou fazendo brazil dois Francezes, que logo prendeu e depois mandou á Bahia. Um era grande lingua, e bem aferrolhado foi, mettido em um bergantim, para servir de interprete no commercio da costa. O outro era habil ferreiro, e ficou na cidade do Salvador, fazendo béstas e espingárdas. Thomé de Sousa dizia mui tranquillamente delles ao rei que os não mandára enforcar, porque tinha necessidade de gente que não cobrasse do Thesouro.

X) Ha duas versões differentes dos factos passados com Pero de Goes, uma destas em sua carta de 29 de Abril de 1551, publicada na *Revista do Inst.* de 1843, com a dáta errada de 1554, escripta da cidade do Salvador, não da villa da Rainha, como ali se lê; outra na carta de Thomé de Sousa de 18 de Julho do mesmo anno. Não combinam entre si: segundo Thomé de Sousa, Goes esteve no Rio de Janeiro duas vezes, segundo o proprio Goes, apenas uma vez. Talvez as duas versões se conciliem admittindo que em carta anterior a que se refere, escripta de S. Vicente em Julho de 1550, Goes houvesse contado sua primeira excursão ao Rio, que se limitou á prisão de dois francezes; por isso della não falou novamente.

O combate não se travou exactamente no Cabo-Frio, porem mais a Oeste.

Do Rio de Janeiro passou Goes ao Cabo-Frio, onde encontrou uma náo franceza. Combateu com ella [20]) durante dois dias e meio, mas não conseguiu apresal-a, não só pelo máo estado em que levava a sua esquadrilha, como por se haver apartado uma das caravellas, cujo capitão, Christovam Cabral Y), foi por isso deposto e preso no Espirito Santo, onde Goes teve que demorar-se alguns dias, soccorrendo o Ouvidor geral «por a terra estar quasi perdida com discordias e desvarios, por nom estar Vasco Fernandes nella e ser ido» [21]). Seguindo pelos Ilheos, onde o Ouvidor geral se deixou ficar, para continuar na sua correição, veiu Goes a entrar na Bahia em Outubro. De Goes informava o Governador, que cumpria em tudo seus deveres de boa vontade, que da terra em que gastara mais do que tinha, conhecia as industrias melhor que ninguem, e que só por bem do serviço publico se havia dedicado na cidade do Salvador á construcção de uma das suas melhores casas Z).

---

[20]) C. de Goes de 29 de abril de 1551, *Rev. do Inst.* 5, 443. [1ª ed. ha mais duas, de paginação differente]. Leu-se e imprimiu-se por engano 1554.

Y) Christovam Cabral fora nomeado capitão de um dos navios que deviam andar armados no Brasil a 24 de Janeiro de 1549, seg. documento de que possue copia a Bibliotheca Nacional. No governo de D. Duarte da Costa foi commandando um brigantim aos Ilheos, *Rev. Trim.* 49, I, 570, 575.

[21]) «Não sei se lá, se onde,» acrescenta Goes, alludindo aos boatos de que desertára para França, como pensava Duarte de Lemos, em carta que escrevia ao Rei, em 14 de Julho de 1550.

Z) A casa de Pero de Goes foi depois comprada para moradia do Bispo pelo preço de 80$, dos quaes 40$ foram mandados pagar a 9 de Julho de 52 e 40$ a 6 de Maio de 53. *Livro 1.º das Provisões,* fl. 313 r, 351 r. Só depois desta data Pero de Goes partiu do Brasil.

SECÇÃO XVI

CREAÇÃO DE UM BISPADO — CONCLUE O GOVERNO DE THOMÉ DE SOUSA

O padroado. Primeiro bispo. Verdadeira data da bulla da criação do bispado. Partida immediata do Bispo. Extensão da diocese. Indios. Iperú e Miranga. Visita Thomé de Sousa as capitanias do Sul. Pintura do Rio de Janeiro. S. Vicente. Naufragio de Senabria. Communicação de S. Vicente com o Paraguay por terra. Projectos de Thomé de Sousa. Noticias de minas. Vantagem de se não ter achado minas. Primeira exploração dos sertões de Minas. Thomé de Sousa. Seu regresso e destino. Armada de Luiz de Mello. Sua perda.

Emquanto toda actividade, de que demos conta na secção precedente, se desenvolvia no Brazil, a Côrte não estava ociosa, e continuava por sua parte a ajudar a que se levasse a cabo a obra da regeneração do novo Estado, que com a vinda de Thomé de Sousa havia cobrado os alentos de vida de que ia carecendo.— Ao embaixador em Roma Balthasar de Faria passaram-se ordens terminantes, em 31 de Julho 1550 A), afim de impetrar a bulla para a creação de um novo bispado, com a sé na propria cidade do Salvador, acrescentando-se-lhe que impetrasse tambem o provimento da nova mitra em favor de Pero Fernandes Sardinha, que estudára em Paris, onde tomára o gráo de bacharel, e nesse tempo era clerigo em Evora.

A bulla da creação do novo bispado, que se chamou de S. Salvador, continha a um tempo o provimento e a confirmação do dito bispo; e foi expedida, segundo nossas finaes averiguações [1]), aos

---

A) Tanto a carta a Balthasar de Faria como outra na mesma data dirigida ao Papa estão publicadas no *Corpo diplomatico portuguez*, 6, 376/378, Lisboa, 1884.

[1]) A bulla principia «*Super specula militantis Eclesiae.*» O seu original se guarda na Torre do Tombo (A. 12, m. 31, n. 1). Foi pela 1.ª vez im-

25 de Fevereiro do anno de 1551, e não do de 1555, ou de 1550 como se chegou a acreditar. O Bispo não se demorou muito em seguir para o seu destino; effectuando a sua partida de Lisboa em fins de Setembro [2]); de modo que, antes do fim desse mesmo anno, se achava ja na diocese B).

Ficavam pertencendo á mesma diocese, declarada suffraganea do arcebispado de Lisboa, todas as terras do Brazil, desannexadas

---

pressa, em 1806, pelo Dr. Miguel Leitão na sua «*Refutação*» etc., e reimpressa em 1808 pelo bispo Azeredo. Reproduziu-a o sr. C. Mendes em 1866 no seu *Direito civil Eclesiastico*, **1**, 521/529. Mas a apuração do verdadeiro anno da data, de ser 1551 e não 1550, só foi por nós feita, annunciando-a por 1.ª vez em 1874 no Postfacio da 2.ª ed. da *Hist. das Lutas*, pag. XI e segs. [Nova edição da bulla no *Corpo diplomatico portuguez*, **7**, 2/7, Lisboa, 1884. Cf. C. Mendes de Almeida, *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, **40**, II, 365/369, onde pela primeira vez foi apurada a data exacta da chegada do primeiro bispo ao Brasil.]

[2]) No alv. de 16 e c. regia de 22 deste mez (1551) se dizia que o bispo «ora vae» para a Bahia, onde J. P. Ribeiro assegurou (*Diss. Chr*, **3**, 192) que chegára em fins do seguinte Outubro. [Cf. C. Mendes de Almeida, *Rev. Trim. do Inst. Hist.* **40**, II, 366 e seg.]

B) A respeito da partida do primeiro bispo e da sua chegada ao Brasil dissipam quaesquer duvidas os seguintes documentos.

O primeiro é uma carta do proprio Bispo escripta de Cabo-Verde a 11 de Abril de 1551, em que se lê: partimos de Belem a 24 de março e aos vinte e sete viemos á vista da ilha da Madeira com Nortes, Nordestes e Lestes tão rijos que pareciam que falavam e com elles corremos até altura das Canarias. Daqui por diante viemos com ventos galernos e brandos até essa ilha de São Iago de Cabo-Verde, onde surgimos a 8 de Abril tres horas ante manhã (a copia do Inst. Hist. dá: *tres dias ante mansão*, o que não faz sentido) em conjuncção que dóis navios davam a vela para o reino e por cuidarem que eramos (copia do Inst. Hist. *viamos*) francezes tornaram a amainar até que foi de dia. Muito mais cedo achegaramos a esta ilha se correramos com todas as velas, mas por esperar pelas naus da India e em especial pela nau Barileira que nunca ha de perder o nome de zorreira, não corriamos senão com o papafigo e o traquete de proa... (Copia no *Inst. Hist.*)

O outro documento é uma carta de Manoel da Nobrega, escripta em Julho ou Agosto de 1552 em que se lê; Vespora da vespora de S. João chegou o Bispo a esta bahia, com toda a nau e gente de saude, posto que trouxeram prolixa viagem... *Cartas*, 94.

A viagem seria de facto muito prolixa si durasse de 24 de Março de 1551 a 22 de Junho de 1552, como o primeiro exame levaría a concluir; durou, porém, muito menos. Si não houve lapso, o Bispo contava o anno não do

para este effeito da mitra do Funchal; — bem entendido porem que, como terras que eram do padroado da ordem de Christo, continuavam sujeitas *in spiritualibus et in temporalibus* ao seu grão-mestre, que era agora elrei D. João III, a quem, pela morte de elrei D. Manoel, o papa Adriano VI conferira essa dignidade em 1522; e depois vieram a tel-a todos os reis seus successores. Pois que fallecendo (em 22 de Julho de 1550) o mestre das ordens de Santiago e San Bento, D. Jorge, o Papa Julio III, imitando o que já a curia concedêra á Hespanha para augmentar o poder real, annexou e incorporou para sempre o grão-mestrado das tres ordens na Corôa; com o que, de então em diante, coube

---

1° de Janeiro, como já era costume commum, mas com atrazo de um anno approximadamente como tambem se usava. Então deveria se accrescentar 1 a suas datas para pôt-as de accordo com os contemporaneos.

Da armada em cuja companhia partiu o Bispo dá a seguinte noticia Diogo do Couto, *Decada*, **6**, X, 6, que aliás se engana fazendo-a partir em Abril:

« Andando o Visorei (D. Affonso de Noronha) dando pressa a sua embarcação, sendo 8 de Setembro, chegaram á barra de Goa trez naus de seis que este Abril (*sic*) passado de cincocnta e dois tinham partido do reino, de que eram Capitão-mor Fernão Soares de Albergaria, que vinha na nau S. Boaventura. Os outros capitães que com elle chegaram foram: Francisco da Cunha, na nau S. Pedro; Braz da Silva de Santarem em S. Philippe. As tres naus que faltaram eram a *Barrileira*, de que era capitão D. Jorge de Menezes Baroche e Sant-Iago, em que vinha Antonio Dias de Figueiredo, que ambos ficaram invernando em Moçambique. Da outra nau que era o Zambuco, vinha por capitão Antonio Muniz Barreto, despachado com a fortaleza de Baçaim, e vindo demandar a costa da India, foi varar no rio de Seitapor, trinta leguas de Goa, e a gente toda se salvou em terra com a mor parte de fazenda ».

Juntaremos as poucas notas biographicas conhecidas sobre o primeiro bispo do Brasil e reunidas por Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, **3**, Lisboa, 1752.

Nasceu em Evora, provavelmente no seculo 15° pois Nobrega, que não era moço, refere-se a sua idade avançada, e D. Duarte em 1556 dava-lhes sessenta annos, *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, **49, I.** Foram seus paes Gil Fernandes Sardinha e Lourença Fernandes, seu irmão Alvaro Gomes, famoso theologo, mais tarde confessor de D. João 3.° Estudou na universidade de Paris, ensinou na de Salamanca. Em Paris estava cerca de 1528. Foi na India provisor e vigario geral, provavelmente depois da morte de Miguel Vaz em 1546.

no Brazil aos reis a apresentação das igrejas e beneficios, e a cobrança e administração dos dizimos [3]).

O nosso primeiro prelado, sem deixar de conhecer os abusos ecclesiasticos que iam pela sua diocese, sobretudo no que respeitava ao desejo do ganho (mal de que até padecia o que fazia as vezes de vigario á sua chegada C), não entrou nas reformas com excessiva severidade, por lhe parecer « que nos principios (assim o diz em carta ao rei) muitas mais cousas se hão de dissimular que castigar, maiormente em terra tão nova». Concorde com os Jesuitas sobre os effeitos prodigiosos da musica no coração humano, pediu que lhe mandassem orgãos para a nova sé. Ao mesmo tempo participava haverem chegado de S. Vicente algumas noticias de descoberta de ouro, as quaes, no seu entender, muita conviria mandar assoalhar pela Europa D), para que

---

[3]) Essa anuexação e incorporação teve logar pela bulla *Praeclara charissimi* do 3° das kal. de janeiro de 1551, ou de 30 de dezembro de 1550, cujo texto se encontra na Torre do Tombo Gav. IV, I, 18; V, I, 9 e V, 3, 4; havendo della varias edições; v. gr., H. G. [*Historia Genealogica, Provas*] II, n. 121, 718; *Est. de Chr.;* duas do bispo Azeredo Coutinho, de Londres 1817 e 1818, na *Copia da carta* ao Sr. Dom João VI, p. 111 e segs., e na *Copia da Analyse*, etc., pag. 260. José de Seabra, que foi quem referendou a C. de lei de 19 de Junho de 1789, enganou-se dizendo no preambulo que esta bulla fôra « dada em Roma aos 4 *de Janeiro* de 1551. »

C) Carta do Bispo de 12 de Julho de 1552, (esta é realmente de 52 e não de 53, na *Rev. Trim*, 49, 1, 582). Diz dissimular as vacas, bois e grangeria que o vigario (Manuel Lourenço, como vimos) tem e outros tratos. Tambem annuncia o projecto de nomear deão da Sé Gomes Ribeiro, que fôra frade de S. Domingos, e lembra para arcediago Francisco de Vacas, secular chegado dois dias antes do Espirito Santo, e grande musico: depois ambos se tornaram seus inimigos e foram a verdadeira causa de todas as desordens narradas adiante.

Manoel Lourenço ausentou-se em 1554 e para sua vaga foi nomeado interinamente Luis Dias, em 30 de Junho; a 29 de Maio de 1556, o vigario chamava-se João Lourenço — *Livro 1° de Prov. sec.*, f. 72 r, 111 r.

D) Pelo reino, diz o Bispo, l. c., e é mais natural. O navio chegara de S. Vicente a 11 de Julho. Sobre as minas de S. Vicente escrevia em 1550 Juan Sanches, piloto da malograda expedição de Diego de Senabria: En la capitania de San Vicente, en toda su comarca, y á la parte donde nosotros poblamos los portugueses han hallado muchas minas de plata muy ricas, y esto digo porque en mi presencia hizieron muchas fundiciones las quales todas

a cobiça delle estimulasse a vinda de muitos colonos. Quanto aos Indios, sabemos que entregara a sua submissão ao Governador; o qual não se descuidava de seguir acerca delles o systema de os amedrontar, com que tão bem se dera. Dois dos chefes mais poderosos dos arredores da Bahia, o Tubarão (Iperú) e Miranga E) antes unidos, se desavieram e malquistaram por este tempo, com o que mais seguros ficaram os colonos.

Cumprindo as ordens do rei, empenhou-se Thomé de Sousa na construcção de uns modestos *paços* para o primeiro bispo, perto da nova cathedral; passou alguns alvarás de fiança e perdão a varios christãos que andavam *homisiados* entre os gentios; mandou pagar a Braz Cubas duzentos mil reis que despendera, guerreando o gentio levantado em S. Vicente F). Coube-lhe igualmente

---

envian al Rey de Portogal para que luego envie á poblar toda la costa. Morla Vicuña, *Estudio historico sobre el descubrimiento y conquista de la Patagonia y de la tierra del Fuego*, 296, Leipzig, 1903.

E) Mirangaoba é o nome completo; foi o principal da aldeia de S. João fundada em tempo de Men de Sá; receioso de ser punido por ter morto um filho de Caramurú, fugiu com a maior parte dos companheiros, quando aquelle governador partiu na primeira expedição ao Rio de Janeiro *Rev. Trim. do Instit.* 57, I, 216. «Bem alembrará a Vossa Merce, escreveu Nobrega a Thomé de Sousa, como em seu tempo se dividiram estes indios desta Bahia, scilicet: os do Tubarão com os de Mirangaoba, com que Vossa Mercê folgou muito e os Christãos todos, e em tempo de D. Duarte se encarniçaram tanto em tão grande crueldade, que cada dia se matavam e comiam, porque não estavam mais de meia legua um dos outros e desta cidade duas ou tres, e tão desassocegados andavam que não era possivel poder-se-lhes ensinar doutrina a uns nem a outros». *Cartas*, 158.

F) Relativos a este assumpto o Instituto Historico possue copias de dois alvarás dirigidos a Thomé de Sousa, em 25 de Junho e 4 de Dezembro de 1551.

Consta do primeiro que nas guerras havidas até 1549, despenderam-se 1800 cruzados da fazenda real. Pediram os officiaes e moradores da capitania de S. Vicente que lhes fosse dada quitação desta quantia, e el-rei concedeu, comtanto que tomassem a si as despezas com a fortaleza de Bertioga, que mandara construir, até de todo ser acabada: si não estivessem porisso, teriam de entrar com o dinheiro.

O segundo manda verificar si de facto Braz Cubas gastou como allega duzentos mil reis de sua fazenda nas guerras com os Indios, sendo capitão e ouvidor com alçada em 1546; caso isso se verificasse, Thomé de Sousa tinha ordem de fazer o pagamento.

dar cumprimento a uma ordem, de 20 de Julho (1551), dispondo que os que, nesse anno e no immediato, passassem á Bahia, ou ao Espirito Santo, á propria custa, tivessem isenção dos dizimos por cinco annos, e concedendo aos lavradores, vindos das Ilhas, viagem gratis e a dita isenção por tres annos; e quando fossem carpinteiros, calafates, tanoeiros, ferreiros, serralheiros, bésteiros, pedreiros, cavouqueiros, serradores ou oleiros, gosariam da dita isenção pelos cinco annos; pagando porem a redizima e os demais direitos.

Por esse tempo ja a cidade capital se achava bastante bem fortificada, e toda muralhada de taipa, tendo dois baluartes, um delles de madeira de mangue, junto á praia, guarnecido com dois camêlos, dois falcões e uma duzia de berços. A dita muralha de taipa sahiu um pouco alta, e não deixou de soffrer na invernada desse anno, mas logo se reparou, fazendo-se, para mais segurança, rebocar de cal. A casa da camara e cadeia, bem como na ribeira a da alfandega, armazens e ferrarias, tudo estava já acabado e coberto de telha [4]).

A petição de Francisco Rodrigues, procurador do concelho da cidade, veiu Thome de Sousa a resolver, em 31 de Maio de 1552, que, além das seis leguas designadas para termo da mesma cidade, de cada lado, a camara houvesse mais uma sesmaria de tres leguas ao longo do mar; começando a contal-as desde duas leguas além do rio Vermelho, e indo para o sertão todo o espaço que fosse de campo bom para pastos, e exceptuando as matas e as aguas [5]).

As informações que deram ao governador Thomé de Sousa os chefes das repartições da Justiça, da Fazenda, e da Marinha,

---

[4]) C. do mestre das obras Luiz Dias, de 15 de Ag. de 1551; em que pede licença para regressar ao Reino, por ser já velho e mal disposto, e para amparo de « uma velha, que tinha. » [O documento foi publicado por Sousa Viterbo, *Dicc. dos architectos portuguezes*, **1**; 552, Lisboa, 1899: Cf. *ib.* 279 seg. Luis Dias, que só tornou em 1553 com Thomé de Sousa, trouxera um filho chamado Custodio].

[5]) A Camara só veiu a tomar posse desta concessão, em Itapuão, aos 16 de Nov. de 1557. [Não são conhecidos no Rio os documentos relativos a este ponto].

puzeram-o em circumstancias de administrar desde logo com mais confiança, tendo junto a si pessoas de tanto voto com quem aconselhar-se. Entretanto não deixavam as proprias relações desses conselheiros de lhe criar desejos de por si mesmo avaliar e conhecer tudo, até porque, havendo ja associado o seu nome a este paiz, e desejando que a sua obra não ficasse perdida, contava seguil-a com os olhos ainda depois de recolher á patria, e estar nas circumstancias de apreciar de la os factos, e de informar o governo ácerca delles. Além disso, as noticias que haviam chegado á corte da costumada frequencia dos navios francezes, maximé no porto do Rio de Janeiro, haviam produzido uma ordem expressa para o fortificar, e convinha-lhe indagar se nas capitanias do Sul adquiriria gente e meios para fazel-o, pois ali da Bahia nada podia então dispensar.

Determinado assim a correr as capitanias, só o poude verificar no fim do anno de 1552. E com uma náo e duas caravellas, sob o mando de Pero de Goes, e em companhia do padre Nobrega [6]), que pela segunda vez passava ao Sul, abalou o primeiro governador do porto da povoação que deixava fundada.

Nos Ilheos destituiu ao capitão que estava, e nomeou em seu logar a João Gonçalves Drummond, «fidalgo de cota d'ármas», procedente da ilha da Madeira G). Aqui, e nas outras terras para o Sul, foi provendo á segurança das povoações e dos engenhos, mandando levantar muros ou tranqueiras e deixando alguma artilheria á responsabilidade dos almoxarifes. Fez igualmente levantar pelourinhos nas villas, e construir cadêas e casas de audiencia, onde as não havia, e até n'alguns pontos providenciou ácerca do endireitamento das ruas, quando isso se podia conseguir sem opprimir muito os povos.

---

[6]) Cart. deste P. a Thomé de Sousa em 1559. [*Cartas*, 146/168.]

G) Já estava provido a 21 de Novembro de 1552; o loco-tenente do donatario a quem substituiu chamava-se Francisco Lopes Raposo. *Livro 1º de Provisões*, 340 r. A 18 fôra nomeado provedor da fazenda real no impedimento de Affonso Alvares Furtado. *Livro 1º dos Provimentos secul. e eccl.* 50 v.

Ao entrar de passagem no porto do Rio de Janeiro, Thomé de Sousa parece não ter expressões com que encarecer a sua importancia. Ouçamos o que escreve ao rei. « Mando o dibuxo delle (rio de Janeiro) a V. A., mas tudo é graça o que delle se póde dizer, senão que pinte quem quizer como deseje um rio, — isso tem este de Janeiro. Parece-me que V. A. deve mandar fazer ali uma povoação honrada e boa; porque ja nesta costa não ha rio em que entrem Francezes senão neste. E tiram delle muita pimenta, e fui sabedor que um anno tiraram cincoenta pipas; e tirarão quanta quizerem, porque os mattos a dão da qualidade desta de cá, de que V. A. deve ter informação. E escusar-se-hia, com esta povoação armada nesta costa. E não ponha V. A. isto em traspasso... E se eu não fiz fortaleza este anno no dito rio, como V. A. me escrevia, foi porque o não pude fazer, por ter pouca gente, e não me parecer siso derramar-me por tantas partes. E ácerca deste caso e de outra bahia que se chama angra dos Reis dará a V. A., larga informação Pero de Goes H»).

Na capitania de Martim Affonso [7]) approvou o Governador a fundação da villa de Santos, onde se achava ja a alfandega, defronte do melhor porto da ilha: e sem deixar de reconhecer que esta, com só tres leguas de extensão, era pequena para duas villas, não se atreveu a abolir a de S. Vicente, por ser a primeira fundada no Brazil, e ter muito boas casas de pedra, e uma honrada igreja, e um collegio da Companhia de Jesus, pouco antes estabelecido.

Tambem preveniu as duas povoaçõès das assaltadas que em suas canoas continuamente davam os gentios visinhos, pela barra da Bertioga, fundando uma villa, e fazendo fortaleza [8]), da qual

---

H) Desta carta não existe copia no Rio.

[7]) Devia estar ali em 8 de Fevereiro, em que tambem se achava Pero de Goes, segundo Fr. Gaspar, p. 42 e 43.

[8]) A' vista disto parece inventada a provisão de 25 de Junho de 1551, que cita Fr. Gaspar (225 e 226), todo empenhado em fazer crer que a divisão dos dois donatarios irmãos tivera logar pela barra da Bertioga, e não pela de S. Vicente, como succedia.

mandou a planta a el-rei. Era uma torre quadrada com tres andares de frestas ou séteiras, flanqueadas por duas como guaritas circulares da mesma altura.

Emquanto nesta capitania parava Thomé de Sousa, vieram informal-o de que uma armada de D. Fernando de Senabria I), que ia para o rio da Prata, naufragara perto da ilha de Santa Catharina, e de como para aquellas bandas estavam ao desamparo umas sessenta pessoas, das quaes metade mulheres. Fez buscar a todos; e vendo que entravam no numero dos que haviam salvado só as vidas a viuva e filhas de Senabria, e mais nove ou dez nobres, repartiu com elles e ellas quanto á custa de seu trabalho havia junto, diz elle, durante trinta e cinco annos. Parte da gente que se salvou foi d'ali por terra até a cidade da Assumpção no Paraguay, que, segundo affirmavam, devia estar quasi naquella altura, e na distancia de menos de cem leguas. Sabemos que a communicação, desde as proximidades da ilha de Santa Catharina, já havia sido

---

I) Chamava-se Juan de Senabria o governador nomeado para o rio da Prata, que falleceu antes de partir. Succedeu-lhe no mesmo cargo Diego de Senabria, seu filho. Sahindo, com uma armada de tres navios, de S. Lucar, em Abril de 49, seu navio desgarrou e foi dar no cabo de S. Roque e na costa Este-Oeste onde perdeu-se; com alguns companheiros, chegou num bergantim muito desbaratado á ilha Margarida, donde escreveu á Sacra C. C. Majestade a 26 de Dezembro de 1551 uma carta contando suas miserias, publicada por Morla Vicuña, o. c., 301/302.

Os outros dois navios, em que vieram D. Mencia de Calderon, mãe de Diego, suas irmãs, Juan de Salasar, o allemão Hans Staden, naufragaram na costa brasileira. Sua illiada, que não interessa a nossa historia, pode ser estudada no livro de Morla Vicuña e nas *Cartas de Indias*, Madrid, 1877. D. Mencia Calderon informa que nos quatorze mezes que assistiu em S. Vicente ficou devendo mais de duzentos cruzados a Pedro Rossel, feitor de Erasmo Schetz, já nosso conhecido. Por fim decidiu-se a ir ao Paraguay por terra. A 20 de Março de 1556 constava em Assumpção que já chegara ao Guayra. *Cartas de Indias*, 582.

Os naufragos hespanhoes queixam-se do modo por que foram tratados em S. Vicente. Dos documentos portuguezes apenas consta que ás naufragas fidalgas que fizera vir do porto dos Patos, Thomé de Sousa mandou dar cem cruzados por conta da fazenda real; posteriormente D. Duarte da Costa favoreceu-as com mais cem cruzados e algum panno e deu resgate ao capitão Salasar. Este fornecimento foi suspenso por ordem real a 10 de Abril de 1556 —*Livro 1° Prov. sec. fol. 109 r*. B. N.

levada a effeito pela expedição de Cabeza de Vaca, que do porto do rio de S. Francisco havia subido ás cabeceiras do Iguaçú, e chegado por este até o Piquery [9]; e tambem temos hoje a certeza do facto da viagem que fez o allemão Ulrico Schmidel, do Paraná até as terras de João Ramalho, na capitania de S. Vicente [10]. Esta communicação para o Paraguay, por via de S. Vicente, tinha-se feito tão frequente que no anno de 1552 a alfandega deste porto havia rendido cem cruzados mais, de coisas que alli traziam os Castelhanos a vender J). Thomé de Sousa tomou providencias para vedar esta communicação, e exclama, dirigindo-se ao rei: «Parece por constellação não se poderem os Portuguezes em nenhuma parte desapegar dos Castelhanos». Acrescenta que embora o julgassem máo *espherico* e peor cosmographo, elle «não sabia d'isso nada, senão desejar que o mundo todo fosse de seu rei». Esta informação levou a côrte de Portugal a prevenir em Castella ao seu representante João Rodrigues Corrêa que reclamasse contra os Castelhanos da Assumpção, que entravam nas terras do Brazil, com morte de muita gente [11]; ao passo que, pouco depois, escrevia a côrte de Castella á de Lisboa [12] representando contra «os máos tratamentos e oppressões que o governador e outras justiças da costa do Brazil faziam a seus subditos, que iam e vinham do rio da Prata.»

---

9) Herrera, VII, c. 2. p. 8.

10) Southey, **1**, 350 (2.ª Edic.) e **1**, 473 da trad. em portuguez; onde se deve ler *Borda do Campo*, por *Fôrça do Campo*. Schmidel designa João *Ramalho* por João *Reivielle*. [Cf. C. Mendes de Almeida, *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, **40**, II, 181 e seg.]

J) As *Cartas de Indias* notam as seguintes viagens: em 51 de Christoval Saavedra, pelo mesmo caminho de Cabeça de Vaca; em 52 de Hernando de Salazar pelo rio Itabuca e Hubay; em 54 chegam ao Paraguay cartas e avisos de S. Vicente; em 55 Irala recebeu cartas de S. Vicente e Francisco Gambarota foi do Paraguay a S. Vicente; em 56 chegam ao Paraguay Juan de Salazar e Cypriano de Goes.

11) Da Coll. de S. Vicente, III, fol. 49 e 313.

12) Valladolid, 24 de Novembro de 1555, 1, 97, 21. [Copia na B. N.: *Torre do Tombo*, 350].

Por esta occasião, criou Thomé de Sousa a villa da Conceição de Itanhaem, á qual mandou reunir toda a gente derramada por aquellas praias meridionaes da capitania.

Subindo serra-acima, fez tambem juntar á borda do campo todos os povoadores por ali dispersos, erigindo a villa de Santo André K), no logar em que estava uma hermida de igual invocação. Cercou-a, e nomeou capitão della a João Ramalho, de quem já nos occupamos, e que n'aquelles sitios vivia desde mais de trinta annos antes, e que tinha filhos e netos sem conta. Um dos fins desta povoação era o de impedir que por ali se fizesse frequente o commercio para o Paraguay; seguindo-se assim no Brazil, a respeito da Castella, a mesma politica reservada que usava a metropole. Dadas estas e outras providencias, regressou Thomé de Sousa á cidade do Salvador que fundara, e que ja estava anciosa de o ter de volta.

Apenas chegado, despachou para Portugal a Pero de Goes, encarregando-lhe de informar minuciosamente á côrte de tudo quanto passava, e de sollicitar a realisação das providencias que elle Governador por escripto propunha. Estas se reduziam a pedir: 1.º O refôrço de dez individuos habeis e honestos, em quem podesse confiar, para os fazer capitães das terras e officiaes da Fazenda; 2.º Que se resolvesse que todos os donatarios viessem morar nas suas capitanias, a não terem motivo muito justo que os impedisse; 3.º Que se enviasse para a cidade do Salvador um capitão especial ou alcaide-mór, que podesse pela mesma cidade responder, durante a ausencia do Governador geral, em suas visitas ás

---

K) Diz Fr. Gaspar da Madre de Deus que Thomé de Sousa mandou crear uma villa em Piratininga, comtanto, porém, que antes disso a fortificassem com uma trincheira e quatro baluartes, onde se cavalgasse artilharia. Deu João Ramalho cumprimento a estas condições, fazendo a sua custa a trincheira, baluartes, igreja, cadêa e mais obras publicas necessarias. Depois de tudo concluido, subiu a serra Antonio de Oliveira, loco-tenente de Martim Affonso, acompanhado do provedor da fazenda real Braz Cubas, e levantou pelourinho na povoação de Ramalho aos 8 de Abril de 1553, em nome daquelle donatario, dando-lhe o titulo de villa de Santo André. Della ficou sendo alcaide-mór o referido João Ramalho, que já exercitava o cargo de guarda-mór do campo: *Memorias da Capitania de S. Vicente*, 1, 158.

outras capitanias; 4.° Que se lhe mandassem recursos para povoar o Rio de Janeiro, onde, em seu entender, conviria ter outro ouvidor; 5.° Que se ordenasse que nas villas de Santos e S. Vicente se construissem castellos, por isso que, por muito derramadas as povoações, não era possivel mural-as.

Igualmente propunha Thomé de Sousa a suppressão dos cargos de provedor mór e de capitão mór do mar. Tudo quanto correspondia áquelle podia, em sua opinião, ficar unido ao ouvidor geral, não só por maior economia, como por mais autoridade, conservando, para regularidade do serviço, ás suas ordens um escrivão da Fazenda e outro da Justiça L).

Quasi todas estas propostas vieram a acceitar-se; umas logo, outras pelo tempo adiante; ou pelo influxo que ficaria tendo Thomé de Sousa nos negocios do Brazil, ainda depois de regressar á Europa, ou porque a experiencia comprovava a sua necessidade.

Porêm outro assumpto chamava agora as attenções do Governador geral. Os rumores da existencia de minas de ouro, cuja descoberta tanto lhe estava recommendada, cresciam todos os dias.

As noticias vindas de S. Vicente, e de que á Côrte dera conta o Bispo, se tinham seguido outras mandadas de Pernambuco pelo Provedor mór M); mas eram especialmente as recem-

---

L) O A. aproveitou duas ou tres carlas de Thomé de Sousa: uma, de 15 de Julho de 1551, é conhecida e está publicada; das outras não conhecemos as datas, nem o paradeiro. Na primeira o Governador refere-se á galera de Miguel Anriques, á expedição de Ouvidor Geral e Provedor mór ao Sul, á caravella Galga, aos francezes aprisionados, ás noticias de minas, á Pero de Goes e a Fernand'Alves de Andrade «o homem de melhor edição (e edificação) que vi»; propõe tambem nella a suppressão do Provedor-mór da Fazenda quando não fôr lettrado, e a de capitão da costa. Foi publicado muito incorrectamente no *Brasil Historico* 1, 219, 220, 223. 2ª Serie, 1866 e, parcialmente, na *Revista do Archivo Mineiro* 7, 588, Bello Horizonte, 1902.

M) Cardoso de Barros foi a Pernambuco na monção do solsticio de Junho de 1549. Ha nomeações assignadas por elle, datadas de Agosto e Setembro, em Olinda e Itamaracá. Em Pernambuco teve conflictos com Duarte Coelho e Jeronymo de Albuquerque, a que o primeiro se refere, sem esmiuçar as

chegadas de Porto Seguro, onde estava por capitão Duarte de Lemos, que mais visos tinham de verdadeiras. Uma partida de gentios, ali arribada do sertão, dava conta de que, para as bandas do grande rio de S. Francisco, se encontravam serras com esse metal amarello, cujos pedaços iam ter aos rios; e ao mesmo tempo apresentavam mostras de várias pedras finas, entrando neste numero algumas verdes como esmeraldas.

Thomé de Sousa, apezar de pratico e maduro para se deixar levar por exaggerações, havia no anno anterior mandado uma galé para o Norte, a ver, se entrando pelos rios dentro, «na direcção donde ficava o Perum», se encontravam alguns indicios de minas. Dessa galé, cujo mando dera a Miguel Henriques, e de que fôra por comitre Pedro Rebello N), piloto da costa, não tivera mais noticia. Pelo que escrevia agora á côrte que não falaria outra vez em ouro, em quanto não o mandasse devéras, e que, nas diligencias por elle, andaria «com muito tento, e pouca perda de gente e fazenda», esperando antes que Deus o ordenasse, como e quando quizesse; pois que, empreguemos ainda suas expressões embora familiares, «por muito madrugar não é que havia de amanhecer mais cedo». Entretanto chegava desta vez a per-

---

circumstancias, em carta de 24 de Novembro de 1550. Querendo evitar novos attritos, Thomé de Sousa deixou de mandal-o outra vez á capitania de D. Coelho em 51, para prover sobre as rendas da terra e a fazenda do galeão *S. João*, ali perdido. De Pernambuco, em 1549, isto é, antes de se pensar em crear bispado, mandou mostras de metal como na citada carta informa o Governador Geral, nos seguintes termos: Antonio Cardoso escreve a Vossa Alteza, acerca das mostras do metal que mandou de Pernambuco, que se perderam no recife d'Arzilla, que eu não hei de falar mais em ouro sinão se o mandar Vossa Alteza.

N) Pedro Rebello não appareceu mais tarde, ou falleceu logo, como Thomé de Sousa previa; por sua morte foi nomeado patrão-mór da ribeira, a 1 de Julho de 52, Estevam Lopes, confirmado por C. R. de 13 de Fevereiro de 53, com o ordenado de 24$ annuaes. *Livro 1º dos Provimentos sec. e ecc.* 61 r. A 9 de Outubro de 50 mandara-se pagar a Pero Rabello 10$ em mercadorias correspondentes aos mezes de Novembro e Dezembro de 49 e Janeiro a Maio de 50, a razão de 2$ que tinha de ordenado — *Livro 1º das Provisões* f. 261 v. B. N.

suadir-se de que taes noticias, acompanhadas de tantos signaes, bem que exaggerados pela imaginação do povo, deviam ter fundamento, sobretudo desde que houve a convicção de que a «terra do Brazil e a do Perú eram a mesma [13] »). O tempo veiu a confirmar que tinham todo o fundamento as novas acreditadas pelo acautelado capitão; mas Deus não havia querido ordenar que ellas se confirmassem, antes de estar mais assegurado o Brazil. As expedições que se emprehenderam não tiveram exito. E felizmente que o não tiveram, pois a descoberta de minas no sertão, quando ainda existia tão pouca gente na costa, a teria deixado deserta, e della se haveriam talvez apoderado os Francezes.

A primeira pessoa indicada pelo capitão de Porto Seguro, Duarte de Lemos, e que devia ir com vinte homens, foi o piloto Jorge Dias [14]), sobrinho de Pero do Campo; porêm depois Thomé de Sousa chegou a querer para chefe da expedição, por se offerecer para ella com muito enthusiasmo, um hespanhol chamado Filippe Guillen [15]), homem de bastante capacidade e engenho, e entendido em mineralogia e em tomar as alturas. Este Guillen havia sido boticario na Andaluzia, e chegara a adquirir reputação como grande jogador do xadrez. Havendo descoberto um novo

---

[13]) Estas ideas de Thomé de Sousa eram as mesmas de Duarte de Lemos, por elle nomeado capitão de Porto Seguro, donde em carta de 14 de Julho de 1550 dizia: «Como está na conquysta de V. A. todo e a mór parte que vay do Perú, e que está nesta altura de dezasete gráos que he aonde esta capitania está».

[14]) Carta de Duarte de Lemos acima citada. [Copia no *Inst. Hist.*]

[15]) Em 1551, havia sido feito cavalleiro de Christo, com a tença annual de 50,000 reis. — Cremos que houve engano afirmando-se nas obras de Gil Vicente que Guillen passára a Portugal em 1519. Pelo que ahi se lê, fora Guillen boticario, não em Sevilha, mas no porto de Santa Maria. Ahi se diz tambem que «era grande logico e muito eloquente, de muito boa prática, que antre muitos sabedores o folgavão de ouvir; disse a elrei que lhe queria dar a arte de leste a oeste, que tinha achada... fez-lhe elrei por isso mercê de cem mil reis de tença, c'o habito e corretagem da casa da India que valia muito».

meio para observar as longitudes, passou-se, em 1525, a Portugal, esperando que ahi lhe premiassem e adoptassem o invento [16]). Foi primeiro, em 1527, empregado na casa da India. Em 1538 passou ao Brazil, com Vasco Fernandes. Em 1551 partiu para a Bahia, e ahi perdeu a mulher e um filho que tinha, e foi, com as tres filhas que lhe ficaram, exercer em Porto Seguro um emprego de Fazenda. Com as novas de ouro, que ahi teve, enthusiasmou-se; e escreveu a Thomé de Sousa inculcando-se para a empreza. Mas Guillen ja tinha sessenta e tres annos; adoeceu dos olhos e nada realisou O). Pelo que, mui provavelmente, foi encarregado della o dito Jorge Dias, que partiu com doze homens; aos quaes acompanhou o padre Navarro, da Companhia de Jesus, que nos deixou da

---

16) Navarrete, *Hist. Naut.* pag. 178, 182 e segs.

O) Dos documentos publicados por Sousa Viterbo, *Trabalhos nauticos dos Portuguezes nos seculos XVI e XVII*, 1, 138/153, apura-se o seguinte sobre Felippe de Guillen:

Nasceu na Hespanha por 1487; foi boticario em Sevilha ou no porto de S. Maria; veio a Portugal offerecer um instrumento de sua invenção para determinar longitudes. Nomeado vedor e avaliador dos cargos das casas de India e Mina em 1527, obteve no anno seguinte uma tença de quinze mil reis com o habito de Christo e o ordenado annual de vinte e cinco mil reaes por certos instrumentos que inventou, e cujo uso havia de ensinar gratuitamente a quem por el-rei lhe fosse indicado. Simão Fernandes, grande astrologo portuguez, mostrou a falsidade de invento e Guillen pretendia fugir para Hespanha, quando foi preso. A este facto alludem os versos de Gil Vicente, que os encabeça no anno de 1519: é mais provavel occorressem em 1529.

Passou nove annos em casa de Vasco Fernandes Cesar; depois veio para o Brasil, provavelmente em 37. Esteve primeiramente na capitania de Francisco Pereira Coutinho; passou-se depois a de Porto Seguro, attrahido pelas noticias de entradas e de ouro; fixou-se finalmente na dos Ilheus, «onde estava havia dez annos ajudando-a a sustentar e governar», quando veio a Bahia por chamado de Thomé de Sousa. Provavelmente nunca esteve no Espirito Santo, como pretende o Autor.

Na cidade de Salvador até Novembro de 49, quando Pero Borges sahiu a visitar as capitanias do Sul, esteve occupado em fazer o caminho da ribeira para a cidade; depois occupou-o Thomé de Sousa para ter cargo de justiça por ser o mais velho na terra e experimentado. «Ha doze annos que nunca deixei de servir ora de juiz, ora de vereador e assim outros officios, pela qual

viagem succinta narração, em uma carta impressa em hespanhol[17]), em 1555. Depois de andarem tres mezes por entre matos e terras humidas, atravessando muitos rios, subiram a serra do Mar, da qual

razão fui mui pobre e não tive logar pera fazer uma roça de mantimentos», escreve em sua carta a el-rei de 20 de Julho de 50.

Thomé de Sousa nomeou-o provedor da fazenda de Porto Seguro a 14 de Setembro de 1551 por tempo de tres annos sem ordenado; esta mercê confirmaram D. João III em 57 e D. Sebastião em 1561. Em 1563 um alvará regio mandou que seu ordenado de provedor da fazenda de Porto Seguro fosse pago no almoxarifado desta capitania e não na thesouraria de Salvador. São as ultimas noticias que temos deste antigo colono.

Sousa Viterbo publica delle tres cartas: na primeira, escreve o seguinte a el-rei:

Succedeu agora que este Março passado (1550) vieram a Porto Seguro negros dos que vivem junto de um grande rio, alem do qual dizem que está uma serra junto delle que resprandece muito e é muito amarella, da qual serra vão ter ao dito rio pedras da mesma cor, a que nos chamamos pedaços d'ouro que della caem e os negros quando vão a guerra pola banda de aquem, apanham do dito rio os ditos pedaços, de que dizem que fazem gamelas para nellas darem de comer aos porcos, que pera si não ousam fazer cousa alguma, porque dizem que aquelle metal endoença, pela qual rezão não ousam passar a ella, e dizem que muito temerosa por causa do seu resprandor, e chamam-lhe sol da terra.

E com esta nova esteve toda gente de Porto Seguro demovida, ou a mais della, pera o irem buscar, todavia não ousaram sem o fazer saber a Thomé de Sousa; elle me demandou meu parecer, eu lhe disse e dei em escripto os itens de que me parecia que devia mandar e fazer pera se melhor achar e com menos perigo e despeza, em tanto que o tempo de verão se chegava pera poderem ir.

Elle esteve detreminado pera me mandar ao descobrir, porque é necessario pera isso um homem de muito siso e cuidado e que saiba tomar a altura e fazer roteiro da ida e vinda e olhar a disposição da terra e o que nella ha, porque sem duvida ha lá esmeraldas e outras pedras finas, e como eu não deseje mais que gastar a vida em serviço de Deus e de Vossa Alteza dixe que ia, enganando-me a vontade no que a idade me tem desenganado: adoeci muito mal dos olhos e assim ficou.

Escreve ainda: Vossa Alteza saberá que o anno que pera estas partes me mandou (1537, como já ficou dito) morreu minha mulher e filho, ambos em uma semana: ficaram-me tres filhas já mulheres, pois a mais moça é de desasete annos, sem amparo nem remedio algum mais que o de Deus e serem filhas de mãe virtuosa.

17) Traduzida, publicada pelo autor desta *Historia*, na nota 70, pag. 460 a 462 da 1.ª ed. desta obra. [Reimpressa na *Revista do Archivo Publico Mineiro* 6,1159 Bello Horizonte, 1902].

baixaram até o rio de S. Francisco P). N'um affluente deste chamado *Monayl*, construiram canôas, nas quaes desceram algumas leguas pelo dito grande rio. Conhecendo porêm que era imprudente seguir por elle, pelo muito gentio inimigo que encontravam, resolveram-se a retroceder, e chegaram a Porto Seguro, quando já Thomé de Sousa havia partido para o reino Q). O padre Navarro falleceu pouco depois, do cançaço destes trabalhos R).

Tal foi a primeira excursão de maior consideração com que os nossos colonos devassaram os sertões do Brazil, pela parte em que ainda hoje a natureza está indicando a mais facil communicação

---

P) O roteiro desta expedição, sahida em Março de 54, foi estudado pelo annotador desta edição, por Orville Derby, Leite Pereira e ultimamente por Calogeras, *As minas do Brasil e sua legislação*. **1**, 372/377 —; cf a litteratura *ib.* 433/434. Os resultados a que chegou Calogeras são os seguintes: acompanhando o Jequitinhonha, chegaram á serra do Espinhaço, na zona dos quartzitos brancos de Diamantina e do Serro; dos arredores de Diamantina, transpozeram a divisora de S. Francisco, que attingiram, seguindo provavelmente um dos seus affluentes da margem direita, por ventura o Jequitahy, até alcançar uma aldea situada no rio Mangahy; ahi fizeram canoas e intentaram voltar para a Bahia, mas desistiram da idéa, atravessando por terra desde o S. Francisco ao rio Verde, até passar para a bacia do rio Pardo, por onde desceram até o mar.

Q) A expedição só partiu em Março de 1554, informa Anchieta *Ann. da Bibl. Nac.* **19**, 54, já no governo de D. Duarte.

R) Navarro falleceu a 30 de Abril de 1557, *Livro 1º de Prov. sec. eccl.*, f. 31 r. B. N. Valle Cabral já o presentira em uma nota ás *Cartas* de Nobrega, p. 158. Sentida descripção dos ultimos dias de Navarro encontra-se na *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, **53**, I, 152/155.

O nome do chefe desta expedição consta de uma provisão passada por Men de Sá a 24 de Dezembro de 1561, em que diz que governando Thomé de Sousa «Francisco Bruzo de Espinhoso, castelhano, por ser grande lingua e homem de bem e de verdade e de bons espiritos falara e se concertara com elle pera ir descobrir as ditas minas, e nesse tempo succedeu ir-se pera o reino e veio D. Duarte da Costa por capitão da dita cidade e Governador Geral destes portos do Brasil, o qual outrosim por esta causa mandara ao dito Francisco Bruzo de Espinhoso com doze homens por terra dentro, o qual achara muitas informações boas de haver entre o gentio ouro e prata e por ser a gente pouca não fôra mais pela terra a dentro que duzentas e tantas leguas e a não acabaram de descobrir» *Rev. do Arch. Min.*, **6**, 1163.

Sobre Espinhoso encontra-se ainda a seguinte informação: «A 8 de Março de 1553 passou o Provedor-mor dois mandados para Pero de Pina, feitor da capitania de Porto Seguro, que desse ao Espinhoso emegera (?), castelhano na dita capitania morador, todo o resgate que houvesse mister

deste lado da costa para o seu âmago; circunstancia esta a que então se reunia o ser o gentio do mais pacifico do littoral [18]).

A' expedição de Jorge Dias seguiu-se outra, á frente da qual foi Sebastião Fernandes Tourinho. Entrou pelo rio Doce, e depois de subir o Aceci quatro leguas, andou onze dias por terra no rumo de N. O., e chegou á serra que chamou das *Esmeraldas*, por haver nella encontrado umas pedras verdes, que sem dúvida seriam turmalinas S).

Thomé de Sousa governou até 13 de Julho de 1553, vindo nesta data a entregar o bastão a seu successor D. Duarte da Costa, do Conselho de D. João 3º, e filho de um embaixador de Portugal junto a Carlos V. Foi nomeado por tres annos, por carta regia de Março de 1553, analoga á da nomeação de Thomé de Sousa. Desde 1551 lembrava este illustre Governador que em Janeiro do anno

---

para ir pelo sertão a descobrir por mandado do Governador Thomé de Sousa, e bem assim para Francisco de Oliveira feitor e almoxarife do Espirito Santo que da mesma maneira desse a Manoel Ramalho... morador na dita capitania todo o resgate que houvesse mister para ir outrosim ao sertão por mandado do dito Senhor Governador, e que por elle e seus conhecimentos feitos pelo escrivão de seus cargos assignado por ambos, em que declarassem a somma que dos ditos feitores recebessem, lhe sejam levados em conta.»

[18]) .... «a terra onde está ho oro; porque por nenhuma terra d'estas partes podem mylhor yr a elle que por esta de Porto Seguro por ho gentio della estar mui de pas e muito nossos amigos mormente dispoes que V. A. mandou a sua armada a esta terra.» C. de Duarte de Lemos de 14 de Julho de 1550.

S) O roteiro de Sebastião Fernandes Tourinho foi objecto dos mesmos estudos que o de Espinhoso e Navarro. Calogeras, o ultimo a tratar do assumpto, interpreta-o do seguinte modo: Os companheiros de Tourinho entraram pelo rio S. Matheus, seguiram um affluente meridional deste, donde foram por terra ao o desaguadouro oriental da lagoa do Juparanan, desaguadouro que liga este vasto lençol dagua ás lagoas da Testa, de S. Martim e outras. Continuando chegaram ao rio Doce junto á barra; por elle subiram, margeando-o durante quarenta dias, numa distancia estimada em setenta leguas; tomaram depois o Sassuhy na margem esquerda; passaram finalmente ao Itamarandiba, affluente do Araçuahy, que os levou ao Jequitinhonha, por onde desceram até o mar. *As minas do Brasil e sua legislação* **1**, 380/388.

E' certo que a entrada de Sebastião Fernandes Tourinho não foi em tempo de Thomé de Sousa, nem mesmo no de D. Duarte; é posterior á de Vasco Rodrigues de Caldas, realisada em 1560; deve ter precedido de pouco á de Antonio Dias Adorno realisada em 1573.

seguinte se acabavam os tres annos por que viera, e pedia ser rendido, para se reunir á sua velha esposa, e a uma filha moça que deixára em Portugal, se ainda vivessem ; no que não fiava, quando lhe havia acontecido escrever do Brazil a pessoas que já estavam no outro mundo. O rei não annuiu logo ao seu pedido, e o reteve por anno e meio mais do que lhe promettêra, mas depois recompensou-o amplamente, segundo mereciam os seus serviços. Além de ser feito vedor da Casa Real, em 12 de Janeiro de 1558, deu-lhe uma commenda lucrativa na ordem de Christo. E pouco depois foram-lhe concedidas seis leguas de terra para as bandas da Pojuca, ao Norte da Bahia T); e esta concessão, logo dez dias depois (20 Out. 1563), se fez extensiva a mais oito leguas até o rio Real. Provavelmente as passaria, depois por venda, ao seu antigo *criado* Garcia d'Avila, donde procederia o ter este vindo a possuir tão grande cabedal.

Thomé de Sousa havia cumprido a sua missão. O Brazil, ficava constituido : a autoridade e a lei já haviam feito sentir suas forças beneficas: a moral publica ganhára muito. Ficando assim na Côrte, teve pelo tempo adiante muitas occasiões de dar conselhos em favor do Brazil ; pois tanto o ficou amando que estimava delle todas as noticias, para o que conservou sempre correspondencia com o padre Nobrega. Uma das providencias que logo se lhe attribuiu, e que por tanto consideramos ainda como do seu governo, e por isso aqui a contemplamos, foi a de uma nova expedição, mallograda infelizmente, no Norte do Brazil.

Luiz de Mello, com trezentos homens de pé e cincoenta de cavallo, além de muitas mulheres, deixou Lisboa em 1554, á frente

---

T) Thomé de Sousa não quiz tomar terras para si emquanto foi Governador, e seu gado ficou em terras alheias; por isso pediu e obteve uma sesmaria de seis leguas a 10 de Dezembro de 1563, começando «de um rio pequeno que está dez leguas da cidade do Salvador para o Norte, que se chama Poojuca, pera a parte do Sul ao longo do mar duas leguas e pera a parte do Norte quatro leguas ao longo da costa do mar e pera o sertão dez leguas.»

Estas terras já estavam dadas ao visconde da Castanheira, e a mercê não houve effeito. A 20 de Outubro de 1565 foi-lhe concedida outra sesmaria, começando « donde se acaba a terra de que el-rei meu senhor e avô que santa gloria haja fez mercê ao dito visconde, que é tres leguas do porto... até o rio

desta expedição [19]; a qual, segundo o embaixador hespanhol em Portugal, tivera origem das noticas de minas que dera o dito Thomé de Sousa [20]; — naturalmente pelos da mencionada galé de Miguel Henriques U). Ha probabilidades de que essa

Real pera contra o Norte que podem ser oito leguas ao longo da costa pouco mais ou menos e pelo sertão dentro cinco leguas ».

Por Alv. de 10 de Dez. de 53 fora concedido a Thomé de Sousa poder do gado que tinha na Bahia tirar até a terça parte para qualquer outra capitania. Ha copias no Instituto Historico de todos estes documentos.

Em 11 de Fevereiro de 1577 Luiz de Brito e Almeida verificando as terras de Thomé de Sousa achou «a data do dito Thomé de Sousa não alcançar a tanto como em sua provisão se dizia» parecendo «não chegar mais que duas leguas pouco mais ou menos antes de chegarem ao rio Itapicurú»: em consequencia disto foram dadas doze leguas de terra a Luiz Dias, até o rio Real. Livro 1° de Provisões f. 411 v. B. N.

Nobrega escrevera em 1552 a D. João 3°: Temos por nova que manda V. A. ir para o anno a Thomé de Sousa; obriga-me Nosso Senhor a dizer o muito que temo vir outro, que destrua isso pouco que está feito, e que favoreça mais os peccados, vicios que este, e que queira ir aproveitado a custa da terra; sei que folgara muito de viver nesta terra si ca tivesse sua mulher, ainda que não fosse governador, si uma filha que tem a tivesse casada. *Cartas*, 99; cf. 97. A mulher de T. de Sousa já em 1559 era fallecida, ib., 146; chamava-se Maria da Costa; a filha, D. Helena de Sousa, casou com Diogo Lopes de Lima, morto na batalha de Alcacerquibir; não tiveram successão, e talvez por este motivo fossem vendidas as terras da Bahia a Garcia d'Avila. Thomé de Sousa morreu pouco mais ou menos ao mesmo tempo que o genro: Sousa, *Historia Genealogica*, **12**, 1118/1119.

[19]) Gabriel Soares diz-nos que esta constava de tres náos e duas caravellas.

[20]) Officio do dito embaixador hespanhol D. Luis Hurtado de Mendoza, escripto em Lisboa a 26 de fevereiro de 1554 [não é conhecida copia no Rio]. Ainda não era partido. Do capitão Luiz de Mello informa Hurtado que era irmão de D. Juana de Loronha, dama que fora da imperatriz, casada com D. Juan Manrique.

U) Não é conhecido aqui no Rio o officio de Luiz Hurtado de Mendoza citado pelo Autor: mas, no archivo da segunda missão Rio Branco, *Hespanha*, **1**, encontramos os seguintes documentos que contém muitas novidades:

Em carta de Luis Sarmiento de 6 de Abril de 1554, conhecida só de extracto por uma carta do Principe de 21 do mesmo mez, se lê « como uno que se dize luis de melo ba armado ciertos navios en que lleva mas de trezientos onbres e cincuenta o sesenta de acaballo y que van todos a su costaa, descubrir con licencia del Serenisimo Rey de Portugal. »— Carta do Principe, de Valladolid, 21 de Abril de 1554.

Em carta sem data, extractada numa do Principe de 13 de Junho de 1554, Luiz Sarmiento escreve « cerca de la armada quel Serenisimo rrey avi

expedição se dirigiu ás aguas do Amazonas, não ás do verdadeiro Maranhão.

---

enbiado al brasil con un capitan que se dizia antonio delorcro con muchos casados para poblar en la costa della y la que postreramente estaba para partir de que es capilan luis dc melo en ciertos navios que abia armado, en que llebaba mas de trezientos honbres los cinquenta o sesenta de acaballo los quales van todos a sus costas a descobrir con licencia del dicho Serenisimo rey. — Carta do Principe de Ponferrada 13 de Junho de 1554.

Carta de Joan de Samano, escripta por mandado do Principe, de Valladolid a 9 de Março de 1554, em resposta a outra de 5 dc Fevereiro: He visto lo que dezis cerca del armada quel Serenisimo rrey enbia al brasil dc que va por capitan antonio lourero, y que lleba mucha gente y casados com sus mugeres e hijos para poblar por aquellas partes y otra gente para descobrir y que se dize alla en el brasil que tiene mucha gente por aquella costa en lo que tiene problado y que aveis procurado por aver traslado dela ynstruccion que lleban y que no abeis allado horden dc poder la aver.

En carta de 26 de Julho de 1554, diz Sarmiento foram com Luiz de Mello alguns castelhanos amotinados no Perú o accrescenta:

El capitan luis de melo ha mas ya de un mes que sc fue con su armada en que yvan mas de cinquenta castellanos y un clerigo que avia dc yr con ellos castellano que se quedo aqui ha estado y esta a la muerte yo he embiado a saber del muchas vezes para hablarle, y que me dixese los que conocia de aquellos castellanos que alli van y a me respondido a ya mas de quinze dias que el esta tan malo que no esta para hablar en nada que en levantandose el me dara una memoria dc los que el supo como se llamavan y donde eran... Este clerigo tambien yva con el y tornose a desembarcar por la desorden que dize que llevava.

Carta de Luis Sarmiento dc 31 de Julho de 1554: Ayer vino aqui una carabela del brasil... dixome mas este hombre por que yo le hablé que luys de melo el capitan que dc aqui fue con aquella armada que avia avido ya tantas diferencias entrel y los que llevava que fueron a dar en la ysla de la madera y que alli los marineros que llevava se le avian salido de los navios diziendo que no querian yr mas con el y quel andava alli con el capitan de la ysla de la madera a que los apremyase a que fuesen con el que estaban muy rebueltos los unos y los otros que le parecia que hara mal su viaje.

C. de Luis Sarmiento de 10 de Agosto de 1554:

Aquel clerigo que dixe que estaba malo que abia de yr con luys de melo sanó, y no dize cosa ni sabe nada de adonde yban mas de que le parece que yban tan desconçertados que no llegarian al brasil. Y ansi a parecido por que aqui se sabe que llegó el dicho luys de melo a la ysla de la madera muy desbaratado, y ansi dizen que estaba alli y que no querian pasar d'alli con el los marineros que llebava y no puede dexar de aver entrellos mill descociertos por que llevo mais de cinquenta castellanos y mas de quarenta fran-

Porêm ainda então não tinha de começar a colonisação das terras por essa banda. Da armada que (segundo o dito embaixador, não concorde com Soares) se compunha de oito ou nove cara-

---

cezes de aqui oficiales que avia y los otros portuguezes y yo he dicho a Serenisimo Rey de quan mal fue consentir que fuesen fraucezes con el por que aquellos seran causa de guiar a otros muchos mas francezes andando el tiempo que vayan por aquellas partes.

Numa carta geographica hespanhola, impressa em *Cartas de Indias*, Madrid, 1877, e reimpressa no primeiro Atlas de Rio Branco, encontra-se o seguinte dizer: ano de 1554, dia de S. Martin se perdio nesta costa al est a la boca del Marañon Luis de Mello portugues cõ 600 hõbres que llevava en 6 navios sin torm.ª sinon que surgierõ a la noche en 7 braças y de noche baxo el agua y quedaron en seco.

Completa estes apontamentos o seguinte trecho de frei Vicente do Salvador: No tempo que se começou a descobrir o Brasil veio Luis de Mello da Silva, filho do Alcaide mór de Elvas, om uma caravella a correr esta costa, para descobrir alguma boa Capitania que pedir a el-rei, e não podendo passar de Pernambuco, desgarrou com o tempo e aguas e se foi entrar no Maranhão, do qual se contentou muito, e tomou lingua de gentio, e depois na Margarita de alguns soldados que haviam ficado da companhia de Francisco de Orolhana, que com testemunhas de vista muito lha gabaram, e prometteram muitos haveres de ouro e prata pola terra a dentro. Do que movido se foi a Portugal pediu o El-Rei áquella Capitania para a conquistar e povoar, e sendo-lhe concedida se fez prestes em a cidade de Lisboa, e partiu della em tres naus e duas caravellas, com que chegando no Maranhão se perdeu nos esparceis e baixos da barra, e morreu a maior parte da gente que levava, escapando só elle com alguns em uma caravella que ficou fóra do perigo, e dezoito homens em um batel que foi ter á ilha de Santo Domingo, dos quaes foi um meu Pae, que Nosso Senhor tenha em sua gloria, o qual sendo moço, por fugir de uma madrasta e ser alentezano como o Capitão, da geração dos Palhas e com pouco grão para sustentar a vida, se embarcou então para o Maranhão e depois para esta Bahia e me houve o a outros filhos e filhas. *Historia*, **2**, 14.

Luis de Mello esteve outra vez no Brasil de passagem para a India em 1556, como informa Fr. Vicente, *Historia*, **3**, 5.

E' muito provavel que sobre os planos de Luis de Mello influissem as informações de Diogo Nunes, ido para o reino em companhia de Thomé de Souza, e que recommenda a preferencia do Amazonas para a exploração do interior. «Por este rio se ha de prover esta terra, porque podem ir navios por elle até onde se pódia povoar uma villa, que seja porto e escala de toda esta terra, por que sobe a maré duzentas leguas o rio acima, e deste porto onde se povoar a primeira villa subirão bergantins mais de trezentas leguas, porque o rio vae chão e muito bom. Haverá trezentas leguas dos desta provincia até o mar e sae este rio á costa do Brasil. Tambem podem ir por São Vicente, atravessando pelas cabeçadas do Brasil tudo por terra firme, porém ha muita

vellas e alguns bergantins, tudo á custa da Real Fazenda, apenas conseguiram escapar-se Luiz de Mello, com alguns dos companheiros, que foram, como os seus predecessores de naufragio, ter ás Antillas.

Voltando Mello á Portugal, passou á India, onde obrou feitos distinctos; e regressando á Europa com grossos cabedaes, projectava tornar a estabelecer-se no Brazil, quando no mar desappareceu na nau S. Francisco, em que navegava [21]).

---

terra que andar e não se pode levar as cousas necessarias para [conquistar, povoar como por este rio, ainda que a terra é bem povoada. *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, **2**, 367.

A continuação dos apontamentos é digna de attenção, porque contém um plano de expedição que pode ter servido a Luis de Mello. Si Diogo Nunes descendia de pae portuguez e mãe india, é provavel que fosse natural da capitania de São Vicente. Neste caso um brasileiro teria tomado parte no descobrimento das cabeceiras do Amazonas, pois Diogo Nunes assegura ter estado na terra de Machifaro com o capitão Mercadillo em 1538, portanto antes de Orellana.

[21]) Couto, 7, V, 2, e IX, cap. 27.

SECCÃO XVII

GOVERNO DE D. DUARTE DA COSTA. TENTATIVA DE VILLEGAGNON

Concessões feitas ao novo governador. S. Paulo de Piratininga. Seu bello clima. Tihiriçá e Cauby. D. Alvaro, filho do Governador, origem de males. Alcaide-mór da cidade. Physico. Cirurgião. Outros novos empregados. Ordenados. Más novas. Naufragio e assassinato do primeiro Bispo e outros. Rebates dos Indios contra a cidade. D. Alvaro os derrota. Fuga dos Barbaros. Humildade dos vencidos. Sua submissão. Esquadras de tropa permanente. Queixas do povo. Situação do Espirito Santo e de Pernambuco. Capitanias do Sul. Morubixaba Cunhambebe. Seu retrato. O allemão Hans Staden e seu captiveiro. Peregrinações de Staden. Navios francezes. Villegagnon no Rio de Janeiro. Fortalezas francezas na Lage e no ilheo immediato. Motim. Reforço de Bois le Comte. Escriptor Lery. Insta o povo por outro governador. Morte do Caramurú.

A D. Duarte da Costa A) haviam sido concedidos mais 200$ reis de ordenado, além de 400$ que tinha Thomé de Sousa; tra-

---

A) Duarte da Costa era filho de D. Alvaro da Costa, (embaixador que tratou o casamento de D. Leonor com el-rei D. Manuel, e de D. Beatriz, filha de D. Manuel, com o duque de Saboia) e de D. Beatriz de Paiva, que depois foi ama de leite de el-rei D. João III.

D. Duarte da Costa foi armeiro-mór desde 1522, presidente do Senado de Lisboa, governador do Brasil, cunhado de D. Joana de Mendonça, segunda mulher de D. Jayme de Bragança. Acompanhou a infante D. Beatriz, filha de D. Manuel, a Saboia (1522); deixou a seus descendentes o cargo de armeiro-mór, que nelles se perpetuou, chegando a denominar-se os *Costas do armeiro-mór*. . « São seus ultimos descendentes os Costas, Sousas Macedo, familia que em nossos dias era constituida pelos quatro irmãos: D. João, duque de Albuquerque, que falleceu sem descendencia; D. Luiz (de quem são filhos o actual Sr. conde de Mesquitela e o Sr. D. Bernardo da Costa); D. Pedro, conde de Villa Franca, nosso ministro em Hespanha (com seus filhos Dario, que falleceu consul, e o Sr. D. João, medico, engenheiro e lente da Escola Polytechnica) e finalmente D. Antonio da Costa (fallecido sem successão). Os Costas até este ultimo fidalgo, duque de Albuquerque, conservaram na corte a dignidade de armeiros-mores, continuada nos seus dous successores ». Victor Ribeiro, *A Santa Casa da Misericordia de Lisboa*, 292. Lisboa, 1902. D. Duarte da Costa, foi provedor da Misericordia de Lisboa, em 1541 e em 1559. Ib. 332.

zia a concessão de liberdade de direitos, por tres annos[1],) aos novos colonos; e vinha autorisado a apparelhar, para guarda costa, os navios que necessitasse, dos muitos que já havia «feitos na terra».

Os dias amenos que passára o Brazil, e principalmente a cidade do Salvador, durante a administração de Thomé de Sousa, se embruscaram pouco depois da sua partida; e o governo de D. Duarte da Costa póde citar-se para exemplo do mal que pode causar a um povo inteiro a desunião entre um chefe da administração e o da diocese [2],) de quanto tal desunião é facil de fomentar-se, quando homens tão elevados, em vez de perdoarem reciprocamente com caridade alguma leve falta ou indiscrição, se tomam de ira e se deixam levar pelas mesquinhas intrigas de aduladores, ainda mais mesquinhos que ellas.

Antes de continuarmos a tratar do novo governador, convêm dizer que com elle viera para a Companhia de Jesus um poderoso reforço; não só pelo que respeitava ao pessoal (em que se comprehendia o ex-reitor do collegio de Coimbra Luiz da Grã, o irmão José de Anchieta, ao depois tão celebre que passou a ser tido por thaumaturgo) como pela resolução que chegára da instituição no Brazil de uma provincia á parte, para fundar a qual

---

1) Alv. de 23 de Julho de 1553, ampliação do de 20 de Julho de 1551. [Copia do documento congenere, mas datado de 22 de Junho de 1554 existe na Bibl. Nac.]

2) «Não deixarei de relatar o açoute de Nosso Senhor que deu a esta Bahia nas guerras que permittiu que houvesse entre o bispo e o governador D. Duarte, o qual, eu não tenho por mais somenos castigo, e que mais damno fizeram na terra que as guerras que se fez com o gentio porque... se engendrou a morte a muitos e perderam a honra e fazenda e a terra perdeu a muitos povoadores.«—Nobrega, C. a Thomé de Sousa 1559. [Nem Thomé de Sousa, nem Nobrega eram favoraveis ao Bispo, ou pelo menos ao clero que trouxe e cujo procedimento escandaloso não soube cohibir. Leia-se toda a carta deste áquelle, na edição de Valle Cabral, unica que merece fe: é um documento capital, em que o venerando jesuita abre toda a alma ao seu velho companheiro e amigo. Ahi se vê que entre outros motivos, Nobrega deixou-se ficar em S. Vicente durante tres annos para não assistir aos escandalos da nova diocese].

vinham poderes ao P. Nobrega B). Este zeloso jesuita, que até então não se havia descuidado de cumprir seus deveres, pareceu cobrar novo ardor ao ver-se provincial. Do collegio de S. Vicente, onde se achava, passou com alguns dos novos socios, a Piratininga, com projecto de fundar ahi para a Companhia uma casa, ou principio de um novo collegio, no meio desses campos tão amenos, e de um clima que, mais que ao da Europa, é comparavel ao da pitoresca ilha do Atlantico que alguem poeticamente chamou «Flor Oceana». Ahi nunca são excessivos nem o frio nem o calor; e o ananaz sazona á sombra da pereira, e os sarmentos dos vidonhos se entresacham nos caramancheis com as hastes trepadoras dos maracujazeiros; — de modo que ao lado do cacho d'uvas recende muitas vezes dependurado o aromatico maracujá. Effectivamente deram logo traça á edificação da nova casa C), não na propria villa antiga de Piratininga, á margem do Tieté, mas sim no cimo de um morro sobranceiro a ella, e ilhado pelos valles de dois pequenos ribeiros, que com os nomes de *Taîbatâî* e de

---

B) Com D. Duarte da Costa vieram os padres Luiz da Grã, Braz Lourenço e Ambrosio Pires, e os irmãos João Gonçalves, Antonio Blasques, Gregorio Serrão e José Anchieta. Ambrosio Pires tornou para o reino em 1558, em companhia de D. Duarte. Na Bahia encontraram apenas o padre Salvador Pires, vindo em 1550, que logo faleceu a 15 de Agosto e o irmão Vicente Rodrigues, vindo em 1549. No mesmo anno de 53, Leonardo Nunes fói de S. Vicente buscar reforço e levou Vicente Rodrigues, Gregorio Serrão e José de Anchieta.

C) Os motivos desta mudança explica-o do seguinte modo o joven José de Anchieta, *Ann. da Bibl. Nac.* 1, 63:

«Todos estes (Jesuitas) residiam com os Portuguezes em S. Vicente, onde ajuntaram de diversas partes muitos filhos dos Indios e os instruiram optimamente nos rudimentos da fé christã, no estudo dos elementos e no escrever. Para a sustentação da vida destes meninos trazia-se do sertão, na distancia de trinta milhas, farinha de pau, o que lhes custava grande trabalho e dificuldade, por causa da ardua aspereza do caminho; pareceu mais conveniente ao padre no Senhor (Nobrega) que nos passassemos para esta habitação dos Indios e isto por muitas causas; primeiro, seguramente, por falta de viveres; depois porque pouco aproveitava aos Portuguezes, embora logo ao principio grandes resultados trouxe aos mesmos a frequencia dos Padres, como do padre Leonardo, primeiro da Companhia que aqui veio, será facil saber; maxime finalmente, porque se patenteava por esta parte entrada a innumeras nações

Anhangába-hy, isto é, de Apertado[3]) e de « Agua da diabrura », vão afluir no mesmo Tieté, cuja veiga toda do mencionado morro se domina. Para orago da nova casa foi invocado o intrepido apostolo das gentes, S. Paulo, dizendo-se a primeira missa no proprio dia em que a Igreja celebrava a sua conversão. Depois os Jesuitas conseguiram que os moradores da villa baixa passassem para perto de seu collegio de S. Paulo; e que a antiga e primitiva villa Piratininga viesse toda a transferir-se para o alto, e a chamar-se de S. Paulo, nome este que, em vez de S. Vicente, veiu depois a extender-se a toda a capitania, desde que para essa villa foi levada a sede da mesma capitania.

Entre os morubixabas ou principaes dos campos visinhos nos conserva a historia os nomes de dois a que muito deveram os nossos colonos; — Tebiriçá e Cauby [4]); — o primeiro dos quaes tomou no baptismo o nome de Martim Affonso, e o segundo o de João, — naturalmente este em attenção ao nome do rei João III, ao do donatario aquelle.

Deixemos porém já os de S. Paulo, e voltemos a tratar de D. Duarte e do seu governo, contra o qual tudo se conspirava.

E' possivel que D. Duarte chegasse ao Brazil animado de muito bons desejos; mas do seu governo não o podemos nós de-

---

sujeitas ao jugo da razão. Assim alguns dos Irmãos mandados para esta aldeia (que se chama Piratininga) chegamos a 25 de Janeiro do anno do Senhor 1554, e celebramos em pauperrima e estreitissima casinha a primeira missa no dia da Conversão do apostolo S. Paulo, e por isso dedicamos a elle nossa casa. » *Sujeitos ao jugo da razão* consideravam certas tribus que corria terem rei.

Os Jesuitas que naquelle tempo assistiam na capitania de S. Vicente eram Manuel Nobrega, Leonardo Nunes, Vicente Rodrigues, Diogo Jacome, vindos em 49; Manuel de Paiva, Francisco Pires, Affonso Braz, vindos em 50: Gregorio Serrão, José de Anchieta, vindos em 53; Pero Correia, Antonio Rodrigues, Manuel de Chaves, Fabiano, Antonio, Interpretes dos Indios, Matheus Nogueira, João de Sousa, Gonçalo Alves, estes oito admittidos no Brasil.

[3]) Veja Montoya, fol. 354.

[4]) «Tebiriçá» poderia significar «Iça (formiga) dos velhacos» e «Cá-uby» «Matto verde».

duzir. Trouxera comsigo um filho, D. Alvaro da Costa, moço que havia servido em Africa, e que, pela idade ou pelo caracter, não reunia os dotes que devem suavisar as maneiras de todos os jovens, principalmente dos que se dedicam á vida publica, quando são mais vivos e talentosos. O bispo que, segundo já sabemos, era de parecer que se não devia ser na terra demasiado rigoroso, viu-se obrigado a admoestar ao dito moço, ou a fazer n'uma pratica allusão a certo facto escandaloso pelo mesmo commettido. Protestou D. Alvaro tomar vingança; e valendo-se da predilecção natural da paternidade, e da cega prevenção do juiz que é ao mesmo tempo pae, conseguiu alborotar a cidade; fazendo que o governador hostilizasse todos os que se mostravam partidarios do bispo, que era homem já de sessenta annos, e que só fizera advertencias ao governador ou ao seu filho porque assim julgava cumprir com os deveres da caridade evangelica; não só em respeito a elles, como principalmente ao povo que arbitrariamente tyrannisavam. A desordem foi crescendo, graças a certos sujeitos que sempre apparecem em taes occasiões, contando tudo quanto ouvem, e inventando até o que não ouvem.

As consequencias das desordens eram aggravos continuados de D. Alvaro, e vexações injustas do governador, que fez com que o bispo fosse chamado á côrte. Dá pena ler as cartas que ainda hoje se guardam na Torre do Tombo, todas asselladas com o cunho do partido a que pertencia o que as dictava e assignava D). A camara da cidade, presidida pelo successor de Pero de Goes na capitania mor da costa (Francisco de Porto-Carreiro [5]), o licenciado

D) Os documentos publicados na *Rev. Trim. do Instit.*, 49, I, não permittem formar juizo definitivo sobre as luctas que separaram os chefes do poder civil e ecclesiastico. Contas e nomeações guardadas na Biblitoheca Nacional deixam, porém, fóra de duvida que, antes de se voltar contra D. Duarte, já D. Pero Fernandes tinha tido questões muito graves e pouco edificantes com o deão Gomes Ribeiro, o chantre Francisco de Vacas, etc.

[5]) Nomeado em 18 de abril de 1553—Dois dias depois era nomeado Christovam Cabral para capitão de uma caravella ou navio de remo. [Copias no Inst. Hist.].

Jorge Fernandes E), e algumas outras pessoas principaes eram contra o governador, e por conseguinte em favor do bispo. Igualmente os seguia Antonio Cardoso; mas a este o daremos se quizerem por suspeito, como queixoso do governador, por lhe haver feito suspender seus ordenados de provedor mór, apenas terminára o prazo de um anno em que no dito cargo havia sido reconduzido; e por mais algumas accusações que nos dispensaremos de mencionar, por não termos dellas provas para mancharmos a memoria de um dos doze primeiros donatarios, e do primeiro provedor mór deste Estado, que tão tristemente veiu a findar seus dias. As funcções de seu cargo passaram a ser exercidas pelo ouvidor Pero Borges F), conforme propozera Thomé de Sousa, e seguiu com elle o successor do dito Borges [6]), até que a experiencia provou alguns inconvenientes na reunião dos dois cargos. Segundo tambem propozera Thomé de Sousa, havia sido approvada a separação do cargo de capitão da cidade do de governador do Estado, e em tal conjunctura fôra nomeado alcaide mór da mesma cidade Diogo Muniz Barreto [7]). Tambem não deixaremos para depois o dar conta

---

E) Jorge Fernandes veio em companhia do D. Duarte da Costa e serviu de physico durante tres annos. A 1 de Julho de 1556 mandou o Governador riscal-o da folha de pagamento, mas a 22 mandou readmittil-o. Falleceu em Junho de 1567, segundo se vê do *Livro 1° dos provim. secul. e ecc.*, f. 114. Teve questões com D. Duarte como conta em carta, *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, **49**, I, 579; mas não era amigo do Bispo: «as qualidades do Bispo bastam para despovoar um reino, quanto mais uma cidade tão pobre como esta», escreve *ib*, 581. Mais tarde andou ás voltas com a Inquisição, escapando sem grande damno, como se vê do processo de Bolés, *Annaes da Bibliotheca Nacional* **25**, 238, Rio 1904.

F) D. Duarte nomeou o Dr. Pero Borges provedor-mór da fazenda a 15 de Novembro de 1554; a confirmação régia traz a data de 2 de Maio de 1555 — *Livro 1° dos provim. secul. e ecc.*, f. 75 v, 88 v: B. Nac.

[6]) O licenciado Braz Fragoso, mandando-se-lhe abonar (3 de Ag. 1557) mais 60$, por servir de provedor mór, além dos 200$ que recebia como ouvidor geral. [Veio com o bispo D. Pero Leitão, e tomou posse a 4 de Dezembro de 59].

[7]) Nomeado, por carta de 2 de Maio de 1554, Chanc. de D. João III, Liv. 59, f. 13 v. [Esta data não deve, porém, estar certa si, como se lê em apostilla, foi Thomé de Sousa que lhe tomou a homenagem quando Governador. A 22 de Junho de 1556 prestou juramento e foi mettido de posse do cargo. Durante

da instituição de um protomedicato, ou antes da nomeação [8]) pela corôa de um physico para a nova colonia. Foi o dito licenciado Jorge Fernandes o primeiro que exerceu o cargo, cujo ordenado annual não passava de sessenta mil réis; — somma que não deixava de guardar proporção com a de duzentos mil réis, a que montava a congrua do bispo. Fôra igualmente nomeado [9]) um mestre Pedro, cirurgião, para a capital do novo Estado, um Rodrigo de Freitas para thesoureiro de rendas, um Pero Carvalho para seu escrivão, e um Diogo Gonçalves Vieira, para provedor e contador.

Lamentando os tristes acontecimentos que tiveram logar durante a administração de D. Duarte, apressemo-nos a dizer que alguns não se devem tanto attribuir a ella, como á sua má fortuna. Os Francezes appareciam no Brazil em maior força que nunca, e chegaram a estabelecer-se no Rio de Janeiro. Os gentios do Espirito Santo e de Pernambuco cobravam alento, e vinham assolando e ameaçando as povoações. Os Indios da costa, desde Cabo-Frio até S. Vicente, atreviam-se a ir em suas canôas de voga arrancada prender á vista de terra as caravellas que velejavam para S. Vicente. E, por fim, para que as calamidades se fizessem tambem sensiveis na capital, esteve esta ameaçada pelo gentio, que lhe bateu ás proprias portas; e depois chegou a enlutar-se com a noticia de que o seu primeiro prelado, acompanhado de alguns ecclesiasticos e de muitos principaes da terra, e familias que

---

o tempo de Men de Sá serviu mais de uma vez de governador interino. Renunciou o cargo de alcaide-mór em seu sobrinho Duarte Muniz a 27 de Agosto de 1573, a quem substituiu em [1627 Lourenço Cavalcante de Albuquerque. *Liv. 2° do Prov.* f. 70, B. N].

8) Em 20 de Abril de 1553.

9) 24 de Abril dito. De mais outro *selorgião* da primitiva cidade chegou o nome até nós; — o mestre Jorge Valladares, ao qual em 10 de Março de 1557 se mandaram liquidar contas. [O *Livro 1° de Provisões* contém diversas ordens de pagamento a Jorge Valladares, a razão de 2$ o mez. Por alvará de 5 de Fevereiro de 1557, o bacharel-mestre Affonso, chirurgião-mór da cidade de Lisboa, filho de Alvaro Mendes, morador em Portel, foi nomeado chirurgião das partes do Brasil com o ordenado de 18$. Veio provavelmente com Men de Sá, que depois mandou dar-lhe mais 6$ annuaes para tomar conta da botica.— *Livro 1° dos Prov. sec. e eccl.*, f. 131, 159].

iam para Portugal, na náo Nossa Senhora d'Ajuda [10]), haviam naufragado, não longe, sendo logo devorados pelo gentio. « Alli acabaram, diz Nobrega, clerigos e leigos, casados e solteiros, mulheres e meninos. Ainda escrevendo isto, se me renova a dor que tive quando vi que não havia casa em que não houvesse prantos e muitas viuvas e orfãos ». Lamentemos sua tristissima morte, e console-nos ao menos, além da idéa de que Deus os terá em sua presença no numero dos martyres, a justa esperança de que dia virá em que algum digno successor do primeiro prelado do Brazil se illustre, dedicando á memoria deste e dos seus companheiros no martyrio, um monumento de piedade, — uma capellinha gothica nessa paragem em que morreram tantas victimas dos arbitrios de um governador, e do cannibalismo das gentes que o christianismo veio a converter e a reduzir ao gremio da civilisação. Já é tempo de abandonarmos nossa apathia pelo passado; e o melhor modo

---

10) Eis a lista que mandava a camara da Bahia na representação contra o governador de 18 de Dezembro de 1556: O bispo, com o deão e dois conegos, Antonio Cardoso de Barros, Lazaro Ferreira, Francisco Mendes da Costa, Sebastião Ferreira (que ia por procurador da cidade) marido de Clemencia Doria, a sogra de Rodrigo de Freitas, a mulher de Braz Fernandes, seu pae Antonio Pinheiro e a « velha que veiu com as orfãs ». [O documento accrescenta mais: « o capitão Lloas. O deão chamava-se Fernão Pires; um dos conegos Luis d'Avala; o capitão Lloas deve ser João de Leaes, (Valle Cabral leu Boas). A morte de todos occorreu a 16 de Junho de 1556. Da queixa, ainda inedita, dos moradores possue copia a Bibl. Nac., assignada por Simão da Gama d'Andrade, Vicente Dias, Francisco Porto Cariero, João Velho Galvão, Damião Lopes da Mesquita, Pero Teixeira. Dá o nome de alguns partidarios de D. Duarte o seguinte trecho: « E pera isso damos a v. Alteza por lembrança que si lá vir carta da Camara em que vão assignados por officiaes João d'Araujo, Gaspar Lamego, Christovão d'Aguiar, Antonio do Rego, Sebastião Alveres, Antonio Ribeiro, Diogo Moniz Barreto, Bernaldo d'Avellar e Lopo Machado que a cousa destes homens não dê nem um credito, porque estes tem o Governador da sua mão a custa da fazenda de Vossa Alteza, e além disso nem um só é casado nem morador na terra e são as proprias pessoas que de sua mão tem pera ajudarem a tirar as fazendas e houras aos moradores com outros de menos qualidade pera juramentos falsos e destes e de todos os outros pedimos a Vossa Alteza muito por mercê mande juntamente devassar com o Governador e Ouvidor e então saberá a quem deve de mandar castigar ou fazer mercê, pois quizeram nossos peccados que o não soubesse pelas pessoas que pera isso tinham consciencia e vontade pera o dizer »].

de fazermos que o povo não seja indifferente é o de lhe despertar e avivar, por meio de monumentos d'arte, os factos mais notaveis. Os monumentos são as pégádas da civilisação em qualquer territorio: são as barreiras que devem extremar os tempos historicos desses de barbaridade, de cujas rixas cannibaes se não levantavam, e ainda bem, nem sequer provisorios trophéos.

O naufragio teve logar nos baixos chamados de D. Rodrigo, quasi á foz do rio Coruripe, e a matança dos naufragos um pouco mais ao Norte, em um loca na margem esquerda do rio de São Miguel, que ainda hoje é indicado pela crença popular; a qual acrescenta a observação de que o sangue do primeiro bispo do Brazil tornou esteril todo o territorio [11]).

Durante a sede vacante, de alguns annos, ficou ao vigario geral do bispado, o Dr. Francisco Fernandes G), o cuidado deste

---

[11]) *Rev. do Inst.*, 2, 112.

G) Francisco Fernandes foi mandado para a Bahia a servir de vigario geral por alvará de 17 de Setembro de 55, com ordenado de 60$. Por alvará da mesma data foi-lhe mandado pagar mais 20$ emquanto exercesse o emprego. A 17 de Fevereiro de 56, o bispo nomeou-o provisor, vigario geral e visitador da diocese — *Livro 1° dos prov.* 105 e seg. A 4 de Fevereiro de 57 participa-lhe el-rei que, satisfeito com as noticias dadas pelo Dr. Antonio Pinheiro, escreve ás dignidades e conegos da Sé que o façam provisor e vigario geral no espiritual e temporal sede vacante, si for exacta a noticia da morte de D. Pero Fernandes; eleição de facto foi realisada a 26 de Agosto, *ib.*, 176/177. A 2 de Setembro de 59 mandou se pagar-lhe 100 cruzados gastos na visitação *ib.* 158 v. A 13 de Setembro mandou-se dar passagem a elle e a tres criados seus, em um dos navios de que era capitão-mor Bartholomeu de Vasconcellos, *ib*, 175. A 14 el-rei escreve-lhe, a pedido do Bispo, que se demore depois da chegada deste, não passando de um anno, para dar-lhe informações a respeito da terra. O novo bispo nomeou-o seu vigario geral, logar que exerceu de 4 de Dezembro de 59 á 1 de Agosto de 60 — quando deixou-o, por andar occupado em sua embarcação, *ib.* 177. Deve ter embarcado para o reino com o Dr. Pero Borges. A 13 de Setembro de 60, o Bispo escrevia elogiando os seus serviços e pedindo á Rainha que o despachasse muito bem, porque foi elle «o primeiro que a esta terra veio a servir este cargo, com tantos perigos de mar e trabalhos de terra, porque enxerguem e vejam os que lhe houverem de succeder quão bem agalardoados hão de ser, quão favorecidos de Vossa Alteza, porque não vendo isto não acharei pessoa que queira vir á terra tão pobre sem esperança de ser remunerado de seus serviços». *Rev. Trim. do Inst. Hist.* 49, 1, 589.

rebanho; e, a nós regularmos pela conta que deu o segundo bispo, importantes serviços prestou ao Brazil, cujas differentes capitanias visitou.

Antes do fatalissimo naufragio, tinham tido logar os factos que apontamos, e de que nos iremos successivamente occupando, senão pela ordem em que succederam, ao menos pela que melhor pareça accommodar á nossa relação.

O ataque do gentio contra a cidade veiu nem que de molde para que o joven D. Alvaro tivesse occasião de remir em parte as faltas que commettera. E' por isso que nos daremos pressa a tratar delle primeiro, desejosos de alivial-o um tanto da tremenda reprovação moral em que o deixamos.

Deram os gentios rebate, contra o seu costume, ao meio dia, começando por investir o engenho de Pirajá, donde passaram a fortificar-se no Porto-Grande, entre esse engenho e a cidade porém, ao mesmo tempo que uns, com esta investida, aprisionaram muitos christãos, iam outros assaltar em Itapoam as manadas e os vaqueiros de Garcia d'Avila, joven criado com Thomé de Sousa, e que chegando com este governador á Bahia sem cabedaes, era agora um dos primeiros proprietarios do districto.

Fôra o ataque dirigido com toda a premeditação pelos Barbaros; por isso mesmo que o executavam quando o governador, chamado a Pernambuco pelo perigo em que estava a capitania, tinha poucos dias antes deixado a Bahia, onde, em virtude do temporal, se vira obrigado a arribar e a ter alguma demora, o que lhe permittiu dar as necessarias providencias H).

H) Refere-se talvez a este successo o seguinte trecho de um escripto de jesuita anonymo — intitulado *De algumas cousas mais notaveis do Brasil*, que está sendo publicado no Archivo bibliographico da bibliotheca da Universidade de Coimbra: «A quarta guerra foi com... na Bahia; estando muita gente e naus no porto parecendo-lhes que haviam de ir a Pernambuco determinaram tomar a cidade. Indo elles quiz Deus que arribaram e assi souberam como os Indios queriam tomar a cidade e vendo que elles tinham pregoado guerra no engenho de... de Barros uma legua da cidade, os Portuguezes os foram seguindo e matando muitos e alguns se vieram logo de paz e foram á guerra logo contra seus parentes». *Archivo bibliographico*, 4, 64, 268

Foi, como dissemos, seu filho D. Alvaro o encarregado de castigar o insulto que se estava fazendo á cidade. O joven capitão, naquella mesma noite, á frente de setenta homens de pé e seis de cavallo, acommetteu a tranqueira que já haviam feito os gentios, e depois de alguma resistencia a entrou, apezar das cavas estrepadas com que estava defendida. O chefe dos Barbaros ficou prisioneiro, e a derrota veio a ser maior porque, quando aquelles iam a retirar-se, se acharam sem as canoas, que haviam sido tomadas ou queimadas por Christovão de Oliveira, capitão da náo *Esperança*, fundeada na Bahia, o qual, com os bateis artilhados, fôra tornear o inimigo pelo lado do esteiro, que além de Itapagipe se espreguiça pela terra dentro.

Logo o governador mandou D. Alvaro a Itapoam, com cento e sessenta homens, porém os gentios dessa banda, já inteirados do que succedera aos outros, faziam pé atraz, cedendo humildemente, e entregando o gado que haviam tomado, e os prisioneiros que retinham.

Os do lado do Pirajá voltaram no dia immediato em numero muito maior,—de mais de mil, e circumvalaram de tres cercas o dito engenho, em que estava seu dono, o provedor mór que fôra I). De novo lá acudiu, com quanta gente poude juntar, o mesmo D. Alvaro, e foi dar em cinco aldêas, em uma das quaes se fizeram os inimigos firmes. Passou D. Alvaro a desalojal-os de uma grande cerca, a que se haviam recolhido, e na qual apresentaram tal resistencia que Christovam d'Oliveira, que commandava a dianteira, teve o braço atravessado de uma frecha; o escrivão dos contos Pero Fernandes recebeu outra na testa; sendo igualmente feridos de fre-

---

Coimbra, 1904. Dos nomes substituidos por... o primeiro está impresso Francisco Pereira, o segundo João: deveriam ser D. Duarte da Costa e Christovão de Barros.

I) Antonio Cardoso de Barros. Seu engenho, si o mesmo possuido por seu filho Christovam de Barros, ficava na enseada de Jacarecanga, entre Matuim e Mataripe, como informa Gabriel Soares, 2, 23. O engenho vulgarmente chamado de Pirajá era, porém, o de el-rei, começado por D. Duarte, terminado por Men de Sá, de que tambem dá noticia Gabriel Soares, *ib*, 20.

chadas, d'entre os principaes, Manuel Jaques [11]), capitão de um navio que fôra soccorrer Pernambuco, Fernão Vaz e Ayres Quinteiro. D. Alvaro foi mais afortunado; pois todas as feridas recebeu no cavallo que montava. Os vencidos retiraram-se para a banda do rio Vermelho. Mas constando na cidade que se começavam a reunir em quatro ou cinco tabas, guarnecendo-as de cahiçáras, la foi ainda D. Alvaro; porêm á sua aproximação fugiram todos espavoridos, e seus trabalhos foram desfeitos e as aldêas incendiadas.

Estes acontecimentos, talvez crueldades, longe de incitarem os gentios a tomarem vingança, produziam o effeito contrario [12]). Os mesmos que conhecidamente haviam estado nas conjurações, e ás vezes ja no campo, apenas ellas se mallogravam prostravam-se ante o vencedor, de um modo para nós aleivoso e ignobil; porêm astucioso para elles, que desconheciam o brio, e as nossas leis de honra [13]).

Apenas correu a noticia do desbarato causado por D. Alvaro, vinham ou mandavam de todas partes os principaes dar preito ao governador, assegurando-lhe que sempre haviam sido seus amigos, e fazendo entrega da gente que em suas aldêas detinham captiva. No numero se incluiu por esta occasião o Tubarão (Iperú), um dos mais temidos principaes daquelles contornos, e que era visinho dos levantados, e por ventura com elles mancommunado.

Apezar de tanta submissão, o governador tratou logo de organizar seis companhias ou antes esquadras; e deu o mando dellas a alguns dos mais notaveis da terra, que eram de sua parcialidade. Ao mesmo tempo requereu, pela armada que fazia regressar ao

---

11) A este Manuel Jaques, como capitão de navio Santo-Antonio que se fazia prestes, em 1551, para vir ao Brazil se mandava dar regimento, em carta datada de Almerin em 6 de Março desse anno.

12) E da guerra bem dada ou mal dada soube (Nosso Senhor) tirar esse bem que os Indios ficassem sujeitos e medrosos e dispostos para agora receber o Evangelho e a doutrina de Christo (Nobrega, Carta a Th. de Sousa, de 1559).

13) Dos indigenas americanos em geral, diz Vargas Machuca, fol. 132 v. «Es gente sin honra, los mas principales mienten en cuanto dizen e prometen. Son muy amigos que el Español les guarde la palabra, no sabiendola ellos guardar.»

reino, por não ter meios para pagal-a, que se lhe mandásse com que manter de soldada uns oitenta homens d'armas, ou ao menos os do pequeno numero já organisado, quando saissem a pelejar. — Eis a origem de um primeiro contingente de exercito no Brazil J).

As mencionadas victorias não faziam o governador nem seu filho mais populares. Queixou-se o povo de que elles decidiam a guerra sem tomar accordo com os que em taes negocios deviam ser mais interessados, e pediam por isso ao rei que o novo governador que fosse nomeado trouxesse a mulher, mas não filho homem solteiro, se o tivesse; pois agora pae e filho abusavam de tal modo que só cuidavam de seus lucros, assim no conceder as licenças para o resgate com o gentio, e em occupar nisso os bergantins do Estado que deviam estar correndo a costa, como no dar officios de escrivão da camara, juiz e escrivão dos orfãos, inquiridor e escrivão d'almotaceria, alcaide do campo e carcereiro; e em distribuir as terras a forasteiros que as tornavam a vender aos colonos, concedendo-as até do rocio da cidade, o qual chegou a reduzir-se a quarenta braças. Além disso queixava-se de commetter o governador o arbitrio de não deixar sair para o Reino os que, não sendo seus apaniguados, podessem ir representar contra elle, chegando a prendel-os, quando julgava que ás escondidas o queriam fazer.

O povo estava vexado, e só tinha em seu favor o recurso da ordenação de dar por suspeito o proprio ouvidor, mui ligado ao governador. — Mas este recurso custava-lhe caro, pois que, para evital-o, havia o mesmo ouvidor proposto e conseguido que por cada suspeição se deviam depositar dez cruzados, somma que muitos pobres não tinham K).

J) Nem dos documentos relativos aos ataques dos Indios e á resistencia opposta por D. Alvaro, nem destas segundas queixas contra o governador e seu filho, possuem copia a Bibliotheca Nacional e o Instituto Historico. Na 1a ed. o A. data os successos com os Indios de 26 e 29 de Maio de 1555.

K) Os motivos da exigencia de deposito de quem apresentasse suspeição expõe D. Duarte da Costa em sua carta de 21 de Abril de 1555, *Rev. Trim. do Instit. Hist.*, **49**, I, 560. Thomé de Sousa procedera de modo semelhante.

Na capitania do Espirito Santo, onde mais que nas outras se havia admittido o uso da idade média de se vender o gentio a si ou de se *furtar a si mesmo*, como dizia Nobrega L), tanto dessa pratica abusaram os colonos, que sendo os vendidos voluveis e em grande numero, se levantaram, destruiram muitas fazendas e mataram os principaes, a saber: D. Jorge de Menezes, D. Simão de Castello Branco, Bernardo Pimenta e Manoel Ramalho. Depois continuou a mesma capitania apouquentada dos Barbaros visinhos, ameaçada dos Francezes, e, por fim, sempre em contendas e guerras civis taes, que deixou de medrar. Se a colonisação tem caminhado de outro modo, se é levada a cabo com mais gente, e emprehendida pela corôa (como maior capitalista), á maneira da Bahia e do Rio, talvez seria hoje a provincia do Espirito Santo uma das mais ricas do Brazil, e a cidade da Victoria, ou alguma outra construida em sitio apropriado no continente, um dos seus emporios. Neste caso houveram ¿ quem sabe? os habitantes desta provincia sido os des-

---

L) Nobrega, *Cartas*, 151. « A segunda (guerra) foi no Espirito Santo com muita perda nossa e de D. Jorge Menezes, capitão das Molucas, o que metteu os Castelhanos no fogo, e el-rei sentio muito ser este homem sentenciado a morte por se crear com elle e disse: « Houvereis de tentar (attentar?) que serviços me tem feito, mas não morra aqui, mandai-o ao Brasil e que lá morra». E morreu D. João (aliás D. Simão) de Castello Branco, muitos e o porque foi isto, foi a mulher de um principal que um portuguez se amancebou com ella, isto publicamente, e não lhe querendo dar o portuguez a seu marido o indio appellidou gente e os matou. Aqui se perderam muitos engenhos e os fizeram embarcar para Porto Seguro ». *De algumas cousas mais notaveis do Brasil*, Arch. bibl., 4, 63/64.

O estado a que chegou a capitania do Espirito Santo é descripto do seguinte modo por Men de Sá : Como me deram posse do governo, logo me deram cartas de Vasco Fernandes Coutinho, capitão da capitania do Espirito Santo, em que dizia que o gentio da sua capitania se alevantara e lhe fazia crua guerra e tinha mortos muitos homens e feridos e que o tinham cercado na villa, onde dias e noites o combatiam e que não podia deixar de se entregar a que o comessem si o não soccorressem com muita brevidade ». *Justificação*, 6 r.

Com este titulo será citada uma inquirição ainda inedita, de que a Bibliotheca Nacional possue copia, a que Men de Sá mandou proceder em 1570 para justificar os serviços prestados no tempo do seu governo. Todas as vezes que o verbo estiver na primeira pessoa, é Men de Sá quem falla.

cobridores das Minas, a parte de cujo territorio se acha geographicamente ligada.

Em Pernambuco depois da morte do donatario Duarte Coelho [14]) ficou sua mulher D. Brites de Albuquerque por governadora e administradora da capitania, e ahi se achava em 26 de Março de 1577, em que encontramos o seu nome em uma doação. O joven segundo donatario Duarte Coelho d'Albuquerque e seu irmão Jorge d'Albuquerque Coelho, ja nascido no Brazil [15]), estavam então educando-se em Portugal M).

---

[14]) Em 1554, e segundo Jaboatão (Preambulo p. 87 [I, 143 da edição feita no Rio em 1858], a 7 de Agosto; mas parece haver sido no principio desse anno; pois já em 10 de Maio era passada a carta de confirmação em favor de seu filho (Liv. 3°, de Filipe 1°, fl. 282). [Morreu em Portugal, segundo Fr. Vicente do Salvador, *Historia*, 2, 9, desgostoso do modo por que el-rei o recebeu. Assegura Braamcamp Freire que Duarte Coelho de Albuquerque, fidalgo da casa del-rei, e filho primogenito do primeiro donatario, só teve mercê da successão por carta de 8 de Novembro de 1560. Por cartas de 24 de Novembro de 1561, 8 de Junho de 1568 e 10 de Fevereiro de 1570 foi-lhe concedido usar da carta de doação da capitania feita a seu pae por D. João III, apezar da mercê não lhe estar ainda confirmada: *Brasões da sala de Cintra*, 1, 467, Lisboa, 1899. O erro do Autor desta *Historia* proviria de se ter servido de uma cópia: os documentos originaes estão com *D. Sebastião* e *D. Henriques*, *Doações*. liv. 7, f. 205 v.; liv. 30, f. 25 v.; liv. 22, f. 106 v.; liv. 26, f. 15 v. Em todo caso a morte de Duarte Coelho foi anterior á de D. João III, e até a 20 de Maio de 1556, segundo documento citado por Jaboatão, *Orbe Serafico* 1, 149. Rio, 1858].

[15]) Em Abril de 1539.

M) Do tempo da sua volta á capitania dá noticia o seguinte trecho de uma carta do jesuita Ruy Pereira, datada de 6 de Abril de 1561:

« A Senhora Governadora que se chama D. Beatriz, de por extremo devota da Companhia, quando achegamos acertou de estar em um seu engenho fora da villa uma legua, e como o soube a tarde, com ter uma sobrinha muito doente, diz que toda aquella noite não poude dormir com alvoroço, e como foi manhã, sem sabermos nada, já estava em nossa igreja. Era sua alegria tamanha em nos ver que não fazia sinão chorar e dizer cousas de pessoa que amostrava ter quanto seu coração desejava. Esta senhora, como disse, é grande devota da Companhia, e as suas esmolas foram continuas em casa, emquanto aqui estiveram padres da Companhia, e assi agora o são. Seus exercicios são ir á igreja e ouvir missa e encommendar-se a Deus, visitar quantos enfermos ha na villa e consolal-os. Seu gosto é falar de Deus e ler por livros espirituaes, e agora que vieram os filhos não cabe de alegria por ver que a descarregaram da governança e que tem tempo para se dar a Deus ».

O gentio, que tanto havia experimentado a têmpera do velho capitão, ao saber que elle deixara de existir, juntou-se em grande numero, e veiu assolando e incendiando quanto topava. Assaltou Igaraçú, e destruiu inteiramente um engenho ja ali acabado. Outro engenho (de Santiago), feito por Diogo Fernandes e seus socios, naturaes de Vianna do Minho, com mui boas terras, excellentes aguas, madeiras e lenhas, e em que se fabricavam por anno dez mil arrobas de assucar N), foi abandonado por falta de gente e armas com que se defendesse. Em vista do que, D. Brites confiou a seu irmão Jeronymo de Albuquerque o governo da capitania. Este capitão, apenas se desenganou de que era necessario conter a insolencia do gentio, reuniu quantos dos seus poude; deu nelle deveras, e em 28 de Agosto de 1555 ja o julgava submettido, atemorisado, e « calado », segundo se expressa na carta que então escrevia ao rei O). Este bravo chefe teve ainda para o diante [16]) occasião de prestar muitos serviços á terra que adoptara por patria, e á qual legou, com sufficientes bens, vinte e quatro filhos, entre legitimos e naturaes [17]).

Se pela banda do Norte os Barbaros não levaram a melhor, outro tanto não succedia para o Sul, a contar do Espirito Santo. Todos os morubixabas ou chefes dos mesmos Barbaros, desde o

---

N) Jeronymo de Albuquerque não diz que ja se fabricavam, mas que se podiam fabricar dez mil arrobas de assucar. Eis suas palavras: nelle (engenbo Santiago) se podem assentar dentro da cerca dois engenhos de assucar e tem boas terras e muitas madeiras e lenhas e outras cousas necessarias; os quaes, andando bem providos do necessario e escravaria, como cumpre, se farão nelles cada anno dez mil arrobas de assucar — l. c. 585.

O) Publicada na *Rev. Trim. do Inst. Hist*, **49**, II, 584/86, Rio, 1886.

[16]) Segundo Jaboatão [*Orbe Serafico*, 1, 146, Rio, 1858] falleceu em 1591: e seguramente depois de 13 de Novembro de 1584, em que assignou o testamento, do qual se collige parte de sua vida e de sua descendencia. [O testamento, publicado por Fernandes Gama, *Mem. hist. da prov. de Pern.*, **1**, 85/90, foi reimpresso na *Rev. do Inst. Arch. e Geog. Pern.*]

[17]) Foi d'uma filha sua natural Catharina d'Albuquerque, casada com o florentino Filippe Cavalcanti, que procedeu a familia Cavalcanti d'Albuquerque, ou antes (á maneira antiga ainda usada em Hespanha) Cavalcanti e Albuquerque. Segundo Villas Boas, este Filippe Cavalcanti passara de Florença a Portugal pelos annos de 1558.

Cabo-Frio até a Bertioga, estavam unidos e prestavam obediencia a outro chefe maior que chamavam Cunhambebe [18]); o qual se gabava da proeza de haver trincado carnes de uns dez mil dos seus inimigos, para cuja morte concorrêra. Se bem que a presença dos Europeos, tão superiores aos Indios nos meios de ataque e defensa, lhes poderia instinctivamente haver aconselhado esta harmonia ou alliança contra o inimigo commum, somos antes propensos a crer que ella não procedia tanto da abnegação dos chefes subalternos, como do ascendente que sobre elles exercia o grande Cunhambebe, que todos tinham razão para temer. Cunhambebe foi, dos chefes que dominavam, com a sua marinha de canôas, todos os reconcavos e angras desde a dos Reis até ás da ilhas de S. Sebastião, o que mais fortuna conseguiu em suas tentativas, não só de arremettidas por mar ás colonias de S. Vicente e de Santos, pela barra de Bertioga, e a esta mesma barra depois que teve fortaleza; como nos ataques e abordagens que ousava dar ás galés e caravellas que por alli passavam sem artilheria, e até ás artilhadas e muito bem guarnecidas, que fundeavam e se descuidavam durante a noite P). As primeiras victorias lhe tinham augmentado a audacia, e seu nome se repetia, na colonia de S. Vicente e nas galés de toda a costa, com tanto terror como pouco antes, nas aguas e costas do Mediterraneo, se proferira o do celebre Hariadam Barba-Roxa. Cunhambebe ja não temia a artilheria, e de tal modo com ella se familiarisou que se contava que, havendo-se apoderado de dois falcões, os levava comsigo carregados, e sobre os proprios hombros lhes dava fogo em retirada, se era necessario, aguentando elle o recúo [18]).

---

[18]) Quoniambebe diz Staden. Este nome pode traduzir-se : « O voar da mulher » « Cunhâ-bébé ».

P) Um exemplo de ataque de Indios aos navios que passavam fornece a carta do jesuita Leonardo Nunes, escripta em São Vicente a 24 de Agosto de 1551. Pouco importa ao caso que os assaltantes fossem amigos dos Portuguezes e julgassem a embarcação franceza.

[18]) Thevet dá deste facto uma gravura na sua célebre *Cosmographia*. [Ha mais de um Cunhambebe: o de que falla Anchieta, quando descreve seus trabalhos em Iperoig, nada tem com o de Thevet: este morreu de peste, logo

O escriptor francez André Thevet quiz-nos deixar deste temivel chefe tão exacta pintura que até o retrato possuimos, com a perfeição proverbial de todos os dos personagens do tempo que incluiu na sua cosmographia. Era Cuuhambebe bastante alto, membrudo, e de horrenda catadura: levava furado e com um botoque no sentido vertical o labio inferior: nas orelhas arrecadas não desproporcionadas, e ao pescoço um collar de busios em volta dobre, do qual pendia, na dianteira, um grande caramujo. Era de feições grandes e grosseiras: as rugas da frente e das faces descobriam quantas vezes em vida conhecêra o perigo a que se arrojára. A expressão do rosto podemos dizer que respirava uma melancolia ferbz.

Todos os chefes dos contornos prestavam, como diziamos, cega obediencia a este Barbaro temivel, que era o primeiro a sacrificar-se na occasião do perigo, e que, apezar de implacavel sempre para os inimigos e orgulhoso dos proprios feitos de um modo insupportavel, não deixava de prestar-se a certos armisticios com os navios portuguezes, que, devidamente prevenidos, vinham fazer resgates ou propor conciliações, como succedeu com os Jesuitas, cuja roupeta acataram sempre elle e os seus successores.

Podemos ter uma perfeita idéa do que era o governo e o dictatorado de Cunhambebe, pela peregrinação que ahi fez como captivo Hans Staden, o qual, conseguindo escapar-se, voltou a Hesse, sua patria, e em Marburg Q) publicou em allemão a narrativa de quanto soffrêra e observára, e merece que lhe dediquemos algumas linhas.

---

depois da chegada de Villegaignon, Heulhard, *Villegagnon, roi d'Amerique* 114. Tinha em sua aldeia seis canhões tomados a duas caravellas e a vestimenta e a cruz de um cavalleiro de Christo, que com muito fundamento Rio Branco julga pertencentes a Ruy Pinto, *Le Brésil en 1889*, 142 n, Paris, 1889].

Q) Do livro de Hans Staden ha duas traducções em nossa lingua: uma de Alencar Araripe, feita da versão franceza de Ternaux-Compans, e publicada em 1892 na *Rev. Trim. do Inst. His.* 51, I; outra feita por Albert Löfgren, da edição original, impressa em S. Paulo para commemorar o quarto centenario do descobrimento do Brasil. Esta dá uma bibliographia da obra, reproduz as estampas que acompanham a edição de Marburg e traz notas de Theodoro Sampaio. Uma traducção ingleza, devida a Albert Tootal e annotada pelo celebre viajante R. F. Burton, editou a Hakluyt Society de Londres em 1874.

Staden, que pela segunda vez viajava para estas paragens, havendo estado da primeira vez em Pernambuco (donde fôra, como vimos, de soccorro a Igaraçú) havia sido um dos naufragos da mallograda expedição do hespanhol Senabria, e em S. Vicente se aposentára em casa de seu patricio Heliodoro Eoban, filho do poeta allemão deste appellido, e feitor do engenho do genovez José Adorno [19]). Mandado por Thomé de Sousa para servir de bombardeiro na fortaleza da Bertioga, um dia que se descuidou pelo mato, foi assalteado pela gente de Cunhambebe. Despiram-o, levaram-o por mar a Ubatuba, então simples aldêa d'Indios; onde depois de lhe raparem as sobrancelhas é cortarem-lhe as barbas, lhe fizeram a cerimonia do *poracé*. Ahi ficou por escravo do chefe Iperúaçú ou Tubarão-grande; e passou a ser apresentado a Cunhambebe, que se desvanecia ao ouvir da propria boca do prisioneiro quanto o seu nome era conhecido e temido na terra de *Morpion*[20]) ou de S. Vicente.

Seria demasiado longo e alheio a nosso fim acompanhar o prisioneiro em todas as suas peregrinações obrigadas. Baste-nos saber que os Indios não o mataram, pelos continuos protestos que elle fazia de não ter que ver com os Portuguezes, aos quaes foi pelos Indios obrigado a fazer fogo com a sua espingarda. A obra de Staden nos informa de um incendio lançado pelas canôas da Bertioga á aldêa india Mambucaba[21]), de uma victoria ganha pelos de Cunhambebe, em certa expedição que fez com trinta canôas, guarnecida cada uma de mais de vinte combatentes; e nos dá afinal clara idéa da frequencia com que vistavam os navios Francezes estas paragens,— principalmente o rio de Janeiro.

Tal frequencia dos navios francezes não era desconhecida na cidade do Salvador, onde por outro lado se sabia que as náos dessa nação ousavam até chegar d'ali doze leguas, á Tatúapára; — não

---

19) Helio Eoban que nasceu em 1488 e falleceu em 1540.

20) Vej ante, secção VIII, pag. 123. [ ]

21) De *Mbocábog*, que segundo Montoya (*Vocab.*, p. 241) significa fortaleza ou sitio fortificado [e segundo Theodoro Sampaio o furo, a aberta, a passagem, o rasgão].

falando em tres junto ao porto dos Francezes, duas das quaes avistára o donatario do Espirito Santo viudo de Pernambuco. Um Gaspar Gomes, dos Ilheos, saido de S. Vicente, fôra por outro lado detido dois mezes e meio no Rio de Janeiro por uma náo franceza, cujo commandante o não deixou seguir, emquanto não acabou de carregar obra de sesseuta moios de pimenta e algum brazil. O mesmo Gaspar Gomes dava razão de que ali tinham ficado linguas e feitores preparando mais carga, e de que em Cabo-Frio carregava outra náo. Estas noticias R), confirmava o ouvidor geral, que chegára de nova correição e Luiz Alvares, morador em S. Vicente, que dizia haver encontrado uma náo de trezentos homens, da qual se escapára fugindo; e finalmente Braz Cubas, vindo de Santos, dava noticia de uma fortaleza que se construia em Cabo-Frio [22]). Pouco tempo depois chegava tambem a noticia de que ficavam muitos da mesma nação estabelecidos em uma ilha á boca da enseada do Rio de Janeiro, com a circumstancia de não serem catholicos, como até então; porem sim hereges da seita de Calvino. Era já a noticia da empreza de Nicolao Durand de Villegagnon.

Este ousado nauta, natural de Provins, tinha-se antes feito celebre principalmente pelo modo com que, apezar dos cruzeiros inglezes, havia atrevidamente transportado para a França a rainha Maria de Escocia, que estava em Dunberton [23]), porto de seu reino. Espirito emprehendedor e amigo da celebridade, teve occasião de saber o que era o Brazil, e como tanta riqueza e tanta terra e tantos portos estavam desattendidos. Ideou pois uma colonisação em ponto grande nestas paragens, escolhendo desde logo para o assento della a portentosa bahia de Janeiro, chamada

---

R) Quasi todas estas noticias se encontram em carta de Francisco Porto Carrero, escripta da Bahia a 20 de Abril de 1555, de que existe copia na Bibliotheca Nacional.

22) Esta noticia é confirmada pelo que nos diz Thevet, fl. 909.—Os Francezes começaram por estabelecer-se em Cabo-Frio, [não quando vieram com Villegaignon, que desembarcou directamente em Ganabara].

23) Thuanus, citado por Southey 1, 280. [O trecho da vida de Villegaignon anterior á empreza do Brasil é largamente estudado na obra de Heulhard].

por alguns do paiz *Iterone* ou *Nicteroy* e por outros *Guánabará* [24]). Deve porém advertir-se que já, pelo menos desde 1554, haviam sido na mesma bahia concedidas sesmarias por Pedro Ferraz Barreto, loco tenente de M. Affonso, a Jorge Pires, seu filho Simão Machado e outros.

Para levar avante o seu plano, ideou Villegagnon angariar em favor delle ao almirante de França Gaspar de Colligny, representando-lhe como se podia no Brazil criar um asylo para os emigrados protestantes, do qual, a todo tempo, haveria facilidade de hostilizar os Hespanhoes, afim de fazer-lhes divergir para estas bandas os seus recursos bellicos. O projecto agradou a Colligny, e, approvado por Henrique II, foram a Villegagnon cedidos dois navios, com os quaes partiu do Havre; e ao cabo de uma pessima viagem, no principio da qual se vira forçado a arribar a Dieppe, alcançou o desejado porto.

Reservando para quando nos occuparmos adiante da fundação da nossa cidade capital a descripção da magnifica bahia chamada rio de Janeiro, saibamos por agora, e tanto nos basta, que perto do meio da barra desta bahia existe um ilheo quasi razo com o mar, e a modo de uma grande lage, que, na verdade, parece que a poz naquelle sitio a mão de Deus, para servir como fortaleza á defensa de todo o porto. Foi ahi que primeiro desembarcou o ambicioso e hypocrita aventureiro, e tentou construir

---

24) Se é que da parte de quem primeiro escreveu esta palavra (que assim foi impressa em 1557, em França, nas datas de umas cartas) não houve algum equivoco em vez de «Guá-ná-para» ou «Pará-ná-guá»: nome este em que tão commummente os Indios designavam os lagos ou os lagamares no Brazil, e que quer como dizer «Saco do mar.» Quanto ao nome *Nicteroy* parece-nos que a verdadeira etymologia deve ser «Rio de agua fria»: *ig*, agua; *teroig*, frio. Não podemos comprehender como outros desencantam nesta palavra o significado de «agua escondida.» [Os Francezes escreveram Genabara, Ga abara; Guanabara é adulteração posterior. Theodoro Sampaio explica Niteroy, agua em seio abrigada bahia segura (*nhê-terô-y*) e Guanabara, barra da bahia (*guanã-pará*). Estas e outras etymologias devem ser recebidas com cautela. Partem sempre da premissa de que é tupi a palavra a explicar, esquecendo que o littoral fora antes habitado pelos chamados Tapuyas, como ainda agora attestam muitos nomes de logares, lembra Anchieta, *Informações*).

uma bateria de madeira S). Vendo porém que o ilheo ou lage se alagava com as marés enchentes, e que não tinha recursos bastantes para domar então a furia das ondas e construir fortaleza com muralhas nesse logar, passou a fortificar-se noutro ilheo maior um pouco mais dentro á mão esquerda, ao qual então denominavam de *Sergipe* [25]). D'ahi veiu o ter-se chamado a este ilheo maior, e á fortaleza, *de Villegagnon*; o que, adulterado pela nossa gente, se ficou dizendo, mais aportuguezadamente, Villagalhão [26]).

S) Villegaignon chegou ao rio de Janeiro a 10 de Novembro de 1555, como affirma Nicolas Barré, companheiro de viagem: nous arrivasme le dixieme de novembre en la revierc de Ganabara, pour la similitude qu'elle a au lac: Gaffarel, *Hist. du Brésil français*, 379.

Em carta a Calvino, datada de 31 de Março de 1557 e publicada por Léry, o fundador da colonia refere os dois motivos pelos quaes preferiu uma ilha ao continente: em primeiro logar sua gente não fugiria, em segundo logar como as mulheres indias só iam ali com os seus maridos, os colonos não pecariam com ellas. Este ultimo motivo causou desde logo descontentamento, a ponto dos trugimãos francezes retirarem-se para a terra firme e a gente de Villegaignon conspirar contra a sua existencia. As cartas de Barré e a de Villegaignon foram reimpressas por Gaffarel, *Histoire du Brésil Français au seizième siècle*, Paris, 1878.

Em 1583 a primeira carta de Barré foi com varios accrescimos ridiculos, reproduzida em La Rochelle, como narrativa de uma viagem de 1581, por Jean Portau; Gaffarel não deu entretanto por isso; cf. *Brésil Français* 378, 385 e 496 e seg., onde a falsificação é patente. Gaffarel não notou tambem a identidade entre a narrativa de Léry nos Martyrs de Crespin (ib. 431, 496) e a do anonymo de 1561 (*Arch. de voyages*, 40, Paris, 1854). Isso teria poupado muitas paginas a Heulhard, evitando a Zeferino Candido repetir, *Navegação e conquistas*, 65, que Léry esperou a morte de Villegaignon e de todos os que em seu nome podiam romper-lhe a urdidura, para astuciosamente abrir o leito deste rio de injurias e retaliações.

25) Consta dos apontamentos das informações que Men de Sá obteve dos linguas em 1558, e que remetteu á côrte, os quaes desgarrados do documento original, que se guarda na Torre do Tombo, vieram casualmente a nosso poder, mui sumidos de lettras. «Serigipe» composta de «Seri», caranguejo deste nome, «gy-pe», (cabo de machado ou instrumento cortante): applicado ao caranguejo quer dizer os seus ferrões [Sergipe, rio dos siris, segundo Th. Sampaio. Pertencerá a palavra á lingua geral? Parece muito pouco natural dar o nome de rio a uma ilha privada de agua nativa].

26) Não falta quem pretenda resuscitar para a fortaleza o antigo nome e orthographia. Quanto a nós não ha para isso mais razão do que para

O fundador havia-lhe dado o nome de Colligny, em honra de seu protector, e reservára o de Villa-Henrique (Henryville) para o estabelecimento sobre a praia visinha na terra firme [27]) onde principiaria a cidade, se elle persiste. O cosmographo André Thevet pretendeu que o paiz se ficasse chamando *França Antartica*, e assim o designou já no proprio titulo do livro das coisas singulares do Brasil que publicou em 1558. [28])

Apenas estabelecido, despachou Villegagnon para a Europa um navio, e ponderava a Colligny o exito da expedição, e as boas disposições que encontrava na gente da terra, para a qual pedia missionarios da seita de que se queria fazer patrono, antes ainda de nella se alistar do coração.

Se nessa colonia tem desde o principio reinado a necessaria harmonia, e se os colonos francezes, já seguros dos Barbaros, passam para o continente, á chegada dos reforços esperados, e fazem algumas plantações, e adquirem por meio destas o amor á terra que dá a propriedade della, quando amanhada com o proprio suor, talvez ninguem houvesse podido mais desalojal-os; e o rio de Janeiro e seus contornos; pelo menos, pertenceriam hoje, como Cayenna, á França, ou formariam acaso uma nação independente de colonisação franceza, ou, Deus sabe! quasi africana, como o Haiti, se é verdadeira a idéa que alguns tem de que os Francezes, com excesso amigos da sua França, não são um povo colo-

---

chamar-se em Pernambuco forte do « Bruyne », a que todos chamamos hoje do « Brum ». *Vilagalhão* se lê no mappa do Rio de Janeiro da « *Rasão do Estado do Brazil em 1612* » [e já apparece em 1570 no *Instrumento* de Men de Sá. Na imprensa diaria do Rio estão agora se introduzindo maior estravangia: Willegagnon].

27) Provavelmente no local onde hoje está assentado o edificio da Santa Casa da Misericordia.

28) « *Les Singularités de la France-Antartique* ». — O original desta obra guarda-se na Bibliotheca Publica de Pariz, segundo fez conhecer o Sr. Ferdinand Denis. [Traduzida em italiano, e parece que tambem em inglez. Barbosa Machado, *Bib. Lusitana*, 4, 19, illudido pela versão italiana, conta entre os escriptores portuguezes « André de Teive, cuja patria e estado de vida se ignoram ». *Les Singularités* foram reimpressas em edição annotada por Paul Gaffarel, Paris, 1880. *Singularités* na linguagem do tempo correspondia a monographia].

nisador. Mas melhor o tinha disposto a Providencia, em favor da futura unidade da actual nação brazileira; que fala toda a mesma lingua, e professa, Deus louvado, a mesma religião.

A ilha não continha manancial algum, o que obrigava, aos moradores, ao trabalho de irem todos os dias por agua. Os viveres começaram a escacear, e os colonos se viram necessitados, para não morrerem á fome, de sustentar-se de mandioca e outro mantimento do paiz, a que não estavam habituados. A colonia vivia descontente. Neste comenos quiz Villegagnon obrigar a um Normando, grande lingua dos Indios, a casar-se com uma gentia com quem estava em relações, segundo o uso adquirido no paiz, onde havia tanto tempo residira. Tanto bastou para que esse homem se declarasse cabeça de motim contra o chefe. Este, descobrindo uma conspiração de uns vinte e seis individuos, mandou enforcar e estrangular o cabecilha, pôz dois em ferros; um dos quaes se afogou no mar. Aos mais perdoou,—naturalmente depois de lhes exigir juramento de fidelidade T).

Entretanto chegava á colonia um refôrço de perto de trezentos homens, em tres navios armados por conta da corôa. Commandava-os Bois le Comte, sobrinho de Villegagnon; e vinham junctamente dois theologos calvinistas, sendo um delles Jean de Léry, Genebrino U), a cuja penna devemos um importante livro

---

T) Os presos foram quatro, dos quaes um se afogou, outro foi executado; aux deux autres nous avons fait grâce, en sorte neant moins qu'estans enchaînez ils labourent la terre,—escreveu Villegaignon a Calvino.

U) Os dois theologos chamavam-se Pierre Richier e Guillaume Chartier. Léry só recebeu a consagração depois de voltar do Brasil. A expedição compunha-se de tres embarcações: *la Grande Roberge*, capitão Sainte Marie de l'Epine, piloto Jean Humbert, equipagem 120 pessoas; *la Petite Roberge*, com o pavilhão de Bois-le-Comte, e 80 pessoas de equipagem: *la Rosée*, capitão do mesmo nome e 80 pessoas de equipagem. A bordo vinham cinco rapazes destinados a aprender a lingua dos indigenas para servir de interpretes, cinco moças que deviam casar no Brasil, e João Cointa, senhor de Bolés, de quem se tratará em outra nota. Partiram de Honfleur a 20 de Novembro de 1556, avistaram terra a 26 de Fevereiro, chegaram ao Rio em 7 de Março do anno seguinte.

ácerca desta expedição, com muitas noticias sobre a ethnographia dos Indios, livro que só mais de vinte annos depois se imprimiu. [29]) O refôrço, longe de trazer á colonia franceza paz e concordia, como julgava Villegagnon, em uma carta que escrevia a Calvino, veiu augmentar o numero dos queixosos contra aquelle chefe, e descobrio que elle, pelo seu caracter despotico e bulhento, daria pouco que fazer aos legitimos dominadores da costa do Brazil V).

Porém nem em S. Vicente, nem na Bahia, se conheciam estas desordens, que lavravam na colonia, ainda apenas nascida; e naturalmente só se teria noticia do partido que entre os gentios ganhava Villegagnon, tão em extremo justo e liberal com elles, (aos quaes mandava ensinar "todo o genero de officios e d'armas"),

---

29) La Rochelle, 1578; Rouen, idem; e depois Génêve, 1580; La Rochelle, 1585; e Paris, 1586. [Trad. por Alencar Araripe na *Rev. Trim. do Inst. Hist.* de 1889; reimpressa em dois pequenos volumes por Gaffarel, Paris, 1880: o importante colloquio tupi-francez, um dos mais curiosos capitulos, editado criticamente por B. C. de Almeida Nogueira nos *Ensaios de Sciencia*, Rio, 1876].

V) Sobre algumas causas do insuccesso de Villegaignon ver o artigo de Ramiz Galvão, *Rev. Brazil*, I, Rio. 1879.

Recentemente, em um livro intitulado *Villegagnon roi d'Amerique*, Paris, 1897, Arthur Heulhard consagrou-se a rehabilitar a memoria de Villegaignon. Suas idéas foram expostas e esposadas com grande calor por Zeferino Candido, *Navegação e conquistas*, Rio, 1900. Do mesmo assumpto tratou, incidentemente, mais calmo e imparcial José Carlos Rodrigues, que a proposito da obra de Heulhard diz com toda justiça: a bella impressão e estampas deste livro, as muitas pesquizas que fez sobre a vida de seu herói antes e depois da sua tentativa no Brasil não encobrem a falta de criterio historico do autor: *Religiões acatholicas no Br.*, 21, Rio, 1904.

No processo de Bolés, publicado pelos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, os depoimentos das testemunhas portuguezas tornam bem patente que, ainda ao ser tomado, no estabelecimento dos Francezes dominava o espirito protestante, patente na ausencia de cruzes, imagens ou igreja. Nobrega escreveu, logo depois de tomada a fortaleza: Estes Francezes seguiam as heresias de Allemanha, principalmente as de Calvino que está em Genebra, segundo soube delles mesmos e pelos livros que lhe acharam muitos e vinham nesta terra semear estas heresias pelo Gentio: *Cartas*, 174. O mesmo escreveu Men de Sá.

Si Villegaignon já partiu protestante desde o velho mundo, é ponto duvidoso; em todo o caso as cousas não passaram como Lery as conta, e isso

quão rígido com os seus, que fazia enforcar sem processo. 30)
D. Duarte da Costa, conhecendo, em todo caso, que cumpria desalojal-os, pedia reforço a Portugal, onde, pela morte de D. João III, fôra acclamado rei seu neto D. Sebastião, e, durante a menoridade, regente do reino a rainha D. Catharina, sua avó. Ao mesmo tempo não cessavam as representações do povo contra elle governador e seu filho, e contra o ouvidor geral, pelos vexames que lhe faziam. Em 1556 pedia a camara da Bahia, a altos brados "em nome de todo povo que *pelas Chagas de Christo*", mandasse a metropole com brevidade governador e ouvidor geral, retirando os que estavam, pois para penitencia de peccados já bastava tanto tempo X). Essas repetidas representações nem por isso faziam que mais depressa se aprompstasse a partir o individuo designado tempo antes para desempenhar o primeiro daquelles cargos. O mencionado segundo governador, antes de largar o mando, em 16 de Janeiro de 1557, doou a seu filho e successores, uma sesmaria de quatro leguas de terras, entre os rios Paraguassú e Jaguaripe 31), que elrei reduzia, em 1565, a uma capitania, com parte das clausulas concedidas aos primeiros donatarios Y).

---

deixaram bem patente as investigações de Heulhard; no Brasil foi protestante a seu modo, antes de decidir-se pelo dogma catholico, de que não mais divergiu no resto de seus dias.

Comquanto o rei de França concorresse com dez mil libras tornesas, e desse licença para serem retirados das enxovias do reino os criminosos necessarios á expedição, esta não teve caracter verdadeiramente official, como attestam contemporaneos portuguezes. A opinião contraria sustenta Zeferino Candido, l. c.

30) Carta de Men de Sá, Pizarro, 1, 14. [Esta carta, varias vezes publicada, não se deve ler nos livros de Pizarro e Silva Lisboa, que a deturparam em ponto importante, como se verá na secção seguinte, nota 11].

X) Desta representação não possuem copias nem a Bibliotheca Nacional nem o Instituto Historico.

31) Conf. a Alvaro da Costa em 27 de Nov. 1565 — Liv. 17 D. Seb. e D. Henr. f. 61. [Copia no Inst. Hist.]

Y) A julgar pelo seguinte trecho de Fr. Vicente de Salvador, D. Duarte da Costa não deixou má impressão na colonia: Teve D. Duarte da Costa, além de ser grande servidor de el-rei, uma virtude singular, que por ser muito importante aos que governam, não é bem se cale, e é que soffria com

Nos ultimos mezes do governo de D. Duarte, falleceu na povoação do Pereira, junto á Bahia, o celebre Diogo Alvares Caramurú. [32]

Quando as noticias da communicação dos colonos da Assumpção para o rio de S. Francisco do Sul, e a da occupação do rio de Janeiro pelos Francezes chegaram á Corte de Castella, baixaram dali ordem em 1557, ao governador do rio da Prata, no mez de Fevereiro, para fazer uma povoação no dito rio de S. Francisco; e em Maio para desalojar os Francezes, fazendo igualmente alguma povoação onde assentasse melhor, se assim o julgasse necessario. [33]

---

paciencia as murmurações que de si ouvia, tratando mais de emendar-se que de vingar-se dos murmuradores, como lhe aconteceu uma noite que andando rondando a cidade, ouviu que em casa de um cidadão se estava murmurando delle altissimamente, e depois que ouviu muito lhes disse de fora: Senhores, falem baixo quo os ouve o Governador. Conheceram-no elles na fala, e ficaram mui medrosos que os castigaria, mas nunca mais lhes falou nisso, nem lhes mostrou ruim vontade ou semblante: *Hist. do Brasil,* 3, 5.

32) Accioli. *Mem. da Bahia,* 3, 205. [«Aos cinco dias do mez de Outubro de 1557 faleceu Diogo Alvares Correia, Caramurú, da povoação de Pereira; foi enterrado no mosteiro de Jesus. Ficara por seu testamenteiro João de Figueiredo seu genro» isto escreveu o cura João Lourenço, a folhas 70, de um caderno antigo de obitos da Sé da Bahia, como assegura Jaboatão, *Orbe Seraphico,* In., 18, Rio, 1859. A edição do *Orbe Seraphico,* feita pelo Instituto Historico, em cinco volumes, impressos de 1858 a 1862, é preferida nestas notas á primeira, hoje rara e além disso incompleta. Aqui quando se encontrar citado só o volume a referencia será aos dois primeiros, publicados em um só, ainda em vida do autor; quando a citação for precedida de *In* e indicada apenas a pagina, trata-se dos tres volumes pelo autor deixados ineditos, cujas paginas estão numeradas seguidamente na edição fluminense.

33) Lib. *Rio de la Plata* (Acad. de la Hist. en Madrid) B. fol. 29/33.

SECÇÃO XVIII

MEN DE SÁ. EXPULSÃO DOS FRANCEZES. CAPITANIA DO RIO DE JANEIRO

Soccorro ao Espirito Santo. Morte de Fernão de Sá. Carta Regia a Men de Sá. Carta Regia á cidade a favor dos Jesuitas. Missões de Indios. Os Barbaros submettidos pelo terror. Soccorro aos Ilheos. Peleja-se nadando. Recolhe Men de Sá. Chega a frota ao Rio de Janeiro. Rende Men de Sá o forte de Villagalbão. Vai a S. Vicente. Guerra e explorações no Sertão. Invasões dos Aimorés em Porto Seguro. Puris. Sua origem provavel. Missões junto á Bahia. Aulas da lingua Tupi. Prosperidade da Bahia. A colonisação do Rio de Janeiro. Estacio de Sá. Vai a S. Vicente. Reforços das differentes capitanias.

A situação critica em que estava o Brazil pedia um governador activo, entendido, e sobretudo honesto. Todos estes dotes reunia o desembargador Men de Sá, fidalgo da Casa e do Conselho do Rei, irmão do conhecido poeta Francisco de Sá de Miranda, e que no cargo de chefe da administração geral do Brazil sustentou os creditos de que ja gosava [1]), como « homem de grande coração, zelo e prudencia, acompanhado de lettras e experiencia de paz e de guerra ».

Foi nomeado em 23 de Julho de 1556, por tres annos, com os mesmos vencimentos e poderes que o seu predecessor A).

---

1) « E pois serve V. A. tão bem, » etc. diz o Bispo conde de Coimbra, em carta que escreveu a elrei em 17 de Junho de 1547, na qual pede não consentisse S. A. que este desembargador fizesse obras na igreja de Nogueira, que nelle renunciára seu irmão, antes della prior. A carta de administração da Capella está no Liv. II da Chanc. de D. João III, f. 204. v; a de desembargador da casa da Supplicação, no Liv. 31, f. 97. [Sobre a familia de Sá de Miranda têm publicado importantes trabalhos C. Michaelis de Vasconcellos, Sousa Viterbo e Brito Rebello].

A) Men de Sá partiu da barra de Belem a 30 de Abril de 1557 e anchorou nos cachopos; ao primeiro de Maio sahiu para o Brasil; na travessia

Chegando á cidade do Salvador, logo Men de Sá « começou « a mostrar sua prudencia, zêlo e virtude. Cortou as longas de- « mandas que havia B), concertando as partes, e as que de novo « nasciam atalhou da mesma maneira; ficando as audiencias va- « zias, e os procuradores e escrivães sem ganho, que era uma « grande immundice que comia esta terra, e fazia gastar mal o « tempo, e engendrava odios e paixões. Tirou quanto poude o « jogo, que era outra traça, fazendo a todos entender em seus « trabalhos com fructo [2]) ».

Seguiu Men de Sá occupando-se na Bahia em animar o adiantamento das obras de sé, e o acabamento de um engenho, começado antes por conta do Estado C). Porêm ao que mais que

---

gástaram-se oito mezes menos dois dias, chegou a Bahia em 28 de Dezembro: isto jurou Heitor Antunes, companheiro de viagem, *Instrumento*, 25 v.

« Parti do reino no fim de Abril de 1557 e por os tempos serem contrarios andei oito mezes no mar, e fui as ilhas Cabo-Verde, do Principe e S. Thomé, aonde adoeceram quasi toda a gente e morreram 42 pessoas de 336 que vinham na nau, os quaes continuamente provi e mandei prover de gallinhas e o mais necessario em abastança, que foi causa depois de Deus de se salvarem muitas. *Instrumento*, 3 v.

Diz Simão de Vasconcellos, *Chronica* 2, 49 que ao saltar em terra Men de Sá recolheu-se ao collegio da Companhia para tomar os exercicios espirituaes de Santo Ignacio, á instrucção do padre Manoel da Nobrega. Assim ficaria explicado o facto de sua carta de nomeação ter sido registada so a 3 de Janeiro de 1558, como se vê de um manuscripto da B. Nac. Southey acompanha esta noticia de Simão de Vasconcellos com o habitual sarcasmo de sectario intolerante.

B) Ao tempo que vim n'esta cidade havia nella muitas demandas, jogos de cartas e alguns odios: encurtei as demandas, concertando as partes e com outros meios tirei os odios, fazendo amizades: *Instrumento*, 4 v.

Vicente do Salvador, *Historia do Brasil* 3, 6, conta que um dia, fazendo Pero Borges uma audiencia, não houve parte alguma requerente, do que levantando as mãos aos ceus deu graças a Deus.

[2]) Palavras do P. Nobrega em carta escripta a Thomé de Sousa, em 1559, *Cartas*, 156. [Cf. a carta citada de Antonio Blasques na *Rev. Trim. do Inst. Hist.*]

C) Fiz o engenho que Sua Alteza mandou fazer para os moradores, por que dão quinhentas arrobas — Fiz a sé desta cidade de pedra e cal e de trez naves e de boa grandura, *Instrumento*, 5 v. Cf. Nobrega, *Cartas*, 156.

tudo se dedicou, como assumpto que tambem lhe estava recommendado, foi a cuidar do gentio. Começou por fazel-o reunir em grandes pegulhaes, ás ordens de um *meirinho* ou principal delles mesmos, aggregando-lhes parochos da Companhia de Jesus; quer dizer, começou por organizar de cada quatro ou cinco tabas ou aldêas indias uma só *missão*, instituto este que depois cobrou tanto desenvolvimento em outros districtos, em favor da mesma Companhia D). Então se fundou a missão de S. Paulo junto ao rio Vermelho, proximo da cidade; a do Espirito Santo, no rio de Joanne, e outras. A todos os Indios visinhos da Bahia, prohibiu Men de Sá, com graves penas, a pratica da anthropophagia [3]). Um principal da ilha de Cururupeba despresou esta prohibição, e proseguiu em suas bachanaes E). Soube-o o governador, e logo o mandou prender por uma partida que confiou a Vasco Rodrigues de Caldas. Foi ao principal tão proficua esta prisão, de quasi um anno, que veiu a ser um dos melhores amigos dos colonos. Cada nova experiencia vinha confirmar com quanta verdade escrevêra ao rei a camara da Bahia: «Se V. A. quizer tomar informações por pessoas que bem conheçam a qualidade do gentio desta terra, achará

D) A causa por que no tempo deste Governador se faz isto, e não antes, não é por agora haver mais gente na Bahia; mas porque pôde vencer Men de Sá a contradicção de todos os Christãos desta terra, que era quererem que os Indios se comessem, porque nisso punham a segurança da terra, e quererem que os Indios se furtassem uns aos outros, para elles terem escravos, e tyrannisarem-nos por todas vias, e não quererem que se ajuntem para serem doutrinados, por os terem mais a seu proposito e dos seus serviços, e outros inconvenientes desta maneira, os quaes todos elle vence Nobrega, *Cartas*, 169.

[3]) Nobrega *Carta* a Thomé de Sousa [Nesta carta e em outra a D. Henrique de 9 de Junho de 1560 bebeu o Autor quasi todas as informações do presente capitulo. As cartas de Nobrega devem ser lidas na edição de Valle Cabral, unica fidedigna, acompanhada de notas importantes].

E) Achei toda a terra de guerra sem os homens ousarem fazer suas fazendas se não ao redor da cidade, pelo qual viviam apertados e necessitados por não terem peças, e descontentes da terra, e por o gentio não querer pazes mandei dar em Curupiba num principal que estava em uma ilha que se agora chama a ilha do Curupeba onde estava muita gente de guerra e o

que por mal e não por bem se hão de sujeitar a trazer á fé; porque tudo o que por amor lhe fazem attribuem é com medo e se danam com isso F) ».

Estavam ja, pelo terror, os gentios á roda da Bahia sujeitos, excepto os do Paraguassú, que caiam de improviso sobre as canoas dos nossos sempre que podiam. Uma occasião apoderaram-se de alguns escravos africanos, e, intimados para os restituir, o recusaram fazer. Para obrigal-os, mandou o governador contra elles, com alguma gente, o mencionado Caldas. Este ousado caudilho saiu a acommettel-os, e sem perda de nenhum christão, de tal arte deu nos Barbaros que, como diz um contemporaneo jesuita [4]), «quebrou o encantamento dessa gente», que era de modo que ás suas terras ninguem atéli ousava aproximar-se. O resultado immediato foi a submissão de alguns principaes, e a entrega pontual de quanto haviam tomado, não só os castigados, como os visinhos.

Duas entradas mais, com igual exito, que por esse lado fez o mesmo Caldas, acabaram de submetter de todo o gentio desse districto, que era o primeiro a implorar a nossa amisade, apenas se persuadia de que o não temiamos. Taes resultados acabaram de convencer a Men de Sá, como tinham chegado tambem pela propria experiencia a convencer a Thomé de Sousa, de que o bem áquelles miseraveis canibaes devia ser feito á força, e apezar delles que, por não conhecerem a caridade evangelica nem a piedosa philantropia, não julgavam possivel que outros homens se votassem exclusivamente ao seu bem, como nos diz a historia do christianismo que, com a maior abnegação, se tem votado tantos martyres, muitos dos quaes glorificamos em nosso kalendario.

---

trouxeram preso, o que poz grande espanto ao gentio e temor aos brancos, e logo comecei a fazer guerra em Jaguaripe que é da outra banda da bahia, onde se destruiram muitas aldeas, cativaram e mataram muitos Indios. *Instrumento*, 4 v. Cf. Nobrega, *Cartas*, 160 : este principal esteve preso perto de um anno e agora (Julho de 59) é o melhor e o mais sujeito que ha na terra.

F) Não existe no Rio copia desta carta da camara do Salvador.

[4]) Nobrega em 1559. [*Cartas*, 162].

Facil era de ver que os Indios, crianças pelo entendimento, só podiam ser conduzidos á civilisação, tendo sobre elles os chefes a mesma autoridade e supremacia carinhosa que sobre os filhos e pupilos concede a nossa legislação aos pais e tutores.

Estes beneficios eram tanto mais de reconhecer-se quanto o governador se occupava disso em meio de outros cuidados e da pungente magoa que lhe devia causar a perda de um filho sacrificado aos Barbaros; pois viu-se obrigado a attender com soccorros aos clamores dos habitantes da capitania do Espirito Santo, que, a braços com os seus Indios levantados, teriam de todo abandonado a terra, se lhes não acode tão depressa o novo governador, com um reforço ás ordens de seu filho Fernão de Sá G).

Este joven chefe expirou ferido de uma frechada, apenas havia cumprido a sua missão, e lhe succedeu no mando um certo Diogo de Moura. Pela gente do Espirito Santo poude Men de Sá informar-se, mais por menor, de quanto se passava com os Francezes do Rio de Janeiro, e enviar á corte uns apontamentos do

G) Por me não deixar os moradores ir eu em pessoa, mandei a Fernão de Sá, meu filho, com seis velas e perto de duzentos homens e em chegando a capitania do Espirito Santo entrou por conselho dos que consigo levava pelo rio de Cicaree, e foi dar em tres fortalezas muito fortes que se chamavam Marerique donde o gentio fazia e tinha feito muito dano e mortos muitos christãos, as quaes rendeu com morte de muito gentio, e elle morreu ali pelejando. Dali partiu a armada para a villa donde estava Vasco Fernandes, mas já descercado, e o gentio com a nova da estroição das fortalezas se recolheram a uma fortaleza em que tinham grande confiança, e Baltesar de Sá, meu sobrinho, com os mais da armada a combateram, entraram e mataram os mais que nella estavam, o que foi causa de pedirem pazes e se someteram a toda obediencia. *Instrumento*, 6 r.

A morte de Fernão de Sá foi antes de 30 de Abril de 1558, pois a ella já se refere o jesuita Blasques em carta desta data. Alguns pormenores interessantes dá Fr. Vicente do Salvador, *Historia* 3,7:

A expedição constava de cinco embarcações; Fernão de Sá commandava na galé S. Simão; os outros capitães eram Diogo Morim, o velho, e Paulo Dias Adorno. Entraram no Cricaré além do filho do Governador, Diogo Alvares e Gaspar Barbosa em seus caravelões, e depois de quatro dias de navegação desembarcaram, derrotando os Indios no primeiro encontro. Repellidos porém, os nossos voltaram desordenadamente para bordo e Fernão de Sá,

que colhera, aos quaes acrescentava: « Todo o seu fundamento é fazerem-se fortes; têem muita gente e bem armada; as suas roças não são senão de pimenta. Prazerá a Nosso Senhor que se lhes desfarão todos estes pensamentos H) ».

Para tal fim propoz Men de Sá que se tomasse a Vasco Fernandes a capitania que este donatario velho, aleijado, e sem meios nem esperanças de a poder restaurar, se promptificava a ceder á Coroa, e lembrava, para proteger as capitanias do Sul, que no Espirito Santo se fundasse outra cidade real, como aquella do Salvador, lembrança que depois modificou preferindo, como Thomé de Sousa, o Rio de Janeiro, apenas viu sua portentosa bahia. Além desta lembrança, fazia á corte varias outras, algumas das quaes a Rainha-regente veiu a approvar, como se póde colligir da seguinte carta regia que lhe dirigiu:

« Men de Sá, amigo: Eu a Rainha etc. — Por D. Duarte da Costa recebi vossas cartas, pelas quaes me daveis conta da maneira em que me ficaveis servindo nessas terras; e depois recebi as vossas cartas do primeiro de Junho e dez de Setembro; e por ellas soube como a capitania de Vasco Fernandes Coutinho ficava muito pacifica, e o seu gentio tão castigado, mortos tantos, e tão principaes, que parecia que não levantariam tão cedo cabeça: e recebi muito contentamento com estas boas novas; posto que das de Fernão de Sá, vosso filho, acabar nesta guerra me desaprouve muito. Mas sendo tanto em seu logar e em cousa de tamanho meu serviço, não ha ahi que fazer-se senão dar-se a Nosso Senhor por tudo muitos louvores, como vejo que fazeis, o que vos agradeço muito. E quanto á determinação em que ficaveis de irdes á capitania do Espirito Santo, eu tenho por certo que, quando vos parecesse meu serviço, terieis cuidado de o fazer, e de prover em tudo, conforme a confiança que de vós tenho. Em quanto ao que toca aos Francezes e ás infor-

---

que ficára na retaguarda com seu alferes João Monje, foi morto á flechadas. Os outros foram a Espirito-Santo e dahi a S. Vicente. Na volta o Governador, sabendo como tinham deixado morrer o filho, não os quiz vêr. E quando elles não tiveram esta culpa, observa Fr. Vicente, nem por isso a devemos dar ao pae em fazer extremos pela morte de tal filho. Diogo de Moura do texto é provavelmente o Diogo Morim de Fr. Vicente.

H). Carta de Men de Sá de 1 de Junho de 1558, publicada na primeira edição desta Historia, 1,463. Os apontamentos, trazidos pela gente que foi ao Espirito Santo, estão-lhe annexos.

mações que delles e do que fazem me enviaes, folguei de me avisardes de tudo tão particularmente. E porque por outra carta vos escrevo o que ácerca disso hei por meu serviço, não tenho nesta que vos dizer; somente que tenho por certo que assim mesmo me daes conta, procedereis conforme a importancia em cada uma dellas; e de maneira que me haja em tudo por muito servido de vós, e assim vos encommendo muito que o façaes, e que tenhaes destas cousas o cuidado que de vós espero.

« Os poderes [5]) que pedis vos mando, conforme aos de que usava Thomé de Sousa, por provisões de fóra, para o que cumpre a bem da justiça; e assim podereis conhecer dos aggravos que o ouvidor faz ás partes, posto que caiba em sua alçada; e assim das mais cousas que apontaes não foi possivel irem-vos nestes navios; mas parece-me bem o que dizeis, e eu terei lembrança de se vos enviarem nos primeiros.

« Por diversas vias soube do muito favor que daveis aos padres da Companhia de Jesus, para o que cumpre ao serviço de Nosso Senhor; e recebi disso o contentamento que é razão e requer o intento que se teve no descobrimento dessas terras, que é ser Nosso Senhor nellas tão servido e seu nome tão conhecido e louvado como por tantas razões o deve ser. E porque o meio disto se conseguir é o dos ditos padres, que são tão virtuosos como sabeis, e que com todas as suas forças tanto procuram servir a Nosso Senhor, vos encommendo muito que tenhaes particular cuidado, como sei que tendes, de os favorecer e ajudar no que vos requererem e virdes ser necessario. Em quanto á carta que vi que vos parecia que devia de escrever á camara do Salvador, para que ajudasse e favorecesse os ditos padres na conversão do gentios, vos envio com esta agradecer-vos e juntamente dares-lh'a, e trabalhardes para que assim o façam, dizendo-lhes o grande contentamento que disso receberei, e quanto me desaprazeria do contrario. E pois que como digo, pela

---

[5]) Estes poderes relativos ao ser augmentado a alçada ao governador foram datados de 7 de Março de 1557. Depois foram ainda mais augmentados em 8 de Março de 1569.

[Tendo Men de Sá tomado posse do governo em Janeiro de 1558, taes poderes não podiam ser de nenhuma destas datas. A 31 de Março de 1560 escrevia elle do Rio de Janeiro: Os poderes que mandava pedir a Vossa Alteza pedi-os pela experiencia que da terra tenho e por quão necessarios são aos governadores, e deve-se Vossa Alteza lembrar que povoa esta terra de degradados, malfeitores que os mais delles mereciam a morte, e que não tem outro officio sinão ordir males; si o governador não tiver poderes largos na justiça para castigar e perdoar, é ca pouco necessario, e o ouvidor fica com muito mor jurdicção e fazem o que querem, e quando os mandam responder dizem que cabe na sua jurdição ou alçada.

Comquanto não tragam data as cartas regias publicadas acima, devem ser de fins de 1558, mas podem ter vindo só no anno seguinte, na armada de B. de Vasconcellos ou antes].

pressa com que estes navios partem, não houve logar de escrever algumas cousas que quizera, por esta mesma razão não vae esta tão larga como tambem quizera; mas falo-hei nos primeiros navios. E entretanto vos encommendo muito que, do que toca a meu serviço nessas terras, tenhaes aquelle cuidado que eu confio de vós, e de sempre me escreverdes como fazeis o que vos parecer. »

A carta régia para a camara da cidade do Salvador, mencionada na antecedente, era concebida nos seguintes termos:

« Vereadores e procuradores da cidade do Salvador. Eu a Rainha etc. Ainda que seja tanto de vossa obrigação favorecerdes e ajudardes aos padres da Companhia de Jesus, que nessas terras estão e andam na obra da conversão dos gentios dellas, assim pelas obras em que se empregam, como por suas muitas virtudes, e pela consolação que essa cidade com tal Companhia deve receber, todavia sendo essas partes tão remotas, pelo que por esse respeito pode haver nos moradores dellas algum descuido, pareceu-me dever-vos escrever sobre isso, e encommendar, como encommendo muito, que queiraes haver por muito encommendado aos ditos padres, e os favoreçaes em tudo que para a conversão dos gentios e mais obras espirituaes for necessario; e que aos gentios que se fizerem christãos trateis bem; e não os avexeis; nem lhes tomeis suas terras; porque, além disto assim ser razão e justiça, receberei muito contentamento em o assim fazerdes, pelo exemplo que os outros gentios receberão. Agradecer-vos-hei muito terdes destas coisas muita lembrança e em efectuardes como confio; porque do contrario podéra deixar de me desaprazer muito ».

Começava Men de Sá a dedicar-se a formar um plano ácerca do melhor meio de civilisar neste sentido os Barbaros, quando ali chegou noticia de como outros Barbaros tinham em grande aperto a capitania do Espirito Santo e dos Ilheos, e de que seus habitantes, até então em paz, ao ver os inimigos, possuidos de um inexplicavel panico haviam abandonado os engenhos, ficando circumscriptos á povoação, onde por unico sustento estavam reduzidos ás laranjas que colhiam de alguns quintaes.

Partiu o governador em pessoa a soccorrel-os e tanto a tempo chegou que, se tardára um pouco, se houveram rendido todos já quasi sem alento.

Men de Sá desembarcou com a sua gente á meia noite; e aproveitando-se da escuridade, que parecia maior a quem não conhecia a terra, seguiu para o Sul, em busca dos inimigos que

lhe não fizeram frente, e, deixando-o pelo contrario passar, começaram a hostilizal-o pela retaguarda. Então o bravo Vasco Rodrigues de Caldas resolveu replicar-lhes com uma manobra igual, e embuscando-se caiu sobre elles quando passavam. Como porém eram grandes nadadores, e o mar estava perto, lançaram-se todos a nado; o que vendo os nossos, seguiram-os com os Indios amigos; e sobre as aguas, a grande distancia[6]) da praia, se travou uma peleja, como não sabemos de outra tal; mas não nos admire, — que para se hostilisarem serão os homens capazes de vir a combater nos ares. A victoria se decidiu em favor dos nossos nadadores, qne já levavam em seu favor a força moral, visto que os outros não haviam buscado no mar senão como refugio I).

Outros feitos teve ainda o governador nesta pequena campanha que louvar e premiar ao mesmo Caldas, cujo esforço reanimava os outros, de modo que, se elle houvera antes estado nos Ilheos, não consentira a vergonha que passaram os seus habitantes de se encurralar, em numero de mais de mil, a ver o

---

[6]) De uma grande legua, diz o P. Nobrega (*Cartas*, 15) a quem devemos esta narração.

1) Neste tempo veio recado ao Governador como o gentio Topenequim da capitania dos Ilheos se alevantara e tinha mortos muitos christãos e destroidos e queimados todos os engenhos d'assucares e os moradores estavam cercados e não comiam já senão laranjas. E logo o puz em conselho e posto que muitos eram que não fosse por não ter poder para lhe resistir nem o poder do emperador, fui com pouca gente que me seguiu, e na noite que entrei nos Ilheos fui a pé dar em uma aldeia que estava a sete leguas da villa, em um alto pequeno, todo cercado d'agua ao redor de alagoas e as passamos com muito trabalho. E ante manhã duas horas dei n'aldeia e a destroi e matei todos os que quizeram resistir e á vinda vim queimando e destroindo todas as aldeias que ficaram atraz, e por se o gentio ajuntar e me vir seguindo ao longo da praia, lhe fiz algumas ciladas, onde os cerquei e lhes foi forçado deitarem-se a nado ao mar costa brava. Mandei outros Indios traz elles e gente solta que os seguiram perto de duas leguas e la no mar pelejaram de maneira que nenhum Topenequim ficou vivo, e todos os trouxeram a terra e os pozeram ao longo da praia por ordem que tomavam os corpos perto de uma legua. Fiz outras muitas sahidas em que

inimigo em frente, matando seus gados, e destruindo todas as fazendas sem dar-lhe o merecido castigo.

O gentio atemorisado pediu pazes, e Men de Sá, concedendo-lhas, voltou á capital: onde receberia a noticia de que, por carta regia de 29 de Março desse anno (1559) dirigida ao capitão da ilha de S. Thomé, em Africa, fôra mandado que, em presença de certidão do governador do Brazil, cada senhor de engenho deste estado poderia mandar vir até cento e vinte escravos do Congo, pagando só o terço de direitos em vez da metade, como era costume.

No mez de Novembro do mesmo anno (1559), chegava á Bahia commandada pelo capitão mór Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha a armada destinada ao Rio de Janeiro contra os Francezes, devendo receber de Men de Sá as ordens convenientes sobre o modo de os aggredir, atacando-os, ou obrigando-os pelo bloqueo. Tratou logo Men de Sá, ajudado da influencia do novo prelado D. Pedro Leitão, chegado a 4 de Dezembro de 1559, e dos Jesuitas, de reunir todos os gentios aliados e homens de guerra, que se julgou poderem dispensar-se da cidade do Salvador; e para a capitania de S. Vicente escreveu Sá que, com as forças de que podessem dispor, pois que tanto lhes ia a seus interesses, se achassem á barra do Rio de Janeiro, no dia que aprazou, e em que elle com a força da Bahia contava ali chegar. Para solicitar este reforço de S. Vicente se offereceu o padre Nobrega, que estava na cidade do Salvador.

---

destroi muitas aldeas fortes e pelejei com elles outras vezes, em que foram muitos mortos e feridos, e já não ousavam estar se não pelos montes e brenhas aonde matavam os cães e gallos, e constrangidos da necessidade vieram a pedir misericordia e lhes dei pazes com condição que haviam de ser vassallos de Sua Alteza e pagar tributo e tornar a fazer os engenhos. Tudo aceitaram e fizeram e ficou a terra pacifica em espaço de trinta dias onde fui a minha custa, dando mesa a toda pessoa honrada, e tão boa como é notorio. *Instrumento*, 6.

A guerra dos Ilheos já estava terminada a 10 de Setembro de 1559, data de uma carta de Antonio Blasques, publicada na *Rev. Trim.*

Assim prevenido, partiu Men de Sá para o Sul J). Compunha-se a sua armada de duas náos e oito embarcações menores. Chegadas á barra do Rio de Janeiro, esperaram que se lhes reunisse um bergantim e muitas canôas de guerra, vindas da capitania de S. Vicente [7]), para entrarem na enseada. Aos da fortaleza que, como vimos, estava construida na ilha que ainda hoje

---

J) Determinei de ir em pessoa por me S. A. mandar e fui com mui pequena armada e pouca gente, ao menos do reino, que não trazia mais que gente do mar, e no meio do dia combati contra vontade dos da armada do reino e do seu capitão-mór e dos mais capitães a fortaleza por todas as partes, que como ella estava situada em um pico alto no meio da bahia as podiam as naus e navios cercar. E posto que nos defendeu a entrada com muitos tiros d'artilharia grossa que tinha, sahi em terra e combatemos as duas fortalezas que na ilheta estavam feitas, estando com mais de 120 francezes e 1.500 indios, os quaes duas vezes sahiram a nós e pelejaram esforçadamente e por morrerem muitos francezes e lhe termos tomado uma fortaleza e não cessarmos de combater a outra, se sahiram de noite em canoas e nos deixaram uma das mais fortes fortalezas da Christandade, com muita e fermosa artilharia de metal e outra muita de ferro coado, com muita polvora e outras muitas monições, e navios de remos que faziam para correr a costa. O que sobre isso passei com o Capitão-mór e o muito que lhe soffri por não deixar de combater a fortaleza, dirão as testemunhas. Destroi algumas aldeias fortes com matar muitos Indios. Dahi fui a São Vicente, onde o gentio estava alevantado e o puz em paz, e todo esse tempo que la andei que foi um anno dei mesa e todo o necessario ás pessoas que disso tinham necessidade. *Instrumento*, 8 r., 9 r.

Bartholomeu de Vasconcellos chegou a Bahia a 30 de Novembro de 1559. Men de Sá partio de lá a 16 de Janeiro de 1560 e chegou ao Rio em 21 de Fevereiro. Nobrega, *Cartas*, 171.

7) Carta da Camara de S. Paulo de Piratininga de 20 de Maio de 1561 [publ. na 1.ª ed. desta *Historia*, **1**, 464, onde, porém, não se encontra esta noticia. Do processo de Bolés e da carta de Nobrega ao cardeal D. Henrique vê-se que o venerando Jesuita estava a bordo com o Governador e não fora a S. Vicente: «tomou-se conselho no que se faria, e vendo todos a fortaleza do sitio em que estavam os Francezes, e que tinham comsigo os Indios da terra, temeram de a combaterem, e mandaram pedir ajuda de gente a S. Vicente; mas os de S. Vicente, sabendo primeiro da vinda do Governador ao Rio, já vinham por caminho, e como chegaram determinou-se o Governador de os combater». *Cartas*, 172.

Isto explica a ausencia de hostilidades entre 16 de Janeiro e 15 de Março. Não se comprehende, porém, que Men de Sá exalce tanto a tomada da for-

se chama corruptamente de Villagalhão [8]), intimou o governador por escripto que se rendessem, ao que elles «responderam soberbamente». A ilha tinha de natureza nos estremos dois pequenos morros K), e em cada um delles haviam os defensores construido grandes rancharias; e sobre o meio, em cima do rochedo que se elevava uns cincoenta ou sessenta pés [9]), ficava a casa abaluartada do governador. Copiaremos aqui a descripção desta fortaleza-ilha que nos deixou um contemporaneo [10]): «Tudo o que é ilha era fortaleza, e tudo o que era fortaleza ilha, e toda excepto um pequeno porto na praia era cercada de penedia brava, onde bate o mar, cousa de 100 braças de comprido e 50 de largo, em cujas duas ultimas pontas levantou a natureza dous cabeços talhados no mar, e no meio de ambos um singular penedo, como de quatro braças de alto e seis em contorno. Da circumferencia dos recifes e penedia delles tinham feito defensavel muralha, dos dous cabeços, com pouco artificio, duas juntamente naturaes e artificiosas fortalezas: e do penedo, um pouco mais cavado ao picão, caixa de polvora, segura e constante contra todo o artificio».

As vivendas construidas eram de madeira e cobertas de palha, ao modo dos selvagens. Resolvido o ataque, em 15 de Março

---

taleza, quando não tendo a ilha agua nativa, pouco tempo seria capaz de resistir].

8) Assim lhe chamou ja Diniz na sua notavel, mas hoje pouco lida, ode (a 43), a Men de Sá:

«E que, o Villagalhão, que te valeram
Os altos muros que vaidosa alçaste,
E de merlões soberbos coroaste?»

K) Os morros foram arrazados em 1751 no governo de Gomes Freire de Andrade, como se verá na Secção XLIII deste livro.

9) Marc Lescarbot, «Hist. de la France Antartique», p. 207, citado pelo senhor Ferdinand Denis, no «Brésil», de «L'Univers», p. 44.

10) *Chron. de D. Sebastião*, pag. 165. [Reproduzido de Simão de Vasconcellos, *Chronica da Companhia*, 2, 77, a quem a pretensa chronica de D. Manoel de Menezes, publicada por J. P. Bayão, copía servilmente neste e em outros pontos. O *Instrumento* de Men de Sá, que a Bibliotheca Nacional está imprimindo, contem varias descripções feitas por testemunhas de vista].

de 1560 L), começaram os nossos a desembarcar na ilha, e a assestar nella artilharia, com a qual e a das náos combateram a fortaleza por dois dias e duas noites, até que os Francezes, sem agua nem polvora, capitularam [11]), em numero de setenta e quatro, e alguns escravos; aos quaes depois se uniram mais de quarenta, dos de um navio aprezado, e de outros que andavam em terra. Por fortuna foi proposta a capitulação justamente quando tambem aos nossos se acabavam as munições, e estavam já pensando no modo de recolher a artilharia que haviam desembarcado [12]). O numero

---

L) « A qual peleja, jurou Sebastião Alvares, testemunha ocular, durou a sexta-feira depois do meio-dia em diante e toda a noite seguinte, e ao sabbado todo o dia e a noite de sabbado fugiram, e se foram em almadias e outras embarcações pera a terra firme», *Instrumento*, 17. Muito minucioso é o depoimento de Luiz da Costa, que foi na expedição como meirinho do governador, ib, f. 80 e seg.

11) Men de Sá, em officio de S. Vicente, de 19 de Junho, diz que « negociára» com a guarnição. Thevet (*Cosmog.* f. 908 v.) diz que se entregára esta « par composition», e acrescenta que só havia no forte dez Francezes: mas sua autoridade é dada por suspeita pelos proprios contemporaneos. Tambem cae em dizer, que a esquadra de Men de Sá se compunha de « 26 navires de guerre et quelques vaisseaux à rame», fol. 908 v.

[Não houve capitulação, como já deixou provado Valle Cabral, na edição das cartas de Nobrega, 174. A affirmação contraria, como elle demonstrou, provém do erro de um dos editores da carta de Men de Sá, que, em vez de *ao tempo em que cheguei*, imprimiu *ao tempo em que negociei*. Men de Sá diz que escreveu aos Francezes amoestando-os a deixarem a terra e estes lhe responderam soberbamente. Fr. Vicente, *Historia*, 3, 8, dá a carta de Men de Sá ao sobrinho de Villegaignon, que commandava a praça, Bois-le-Comte, intimando-o a entregal-a. Conta o velho chronista que, « estando uns e outros metidos no furor do combate, Miguel Coutinho, homem pardo, Affonso Martins Diabo e outros valentes soldados portuguezes, subindo por uma parte que parecia inaccessivel, entraram no castello e occuparam a polvora do inimigo. Descoroçoados os Francezes com a perda da polvora e com o inopinado atrevimento dos Portuguezes, desampararam o castello a meio com todas as machinas de guerra que neste havia etc.». Estes factos não constam das cartas de Men de Sá, nem das de Nobrega, nem do Instrumento já tantas vezes citados; isto porém, não é motivo de pol-os em duvida, pois Fr. Vicente parece sobre este e outros pontos ter recorrido a fontes originaes].

12) C. Nobrega, do 1° de Junho de 1560. [*Cartas*, 173]

dos gentios que estavam em favor dos Francezes, orçava o governador em mais de mil [13]), „tudo gente escolhida, e tão bons espingardeiros como os Francezes". Villegagnon não se achava então na ilha, havendo partido para França oito ou nove mezes antes. Nunca mais voltou ao Brazil, e anno depois o encontramos reclamando indemnisações, á embaixada portugueza em Pariz, as quaes naturalmente foram satisfeitas [14]).

Na capitania de S. Vicente ordenou Men de Sá que se effectuasse de todo a mudança da villa de Piratininga [15]) para junto da casa de S. Paulo, construida pelos Jesuitas no alto. Foi levado a isso pelas insinuações dos padres, que lhe fizeram ver como ficariam assim mais ao abrigo dos assaltos dos Barbaros do que

---

[13]) Oitocentos, segundo Nobrega, em carta do 1º de Junho de 1560.

[14]) Da carta do embaixador João Pereira Dantas de 10 de Janeiro de 1563 consta que esta era a opinião do embaixador, e até a da sua corte, e que aquelle julgava chegada a occasião de o attender « para o callar ». [Lopo Vaz, Hakluyt, 4, 298, ordinariamente bem informado, diz que Villegagnon effectivamente recebeu trinta mil ducados. Da carta de Pereira Dantas, publicada no livro de Heulhard, Zeferino Candido transcreveu parte, *Navegação e conquistas*, 149. Rio, 1899].

[15]) Carta da villa de Piratininga de 20 de Maio de 1561 [onde se lê: « E assi mandou (Men de Sá) que a villa de Santo André, onde antes estavamos, se passasse para junto da casa de S. Paulo, que é dos Padres de Jesus, por que nós todos lho pedimos por uma petição, assi por ser logar mais forte e mais defensavel e mais seguro assi dos contrarios como dos nossos Indios como por outras muitas causas que a elle e a nos moveram ». E mais adiante pedem, entre outras cousas: « Outrosi, confirme V. A. a mudação e trespassão da villa que fez Men de Sá com todos os mais capitulos e liberdades que lhe deu » : *Historia geral*, **1**, 465. Sobre a ida de Men de Sá a S. Vicente escreve Nobrega: Depois de tomada a fortaleza, deu o Governador em uma aldeia de Indios e matou muitos, e não poude fazer mais por que tinha necessidade de concertar os navios, que das bombardadas ficaram mal aviados, e fazel-os prestes para se tornarem, o que veio fazer nesta capitania de S. Vicente onde eu fico por assim o ordenar a obediencia: o que mais houver para escrever, o Provincial, que é agora o padre Luiz da Grã, o fará da Bahia.— De seu mestre Nobrega escrevia Anchieta na mesma occasião: Com o Governador veio o padre Manoel da Nobrega muito doente, e magro, com os pés e cara inchada, pernas cheias de apostemas e com outras muitas enfermidades. Nobrega, *Cartas*, 175].

á beira do rio. Além disso decidiu seguir o exemplo da Bahia e fazer aos Indios contrarios guerra aberta. Para esta se preparou uma expedição M), que, depois de embarcar-se no Tieté, seguiu até um porto, donde, levando os expedicionarios as canoas por terra, chegaram ao rio dos inimigos. «Esperamos em Nosso Senhor (ajunta o jesuita Anchieta ao dar a noticia), pois este é o remedio com que esta *brava* geração se quer... não tenhamos inveja aos da Bahia». Ahi providenciou tambem o governador, a ida ao sertão, em busca de ouro, do provedor Braz Cubas, com um Luiz Martins, mineiro vindo do Reino [16]). Os desta jornada, que se foram gente entendida encontrariam ouro no proprio morro onde estava a casa de S. Paulo, andaram, segundo o dito Cubas [17]), umas trezentas leguas sem fructo; mas, ao voltarem dessa cançada digressão, o acharam « mui perto; » naturalmente para as bandas

---

M) A expedição partiu na quaresma de 1561 e nella serviu Anchieta como interprete. O combate com os Tupiniquins foi sexta-feira da paixão, 4 de Abril, como elle conta em carta de 12 de Junho. A tradição ligava o nome de Anchieta a uma das caxoeiras do Tietê: *Rev. Trim.* 4,487, Rio, 1842.

No anno seguinte, em Julho, os Indios puzeram cerco a S. Paulo; não conseguiram, porém tomar a villa, graças a Martim Affonso Tibiriçá, que veio a falecer mezes depois, em 25 de Dezembro. Carta de Anchieta de 16 de Abril de 1563 na *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, 2, Rio, 1840.

[16]) Nomeado em 7 de Setembro de 1559 com o ordenado de 40$000 annuaes. [A nomeação teve cumpra-se de Braz Fragoso, ouvidor geral e provedor-mor da fazenda como Pero Borges, na Bahia, em 9 de Dezembro de 59. A 25 de Janeiro de 62, Luis Martins, vindo do campo, apresentou aos camaristas Braz Cubas, Cristovam Monteiro, Jacome de Araujo e Antonio Pinto 3/4 de dobra e 6 grãos de ouro, que disse ter extrahido, como consta da certidão de Jacome da Motta (B N). Luis Martins foi para S. Vicente em 1560, com Men de Sá; a custa e em companhia de Braz Cubas andou trezentas leguas pelo sertão, achando algumas amostras de metaes. Logo depois desta primeira entrada, Braz Cubas enviou-o novamente ao interior e Luis Martins encontrou ouro de boa qualidade em seis partes, a trinta leguas de Santos. Isto consta da citada carta de Braz Cubas, impressa por Francisco Lobo Leite Pereira, na *Revista do Archivo Mineiro*. Sobre a interpretação destas entradas Cf. Calogeras, *As minas do Brasil e sua legislação*, 1, 21, Rio, 1904].

[17]) Carta de Cubas a elrei, de 25 de Abril de 1562, na coll. do A. [Imp. na *Rev. do Arch.-Mineiro*, 7,593, Bello Horizonte, 1902].

de Jaraguá. —Em 1562 se mandavam as amostras delle, bem como de umas pedras verdes que *pareciam esmeraldas*. Estas seriam provavelmente as conhecidas turmalinas.

Regressava Men de Sá para a Bahia, quando estando avante como o Espirito Santo, e resolvendo entrar neste porto, encontrou ahi em mãos do ouvidor a renuncia N) que da capitania acabava de fazer o seu donatario Vasco Fernandes, que no anno seguinte (1561) falleceu. Os moradores da terra estavam já decididos a evacual-a. Chegando porém o governador, foram-se a elle, com as mulheres e os filhinhos, pedindo-lhe encarecidamente que a tomasse para a coroa. Fez-se disso um instrumento; e Men de Sá limitou-se a

---

N) A renuncia de Vasco Fernandes já estava feita quando Men de Sá passou para o Sul, como se vê do seguinte trecho de sua carta escripta do Rio de Janeiro a 31 de Março de 1560, de que ha copia na B. Nac., a qual dá uma idéa do estado das diversas capitanias visitadas: ...«lhe lembrava o quão necessario era pôr nestas capitanias capitães honrados e de boa consciencia. Agora o vi quando corria a costa: Porto seguro está para se despovoar por causa do Capitão; os Ilheos se lhe não acudira houvera-se de perder, houverão de matar o Capitão; no Espirito Santo estão trez filhos de Vasco Fernandes Coutinho, moços sem barba e todos são capitães; os de São Vicente estão quasi alevantados; si Vossa Alteza quer ter o Brasil povoado é necessario ter outra ordem nos capitães, como ja escrevi. Em chegando a capitania do Espirito Santo achei uma carta de Vasco Fernandes Coutinho em que rogava ao Ouvidor da Capitania que em seu nome renunciasse a Capitania e lhe mandava por isso procuração bastante: os moradores estavam ja todos para se ir, e quando isto souberam se foram os mais com as mulheres e meninos pedindo que a tomasse para Vossa Alteza; assi fiz, como Vossa Alteza pode mandar ver por um auto que disso fiz com o parecer dos capitães até o fazer saber a Vossa Alteza». Cf Nobrega, *Cartas*, 171:» onde (Espirito Santo) achou-se uma pouca de gente em grande perigo de serem comidos dos Indios e tomados dos Francezes, os quaes todos pediram que ou tomassem a terra por el-rei ou os levasse dahi por não poderem jamais sustentar, e o mesmo requeria Vasco Fernandes Coutinho por suas cartas ao Governador. Depois de tomado sobre isto conselho acceitou, dando esperanças que da tornada a fortaleceria no que podesse, por não ter tempo para mais, e por não se estorvar no negocio a que vinha do Rio de Janeiro».

Já a 1 de Junho de 1558 Men de Sá escrevia a elrei: Vasco Fernandes vai lá e tão cansado e enfadado que não deseja se não que lhe tomem a capitania. *Historia geral*, 1, 463.

nomear a Belchior de Azeredo.[18]) apontado pelo povo, para ahi governar.

As duas capitanias de Porto Seguro e dos Ilheos passavam, proximamente por essa occasião, a familias estranhas aos primeiros donatarios; por contractos de vendas, autorisadas pela Coroa. A primeira, por morte de segundo donatario, foi vendida por sua irmã D. Leonor do Campo ao seu solarengo o duque de Aveiro, autorisando-o a isso elrei, com a clausula de que por sua morte passaria a doação a seu filho segundo, para quem assim constituia um morgado. A venda se fez por um padrão de juro de doze mil e quinhentos reis, e mais dois moios de trigo por anno, em vida da cessionaria, que recebeu além disso seiscentos mil reis.

Quem poderá crel-o, a não nol-o dizer tão seguramente a historia, que por tão mesquinho preço se haviam de ter vendido mais de seis mil leguas quadradas de terra! — Hoje não diremos mil leguas, nem cem, nem uma, porém certo numero limitado de braças tem tal valor em qualquer das povoações mais importantes, que se contam nessa tão grande extensão de terras.

A capitania seguiu em decadencia; e muitos povoadores della se passaram para Pernambuco, que prosperava. Como provedor succedeu a Filippe de Guillen o escudeiro João Gonçalves Frade.

A capitania dos Ilheos passou a Lucas Giraldes, que a comprou (6 de Novembro de 1560) ao terceiro donatario Jeronymo de Alarcão, a quem fôra cedida por seu irmão Jorge de Figueiredo, primogenito do primeiro donatario. A confirmação regia foi dada a 20 de Fevereiro de 1561.

Proseguiu Men de Sá viagem até entrar na Bahia O); e desde logo, em harmonia com a sua anterior idea de fundar outra cidade real no Sul do Brazil, começou a insistir pela colonisação

---

18) *An. do Rio de Janeiro*, I, 321. [Em data de 3 de Agosto de 1560].

O) Segundo carta do jesuita Ruy Pereira chegou á Bahia em 29 de Agosto, levando em sua companhia o padre Luiz da Grã, a este tempo nomeado provincial: Accioly, *Memorias da Bahia*, 3,252. « Aos vinte e sete de Agosto

do Rio de Janeiro; afim de que tambem no melhor porto do Sul houvesse outra cidade *Salvadora* destas paragens.

No entanto se occupava de enviar, para varios districtos, homens emprehendedores, afim de explorarem o paiz. Antonio Dias Adorno foi para as bandas do rio das Caravellas; Vasco Rodrigues de Caldas tambem fez uma entrada, e um Antonio Ribeiro, chefe de outra bandeira, perdeu, com muitos dos seus, a vida ás mãos dos Barbaros, em uma cilada, por se haver fiado nas apparentes amisades destes P).

Entretanto se occupava a metropole de dar um novo regimento (11 de Maio de 1560) aos mamposteiros para a redempção dos captivos, aos quaes haviam já sido por elrei D. Manoel concedidos alguns privilegios. Ao mesmo tempo essa instituição era introduzida no Brazil, provavelmente por influxo da *Mesa da Consciencia*, afim de proteger a liberdade dos Indios. Para cada capitania foi pelo menos nomeado um mamposteiro, e de alguns possuimos até os nomes; taes são Francisco Fragoso, de Pernambuco, Pedro Leitão, de Itamaracá, Onofre Pinheiro, da Bahia; e Antonio Lopes Faleiro, dos Ilheos.

(aliás 17, como se vê de uma carta do mesmo Jesuita) uma manhã, havendo vinte dias que dobramos a linha vimos a terra do Brazil e era a bahia de Todos os Santos... Não achamos aqui o Governador... Dahi a poucos dias de nossa chegada foi a sua, em que a cidade e o povo della fez grandes mostras de alegria, e o festejou com momos e invenções novas e touros e outras festas, até então entre elles pouco costumadas». Henrique Dias, Rel. da viag. e nauf. da nau S. Paulo na *Historia tragica maritima*, 3, 22/23 da nova e incorrecta edição de 1904.

P) Sobre a entrada de Antonio Ribeiro não encontra documento o annotador desta edição; a expedição conhecida de Adorno realisou-se no governo de Luis de Brito; o que aliás não é obstaculo a que outra houvesse anteriormente; sobre a de Vasco Rodrigues de Caldas exprimiu-se do seguinte modo o jesuita Leonardo do Valle em carta de 29 de Junho de 1562:

«O anno passado se fez uma entrada com atoardas ou esperanças que havia de ouro, em que ia um dos honrados da terra por capitão de certos homens, assi da mesma terra como da nau da India *S. Paulo*, que aqui veio e se deixaram ficar pera isso. E sendo já 60 ou 70 leguas pelo sertão a dentro por entre um gentio que chamavam Tupiguaen (Tupinaen, ou Tupiniquim, nota

Igualmeute se nomearam varios empregados especiaes para tratarem de fiscalisar os beus dos orfãos e auseutes, e foi impetrada uma bulla (28 de Janeiro de 1561), pela qual Paulo IV concedeu aos bispos do Brazil maiores latitudes, a respeito das dispensas de parentesco para os casamentos dos Indios e Africanos Q).

No meio deste empenho da Côrte de attender a quanto respeitava á religião e aos estabelecimentos de caridade, foi nomeado Braz Cubas (em 8 de Maio de 1563) provedor e contador dos re-

---

do editor) se alevantou o gentio contra elles pelos ver estranhos e tão longe de suas terras. E como elles iam descuidados e foram commetidos de supito, entre matos e caminhos tão estreitos que se não podiam ajudar das armas, por ir um ante outro, viram-se em grandissimo aperto, de que Nosso Senhor os livrou, e foi-lhes forçado deixar toda a fazenda e munições que levavam, deixando sómente o necessario pera desandar o caminho, pera que os escravos e os indios forros que de ca levavam tomassem os feridos ás costas e os sãos pelejassem mais desembaraçadamente. E assim pelejando e capturando muitos dos contrarios, sahiram de entre elles caminhando de dia e de noite, sem da gente branca faltar mais que dois homens, que nos primeiros encontros foram mortos, e o outro fato.

«Ficou la um crucifixo em uma caixa, do qual se disse dahi a pouco tempo que foram umas velhas pera o tirar da caixa pera os seus lhe quebrarem a cabeça a seu modo, e supitamente cahiram mortas, e irando-se alguns mancebos valentes disto, tomaram seus arcos e flechas pera as frechadas o matarem e querendo o pôr por obra aconteceu-lhe o mesmo que as outras... Havendo alguns dous mezes pouco mais ou menos que isto acontecera se foi o proprio capitão que fora a Paraguassu a fazer brasil e tinha alguns escravos daquella nação presos e um mancebo mameluco que os guardava, os quaes se soltaram das prisões e fugiram pera suas terras, e nem elles nem o mancebo pareceu mais, pelo que se creu que o mataram por fugirem. E havendo perto de um anno que aconteceu, vieram agora havera oito dias novas que o crucifixo estava são e o mancebo vivo e que vinha um certo Indio com novas e amostras de ouro».

A expedição de Vasco Rodrigues de Caldas realisou-se depois de 24 de Dez. de 1560, data da carta de mercês que lhe fez Men de Sá. A ella parece referir-se a carta de Guillem de 12 de Março seguinte, infelizmente muito mutilada! neste caso teria durado cerca de dois mezes apenas.

Q) Esta bula é considerada apocrypha por C. M. de Almeida, *Dir. civ. e cil. bras.*, **3**, 1011. Entretanto o breve, não bulla, está publicado no *Corpo chronologico portuguez*, **9**, 168 e seg. Lisboa. 1886

do Rio de Janeiro; afim de que tambem no melhor porto do Sul houvesse outra cidade *Salvadora* destas paragens.

No entanto se occupava de enviar, para varios districtos, homens emprehendedores, afim de explorarem o paiz. Antonio Dias Adorno foi para as bandas do rio das Caravellas; Vasco Rodrigues de Caldas tambem fez uma entrada, e um Antonio Ribeiro, chefe de outra bandeira, perdeu, com muitos dos seus, a vida ás mãos dos Barbaros, em uma cilada, por se haver fiado nas apparentes amisades destes P).

Entretanto se occupava a metropole de dar um novo regimento (11 de Maio de 1560) aos mamposteiros para a redempção dos captivos, aos quaes haviam já sido por elrei D. Manoel concedidos alguns privilegios. Ao mesmo tempo essa instituição era introduzida no Brazil, provavelmente por influxo da *Mesa da Consciencia*, afim de proteger a liberdade dos Indios. Para cada capitania foi pelo menos nomeado um mamposteiro, e de alguns possuimos até os nomes; taes são Francisco Fragoso, de Pernambuco, Pedro Leitão, de Itamaracá, Onofre Pinheiro, da Bahia; e Antonio Lopes Faleiro, dos Ilheos.

(aliás 17, como se vê de uma carta do mesmo Jesuita) uma manhã, havendo vinte dias que dobramos a linha vimos a terra do Brazil e era a bahia de Todos os Santos... Não achamos aqui o Governador... Dahi a poucos dias de nossa chegada foi a sua, em que a cidade e o povo della fez grandes mostras de alegria, e o festejou com momos e invenções novas e touros e outras festas, até então entre elles pouco costumadas». Henrique Dias, Rel. da viag. e nauf. da nau S. Paulo na *Historia tragica maritima*, 3, 22/23 da nova e incorrecta edição de 1904.

P) Sobre a entrada de Antonio Ribeiro não encontra documento o annotador desta edição; a expedição conhecida de Adorno realisou-se no governo de Luis de Brito; o que aliás não é obstaculo a que outra houvesse anteriormente; sobre a de Vasco Rodrigues de Caldas exprimiu-se do seguinte modo o jesuita Leonardo do Valle em carta de 29 de Junho de 1562:

«O anno passado se fez uma entrada com atoardas ou esperanças que havia de ouro, em que ia um dos honrados da terra por capitão de certos homens, assi da mesma terra como da nau da India *S. Paulo*, que aqui veio e se deixaram ficar pera isso. E sendo já 60 ou 70 leguas pelo sertão a dentro por entre um gentio que chamavam Tupiguaen (Tupinaeu, ou Tupiniquim, nota

Igualmente se nomearam varios empregados especiaes para tratarem de fiscalisar os bens dos orfãos e ausentes, e foi impetrada uma bulla (28 de Janeiro de 1561), pela qual Paulo IV concedeu aos bispos do Brazil maiores latitudes, a respeito das dispensas de parentesco para os casamentos dos Indios e Africanos Q).

No meio deste empenho da Côrte de attender a quanto respeitava á religião e aos estabelecimentos de caridade, foi nomeado Braz Cubas (em 8 de Maio de 1563) provedor e contador dos re-

---

do editor) se alevantou o gentio contra elles pelos ver estranhos e tão longe de suas terras. E como elles iam descuidados e foram commettidos de supito, entre matos e caminhos tão estreitos que se não podiam ajudar das armas, por ir um ante outro, viram-se em grandissimo aperto, de que Nosso Senhor os livrou, e foi-lhes forçado deixar toda a fazenda e munições que levavam, deixando sómente o necessario pera desandar o caminho, pera que os escravos e os indios forros que de ca levavam tomassem os feridos ás costas e os sãos pelejassem mais desembaraçadamente. E assim pelejando e capturando muitos dos contrarios, sahiram de entre elles caminhando de dia e de noite, sem da gente branca faltar mais que dois homens, que nos primeiros encontros foram mortos, e o outro fato.

«Ficou la um crucifixo em uma caixa, do qual se disse dahi a pouco tempo que foram umas velhas pera o tirar da caixa pera os seus lhe quebrarem a cabeça a seu modo, e supitamente cahiram mortas, e irando-se alguns mancebos valentes disto, tomaram seus arcos e flechas pera as frechadas o matarem e querendo o pôr por obra aconteceu-lhe o mesmo que as outras... Havendo alguns dous mezes pouco mais ou menos que isto acontecera se foi o proprio capitão que fora a Paraguassu a fazer brasil e tinha alguns escravos daquella nação presos e um mancebo mameluco que os guardava, os quaes se soltaram das prisões e fugiram pera suas terras, e nem elles nem o mancebo pareceu mais, pelo que se creu que o mataram por fugirem. E havendo perto de um anno que aconteceu, vieram agora havera oito dias novas que o crucifixo estava são e o mancebo vivo e que vinha um certo Indio com novas e amostras de ouro».

A expedição de Vasco Rodrigues de Caldas realisou-se depois de 24 de Dez. de 1560, data da carta de mercês que lhe fez Men de Sá. A ella parece referir-se a carta de Guillem de 12 de Março seguinte, infelizmente muito mutilada! neste caso teria durado cerca de dois mezes apenas.

Q) Esta bula é considerada apocrypha por C. M. de Almeida, *Dir. civ. e cil. bras.*, 3, 1011. Entretanto o breve, não bulla, está publicado no *Corpo chronologico portuguez*, 9, 168 e seg. Lisboa. 1886

siduos, e capellas, hospitaes, confrarias, albergarias e gafarias das capitanias de S. Vicente e Santo Amaro.

Ao mesmo tempo, novos perigos vinham reclamar os cuidados do governador em outra capitania: — na de Porto Seguro R). Ameaçada estava a dita capitania de perder-se inteiramente, succumbindo á anarchia e ás assoladoras invasões de uns novos inimigos que, com o nome de Aimorés [19]), ali se apresentaram, vindos do sertão, havidos pelos outros barbaros por mais que barbaros, e com uma lingua inteiramente desconhecida, e os usos estranhos a todo o mais gentio do Brazil. Não construiam tabas nem tujupares; não conheciam a rede, e dormiam no chão sobre folhas; não agricultavam coisa alguma; andavam em pequenos magotes; não sabiam nadar, mas corriam muito, não havendo outro meio de se lhes escapar mais de que o de entrar n'agua, se havia perto; arrancavam a fala com muita fôrça desde a garganta, e (o que era mais para temer) eram anthropophagos, não por vingança e satisfação de odios inveterados, mas por gula. Tudo induz a crer que eram da mesma nação ropresentada pelos chamados agora Puris, que tambem, como este nome o diz [20]), são gulosos de carne humana, e preferem, como se conta dos tubarões d'Africa, á carne dos brancos a dos negros, aos quaes chamam « macacos do chão.» E' horroroso escrevel-o; e assegurarâmos que o animo quasi se nos soçobra ante taes factos.

Onde estava e como veiu do sertão este gentio que primeiro chegou á costa junto do rio das Caravellas? Eis o enigma que

---

R) Tornando a capitania do Espirito Santo achei o gentio outra vez alevantado e determinei-lhe fazer-lhe guerra, e atemorisados disso me vieram a pedir pazes que lhe dei e a deixei pacifica. Assim o fiz na capitania de Porto Seguro pela ordem que dei contra os Aimures. *Instrumento*, 9 r.

[19]) Este nome da nacionalidade foi naturalmente dado pelos Indios. Aimoré na costa do Brasil é um peixe como o enxarroco, e de ovas muito peçonhentas. Os antigos escreviam Gaimurés e ás vezes sem accento Gaimures.

[20]) Puris é o mesmo que Purûs, e quer dizer antropophago.

só por conjecturas pode explicar-se. A estranhesa da lingua, e sobretudo o ser muito guttural, nos deve fazer crer que elles eram garfo extraviado de algumas das raças meridionaes patagonicas ou araucanas. A ignorancia da natação, e do fabrico e uso das canôas, e a prenda de grandes corredores [21]), nol-os apresentam como criados em páramos sem arvores nem rios, e por conseguinte como Pampas meridionaes. Estas conjecturas se verificariam, ao fazerem-se mais minuciosos estudos «linguisticos» nos sertões da Patagonia, se acaso se encontrasse algum dialecto parecido com o actual destes Botocudos.

Contra taes bandorias de Barbaros mandou o governador soccorros a Porto-Seguro, com o ouvidor geral Braz Fragoso, cuja presença [22]) muito valeu a pôr tambem em ordem, entre os moradores, os negocios da justiça.

Entretanto seguia na cidade do Salvador Men de Sá favorecendo as missões jesuiticas. Ja se tinha o seu número elevado a dez, na distancia de doze e mais leguas, para os differentes lados da Bahia até Camamú. Missão havia que contava cinco mil neophytos. Baptizavam-se estes aos milhares: ás vezes assistia a isso o bispo D. Pedro Leitão, que por suas proprias mãos administrava tambem este sacramento, e o do matrimonio em lei da graça, aos que se preparavam para recebel-o.

Ja Men de Sá anteriormente [23]) havia feito mensão de trezentos e quarenta e sete baptizados na aldêa do Espirito Santo (Abrantes), em um só dia; bem como de escolas em que havia até trezentos e sessenta piasinhos, sabendo ler e escrever; o que aprendiam com facilidade, pois de intelligencia natural não era falta esta gente.

---

[21]) «Un dia están en un lugar y otro dia en otro... andan contra todas las otras generaciones como salteadores de caminos,» etc. Carta de Guillen.

[22]) Em 17 de Janeiro de 1561 ainda elle se não achava de volta de Porto Seguro. Carta de Guillen de 12 de Março de 1561 [Sousa Viterbo, *Trabalhos nauticos*, 1, 150/152. Parece que só nesta data B. Fragoso chegou a Porto Seguro.]

[23]) Em carta escripta do Rio de Janeiro aos 31 de Março de 1560. [B. N.]

Entendemos que as mencionadas missões estavam temporalmente sujeitas aos Jesuitas, porém na apparencia a uma especie de alcaide ou meirinho dos proprios Indios, que em tudo cumpriam as ordens dos padres, os quaes allegavam a pouca despeza que se fazia em vestir taes chefes. Segundo os Jesuitas, até lisonjeava os Indios o terem tronco e pelourinho, como as villas dos colonos, bem que apenas aquelle servia contra os pequenos que não estudavam. Aos mesmos Jesuitas, em virtude das proprias ordens superiores mui terminantes, concedia o governador a maior proteção. Por ordem regia, de 12 de Fevereiro de 1557, fôra mandado abonar a cada um quatro panicús de farinha, um alqueire de arroz ou milho e um cruzado em dinheiro. Em 1559 ordenou Men de Sá que a cada um se désse, além disso, por anno, cinco mil réis e doze cruzados em ferro. Mas o alvará de 7 de Nov. de 1566 ordenou que se désse aos mesmos padres a redizima, ou decima parte de todos os dizimos, com o que ainda não se mostraram satisfeitos; pelo que vieram a pedir e a alcançar (em Janeiro de 1576) dois contos e duzentos mil reis de mantimento, e mais quinhentos cruzados para a fabrica dos collegios.

Os Jesuitas tinham nestes collegios aulas da lingua tupi, ás quaes mui graciosamente lá entre si chamavam *de grego* [24]). E' para lamentar que este bello exemplo não se tenha seguido; sendo para a catechese então, como hoje para a litteratura brazileira, a antiga lingua da terra de muito mais importancia do que o estudo do grego ou de outras linguas sábias [25]).

Pacificos [26]) seguiam os Indios nos contornos da cidade, e em poucos annos se via prosperando e crescendo em população a co-

---

[24]) Carta do P. Ruy Pereira em Setembro de 1560 in fine. [Accioly, *Memorias*, 3,252].

[25]) Varn. *Mem. sobre o estudo e ensino das linguas indigenas.—Rev. do Inst.* 3, p. 366. Idem *Comm. 34* e *131* á obra de Soares, na *Rev. do Inst.* 14, 374 e 391.

[26]) «Esta a terra tão pacifica que não somente os brancos vão muitas leguas por ella dentro seguros, mas um Indio d'aqui, indo por entre os con-

lonia de Thomé de Sousa. Sobretudo esmerava-se Men de Sá em attrahir para ella commerciantes abastados, e navios mercantes; pois em seu entender «os armadores eram o nervo do Brazil.» Os habitantes não deixavam de pugnar por suas liberdades, e a camara requeria reducção na somma sobre que o ouvidor geral tinha alçada, e propunha que esta passasse a um tribunal presidido pelo governador, e de que fizesse parte a mesma camara S.) O intrepido Vasco Rodrigues de Caldas foi incumbido de levar os pedidos á metropole, os quaes não foram attendidos, talvez por se achar então o governo meditando acerca do Brazil outras decisões, como vamos ver.

Cabe aqui fazer declarar que Men de Sá, sollicito em promover o desenvolvimento da Bahia, deu muitas sesmarias, pelo Reconcavo, a individuos que as aproveitaram. Entre ellas citaremos a de duas leguas de terra, na entrada do Paraguassú a Fernão Rodrigues Castel Branco; a de outras duas leguas a Francisco Toscano; a de uma legua, acima da ilha dos Francezes, a Egas Moniz Barreto, natural da ilha da Madeira; a de meia legua a Paulo Dias, acima do rio de Sergipe do Conde; a de uma legua, defronte da ilha da Maré, a Sebastião Alvares. O nome de Sergipe

---

trarios, tornou sem lhe fazerem mal. Elle diz que diziam: este é amigo dos brancos, se lhe fizermos mal, matar-nos-hão.» E acrescenta as palavras transcriptas no nosso texto (p. 179). «Ajudou grandemente a esta conversão cair o senhor governador na conta, e assentar que sem temor não se podia fazer fructo.» (Carta do jesuita Ruy Pereira, em 1560).

S) Carta da camara do Salvador de 24 de Julho de 1562, assignada por Gaspar de Barros Magalhães e Sebastião Alvares, de que possue copia a Bibliotheca Nacional: Lê-se ahi:

Item: agora pedimos a V. A. faça mercê aos moradores destas partes mandar-lhe e mandar-nos governador homem fidalgo virtuoso e que não seja cubiçoso, e será por nos fazer maior mercê que não possa na terra resgatar se não mantimentos pera sua casa, porque se não vem com esta condição somos perdidos como estamos, porque tomaram todos os resgates do ambar e escravos, e pera aquirirem assim tudo não póde ser senão com muitas sem justiças e dissoluções sendo cobiçosos e o povo receberá molestias e perde o proveito que ganhou a custa de seu sangue e seu trabalho, ganhando e sus-

do Conde teve origem em haver herdado o 3º Conde de Linhares uma sesmaria, que ahi tivera o proprio Men de Sá T).

A instancias de Men de Sá e dos habitantes do Brazil U), resolvera afinal a côrte a mandar nova frota para colonisar o Rio de Janeiro; sendo primeiro reforçada pelos recursos que no Brazil mesmo se podessem juntar. E para que tudo se levasse á execução com o maior accordo possivel, confiára o cargo de capitão mór a Estacio de Sá, sobrinho do proprio governador V). Chegada que foi á Bahia a frota, despachou-a immediatamente Men de Sá para o

---

tentando a terra e que ha de morrer por ella cada vez que cumprir, e parecia justiça e razão haverem os moradores este proveito que não quem o não ganhar e merecer e que a mãos lavadas leve o suor de quem o ganhou. »

Pede mais a Camara que sejam pagos no reino os ordenados de Governador-Ouvidor, a quem são sacrificados os officiaes inferiores e termina :

E nos mande governador e ouvidor mais domesticos e misericordiosos e que seus intentos sejam servir a Deos e a Vossa Alteza e libertar suas consciencias e não cobiças e resgates.

Provavelmente não merecem maior confiança que estas as queixas formuladas contra D. Duarte e D. Alvaro da Costa.

T) Uma filha de Men de Sá e D. Guiomar de Faria, sua mulher, filha de Affonso Annes de Andrade, desembargador do Paço e Brites Mariz de Faria, chamada Felippa, segundo Sousa, *Hist. gen.* 5, 263, casou com D. Fernando de Noronha, conde de Linhares, e falleceu a 2 de Setembro de 1618. De seu marido tomou o nome de Sergipe do Conde o engenho de Men de Sá, que depois veio pertencer aos Jesuitas. Sobre sesmarias em geral cf Felisbello Freire, *Hist. territ. do Brasil*, 1, *passim*, Rio, 1906.

U) Entre estes deve-se contar Nobrega, que escrevia a D. Henrique: Parece muito necesario povoar-se o Rio de Janeiro e fazer-se nelle outra cidade como a da Bahia, por que com ella ficarã tudo guardado, assim esta capitania de S. Vicente como a do Espirito Santo, que agora estão bem fracas, e os Francezes lançados de todo fora e os Indios se poderam milhor sujeitar, e pera isso mandar mais moradores que soldados, porque de outra maneira pode temer-se com rasão *ne redeat immundus spiritus cum aliis septem nequioribus se et sint novissima pejora prioribus*, por que a fortaleza que se desmanchou, como era de pedras e rocha que cavaram a pieão, facilmente se pode tornar a reedificar e fortalecer muito melhor. *Cartas*, 175.

V) Estacio de Sá veio provavelmente em 1557 em companhia de Men de Sá, com outros primos. A 22 de Novembro de 59 foi nomeado capitão da galé *Conceição*, com o ordenado mensal de 2$ e o mantimento de 500 réis, Livro 1º de *Provim. secular e eccl.*, 142 v. Tomou parte na primeira expedição

Sul, com todo o auxilio que poude dispensar-lhe, e determinou que fosse nella o ouvidor Braz Fragoso, que acabava de regressar de Porto Seguro, afim de agenciar com os capitães do Espirito Santo e S. Vicente que contribuissem quanto lhes fosse possivel para a empresa W).

Estacio de Sá, em chegando á altura do Rio de Janeiro, com o reforço que conseguiu no Espirito Santo, e que foi de consideração, acompanhando-o até o proprio capitão-provedor Belchior de Azeredo e o valente temiminó Martim Affonso Arariy-boya, com todos seus Indios, entrou na enseada para ver se tentava fortuna, sem mais soccorros. Logo se apoderou [27]) de uma náo franceza, cuja tripolação se passára para terra. Porêm vendo que

---

ao Rio de Janeiro, talvez na galé de seu commando, e de S. Vicente foi mandado ao reino no navio tomado aos Francezes pela galé *Esaura*. Arribou á cidade do Salvador em 28 de Dezembro de 1560, levando a bordo João Cointa, senhor de Bolés, em cujo processo depoz a 3 de Janeiro seguinte: *Ann. da Bibl. Nac.*, 25, 217, 219. Obteve uma sesmaria junto a de Francisco Toscano a 28 de Abril de 1561, como se vê do Livro 1º *de provisões*, 418 v. Si a data estiver certa, Estacio de Sá foi representado por algum procurador, caso alias commum.

Segundo Simão de Vasconcellos chegou á barra do Rio em Fevereiro de 1564 *Chronica* 3, 58,— a 6 de Fevereiro accrescenta Silva Lisboa, nos seus *Annaes do Rio de Janeiro*, c. 8, msc. da Bibliotheca Nacional. Portanto sua demora foi bem maior do que o Autor suppõe quasi dois mezes.

W) Por o gentio do Rio de Janeiro não ficar de todo pacifico, estando nesta Capitania mandei uma armada bem pequena para tomar ao Rio de Janeiro e por esta Capitania não estar de todo pacifica e não parecer ás pessoas da terra que a devia deixar, mandei Estacio de Sá meu sobrinho que vinha por Capitão-mór, com Braz Fragoso, ouvidor geral, os quaes commeteram a fazer povoação á ida e não poderam. Depois tornou Estacio de Sá e fez uma villa e sustentou perto de dois annos com muita guerra e trabalhos sem outro soccorro algum mais que o de Deus e o que lhe eu mandava, sustentando-o sempre a minha custa e dando elle mesa a muitas pessoas, *Instrumento*, 10 r.

[27]) Anchieta, carta de 9 de Julho de 1565. [A primeira que lhe chegou foi a galé de Paulo Dias Adorno, em que tambem iam Duarte Martins Mourão e Melchior de Azevedo, depois chegou Braz Fragoso o outros, os quaes, entrando na nau, acharam muito pão, vinho e carne, e assim a levaram para baixo, aonde ficava a capitania *Santa Maria a Nova* o o galeão, V. do Salvador, *Hist. do Brasil*, 3, 10].

os gentios disparavam frechas contra os bateis, quando se aproximavam das praias, e que devia preparar-se para grandes hostilidades, resolveu ir primeiro a S. Vicente, buscar maior numero de combatentes, incluindo ja algumas cabildas de gentios das bandas de Ubatuba, novamente attrahidos por Anchieta X). Foi por occasião de ficar Anchieta só e desarmado, como refens, entre estes Indios, que, segundo elle diz, compoz um poema em latim á vida da Virgem, constante de perto de seis mil versos, onde termina com a seguinte dedicatoria: « Eis, mãi santissima, o Carmen que offereci em vosso louvor, vendo-me cercado de inimigos,— quando, com a minha presença tranquilisava os Tamoyos irritados, e desarmado ajustava pazes com armados barbaros. Então vossa bondade teve, com amor materno, cuidado em mim, e, á sombra de vosso amparo, vivi seguro em corpo e alma Y).» Sem dúvida a semelhantes desterros e á necessidade, em que muitas vezes se viu, de entender os selvagens e ser delles entendido, deveu o conhecimento que adquiriu da lingua túpica, chegando a compor acerca della a primeira grammatica, que depois, em 1595, foi dada á luz em Coimbra; e que, se bem que laconica, modelada mais sobre o latim que sobre a indole da propria lingua túpica, e até um tanto obscura, foi a base sobre que depois trabalharam outros. Ao fazer-se Estacio de Sá de vela, encontrou os ventos tão ponteiros que teve que arribar ao mesmo

---

X) Anchieta acompanhou Nobrega para Iperuig, cercanias de Ubatuba, em Abril de 63; a 21 de Junho retirou-se este para S. Vicente e Anchieta ficou só entre os Indios até o dia da Exaltação da Santa Cruz, 14 de Setembro. E' muito digna de leitura sua longa carta de 8 de Janeiro de 1565 narrando taes successos.

Entretanto não entraram Indios de Ubatuba na espedição contra os parentes do Rio; dos Tupiniquins de Piratininga vieram poucos; vieram porém Indios de Cananéa, aonde os foram buscar Jorge Ferreira e Paulo Dias: Fr. V. do Salvador, ib.

Y) Aqui fez promessa á Senhora de compor a sua vida em verso, escreve Simão de Vasconcellos, *Chronica*, 3, 22. Mas como cantaria versos de Sião em terra atheia? A tudo deu traços o amor da Senhora. Sahia-se á praia do mar, e ali junto ao brando murmurar das aguas, passeando com os olhos

Rio de Janeiro; afortunadamente para um bergantim que ali ancorára na noite anterior, trazendo a seu bordo o padre Nobrega que julgava encontraria fundeado dentro o mesmo Estacio de Sá, e que houvera acaso sido capturado, sem arribada Z). Logo seguiram todos para o porto de Santos, a buscar reforços.

---

no ceu compunha os versos, e logo virando-os a praia fazia della branco papel, em que os escrevia para melhor metel-os na memoria.

O poema de Anchieta foi impresso duas vezes por Simão de Vasconcellos, na *Chronica* e na *Vida* de Anchieta, e reimpresso na edição portugueza da Chronica, publicada por Innocencio Francisco da Silva, em 1865. A dedicatoria contem os seguintes versos :

En tibi quae vovi, Mater Sanctissima, quondam
Carmina, cum saevo angerer hoste latus,
Dum mea Tamuyas praesentia mitigat hostes
Tractoque tranquillum pacis inermis opus.
Hic tua materno me gratia fovit amoro
Te corpus tutum mensque regente fuit.
Saepius optavi Domino inspirante dolores
Duraque cum saevo funere vincla pati
At sunt passa tamen meritam mea vota repulsam
Scilicet Heroas gloria tanta decet.

A arte de Anchieta já estava composta em 1560, segunda carta do jesuita João de Mello de 13 de Setembro do mesmo anno. « Logo que o Padre (Luis da Grã) aqui chegou ordenou que em casa se lesse a arte da lingua brasilica que compoz o irmão José; o mesmo Padre é o mestre e está tão exercitado e instruido nella que leva vantagem nas cousas da arte as mesmas linguas. Desta lição nem reitor nem pregador nem uma outra pessoa é isenta. Vai a cousa tão deveras que ha quem diga que dentro de um anno se obriga, dessocupado, falar a lingua; nem eu com ser dos mais inhabeis perco a esperança de sabel-a ».

Z) Estacio de Sá, apenas chegou ao Rio, mandou um navio pequeno a São Vicente chamar Nobrega para com seu conselho se assentar o que havia de fazer. Nobrega, trazendo Anchieta, partiu a 19 de Março e chegou ao Rio a 31, sexta-feira santa, á meia-noite. A esquadra de Estacio de Sá, que sahira dois dias antes, voltou obrigada pelo tempo no sabbado de alleluia. No dia seguinte, domingo de Paschoa, foi celebrada missa solemne na ilha de Villegaignon : Carta de Anchieta de 8 Janeiro de 65 que assim descreve o estado da ilha : « mandando logo a terra, a uma ilheta que foi dos francezes, acharam todas as casas, onde os nossos pousavam, queimadas, e alguns corpos dos escravos que ali haviam morrido de sua doença desenterrados, as cabeças quebradas, o qual haviam feito os inimigos, porque não se contentam de

Pela segunda vez a capitania de S. Vicente se prestou, talvez mais do que lhe permittiam suas forças, para o bem de todos, — para o Brazil não ser dilacerado. Todas as canoas em estado de se armarem em guerra, quanto mantimento se poude juntar, para dois ou tres mezes de sustento aos trezentos homens da expedição [28]), retendo só o indispensavel para não morrerem de fome os que ficavam guardando a terra, quanta gente, enfim, podia combater, casados e solteiros, anciãos e adolescentes, muitos escravos de Guiné, e até os Indios em quem depositavam maior confiança, — tudo esta capitania, sem excepção da nova colonia de Piratininga, tão exposta ás aggressões do gentio do sertão, — tudo sacrificou a boa gente para o bem da nova patria commum. Qual fenix que succumbe por dar vida á sua prole, assim a colonia mais antiga do Brazil se exhaure agora de fôrças e não cura mesquinhamente se isso prejudicará ao seu futuro desenvolvimento, e concorre quanto póde a dar existencia a um emporio mais poderoso.

E aqui nos cumpre notar que os esforços simultaneos que ora faziam, não só esta, como outras capitanias, contra o inimigo commum, — eram novos elementos que iam estreitar, pelos laços do coração, a futura união brazileira, que os Hollandezes contribuiram depois a fazer apertar muito; e a Deus praza que para todo o sempre, afim de que esta nação possa continuar a ser a primeira deste grande continente antartico, e algum dia se chegue a contar entre as mais consideradas no universo, o que sem muita união nunca poderá succeder.

---

matar os vivos; mas tambem desenterram os mortos e lhes quebram as cabeças para maior vingança e tomar novo nome.

Estes cadaveres desenterrados e de cabeças partidas eram evidentemente de companheiros de Estacio de Sá, que resistiu quasi dois mezes antes de se decidir a procurar S. Vicente. *Annaes da Bibl. Nac.*, **2**, 119, Rio, 1877.

[28]) Anchieta, carta de 9 de Julho de 1565.

SECÇÃO XIX

NOVA CIDADE DE S. SEBASTIÃO. OS INDIOS E OS JESUITAS.

Descripção do porto. Prodigios: o Pão de Assucar e o Pico. A Gavea. O Corcovado. Rio Macacú. Ilhas da enseada. O Cabo-Frio. O Gigante. Cidade primitiva. Como se defende. S. Sebastião. Armas. Novas pelejas. Partem os navios. Governo civil da colonia. O jogo. Confraria de S. Sebastião. Chega Men de Sá com reforços. Estancias inimigas. Ataques e victorias. Morre Estacio de Sá. Seu elogio. Transfere-se a cidade para o morro do Castello. Parte Men de Sá. Salvador Corrêa e Christovam de Barros. A liberdade dos Indios e os Jesuitas. Elogio destes. Queixa-se o povo de serem os Indios servos dos Jesuitas. Nova carta régia em favor dos Indios. Providencias em virtude daquella liberdade tomadas.

Reforçada a expedição colonisadora do Rio de Janeiro, depois que já velejavam os barcos menores e vogavam oito canoas, levou ferro a náo capitanea, e era o vento tão galerno e de feição que no mesmo dia chegou ella á ilha de S. Sebastião, onde só vinte e quatro horas depois vieram ter os barcos pequenos e as canoas A). D'ahi por diante deviam proseguir com mais cuidado, pois ja se achavam em terras cujo gentio era contrario. A principio

---

A) Os acontecimentos passados entre 22 de Janeiro de 1565, data em que Estacio de Sá partiu de S. Vicente, e 31 de Março, quando Anchieta partiu para a Bahia, constam de uma carta deste escripta om 9 de Julho. Extraclou-a Simão de Vasconcellos, publicou-a na integra Balthazar da Silva Lisboa, com tamanha incorrecção que melhor fora deixasse-a inedita. Uma cópia antiga existente na Bibliotheca Nacional está praticamente inutilisada; uma cópia moderna possuida pelo Instituto Historico, outra publicada no *Diario Official* deixam bastante a desejar, comquanto incomparavelmente superiores ao que sahiu nos *Annaes do Rio de Janeiro*.

A interpretação da importantissima carta de Anchieta offerece difficuldades talvez insoluveis. Vai em seguida uma, que diverge muito da que o Autor preferiu e não passa de ensaio imperfeito de ephemeride.

22 de Janeiro.—Estacio de Sá parte em uma nau (*S. Maria a Nova?*) e no mesmo dia chega á ilha de S. Sebastião. Braz Fragoso fica em S. Vicente concertando o galeão e a nau franceza tomada o anno anterior no Rio de Janeiro.

seguiram todos unidos; porém logo desarvorou a capitanea, e abandonando os que comboiava, foi arribar á ilha Grande. Os barcos pequenos e as canoas seguiram seu rumo ao longo da costa, e foram esperal-a á entrada do rio de Janeiro. — Cançados de

---

27 de Janeiro. Partem de Bertioga cinco navios pequenos, dos quaes trez de remo, mais oito canoas, com mamalucos de S. Vicente, indios do Espirito Santo, conversos de Piratininga. No dia seguinte reunem-se ao Capitão-mór em S. Sebastião. Com estes vieram Gonçalo de Oliveira e José de Anchieta.

Quanto prolongou-se a demora em S. Sebastião ? Diz Anchieta que foram ditas missas, confessou-se e commungou alguma gente. Podemos admittir que partissem de lá a 1 de Fevereiro.

1 de Fevereiro. Os navios pequenos e as canoas todos reunidos continuam a viagem, forçosamente lenta, pois as embarcações de remo determinavam a marcha, havia ordem de não se separarem, e diariamente pousavam em ilhas. Chegaram assim a ilha Grande. Quando? Póde ter sido a 4 ou 5.

Na ilha Grande os expedicionarios esporaram pelo Capitão-mór, tomaram uma aldeia de Tamoyos, mudaram-se depois para outro porto, onde acharam muita caça e peixe. Por fim impacientes os Indios partiram por dentro de Marambaia para o rio de Janeiro. Não tendo conseguido que elles se detivessem, ordenou-se aos mamalucos que os acompanhassem, com ordem expressa de esperarem nas ilhas fronteiras á barra e em caso nem um entrarem antes de chegado o Capitão-mór. Seria isto a 10 de Fevereiro.

O Capitão-mór dispondo de navio veleiro ficara em S. Sebastião, mas o tempo correu-lhe desfavoravel e foi obrigado a aportar numa ilha com a verga do traquete quebrada e rendido o mastro grande. Só a 15 passaria adiante da ilha Grande, caminho do rio de Janeiro.

15 de Fevereiro. Os cinco navios pequenos partem da ilha Grande para o Rio de madrugada, por pensar-se que o Capitão-mór podia ter passado adiante. De facto avistaram a capitanea já fronteira á barra; não entraram, porém, naquelle dia.

16 de Fevereiro. Forte temporal levou á ilha Grande um dos navios pequenos e a capitanea, que no caminho esteve em perigo de se perder sobre amarra num baixo. Os outros quatro navios, ora a remos, ora á vela, conseguiram não se apartar muito do porto.

21 de Fevereiro. Os navios juntam-se ás canoas nas ilhas fóra da bahia. Grande chuva, que remediou a falta de agua nas ilhas.

27 de Fevereiro. Os Indios teimam em entrar pela barra ou tornar para as suas terras, pois era sensivel a falta de mantimentos. A poder de rogos conseguiu-se que demorassem mais um dia esperando o Capitão-mór. Chega do Norte João de Andrada, trazendo tres navios com mantimentos, o que melhora a situação.

aguardar, e faltos já de mantimentos e de agua, estavam a ponto de verem-se os nossos abandonados dos Indios amigos, que se propunham a entrar na enseada ou a irem-se para suas terras, quando chegou a capitanea, como logo depois o reforço de man-

---

28 de Fevereiro. Apparecem a capitanea e o navio desgarrado. Todos juntos na mesma maré entram no Rio de Janeiro. Chuva.

1 de Março. Desembarque: começa a fundação da cidade.

De todas estas datas ha apenas certas as de 22, 27 e 28 de Janeiro, 21 e 28 de Fevereiro. A de 1 de Março é fornecida por frei Vicente do Salvador. Anchieta diz: Logo ao seguinte dia, que foi o ultimo de Fevereiro ou o 1° de Março, começaram a roçar a terra com grande força e cortar madeira para a cerca, etc. Em 1584 foi, porém, mais explicito e escreveu *principio de Março*, *Infor. e frag. hist.*, 7.

As difficuldades de determinar as datas provêm umas do mau estado de conservação do manuscripto, outras das affirmações pouco precisas de Anchieta; em ilha Grande estiveram « muitos dias » esperando pela capitanea; depois de partidas as canoas de ilha Grande os navios ficaram esperando « pela capitanea cinco ou seis dias », e assim por diante.

As datas seguintes são mais precisas:

6 de Março. Primeiro ataque dos Tamoyos com 4 canoas.

10 de Março. Avista-se uma nau franceza legua e meia da povoação dentro do rio.

11 de Março. Combate com a nau franceza; assalto de quarenta e oito canoas contra a cerca.

12 de Março. Negociações com a nau franceza, que se rende neste ou no seguinte dia.

Antes da sahida da nau franceza, que devia seguir de perto a rendição e entrega de polvora e artilharia, houve novo assalto de 27 canoas, cuja data não é conhecida.

31 de Março. Partida de Anchieta para a Bahia.

Braz Fragoso que ficara em S. Vicente, reuniu-se a Estacio de Sá, ignora-se quando. Sabe-se por uma carta de Quiricio Caixa que a capitanea chegou a Bahia entre 13 e 15 de Julho do mesmo anno de 1565.

A proposito desta expedição narra Anchieta, *Inf. e frag. hist.*, 67: Estava elle (Nobrega) muito determinado quando se começou a povoação do Rio de Janeiro, de mandar um Padre e com elle um Irmão por superior: dissimulou o Irmão com isso por alguns dias e depois de encommendar a cousa a Deus disse ao padre Nobrega que não devia mandal-o por superior por algumas razões que lhe deu. Ouviu-o o Padre e cuidando nisso mudou logo o parecer. Despachando-os para aquella missão, juntos os mais de casa, disse: O Padre (Gonçalo de Oliveira) por ser sacerdote será superior; mas lembrar-se-á, pois o Irmão (Anchieta) foi seu mestre, do respeito e obediencia que se lhe deve ter e de tomar seus conselhos.

timentos que trazia das villas do Norte um João de Andrade, a tempo mandado de S. Vicente pelo Capitão mór. Assim todos juntos, em fim de Fevereiro[1]), entraram na mesma maré pela barra da enseada que iam avassallar.

E agora que o theatro de nossas emoções se transfere a esta paragem, convem que o leitor a tenha presente, para o que nos esforçaremos por lhe transmittir uma leve idéa das scenas em cuja discripção quasi imaginamos que todas as palavras se nos desbotam.

E' o porto que, por um notavel engano cosmographico, se ficou chamando rio de Janeiro, e que melhor diriamos bahia de Janeiro, um verdadeiro seio do mar, que, sem exageração, podia conter em si todos os navios, que hoje em dia cruzam os oceanos, ou fundeam em seus ancoradouros. — E' mais que uma enseada ou simples lagamar: é um grande golfo, ou antes um pequeno mar mediterraneo, que, por um pequeno estreito, de oitocentas e cincoenta braças[2]) de largura, se communica com o Atlantico; é um prodigio da natureza, tal que, aos mesmos que estão admirando, lhes está parecendo fabuloso.

Não ha viajante antigo ou moderno que não se extasie ante uma tal maravilha do Criador. Os que tem corrido os emporios do Oriente, visto as scenas do Bosforo, todos são unanimes em reconhecer que esses considerados portentos da hydrographia ficam a perder de vista, quando se comparam ao que ora temos presente. Semelha-se antes em ponto maior a um dos lagos do

---

[1]) Carta de Anchieta de 9 de Julho de 1565.

[2]) Corographia Brazilica pelo P. Manuel Ayres do Cazal, 2, 11. [A sua estreita entrada tem apenas um e meio kilometro de largura, e esta ainda se divide em duas partes desiguaes, das quaes a maior, de 900 metros, entre a Lage e Santa Cruz, é a unica praticavel por sua grande profundidade e segurança, ao passo que a outra, entre a Lage e S. João, é perigosissima á navegação, por causa dos recifes e forte arrebentação que ahi ha constantemente. Fausto de Sousa, *A bahia do Rio de Janeiro* 72. Esta monographia, primeiro publicada na *Rev. Trim. do Inst. Hist.* de 1882, 44, I, 5 e seg. teve mais duas edições separadas. Infelizmente está esgotada].

Salzkammergut, ou ainda da Suissa ou da Lombardia, com aguas salgadas em vez de doces, e com verdura variegada, em vez de neve, nos mais altos cerros que se descobrem ao longe. Napoles com a sua pintoresca bahia e os visos fumegantes do seu Vesuvio e a Soma, nada tem de comparavel ao nosso porto-prodigio.

As serras azuladas pela distancia, em que os pincaros alcantilados e nus parecem encarapitar-se a desafiar as nuvens, abarreirando contra ellas dos furacões o porto por esse lado, fazem contraste com os outeiros de terra avermelhada, em cujas cimas, coroadas de palmeiras, ondeam estas os ramos com a viração da tarde. Os morros graniticos, a logares descarnados, de forma mais ou menos regularmente conica, que atalaiam toda a bahia, contrastam igualmente com as varzeas e encostas vestidas de vigorosa vegetação perenne, cuja bella monotonia elles estão nem que collocados ali para quebrar. Entre esses morros dois acham-se como de sentinella, para registrar a entrada da barra. Chamam-se em virtude de suas fórmas o *Pão de Assucar* e o *Pico*. Mais para o Sul fica a *Gavea,* que parece ter no cimo um taboleiro como os dos cestos da gavea dos mastros, nos antigos navios. Outro morro dirieis postado como para offerecer de seu cimo um ponto quasi no firmamento, donde o homem fosse absorto admirar o conjuncto de tantos prodigios. Por estar como vergado, nem que afim de permittir mais facil subida, lhe chamaram o *Corcovado,* denominação esta que, além de falta de caridade da parte de quem a deu, envolve uma especie de ingratidão dos que ora a seguem. E máu grado nosso lh'a applicamos tambem neste momento, em que, sobre o seu proprio cume [3]), concebemos estas poucas linhas, tendo a nossos pés a cidade, e em torno della suas vistosas chacras, e alcançando a vista ao longe o horisonte onde o farelhão do Cabo-Frio parece confundir-se com os plainos do Atlantico.

---

[3]) Effectivamente esta discripção foi primeiro traçada a lapis no cimo do Corcovado, em Outubro de 1851.

Do mais alto das serras que se elevam para o interior manam, por entre morros e outeiros, uma porção de riachos e ribeiros, muitos dos quaes, depois de precipitar-se de caxoeira em caxoeira, vão despejar suas aguas em sacos e remausos ou pequenas enseadas que, como para receber aquellas, se encolhem deste grande seio, vindo a consentir que entre cada duas de taes enseadas se avance e boje caprichosamente uma esvelta peninsula, cujos airosos coqueiros se espelham nos dois mares, que de cada lado mandam ondas salgadas a chapinhar-lhe as faldas. O maior de taes ribeiros, isto é, o que traz sua origem de mais longe, e cae mais no fundo do golfo (ao qual roubaria o nome que tem se effectivamente elle fosse rio) chama-se de *Macacú*.

A configuração geral de um mappa deste porto do globo é, em ponto diminuto, a mesma que apresenta o Brazil todo B); e não faltarão fatalistas que em tal fórma vejam alguma mystificação. Infinidade de ilhas e ilhotes de todos tamanhos, desde, entre estes, o simples pedronço ou escolho á flor d'agua, até, no numero daquellas, a que se espalma chegando a contar tres leguas de comprimento, e que contêm engenhos e chacras, convertem esta bahia em um pequeno archipélago, cuja ilha maior, bem como a sua

---

B) Com effeito, escreve Fausto de Sousa, quem quizer certificar-se de tão curiosa circumstancia não tem mais que tomar uma carta da bahia do Rio de Janeiro e um mappa geral do Brazil e applicar aquella sobre este, de maneira que a linha da margem Occidental, isto é, a que vai do Pão de Assúcar á foz do rio Merity, fique sobre o mappa na direcção da fronteira Norte do imperio. A linha que naquella vai do Merity á boca do Magé, tomará a direcção ou será parallela (conforme a proporção entre as duas cartas) á costa brasileira de Leste, do cabo de S. Roque ao Chuy; e o terceiro lado do triangulo, que vai de Magé á fortaleza de Santa Cruz, corresponderá á fronteira Sul e Oeste do imperio. Finalmente a entrada da barra, ou a abertura entre as pontas de Santa Cruz e S. João, terá por simile no mappa a linha imaginaria, que marca o nosso limite entre Tabatinga e a foz de Apoporis. *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, **44**, II, 59, Rio, 1882. Fausto de Sousa junta dois desenhos representando as semelhanças; dá tambem outro com o Gigante de Pedra, decantado em uma das mais populares poesias de Gonçalves Dias. No mesmo interessante trabalho vêm de p. 269 a 336 as homenagens por diversos escriptores prestadas á bahia de Janeiro.

immediata em tamanho, chamada Paquetá, escondem-se la no fundo do seio. — A communicação das suas aguas com as do Atlantico tem logar na altura de vinte e tres gráos escassos; isto é, na distancia de dez gráos da barra da Bahia, e quasi debaixo do tropico de Capricornio. A entrada se effectua em uma costa mui elevada que, desde o visinho promontorio, o cabo Frio, d'ali umas vinte leguas, vem correndo Leste-Oeste, e prosegue á esquerda da barra, apresentando-se, a quem chega de fóra, como um gigante colossal deitado resupino, da fórma que dormiam os Indios do paiz. Os nautas o encaram tranquillos, e o admiram á vontade; por quanto ao vêl-o, quando chegam, ja consideram terminados os riscos da viagem. A barra do Rio de Janeiro é das que se conhecem com mais facil entrada.

Estacio de Sá, tendo que fundar uma povoação entre esta Babylonia de aguas e de ilhas, e que mais Babylonia ainda faziam as turbas de gentios e de Francezes que de tudo estavam de posse, assentou que não devia expor a primeira colonia muito pelo seio adentro. Fundeou logo á entrada, e á sombra do cabucho do Pão d'Assucar [4]), e na peninsula que se fórma do lado delle, entre o mar largo e o primeiro saco ou concha da bahia, desembarcou, com projectos de lançar os fundamentos da futura cidade, agora avassaladora da enseada, mais tarde de todo o districto. — Começou-se logo a roçar o mato, e a fazer, antes de tudo, uma tranqueira, que servisse á defensa contra qualquer supreza; construiram-se arruados alguns ranchos ou tujupares de taipa de sebe, ao modo dos dos Indios, e abriu-se na gandara junto á praia uma cacimba; tudo isto apezar das ciladas que por terra e por mar, intentavam os Barbaros, cujo principal Ambiré C) era destrissimo no armal-as aos inimigos.

---

[4]) ... «Junto a um altissimo penedo, que, pela fórma delle, se chamou *Pão de Assucar*, e outra *penedia* que por outro lado a cercava», diz a *Chr. de D. Sebastião*, pag. 351 [Sc. Simão de Vasconcellos, *Chronica*, 3, 74]— Portanto foi esse local, como sempre julgamos, na praia Vermelha, e não no morro de S. João.

C) Não se encontra este nome a proposito da expedição de Eslacio de Sá, e sim do armisticio que Nobrega e Anchieta concluiram em Iperoig. Diz

Avistando Estacio de Sá uma náo franceza, legua e meia para dentro da bahia, passou com quatro barcos a rendel-a. Desta ausencia da tranqueira ou do arrayal quizeram aproveitar-se os inimigos, e com quarenta e oito canoas cairam sobre elle: mas os defensores arremetteram fóra da cerca os atacantes, e os obrigaram a retirar-se. Apenas o Capitão mór enxergou este combate em terra, deixou tres navios contra a náo inimiga, e recolheu á povoação em uma galé de remos. Logo a náo capitulou, com a condição de poder retirar-se para França, com sua guarnição de cento e dez homens, que se diziam catholicos. [5])

A' colonia desde logo o seu povoador deu a cathegoria de cidade [6]), denominando-a de — S. Sebastião, — em memoria do joven rei, por antonomasia *o desejado*, por havel-o sido tempos antes de nascer; porem que melhor lhe quadra por que o foi por seculos, depois de perder-se nos paramos adustos da Africa. Arbitrou o Capitão mór que o termo da cidade se estenderia, como o da Bahia, até um raio, para cada lado, de seis leguas; e para patrimonio da camara e rocio da povoação doou legua e meia de terra [7]). Por armas lhe concedeu um mólho de settas, allusivas

---

Simão de Vasconcellos, *Chronica* 3,10 que foi «Ambire, amigo dos Francezes e sogro de um delles, inimicissimo dos Portuguezes, porque fora assalteado delles, mettido em uma barca com uma ferropea nos pes, donde fugira a nado: lembrado sempre da injuria e de natureza tão cruel que por um erro que commetteu contra elle uma de vinte mulheres que tinha a mandou abrir viva pelo ventre até morrer». Cf. Anchieta, *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, 8, 256.

[5]) Carta de Anchieta e *Rev. do Inst.*, 6, 410. Teve logar o ataque em 13 de Março de 1565. [Um dos motivos de pouparem os Francezes foi não augmentar o numero dos que ficavam na terra, difficultando assim a empreza, como se viu succedera com a náu tomada no anno anterior].

[6]) *Ann. do Rio de Janeiro*, 1, 101; e Anchieta, carta de 9 de Julho de 1565; e *Rev. do Inst.*, 6, 410, etc. [Anchieta, *Inf. e frag. hist.*, 7].

[7]) Taques, na *Rev. do Inst.*, 9, 322, e Pizarro, 7, 154. Estas doações eram feitas em conformidade dos recentes poderes que trazia, e não do alv. de 30 de Novembro de 1530, como pretenderam os juizes dos feitos da Corôa do Rio de Janeiro, no injusto accordam de 20 de Junho de 1812, que por consulta do Dez. do Paço, foi devidamente annullada em 10 de Abril de 1821. (*Copia da Sentença*, imp. em 1829, 11 pag. 4ª).

ás que haviam servido ao supplicio do santo invocado, e quem sabe se ás aprehensões que teria dos que, começando por elle, viriam a cair victimas de frechadas até o final triunfo da civilisação nesta terra.

Persuadidos os Indios de que seriam baldadas mais tentativas contra a cidade, haviam-se callado por algum tempo, esperando soccorro que pediram de Cabo-Frio. Chegado este, constante de tres navios francezes e trinta canoas de guerra, emprehenderam com a maior audacia novo ataque. Porem a cidade se achava a esse tempo de tal modo cercada e guarnecida de artilheria, que houveram de desistir do intento.

Ja então tinham os nossos um baluarte de taipa, e alguns ranchos e « casas cobertas, e feitas em redor da cerca muitas roças [8]), e plantado legumes e inhames » ; e o Capitão-mór, para prender melhor os seus á terra e tirar-lhes do pensamento a possibilidade da retirada, despediu todos os navios. — Sem os incendiar, como Agathocles em Africa, sem os encalhar, como praticara alguns annos antes Cortés no Mexico, conseguiu resultados identicos.

Não poderiamos seguir relatando todas as escaramuças e mais incidentes que tiveram logar no prazo de perto de um anno que o capitão-mór Estacio de Sá dirigiu a colonia D) ; nem as arrancadas e combates com os Indios, que vinham a palpar a nossa tranqueira, com mais frequencia depois que se partira a esquadrilha protectora.

Faremos entretanto menção de um recontro em que, só com oito canoas o bravo Belchior de Azeredo, provedor [9]) e capitão-mór

---

[8]) Outra prova de que não teria isso logar no morro do S. João.—Carta de Anchieta de 9 de Julho de 1565. Nova prova offerece o mappa da *Razão do Estado*, etc. [O caso das tres naus francezas succedeu em Junho, segundo Simão de Vasconcellos, *Chronica*, 3, 81. Cf. a carta de Quiricio Caixa de 15 de Junho de 1655 B. N].

D) Melhor diria quasi um biennio, — de 1 de Março de 65, data do desembarque e fundação, a 18 de Janeiro de 67, quando aportou Men de Sá, com os soccorros levados da Bahia e outras capitanias do Norte.

[9]) Liv. 14 de D. Seb. e D. Henr. fol. 131.

do Espirito Santo, aprisionou depois de renhido combate naval, no fim da enseada, e naturalmente para as bandas de Paquetá [10]), duas canoas inimigas, de vinte que então reuniam para darem cilada á nascente colonia. Ja antes, em 15 de Outubro de 1565, havia tido logar outro combate naval; e seguiu-se ainda depois um terceiro, que podera haver dado mais que fazer, se Francisco Velho, saindo do arrayal a buscar madeiras para a capella de S. Sebastião, não tivesse descoberto as 160 canoas, que, escondidas de traz de uma ponta de terra se preparavam para dar a costumada assaltada de surpreza E).

A cidade defendia se e sustentava-se; mas os nossos sem esquadra não podiam fazer-se temer sempre das náos francezas, que por vezes entraram a commerciar. Uma destas trazia artilheria, armas e mais petrechos, e tudo deixou em terra com gente, que não só concorrera com os Indios a que estes fizessem suas fortificações, com baluartes e ao modo europeu, como os industriara no manejo das armas de fogo.

Porém Estacio de Sá, comquanto occupado com os inimigos, nem por isso se esquecia de que a sua principal missão não era guerrear, senão fundar uma colonia. Desde que chegou, havia nomeado juiz ordinario da *cidade* a Pero Martins Namorado, que devia entender do cargo, quando é certo que o havia exercido como pedaneo em Santos.

---

[10]) Muito longe, em parte onde ainda não foram canoas da nossa gente, e por ser distante de seis a sete leguas [*Annaes do Rio de Janeiro*, **1**, 95. O documento diz-se datado 14 de Julho de 1566, porem deve ser de 1565: os desoito a dezenove mezes que, como ahi se lê, Belchior de Azevedo andara na armada de Estacio de Sá, tinham começado em Janeiro de 1564, quando a ella se encorporou no Espirito Santo. O proprio Silva Lisboa, em outros *Annaes* manuscriptos conservados na Bibliotheca Nacional, traz a data de 1565].

E) Segundo Simão de Vasconcellos, *Chronica*, **3**, 96, isto foi meiado de Julho de 66. Cf. Fr. Vicente do Salvador, **3**, 10, onde se lê que das nove (Anchieta diz oito) canoas vindas de São Vicente já se tinham retirado quatro para sua terra. Entre os retirantes Simão de Vasconcellos menciona Domingos Luiz e Domingos Braga.

Para estabelecer a policia entre os habitantes, lançou o dito capitão-mór um bando, prohibindo com grandes penas os jogos de cartas, dados e bola. Porém os colonos estavam de tal modo mettidos no vicio do jogo, aliás (conjunctamente com o ocio e a murmuração) tão frequente nos acampamentos como a bordo, que dentro de pouco se viu obrigado a conceder uma amnistia aos processados por taes delictos, com a condição de que, dahi em diante, os que incorressem em desobediencia pagariam cem mil réis de condemnação para a confraria de S. Sebastião, que então instituira. Era a pena pecuniaria a mais apropriada a castigar a cobiça do ganho ; e a experiencia provou logo em favor della.

Com as formalidades usadas em taes occasiões F), dera Estacio de Sá posse da alcaidaria mór da cidade a Francisco Dias Pinto que fora capitão de Porto Seguro, e que, para o novo cargo, tivera provisão de época anterior, isto é, de quando o governador geral e seu sobrinho effectuavam na capital do Estado outras no-

---

F) Do auto da posse a 13 de Setembro de 1566 consta que apresentando o Alcaide-mór o seu provimento ao capitão-mór Estacio de Sá, estando presente o juiz Pedro Martins Namorado, e o alcaide pequeno Domingos Fernandes, pediu que o empossasse, segundo o que el-rei mandava em suas ordenações. Detendo-se o governador com as mais pessoas á porta principal da cidadella e fortaleza, lhe disse que cerrasse as portas e isto fez o Alcaide-mór com as suas proprias mãos, bem como os dois postigos sobrepostos nelles com suas aldravas de ferro. Ficando Estacio de Sá fóra das portas e muros, lhe perguntou o Alcaide-mór, que estava dentro, se queria entrar e quem era elle? Ao que respondeu que queria entrar e que era o capitão da cidade de S. Sebastião, em nome d'el-rei nosso Senhor, e immediatamente lhe foi aberta a porta, dizendo o Alcaide-mór que o reconhecia por seu capitão em nome de Sua Alteza, cuja cidade e fortaleza eram. Taes foram as cerimonias da posse do Alcaide-mór, escripta pelo tabellião Pedro da Costa: Silva Lisboa, *Annaes do Rio de Janeiro*, **1**, 105.

Dias antes, a 9 de Setembro, fora dirigida a Pedro Martins Namorado uma provisão suspendendo o curso das causas que ante elle corressem por jogos de cartas, dados, bolas, etc., comminando, porém, a multa de 100$ (o algarismo está errado, porque 100$ naquelle tempo era quantia de que nem o capitão-mór poderia dispor ; seria $100 ?) para os que d'ahi por diante reincidissem—Silva Lisboa, *ib*, 103.

meações de cargos civis [11]).—Estacio de Sá deu algumas terras de sesmaria pelo reconcavo do Rio de Janeiro G): entre estas nos constam as de Guarihy a Pero Martins Namorado e José Adorno e as de S. Lourenço a Antonio de Marins, as quaes depois (16 de Março de 1568) foram adjudicadas ao chefe indio Arariboya.

Inteirado porém Mem de Sá, pelas informações H) levadas por Anchieta (que fora ordenar-se á cidade do Salvador), de que a nova colonia de S. Sebastião se achava outra vez apertada por muito gentio inimigo, do qual cumpria desafogal-a, para que, dedicando-se melhor seus habitantes á cultura, não estivessem dependentes das outras capitanias e expostos á mingua, o representou á Côrte, e obteve dalli tres galeões, dos quaes veiu por

---

[11]) Silva Lisboa, *Ann. do Rio de Jan.*, **1**, 103, 106 e 107.

G) De algumas dadas então ha noticias colhidas por Monsenhor Pizarro e publicadas na *Rev. Trim.*, **63**, I, 93 e seg., Rio, 1901.

H) Em sua carta de 9 de Julho de 1565, Anchieta resumia nos seguintes termos a situação: O maior inconveniente que ali havia ultra da fome é que lá estão muitos homens de todas as capitanias, os quaes passa de um anno que lá andam e desejam vir-se para suas casas, como é rasão; se os não deixam vir, perdem-se-lhes suas fazendas; se os deixam vir, fica a situação desamparada e com grande perigo de serem comidos os que lá ficarem.

Sobre o estado de cousas escreve: Já á minha partida tinham feito muitas roças ao derredor da cerca, plantados alguns legumes e inhames, e determinavam de ir a algumas roças de Tamoyos a buscar alguma mandioca para comer e a rama della para plantar; tinham já feito um baluarte mui forte de taipa de pilão, com muita artilharia dentro, com quatro ou cinco guaritas de madeira e taipa de mão, todas cobertas de telha que se trouxe de São Vicente e faziam-se outras e outros baluartes, e os Indios e Mamalucos faziam já suas casas de madeira e barro, cobertas com umas palmas feitas e cavadas como cales e telhas, que é grande defensão contra o fogo. Os Tamoyos andavam se ajuntando para dar um grande combate na cerca; já havia dentro do rio oitenta canoas e parece-me que se ajuntariam perto de duzentas, porque de toda a terra haviam de concorrer a ilha, e dizia-se que fariam grandes mantas de madeira para se defenderem da artilharia e abalroarem a cerca; mas os nossos tinham já grande desejo de chegar aquella hora porque desejavam e esperavam fazer grandes cousas pela honra de Deus e do seu rei e lançar daquella terra os Calvinos e abrir alguma porta pera a palavra de Deus entre os Tamoyos. Silva Lisboa, *Ann.* **6**, 178 — Corrigiu-se o que foi possivel pelo codice da Bibliotheca Nacional.

capitão-mór Christovam de Barros I). Juntando a esses galeões dous navios que andavam na costa, e mais seis caravellões, se passou em pessoa ao Rio de Janeiro, com todos os soccorros de gente, e mantimentos que poude juntar. Pernambuco, já desassombrado das guerras que o segundo donatario, ajudado por seu irmão e successor, tivera que dar ao gentio para o aquietar, enviou por esta occasião, de contingente, cem homens e alguns mantimentos. Acompanhava o Governador o segundo bispo D. Pedro Leitão, que aproveitava agora a occasião de tomar conhecimento desta parte de sua vastissima diocese J).

Chegados ao Rio de Janeiro, reuniram-se em conselho os que eram para isso, e foi assentado que no dia immediato, isto é no da invocação do Santo Padroeiro da cidade, se buscasse o inimigo em seus proprios alojamentos. Haviam-se estes fortificado em duas grandes estancias. Ficava a primeira, chamada de *Uruçu-*

I) A sua nomeação é de 10 de Março de 1566, segundo documento do Instituto Hist. Provavelmente veio com o padre Ignacio de Azevedo, que chegou a Bahia em 24 de Agosto. Como Ignacio de Azevedo demorou na Bahia menos de tres mezes, e veio para o Sul em companhia de Men de Sá, este devia ter partido para sua segunda expedição ao Rio em fins de Outubro. Entretanto Simão de Vasconcellos, *Chronica*, **3**, 93, fixa a partida em Novembro.

J) Depois no anno de 66 mandou S. A. outra armada para o Rio e me mandou que fosse em pessoa, por ser informado que os Francezes pelo sertão e junto ao mar faziam muitas fortalezas e se tinham apoderado dos Indios e estavam já muito fortes com muita artilharia.

Fui o melhor que pude com muito gasto de minha fazenda, dando mesa a todos os que levava, e do muito trabalho que levei adoeci no Espirito Santo e assi doente fui ao Rio e estive á morte. Mas assim dei ordem com que logo se combateu a fortaleza de Biraoaçu mirim, grande principal e muito guerreiro, o qual estava em um passo muito alto e mais fragoso, com muitos francezes e artilharia, a qual foi combatida com tanto animo que, posto que foram mortos e feridos muitos dos Christãos, não se sentiu menos fervor no cabo que no começo, té que renderam e captivaram nove ou dez francezes, mataram outros, onde Estacio de Sá foi ferido de uma frechada, de que morreu, *Instrumento*, 10. Cf. S. de Vasconcellos, *Chronica*, **3**, 101 e seg.

Das palavras referentes á altura e fragosidade da aldea pode se sem grande risco de errar concluir que ficava no morro da Gloria, antigamente chamado de Lery, segundo bondosa communicação de Vieira Fazenda.

merim[12], junto á foz do ribeiro da Carioca[13], hoje denominado do Cattete[14]; isto é, no fim da praia ora dita do Flamengo. Era um forte entrincheiramento que dispozera Bois le Comte K). A outra ficava na ilha maior da enseada, chamada pelos indios *Paraná-pecú*[15] e pelos nossos do Maracaiá ou do Gato; porque o chefe dos Indios alcunhados Maracayás ou Gatos bravos ahi residia L). Era esta ilha a que pouco depois se denominou, como ainda hoje, do Governador, por haver sido metade della dada de sesmaria por Men de Sá a Salvador Corrêa, ao depois governador do Rio

---

12) *Yrassumerim* se lê no *Santuario Mariano*, 4, 5. [*Iburaguassu-mirim*, escreve Fr. Vicente, que quer dizer pau-grande pequeno e este nome sob diversas variantes apparece no *Instrumento*].

13) «Cary-oca», casa do branco; o que prova ser o nome da tal casa forte que estava ahi construida quando Men de Sá della informava: «Na enseada da «Carioca» que está na lagea para dentro um tiro de berço, onde desembarcam junto de uma aguada, está uma casa grande com artilheria e dizem ser fortaleza. [O trecho não tem valor para o caso, porque refere-se á epoca de Villegaignon e Estacio de Sá estava de posse da Carioca, como se vê em Haddock Lobo, *Tombo das terras municipaes*, 1, 76, Rio, 1863. Diz até D. Pedro Leitão, testemunhas de vista, que Estacio de Sá fizera uma cidade «na ilha da Carioca». *Instrumento* » 127 r].

14) Catete vem naturalmente de «Caetê», mato verdadeiro, isto é, mato virgem. Cf. Anchieta, *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, 8, 259.

K) E' muito possivel porque durante annos outra cousa não fez Bois le Comte que viajar num e noutro sentido entre o Brasil e a França, como algures repara Heulhard. Dos documentos examinados pelo annotador nada consta, porem, a este respeito. Apenas Anchieta informa correr na sua partida do Rio, entre os Tamoyos de Cabo-Frio, que estava o sobrinho de Villegaignon, capitão que fora da antiga fortaleza, com uma grossa armada para vir ao Rio de Janeiro e S. Vicente. Estava aonde? Naturalmente na Europa.

15) Sem duvida *Paraná-apecú*, lingua de mar, e não *Paraná-pucú* (mar largo); pois que esta ultima palavra se devia pronunciar nesse caso *Parana-mbucú*.

L) Não residia mais, pois os Indios do Gato ou Temiminós foram annos antes obrigados a emigrar para o Espirito Santo, e combatiam agora contra os Tamoyos. Diz Fr. Vicente, 3, 14 que de Martim Arariboya fora padrinho Martim Affonso de Sousa na era de 30. A ser verdade, teriamos nisto mais uma prova de que era natural do Rio, pois Martim Affonso, que saibamos, não desembarcou no Espirito Santo.

de Janeiro; cabendo a outra metade ao almoxarife régio Ruy Gonçalves. O primeiro obteve a confirmação em Lisboa aos 13 de Fevereiro de 1576.[16]

A primeira tranqueira, na terra firme, foi tomada logo de assalto; e de onze Francezes que ajudavam a defendel-a, cairam mortos seis, e foram os outros cinco passados á espada.

De nossa parte falleceu o capitão Gaspar Barboza, « de muito esforço e virtude, » e a sua perda foi de todos mui sentida.

Retiraram-se os fugitivos para a dita ilha maior, ou de Paranápecú, e então a luta se apresentou mais porfiada M). Echoava pelas quebradas das serras o estrondo da artilheria, zuniam nos ares as frechas despedidas e os pelouros disparados; afuzilavam os mosquetes, e toda a scena se fazia mais horrivel com os urros barbaros dos Indios. Por fim a victoria se decidiu pelos nossos, e a forte tranqueira foi assaltada. Infelizmente recebeu na refrega uma frechada o bravo Estacio de Sá, e da ferida veiu a morrer um mez depois N). Assim perdeu a vida asseteado, como o padroeiro (cujo dia era o em que foi ferido) da cidade que fundára, e a que dera nome, e da qual os symbolos do martyrio do mesmo padroeiro vieram a ser as insignias ou armas.

A cidade festejou por muito tempo este triunfo, com oito dias de luminarias, e ainda hoje conserva um oitavario religioso,

---

16) Liv. 9 de Filippe I.º do R. Arch. Fol. 274.

M) Dahi a poucos dias mandei dar em outra fortaleza do Paranapocu, onde havia mais de mil homens de guerra e muita artilharia e tres dias a combateram continuamente, té que entraram com muito trabalho e maior risco e mortes de alguns brancos e depois de se defenderem esforçadamente se renderam e foram todos captivos. E estando prestes a ir a outra fortaleza mais forte que todas, em que estavam muitos francezes, não ousaram a esperar, e deixaram a fortaleza a qual tinha tres cercas fortissimas, muitos baluartes e casas fortes, e logo me vieram a pedir pazes e lhes outorguei com ficarem vassallos de Sua Alteza, *Instrumento*, 11 r.

N) Como se attesta no *Instrumento*, Estacio foi frechado logo no ataque de Ibiruguaçumirim e morreu vinte e cinco a trinta dias depois, isto entre 15 e 20 de Fevereiro.

dando-se durante os tres dias 17, 18 e 19 de Janeiro uma salva ás oito da noite.

Escriptores pagãos considerariam Estacio de Sá como a victima innocente votada em holocausto aos deuses infernaes, para aplacar suas iras contra os novos colonos. A religião manda-nos curvar a cabeça ante os decretos do Altissimo ; e a justiça com que escrevemos obriga-nos a declarar que á sollicitude deste primeiro capitão e ao seu esforço, prudencia e animo piedoso[17], deve a cidade o contar a fundação do primeiro quartel de 1565, sem que nenhum revez interrompesse seu progressivo desenvolvimento neste seculo e no seguinte.

A sepultura do primeiro capitão mór do Rio é para o Brazil uma veneravel reliquia, que não só a piedade, mas tambem a gratidão, nos impõe o dever de acatar, como de um heroe martyr, que sacrificou sua existencia pelo paiz, que hoje se deve gloriar em proclamal-o seu cidadão adoptivo O). No rancho ou tujupar que servia de ermida no primitivo povoado, se lhe fizeram as honras funebres; e dezeseis annos depois, apenas acabada uma das capellas da igreja de S. Sebastião (do morro), se lhe trasladaram para ella os ossos, e se lhe poz uma campa, que ainda em nossos dias se conservava com a competente inscripção, que fielmente copiámos, e em outra occasião publicámos.

---

17) «Se não fosse o capitão mór tão amigo de Deus, tão manso e affavel que nunca descança de noite e de dia accudindo a uns e a outros sendo o primeiro nos trabalhos,» etc. Anchieta, C. de 9 de Julho de 1565. [*Ann. do R. de Jan.*, 6, 180].

O) Em 1862 foi aberta a sepultura de Estacio de Sá. Numa camada superficial encontraram-se os ossos de um adulto e de um individuo de quinze annos. Escavando-se mais appareceu um esqueleto incompleto identificado com Estacio de Sá por uma commissão do Instituto Historico.

Segundo esta, Estacio de Sá teria a altura approximada de 1^{m},741. pois o tibia marcava 0,36; o corpo era regular, pois a clavicula media 0,14 cent., o que inculca que o peito na sua parte superior, de um extremo clavicular a outro, offereceria mais ou menos 0,32 cent.; por outra que era um individuo de typo portuguez, de estatura regular. *Rev. Trim.*, 26, 301 e seg.

Desassombrada toda a enseada dos Francezes alliados dos Indios, e intimidado e quieto o gentio, decidiu Men de Sá escolher outro local para fixar o nucleo da cidade que devia presidir aos destinos deste grande porto, melhor e mais apropriado do que a acanhada peninsula do Pão d'Assucar P). Transferiu-a pois um pouco mais para dentro da enseada, e marcou o assento della sobre o morro mais saliente para o mar e sobranceiro ao pouso habitual dos navios, isto é, ao ancoradouro fundo e mais abrigado, que estes encontravam passado um primeiro pontal de rocha. Esse morro, que se extende para os lados com tres espigões ou contrafortes, é o ultimo de uma orla delles que ahi faz como o dorso da peninsula que com elle ficou assenhoreada. Para o interior seguem-se outros que depois tomaram os nomes de Santo-Antonio, Senado, Paula Mattos e Santos Rodrigues. Mediando um grande valle, a logares alagados e de mangues (onde hoje se veem as ruas centraes da cidade) levanta-se do outro lado, mais para o interior, outra orla de montes por detraz dos quaes se mettem ainda as aguas da bahia. Chamam-se hoje de S. Bento, Conceição, Livramento, Madre de Deus e S. Diogo e seus satellites Saúde e Gamboa. Do lado da barra

P) E por o sitio onde Estacio de Sá edificou não ser pera mais que pera se defender em tempo de guerra, com parecer dos capitães e de outras pessoas que no dito Rio de Janeiro estavam, escolhi um sitio que parecia mais conveniente para edificar nelle a cidade de São Sebastião, o qual sitio era de um grande mato espesso, cheio de muitas arvores e grossas, em que se levou assaz de trabalho em as cortar e alimpar o dito sitio e edificar uma cidade grande, cercada de trasto de vinte palmos de largo e outros tantos de altura, toda cercada de muro por cima com muitos baluartes e fortes cheios de artilharia. E fiz a igreja dos Padres de Jesu, onde agora residem, telhada e bem concertada, e a Sé de tres naves, tambem telhada e bem concertada; fiz a casa da Camara sobradada, telhada e grande; a cadeia, as casas dos almazeins e pera a fazenda de S. A. sobradadas e telhadas e com varandas; dei ordem e favor ajuda com que fizessem outras muitas casas telhadas e sobradadas. Tendo isto feito, por se rebellarem uns principaes que estavam em umas fortalezas de muitas cercas, dei sobre elles e os desbaratei e se mataram muitos, o que foi causa de tornarem novamente a pedir pazes. Mandei vir muitos moradores, muito gado para povoar a dita cidade, o qual se dá muito bem, de que ha já grande creação. *Instrumento*, 11-12 r.

levanta-se o de Santa Theresa que é como espigão do Corcovado, ramo da serra da Tijuca, separada do Pão d'Assucar e Babilonia.—No alto desse morro, que hoje se diz «do Castello» assentou pois Men de Sá a nova povoação que fez fortificar, acompanhando-a dos edificios competentes para a casa da camara e outros. A' cidade confirmou para rocio e patrimonio legua e meia de terra, e para termo a distancia de seis leguas [18]), segundo o que á antiga fixára Estacio de Sá. Na construcção dos edificios particulares favoreceu a muitos, que deram o exemplo, e successivamente foi tendo imitadores. Infelizmente aqui, como já succedera em S. Vicente, na Bahia e nas demais povoações, adoptou-se demasiado o systema de construcção de Portugal; e nem da Asia, nem dos modelos de architectura civil arabe na Peninsula, isto é, do uso dos numerosos pateos com repuxos, e dos eirados ou açotéas, houve quem se lembrasse como mais a proposito para o nosso clima. Para a adopção de certos habitos tudo depende do principio.

A' companhia de Jesus, representada então pelo Padre Visitador, Ignacio de Azevedo, doou Men de Sá sitio para se fundar no Brazil um terceiro collegio, o que foi confirmado pelo Cardeal Regente em 6 de Fevereiro de 1568, devendo cada padre receber de congrua o mesmo que os da Bahia. Successivamente adquiriram os padres umas seis leguas de terra em Macacú, que lhes foram cedidas por Miguel de Moura, e depois adquiriram (para os seus Indios) mas duas leguas até a serra dos Orgãos [19]). Em 11 de Fevereiro desse mesmo anno de 1568, approvou o rei a inauguração do collegio em S. Vicente para cincoenta padres, com os mesmos mantimentos que os da Bahia Q). Em 16 de Março

---

18) Taques, *Rev. do Inst.*, 9, 322. (Confira *Ann. do Rio de Janeiro*, 1, 114; e Pizarro, *Memorias*, 7, 154).

19) Liv. 26 de D. Seb. e D. Henr. f. 312 e Liv. 5º de Filipe 1º — f. 66 e Liv. 10 f. 165.

Q) O primeiro reitor do collegio dos Jesuitas do Rio foi o padre Manuel da Nobrega, que tanto concorreu para a fundação da cidade, sem o qual Estacio

seguinte, aceitando Martim Affonso Araryboya, que muito havia ajudado nas guerras dos nossos durante quatro annos, o estabelecer-se no Rio de Janeiro, com toda a sua familia, parentela e Indios, lhe fez Men de Sá doação de uma sesmaria, de uma legua de terra sobre a bahia, e duas pela terra dentro, na margem fronteira á cidade, desistindo para esse fim, nessa mesma data, dessas terras Antonio de Marins, a quem antes haviam sido doadas. [20])

Todas as doações fazia o governador em nome do rei, e sem satisfações algumas ao donatario, ou a seu logar-tenente. E bem que esta parte da costa havia cabido na repartição primeira a Martim Affonso, a capitania do Rio de Janeiro, depois de fundada a cidade, foi em nosso entender considerada, com toda a provincia da Bahia, exclusivamente da corôa. E' provavel que Martim Affonso, que ainda então [21]) vivia, fosse o primeiro a ceder de seus direitos; pelas vantagens de segurança contra os

---

de Sá não poderia ter vindo reforçado de S. Vicente, de modo a arrostar Francezes e Tamoyos durante quasi dous annos. No collegio falleceu a 18 de Outubro de 1570. Este Jesuita benemerito não tem sido condignamente apreciado; com grande despreso de perspectiva historica, Simão de Vasconcellos esfumou-o na irradiação de Anchieta, seu discipulo querido; tacita ou explicitamente, outros o tem imitado. Modesto mas perenne monumento dedicou-lhe Valle Cabral, de saudosa memoria, na edição das *Cartas*, enriquecida de notas importantes, precedida da vida do apostolo brasileiro escripta pelo padre Antonio Franco e publicada na *Imagem de virtude no collegio de Coimbra*. Nella ha algumas paginas profundas de Anchieta sobre o fundador da Companhia no Brasil, transcriptas antes nas *Informações e frag. hist.*, 57 e seg. Para escrever, não a hagiographia, mas a biographia de Nobrega á altura da sciencia faltam infelizmente documentos.

[20]) *Rev. do Inst.*, **17**, p. 301 e segs. devendo corrigir-se *Men de Sá*, onde se lê *Mendonça* ou *Mendes de Sá*, e na lin. 5 de pag. 304 «*gentio temiminó*», onde se diz genero termininos». [Martim Affonso tomou posse da sesmaria a 22 de Novembro de 1573 — *ib*, 307. Cf. abaixo nota T.].

[21]) Ainda vivia (e «sirva-nos de rectificação) em 16 de Março de 1566. — *Hist. Gen*, **6**, 211 e 213. Mais: em 20 de Abril seguinte alcançou um alvará para que no caso de não ter successão seu filho herdeiro Pero Lopes passasse a casa á sua filha D. Ignez Pimentel. M. Affonso só veiu a fallecer em 1571.

Francezes, que dessa fundação colhia a sua capitania de S. Vicente, já colonisada; mas não encontrámos a tal respeito aclaração alguma nos archivos.

Tendo dado as necessarias providencias, deixou Men de Sá o Rio de Janeiro, havendo confiado a sua capitania e governo a outro sobrinho, Salvador Corrêa de Sá, a quem investiu de todos os poderes de que gosava, nos assumptos da justiça e da fazenda R). Antes de partir, passou varias provisões, nomeando os individuos[22]) que deviam exercer os cargos de alcaide mór, de ouvidor, juiz de orphãos, feitor da fazenda e outros. Salvador Corrêa nomeou depois alguns cargos, como foi o de medidor das terras[23]), e diversos que vagavam[24]).

Succedeu a Salvador Corrêa o mesmo Christovam de Barros, que chegára commandando a armada de socorro, e que havendo regressado á côrte, vinha agora nomeado capitão e governador

---

R) Por me vir novas que o gentio da capitania do Espirito Santo estava alevantado e tinha mortos muitos brancos foi necessario ilo soccorrer e fui com parecer dos capitães e moradores da terra, e deixei por capitão da dita cidade do Rio de Janeiro a Salvador Correa de Sá meu sobrinho, o qual ainda agora (1570) sustento a minha custa, e chegando a dita capitania em mui breve tempo assoceguei o gentio que quiz pazes e os que a não quizeram foram castigados e mortos muitos, e os que escaparam se foram da terra, e ficou ella mais pacifica que nunca. *Instrumento*, 12 r.

A nomeação é de 4 de Março de 1568. Salvador Correa de Sá era natural da quinta de Penaboa, termo de Barcellos, filho de Gonçalo Correa e Felippa de Sá, neto de Ruy Vaz Correa e de Martim de Sá, das linhagens dos Correas e dos fidalgos de cotas darmas, diz sua carta de foro de 30 de Agosto de 1574: era cavalleiro de Santiago. Varnhagen, *Rev. Trim.*, **3**, 100, Rio, 1841.

Durante a assistencia de Men de Sá na cidade, deu-se o seguinte caso, narrado por Fr. Vicente de Salvador, **3**, 12: Haviam ido na armada mercadores, que entre outras mercadorias levaram algumas pipas de vinho. Mandou-lhes o Governador que o vendessem atavernado e pedindo-lhe elles que lhes puzesse a canada por um preço excessivo, tirou elle o capacete da cabeça com colera e disse que sim, mas que aquelle havia de ser o quartilho, e assim foi e é ainda hoje por onde se afilam as medidas, donde vem serem tão grandes que a maior peroleira não leva mais de cinco quartilhos.

22) *Ann. do Rio de Janeiro*, **1**, 112 e 113.

23) *Ibid.*, **1**. 294, 295, 300 e 301.

24) *Ann. do R. de Jan.*, **1**, 300.

por carta de 31 de Outubro de 1571. Era filho do donatario Antonio Cardoso de Barros assassinado pelos Indios [25]).

A Christovam de Barros deveu a cidade a construcção das muralhas e torres, todas de taipa S): donde provêm que o morro do Castello não conserva ja nenhuma dessas torres, que se houveram sido de pedra, contando ja tres seculos, dariam á cidade o aspecto de um passado mais veneravel.

Seu antecessor, nos seis annos [26]) que desta primeira vez exerceu o cargo, prestou mui assignalados serviços á nova cidade, ainda então aberta e sem muros. Entrando uma vez no porto quatro náos francezas, que se dirigiram da banda d'além da cidade, no reconcavo de S. Lourenço, onde estava assente, com sua tribu, o principal Martim Affonso Ararigboya [27]) com intentos de se apoderarem delle, para o entregarem á vingança dos seus contrarios, mandou Salvador Corrêa ás ordens de Duarte Martins, socorros ao chefe alliado durante a noite. Com a vasante da maré, as náos francezes appareceram de madrugada em secco, e poderam ser canhoneadas á vontade por um falcão único que havia em terra; mas vindo a enchente se fizeram á vela e ao mar T). Depois foi Salvador Corrêa em pessoa, com reforços que

---

25) Liv. 27 de D. Seb. e D. Henr. f. 329. Copia no Inst. Hist.

S) Men de Sá affirma ter sido elle quem construiu os muros da cidade. Podiam, porém, ter cahido.

26) E' elle quem nos ajusta a conta em uma representação feita em 1584 [e desconhecida no Rio].

27) A circumstancia de ser este Martim Affonso *temininó*, faz nos crer que podia ser o proprio *Araraig* de Piratininga, sobrinho de Tebireçá, que tivesse vindo dali, como colono, ao Espirito Santo. [Como, si Tebireçá era tupiniquim ?].

T) Na primeira edição **1**, 256, o Autor localisara este successo na bica dos Marinheiros, mas em nota final, p. 488, transferiu-o para Niterói. Já Fausto de Sousa, *Rev. Trim.*, **44**, II, 27 mostrou que a idéa primitiva era a verdadeira. Que o caso succedeu no lado occidental da bahia, resulta da narrativa de Fr. Vicente de Salvador, *Historia do Brasil*, **3**, 14. Que ainda em 1573 a aldea de S. Lourenço não estava na banda oridental da bahia deduz-se dos *Ann. da Bib. Nac.*, **19**, 136, Rio, 1897. Cf. *Supra*, nota 20.

recebeu do S. Vicente, atacar os inimigos ao Cabo-Frio, e ali se apoderou de uma dessas náos. «Acometteram (diz uma chronica antiga U), os nossos a subida tres vezes: mas como ao entrar ficavam a peito descoberto, foram rebatidos com os piques e com alcanzias de fogo, e nestes tres acomettimentos caiu sempre o governador ao mar, sem saber nadar, e sempre foi livre pelos nossos Indios. Prolongava-se a briga travada de parte a parte: o capitão na náo, vestido de armas brancas, brigando com duas espadas, defendia e animava aos seus com valor, discorrendo por todo o convés: entenderam os nossos, que neste consistia a dilatação do successo; mas como andava tão bem armado, não entravam com elle as settas. Entrou em brio um frecheiro, perguntou se tinham aquellas armas algum lugar por onde entrasse huma frecha? Disseram-lho que pela viseira: bastou o dito para o effeito, disparando huma frecha, que pelo mesmo lugar penetrou o olho, e interior da cabeça ao capitão contrário, e deu com elle no convés, á vista do que desmayaram os soldados; fugiram para debaixo depois de mui bem feridos: entraram, os nossos: e renderam a náo á vista dos mesmos Tamoyos contrarios, que como escaldados, naõ se atreveram a ajudar a seus amigos.

«Mandou o Capitão Governador dar á vela, e entrou com a náo no Rio. Deu o saco aos soldados, que em breve tempo appareceram todos vestidos dos melhores panos do mundo. A artilharia applicou-a á defensa da cidade. A náo mandou o dito Capitão mór a Men de Sá, seu tio, com a relaçaõ deste bom successo, e ficou elle sómente com a glória delle, naõ tomando cousa alguma do despojo para si».

U) Simão de Vasconcellos, *Chronica da Companhia*, **3**, §§ 135, 136, servilmente reproduzido na pretensa *Chronica de D. Sebastião*, attribuida a D. Manuel de Menezes. Neste combate de 8 de Junho de 1568, foi morto Heleodoro Eoban, commandante dos voluntarios de S. Vicente, compatriota e amigo de Hans Staden. Cf. Rio Branco, ap. *Le Brésil en 1889*, 115.

Tanto Christovam de Barros, como Salvador Corrêa e Martim de Sá concederam muitas sesmarias, cujos registos, de 1578 em diante, ainda ha poucos annos vimos no Rio de Janeiro.

Voltemos porêm a Men de Sá. Com sujeitar por terra os gentios, apenas havia ello cumprido uma parte da sua missão a respeito delles. Restava-lhe a mais importante: a de ver como se deveriam governar de modo que podessem ser mais uteis a si e ao Estado. Por lei antiga, o pela jurisprudencia ainda de nossos dias [28]), os prisioneiros feitos em guerra justa podem, em certos casos, sujeitar-se á servidão. — Os colonos, poucos em numero, julgavam-se com diroito a ressarcir-se dos perigos passados nas guerras e do sangue derramado, com o trabalho dos prisioneiros.—Este meio de recompensa, equivalente ao das *encomiendas* de guerra da America hespanhola, começava tacitamente a seguir-se no Brazil; porém oppozeram-se a elle os Jesuitas; e o tribunal pouco antes criado na côrte, com o titulo, que explica o seu fim, de Meza da Consciencia declarou-se em favor delles; por forma que, encontrados os pedidos dos mesmos Jesuitas com os dos povos, as deliberações da côrte e dos governadores eram ora em favor de uns, ora de outros. E' por isso que a legislação especial ácerca dos Indios do Brazil, dada por sua ordem chronologica, apresenta uma serie de contradicções, que melhor chegaram a manifestar-se, por vias de facto, nas sublevações que teremos de historiar pelo tempo adiante. A principio os donatarios haviam admittido o systema de distribuir os que se aprisionavam em guerras (se os não tomavam para si) pelos colonos principaes, ou que mais serviços haviam prestado nas mesmas guerras. Commetteram-se porém com o tempo abusos, e se intentou tratar de algum outro meio de resolver o problema, o qual se complicava com as ideias de philantropia e de liberdade delles, que os Jesuitas pregavam mais com a palavra do que

---

28) Vattel «Droit des Gens» Liv. I, c. 7 § 81; Montesquieu, «Esprit des Lois» Liv. X, c. 3.

com o exemplo; pois que não começaram por libertar os que lhes davam obediencia. Não temos nenhuma sorte de prevenções contra os illustrados filhos de Santo Ignacio, que tão assignalados serviços prestaram a instrucção publica e ao christianismo; mas, quando os documentos accusem delles algumas irregularidades, não trataremos de as contar com artificiosos disfarces, que antes pareceriam adulação injusta. Os povos viram, na pretendida philantropia e protecção dos Indios, uma verdadeira decepção contra elles, quando os braços começavam a escacear para as primeiras necessidades da industria. A côrte sem conhecimento do caracter dos Indios, e influida pelos mesmos Jesuitas, julgou a principio dever libertar aquelles completamente. Representou o povo em contra, provando que os que pertenciam ás aldeias ou missões da Companhia eram sim absolutamente immunes, e protegidos contra toda classe de tropel extranho, mas que, bem considerado o caso, eram verdadeiros servos; pois trabalhavam como taes, não só nos Collegios, como nas terras chamadas *dos Indios*, que acabavam por ser fazendas e engenhos dos padres Jesuitas. Se das roças se sustentavam os trabalhadores, outro tanto se passava com os dos mais habitantes; e se o trabalho era suave, é porque os operarios eram em grandissimo numero. Além do que, não tinham os Jesuitas meios de provar aos colonos sua abnegação, quando, a titulo de ordinaria, cobravam soldos avultados das rendas da colonia. Eram ainda então os religiosos da Companhia os unicos que havia nas colonias brazileiras; assim com elles tinha exclusivamente de travar-se a luta mui frequente entre o povo e o clero, quando este chega a alcançar grande preponderancia, ou aspira a uma especie de supremacia nos negocios temporaes.

A' vista destas representações, assentou a Mesa da Consciencia que unicamente se limitassem os abusos com restricções; começando ella por arrogar-se o direito de decidir se as guerras eram ou não emprehendidas com justiça, e fixando os casos em que, a não ser por guerra, podiam considerar-se captivos estes

ou aquelles Indios. Só poderiam ser captivos legalmeute, além dos aprisionados em guerra justa, os que fossem pelos pais entregues, afim de cuidarem da sua educação, a novos *padrinhos* ou senhores, ou os que se veudessem, tendo mais de vinte anuos; clausula esta admittida, segundo sabemos, na antiga legislação semi-feudal da Europa e nas leis carlovingias.

Os abusos porém, que no interpretar estas clausulas se commetteram, obrigaram a côrte a novas recommendações. E o proprio Men de Sá, ja antes de visitar pela seguuda vez o Rio de Janeiro, havia recebido a seguinte carta régia:

«Men de Sá. — Amigo. — Eu elrei vos envio muito saudar. Porque o principal e primeiro intento em todas as partes da minha conquista é o augmento e conservação da nossa Santa Fé Catholica e converção dos gentios dellas, vos encommendo muito que deste negocio tenhaes nessas partes mui grande e especial cuidado, como de cousa á vós principalmente encommendada; porque com assim ser, e em taes obras se ter este intento, se justifica o temporal que Nosso Senhor muitas vezes nega, qundo ha descuido no espiritual.

«Eu sou informado que geralmente nessas partes se fazem captiveiros injustos, e correm os resgates com titulo de extrema necessidade, fazendo-se os vendedores pais dos que vendem, que são as causas com que as taes vendas podiam ser licitas, conforme ao assento que se tomou. Não havendo as mais das vezes as ditas causas, antes pelo contrario intercedendo fôrça, manhas, enganos, com que os induzem facilmente a se venderem, por ser gente barbara e ignorante, e por este negócio, dos resgates e captiveiros injustos, ser de tanta importancia, e ao que convem prover com brevidade, vos encommendo muito que, com o bispo, e o padre provincial da Companhia, e com o padre Ignacio de Azevedo, e Manoel da Nobrega, e o ouvidor geral que lá está V) e o que agora vai, consulteis e pratiqueis este caso, e o modo que se póde e deve ter para se atalhar aos taes resgates e captiveiros, e me escrevaes miudamente como correm, e as desordens que nelles ha, e o remedio que póde haver para se atalhar e os taes injustos captiveiros se evitarem; de maneira que haja gente com que se grangeem as fazendas, e se cultive a terra, para com a dita informação se tomar determinação no dito

V) O ouvidor que aqui estava era ainda Braz Fragoso, o que agora vinha Fernão da Silva. Isto permitte fixar a data desta carta regia em 1566, pois já em 20 de Novembro de 1566 Fernão da Silva estava no Brasil: cf. Silva Lisboa. *Ann.* 1. 313. Entretanto, parece que não esperaram por elle nem por Ignacio de Azevedo, si, como assegura o documento contemporaneo citado adiante, nota K, os capitulos foram accordados a 30 de Junho do mesmo anno.

caso, e ordenar o modo que nisto se deve ter, que será como parecer mais serviço de Nosso Senhor e meu. E emquanto não for recado meu, que será com ajuda de Nosso Senhor brevemente, se fará ácerca disso o que por todos for assentado.

«Muito vos encommendo que aos novamente convertidos favoreçaes e conserveis em seus bons propositos, e não consintaes serem-lhes feitas vexações nem desaguisados alguns, nem lançados das terras que possuirem; para que com isto se animem a receber o sacramento do baptismo, e se veja que se pretende mais sua salvação que sua fazenda; antes aos que as não tiverem queirais, e ordeneis como se lhe deem de que commodamente possam viver; e sendo possivel, dareis ordem como alguns Portuguezes de boa vida e exemplo vivam nas aldêas entre os que se convertem, ainda que seja com lhes fazerdes algumas vantagens.»

Para deliberarem segundo o ordenado nesta carta, se reuniram ao governador o bispo, o ouvidor geral Braz Fragoso e alguns padres da Companhia, e todos concordaram nos capitulos seguintes, que foram assignados pelo governador, pelo bispo, e pelo dito ouvidor X).

1.º Que se algum Indio se acoutasse ás missões dos Jesuitas só sairia por ordem expressa do governador, ou do ouvidor, quando o reclamante provasse a legitimidade da posse e da servidão.

2.º Que o ouvidor fosse, cada quatro mezes, de correição pelas missões e aldêas, ouvir as partes e administrar justiça.

3.º Que se nomeasse aos Indios um curador (e foi escolhido Diogo Zorrilla, alcaide do mar da Bahia[29]), e se impozessem penas a quem casasse as Indias com escravos.

4.º Que os resgates com os Indios, apezar do que dispunha o foral, não fossem válidos sem consentimento das autoridades.

X) Os capitulos, accordados a 30 de Julho de 1566, lêm-se na informação sobre os trabalhos dos primeiros jesuitas no Brasil, *Rev. Trim. do Inst. Hist.* 57, 1, 225, Rio, 1894; trazem apenas as assignaturas de Men de Sá e dos dois Jesuitas Antonio Pires e Gregorio Serrão. Esta importante chronica das primeiras missões da Bahia, escripta em 1583 (ib., 245) não tem nome de autor, porém deve-se provavelmente ao padre Luiz da Fonseca, substituto de Gregorio Serrão na reitoria da Bahia.

29) Foi approvado pela Côrte em 25 Fev. de 1576. [Doc. no Inst. Hist. Ahi se lê que durante vinte annos prestara serviços de guerra no Brasil. Teve de ordenado annual 30$000].

5.º Que os Jesuitas entregariam, dos que tivessem em suas aldêas, os que confessassem ser captivos, ou quizessem, livres, servir este ou aquelle colono.

6.º Que o morador que á força tomasse algum Indio proprio Y), acoutado nas missões, perdesse, por este simples facto, todos os direitos que antes tinha a elle, passando o Indio a ficar aggregado á Companhia.

Estas disposições foram tomadas com tanta latitude em favor dos Jesuitas, que começaram os habitantes a queixar-se de que os padres os vexavam com arbitrios e sofismas sempre que podiam: mas o clamor foi geral quando a experiencia mostrou os resultados dellas, que não eram outros senão privar de braços o lavrador pobre, em favor da Companhia, que desde logo começou a medrar e a ganhar consideravelmente na cultura de suas terras, constituindo-se uma verdadeira associação industrial, com a qual nenhum capitalista podia competir.

D'aqui data, verdadeiramente, como em outro logar dissemos, o maior incremento da importação dos escravos africanos. Os moradores vexados pelas dúvidas que de continuo nasciam sobre as provas que se lhe exigiam da ligitimidade da posse dos Indios,

---

Y) *Litigioso*, lê-se no documento citado. Comquanto o autor o tenha em geral resumido exactamente, convem recorrer ao vol. da *Rev. Trim. do Inst. Hist.* 225/226. Commentando estes artigos, nota o chronista que não tratam das terras que el-rei mandava dar aos Indios, porque desde 1562, á vista de uma carta da rainha, Men de Sá concedera sesmarias aos Indios das igrejas. Tão pouco tratam de Portuguezes de boa vida e exemplo, porque não dera bons effeitos este expediente tentado annos antes, quando foram nomeados Sebastião Luis para S Paulo, Francisco de Moraes e Francisco Barbudo para Espirito Santo, Gomes Martins para Santo Antonio, Braz Affonso para Bom Jesus, Pedro de Seabra para S. Pedro, Antonio Ribeiro para Santa Cruz, Gaspar Folgado para Santo Iago e João de Araujo para S. João.

O Antonio Ribeiro aqui mencionado deve ser o mesmo de p. 408. Delle consta que, depois da ultima expedição de Men de Sá ao Rio, foi aos Indios do Campo Grande, onde morreram com dito Antonio Ribeiro muitos Indios da Bahia. *Rev. Trim.*, 57, I, 241. Sirva isto de rectificação á nota P daquella pagina.

começavam a preferir braços, cuja *legitimidade* lhes fosse mais facil justificar. Para abonar os escravos pretos, então que não havia africanos livres, bastava a côr do rosto.

Encerraremos este capitulo dando conta de uma resolução por este tempo tomada pela Côrte. Consistiu em ordenar, por uma provisão [30]) de 6 de Março de 1565 que as náos destinadas á India que não podessem la chegar, não arribassem de modo algum ao Brazil; mas regressassem antes a Portugal: pois daquellas arribadas, alias frequentes, resultava fugir a gente, estragarem-se as náos, a enxarcia, etc.

---

[30]) R. R. VI, p. 12 e 13. [Systema, ou Collecção dos Regimentos Reaes, Lisboa, 1791].

SECÇÃO XX

PROSEGUE O GOVERNO DE MEN DE SÁ: SUA MORTE.

A escravatura segundo Fr. Thomas de Mercado. Abusos do trafico segundo o mesmo. Sevicias a bordo pintadas pelo mesmo. Conclue a citada obra de Mercado sobre os escravos. A philantropia dos Jesuitas no Brazil não passou á Africa. Juizo acerca de Men de Sá. Desejava a demissão. Captura do successor nomeado. Lei sobre armas. Lei ácerca da liberdade dos Indios. Começa a predominar a influencia dos Jesuitas. Tributos. Moedas. O Rio de Janeiro e Pernambuco por este tempo. Reconducção de Christovam de Barros no Rio. Ilha Grande.

As exageradas pseudo-philantropias em favor dos Indios serviram a fomentar o trafico africano; assim a pretexto de se aliviarem sevicias (que d'outra fórma se poderam ter combatido) contra as gentes de um paiz que se pretendia civilisar, começaram os particulares a enviar navios além do Atlantico a inquietar povos alheios, de igual barbaridade, e a prendel-os e a trazel-os em cadeas, e a fazer que muitos fallecessem nos navios, e que importassem, com males de lepra, a lepra ainda maior da escravidão hereditaria. Inaugurou-se então um systema de colonisação de escravos, cujos graves inconvenientes desde logo começaram a manifestar-se, de tal modo que já em 1569 publicava um escriptor philantropo protestos contra os abusos que se praticavam; isto apezar de admittir como principio que o « captivar ou vender pretos ou quaesquer outros individuos era negocio licito e de *jure gentium*, no dizer dos theologos, como a divisão e partição das coisas; dando-se muitos titulos, segundo elle, em virtude dos quaes podia uma pessoa ser justamente captivada e vendida ».

Nesses titulos admittia o mesmo autor, entre os povos não christãos, a guerra, o castigo por certos crimes, e a extrema necessidade dos pais; mas logo acrescenta os abusos que, a pretexto

desses tres titulos, se originavam, nesses mesmos povos, não christãos e barbaros, havendo quem, por meio da compra estimulasse novos pretextos para a escravidão, como succedia existindo o que se chamava o *trafico de Africanos*.

Isto sem falar das crueldades que se davam ao transportal-os em grandes carregações, e que já nesse tempo descrevia com vivas cores o dito escriptor, Fr. Thomas de Mercado, do seguinte modo:

« Os titulos e causas injustas que referi crescem e vão em augmento ao presente, mais que nunca, pelo grande interesse que tiram dos mesmos pretos. Porém é, e tem sido sempre, publica voz que, de duas partes que sae, uma é enganada ou tiranicamente captiva ou violentada; além de que (ainda que isto é accidental) os tratam cruelissimamente no caminho, quanto ao vestuario comida e bebida. Pensam que economisam trazendo-os nús, matando-os de fome e sêde; mas enganam-se, pois que antes perdem.

« Embarcam num navio, ás vezes pequeno, quatrocentos ou quinhentos, e já o fedor ou catinga basta para matar os mais delles. Com effeito morrem muitos; pois maravilha é não diminuirem de vinte por cento. E para que ninguem pense que exagero, direi que não ha quatro mezes que dois mercadores... sacaram para a Nova Hespanha, de Cabo-Verde, numa náo quinhentos; e numa só noite amanheceram mortos cento e vinte, porque os metteram como porcos num chiqueiro, ou ainda peor, debaixo da coberta: onde seu mesmo folego e catinga (que bastavam para corromper cem ares e sacal-os a todos da vida) os matou. E houvera sido justo castigo de Deus morrerem juntamente aquelles homens bestiaes que os levavam. E não parou nisto o negocio que, antes de chegarem ao Mexico, morreram quasi tresentos.

« Contar o que passa no tratamento dos que vivem seria um nunca acabar. E espantamo-nos da crueldade que usam os Turcos com os christãos captivos, pondo-os de noite em suas masmorras. Certo muito peor tratam estes mercadores christãos aos pretos, que já são tambem fieis; porque na praia, ao tempo de embarcal-os,

os baptizam, a todos juntos, com um hyssope, o que é outra grandissima barbaridade ».

Até aqui Fr. Thomas de Mercado em 1569 A).

Pelo que nos toca mais particularmente cumpre não deixar de ponderar que o habito e a necessidade de andarem os escravos africanos, para poderem trabalhar, quasi nus, não deviam ser favoraveis á moralidade pública, que se embotava de sensibilidade, educada ante tal falta de pudor.

Assim em vez de servidão provisoria, necessaria, experimentada em muitos outros paizes, admittida pelos publicistas mais liberaes, se perpetuou no Brazil outra servidão que nos abstemos de qualificar, e que ja agora não podemos dispensar por uma geração mais, — sem grandes males para o paiz.

Debalde os moradores apresentavam argumentos: debalde pediam elles para o seu gentio do Brazil, no Brazil, as mesmas praticas e leis seguidas em Africa com "o gentio d'Africa". Os Jesuitas a tudo se oppunham B), pela simples razão, segundo seus inimigos, que d'Africa não pretendiam elles o dominio: não lhes agradava o clima. Se algum dia a Companhia de Jesus recobra outra vez seu antigo desenvolvimento, tem que desaffrontar-se desta accusação, passando a missionar nos sertões da terceira parte da terra, em que na verdade a sua historia apresenta feitos de es-

---

A) O livro de Fr. Thomaz de Mercado intitulava-se *Tratos y contratos de mercaderes*, Salamanca, 1569.

B) Sem discutir as idéas do Autor, pode-se entretanto lembrar que a escravidão negra alastrou mesmo em paizes onde os Jesuitas nunca entraram. Os colonos queriam negros, os governos os concediam, porque eram uma fonte de renda : cf. Peytraud, *L'esclavage aux Antilles Françaises*, passim. Neste livro, que está pedindo outro semelhante para o Brasil, facil de escrever em Portugal, o autor capitula as consequencias da escravidão negra nos seguintes itens :

1.º Impediu o desenvolvimento da população branca, misturou as raças, implantou o regimen de terror reciproco entre o senhor e o escravo, produziu o absenteismo ;

2.º Alargou a grande propriedade, tornando-a exclusivamente assucareira, rebaixou a agricultura substituindo o arado pela enxada, estagnou os pro-

caça importancia na conversão de tantos milhões d'almas que a povoam.

Notou-se que, á medida que os Indios se viam mais protegidos e mimados, mais insolentes se tornavam. Em 1568 se amotinaram muitos delles meio-convertidos, e fizeram bastantes mortes; e taes motins ainda depois se repetiram C). Estas desordens eram seguidas de outras, provenientes das grandes oscilações que experimentava a moeda de cobre, e que muito faziam soffrer o povo [1].

---

cessos agricolas e industriaes, reduziu o trabalho á producção exclusiva dos generos de exportação;

3.° Tolheu a circulação monetaria, substituindo-a pela permuta de generos ou economia naturista;

4.° Sustou o desenvolvimento de industrias variadas;

5.° Impossibilitou a vida intellectual e artistica;

6.° Aviltou o trabalho livre;

7.° Creou fortunas rapidas porém instaveis, pois a generalidade dos fazendeiros andava individada;

8.° Constituiu uma sociedade facticia.

Todos estes resultados, com maior ou menor intensidade apparecem em nossa historia; alguns persistem ainda, apesar da abolição declarada a 13 de Maio de 1888.

C) Sobre este assumpto lê-se na chronica jesuitica de 1583, *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, **57**, I, 238:

No anno de 1568, na Semana Santa, se levantou alguma da escravaria dos Portuguezes, a saber de Japacé, Paraná-mirim e outras fazendas, fugindo para o sertão, na qual fugida mataram alguns Portuguezes, pondo fogo a algumas aldeas, roubando o que podiam. Eram estes escravos daquelle gentio que os Portuguezes houveram no tempo da fome e daquella doença grande que veio, assi das nossas igrejas e da sua comarca e do rio Real... illicitamente resgatados, os quaes, depois que souberam que cousa é ser escravo pelo terem experimentado em si mesmo, vendo que já não tinham nem um remedio, imaginaram que lhes vinha falar um Santo, o qual lhes mandava que se fossem para as suas terras e com isto se levantavam, como tenho dito. Os que de toda esta gente se poderam salvar dos Portuguezes e Indios das igrejas dos Padres que foram atraz delles e tomaram muitos se foram meter com o gentio do rio Real, por serem dali naturaes.

[1] Em 1551 havia sido levantado o valor ás moedas de cobre. Em 1556 e 1560 havia-se reformado esta medida. Em 1568, em consequencia da invasão do cobre falso, baixou-se de novo esse valor, e foram mandadas indemnisar as perdas e damnos, etc.

Os engenhos se tinham extendido pelo interior da Bahia, e as roças dos particulares iam entrando pelas terras proximas das aldêas jesuiticas, as quaes elles diziam haverem sido dadas de sesmaria aos seus Indios. — E representando neste sentido ao governador, este, sempre em deferencias com elles, mandou lançar um pregão ordenando que ninguem roçasse taes terras, sob pena de perdimento das bemfeitorias, além da multa de cincoenta cruzados, metade para o denunciante, e a outra metade para as obras da fortaleza da cidade D).

O governo de Men de Sá é, entretanto, um dos que a historia deve considerar como dos mais proficuos para o Brazil, o qual se pode dizer ter sido por elle salvo, — principalmente das invasões francezas, e das dos Indios. Sua politica para com os colonos foi em geral tolerante. Á propria rainha D. Catharina escrevia elle: „Esta terra não se pode nem deve regular pelas leis e estylos do Reino. Se V. A. não for muito facil em perdoar, não terá gente no Brazil; e porque o ganhei de novo, desejo que se elle conserve" E).

Men de Sá, velho e cansado de servir e de ser mal attendido, „pelo pouco fundamento que da terra se fazia", e de estar ausente da sua familia, instava por que lhe mandassem successor. Ja em 1560 o pedia assim: „Peço a V. A. que, em paga de meus serviços, me mande ir para o Reino, e mande vir outro governador; porque afianço a V. A. que não sou [2]) para esta terra. Eu nella gasto muito mais do que tenho de ordenado: o que me pagam é em mercadorias, que me não servem. Eu fui sempre ter guerra e trabalhos onde hei de dar de comer aos homens, que vão pelejar e morrer, sem soldo, nem mantimentos; porque o não ha para lh'o dar. — Sou velho, tenho filhos que andam desagasalhados: uma filha que estava no mosteiro de Santa Catharina de

D) Não ha cópia destes documentos no Rio.

E) Carta de 30 de Março de 1570. B. N.

[2]) Sam dizia aqui e na carta seguinte, em vez de sou. Assim se escrevia n'aquelle tempo, e se pronunciava [conforme ao latim *sum*].

Evora, mandou Fr. Luiz de Granada que se saisse. Não sei quanto serviço de Deus nem de V. A. foi deitar uma moça de um mosteiro na rua, sendo filha de quem o anda servindo no Brazil" F).

Annos depois escrevia ao secretario d'estado Pero d'Alcaçova Carneiro, filho de Antonio Carneiro e conde da Idanha, a seguinte memoravel carta, cujo anno se não menciona; mas que se póde colligir ser do tempo da regencia do cardeal D. Henrique, e quando D. Sebastião teria ja alguma parte no governo, pois se trata de "Suas Altezas", Diz assim:

« Senhor.—Todas as vezes que podér hei de alembrar a V. M.ce o perigo em que todas estas capitanias estão pela sua má ordem e pouca justiça, porque trabalhe, por serviço de Deus, com Suas Altezas que a provejam de algumas cousas que na sua carta aponto. Eu sou um homem só, e quanto tenho feito, em todo o tempo que ha que estou no Brazil, desfaz um filho da terra em uma hora.—S. A. dá as capitanias e os officios a quem lh'os pede, sem exame se os merecem. E cá não ha official que preste, nem capitão que defenda uma ovelha, quanto mais capitanias, de tanto gentio e degradados. Tomo a Deus por testemunha, e a V. M.ce lhe lembro, que faço mais do que posso. A mercê que lhe peço é que me haja licença de Suas Altezas para me poder ir, que não parece justo que, por servir bem, a paga seja terem-me degradado em terra de que tão pouco fundamente se faz [3]) ».

Cremos que a esta carta foi devida a nomeação em 6 de Fevereiro de 1570 de D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, [4]) que não chegou a lhe succeder; pois que a frota de seis navios e uma caravella em que vinha, com o padre Ignacio de Azevedo nomeado Provincial, e um refôrço á Companhia de Jesus de mais de sessenta militantes, foi desbaratada e aprisionada por navios dos Huguenotes; ás ordens, uns de Jaques Sore, e outros de Jean Cap de Ville [5]) corsarios cujos nomes sentimos concorrer a fazer mais conhecidos.

F) Carta de 30 de Março de 1570. B. N.

[3]) Segue a conclusão: Nosso Senhor a vida e estado de V. M. acrescente. Do Salvador a 10 de Agosto.— Servidor de V. M.— «Men de Sá.»

[4]) Liv. 28 de D. Seb. e D. Henr. fol 34. Vasconcellos trazia mais 200 $ réis de ordenado; i. é. 800 $. [Cópia no Inst. Hist.].

[5]) Southey, 1, 320 e seguintes. [O tragico successo passado junto a ilha da Palma em Julho de 1570 foi uma das maiores desgraças que succederam ao Brasil neste seculo, pois Ignacio de Azevedo combinara a sua missão de modo

Assim viu-se obrigado Men de Sá a couservar ainda o mando; e bem que os espiritos se lhe afrouxavam, elle não se cançava de obedecer e de ser leal.

Em seus ultimos dias, fez promulgar varias leis: a primeira obrigando os colonos do Brazil que tivessem quatro centos mil réis a apresentar um arcabuz, um pique ou uma lança, uma rodela ou adarga, e um capacete ou cellada. Uma provisão (16 de Março de 1570) concedia isenção de tributos aos engenhos que se fizessem deutro de dez annos, pagando apenas o assucar dez por cento á entrada no reino; providencia que depois foi mais de uma vez renovada, bem que desta primeira vez fosse resolvida como uma especie de indemnisação pela perda soffrida na rebaixa que se decretou em toda a moeda de cobre, afim de evitar o contrabando que della se chegára a fazer.

Outra lei versava ainda sobre os Indios, que agora quasi todos se declaravam de uma vez forros. Consideramos de tal importancia seu texto que julgamos dever aqui transcrevêl-o G).

« D. Sebastião etc. Faço saber aos que esta lei virem que, sendo eu informado dos modos illicitos que se tem nas partes do Brazil em captivar os gentios das ditas partes, e dos grandes inconvenientes que disso nascem, assi

---

admiravel, que permittia as maiores esperanças: os nomes dos companheiros de Ignacio de Azevedo, victimas de Sore, ap. Simão de Vasconcellos, *Chronica*, 4, 18 e seg. D. Luis de Vasconcellos, depois de levado pelos temporaes a S. Domingos, cahiu o anno seguinte nas mãos de outro corsario francez J. de Cap de Ville: cf. Fr. Vicente de Salvador, *Historia*, 3, 16. Lourenço da Veiga, mais tarde governador do Brasil, foi mandado com uma armada buscar o corsario que matou D. Luis de Vasconcellos: Gaspar Fructuoso, *Saudades da terra*, 161. D. Luis era filho do Arcebispo de Lisboa; uma filha sua foi terceira mulher do segundo conde de Castanheira: Braamcamp Freire, *Brasões da sala de Cintra*, 2, 472. Gaffarel dá para a morte de Ignacio de Azevedo o anno de 1565, quando ainda não estivera no Brasil, e fixa a morte de D. Luis de Vasconcellos seis annos mais tarde! Segundo o mesmo autor, Jacques Sore ou Soria foi mais tarde almirante de Navarra, e resistiu em La Rochelle ao barão de la Garde: *Histoire de Br. franç. au seiz. siècle*, 355, 356, Paris, 1878. Mariéjols assegura que elle agia de accordo com os Gueux do mar da Hollanda: em Lavisse, *Histoire de France*, 6, I, 112, Paris, 1904].

G) Datada de 20 de Março de 1570. Copia no Instituto Historico deste documento, de que o Autor apenas deu a parte essencial.

para as consciencias das pessoas que os captivam pelos ditos modos, como para o que toca a meu serviço e bem e conservação do estado das ditas partes, e parecendo-me que convinha muito ao serviço de Nosso Senhor prover nisso em maneira que se atalhasse aos ditos inconvenientes, mandei ver o caso na Mesa da Consciencia, pelos Deputados do despacho della, e por outros lettrados; e conformando-me nisso com a sua determinação e parecer, Defendo e mando que daqui em diante se não use nas ditas partes do Brazil dos modos que se até ora usou em fazer captivos os ditos gentios, nem se possam captivar por modo nem maneira alguma, salvo aquelles que forem tomados em guerra justa que os Portuguezes fizerem aos ditos gentios, com autoridade e licença minha, ou do meu governador das ditas partes, ou aquelles que costumam saltear os Portuguezes, ou a outros gentios para os comerem; assi como são os que se chamam Aymurés e outros semelhantes. E as pessoas que pelas ditas maneiras licitas captivarem os ditos gentios serão obrigadas, dentro de dous mezes primeiros seguintes, que se começarão do tempo em que os captivarem, fazerem escrever os taes gentios captivos nos livros das provedorias das ditas partes, para se poder ver e saber quaes são os que licitamente foram captivos. E não o cumprindo assim no dito tempo de dous mezes, Hei por bem que percam a acção dos ditos captivos e senhorio e que por esse mesmo feito sejam forros e livres. E os gentios que por qualquer outro modo e maneira forem captivos nas ditas partes declaro por livres, e que as pessoas que os captivarem não tenham nelles direito nem senhorio algum ».

Esta lei de liberdade dos Indios havia levantado no Brazil tão grandes alaridos que chegavam á côrte de continuo, e foi necessario modifical-a, por uma carta régia, cuja execução não coube ja a Men de Sá, a quem em 1573 se concedia o suspirado regresso á patria,— regresso que não chegou a realizar, por haver Deus disposto de sua vida, ao cabo de dezeseis annos de governo. Não nos consta que deixasse testamento, documento este no qual (quando feito a sangue frio e antes dos derradeiros momentos, em que o espirito se acha naturalmente acobardado e enfraquecido) nos houvera revelado por ventura algumas circunstancias importantes á historia [6]).

Os supramencionados favores aos Jesuitas deviam concorrer a que o governador Men de Sá, aliás integro e bom, mas desejoso

[6]) Mas tal é a condição humana que nos não deve admirar que um homem de juizo tão são, e jurisconsulto para mais, se houvesse descuidado de cumprir, para com a sua familia e para com a posteridade, esse dever que

de ceder seu posto, não fôra rendido. Durante o seu governo, haviam os padres adquirido no Brazil tal ascendente que ja para o fim tinham mais poder que o governador. Por uma carta régia obtiveram elles, afim de fabricarem dois collegios, o producto das condemnações e penas pecuniarias impostas pelas magistraturas judicial e administrativa, com direito de nomearem o recebedor; e por outra carta régia foi ordenado ao governador geral que confirmasse as datas e doações das terras a elles feitas, ainda que não as houvessem bemfeitorisado, sem embargo de quaesquer ordens ou direito em contrario. Um alvará, de 5 de Maio de 1570, recommendou que se pagasse pontualmente o que se lhes devesse de seus ordenados; e isso mesmo se repetiu depois em outro de 14 de Fevereiro de 1575.

Tambem a este governador caberia o fazer cumprir o regimento dado aos capitães mores, em 10 de Dezembro de 1570, o qual, na Côrte, foi uma especie de preparativo de tropas para a infausta expedição, que veiu a ter o desfecho em Alcacerquibir.

O illustre Men de Sá começava de dia para dia esmorecer. A muitas propostas suas não se attendia, e o laconismo das respostas que se davam ás suas correspondencias era tal (depois da

---

a tantos aterra, a ponto de o evitarem; apezar dos males que d'ahi resultam,—pelo que entre os Romanos era considerado como ignominia o morrer *ab intestato*.

[Esta pecha não cabe ao terceiro governador do Brasil.

Fez testamento, escreve Fr. Vicente do Salvador, *Historia*, 3, 17, em que instituiu universal herdeira de sua fazenda a sua filha, Condessa de Linhares, com esta clausula que, si morresse sem deixar filho ou filha que o herdasse, do engenho e terras que cá tinha em Sergipe, ficasse a terceira parte á Casa de Misericordia desta cidade da Bahia, e os outros dois terços aos Padres da Companhia, um para elles, outro para repartirem em esmolas e dotes de orphãos. Porem ainda que a Condessa morreu sem deixar filhos herdeiros, ella legou estes bens aos Padres da Companhia de Santo Antão de Lisboa, onde mandou fazer uma capella, e os Padres de cá, não lhes parecendo bem por-se á demanda com os seus, deixaram o litigio á Misericordia.— A filha de Men de Sá, D. Philippa, falleceu em 2 de Setembro de 1618, e seu mausoleu existe ou existia no collegio de Santo Antão, pertencente aos jesuitas: Sousa, *Hist. gen.*, 5, 263. O processo provocado pelo testamento ainda durava em 1650, como consta de documentos da Bibl. Nac.]

primeira carta régia que transcrevemos) que succedeu ás vezes com poucas linhas e um só aviso [7]) corresponder a tres correios seus; tudo se reduzia a promessas, e a assegurar-lhe a muita confiança que nelle tinha o governo. Entretanto sabemos, por outro lado [8]), que corria no Brazil que elle no Reino « não tinha ninguem por si ». Veiu a fallecer em 2 de Março de 1572 [9]). Pode-se dizer que aos seus esforços deveu o Brazil o começar a viver independente de soccorro.

No Rio de Janeiro não occorrera novidade, Christovam de Barros ahi construira um engenho, por sua conta H) — Em 1569 [10]) assentara o bispo de revestir o parocho da cidade com as attribuições de ouvidor ecclesiastico, constituindo-o, ao mesmo tempo, delegado seu nos artigos do Santo-Officio, de cujo tribunal de Lisboa era o bispo no Brazil commissario ou subinquisidor. — O primeiro parocho que teve taes poderes foi Matheus Nunes I). O dito Christovam de Barros, em Outubro (31) de 1571, foi re-

---

7) Os rascunhos destas respostas de que temos cópias, em nossa collecção, se encontram a folh. 227, 231, 281 v. 356, etc., do L. X da coll. chamada de S. Vicente de Fóra, — conhecida dos eruditos.

8) Carta de Nobrega a Thomé de Sousa de 5 de Junho de 1559.

9) Miralles, p. 321. [*Ann. da Bib.*, **22**, 125, Rio, 1900]. « Falleceu o governador Men de Sá em domingo as 10 horas dos dois dias do mez de Março de 1572, pelo que puz esta verba: Oliva » lê-se no *Livro 1° de provimentos seculares e ecc.* f. 128: B. N. E' provavel ficasse governando interinamente o alcaide mór da cidade Diogo Moniz Barreto, como das outras vezes que o governador sahira da Bahia.

H) Era Christovão de Barros homem sagaz e prudente, e bem afortunado em as guerras e assim depois que chegou ao Rio de Janeiro em todas as que teve com os Tamoyos ficou victorioso e pacificou de modo o reconcavo e rios daquella bahia que, tornados os ferros das lanças em fouces, e as espadas em machados e enxadas, tratavam os homens já somente de fazer suas lavouras e fazendas e elle fez tambem um engenho de assucar junto a um rio chamado Magé. V. do Salvador, *Hist.*, **3**, 8.

10) Prov. de 20 de Fevereiro e 15 de Agosto. Vej. Pizarro, *Memorias* 2, 38; e *Ann. do Rio de Janeiro*, **1**, 170.

I) Foi talvez este que teve com os Jesuitas conflictos a que se refere Sacchini, *Hist. Soc. Jes.*, parte 3ª, **4**, v. 297. Extractado por A. Henriques Leal na *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, **34**, II.

conduzido no governo por mais quatro annos J). Ao mesmo tempo recebeu ordem para que considerasse devolutas e distribuisse as terras que dentro de um anno não fossem aproveitadas. Para mestre das fortificações do Rio de Janeiro foi nomeado Francisco Gonçales. A respeito da ilha Grande, que havia sido doada, em 24 de Janeiro de 1559, com dez leguas de costa fronteira, na angra dos Reis, a um Dr. Manuel da Fonseca, nenhumas noticias podemos colher. Sabemos porém que não beneficiou essas terras; apezar de haver dellas pedido e obtido confirmação régia em 28 de Julho de 1573 e 12 de Outubro de 1575.

Pernambuco prosperava, graças á pacificação e sujeição dos Indios, para que tanto acabava de contribuir Jorge d'Albuquerque K),

---

J) Basta comparar esta data com a da pag. 440 para ver o equivoco do autor e que não houve reconducção. Christovão de Barros veio nomeado por quatro annos, e trouxe tambem o cargo de provedor da fazenda. Foi quem recebeu Antonio Salema no Rio de Janeiro e ajudou-o nas suas guerras. Fr. Vicente do Salvador, *Historia*, 3, 23. Dos documentos citados ha copia no Inst. Hist.

K) Jorge de Albuquerque chegou a Pernambuco em 1560, de lá partiu a 29 de Junho de 1566, e não consta voltasse mais á capitania. A seu irmão, que não deixou filhos, succedeu pela carta de 15 de Maio de 1582. B. Freire, o. c.

« Nas guerras do segundo donatario figurou um varão que se tinha por nigromatico, refere Anchieta, *Informações*, 5. Cf. F. Cardim, *Rev. Trim.*, 57, I, 206: ajuntou-se a este um clerigo portuguez, magico, que com seus enganos os acarretou todos a Pernambuco e assim se acabou esta nação (a dos Viatans, só mencionada por este autor), ficando os Portuguezes sem visinhos que os defendessem dos Petiguaras, os quaes até agora que foram desbaratados por seguirem os Portuguezes, dando-lhes de supito nas roças, fazendas e engenhos, queimando-lhes e matando muita gente portugueza, por serem muito guerreiros, mas já pela vontade de Deus estão livres deste sobroço.

E Fr. Vicente do Salvador, *Historia*, 3, 5: «veio um clerigo a esta capitania a que vulgarmente chamavam o Padre do Ouro por elle se jactar de grande mineiro e por esta arte era mui estimado de Duarte Coelho, e o mandou ao certão com trinta homens brancos e duzentos Indios, que não quiz elle mais nem lhe eram necessarios, porque em chegando a qualquer aldea do gentio por grande que fosse, forte e bem povoada, depennava um frangão ou desfolhava um ramo e quantas pennas ou folhas lançava para o ar tantos demonios negros vinham do inferno lançando labaredas pela boca, com cuja vista somente ficavam os pobres gentios machos e femeas tremendo

irmão do 2º donatario e seu successor, favorecido pelos ataques dirigidos contra os Caités por outros indios do sertão L).

---

de pés e mãos, e se acolhiam aos brancos que o Padre levava comsigo. Os quaes não faziam mais que amarralos e levalos aos barcos, e aquelles idos outros vindos, sem Duarte Coelho de Albuquerque por mais reprehendido de seu tio e de seu irmão Jorge de Albuquerque, do reino, querer nunca atalhar tão grande tyrania, não sei se pelo que interessava nas peças que se vendiam, si porque o Padre Magico o tinha enfeitiçado. E foi isto causa para que el-rei D. Sebastião o mandasse ir para o reino donde passou e morreu com elle em Africa... E o Padre do Ouro tambem foi preso em um navio para o reino, o qual arribou ás ilhas, donde desappareceu uma noite sem mais se saber delle».

O Padre do Ouro chamava-se Antonio de Gouvea, hoje conhecido graças aos processos a que o sujeitou a Inquisição. Antonio Gouvea nasceu na ilha Terceira em 1528 e depois de ordenado levou uma vida accidentada por diversos paizes da Europa. Em 1556 entrou para a Companhia, que logo deixou.

De 57 a 64 esteve preso na Inquisição de Lisboa; em 1567 suspenso de *sacris*, veio deportado para o Brasil. Na Bahia encontrou-se com D. Pedro Leitão, que ás escondidas lhe restituiu as ordens. Passou para Pernambuco, onde fez guerras contra os Indios, e deu-se por grande conhecedor de minas. As relações entre o padre suspenso e o bispo do Salvador não fazem honra ao prelado; uma carta que este lhe escreveu a 20 de Agosto de 1569, assignando-se *vosso grande amigo* e pedindo-lhe escravos, representa bem triste capitulação.

Já a 1 de Outubro do mesmo anno, Silvestre Lourenço, provedor e vigario geral nas capitanias de Pernambuco e Itamaracá, mandava lavrar um auto, provocado por factos escandalosos de Antonio de Gouvea. Afinal, D. Pedro Leitão mandou prendel-o a 19 de Fevereiro do 1571. Executou a prisão Manoel Fernandes Cortiçado, ouvidor eclesiastico do Pernambuco e Itamaracá, com grande indignação do donatario Duarte de Albuquerque, que deu-lhe ordem para retirar-se de sua capitania, apenas tivesse desempenhado a commissão. A ordem de prisão viera de Lisboa; talvez não fosse estranho a ella o facto de Antonio de Gouvea andar acoimando de hereje ao jesuita Amaro Gonçalves. Parece que pela attitude assumida nesta questão foi tambem preso o donatario o não Gaspar de Sousa, como affirma A. Henriques Leal. *Rev. Trim. Inst. Hist.*, **34**, II, 155. Provavelmente entrou este nos casos que Antonio Salema veiu syndicar em Pernambuco.

Os processos de Antonio de Gouvêa na Inquisição, publicados por Pedro de Azevedo no *Archivo Historico Portuguez*, **3**, 180 e seg., 274 e seg. Lisboa, 1905. Sobre suas luctas com os Jesuitas cf. *Ann. da Bibl. Nac.*, **19**, 86, onde em vez do Antonio de *Gruca* deve-se ler Antonio de Gouvêa.

L) Confederaram-se os Tupinambas seus visinhos com os Tupinaens pelo sertão, e ajuntaram-se uns com os outros pela banda de cima, donde os Tapuyas tambem apertavam estes Caités, e deram-lhes nas costas e de tal

Antes de passar adiante, cumpre dizer que emquanto o Brazil chorava a morte do seu terceiro governador, soffreu a perda do segundo prelado da diocese, D. Pedro Leitão, que acabava de fazer uma visita a Pernambuco M). Ambos haviam favorecido o ascendente nos negocios publicos dos padres da Companhia de Jesus. O ultimo lhes legou a sua livraria. Convocou Leitão o primeiro synodo braziliense, ao qual só concorreram clerigos da Bahia, nenhum lettrado ou canonista. Entretanto neste synodo resolve-

---

feição os apertaram que os fizeram descer todos para baixo, junto do mar, onde os acabaram de desbaratar, e os que não poderam fugir para a serra do Aquetiba não escaparam de mortos ou captivos: Gabriel Soares, *Tratado* **1**, 19.

A serra de Aquetiba não foi ainda identificada com certeza. Na *Rev. Trim.*, **14**, 372, insinua Varnhagen que deve ser a de Tiuba, mas é pouco provavel, porque devia ficar do lado de Pernambuco.

M) En el mes de Octubre deste año (1573) faleció el o bispo Don Pº Leiton muy devoto de la Compª. Confesavase con los nuestros y guiava se por su consejo en las cosas graves y esto tambien encomendadava a sus vicarios, hiso muchas limosnas assi a este collegio como a las demás Capitanias. Dexo a esto Colegio su libraria que era muy buena, deseó venir a murir entre nuestros hermanos y pediole con mucho instancia mas por muchos respeitos no vino a effecto. Hist. de la fund. del Colegio de la baya de todolos Santos, *Ann. da Bibl. Nac.*, **19**, 98|99, Rio 1897. No mesmo anno de sua morte a Inquisição, de que era commissario, queimou na Bahia um francez hereje, *ib.*

De igual destino escapara João Cointa, senhor de Bolés, companheiro de viagem de Léry, que delle trata em mais de uma pagina do seu livro. Com seu genio irrequieto, Cointa malquistou-se com Villegaignon, passou a São Vicente, esteve em Ilhéos e Pernambuco, auxiliou Men de Sá na tomada do forte Coligny em 1560. Seguia da capitania de S. Vicente para a Europa em companhia de Estacio de Sá, quando arribando a Bahia ahi foi preso a 28 de Dezembro. Seu processo, que durou annos, está hoje impresso nos *Annaes da Bib. Nac.*, **25**, 218 e seg., Rio, 1904.

Indiscretamente, no desejo de glorificar Anchieta, os escriptores da Companhia attribuiram-lhe um papel bem triste no supplicio felizmente imaginario deste aventureiro desequilibrado. Como nasceu tal lenda tão pouco digna é ponto obscuro ainda, pois falta uma edição integral do livro de Pero Rodrigues, narrando a vida do thaumaturgo, onde se poderia quiça encontrar o ponto de partida: a da Bibliotheca Nacional, *Annaes*, **19**, feita por uma copia tirada de Evora, está mutilada, e o cod. de Alcobaça, que parece completo, continua inedito. Que o caso não passou como referem Beretario e Simão de Vasconcellos provaram C. M. de Almeida na *Rev. Trim.*, **42**, II, e A. de Novaes, S. J., numa das conferencias organisadas por Eduardo Prado em 1897, para

ram-se varias mudanças nas Constituições de Lisboa, até alli em vigor, e se ordenaram alguns dias santos, differentes dos adoptados no kalendario metropolitano N).

---

celebrar o centenario da morte do illustre jesuita. Como se adivinhasse a glorificação prepostera de que viria a ser victima, teve este o cuidado de deixar escripto, *Inf. e frag. hist.*, **11**, que J. de Bolés da Bahia « foi mandado pelo bispo D. Pedro Leitão a Portugal e de Portugal a India e nunca mais appareceu ».

No *Instrumento* de Men de Sá, varias testemunhas se referiram a este fidalgo francez. D. Pedro Leitão deixou sem resposta os itens que tratavam delle. Talvez não gostasse de se lembrar da carta que João Cointa lhe escrevera, modelo de escarneo e insolencia : *Ann. da B. N.*, **25**, 265/266.

N) Anchieta, *Informações e frag. historicas*, 9, Rio, 1886.

SECÇÃO XXI

REDUCÇÃO DO RIO REAL. ITAMARACÁ E CABO FRIO. MALLOGRO NA PARAHIBA

Dez capitulos ácerca do captiveiro dos Indios. Dois governadores Brito e Salema. Conquista do rio Real. Itamaracá. Projecto de occupação da Parahiba mallogrado. Sujeição de quilombos. Antonio Dias Adorno chega ás minas de turmalinas. João Coelho de Sousa chega aos sertões de Minas. Antonio Salema em Cabo-Frio. Reunião dos dois governos, Desmembração ecclesiastica. Alcacerquibir. O Cardeal Rei. O Prior do Crato. Filippe II. Sua acclamação no Brazil. Vantagens e inconvenientes. Idéa de independencia. Lourenço da Veiga. Projectos de Fructuoso Barbosa. Governo interino. Cosme Rangel. Abusos. Mesteres. Novo mallogro da Parahiba. Galeões inglezes em Santos. Esquadra de Diogo Flores. Salvador Corrêa no Rio de Janeiro.

Men de Sá não teve por successor um governador geral; teve dois. Em fins de 1572 resolveu a coroa dividir o Brazil em dois estados, criando um novo das capitanias do Sul, com a sede na cidade de S. Sebastião (Rio de Janeiro), e continuando a cidade do Salvador (Bahia) como capital do estado do Norte, comprehendendo os Ilheos até o limite com Porto Seguro, ficando esta ultima capitania ao governo do Sul.

Para o governo do ultimo foi escolhido o conselheiro Luiz de Brito d'Almeida; e para o do Sul o dezembargador Antonio

---

A) Luis de Brito de Almeida havia sido escrivão da Misericordia em um anno de muita peste em Lisboa, e desamparando o provedor e irmãos o hospital, com temor do mal contagioso, elle assistiu sempre provendo-os de todo o necessario para a sua cura, pelo que El Rei lhe encarregou este governo. Fr. Vicente do Salvador, *Historia* 3, 19. Chegou a Bahia em 1573: *Ann. da B. N.*, 19, 98; governou mais de cinco annos. Fora Salema nomeado para a alçada do Brasil por alvará de 7 de Março de 1570 e partira a 6 de Junho. Trazia de ordenado 300$ e mais 120$ em cada anno para mantimento de 10 homens que haviam de acompanhal-o. Doc. do Inst. Hist.

Salema, que, como acabamos de referir, estava de correição em Pernambuco, onde recebeu a noticia. Dos precedentes do primeiro nada sabemos. Salema depois de haver regido em Coimbra uma cathedrilha de Instituta, e a cadeira do *Codigo*, passára em 1570 á Casa de supplicação, e logo fora mandado com alçada em correição a Pernambuco, onde recebeu a noticia do novo despacho.

Na carta, nomeando a Luiz de Brito, passada em Evora aos 10 de Dezembro de 1572, dá o rei razão da novidade que introduzia, do seguinte modo: «Dom Sabastião etc., faço saber aos que esta carta virem que consyderando eu como por as terras da costa do Brazil serem tão grandes e tão distantes humas das outras e auer ja agora nelas muitas povoações e esperança de se fazerem muytas mais pelo tempo em diante, não podiam ser tão inteiramente governadas como compria por hum so governador, como te qui nelas ouve, asentei asy, para o que convem á conversão do gentio daquellas partes, e se dilatar nelas nosa santa fé, como para mais brevemente se administrar a justiça e elas se poderem melhor defender, e por outros respeitos, de mandar dous governadores ás ditas partes, hum para residir na cidade do Salvador da capitania da Bahia de Todos os Santos, e outro na cidade de são Sebastião do Rio de Janeiro, e governar cada hum deles as terras de seus limites, comforme a repartição que para yso mandei fazer; e vendo ora como para os cargos de *capitão* da *dita capitania da Bahia de Todos* os *Santos* e de *governador geral dela e das capitanias e terras que ha da banda* do *Norte e asy da parte* do *Sull ate a capitania dos Ilheos e lymite della, por onde parte com a de Porto Seguro*, que he huma das ditas duas governanças, he necessaria huma pessoa em que concorrão as partes que para isso se requeren, e pela muyta confiança que tenho de Luiz de Brito Dallmeida do meu conselho que em tudo o de que o encaregar me sabera bem servir, e o fara com o cuidado e vigilancia que se dele espera, e como ho sempre fez, nas cousas de que ate qui foi encargado, e por folegar de lhe fazer mercê ey por bem, etc».

Salema se juntou primeiro na cidade do Salvador com o seu par, o governador Luiz de Brito, e ouvindo ambos o novo ouvidor geral Fernão da Silva e os padres da Companhia, reconsideraram as disposições da lei ultima acerca da liberdade dos Indios, em conformidade com as seguintes determinações, contidas numa carta regia a tal respeito: «No que toca ao resgate dos escravos, se deve ter tal moderação que não se impida de todo o dito resgate, pela necessidade que as fazendas delles tem, nem se permittam resgates manifestamente injustos, e a devassidão que até agora nisso houve».

As conferencias havidas sobre este assumpto produziram o accordo de 6 de Janeiro de 1574 com os dez artigos que passamos a resumir.

O primeiro prohibia os resgates de gente entre os Indios mansos ou de pazes. Pelo segundo se exceptuaram da prohibição os Indios que depois de aldeados se fossem para o mato, e andassem ausentes por mais de um anno. Limitava o terceiro a escravidão dos Indios aos aprisionados em guerra manifestamente licita, e aos que, estando captivos de outro gentio, e com mais de vinte e um annos de idade, preferissem o captiveiro dos nossos. Pelo quarto se declararam defesos os resgates feitos sem licença dos governadores ou dos capitães; sendo incumbidos do exame delles os provedores, e mais dois individuos, eleitos em camara no principio de cada anno. Dispoz-se pelo quinto que as pessoas vindas com os Indios de resgate, quer por mar quer por terra, se apresentassem na respectiva alfandega, antes de haver feito escala ou communicado com alguem. Recommendou-se pelo sexto que os Indios do resgate, nesta conformidade registados, que fugissem, seriam a todo tempo entregues a seus primeiros senhores, mediante a propina de mil reis, e a indemnisação das despezas. Pelo setimo os Indios resgatados de que não houvesse registos declaravam-se forros. Pelo oitavo se fixou que fossem consideradas guerras justas as que os governadores fizessem conforme seus regimentos, ou as que occasionalmente se vissem obrigados a fazer os capitães, com voto dos officiaes da Camara e outras pessoas de experiencia, dos padres da Companhia, do vigario da terra, e do provedor da Fazenda, de cuja resolução se devia lavrar auto. O nono declarou forros os Indios que os capitães tomassem sem esta ultima clausula, e as penas que soffreriam, tanto elles capitães, como outros quaesquer individuos que fossem contra o que ora se deliberava. Mandou finalmente o decimo que os delinquentes, sendo piões, fossem açoutados em publico, com baraço e pregão, e pagassem quarenta cruzados de multa; e sendo de maior qualidade, além da dita pena em dinheiro, fossem condemnados a dois annos de degredo; isso afóra as outras penas em que podessem incorrer, segundo as ordenações, leis e regimentos do Reino B).

B) Os effeitos immediatos destes dez artigos, publicados na já citada chronica de 1583, são resumidos do seguinte modo por um contemporaneo:

Mas já agora não ha esta desordem na terra, nem resgates como soia. Porque depois que os Padres viram a sem rasão que com elles se usava e o pouco serviço de Deus que daqui se seguia proveram neste negocio e vedaram como digo, muitos saltos que faziam os mesmos Portuguezes por esta costa, os quaes encarregavam muito suas consciencias com captivarem muitos Indios contra o direito e moverem-lhe guerras injustas. E para evitarem tudo isto ordenaram os Padres e fizeram com os Governadores e Capitães da terra que não houvessem mais resgates daquella maneira, nem consentissem que

Approvadas estas disposições, seguiu Antonio Salema a tomar conta do governo do Sul, que exerceu, bem como Luiz de Brito o do Norte, durante quatro annos. — Ambos os governadores se distinguiram pelo empenho com que procuraram promover a exploração do paiz e afastar para mais longe a extremadura que separava a civilisação da barbaria. — As disposições supramencionadas, a respeito dos Indios, vinham favorecer a realisação desse empenho; porquanto os colonos se prestavam agora mui voluntariamente para todas as conquistas, como o mais seguro meio de adquirir as melhores terras e os braços para as beneficiar.

De Luiz de Brito várias são as emprezas que nos cumpre historiar. A mais importante, e tambem por ordem chronologica a primeira, foi a do ataque e reducção do gentio das terras do rio Real, ao Norte da Bahia, e o estabelecimento nessas terras da primeira villa, com a invocação de *Santa Luzia*, com o que deixou prevenida a formação da capitania, depois chamada de Sergipe. Esta conquista fôra primeiro intentada pelo poderoso proprietario Garcia d'Avila, cujos campos de criar se extendiam para essas bandas do Norte. Luiz de Brito, vendo por um lado a Garcia d'Avila sem forças sufficiente, e por outro muitas vantagens que o Estado poderia tirar da occupação desse territorio,

---

fosse nem um portuguez a suas aldeias sem licença de seu mesmo capitão. E se algum faz o contrario ou os aggrava por qualquer via que seja, ainda que vá com licença, pelo mesmo caso é mui bem castigado conforme a sua culpa. Alem disso para que nessa parte haja mais desengano, quantos escravos agora vêm novamente do sertão, ou de umas capitanias para outras, todos levam primeiro á alfandega, e ahi os examinam e lhes fazem perguntas quem os vendeu, ou como foram resgatados; porque ninguem os pode vender sinão seus paes (si for ainda com extrema necessidade) ou aquelles que em justa guerra os captivam, e os que acham mal aqueridos poem-nos em sua liberdade. E desta maneira quantos Indios se compram são bem resgatados, e os moradores da terra não deixam por isso de ir muito avante em suas fazendas. Gandavo, *Historia da provincia da Santa Cruz*, cap. 13, Lisboa, 1576.

tão abundaute de páo-brazil, decidiu-se a essa occupação, que realisou com felicidade C).

Outra aventura do mesmo Luiz de Brito foi a de uma nova tentativa, semelhante a esta do rio Real, sobre o Continente, e em terras por prescripção ja tambem da Coroa, para o Norte da ilha de Itamaracá.

E' de saber que o districto fronteiro a esta ilha, que até então, em virtude da propria fertilidade das bordas do seu canal e dos rios que a elle vem desaguar, e dos seus muitos mariscos e caranguejos, attrahia continuamente bandorias de Indios iudomitos, começava a prosperar; havendo nas immediações varios eugeuhos de assucar, cujos seuhores se arriscavam aos perigos inherentes á visinhança dos Barbaros, em troco das muitas outras vantagens que tiravam, estabelecendo-se em uma das parageus mais ferteis e mais bellas do littoral brasileiro; tauto mais quanto a ilha fronteira lhes servia sempre de valhacouto seguro, em caso de invasão dos mesmos Barbaros. — Assim a ilha de Itamaracá podia então considerar-se a atalaia da civilisação brazileira avançando para o Norte, da mesma forma que mais tarde (e ainda agora), pela bondade do seu porto, e a excellencia e abundancia das suas aguas e provisões, se cousiderou como posição de muita valia, para a defensa contra um inimigo superior no mar.

C) Garcia d'Avila partiu para a expedição acompanhando os jesuitas Gaspar Lourenço e João Solonio, em Fevereiro de 1575. A 28 chegaram ao rio Real. Emquanto os Jesuitas se internavam, Garcia d'Avila tratava de fundar uma povoação, cujo local Luis de Brito não approvou. Pelas cercanias se tinham refugiado os Indios fugidos em 68 (*Supra*, 450 nota C); dahi receios e intrigas que levaram Luis de Brito e Almeida áquellas paragens no anno seguinte. Na guerra que se seguiu foi morto o chefe Surubi, escravisada sua gente e levada para a Bahia. Outro chefe, Aperipé, conseguiu escapar. Cf. a chronica de 1583, *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, **57**, I,2) 38/241; Gabriel Soares, *ib.*, **14**, 46; Frei Vicente do Salvador, *Historia*, **3**, 19; Sacchino, extractado por Leal, na *Rev. Trim.*, **34**, II; Felisbello Freire, *Historia de Sergipe*, 6 e seg., Rio, 1891. Nem um delles fala da villa de Santa Luzia.

Diz Gabriel Soares que nestas guerras, Luis de Brito perdeu apenas dois escravos. Entretanto o resultado afinal foi negativo, pois somente annos mais tarde poude se estender a colonisação para Sergipe.

Itamaracá era porém não só a atalaia, o posto avançado da civilisação, mas ao mesmo tempo o seu abrigo em caso de algum desastre; e os emprehendedores, que se estabeleciam pelos rios do continente visinho, punham antes nella as esperanças do refugio do que em Igaraçú, villa alias mais proxima, porém no continente. Os mais ousados iam na dianteira, e em geral eram os ricos, por condição geral humana mais cobiçosos. Um destes, Diogo Dias, aventurou-se a ir estabelecer engenho no Tracunhaem, chamado hoje rio de Goyanna. Veiu o gentio da Parahiba e deu cabo de tudo, e orgulhoso de sua obra ameaçava o resto da comarca D).—Informado Luiz de Brito do succedido, ordenou a Fernão da Silva, que reunia os cargos de ouvidor e provedor mór, que fosse a Pernambuco fazer alardo de gente, e por pelas armas cobro a taes ameaças, occupando o rio da Parahiba. Obedeceu Fernão da Silva: arranjou alguma fôrça, e partiu com ella. O gentio a sua chegada retirou-se; mas corrido de ceder a tão poucos, intentou um ataque, e obrigou-os a todos a fugir pela marinha, até se refugiarem em Itamaracá. — Incommodado Luiz de Brito com este revez, e instado pelos moradores de Pernambuco, e principalmente pelos de Itamaracá, para que contivesse os agressores barbaros seus visinhos, reuniu na Bahia uma frota de doze navios, da qual deu a capitania mór a um sobrinho, Bernardo

---

D) Conta Fr. Vicente do Salvador, *Historia*, 3, 22 que um mamaluco raptou na serra de Copaoba uma filha de Iniguassu (rede grande), chefe petiguar, a quem promettera ficar morando entre os Indios e levou-a para Pernambuco. Dois irmãos seus foram reclamal-a o já de sahida para a Bahia Antonio Salema della mandou fazer entrega. Na volta, passaram por casa de Diogo Dias, que se apossou da India e não quiz mais restituil-a. Dahi o ataque ao engenho, dado por Francezes e Potiguares da praia e do sertão « que não remetteram todos a cerca nem se descobriram, sinão somente alguns, e ainda estes começando os nossos a ferllos de dentro com flechas e pelouros, se foram retirando como que fugiam; o que visto por Diogo Dias se poz a cavallo e sahindo da cerca com os seus escravos, foi em seu seguimento, mas tanto que o viram fora rebentaram os mais da cilada com um urro que atroava a terra e o cercaram de modo que não podendo recolher-se a sua cerca foi ahi morto com todos os sous, e a cerca entrada, onde não deixaram branco nem negro, macho nem femea que não matassem e esquartejassem ».

Pimentel d'Almeida, e com a mais luzida gente da cidade, se embarcou elle em pessoa em Setembro de 1575 E). — Os ventos ponteiros e os mares de levadio conspiraram-se porém contra os seus designios. A frota dispersou-se. Uns, e entre estes o governador, voltaram á Bahia. O capitão do mar, seu sobrinho, arribou a Pernambuco, com algum navio mais; e cançado de esperar, regressou tambem por fim á Bahia. Seguiram-se no districto desta cuidados serios por alguns pretos fugidos, que insurrectos em quilombos ameaçavam a tranquilidade dos lavradores. Era o primeiro ensaio dos bens com que nos mimoseára a pseudo-philantropia. Conseguiu o governador sujeital-os, mandando contra elles uma companhia d'Indios ás ordens de Onofre Pinheiro, mamposteiro dos captivos da Bahia F); porém tantos gastos havia feito com a mallograda expedição á Parahiba, que não ousou a cometter de novo empreza de sua conquista.

Em tempo de Luis de Brito, e ainda por ordem sua, foi Antonio Dias Adorno ao sertão em busca das minas de esmeraldas, que se diziam encontradas por Sebastião Fernandes Tourinho. Adorno subiu pelo rio das Caravellas, com cento e cincoenta de comitiva, e mais quatrocentos Indios e escravos, e depois proseguiu a pé, e chegou á tal serra chamada das Esmeraldas; encontrando turmalinas verdosas da banda do Norte e outras azuladas da parte de Leste, e de ambas as sortes trouxe muitas. Para o regresso, dividiram-se em duas escoltas descendo uns pelo rio

---

E) *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, 36, I, 15.

F) Só depois de falecido Lourenço da Veiga, successor de Luis de Brito e Almeida, foi que «por mandado de Cosme Rangel andou um portuguez por nome Inofre Pinheiro com Indios das igrejas buscando e espiando os negros de Guiné alevantados que ha por esta Bahia, e deu nelles, de que tomou muitos que se deram depois a seus senhores». *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, 57, I, 241, Rio, 1894. O facto occorrido no tempo de Luis de Brito é narrado assim pelo mesmo chronista de 1583, l. c.: Quando os negros de Guiné alevantados deram em casa de Christovão de Aguiar e lhe mataram dois homens e lhe roubaram sua fazenda estes Indios acompanharam a Cosmo Rangel e a Diogo Dias (Vas?) da Veiga, que foram a elles e os destruiram, matando alguns e tomando outros que deram a seus senhores.

de Belmonte, até o mar, e seguindo Adorno por terra até a Bahia, depois de passar pela fazenda do Gabriel Soares de Sousa, perto de Jequiriçá [1]). As informações que então obteria este fazendeiro do proprio Adorno, induziriam por ventura seu irmão João Coelho de Sousa a emprehender uma nova exploração, chegando a descobrir ouro e pedras nos sertões, e tendo a desdita de fallecer nas cabeceiras de rio Paraguassú, quando regressava G). Deixou porém recommendado que levassem ao irmão, Gabriel Soares, o seu roteiro, com todas as indicações do que encontrára; o que induziria a este a passar á Côrte, afim de ahi requerer certos auxilios e privilegios, para emprehender de novo taes descobrimentos, como veremos.

Pelas bandas do Sul, Antonio Salema imitava, nas tendencias guerreiras, a Luiz de Brito, seu par, do melhor modo que podia. Ameaçado de continuo pela visinhança incommoda dos Indios de Cabo-Frio, instigados por muitos Francezes, que ahi se haviam estabelecido em uma feitoria, onde faziam grande contrabando, principalmente de páu-brazil, resolveu-se o governador a reduzir essa paragem. Reuniu pois na Cidade uma fôrça de mil homens, comprehendidos setecentos Indios alliados. E para esta fôrça o Espirito Santo contribuiu com seu tanto, e da capitania de S. Vicente acudiu tambem com algum auxilio o delegado do donatario H).

Melhor seguiriamos agora nossa narração, se não tivessemos nesta conjunctura que lastimar o não apparecimento, ou talvez a perda, de um livro escripto pelo proprio governador, ácerca dos

---

[1]) Gab. Soares, I, cap. 37 e 40. [Calogeras, *Minas do Brasil*, **1**, 388 e seg., Rio, 1904. A expedição começou em Fevereiro de 1574 e tornou em Abril do anno seguinte, como se vê de uma carta do jesuita Ignacio de Tolosa. Parece, entretanto, que Adorno fez mais de uma entrada, pelo que se lê em Fr. Vicente, *Historia*, **3**, 20, comparado com a carta do Provincial da Companhia].

G) G. Soares, *Tratado* **1**, 20. Cf. Fr. Vicente, *Historia*, **4**, 24.

H) Chamava-se Jeronymo Leitão Cf. Anchieta, *Inf. e frag. hist.*, 41, onde se lê que Salema matou muitos Indios da primeira aldeia, e depois outros se entregaram sem guerra. Tambem do sertão do Parahiba vieram render-se muitos Tamoyos, e não ficou aldea que se não sujeitasse até Macahé.

feitos desta jornada, da qual, vencedor como Cesar, quiz ser tambem o commentador, e n'esta parte com mais authenticidade [2]) do que o vencedor da então barbara Europa central e occidental. Somente sabemos que a victoria foi completa I); e que o numero dos prisioneiros se avaliou em muitos mil [3]).

---

[2]) Do livro de Salema dá razão não só Gab. Soares, e com elle Mariz e Barbosa; mas tambem Fr. Vicente do Salvador, que recommendava a Salvador Correa o livro «sobre a historia do Rio de Janeiro que fez o Salema.» Salema regressou a Lisboa e em 15 de Jan. de 1577 se lhe mandava pagar; foi nomeado desembargador dos Aggravos em 1583 e falleceu em 13 de Março de 1586. [Não seria antes Salvador Correa que recommendava o livro a Fr. Vicente, sabendo-o occupado em escrever uma historia do Brasil? Em todo caso o documento é desconhecido no Rio, e o A. não se refere a elle na 1ª ed. Só em 1578, voltou Salema á Europa, depois de chegar Lourenço da Veiga, Anchieta, *Inf. e frag. hist.* 5. Governou, portanto, muito mais tempo que o A. suppõe. Salema fez um engenho para el-rei no Rio, no qual gastou mais de tres mil cruzados e que não valia nem quinhentos, affirma Christovão de Barros, em carta de 18 de Novembro de 1578, escripta em Pernambuco, de que ha copia no Inst. Hist. Ainda em carta de... de 1584, Ch. de Barros pede a el-rei que mande cobres para o engenho do Rio ou ordem de vendelo. Copia na B. N.]

I) Antonio Salema levantou uma grande companhia, em que entrou gente do Espirito Santo e São Vicente, e partiu do Rio de Janeiro a 27 de Agosto de 1575. No dia seguinte encontraram uma aldeia de Tamoyos, fortificada maravilhosamente com o auxilio de dous francezes e um inglez, deram-lhe cerco. Os Indios resistiram e em diversas sortidas morreu gente de parte a parte. Dia de S. Matheus, 21 de Setembro, parlamentou com Japiguaçu, chefe da fortaleza o jesuita Balthasar Alvares, que com Luis Gonçalves acompanhava a expedição. No outro dia, Japyguaçu compareceu perante Salema, que exigiu a entrega dos trez estrangeiros, a demolição da fortaleza, a entrega dos indios de outras aldeias, que tinham acudido em auxilio. Os estrangeiros foram estrangulados e «feirent une mort des plus belles qu'il estait possible» assegura o padre Luis da Fonseca. Dos Indios entregues, cerca de quinhentos frecheiros, foram uns mortos, reduzidos outros á escravidão. Com esta victoria, ganha a 26 de Setembro, os habitantes de todo o cabo Frio atterrados deixaram suas aldeias, e fugiram. Antonio Salema, desejoso de proseguir sua victoria, encalçou-os passo a passo, matando mais de dois mil e fazendo quatro mil prisioneiros. Nestes entraram quinhentos meninos que foram baptisados no dia de S. Catharina (25 de Nov.) Carta de Luis da Fonseca, escripta, por commissão do provincial Ignacio de Tolosa, da Bahia em 17 de Dezembro de 1577, traduzida *Lettres du Iappon, Perv et Brasil*, 73/79, Paris, 1578.

[3]) Gabriel Soares, I, c. 55. Ahi se lê que C. de Barros assistiu á jornada. [e Fr. Vic. do Salv., *Hist.* 3, 23 o confirma].

Apezar da glória que nessas jornadas adquiriram os colonos do Sul, como na do rio Real os do Norte, a experiencia fizera conhecer inconvenientes na desmembração do Brazil, cujas fôrças com a divisão se enfraqueciam notavelmente, de modo que se tornavam menos aptas para acudir juntas a um ponto onde se apresentasse o perigo.—Em vista pois dos proprios informes dos dois proconsules, a Côrte resolveu repor a governança no mesmo pé em que estava, nomeando «capitão da Bahia e governador geral da dita capitania e de todas as mais terras e capitanias do Brazil», a Lourenço da Veiga [4]), do conselho do rei. A carta de nomeação, em data de 12 de Abril de 1577, do mesmo theor das dos seus predecessores, confere-lhe seiscentos mil réis de ordenado J).

Trazia Lourenço da Veiga um regimento, datado de 6 de Maio desse mesmo anno, e recommendavam-se-lhe várias reuniões e suppressões de empregos. Eram mandados reunir em um só cargo os de escrivães da fazenda e dos feitos; os de thesoureiro e almoxarife, com um só escrivão; — reduzindo-se os vencimentos ao escrivão dos contos, provedor e seu escrivão, patrão da ribeira, meirinho da correição; e mandando-se abolir o de fisico, mestre das obras, um dos dois carpinteiros da ribeira e outros.

---

[4]) Não Diogo Lourenço, como escreveu Southey [e Peter Carder] sem nehuma correcção do seu traductor (1, 442), e outros compiladores.

J) Da carta de nomeação e do regimento dado a Lourenço da Veiga existem copias no Instituto Historico.

Lourenço da Veiga, sendo mancebo, serviu algum tempo na Arzila e Tangere, onde foi ferido. Depois andou em algumas armadas por soldado; foi capitão-mór de uma que o mandaram em busca de um corsario que tomou um galeão e matou a D. Luis Fernandes de Vasconcellos, quando ia para o Brasil; foi capitão-mór de outra armada para Mina, e de outra que veio a esta ilha (Madeira) dos Açores esperar as náos da India, onde antes tinha ido por capitão de uma náu. Ultimamente o mandou elrei D. Sebastião por governador do Brasil, onde esteve quatro ou cinco annos, e falleceu, sendo da idade de cincoenta e um annos, já em tempo d'elrei D. Felippe. Ficaram-lhe seis filhos e duas filhas. Gaspar Fructuoso, *As saudades da terra* 101. Funchal, 1873.

Em cambio, augmentavam-se, segundo vimos, os mantimentos aos Jesuitas, e concediam-se ao governador para sua guarda (por carta ao provedor de 6 de Setembro de 1577), doze homens, vencendo cada um 500 réis por mez. Por uma provisão de 12 de Setembro desse mesmo anno, foi conferido a Salvador Corrêa de Sá o governo do Rio de Janeiro, devendo Lourenço da Veiga, em virtude da distancia a que ficava esse governo, munil-o de mais poderes, no acto de lhe dar posse K).

A idéa da divisão administrativa do Brazil havia sido acompanhada de outra, posta já tambem em execução, desmembrando do bispado do Salvador as capitanias do Sul, e nomeando-se para ellas um administrador ecclesiastico, independente da jurisdicção do bispo. A respeito desta desmembração nada se alterou até o seculo seguinte, em que se creou aqui um novo bispado. Foi primeiro administrador o bacharel padre Bartholomeu Simões Pereira [5]). — No intento de favorecer os clerigos do Brazil, evitando-lhes trabalhos e despezas, resolveu [6]) tambem elrei, cujo era o padroado, segundo vimos, que para os beneficios podessem elles ser apresentados pelos governadores. Assim praticou tambem a Hespanha, commettendo aos vice-reis dos seus Estados americanos o que ali se chamou vice-padroado.

Lourenço da Veiga recebeu o bastão de governador em principios desse anno [7]), fatal para a metropole, pela perda, nos campos de Alcacerquibir em Africa, da flor de sua nobreza e da do

K) Com 100$ de ordenado annual e por tempo de tres annos. Copia no Inst. Hist.

[5]) Carta régia de 11 de Maio de 1577. — O desmembramento fôra concedido por breve de Gregorio XIII de 19 de Julho de 1575. *Ann. do Rio de Janeiro* 1, 316. [No *Corpo Diplomatico Portuguez*, **11**, 606/608. Lisboa, 1898, lê-se a supplica do rei de Portugal ao Summo Pontifice, impetrando a creação de um administrador para o Rio de Janeiro, a exemplo do que já havia em Moçambique, Sofala, Ormuz e Maluco. O editor attribue-lhe a data de 1563, mas é posterior a 1573, pois ja refere á morte de D. Pedro Leitão; deve ser de 1575, pouco antes de 19 de Julho, quando foi satisfeito o pedido].

[6]) Alvará de 7 de Fevereiro de 1576 — *Ann. do Rio de Janeiro*, I, 310.

[7]) Pizarro, *Memorias*, **2**, 113. [Anchieta, *Inf. e frag. hist.* 5].

rei cavalheiro D. Sebastião; — perda á qual pouco sobreviveu o grande epico do Tejo, que no anno immediato se despedia do mundo, proferindo a conhecida fraze de que *morria com a patria.*

Se este lamentavel successo não houvera de poucos annos sido precedido de tantas victorias alcançadas sobre os Rumes no Oriente pelos Portuguezes, e da derrota da armada turca em Lepanto pela sua inimiga commandada por D. Juan d'Austria, a Europa em quanto destroçava suas proprias entranhas, e adulterava o espirito do evangelho, a titulo de decidir pelas armas onde estava a maior pureza do christianismo, — a Europa, dizemos, e com ella toda christandade, houvera talvez succumbido ante o arrojo e a intolerancia das forças musulmanas; e escusado é dizer qual houvera sido tambem naturalmente a sorte da America. Porém na batalha de Lepanto (1571), principalmente, se resolveu em relação á Europa a questão do triunfo do christianismo pelas armas; e o desastre de Portugal em Alcacerquibir foi todo em proveito da nação vencedora de Lepanto, — ou antes do filho de Carlos V, — do sombrio Felippe II, intelligente e astuto soberano, — que de uma cella do Escorial governou grande parte da terra, a ponto de que, como se dizia então, nunca o sol tinha para elle occaso, isto é, nunca deixava de esclarecer algum ou alguns dos seus estados. As vicissitudes por que passou a metropole no reinado, fertil d'intrigas politicas, do velho cardeal-rei D. Henrique, que succedendo na corôa ao sobrinho extraviado em Africa, chegou a ter idéa de casar-se [8]), a inquietação dos povos, ao verem que não havia no reino herdeiro jurado, a turbulenta acclamação, por morte do rei-cardeal, do Prior do Crato D. Antonio, obrigado a ceder de suas pretensões ante as armas victoriosas do Duque d'Alba, general do exercito que veiu

---

[8]) A tal respeito vimos em Hespanha uma carta autographa do Cardeal-rei annunciando a Filippe II o seu projécto [datada de 24 de Setembro de 1578 e hoje impressa por Danvila y Burguero, *Doñ Cristobal de Moura*, 395, Madrid, 1900. Dias mais tarde D. Henrique escrevia novamente insistindo pela resposta. *Ib.*, 400].

de Castella demonstrar os direitos da fôrça de Felippe II. tudo devia concorrer a que não podesse a mesma metropole acudir ás colonias, pois mal pode dar providencias quem as necessita para si. A metropole vencida pela astucia de Felippe II, e pelo apoio de uma nobreza egoista e pouco patriotica, sujeitou-se a este rei, apresentando mui pouca resistencia 9), e nas côrtes de Thomar se resolveram as clausulas da annexação. Portugal acclamando o dito rei, seguiria como estado independente, governando-se por suas proprias leis, publicadas em portuguez, e usando nellas o soberano simplesmente do dictado dos reis portuguezes. — No reino e colonias, serviriam os cargos do Estado unicamente os filhos dellas e delle, e só Portuguezes poderiam pela mesma fórma ser delegados immediatos do soberano, quando não commettesse o cargo a Principes ou Princezas de sangue. Assim o Brazil continuava, e effectivamente continuou, colonia de Portugal, que sob o dominio castelhano conservou, em geral, como até ali, o monopolio do nosso commercio em favor dos seus portos e productos. Mostrou-se pois o Brazil absolutamente alheio á questão dynastica. Indifferente lhe parecia que o monarcha fosse desta ou daquella rama, e que morasse em Lisboa ou em Madrid; em Cintra e Almeirim; ou em Aranjuez e no Escorial. — Talvez antes só vantagens pensaria colher com acclamar rei o soberano, mais rico e poderoso do seculo, — o soberano que dispunha dos thesouros do Mexico e do Potosi, e que por meio delles tinha exercitos, e em seus museus e galerias as obras primas dos primeiros artistas do tempo. Essa união devia parecer um dom providencial, toda em seu beneficio. Por meio d'ella desappareceriam as dúvidas e questões que, tarde ou cedo, deveriam surgir

9) Acerca desta expedição da "União de Portugal a Castella" escreveu em italiano uma mui curiosa historia Jeronymo de Franchi Conestagio, a qual em 1610 se publicou em castelhano, e merece muito conceito; pois, segundo Francisco Manuel de Mello, foi ella originalmente escripta por D. João da Silva, conde de Portalegre, cujas cartas (de 1579 a 1601) preparadas em 1619 para serem impressas por Gaspar Clemente Botelho, se conservam no *British Museum*, Mss. Add. Num. 20. 929.

de novo ácerca da demarcação e traçado da sua raia, seguudo a linha recta designada pelo tratado de Tordesilhas; ao passo que, vassallos do mesmo priucipe que todos os demais estados da America do Sul, poderiam os povos do Brazil livremente commerciar com os seus visinhos, mandando-lhes seus productos, e gosando, contra os piratas e entrelopos, da protecção das mesmas esquadras que, indo para o Prata ou para o Pacifico, tinham forçosamente de velejar ao longo de suas costas.

Fatal engano, que dentro em pouco tinha de produzir crueis decepções! Aquelle pequeno reino, bem que um tanto desorientado com a revolução social que n'elle haviam occasionado as fortunas facilmente adquiridas na Asia, havia tido sempre o bom senso, quanto á politica do continente europeu, de procurar aproveitar-se da independencia que lhe dava a sua situação em um canto d'elle, afim de manter paz com todos; emquanto, pelo contrário, os herdeiros de Isabel a Catholica não contentes com extender suas conquistas pelos dominios que lhes offerecêra o genio perseverante de Colombo, haviam sido levados, pela ambição, a sustentar guerras não só na Italia, na França, na Allemanha e nos Paizes Baixos, como até contra a Turquia.

E claro está que, sendo a maior parte d'estes inimigos nações maritimas, a propria vastidão, quasi immensa, da nova monarchia a cujos destinos se havia associado a nascente colonia brazilia, difficultava a sua defensa, e a deixava vulneravel, como uma das paragens a que menos lhe interessava attender. E com effeito, o Brazil, onde ainda não haviam sido descobertas as minas de ouro e diamantes, o Brazil com a sua escassa producção de assucar e do páo que lhe dera o nome, não podia ser guardado pelos novos reis estrangeiros, com o mesmo empenho com que tratavam de guardar o Mexico e o Perú, dominios que, com o enorme producto de inexgotaveis minas de ouro e prata, os ajudavam em tantas guerras.

Fez-se entretanto no Brazil a acclamação de Filippe II; bem que, ao menos na Bahia, se effectuou sem a formalidade do

juramento; a qual só teve logar mais tarde, aos 25 de Maio de 1582, por indicação vinda da côrte [10]). Segundo direito, o immediato successor do Cardeal era a infanta D. Catherina, neta d'elrei D. Manuel, como filha do infante D. Duarte; ao passo que Felippe II bem que igualmente neto do mesmo rei, era-o por sua mãi, irmã do mesmo D. Duarte. Deste voto foram os homens mais lettrados do tempo [11]).

O Prior do Crato, vendo mentidas as suas esperanças de sustentar-se em Portugal, protegido pela França, tentou fortuna não só nos Açores (onde por algum tempo resistiu pela sua causa a ilha Terceira), como no Brazil, a cujas camaras e governadores escreveu, confiando as cartas a várias náos francezas L). Ainda quando a tentativa não fosse tardia, por haver o Brazil acclamado já a Felippe II, era mui impoliticamente executada; pela simples circumstancia de trazerem as náos emissarios a bandeira franceza, até alli tão hostil á nascente colonia brazileira. No Rio de Janeiro, Salvador Corrêa, bem que então a braços com os Indios, intimou a tres náos que entraram que não communicassem com a gente da terra, e como o quizessem executar á força, disparou contra ellas [12]), obrigando-as a fazerem-se ao largo.

---

10) C. R. de 16 de Nov. de 1581, apresentada em Camara aos 19 de Maio de 1582; sendo juiz ordinario Francisco Fernandes Pantoja; e vereadores Antonio da Costa, Fernão Vaz e Gabriel Soares de Souza; procurador da cidade João Ribeiro; e escrivão da Camara João Pereira. G. XIII. 7, 18. B. N.

11) Vej. as *Alleg. de Direito que offereceram ao rei cardeal na causa de successão*, etc. a 22 de out. de 1579. [Danvila y Burguero, *Don Christobal de Moura*, 868/874, dá uma lista de sessenta e cinco obras e papeis juridicos escriptos por motivo da successão de Portugal. Cf. *Arte de furtar*, cap. 16].

L) O Prior do Crato offereceu a França ceder-lhe o Brasil e outras ilhas a troco de 12000 infantes. Danvila e Burguero, *D. Cr. de Moura*, 458. Cf. B d'Ars, *Jean de Vivonne* [2], Paris, 1885.

12) Soares, I, 56.— Filippe II escreveu por esta occasião a Salvador Corrêa e a cidade de S. Sebastião « agradecendo-lhes o que haviam feito em seu serviço ».—Teve isso logar em 1581.— Jarric, III. c. 29 [não existe completa esta obra no Rio, nem copia da carta a Salvador Correa].— Antes em 18 de

Parece que um D. Pedro da Cunha (a darmos credito ás palavras de um seu descendente), fôra de voto que, ainda antes de se fazerem em Portugal esforços para a resistencia contra todo o poder de Filippe II, se empregassem os poucos recursos disponiveis, para armar uma expedição maritima, em que os fieis Penates do mythologico fundador de Ulisséa viessem preservar no Aquem-mar o nome e a corôa de Portugal, estabelecendo-se com toda a gente no Brazil, onde por ventura os amparariam as nações da Europa, rivaes da Hespanha. Este grande pensamento realisado logo, e antes que os governadores do Brazil tivessem tempo de prestar juramento ao novo soberano estrangeiro, e que este podesse dar providencias ácerca de uma surpresa que se lhe fazia tão longe, e em paiz a que tão pouca importancia ligaria,

---

Maio de 1580 haviam estado no Rio quatro náos de guerra francezas. Hakluyt, III, 705.

[Quatro navios francezes eram esperados com bastante medo em Santos no mez de Fevereiro de 1581, como informa Thomas Grigs. Conta elle que os navios tomaram trez canoas no Rio, de que duas voltaram a Santos no dia 22, com a noticia que os Francezes tinham seguido rumo do estreito de Magalhães. Teriam outras naus vindo antes? De Hakluyt não se conclue e com certeza estes não teriam empregado mais de seis mezes em ir do Rio, donde foram repellidos, para São Vicente. E' portanto, provavel que aos navios de Grigs se referia o agradecimento referido pelo Autor, e que não seja exacta a noticia de Jarric. Fr. Vicente do Salvador, *Historia*, 4. 1, escreve o seguinte, que evidentemente se refere a outras naus, talvez de 1583:... chegaram tres naus francezas ao Rio de Janeiro e surgiram junto ao baluarte, que está no porto da cidade dizendo que iam com uma carta de D. Antonio para o capitão Salvador Corrêa de Sá, o qual nesta occasião era ido ao sertão fazer guerra ao gentio; mas o administrador Bartholomeu Simões Pereira que havia ficado governando em seu logar e estava informado da verdade pela carta do Governador Geral (Manoel Telles Barreto), lhes respondeu que se fossem embora, orque já sabiam quem era seu rei. E porque a cidade estava sem gente e não havia mais nella que os moços estudantes e alguns velhos que não poderam ir á guerra do sertão, destes se fez uma companhia e D. Ignez de Sousa, mulher de Salvador Corrêa de Sá, fez outra de mulheres com seus chapéus na cabeça, arcos e frechas nas mãos, com o que e com o mandarem tocar muitas caixas e fazer muitos fogos de noite pela praia, fizeram imaginar aos Francezes que era gente para defender a cidade e assim, a cabo de dez ou doze dias, levantaram as ancoras e se foram].

houvera no seculo XVI visto proclamar-se uma monarchia independente na America. Cumpre porém declarar que essa monarchia (se bem que ja a si o Estado se nutria de rendas proprias) não teria ainda elementos sufficientes para cuidar de sua prosperidade, nem gente para tratar das coisas da governação: e que posta, como naturalmente se poria logo o novo reino, á mercê e dependencia de alguma das rivaes da Hespanha, concluiria por ser della preza.

O governador Lourenço da Veiga, succumbindo talvez aos embates de tão extraordinarios successos, falleceu na Bahia, em 4 de Junho [13]) de 1581. Durante os tres annos atribulados do seu governo, passaram no Brazil alguns acontecimentos, que nos cumpre registar. No de 1579, foram incendiados em nossos portos onze navios [14]) de Dieppe e do Havre, que naturalmente seriam surprehendidos fazendo contrabando. O certo é que o Norte do Brazil, principalmente além do rio Parahiba até o Maranhão, era nesse tempo mais frequentado dos Francezes que dos nossos, e uma mappa que vimos em Paris, dessas paragens, começando mais ao Sul desde o rio Real, feito neste mesmo anno em Dieppe por Jaques de Vaudeclay, patentêa o bem informados que de toda essa costa estavam os Francezes, e os seus intentos de nos guerrear, ajudados dos Indios e dos proprios recursos do paiz [15]).

Veiga no principio de seu governo chegára a dar ordens ao ouvidor geral e ao provedor mór, afim de que ambos tratassem dos meios de effectuar uma nova expedição á Parahiba.

---

[13]) Miralles, p. 325. [*Ann. da B. Nac.*, 22, 126, onde se lê 1580; é mais provavel, porém, que seja mesmo 1581. Cf. Fr. Vicente, *Historia*, 3, 26: Lourenço da Veiga como se presava de portuguez, sentiu tanto haver seu irmão (Tristão Vaz da Veiga) entregue a torre de S. Gião (ás tropas de Philippe II) que ouvindo a nova enfermou e morreu].

[14]) Ternaux Compans, *Not. de la Guiane Française*, p. 19.

[15]) Do mesmo cartographo possuimos tambem outro mappa do Cabo-Frio e Rio de Janeiro, marcando-se junto desta cidade o logar por onde ella deveria ser « tomada ». [O mappa da costa está reproduzido no primeiro Atlas de Rio Branco: o do Rio de Janeiro na collecção de Gabriel Marcel e no livro de Heulhard sobre Villegaignon. A reproducção do Marcel é preferivel, porque os dizeres são mais legiveis].

Entretanto porém se apresentára, offerecendo-se para realisar a empreza, Fructuoso Barbosa, rico proprietario de Pernambuco, o qual, passando á côrte, ahi se compromettera a colonisar a nova capitania á sua custa, mediante a condição de ser por dez annos capitão mór ou adiantado della, cobrando ao mesmo tempo todas as rendas. Em 25 de Janeiro de 1579 lhe foi feita esta concessão, sendo nomeado «capitão de mar e terra» da gente que levasse M). Preparados quatro navios, com muitas familias para povoar a terra, com soldados para a defender, e com clerigos e religiosos de duas ordens, uns Benedictinos e outros mui provavelmente Carmelitas [16]), vieram fundear defronte do Recife; e demorando-se ahi alguns dias, tal tormenta sobreveiu que os navios se esgarraram, e Barbosa teve que regressar á Europa. O navio em que estavam os Benedictinos foi a nosso ver arribar á Bahia, pois justamente nesse mesmo anno (1580) pretende um Benedictino brazileiro [17]) que ahi chegaram os primeiros monges desta ordem. Segundo conjectura identica, é possivel que os Carmelitas desde então ficassem em Pernambuco.

M) O Inst. Hist. possue copia destes documentos. O nome de um Frutoso Barbosa, que provavelmente será o mesmo, já apparece no processo do Padre do Ouro em 1570, *Arch. hist. port.*, 3, 281, Lisboa, 1905.

Uma das caravelas da armada que ia povoar a Parahiba foi mettida a pique por um corsario junto a ilha de Maio do Cabo-Verde, em Maio de 1580. Sarmiento de Gamboa, *Viage al estrecho de Magallanes*, 341, Madrid, 1768.

[16]) Franciscanos diz o autor «Da Conquista da Parahiba»; preferimos a versão que se deduz de Fr. Manuel de Sá. [Maior fé merece Anchieta, contemporaneo, que escreve: No anno de 1581 vieram em companhia de Fructuoso Barbosa, que vinha a povoar o rio da Parahyba, tres frades do Carmo e dois outros de S. Bento a Pernambuco. Mas como não se povoou a Parahyba não fizeram mais que pregar e confessar sem fazerem mosteiro. Veio tambem em sua companhia um de S. Francisco, que tambem pregou algum tempo em Pernambuco, e tornou-se para o reino. *Inf. e frag. hist.*, 13].

[17]) Fr. Gaspar da Madre de Deus. [No anno de 83 vieram dois de S. Bento. com ordem de seu Geral. A estes se deu um bom sitio na Bahia e uma igreja de S. Sebastião e fazem já mosteiro; são trez por todos até agora e começam a receber alguns outros a ordem. Anchieta, *ib.*].

Por fallecimento de Lourenço da Veiga, e em falta de vias de successão, foi assentado pela camara da cidade que o bispo e o ouvidor geral se reuniriam a ella, para seguirem todos attendendo á governança do Estado. — O bispo não se mostrou tão ambicioso como o ouvidor geral Cosme Rangel [18]) de ter grande influencia no governo, e a camara, reconhecendo neste mais lettras e bastante actividade, se deixou por elle a principio levar, adoptando todas as disposições que propunha. Porêm tão prompto como enxergou que nem todas ellas provinham de ardentes desejos de governar com acerto, e que antes pelo contrário algumas descobriam segundas intenções de cobiça e ambição delle Rangel, que ja se chamava governador, começou, a retrahir-se, e a não approvar senão o que julgava merecer approvação. O bispo e outros moradores principaes por sua parte retiraram-se da cidade para as roças. Enfadado Rangel com os tropeços que nos camaristas encontrava a satisfação de seus arbitrios, intrigou a obra de uma reeleição de vereadores, na qual introduzio os individuos que mais lhe accomodavam, e por este meio se apoderou absolutamente do governo, e fez autoar alguns dos que se lhe oppunham. Até então, nem na Bahia, nem, que nos conste, em outra terra do Brazil, havia (como em Portugal succedia desde os annos de 1535 [19]) mesteres nomeados para concorrerem com a camara, no dar os regimentos aos officios e taxar certos preços de mão d'obra. Cosme Rangel *decretou* a introducção, para talvez

---

[18]) Cosme Rangel acabava de ser provedor na ilha da Madeira, quando foi nomeado ouvidor geral em 1578. [Serviu o cargo na Madeira durante dois annos, cinco mezes e sete dias. O ordenado correspondente a este tempo foi mandado pagar em 1618 a Margarida Serrão, sua viuva. Doc. do Inst. Hist.

De Cosme Rangel a Bibliotheca Nacional possue em copia uma carta, com a data de 4 de Março de 1583. Levou-a ao reino Paschoal Mexia, eleito procurador pela Camara da cidade para tratar de certos requerimentos. Da carta aproveita-se apenas o seguinte trecho: Nesta (capitania) se procede agora no serviço de Vossa Magestade differentemente que até aqui se procedeu posto que, como tenho escripto, ainda ha homens pouco obedientes a justiça].

[19]) Vej. Ant. J. de Gouvea Pinto, *Res. chron.* p. 19.

deste modo recompensar na Bahia alguns mechanicos, que haviam votado no sentido que elle desejava. Entre os autoados e presos por Cosme Rangel, aos quaes todos depois amnistiou a côrte, mandando cassar e queimar os processos, encontramos o nome de Manuel de Sa, «sobrinho de Men de Sa», provedor d'alçada da cidade. O provedor mór Christovam de Barros, ja senhor de um novo engenho na Bahia N), e amigo de Gabriel Soares tão pouco era affecto ao intruso chefe.

Do governo interino de Cosme Rangel nada nos consta que honra lhe possa fazer O). — Na Bahia os que mais se prezavam, incluindo o bispo e o alcaide mór, viviam no campo, para fugir de sua presença. Nas immediações de Itamaracá, os Indios andavam alevantados; e uma guerra que com poucas forças lhes deu o capitão Antonio Rodrigues Bacellar, não fez senão ensoberbecel-os e exaltal-os mais. Fructuoso Barbosa, refeito de suas avarias, regressára a Pernambuco; e dahi, de accordo com o capitão e ouvidor Simão Rodrigues Cardozo, partira para a Parahiba por mar, em quanto o mesmo Cardozo, com duzentos homens de pé e de cavallo e muito gentio, fôra por terra. Barboza, depois de incendiar cinco náos francezas, de oito que encontrou varadas no porto, das quaes tres acertaram de escapar-se, votou-se a tal abandono, que em uma cilada os Indios inimigos, com alguns Francezes, lhe mataram uns quarenta homens, entrando neste numero um filho seu. Seria por esta occasião que tambem caiu morto Manuel de Azevedo, proprietario da ilha então chamada da Con-

---

N) O engenho de Christovam de Barros ficava na enseada de Jacarécanga, entre Matuim e Mataripe; como se vê de Gabriel Soares, *Tratado* 2, 22. Era de bois, tinha muitos edificios e uma igreja de S. Antonio. Devia ter sido fundado por Antonio Cardoso de Barros, a quem D. Duarte da Costa accusava de por causa do engenho abandonar os deveres de provedor-mór da fazenda.

O) Ha uma proposta relativa aos Indios, sem data, assignada pelo Bispo, Cosme Rangel e Gregorio Serrão, impressa na *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, 57, I, 92 e seg. Critica as resoluções tomadas por Almeida e Salema, e indica algumas medidas favoraveis aos indigenas, cujos prestimos encarece.

ceição[20]) na bocca de rio Parahiba, que havia occupado com uma tranqueira, cuja artilheria fôra dahi retirada pelo dito Fructuoso Barbosa[21]). E ja lhe preparavam um ataque em fórma ao arrayal em que estava, do lado do Norte do rio, defronte do Cabedêlo, quando o mesmo Barbosa resolveu retirar-se, com toda a sua gente, não sem grande desar, nem sem que dahi resultasse o crescer, e muito, a arrogancia dos mesmos Indios, e os perigos dos visinhos de Itamaracá, que chegaram a reduzir-se unicamente a trinta e dois, havendo os Barbaros destruido no continente tres engenhos que já moiam.

Durante o governo interino de Rangel foi agasalhada na Bahia uma náo ingleza, que desembarcou mais de trinta mil cruzados de mercadorias, bem que por varios abusos só dellas cobrou a alfandega duzentos e vinte mil réis[22]) de direitos. Recebeu uma grande carga de assucar, do qual tambem apenas um terço se despachou.

Outro navio com mercadorias inglezas entrou em Santos, com tolerancia das autoridades; o que não nos deve admirar sabendo que tal navio ahi viera, em virtude de carta de ordem dirigida a Londres, pelo inglez John Whithall, casado com um filha do senhor

---

20) Esta ilha foi depois (11 de Abril de 1596) doada de novo por Feliciano Coelho a Isabel Caldeira viuva do mesmo Azevedo; e posteriormente a herdou seu genro Manuel Homem da Silva. [Foi mais tarde vendida aos Benedictinos, em 22 de Janeiro de 1610. *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, **27**, I, 122].

21) Segundo a chronica da Parahiba em 1582; de Jarric (III, c. 31) e Hakluyt (III, 778) se pode entender o de 1581. [Hakluyt não trata disto l. c., onde se refere a factos de 1587].

22) C. de Manoel Telles de 7 de Ag. de 1583, e de Martim Leitão dé 15 de Abril 1584.—Peter Cander em Purchas, **4**, 1187. [Peter Cander partiu da Inglaterra com Sir Francis Drake em 1577, e só voltou a Chichester em Novembro de 1586, nove annos e quatorze dias depois da partida. Esteve em varios pontos do Brasil, mas pouco se apprende de sua breve narrativa de viagem, talvez porque foi escripta muitos annos depois do successo. Refere-se a um navio inglez *Merchant Royall*, mas não dá a data, nem conta outras circumstancias. Diz que já se podia plantar gengibre para o consumo interno].

de engenho José Adorno P).—Pouco depois, teve logar nesse porto a entrada de dois galeões de guerra da mesma nação, ao mando de Edward Fenton, os quaes desembarcaram alguns da tripolação, a pretexto de estabelecer em terra uma forja e um forno de pão ou biscoito. Quizeram oppor-se-lhes o alcaide mór Braz Cubas e o capitão Jeronymo Leitão: mandaram a bordo José Adorno e Estevam Raposo, que favoreceram [23]) os intrusos. No emtanto em uma noite de luar entravam pela barra tres náos.—'E dentro de pouco estavam ás bombardadas contra os galeões inglezes ali surtos. O fogo seguiu vivo quasi toda noite: os galeões inglezes picaram amarras e fizeram-se ao largo; mas tal avaria haviam causado a uma [24]) das náos atacantes que foi logo

---

P) De Santos, a 26 de Julho de 1578, John Whithal escrevera a Richard Staper, dizendo que uns tres dias antes casara com a filha unica do genovez Joffo Dore, e que naquellas partes tinham lhe mudado o nome para João Leitão. Convidava o amigo a mandar um navio a São Vicente, que poderia carregar de assucar, e trazer mercadorias, de que dá uma lista, muito curiosa, mas difficil de traduzir para quem não é especialista. Na lista figuram varias fazendas, chapeus, camisas, fechaduras para portas e arcas, papel, copos, espelhos, pratos de estanho, especiarias, sabão, pregos, cintos de couro, machados, martellos, ferro, etc.

Cinco mercadores mandaram de facto um navio, chamado *Minion of London*, que partiu de Harwich a 3 de Nov. de 1580 e chegou a Santos em 3 de Fevereiro do anno seguinte. Houve algumas duvidas sobre a permissão de commerciar; do Rio, o administrador ecclesiastico Bartholomeu Simões Pereira mandou lembrar que os Inglezes eram hereges; mas as relações correram pacificas, e o *Minion* sahiu de Santos só em Junho.

Thomaz Grigs, narrador da viagem, impressa na collecção de Hakluyt, faz as seguintes observações a respeito de Santos:

Aos generos e mercadorias que não passam pela alfandega costuma-se pôr o preço por que hão de ser vendidos, o que fazem os magistrados da cidade, conforme as ordenações reaes (estes magistrados eram os almotacés, como sabemos). As mercadorias que passam pela alfandega, os negociantes vendem com o maior proveito e vantagem que podem. Não se consente que os Portuguezes usem dos thesouros das minas sob pena de morte.

23) Autos a tal respeito. Papeis de Simancas no Arch. das Indias em Sevilha. (II, 5, 2, 21).

24) Santa Maria de Begonia. [Sarmiento, l. c. escreve *Vegona* e *Begona*].

a pique Q). Estas náos eram hespanholas; mandava-as Andréas Igino [25]), e faziam parte da poderosa armada de Diogo Flores Valdez, que então seguia para o estreito de Magalhães R). —Dessa armada de Diogo Flores haviam aportado no Rio de Janeiro o almirante Diogo de la Ribera e Pedro Sarmiento, com cinco na-

---

Q) Edward Fenton partiu da Inglaterra a 1 de Maio de 1582, em viagem para Cathay e India pelo estreito de Magalhães. Demorou bastante em terras africanas, e só a 1 de Dezembro avistou a costa de Santa Catharina. No dia 2 fundearam no porto de D. Rodrigo, a 6 tomaram uma embarcação hespanhola destinada ao rio da Prata, e souberam que uma forte esquadra hespanhola estava no estreito de Magalhães. A 12 continuaram a viagem. Chegando aos 33.° S., resolveram vir para São Vicente, para evitar o encontro com o inimigo superior em forças. A 19 de Janeiro de 1583 chegaram ao porto de Santos. José Adorno, Estevão Raposo e um flamengo chamado Paulo Baudeves ou Bandevezes foram a bordo; John Whithal tambem foi e contou-lhes o susto causado por sua presença na população. As negociações iam bem encaminhadas quando na tarde de 24 entraram as naus hespanholas e travou-se o combate. As tres naus hespanholas, como informa frei Vicente, *Historia*, 4, 2, partiram de Santa Catharina a 14 de Janeiro.

Lucas Ward vice-almirante da armada ingleza e narrador destes successos, antes de voltar para a Europa esteve na costa do Norte, talvez na Parahyba, ou Rio Grande ou mesmo Ceará: *Sandie hilles with woods on it*, é a unica e vaguissima indicação que nos dá.

[25]) C. de Manoel Telles de 7 de Ag. 1583. [desconhecida no Rio. Sarmiento escreveu Aquino; Fr. Vicente, Equinon].

R) A armada de Diogo Flores Valdez, em que vinham Pedro Sarmiento, Diogo de la Ribera, Alonso de Sotomayor, partiu de Cadiz a 9 de Setembro de 1581; no anno seguinte a 19 de Janeiro chegou a S. Iago de Cabo-Verde, onde demorou vinte e quatro dias, e em 21 de Março ao Rio de Janeiro. Assegura Sarmiento, e os factos parecem dar-lhe razão, que Diogo Flores não tinha talento nem coragem para enfrentar as ondas do estreito. O tempo da estada no Rio, salvo as enfermidades, passou-se em resgates de páu brasil e outras mercadorias, e rusgas entre os chefes. Os resgates, verdadeiros peculatos, estenderam-se tambem a S. Vicente, onde foi tomada carga de assucar. Cf. Azevedo Marques, *Apontamentos*, 2, 219, Rio, 1879.

A armada, composta de deseseis navios, partiu do Rio a 1 de Novembro de 82, e navegou até 38°, de onde Valdez retrocedeu para o porto de D. Rodrigo. Tendo ali a noticia da ida de Fenton para o estreito, dada pelos hespanhóes a quem tomara uma barca, retrocedeu para Santa Catharina. Neste ponto separou tres navios como improprios a continuarem a viagem, *Almiranta*,

vios, que se fizeram de véla para o seu destino em Novembro de 1583 [26]).

Com as duas náos que lhe ficaram, se fez Igino de vela depois, de haver aproveitado do material e gente da afundada, para construir e deixar guarnecido um forte na entrada da barra de S. Vicente S).

No Rio de Janeiro, Salvador Corrêa estava sempre álerta; e em continuos rebates de dia e de noite; já dos Indios (*Tamões* lhes chama), já dos Francezes, amigos destes; porêm nem ali, nem em Cabo-Frio, haviam nos ultimos tempos entrado corsarios:

Concepcion e *Begona*, e mandou-os para o Rio de Janeiro, sob o commando de Andrés de Aquino.

A 13 de Janeiro de 1583, Valdez e companheiros partiram novamente para o Sul. Sotomayor teve licença de afastar-se com tres navios rumo do rio da Prata, por preferir o caminho terrestre para o Chile.

A 7 de Fevereiro chegou-se á entrada do estreito de Magalhães, mas á primeira carranca do tempo Diogo Flores fez-se de volta para o Brasil, e os outros capitães não tiveram outro remedio sinão acompanhal-o. Nestas idas e vindas perderam-se quatro embarcações.

A divisão de Aquino partindo de Santa Catharina a 14, como já vimos, chegou a Santos em 24 de Janeiro de 1583 e travou o combate narrado no texto. Sarmiento foi ter ao mesmo porto em Abril e Diogo Flores em seguida.

Em Maio apportaram os que restavam ao Rio de Janeiro e logo Diogo Flores resolveu ir ás guerras da Parahiba, embora Sarmiento, grande navegador, muito pratico, lhe dissesse que, estando já passada monção, naquelle anno elle não poderia ir alem da Bahia, como de facto succedeu. Sarmiento e Diogo de la Ribera partiram para o seu destino em Dezembro e chegaram ao estreito de Magalhães em Fevereiro de 1584.

Sobre estes incidentes cf. a relação de Pedro Sarmiento de Gamboa no *Archivo de Indias*, 5, 286/420, Madrid, 1866.

[26]) C. de Salvador Corrêa de 7 de Março de 1584.

S) Y para del todo descomponer las cosas del Estrecho quiso (Valdez) aprovecharse de la ocasion del fortezuelo que halló comenzado, y adjudicó aquello que habia hecho Andrés de Aquino para si, porque se dixiese que habia hecho algo y cubriese lo que no tenia cubierta. Y por esto dejó alli al engeniero que iba para uno de los fuertes, y por alcaide a Domingo de Garri, que Pedro Sarmiento llevaba para uno de los fuertes del Estrecho... y por capitan un sujecito llamado Miranda. Sarmiento, ap. *Arch. de Indias*, 5, 338.

pedia armas e munições; as quaes lhe foram mandadas, incluindo umas colubrinas; e perguntado pela Côrte se devia de preferencia fortificar-se o Rio de Janeiro ou povoar-se Cabo-Frio, foi de parecer que se reforçasse aquella cidade, porque depois seria facil povoar-se o Cabo, com gente d'ella mesma; e isto com tanta mais razão quanto no Cabo-Frio não havia agua senão muito pela terra dentro. Propunha a principio o mesmo Salvador Corrêa que se fizesse fortaleza na *Lagea* « que está na entrada da barra"; porém depois [27]), consultando melhor o caso, com um engenheiro que no porto ficára da armada castelhana T), conveiu, em virtude da facilidade de ter os materiaes, em votar por duas fortalezas nos promontorios da mesma barra, segundo as traças ou plantas que mandou ao soberano. Os Jesuitas seguiam augmentando as suas rendas, obtendo *para os seus Indios* grandes doações de terras. Em 24 de Janeiro de 1583 foi confirmada, aos das aldeas de S. Bernabé e S. Sebastião, uma sesmaria de duas leguas, *junto da fazenda dos Padres*, e aos de S. Lourenço outra de quatro leguas, de Macacú á serra dos Orgãos, tambem *junto ás terras dos Padres*.

---

27) C. de Salvador Corrêa de 7 de Março de 1584, respondida em 27 de Março de 1585. — D. Alonso de Sotomayor, governador do Chile e outros capitaes de armadas escreviam então á côrte recommendando Salvador Corrêa; e o governador Manoel Telles, a quem elrei ordenou que désse informação delle, disse, em carta de 14 de Agosto de 1584, que a dava «muito boa assim por pessoas que daquellas partes vieram, como por um Balthazar Machado, por quem mandára vizitar as fortalezas, e que era merecedor que S. M. lhe fizesse honra e mercê». [Todos estes documentos são desconhecidos no Rio].

T) Um dos engenheiros da armada chamava-se Antonelli: Sarmiento, *l. c.*, 300.

SECÇÃO XXII.

MANUEL TELLES BARRETO. A PARAHIBA. TRES ORDENS RELIGIOSAS.

Rendas do Estado. Fortalezas. Diogo Flores Valdez. A Parahyba. Etymologia. Descripção. Arredores. Preparativos em Pernambuco. Felippe de Moura. O donatario e seu tio. Forte na Parahyba. Navios incendiados. Derrota dos auxiliares. Cerco ao forte. Soccorros. Combate do Tibery. Regresso. Abandono do forte. Desuniões entre os Indios. Colonisação da Parahyba. Desampara-a o chefe. Novos reforços. Elogio de Barreto. Vinda dos Benedictinos, Capuchos e Carmelitas.

Em nove de Maio de 1583 A) aportou na Bahia o novo governador Manuel Telles Barreto, nomeado desde 20 de Novembro de 1581 para os cargos de «capitão da cidade do Salvador e governador da dita capitania e das outras do Brazil.» Em 24 de Setembro de 1582, recebeu em Portugal quinhentos cruzados para lhe serem descontados depois de chegar, com o ordenado de 800$ réis, e autorisado (desde o 1º de Outubro do anno anterior)

A) Cardim, na *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, 65, I, 13, onde por erro de impressão se lê Março.

Informa Fr. V. do Salvador, *Historia*, 4, 1, que Manoel Telles Barreto, irmão de Antonio Muniz Barreto, governador da India, «era de sessenta annos de idade, e não só era velho nella, mas tambem de Portugal o velho; a todos falava por vos, ainda que fosse ao Bispo, mas cahia-lhe em graça, a qual não tem outros velhos».

A B. N. possue copia de uma C. R., datada de 10 de Fevereiro de 1582, dirigida ao licenciado Simão Rodrigues Cardoso, recommendando-lhe que a Manoel Telles Barreto, avisasse do estado das «cousas dessa capitania (Pernambuco) e da gente, navio, artilharia, e armas que nella dita capitania ha pera sua defensão e de como estaes com os gentios comarcãos a ellas, e das rendas que minha fazenda tem na dita capitania, calidade e sortes deilas e por quem e como se arrecadam, e de tudo o mais de que cumprir ser avisado».

a trazer comsigo, para sua guarda, vinte homens, com o vencimento de 15$ cada um. A cidade do Salvador estava inquieta e anciosa pela sua vinda, afim de livrar-se, sem recursos violentos, dos arbitrios de Rangel — Desde logo foi Barreto informado de tudo, e tratou de conciliar os animos, começando por sustar os processos dos perseguidos, propondo á côrte que mandasse queimar todos os autos a tal respeito, precedendo a concessão de uma amnistia ampla. Acceitou a côrte o arbitrio, e o governador, convocando á sua morada os principaes da cidade, não deixou de fazer valer a clemencia do novo soberano n'este acto. Tambem a côrte approvou a supressão dos mestéres introduzidos arbitrariamente por Cosme Rangel B).

Trazia Barreto especial recommendação de praticar com Antonio Dias Adorno, que, segundo vimos, havia antes chegado á serra das Esmeraldas (turmalinas), na actual provincia de Minas; porém quando chegou a Bahia já elle era fallecido, segundo o participou a el-rei em carta de 7 de Agosto. Não seria impossivel que esse fallecimento viesse a contribuir a que se animasse Gabriel Soares a tomar a iniciativa da empreza de outra expedição, em ponto grande, contando com os auxilios e protecção do governo, e concessão de privilegios, para pedir os quaes se embarcou para a Europa no anno seguinte, como diremos.

Dedicou-se Barreto a cuidar da defesa da cidade, e a informar-se do estado do thesouro colonial. — A receita montava a trinta mil oitocentos e vinte e cinco cruzados, dos quaes, já então se remettiam para Portugal dez mil, vindo a ficar para as despezas vinte mil oitocentos e vinte e cinco C). — Desta somma sete mil e quinhentos cruzados, isto é, mais da terça parte, era

B) Não existe no Rio copia de documentos relativos a este assumpto.

C) Num extracto da carta de 14 de Agosto de 84, de que a Bib. Nac. tem copia, lê-se que a renda das capitanias de Tamaracá, Pernambuco e Bahia era de 30 mil cruzados, e as despezas ordinarias 22835 cruzados. O engenho real rendia trezentos e tantos mil reis; como Bento Dias de Santiago entregava no reino 10 mil cruzados, o deficit importava em 1998 cruzados.

applicada á manutenção dos padres da Companhia D); e, calculadas as outras despezas, havia um deficit de perto de dois mil cruzados. Tinha arrematada esta renda um Bento Dias de Santiago; porém não se incluiam nella as capitanias do Sul, pelas irregularidades que até alli houvera na contabilidade e cobrança. Para pôr uma e outra em ordem, e ao mesmo tempo inspeccionar as fortalezas do Sul, mandou o governador por uma provisão [1]) a Balthazar Machado, com poderes ás ditas capitanias; do que lhe resultou conhecer que era geralmente nellas maior a despeza do que a receita [2]). Pediu o governador que ficassem no Brazil os dez mil cruzados que se enviavam para o reino; e provavelmente isso lhe foi deferido, em consequencia de se dar a casualidade de haver gasto nesse anno, e no anterior, quasi igual somma, com os aprestos que fizeram nos navios de Diogo de la Ribeira e de Pedro de Sarmiento, da esquadra de Diogo Flores Valdez, que aportaram no Rio de Janeiro; e depois com oito náos que, regressando do Estreito, com o proprio Diogo Flores, entraram na Bahia; sem falar nas que mais tarde, com o mesmo Sarmiento, aportaram em Pernambuco, nem com os aprestos para a colonisação da Parahiba, de que nos vamos occupar.

Entrando Diogo Flores na Bahia pouco depois da nova do desbarato de Fructuoso Barbosa, de que antes tratámos, e requerendo ao governador mantimentos, nada era mais natural do que o lembrar-se o mesmo governador de lhe commetter agora a empreza da occupação dessa capitania [3]). Achando-se conformes no arbitrio Diogo Flores e os principaes da terra, começou-se o apresto da armada; e entretanto Manuel Telles Barreto dispoz

---

D) Segundo o documento citado, diziam os Jesuitas não receber mais de seis mil e quinhentos cruzados.

[1]) Prov. de 4 de Junh. de 1583. *Ann. do Rio de Jan.*, **1**, 302.

[2]) C. de Manuel Telles de 14 de Agosto de 1584 [de que não ha copia integral no Rio].

[3]) C. de Manuel Telles de 7 d'Ag. de 1583 e 25 de Fev. 1584.

que o thesoureiro e o ouvidor geral passassem a Pernambuco, afim de angariarem para a empreza, nesta capitania e na de Itamaracá, quanta gente e recursos podessem E).

E agora seja-nos permittido por algum tempo concentrar toda a nossa attenção na paragem onde se vai decidir se a civilisação tem de caminhar ovante para o Norte, ou de retirar-se corrida, como já começava a succeder, do grande theatro fronteiro á ilha de Itamaracá, que não se assegura sem a occupação da Parahiba. — Compõe-se este nome *Parahyba* de duas palavras que significam simplesmente *rio máu*. Para nomear os rios, que só delles agora nos cabe falar, os Indios, como os mais povos na infancia da civilisação, empregaram além das designações que lhes indicavam os sentidos, outros predicados puramente subjectivos, isto é, deduzidos das relações que com elles Indios tinham os objectos nomeados.—Aos primeiros pertencem, segundo o aspecto mais ou menos turvo das aguas, os nossos innumeros rios *Una*, *Pitanga*, *Tinga*, etc.; isto é, Negro, Vermelho, Branco, etc. Nos segundos contamos os que eram redondamente chamados Bons ou Máus, ao que parece, segundo haviam sido, ou a gente que os habitava, favoraveis ou contrarios a quem os designava. Dahi os nossos *Parahiba*, *Parnahiba* ou *Paranahiba*, rio máu; *Paracatú*, rio bom; *Parapanápanema*, ou *Ipanema*, rio ou agua malfadada [4]),

---

E) Partiram da Bahia a 1 e chegaram a Pernambuco a 20 de Março de 1584. « Diogo Flores de Valdez chegou á Bahia no principio de Junho de 1583, aonde o governador Manuel Telles Barreto o banqueteou e a todos os capitães e gentis-homens um dia esplendidamente, e o bispo D. Antonio Barreiros, outro. Mas o que mais fez nesta materia foi um cidadão senhor de engenho, chamado Sebastião de Faria, o qual lhe largou as suas casas com todo o serviço, e o banqueteou, e aos seus familiares e apaniguados oito mezes que aqui esteve»: Fr. Vicente de Salvador, *Historia*, 4, 3. Quando sahiu do Rio já ia disposto a entrar na guerra do Parahyba, como ficou dito *Supra*, 484, nota R.

[4]) *Pané*, desdita, desgraça (*Tesoro* de Montoya, fol. 261 v.) A' margem de um rio *Ipanema* teve logar o nascimento do autor. [Cf. Manoel da Fonseca, *Vida do veneravel padre Belchior de Pontes*, 194, Lisboa, 1752: Estando

e outros. Os primeiros Europeos, antes de interrogar os Indios, cujas respostas não seriam mais razoaveis do que os arbitrios, aliás louvaveis e pios, de dar a tudo o nome do santo do dia na folhinha, invocaram para o rio de que tratamos a S. Domingos; mas este nome ficou apenas escripto nos antigos *portolanos* de pergaminho, e nos primeiros mappas que se gravaram; e o nome Parahiba vingou. — Jaz a foz deste rio em sete gráos escaços; o porto se vai afeiçoando muito para o Sudoeste. A' entrada não tem uma legua de largura; e da banda do Sul se limita esta distancia pelo pontal de um extenso cabedêlo, extrema de uma peuinsula que se vai alargando para o Sul, até a margem esquerda do Guaramame, entre o mesmo Parahiba e a costa do mar, ahi arregoada pelo Jaguaripe e Piratiba, separados um do outro pelo cabo Branco. O rio Parahiba, depois de entrado, espraia-se para a direita e esquerda, em virtude de uma ilha então chamada da Conceição, de meia legua de comprido, que lhe desvia as aguas para os lados. Em frente do principio e fim da ilha, desembocam da banda do Norte duas ribeiras, a que está á barra depois de fraldejar o monte em que dahi a tempos se edificou a igreja da Guia. Da banda do Sul, isto é, á margem direita do Parahiba, são os tributarios menos consideraveis, e antes podem chamar-se ribeiros; levam pouca agua, e vem de perto; pois todos nascem dentro da peninsula triangular que descrevemos. Começando da barra, citaremos, a pouco mais de uma legua della, o *Tambahy*; dahi a duas leguas, o *Inhaby*; legua e meia acima, o *das Marés*, seguindo-se o *Tibery* um pouco mais caudal. Nas immediações do porto e nas terras elevadas, o paiz banhado é de aguas e de terras suculentas de vegetação vigorosa. Porém no interior ha muitas catingas; o

(B. de P.) na freguezia de Santo Amaro. veiu á pratica Paranampanêma, que era um sertão naquelle tempo mui trilhado dos moradores de S. Paulo e como estrada para os certões do Sul. Tanto que o padre Pontes ouviu nomeal-o disse que lhe não chamassem Paranampanêma, que val o mesmo que rio falto ou bromado].

clima é geralmente seco; pelo que a cultura dos Indios já por ahi se limitava a algodoaes, como hoje. Tal é o districto que em 1584 esperava ainda os beneficios da civilisação, que o general hespanhol Diogo Flores tentou então levar-lhe.

Acerca deste acontecimento não temos que lamentar, como outras vezes, chronicas ou correspondencias perdidas. Pelo contrario, temos correspondencias, e temos tambem uma chronica especial: não desejando porém ser pesados ao leitor, deixamos ao tempo que se encarregue de publicar em outro logar esses documentos, dos quaes só aproveitaremos o essencial á nossa narração, que será por certo mais desapaixonada do que a chronica [5]), aliás de testemunha ocular, embora nos diga que, como religioso que era (jesuita), a escreveu pelo preceito da obediencia, o que o obrigaria a ser imparcial.

Com sete navios hespanhoes e dois portuguezes, de Diogo Vaz de Veiga, que tinham vindo do Reino com o governador Telles Barreto, zarpou Diogo Flores da Bahia fazendo rumo para Pernambuco, aonde com a frota passava de visitação o bispo D. Antonio Barreiros, que ahi estivera quando, perto de oito annos antes, chegára da Europa F) — Aos vinte dias de viagem, fundeava a pequena esquadra diante do Recife, e Diogo Flores ia a terra concertar-se com D. Filippe de Moura, (capitão e logartenente do donatario e irmão de Christovam de Moura G) e mais autoridades, ácerca da maneira como deveria effectuar-se a

---

[5]) O autor deste livro que podemos intitular «Da Conquista do rio Parahiba» foi o padre Jeronymo Machado, segundo do proprio texto se deduz. [Publicada primeiro no *Iris*, de José F. de Castilho, Rio, 1848, depois na *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, 36, I, Rio, 1873. Da chronica, que pode bem ser de Jeronymo Machado, aproveitou-se Fr. Vicente do Salvador; da *Historia* deste o autor do *Santuario Marianno*. Por isso desde o começo do seculo XVIII as guerras da Parahiba são conhecidas em seus traços geraes.]

F) *Lettres du Iappon, Perv et Brasil*, 103, Paris, 1578. [Sobre uma questão entre bispo e o governador Luis de Brito cf., Frei Vicente, *Historia*, 3, 21].

G) Segundo Borges da Fonseca, *Rev. do Inst. Arch.*, **11**, 67, Recife, 1904, era filho de D. Manuel de Moura, irmão de D. Christovão; mas Danvila y Burguero não cita este entre os irmãos de seu heroe.

marcha por terra até a Parahiba dos auxiliares reunidos já ali e em Igaraçú e Itamaracá, emquanto elle Diogo Flores seguia por mar.— Era D. Filippe de Moura casado no Brazil com uma filha de Filippe Cavalcanti[6]), e desde pouco fôra provido no logar que occupava, a consentimento do governo da metropole; que, havendo-se esforçado em fazer partir o donatario, encontrando nelle desculpas e resistencias, accedêra por fim a consentir que mandasse em seu logar « algum homem cavalleiro de confiança ». As resistencias de Jorge d'Albuquerque (que pouco antes succedera na capitania a seu irmão fallecido [7]) a soffrer novos trabalhos, podem explicar-se pelos muitos que em vida passára, assim no mar, onde em 1565 estivera quasi perdido, como nos campos infaustos de Alcacerquibir, onde esteve a ponto de perecer. Elle porém allegava primeiro os projectos de um casamento [8]), e depois o não ter ainda successão—Seu tio Jeronymo d'Albuquerque ainda

---

6) Por segunda vez com D. Genebra Cavalcanti. Sua primeira mulher fôra D. Isabel de Albuquerque. Este D. Felippe faleceu em 1611. [Segundo Jaboatão, *Orbe Seraph.* 2, 2, 175, falleceu a 28 de Junho 1618].

7) Liv. 3°, de Felippe 1°, fol. 582. [Bramcamp Freire, *Brazões de Cintra*, 1, 467, Lisboa, 1899].

8) Conta-se que no curativo, durante sete mezes, das feridas recebidas por Jorge de Albuquerque em Alcacerquibir, lhe tiraram 20 ossos, e que depois andára em muletas quatro mezes, e que offerecera uma dellas ao altar da Senhora da Luz em 23 de Abril de 1582. De sua primeira mulher D. Maria de Menezes, com quem casou em 18 de Dezembro de 1583, teve uma filha, nascida em 1585. Da segunda, D. Anna de Menezes, lhe nasceram o seu successor Duarte Coelho d'Albuquerque, e Mathias d'Albuquerque.

[Na doação que fez aos Benedictinos em 6 de Abril de 1592, o donatario de Pernambuco diz que na batalha de Alcacerquibir escapou milagrosamente « com ficar tão destroncado de muitas e mortaes feridas que na dita batalha me deram que foram causa de andar perto de quatorze annos (sic: seriam antes quatorze mezes?) sobre duas moletas ou encostado em dous creados». O Instituto Historico possue copia de uma carta sua de 12 de Junho de 1584, pedindo munições para sua capitania, queixando-se de não receber as rendas, o que lhe não permitte pagar as dividas deixadas pelo irmão. Jaboatão compilla quanto se sabe sobre elle, *Orbe Seraphico* 2, 2, 178 e seg. Pereira Costa, *Dic. biog. de Pernambucanos celebres*, s. v., Recife 1882 diz que falecera em 1596, confundindo-o talvez com o tio Jeronymo. Jorge deve ter morrido depois de 1600].

então vivia; mas, provavelmente decrepito, e perseguido além disso por inauditas 9) queixas, que contra elle e seus filhos naturaes formulava a sogra 10).

Combinado o plano, fez-se de véla Diogo Flores; e com tão felizes auspicios que, ao chegar á Parahiba, encontrou ahi seis náus francezas, das quaes mandou incendiar cinco, que estavam em sêco, depois de haver esbulhado dellas quanto foi possivel 11). A outra nau conseguiu desferir o panno e abalar.—Os de terra, acompanhados de D. Filippe de Moura e de Fructuoso Barbosa,

---

9) Inf. em 7 de Julho de 1584, III, 28, 53. [Provavelmente estes numeros referem-se a Torre do Tombo e significam parte terceira, maço 20, doc. 53. Nem este nem o documento citado na seguinte nota são conhecidos no Rio].

10) Carta de Telles Barreto de 7 de Agosto de 1583, em que diz, que D. Joanna se queixava do dito Jeronymo, chegando a explicar o modo, mencionando actos que nos abstemos de perpetuar. Por outro lado Jeronymo d'Albuquerque, pelo testamento feito em 13 de Novembro de 1584, annullou o anteriormente feito com a sua esposa, D. Felippa de Mello, filha da dita D. Joanna, e prevenia que nunca podesse vir a ser administrador ou tutor de seus herdeiros seu sogro D. Christovam de Mello, ou cousa sua.

11) No anno de 1584 publicou-se em Sevilha uma chronica em verso da conquista da Parahiba. Teve por autor Juan Peraza, soldado de Diego Flores Valdez. Reimprimiu-a Cesareo Fernandez Duro, *Arca de Noé*, 465/473, Madrid, 1881.

Conta Juan Peraza que Diego Flores levou comsigo oito naus, das quaes apenas quatro poderam entrar a barra. Encontraram quatro navios francezes varados, e um fortim em terra, que começaram logo a atirar. Andrés de Espinosa, grande artilheiro, respondeu com efficacia, desfazendo o forte, queimando as casas em que os Francezes se acolhiam. Estes pozeram logo em trez de suas naus e fortificaram-se na outra, porem Rodrigo de Rada deu-lhes uma surriada de seu batel, e o capitão Juan de Valas tomou-a.

Ao anoitecer os Francezes se acolheram em trez lanchas e fugiram rio acima. Alem de muito vinho, cerveja, toucinho, breu, enxarcias deixaram dous mil quintaes de pau brasil que a armada levou para a Hespanha. Só no outro dia chegou a gente portugueza. Valdez construiu um forte, onde deixou infantaria hespanhola, como fizera em São Vicente.

Y Fructuoso Barbosa,
persona mui generosa
quedó por governador
del vecino, y poblador,
que el Rey mandó aquesta cosa.

em força de cem de cavallo, mais de duzentos de pé, cento e tantos Africanos e quinheutos Indios, chegaram depois, havendo tido apenas no caminho um pequeno encontro com algus Indios 1).

Imaginando Diogo Flores que o sitio do Cabedêlo, á foz do rio, e á sua margem direita (onde hoje está assentada a fortaleza desse nome), fixado pela Corôa no regimento de Fructuoso Barbosa, não era o mais apropriado a um nucleo de povoação, preferiu situar o forte dali a uma legua, mas do outro lado; sobre o continente, e defronte da extrema occidental da ilha da Restinga; talvez por que desse lado o chão firme, um pouco mais elevado e proprio para a cultura, ficava mais perto da barra do que o sitio da margem direita em que veiu a situar-se a povoação. Sendo que a propria circumstancia de ficar da banda do Norte ou margem esquerda do rio offerecia maior segurança de que não fugissem alguns colonos e Indios que tinham ido contrafeitos. Traçado o

---

Edificóse en un llano
con brevedad, la ciudad
por el pueblo lusitano,
y el fuerte por otra mano,
que les da seguridad.

Y porque el nombre se vea
llamase la Felipea
y el puerto la Parayva
grande tiempo goce y viva
el Rey, por que lo posea.

1) Diz Juan Peraza:

Que por la cuenta que hallo,
Son ciento y diez de á caballo,
y trescientos ventureros,
y tres mil indios flecheros,
y otros muchos que me callo.

A força da consoante obrigou o poeta-soldado a mudar o anno da victoria:

El año de ochenta y tres
fué quemado este frances
mil y quinientos pasados.

forte, confiou Diogo Flores a sua alcaidaria e obras ulteriores a Francisco Castejon [11]), deixando ás suas ordens cento e dez soldados hespanhoes, uma nau portugueza e dois pataxos, e se fez de vela para a Europa no dia de San Filippe e Santiago, 1.º de Maio de 1584; e allegando este motivo ordenou que de S. Filippe se chamasse o forte. Era como querer justificar-se da adulação que rendia ao soberano.—Daqui veiu talvez a idéa a Fructuoso Barbosa de chamar depois á povoação *Cidade Filippea*.

Emquanto os Castelhanos seguiam acabando o forte, os auxiliares de Pernambuco, pretextando não quererem estar ociosos, sairam a bater o campo, caminho do sertão. Depois de haverem injustamente destruido uma taba dos Indios, foram mui mal tratados em uma cilada, que os mesmos offendidos ou seus amigos lhes armaram n'um sitio chamado *Leritibe* J), ou campo das ostras, e, com perda de mais de cincoenta colonos e de centenares dos Indios domesticos, tiveram que refugiar-se á sombra do forte, ficando muitos atolados e mortos pelos tujucaes, e recolhendo-se por fim os restantes a Olinda tão enfadados da jornada como se pode crer.

Com esta victoria tomaram os Indios visinhos folego, e começaram a hostilisar a colonia; a ponto de lhe pôrem sitio, apertando este, cada vez mais, com o auxilio dos Francezes, por circumvalações e zigue-zagues feitos durante a noite com troncos de palmeiras. Chegando porém por mar com soccorro o capitão de Itamaracá Pedro Lopes, o alcaide, deixando-o no forte, foi com as embarcações chegadas e as que ali havia, ao rio Mamanguape, onde estavam duas náos de França, sem as tripolações, que pela maior parte achavam-se em terra, auxiliando os sitiadores Indios. Conseguindo queimal-as, e voltando logo á Parahiba, acometteu os sitiadores de modo que os obrigou a retirar. Não du-

---

[11]) Castrejon, segundo outros. Seguimos a orthographia mais autorisada. [Sarmiento, *Arch. de Indias*, 5, 341, 403, chama-o Morejon; Peraza chama-o Castrejon].

J) Reritibi, com o r inicial brando. A lingua geral não tinha L.

raram porêm muito os effeitos da victória; os contrarios robustecidos pelo auxilio de um novo alliado, que se lhes aggregou o valente *Pirajyba* 12), que pouco antes havia nas serras destroçado certa escolta de uns cem, que como um Gaspar d'Ataide e Francisco de Caldas se haviam aventurado até lá K) ameaçaram senhorear-se da nascente colonia, e ao depois, se triunfantes, as de Itamaracá e Pernambuco. Então estas duas capitanias visinhas, conscias de quanto mais lhe interessava guerrear longe o inimigo commum, prepararam um forte soccorro. Constava de perto de duzentos de cavallo e tresentos de pé, afóra os Africanos e os Indios em grande número. Mandava os novos auxiliares o ouvidor Martim Leitão, que para o cargo de ouvidor que occupava fôra nomeado em 9 de Setembro de 1583. Por immediato, com o titulo de mestre de campo, ia Francisco Barreto, seu cunhado. Acompanhavam-o Micer Hyppolito „antigo e mui practico capitão da terra, "Gaspar Dias Moraes, soldado de Flandres", os capitães de ordenanças de Olinda Simão Falcão e Jorge Camello, os do Cabo e de Igaraçú João Paes e João Velho Rego; e além destes, mais dois capitães chamados "de mercadores", que forão Fernão Soares e Ambrosio Fernandes L).

Deixando de contar as prevenções adoptadas na marcha por terra, basta saber que os auxiliares pernambucanos não chegaram ao forte senão depois de baterem, em dois recontros, os do Pirajyba que lhes disputaram o passo, — primeiro em um morro,

12) „Braço de Peixe" traduz o A. contemporaneo. Talvez o nome significasse "Espinha" alcunha mais rasoavel, e mais propria de guerreiro.

K) Residia primitivamente nas margens de São Francisco, e ajudara as entradas dos colonos contra os Petiguares, pois era tabajara, isto é tupiniquim. O procedimento dos aventureiros tornou-o seu inimigo, obrigou-o a emigrar e unir-se com os Pitaguares da Parahyba. Cf. F. Vicente, *Historia*, 4.

L) Ambrosio Fernandes Brandão, chamava-se. Foi depois senhor de engenho na Parahiba, capitão de infantaria e pode bem ser o autor dos *Dialogos das grandezas do Brasil*. Cf. na *Revista do Inst. Arch. de Pernambuco*, **11**,559/573 um estudo de quem escreve esta linha.

junto dos tujucaes do Tibery, cobertos a seu modo por cahiçáras, e senão depois de errarem pelos mattos, abrindo picadas, e destruindo mondeos, e queimando tabas e mantimentos, afim de privar delles e dellas os contrarios, isto por toda a margem direita do Parahiba até abaixo do Tambahy, acima da ponta do Cabedêlo, onde foram passar o rio em barcos. — Chegados ao forte, e vendo-o já desafogado dos sitiantes, parte dos quaes eram os vencidos no Tibery, resolveram recolher-se de novo a Olinda, depois de haverem feito, sem resultados, uma sahida para o sertão até a planicie das ostras. No forte, apenas dos auxiliares ficou Pedro Lopes, com alguma gente sua.

Em má hora porém haviam os de Olinda determinado retirar-se. Os que ficaram, enfadados logo da soledade, e depois das doenças do sitio, e das perseguições do inimigo, e do desamparo e da fome, começaram a esmorecer, e a buscar pretextos para queixumes; isto durante dois mezes; até que no de Junho, attendidos menos do que disseram queriam ser, queimaram o forte, botaram a artilheria ao mar, metteram a pique um navio que ahi ficára para os proteger, e se recolheram a Itamaracá [13]). Naturalmente Castejon e Pedro Lopes se dariam para isso as mãos M). E eis que depois de tantos trabalhos e de tantos gastos, tudo estava como antes. No rio Parahiba não existia se quer uma casa!

O que porém não tinham podido conseguir os Europeos e Pernambucanos, apezar de tantos esforços baldados, e gastos perdidos, e victimas sacrificadas, e trabalhos sem fructo, vai ser feito pelos proprios Indios, com as suas tristes desuniões continuadas, tão proveitosas sempre aos invasores. Se da união nasce a força, da desunião sómente fraqueza resulta; — e o maior ascendente que em todos os paizes tem tido a civilisação sobre a

---

[13]) C. de Leitão a el-rei de 12 de Julho de 1585; e C. regia a Fructuoso Barbosa de 1° do Outubro do mesmo anno (Copias no Inst. Hist.).

M) Sobre a attitude de Pedro Lopes, *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, 36, I, 43.

barbarie vem do que esta, composta de elementos dissolventes, não se une, ao passo que a nação civilisada, que com ella se põe em contacto, tem nas suas mesmas leis os laços da união. Brigado o Pirajyba com os Indios a quem se alliára N), porque estes o trataram de covarde, por não haver sustentado o passo do Tibery (apezar que a peleja esteve alli tão renhida, que a decidiu não a cobardia dos contrarios, senão o valor dos auxiliares), é certo que da briga houve conhecimento em Pernambuco. E não faltou quem della tirasse partido; como entre nós mesmos, gente que nos prezamos de civilisados, não falta quem faça operar em beneficio proprio, ou dos seus, as forças negativas das inimisades alheias. Trataram os de Pernambuco de angariar o Pirajyba, promettendo-lhe soccorros para se vingar dos que o haviam ultrajado; e como no Barbaro o instincto da vingança é superior a tudo, acceitou o homem a offerta: e logo João Tavares, escrivão da Camara e Juiz dos orfãos de Olinda, partiu para a Parahiba e no dia 5 de Agosto, que era o de Nossa Senhora das Neves, subia o rio, quando se avistou com chefe Indio, justamente no sitio fronteiro ao varadouro, que veiu a ser escolhido para fundar-se a cidade, que foi chamada de N. S. das Neves, sobre a chapada de uma montanha que se eleva sobre o mesmo varadouro, á margem direita do rio, tres leguas acima da sua barra, aonde se estendem as marés O). E' porém inquestionavel que melhor situada houvera ficado, como cidade maritima, na peninsula visinha ao Cebedêlo, de local mais lavado de ares, sem dependencia das marés, e mais defensavel, e de facil fiscalisação a alfandega.

N) A briga é facil de comprehender si nos lembrarmos que Piragybe era tupiniquim ou tabajara e os Indios da Parahiba eram petiguares.

O) Em Agosto de 88, João Tavares entregou a Parahiba a Fructuoso Barbosa, segundo um documento de que o Inst. Hist. possue cópia, a carta regia de 26 de Março do anno seguinte. Fructuoso Barbosa, depois de muitos attritos com Pedro de la Cueva, commandante da fortaleza, retirou-se para o reino. Substituio-o André de Albuquerque. Fr. V. do Salv., 4, 22. João Tavares falleceu em 1590: Jaboatão, *Orbe Seraphico* 2, 2, 73. Foi pai de dois franciscanos notaveis, Fr. Manoel da Piedade e Fr. Bernardino das Neves.

D'ahi a tres mezes, ia Martim Leitão com muita gente a povoar a terra. Depois de estudar os arredores, com Manuel Fernandes, «mestre das obras d'elrei», designou o local para o novo forte, no dia 4 de Novembro de 1585, sobre a dita chapada, junto do afluente *Sanhoá*, de meia legua, cercada d'agua, e com muita pedra[14]) de construcção perto. — Traçou-o com quinze braças de vão em quadro, e duas guaritas ou baluartes, que com oito peças flanqueavam as faces. Sobre a porta se levantou uma torre para o capitão, com duas varandas; tambem se fez uma casa com armazens para o almoxarife. O official allemão Christovam Linz ficou dirigindo a obra, com a gente do trabalho, emquanto os da milicia effectuaram tres correrias, na segunda das quaes chegaram muito além da bahia da Traição, afugentando della uma náo de França, destruindo tres ferrarias que encontraram, vencendo em dois recontros os Indios, e trazendo muitos mantimentos. E na terceira, em Dezembro de 1586, sairam os auxiliares com os do Pirajyba a atacar os Indios da serra da Capaoba, cinco jornadas para o sertão, e actualmente denominada *serra da Raiz*. Voltadas depois as armas para o mar, passaram a derrotar o Indio chamado do Tujucopàpo, nome que vale o mesmo que tujucaes ou tremedaes. — Seguiu-se a obra de outro forte e de um engenho no Tibery.

Emquanto tantos esforços se faziam do lado do Norte, para occupar a Parahiba, os Aymorés repetiam do Sul da Bahia seus ataques. Foram contra elles mandados, com muitos Indios e Africanos, Diogo Corrêa de Sande e Fernão Cabral d'Ataide P).

Manuel Telles Barreto falleceu no governo, correndo o anno de 1587 Q). Do seu tempo encontramos noticia de tres grandes

---

[14]) A pedra é um grés calcareo mui facil de ser lavrado e trabalhado, como a chamada pedra *boroeira* das antigas cathedraes gothicas; mas ás vezes tem transições a verdadeiro marmore calcareo, de que se faz cal, com a qual bem se poderiam abastecer as outras provincias do Imperio.

P) Fr. Vicente do Salvador, *Historia*, 4, 20.

Q) Informa Fr. Vicente que Manuel Telles Barreto falleceu em 1587; a 10 de Agosto, precisa Jaboatão, *Orbe Seraphico, Ined.*, 43. Entretanto a ultima indicação não pode ser exacta. Fr. Vicente, contemporaneo e bahiano,

sesmarias conferidas pela corôa. A primeira, de doze leguas de terras, nas margens do rio Real, em 24 de Fevereiro de 1583, a Brites de Carvalho, viuva de Duarte Dias de Carvalho, fallecido em Africa; a segunda de cinco mil braças em Itamaracá, que eram de Bento Dias de Santiago, e que, por haverem prescripto, foram dadas a D. Jeronyma d'Albuquerque, em 6 de Janeiro de 1584; a terceira, de uma legua de comprido e duas de largo, concedida em 30 d'Agosto do mesmo anno (1584) a Vicente Rangel de Macedo, em Hurataýp, junto de Jaguaripe.

A administração do mesmo Barreto deveu sem dúvida o Brazil todo os maiores serviços. Cassou os processos iniciados contra alguns moradores pelo despotico ouvidor Rangel; fomentou as composições dos roceiros com os traficantes d'escravos, afim de serem estes pouco a pouco embolsados, sem prejuizo da agricultura R); alcançou [15]), depois de ver com horror o mallogro de duas tentativas, que um Alvaro Rodrigues chegasse ás minas de salitre; zelou o pagamento das dividas á Fazenda, pelas quaes foi preso o almoxarife de Pernambuco Vicente Corrêa, e era perseguido no Reino, pelo juiz de India e Mina, o provedor Miguel

---

affirma que o ataque de Withrington e Lister á Bahia se deu já no governo interino, que substituiu o governador morto. Ora pela narrativa de John Sarracoll, impressa na collecção Hakluyt, sabemos que os corsarios inglezes appareceram a 11 de Abril de 1587 e se detiveram até começo de Junho (estylo juliano).

R) Foi este governador mui amigo e favoravel aos moradores e o que mais esperas lhes concedeu para que os mercadores os não executassem nas fabricas de suas fazendas e quando se lhe iam queixar disso os despedia asperamente, dizendo que elles vinham a destruir a terra, levando della em tres ou quatro annos que ca estavam quanto podiam, e os moradores eram os que a conservavam e accrescentavam com seu trabalho e haviam conquistado a custa de seu sangue. Fr. Vicente do Salvador, *Historia*, **4**, 18.

[15]) Estas tentativas foram primeiro uma escolta de quarenta homens, e depois uma segunda de setenta, mandados por Braz Pires Meira, que lá ficaram todos victimas da traição dos Indios. [Fr. Vicente do Salvador, *Historia*, **4**, 20].

Gonçalves Vieira, que se escapára S); e finalmente cumpriu, até onde lhe foi dado, a sua principal missão, que era cuidar da defensa do Brazil. Sollicitou e alcançou para as principaes cidades artilheria e munições; e fez que em todas se construissem alguns fortes, pedindo para isso do Reino um *fortificador*; na Bahia, onde ja em seu tempo estavam por terra as muralhas, levantou duas estancias sobre a barra, e mandou fazer duas galés para servirem de canhoneiras. As informações e influencia de Telles Barreto attribuimos tambem ainda a lei repressiva acerca do captiveiro dos Indios de 22 de Agosto de 1587, bem com o regimento de 25 de Setembro desse mesmo anno, criando uma relação neste Estado, o que não se levou desta feita adiante, como diremos na seguinte Secção T).

Ao governo do mesmo Barreto, ou antes á epocha da colonisação da Parahiba, anda tambem associada a do estabelecimento no Brazil de tres ordens religiosas; a saber: dos Benedictinos, de Franciscanos Capuchos de Santo Antonio, e dos Carmelitas observantes. — Os primeiros já em 1584 [16]) ficavam estabelecidos na cidade do Salvador, e pouco depois, protegidos por Salvador Corrêa,

---

S) Vindo a esta capitania e á de Tamararca com o cargo de provedor mór a ver e prover no que convinha á fazenda de Sua Magestade, começando a entender nos livros d'alfandega e em receita d'almoxarife e outras cousas de fazenda, achei ter o provedor desta alfandegá feitos grandes roubos e furtos á fazenda de Sua Magestade pelo que o prendi e suspendi do cargo que servia, e por ser pessoa poderosa e muito aparentada na terra, o prendi em sua casa para o segurar, e mandei precatorias a Martim Leitão, ouvidor-geral, que agora aqui está, em que requeria o metesse na cadea, a que elle não deferiu a nenhuma dellas antes lhe deu o favor e ajuda com que se embarcou para essa cidade. Carta de Martim Carvalho de... Setembro de 1584. (B. N.).

T) Figueiredo, *Synopse chronologica*, 2, 238, 239, 242.

[16]) Barreto, em carta a el-rei, de 14 de Agosto de 1584, respondendo a outra de recommendação em favor dos Benedictinos, diz que «haviam sido mui bem recebidos, que iam em crescimento, mas que necessitavam que S. M. lhes fizesse alguma esmola por conta da Fazenda. Foi só no capitulo

passaram a organisar outra abbadia no Rio de Janeiro [17]) e por provisão do Bispo D. Antonio Barreiros, outra em Olinda em 1596. E se foram estendendo até contar no Brazil sete abbadias e varias presidencias. Mais se propagaram os Capuchos. A primeira introducção destes foi devida a Jorge de Albuquerque, o qual, sendo Geral em Portugal Fr. Francisco Gonzaga, os pedio para a sua capitania, e lhe foi mandado como custodio Fr. Melchior de Santa Catherina, acompanhado de mais cinco frades: isto em virtude das lettras passadas pelo dito Geral em 13 de Março de 1584 [18]). Chegaram ao Recife em Abril de 1585, e tomaram posse da hermida de *N. Sra. das Neves*, em 25 de Outubro. A nova custodia de Olinda, ainda sujeita a Portugal, foi confirmada por bulla de Xisto X, de 3 de Setembro de 1586. Organisando-se em provincia independente se dividiram depois em duas; guardando uma com a cabeça na Bahia, o mesmo nome, e tomando a outra o « da Conceição do Rio de Janeiro », cidade onde fixou a sua casa capitular [19]). — Os Carmelitas observantes vieram pelo mesmo tempo: fundaram primeiro conventos em Olinda U) e em Santos; e chegaram tambem a

---

de Pombeiro (em 1581) que a Congregação de Portugal admittiu a nova abbadia, e elegeu para ella o P.e Fr. Antonio Ventura. *Rev. do Inst.*, **2**, 435.

[Sobre os Benedictinos do Rio, Ramiz Galvão na *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, **35**, II, reimp. aparte em 1879. Os de Pernambuco obtiveram varias concessões de Jorge de Albuquerque, dadas em 81].

17) *Ann. do R. de Jan.*, **6**, 275 e seg.

18) Um alv. de 12 de Outubro de 1581 concedeu-lhes *de ordinaria*, uma quarta de farinha para hostias; uma quarta de azeite para a lampada; duas arrobas de cêra e uma pipa de vinho. O mesmo foi concedido 36 annos depois para os novos conventos do Rio, Pojuca e Recife. [Jaboatão, *Orbe Seraph.*[2], **2**, 176 e seg. *Ibidem* se encontram a carta do Geral e outros documentos].

19) H. [?] VII, 212 e seg. [Pizarro, *Memorias*, **7**, 238 e seg.].

U) Já vimos que os Carmelitas vindos com Fructuoso Barbosa não fizeram fundação e tornaram para o reino. Quatro que mais tarde apportaram a Pernambuco, Fr. Domingos Freire, superior com o titulo de vigario, Fr. Bernardo Pimentel, Fr. Antonio Pinheiro, Fr. Alberto de Santa Maria, em 1589 obtiveram licença do Donatario para se estabelecer e desde logo lhes foram feitas varias doações. Foi o convento de Olinda por sua antiguidade cabeça

constituir duas provincias, uma nas capitanias do Sul e outra nas do Norte. Os Carmelitas calçados entraram mais tarde, e delles, como de outras communidades, nos occuparemos ao diante. — Aqui basta só consignar que os conventos cresceram logo em numero tal que foi necessario á côrte prohibir [20]) a fundação de mais, sem licença regia.

Para concluir consignemos aqui que em 1586 foi a Pernambuco [21]) um peruleiro que contou como um seu irmão, fugido do Perú, descêra até o Amazonas, depois de atravessar duas caxoeiras, e dali passára ás Indias occidentaes.

---

de todos os do Brazil, nelle assistiram os vigarios provinciaes até o anno de 1603, em que os Hollandezes senhorearam Pernambuco. Loreto Couto, *Desaggravos do Brasil*, 3, II, 16.

[20]) C. R. de 16 de Outubro de 1609. Em 23 de Fevereiro de 1624 foram fixadas as condições para a edificação de mais conventos de Santo Antonio no Brazil. Pelo Alv. de 22 de Junho de 1723 se prohibiram novos conventos.

[21]) *Dial. das Grand. do Brasil.*

SECÇÃO XXIII

O BRAZIL EM 1584. — MISERICORDIAS, LITTERATURA CONTEMPORANEA

O Brazil e Gandavo e Camões. Gabriel Soares. Fernão Cardim. Seus serviços. Situação das capitanias. Parahyba. Itamaracá. Pernambuco. Engenhos, riqueza, luxo, etc. A Bahia. População. Edificios. Trato. Riqueza. Ilheos. Porto Seguro. Duque d'Aveiro. Espirito Santo. Rio de Janeiro. Seu adiantamento. S. Vicente e Santo Amaro. Atrazo das capitanias do Sul. Suas villas. S. Paulo: seus habitantes. Producção total do assucar. Importações. Riqueza. Misericordias e irmandades. Leis absurdas. Camões e seus contemporaneos. Goes e Sá de Miranda. Pedro Nunes. O sol dos Tropicos.

E' tempo de pararmos um pouco a contemplar os progressos feitos durante meio seculo de colonisação. Porém antes cumpre que dediquemos algumas linhas para dar a conhecer dois escriptores contemporaneos, que nos vão servir de guias, e que fazem ja honra ao Brazil-colonia, onde muitos annos viveram, e onde falleceram.

As obras de Gabriel Soares e de Fernão Cardim não só se devem considerar como producções litterarias de primeira ordem no seculo XVI, mas tambem, principalmente com relação ao nosso fim, como verdadeiros monumentos historicos, que nos ministram toda a luz para avaliarmos o estado da colonisação do nosso paiz, na epocha em que escreveram, o 1º em 1584 e o 2º um anno antes A).

A) A estes dois autores deve-se accrescentar Anchieta, cujos *Informações e fragmentos* completam a mais de um respeito Gabriel Soares e Fernão Cardim. Fundado nellas, Rio Branco avalia a população das colonias portuguezas do Brasil em cerca de 57.000 habitantes, dos quaes 25.000 brancos, 18.500 indios mansos e 14.000 escravos africanos: *Le Brésil en* 1889, 116.

Como producção litteraria, a obra de Soares é seguramente o escripto mais producto do proprio exame, observação e pensar, e até diremos mais encyclopedico da litteratura portugueza nesse periodo. Nos assumptos de que trata, apenas fôra precedido uns dez annos pela obra [1]) muito mais laconica, mas que lhe serviu de estimulo, do grammatico Pero de Magalhães de Gandavo, autor que publicou o primeiro livro em portuguez acerca do Brazil, e que ainda mais estimamos por haver sido amigo de Camões, e por haver, por assim dizer, posto em contacto com o nosso paiz o grande poeta, quando este escreveu em verso a epistola offerecendo a D. Leoniz Pereira, antigo governador de Malaca,

« A breve historia sua que illustrasse
A terra Santa Cruz pouco sabida [2]) ».

Nos Lusiadas apenas Camões se lembrou do Brazil, escrevendo uma vez este nome, e outra o de *Santa Cruz* [3]), nunca o de America.

Seja embora rude, primitivo e pouco castigado o estylo de Soares, confessamos que ainda hoje nos encanta o seu modo de dizer; e ao comparar as descripções com a realidade, quasi nos abysmamos ante a profunda observação que não cançava, nem se distrahia variando de assumpto B).

---

1) «*Historia da provincia Sancta Cruz a que vulgarmẽte chamamos Brasil*: feita por Pedro de Magalhães de Gandavo», etc. anno 1576. Acha-se reimpressa no Tom. 21 da *Rev. do Inst.* [e o foi tambem em Lisboa, no anno de 1858 e traduzida em francez na collecção do benemerito Ternaux-Compans. Gandavo escrevera antes da *Historia* um tratado do Brasil publicado no quarto volume das *Noticias para a hist. e geog. das nac. ultram.*, Lisboa, 1826].

2) Camões: Ded. da obra de Gandavo. [*Rev. Trim. do Inst. Hist.*, Rio, 1858].

3) « De Santa Cruz o nome lhe poreis ». Camões **10**, 140 ; Veja tambem Ib. **2**, 45 ; **5**, 4 ; **7**, 14 : **10**, 63 e 139.

B) Zeferino Candido consagrou um capitulo inteiro de seu livro *Brazil* á demonstração de que Gabriel Soares não foi o verdadeiro autor do *Tratado descriptivo*.

Seus argumentos são em resumo:

1.º Barbosa Machado, em quem Varnhagen se apoiou para affirmar a identidade, condimenta suas affirmações de tantos erros que suas palavras não inspiram confiança ;

Como corographo, o mesmo é seguir o roteiro de Soares que o do Pimentel ou de Roussin; em topographia ninguem melhor do que elle se occupou da Bahia; como phytologo faltam-lhe naturalmente os principios da sciencia botanica, mas Dioscorides ou

---

2.° Varnhagen, ora affirmando que nada se sabe de Gabriel Soares, ora traçando-lhe uma biographia completa, mostra a pouca segurança de suas convicções;

3.° Ferdinand Dénis em 1837 disse poder demonstrar que o *Tratado* tinha por autor Francisco da Cunha;

4.° O autor falando de si na primeira pessoa e de Gabriel Soares na terceira, mostra bem que se trata de pessoas differentes;

5.° As interpolações do *Tratado* não permittem acceitar-se a data de 1584, fixada por Varnhagen para a composição do livro.

A força desta argumentação é só apparente:

1.° Antes de Barbosa Machado, ja Pedro de Mariz tinha citado e extractado o livro de Gabriel Soares, e o additador de Pinelo assignalado sua existencia na bibliotheca do conde de Vimioso. Os erros da *Bibliotheca Lusitana*, incontestaveis, e diga-se tambem inevitaveis, porque eram desconhecidos os documentos e desde 1624 Simão Estaço da Silveira começara a confundir os factos, não podem ter effeito retroactivo.

2.° Varnhagen no que escreveu antes de 1858 affirmou ignorar-se tudo a respeito do autor do *Tratado*. Em 1858 João Francisco Lisboa encontrou varios documentos na Torre do Tombo, mais um capitulo da obra de Fr. Vicente, e deu-se pressa em communical-os ao autor da *Historia geral*, que logo os publicou na revista do Instituto Historico. Que culpa tem elle de Zeferino Candido considerar simultaneas publicações separadas por vinte annos, e de attribuir-lhe contradicções que não existem na realidade?

3.° Si em 1837 Ferdinand Denis attribuiu o *Tratado* a Francisco da Cunha, vinte e sete annos mais tarde, em 1864, escrêveu: il est reconnu *aujourd'hui* que ce livre si remarquable, composé en 1587 par Gabriel Soares...: Yves d'Evreux, *Voyage dans le nord du Brésil*, 418 e *passim*, Leipzig, 1864.

4.° Berredo, nos *Annaes de Maranhão*, § 19 escreve... defensas exteriores (a que ja tinha dado principio o governador Pereira de Berredo...; e logo no § 20 lê-se: por ser tirado dos meus proprios exames, quando governei aquelle Estado.

Seria licito concluir dahi que Berredo não é o autor dos *Annaes*, porque na mesma pagina fala de si na primeira e na terceira pessoa? Gabriel Soares fala de si na terceira quando quer dar uma noção geographica, como na descripção dos engenhos, na viagem de Adorno, etc.

5.° E' impossivel evitar interpolações em manuscriptos, e a nota marginal com o tempo encorpora-se fatalmente ao texto. Admira que tão poucas

Plinio não explicam melhor as plantas do velho mundo que Soares as do novo, que desejava fazer conhecidas. A obra contemporanea que o jesuita José de Acosta publicou em Sevilla em 1590, com o titulo de *Historia Natural e Moral das Indias*, e que tanta celebridade chegou a adquirir, bem que pela fórma e assumptos se possa comparar á de Soares, é-lhe muito inferior quanto á originalidade e cópia de doutrina. O mesmo dizemos das de Francisco Lopez de Gomara e de Gonçalo Fernandez de Oviedo. O grande Azara, com o talento natural que todos lhe reconhecem, não tratou instinctivamente, no fim do seculo passado, da zoologia austro-americana melhor que o seu predecessor portuguez; e n'uma ethnographia geral dos povos barbaros, nenhumas paginas poderão ter mais cabida pelo que respeita ao Brazil, que as que nos legou o senhor de engenho das visinhanças do Jequiriçá. Causa pasmo como a attenção de um só homem poude occupar-se em tantas coisas «que juntas se veem raramente,» — como as que se contêm na sua obra, que trata a um tempo, em relação ao Brazil, de geographia, de historia, de topographia, de hydrographia, de agricultura entretropica, de horticultura brazileira, de materia medica indigena, das madèiras de construcção e de marcenaria, da zoologia em todos os seus ramos, de economia administrativa até de mineralogia [4]).

---

interpolações existam no *Tratado descriptivo*, e isto só se explica pelo facto de terem vindos poucas cópias, e só tarde, ao Brasil.

Passemos a examinar outra questão em que Zeferino Candido tambem tocou: qual o anno da composição do *Tratado descriptivo*? Varnhagen, attendendo ao momento em que Gabriel Soares deixa as guerras da Parahiba, fixa a data em 1584, até certo ponto com rasão, pois agora sabemos por Sarmiento que em Setembro daquelle anno Gabriel Soares apportou a Pernambuco, de viagem para a Europa. Entretanto o prologo escripto em Madrid em alguns codices traz 1587, em outros 1589.

Ambas as datas são possiveis. Uma obra como o *Tratado* pedia annos.

4) A primeira edição começou-se na typographia do Arco do Cego, in fol.; mas não se concluiu, nem se expoz ao públicó: realizou-se a publicação pela primeira vez nas *Memorias* da Academia de Lisboa em 1825, no t. III das do Ultramar. Os primeiros 29 capitulos se deram do novo á luz pelo MS. da Bibl

Pouco depois de haver o Brazil passado ao dominio do rei de Hespanha, avisava profeticamente ao governo da metropole o dito Gabriel Soares:

« Vivem os moradores tão atemorisados, que estão sempre com o fato entrouxado para se recolherem para o matto, como fazem com a vista de qualquer náo grande; temendo serem corsarios: a cuja affronta S. M. deve mandar acudir com muita brevidade; pois ha perigo na tardança, o que não convem que haja; porque, se os estrangeiros se apoderarem desta terra, custará muito lança-los fóra della, pelo graude aparelho que tem para nella se fortificarem; com o que se inquietará toda a Hespanha, e custará a vida de muitos capitães e soldados, e muitos milhões do ouro em armadas, e no aparelho dellas, ao que agora se pode atalhar acudiudo-lhe com presteza devida ».

A obra de Fernão Cardim, que só viu a luz em Lisboa, em 1847, com o titulo posto pelo editor (o proprio autor desta historia) de *Narrativa epistolar*, por constar verdadeiramente de duas cartas que dirigiu ao provincial da Compauhia em Portugal, é seguramente mais insignificante e destituida de merito scientifico que a precedente; entretanto recommenda-se pelo estylo natural e fluente, e pela verdade da pintura feita com os objectos á vista, e as impressões, ainda de fresco recebidas, dos encantos virgens que regalavam os olhos de quem acabava de deixar a Europa nos fins do inverno.— Cardim, que havia chegado ao Brazil com o governador Telles Barreto em 1583, prestou depois [5]) á Com-

---

R. de Paris, no jornal «O Patriota Brazileiro», Paris, 1830. Porêm a edição mais correcta é a do Rio de Janeiro em 1851 [reimpressa ha poucos annos], com os commentarios que lhe juntou o A. da presente historia, quando primeiro secretario do Instituto. Soares partiu para Europa em 1584 (Carta de Christ. de Barros de Ag. de 1584) depois de haver feito testamento na Bahia em 10 de Ag. deste anno, approvado em 21 do mesmo mez.

[5]) Cardim entrára na Companhia em 1555, de 15 annos de idade, e falleceu em 27 de Janeiro de 1625; por conseguinte com 85 de idade.

[Cardim era natural de Vianna do Minho; serviu de reitor primeiramente na Bahia, depois no Rio, onde seu nome figura a proposito da fazenda de

panhia, da qual foi mais tarde eleito provincial no Brazil (cargo que exerceu ainda muitos annos do seculo seguinte), serviços importantes, no número dos quaes devemos incluir o haver a ella attrahido tão valente campeão como veiu a ser o padre Antonio Vieira.

Passemos porêm a approveitar do conteúdo destas obras, para offerecer aos olhos do leitor um quadro do estado em que se achavam então as differentes capitanias que existiam no Brazil.

A Parahiba acabada de fundar tinha um engenho em construcção por conta da Fazenda. Começava esta nova capitania a render ao Estado quarenta mil cruzados, que em tanto se arrendou o seu contracto do páo-brazil.

Na ilha de Itamaracá, do mesmo donatario que Santo Amaro, seguia prosperando a pequena villa da Conceição, situada no seu extremo meridional; e nos rios ou córregos immediatos moiam tres engenhos.

Passemos a Pernambuco, que era então sem dúvida a capitania mais adiantada e rendosa, e de todo o Brazil a única em que realmente havia ja luxo e trato cortesão. Contavam-se nesta capitania mais de dois mil colonos e outros tantos mil escravos: daquelles mais de cem teriam passante de cinco mil cruzados de renda, e alguns de oito e dez mil. E dava-se na terra a circumstancia de serem todos gastadores, de modo que

---

Santa Cruz, pertencente á Companhia de Jesus; em 1598 foi a Roma como procurador da provincia; em 1601, quando tornava em companhia do visitador João de Madureira, corsarios inglezes aprisionaram-no e levaram-no para Inglaterra; conseguindo fugir veio em 1605, como provincial do Brasil; foi muitos annos reitor na Bahia, onde morreu quando a cidade estava invadida pelos Hollandezes. Dois pequenos tratados seus, um sobre o clima e producções naturaes, outro sobre os Indios, tomados pelos corsarios, foram traduzidos em inglez e impressos na collecção de Purchas, no mesmo anno da morte do autor. Os originaes encontrados em Evora imprimiram-se na revista do Instituto e na da Sociedade de geographia, sem nome do autor. O dos Indios, publicado aparte por conta de Ferreira de Araujo, enriquecido de um importante glossario devido a Baptista Caetano, o revisor desta edição deu á luz em 1881.

ainda com taes rendas, que eram enormes para aquelle seculo, havia muitas dividas, em virtude dos escravos de Guiné que morriam em grande número. — Eram frequentes as festas e os jantares; trajavam os homens veludos, damascos e sedas, e dispendiam briosamente com cavallos de preço, com sellas e guiões, das mesmas sedas da roupa. Para o complemento do luxo de hoje só faltariam carruagens, que em Pernambuco e outras terras do Brazil nem tinham ainda entrado, segundo parece, no tempo de Vieira[6]. — Além dos cavallos, havia cadeirinhas, ou palanquins, introduzidas da Asia, e que ainda se vêem em tão grande numero na Bahia, e as serpentinas ou tipoias que eram como liteiras ou padiolas feitas de uma rede, e levadas por dous homens. Só em vinhos se consumiam annualmente em Pernambuco muitos mil cruzados. Filhos da villa de Vianna eram a melhor parte dos ricaços da terra; e a tal ponto tinham ali influencia que, diz o Jesuita, talvez por graça, em lugar de *Aqui d'El Rei* se gritava *Aqui de Vianna*! Admirava-se o padre visitador C) dos leitos de damasco carmesim, franjados de ouro, das ricas colchas da India," que lhe offereciam na cama de dormir, e dos presentes, visitas e convites que recebia. Segundo o testemunho de Cardim, havia então na capitania sessenta e seis engenhos, que lavravam por anno duzentas mil arrobas de assucar, de modo que eram necessarios quarenta ou mais navios para o levar D). Possuia Olinda uma boa igreja matriz, quasi acabada, de tres naves, e muitas capellas, — um collegio da Companhia, com licções de casos, de latim, e de primeiras letras, e

---

[6]) Sermões, VIII, 436.

C) Christovam de Gouvea.

D) Quando Cardim estava em Pernambuco faleceu a viuva do velho Duarte Coelho, D. Brites de Albuquerque, entre os mezes de Julho e Outubro de 1581. Informa José Anchieta, *Ann. da Bibl. Nac.*, **19**, 63: D. Beatrix Albuquerque, illius populi gubernatrix et quasi mater, defuncta est hoc anno. Pouco antes de sua morte deu 250 cruzados á Companhia; em suas exequias, pomposamente realisadas no collegio, fez-lhe a oração funebre o bispo D. Antonio Barreiros, que antes fora Prior de Avis, como informa Fr. Vicente do Salvador, que foi seu vigario geral.

boa casaria de pedra e cal. Em Pernambuco, exclamava Cardim, se encontra mais vaidade que em Lisboa! As senhoras tambem ostentavam luxo, e gostavam mais de festas que de devoções. No Recife apenas havia um começo de povoado com alguns armazens, e uma ermida com a invocação do Corpo Santo. O páo-brazil estava arrendado, por dez annos, em vinte mil cruzados cada anno; e o dizimo dos engenhos em dezenove mil. O donatario Jorge d'Albuquerque cobrava para si uns dez mil cruzados do tributo do pescado, redizima e outras rendas. No Sul da capitania, para as bandas do Porto Calvo, se ia estabelecer Christovam Linz, que chegou a possuir sete engenhos.

Quanto á Bahia, capitania da corôa, mais conhecida que as outras a deixamos pelo seguimento da nossa historia: havia então nesta capitania tambem uns dois mil colonos, quatro mil escravos africanos, e seis mil Indios christianisados. Exportava annualmente para cima de cento e vinte mil arrobas d'assucar (o melhor de toda a costa) de seus trinta e seis engenhos; donde resultava que o termo medio do producto de cada engenho regulava por tres mil e trezentas arrobas. Contava dezeseis freguezias, um collegio dos Padres, um mosteiro de S. Bento e outro de Capuchos E), além de mais quarenta igrejas e capellas. Os barcos e canoas de remo, só no Reconcavo, avaliavam-se em mil e quatrocentos, — Tinha já a cidade do Salvador bons edificios, porêm a sé estava, como a de Pernambuco, por concluir. Havia nella cinco dignidades, seis conegos, dois meios conegos, quatro capellães, um cura e coadjutor, quatro moços de coro e mestre de capella dos quaes muitos não eram sacerdotes, em geral mais mal pagos que os capellães dos engenhos; cujos logares os ecclesiasticos preferiam. O edificio do collegio era grande, bem acabado: e havia nelle aulas de theologia, de casos, duas de humanidades, um curso d'artes, além das primeiras lettras. Tinha de renda

E) O mosteiro de Capuchos foi estabelecido mais tarde.

trez mil cruzados, e sustentava de ordinario uns sesseuta discipulos. Entre os habitantes uotava-se igualmeute muita abundancia rico trato, si bem que menos luxo que em Peruambuco. Nas casas havia bons serviços de prata. As seuhoras tinham bastante joias. Tambem se viam cavallos bem ajaezados, e até os peões trajavam de setim e damasco, e suas mulheres vasquinhas e jibões das mesmas telas. E pois que nestas capitanias as communicações se faziam principalmeute por agua, eram os jovens Bahianos menos amigos de montar a cavallo que os Pernambucanos. — A capital contava apenas oitocentos moradores livres, e as casas não passavam ainda fóra das portas de S. Bento e do Collegio, ou sé actual. As rendas da Camara não excediam de cem mil réis auuuaes.

Seguem as tres capitanias dos Ilhéos, Porto-Seguro e Espirito Santo, que apezar de seu fecundo solo, e dos muitos rios que as retalham, e dos frequentes portos que offerecem ao commercio, haviam progredido mui pouco, como seguiu succedendo até hoje. — Tão nociva lhes foi a influencia da falta de uma colonisação simultanea, que podesse absorver os selvagens, em vez de se deixar por elles tragar.

A capitania dos Ilheos achava-se reduzida á villa de S. Jorge, apeuas com uns cincoenta colonos, em vez de quatrocentos ou quinhentos que tivera; e unicamente contava tres engenhos de oito ou uove que possuira, e algumas roças de algodão e mautimento. Para cada lado da villa, os habitantes não se estendiam mais de duas ou tres legoas, pela ourela da costa, e apenas meia legua para o sertão.

Não era mais lisongeiro o estado da capitania de Porto Seguro, se bem que nesta havia, além da villa capital, com quarenta colonos, a de Santa Cruz, e duas aldêas de Indios, a de S. Matheus e a de Santo André. A gente era pobre: havia um só engenho de assucar; o gado vacum morria de certo capim *mata-pasto*; mas em troco os jumentos e cavallos cresciam em tal quautidade que daquelles havia bravos pelos matos. As ar-

vores de espiuho eram sem conto, e os habitantes fabricavam, para exportar, agua de flor de laranja. Era donatario o primeiro duque de Aveiro D. João d'Alencastre, por contrato que, segundo dissemos, fizera com a terceira donataria D. Leonor do Campo.

Um tanto melhor se achava a capitania do Espirito-Santo: contava sobre cento e cincoenta visinhos, que possuiam seis engenhos d'assucar, muito gado e algodões. A Companhia tinha tambem seu collegio e igreja regular, e varias aldêas que administrava. Havia aqui mais gentio manso que em nenhuma outra parte; e os colonos serviam-se muito delle, de modo que apenas existia escravatura africana. Era desta capitania terceiro donatario Vasco Fernandes, filho de outro de igual nome, de quem ja tratamos; mas pouco depois falleceu, ficando governadora D. Luisa Grinaldi, sua mulher, que fez antes de muito entrega ao quarto donatario Francisco de Aguiar Coutinho.

A capitania do Rio de Janeiro, bem que apenas contava vinte annos desde fundada, tinha cento e cincoenta colonos e tres engenhos, trabalhados principalmente pelos Indios. Havia um collegio da Companhia, em que se ensinava o latim, e que recebia das rendas públicas dois mil cruzados. Igualmente seguiam subsistindo a casa da misericordia e o hospital, quasi no proprio sitio em que ainda hoje estão. Abundava a fructa e a hortaliça, e era tanto o pescado que valia o de escama a quatro reis, e o de pelle a real e meio a libra. Ainda então vivia Martim Affonso[7]), commendador de Christo, Indio antigo, *abaeté e moçaçára,* que servira muito aos colonos na conquista desta paragem. Os tres engenhos de que fizemos menção, eram: um de Christovam de Barros, de agua; outro do proprio governador, na sua ilha, movido por bois; e finalmente um terceiro, começado por Salema e por concluir, do patrimonio real.

---

7) Ararigboya [Cardim na *Rev. do Inst.*, **65**, I, 53].

„ Está tão mistica a capitania de S. Vicente com a de Santo Amaro (dizia um dos escriptores contemporaneos que nos vão guiando) que, se não foram de dois irmãos, amanharam-se muito mal os moradores dellas." — Ja então na pratica se começavam a realizar os temores de Gabriel Soares, e principiavam a germinar as questões, que pouco depois foram levadas ao julgamento dos tribunaes. Reservando para o diante o tratarmos de qual era a verdadeira linha de raia, nos limitaremos aqui a consignar que, fallecido o primeiro donatario em 1571, e morto o segundo, seu filho, nos campos africanos de Alcacerquibir, era já, por confirmação regia, Lopo de Sousa, neto do primeiro, o possuidor da capitania de S. Vicente. A de Santo Amaro, por morte de Pero Lopes, passára successivamente a dois de seus filhos, e por fallecimento destes recaira em uma irmã delles, D. Jeronyma, já então viuva de D. Antonio de Lima, de quem tivera D. Isabel de Lima, que veiu a ser a quinta donataria [8]).

Apezar porêm de haver nas terras chamadas do S. Vicente duas capitanias e dois donatarios, na realidade quasi que se imaginavam uma só; e inclusivamente tinham um só provedor, contador e alcaide mór, que era o velho [9]) Braz Cubas; se bem que as sesmarias, nas terras julgadas do neto de Martim Affonso, eram unicamente concedidas pelo seu logar-tenente Jeronymo Leitão,

---

8) Esta D. Isabel apezar de casar-se, não deixou descendentes. Segundo a *Hist. Ger.* a desposou Francisco Barreto; e segundo um documento que recolheu Taques „(*Rev. do Inst.*, 9, p. 163)" um André d'Albuquerque, que vivia em Setubal. Naturalmente se casou duas vezes. Em tal caso da segunda vez foi com Francisco Barreto. [André de Albuquerque era o donatario em 1584, como informa Anchieta, *Informações e frag. hist.*, 32].

9) Braz Cubas teria então uns oitenta annos, pois falleceu, com oitenta e cinco, em 1592; como se collige do seu epitaphio no presbiterio da hoje matriz de Santos, que consigna os seus principaes feitos, que explanará a sua biographia melhor do que esta historia o poderá aqui tentar. [Desta biographia, annunciada aqui pelo Autor, ignora-se o paradeiro. Consta que vão ser publicados em Santos documentos sobre Braz Cubas, recentemente descobertos nos archivos de Portugal].

e as da neta de Pero Lopes pelo governador Salvador Corrêa, seu bastante procurador para isso. Entretanto, para a resenha que vamos fazendo, as consideraremos uma única, e nos occuparemos indistinctamente das villas e povoações de ambas.

E' necessario confessar que por este lado, principalmente perto da costa, o Brazil se tinha por ventura atrazado em vez de melhorar. Vimos que quarenta annos antes havia ja ahi seis engenhos e uns seiscentos visinhos. A colonisação do Rio de Janeiro, e os maiores atractivos de prosperidade na Bahia e Pernambuco, e a bondade do clima de Piratininga tinham privado S. Vicente de muitos moradores, e a escassez de navios de commercio para ali, e a presença dos últimos piratas, haviam-a despojado de muita da sua riqueza. Bem que em peor estado, as duas capitanias sostinham entretanto ainda os mesmos engenhos.

A villa de S. Vicente se empobrecera de um modo sensivel; e estava reduzida a uns oitenta colonos, além dos Padres do collegio da Companhia, que, a pedido da gente de Santos, o visitador Christovam de Gouvêa ordenava agora que para esse porto se transferisse F). Eram apenas seis, os quaes ali « se viam como eremitas, por toda a semana não haver gente, e aos domingos pouca [10]) ».

Menos habitantes colonos, e mais pobres, contava a villa da Conceição de Itanhaem, dez legoas pela praia, caminho da foz do rio de Iguape.

Poucos mais moradores que S. Vicente tinha Santos: em uma e outra villa escaceavam os braços; e pouco antes haviam ambas dirigido uma supplica a Jeronymo Leitão para proceder contra os Indios, que tanto mal haviam feito á capitania [11]). Naturalmente menos população que todas teria a villa de Santo Amaro, junto

---

F) Azevedo Marques, *Apontamentos*, **1**, 97, dá a escriptura da doação do terreno para o collegio.

[10]) Cardim, p. 107. [*Rev. Trim. do Inst. Hist.*, **65**, I, 62]

[11]) « Arch. da Cam.» de S. Paulo, L. 1585-1586, fol. 13 v. e 14.

da qual possuia um engenho Francisco de Barros. Ao Norte da ilha de Santo Amaro havia bem guarnecidas as duas fortalezas de S. Filippe e de Santiago, á boca da barra da Bertioga; e da banda do Sul, á entrada de S. Vicente, e nas terras que haviam sido de Estevam da Costa, havia (no forte que pouco antes se fizera) uma guarnição de cem soldados, com capitão e alcaide.

S. Paulo de Piratininga era a terra mais povoada do districto, e continha tanto e meio dos colonos da de Santos ou da de São Vicente. Ja seus habitantes se mostravam naquelle tempo amigos de cavalgar e fazer «escaramuçar e correr seus ginetes». — Os Paulistas «do meio daquelle sertão e cabo do mundo», vestiam-se ainda a moda antiga «de burel e pellotes pardos e azues, de petrinas compridas...» e iam nos domingos á igreja «com roupões ou bernéos de cacheira, sem capa G)». — Não tinham na villa parocho [12]), e seis ou sete padres da Companhia eram os seus unicos ecclesiasticos. Havia muito gado, e muitas vinhas, de cuja uva se fazia certo vinho que se bebia «antes de ferver de todo». Igualmente abundavam, entre as arvores da Europa, os marmeleiros, e se fazia muita marmelada. O trigo e cevada produziam bem, se o semeavam; escaços eram porêm os vestuarios pelo pouco trato do commercio. O fabrico do tal vinho cessou acaso com as prohibições, que depois se fizeram em favor do commercio de Portugal. Os habitantes eram servidos pela escravaria da terra, e nas visinhanças havia, entre outras aldêas, a da Conceição dos Pinheiros H).

G) Ainda no fim do seculo, segundo um trecho de Fr. Vicente do Salvador conservado por Fr. Agostinho de Santa Maria, *Santuario Marianno*, **10**, 148, Lisboa, 1723, em Piratininga «os homens e as mulheres se vestiam de pano de algodão tinto e si havia alguma capa de baeta ou manto de sarge se emprestáva aos noivos e noivas para irem á porta da igreja».

[12]) Por primeiro vigario foi mandado, alguns annos depois, o P. Lourenço Dias Machado, *Rev. do Inst.*, **2**, 433.

H) Havia ainda a aldea de São Miguel, como refere Anchieta, *Inform. e frag. hist.*, 45.

Tratando da principal producção do Brazil naquella epocha, a do assucar, contavam-se em Pernambuco sessenta e seis engenhos; na Bahia trinta e seis, e nas outras capitanias juntas metade deste número. Total dos engenhos cento e vinte. Referimos o número dos engenhos, porque cremos este o melhor meio de dar uma idéa do estado de prosperidade e riqueza do paiz. Um engenho por si é ainda hoje equivalente a uma grande povoação, e representa não só muitos braços, como as necessarias terras de canaviaes, de mato, de pasto e de mantimentos. Com effeito, além da casa do engenho, da de moradia, senzalas e enfermarias, havia que contar com uns cem colonos ou escravos, para trabalharem umas mil e duzentas tarefas de massapé (a novecentas braças quadradas por tarefa), além dos pastos, cercas, vasilhames, utensilios, ferro e cobre, juntas de bois, e outros animaes.

Annualmente produziam os ditos engenhos uns setecentos mil quintaes de assucar ou setenta mil caixas, numero igual ao dos mil cruzados que pagava o mesmo assucar de direito de sahida, na razão de cruzado por caixa de dez quintaes.

O consummo no Brazil de generos estrangeiros vindos do Reino, avaliava-se em quatrocentos mil cruzados, e portanto em oitenta mil a renda que produzia ás alfandegas de Portugal o não estarem os nossos portos abertos ao commercio das outras nações.

As fortunas eram geralmente, sobretudo em Pernambuco, na Bahia e no Rio, isto é, nas terras que já recebiam escravaria africana, bastante desiguaes; e um dos meios com que mais dinheiro se juntava era o trafico dos pretos. A's vezes associavam-se alguns senhores de engenho, e mandavam navios por escravos africanos, que lhes saiam assim muito mais em conta do que comprando-os aos traficantes, os quaes, principalmente a prazos, effectuavam as vendas com muita usura.

Os pobres encontravam já, em algumas povoações, apoio efficaz n'uma instituição pia introduzida em Portugal no seculo anterior, afim, não só de recolher os peregrinos, como as antigas albergarias, mas de curar os enfermos, de enterrar os mortos, de

educar e dotar as desvalidas orfãs, e de praticar obras de misericordia. Pelo que, o estabelecimento, onde em cada povoação isso era adoptado, se chamou *Santa Casa da Misericordia* ou simplesmente ou *A Misericordia* ou *A Santa Casa*, como entre nós se diz muito I). — A primeira casa de misericordia em Portugal foi a de Lisboa, instituida pela rainha D. Leonor, em Agosto de 1498; — bem que recommendada a instituição ás outras cidades e villas do reino, pela C. R. de 14 de Março de 1499, como... « uma confraria para se as obras de misericordia haverem de cumprir, especialmente acerca dos presos pobres e desamparados... e assim em muitas obras piedosas [13]) etc. » Em Santos foi a instituição introduzida em 1543 por Braz Cubas, e não nos consta de povoação brazileira que antes a tivesse. — Nas cidades do Salvador e de S. Sebastião foram ellas erigidas contemporaneamente com as mesmas cidades J); e tanto a ellas, como ás de outras cidades do Brazil, os reis não tardaram em conceder privilegios analogos aos de que gosava no Reino a de Lisboa. Além das Misericordias para os pobres desamparados, havia tambem irmandades, ou communidades, em que sob a invocação de algum santo, e com certas praticas devotas, os irmãos se obrigavam, por compromissos, a se

I) Destes assumptos tem-se occupado Victor Ribeiro, autor de uma historia da casa de Misericordia de Lisboa, citada *Supra* 361, nota A e de estudos publicados no *Instituto* de Coimbra.

[13]) O seu compromisso foi confirmado por alvará regio de 4 de Julho de 1564, reformado em 10 de Maio de 1618. O compromisso dado á dita misericordia de Lisboa se declarou extensivo á do Espirito Santo por Alv. do 1° de Julho de 1605; á de Olinda pela Resolução Regia de 26 de Janeiro de 1606, e a de Itamaracá por data de 8 de Abril de 1611.—O Alv. de 18 de Outubro de 1806 o fez extensivo a todas as misericordias que não tivessem outro. A ordem terceira de São Francisco da Penitencia do Rio data de 1622 e sobre ella foi publicada uma monographia. A ordem terceira do Carmo é-lhe pouco posterior.

J) Ha quem date a casa de Misericordia no Rio da era de 1540, antes de povoada a cidade! Vejam-se os trabalhos de Francisco de Sá e Felix Ferreira. Attribuem outros a creação a José de Anchieta, por occasião de aportar a gente de Diogo Flores. Da relação de Sarmiento, que chama os Jesuitas de Theatinos, como os chamava D. Christovão de Moura, nada consta a este respeito.

prestarem varios auxilios. — Dessas irmandades, as ordens terceiras, que depois se estenderam tanto, annexas á ordens religiosas ou dellas derivadas, produziram, e produzem ainda, com seus hospitaes, beneficios incalculaveis.

O Brazil se podia considerar a mais importante das possessões portuguezas que Filippe II havia aggregado á sua corôa, pois que as colonias da Asia iam em manifesta decadencia, e o commercio do Oriente, desde o principio, longe de criar raizes em Lisboa, não serviu senão a dar maior importancia ao mercado de Amsterdam, e a fazer levantar a Hollanda K).—Portugal se locupletára, sim, com as primeiras riquezas da Asia; mas por outro lado perdera a sua properidade real, desprezando a agricultura e a industria; de modo que, apenas lhe faltou a força, não poude nutrir o commercio do Oriente, que passou a mãos estranhas, onde estavam os capitaes, que algumas providencias absurdas faziam desviar do reino e possessões. Nesse numero se devem contar a perseguição impoliticamente exercida, contra os Judeos e christãos novos [14]), a inquisição, e talvez não menos, uma lei prohibindo que se cobrassem juros ao dinheiro [15]). Por lei de

---

K) Cf. Zimmermann, *Die Kolonialpolitik Portugals und Spaniens* **1**, 110/116, Berlin, 1896.

[14]) Declaradas de novo em vigor por leis de 18 de Janeiro de 1580 e 26 de Janeiro de 1587. Esta prohibição foi levantada em 31 de Julho de 1601, estando a corte em Valhadolid, mediante 200,000 cruzados offerecidos pelos Judeos, acrescentando-se em 24 de Novembro desse mesmo anno que, ninguem lhes chamasse «christãos-novos, confessos, marranos ou judeos.» — Foi isto outra vez revogado em 13 de Março de 1610, voltando tudo ao ordenado em 1587. Tornou em 17 de Novembro de 1629 a protecção de 1601; porém uma consulta de 29 de Abril de 1630 opinava quo se devia revogar na parte em que se lhes consentia passar ás colonias. (T [?] IV, 72 e 73; V, 23, VI, 25.)

[15]) Além desta lei de 16 de Junho de 1570, contrária a toda economia politica, dessa que já se conhecia antes de ter tal nome, promulgou nesse mesmo anno, D. Sebastião outra mais absurda, em 28 de Abril, na qual ordenou que « pessoa alguma não podéra comer nem dar a comer á sua mesa mais que um assado e um cozido, e um picado ou «desfeito», ou arroz ou cuscus, e nenhum doce, como manjar branco, bollos de rodilha, ovos mechidos, etc. »

30 de Junho de 1567, provisão de 2 de Junho e alvará de 2 de Julho de 1573, foi prohibido passarem os christãos novos ás colonias. Estas disposições foram revogadas pelo alvará de 21 Maio de 1577 L).

O dominio da maior parte dos littoraes da Asia que, segundo alguns, concorrera á desmoralisação dos Portuguezes, produziu por outro lado nos animos tal energia, que além da gloria maritima e militar que a nação adquiriu (e que será perduravel para sempre nos fastos da Historia universal e na do progresso do espirito humano) talvez que a essa energia deveu o grande desenvolvimento que então tiveram a sua litteratura e lingua. Os escriptores *quinhentistas*, isto é, os do seculo XVI, são ainda os mais lidos e preferidos pelos melhores puristas. Desta epocha é o primeiro escriptor portuguez, chamado principe dos poetas de toda a Hespanha, — o grande Camões. O argumento capital da sua epopea é a navegação do Oriente; e Camões não houvera produzido um tal poema, no juizo de Humboldt, uma das primeiras obras do engenho humano em relação á vida maritima, se não tivesse peregrinado até a China «novos perigos vendo e novos damnos». As decadas de Barros (depois proseguidas por Couto) são em prosa a historia dos feitos portuguezes na Asia, illustrada tambem pela descriptiva penna de Lucena, na conquista espiritual, e pelas admiraveis e ás vezes fantasticas, pinturas das maravilhas da Asia, que devemos ao livro das *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto. A's obras destes escriptores deve a lingua portugueza muito. Como autores de chronicas se assignalavam Damião de Goes, escrevendo as de D. João II e D. Manuel (que o bispo Osorio depois magistralmente latinava), e Francisco de Andrade a de D. João III. Entre os poetas contemporaneos de Camões, recommendam-se o philosopho e moralista Francisco de Sá de Miranda, o suavissimo Bernardes, cantor

---

L) Algumas destas leis estão notadas em Figueiredo, *Synopse chronologica*, 2.

do rio Lima, e o douto Ferreira [16]), autor da primeira tragedia sobre Ignez de Castro. Goes e Sá de Miranda interessam mais que os outros ao Brazil, como irmãos que eram um do donatario das terras de Campos, Pero de Goes M), e outro do terceiro governador do Estado, Men de Sá. Poetas conhecidos foram tambem Jeronymo Corte Real e Vasco Mousinho. Como prosadores recommendaveis mencionaremos a Jorge Ferreira de Vasconcellos, autor de uma novella de cavallarias acerca das proezas de uma segunda *Tavola Redonda* [17]), e de mais tres novellas-comedias intituladas *Eufrosina*, *Ulyssipo* e *Aulegrafia*; e contentar-nos-hemos em citar os *Dialogos* de Heitor Pinto e de Amador Arraes; pois fôra divergir de nosso intento tratar delles por extenso. Com mais razão devemos ser desculpados se não tratarmos de outros de menos nomeada, e se não fizermos dissertações ácerca da litteratura castelhana desta epocha, que alguma voga, especialmente a dramatica, veio a ter no Brazil.

Nas sciencias as maiores illustrações como que se desenvolviam no Oriente. O grande mathematico Pedro Nunes, o seu discipulo D. João de Castro, o medico observador Garcia d'Orta [18]), todos talvez deveram ao sol dos tropicos o reflexo da sua gloria sendo certo que concorre muito a fecundar o genio a contemplação da natureza, em o maior numero de paragens da terra, diversas em clima e em productos naturaes; bem como o trato dos homens e a vista dos objectos d'arte contribuem a apurar o

---

[16]) Que por modos diversos
Ou deu versos ás leis ou leis aos versos.
(Diniz.)

M) O facto não parece muito certo; pelo menos tem sido ultimamente contestado.

[17]) Vej. a nossa publicação — «*Da Litt. dos Livros de Cavallarias*», com o respectivo additamento.

[18]) *Colloquios da India*. Veja-se a 2ª edição publicada, pagina por pagina, conforme a 1ª de Gôa em 1563, pelo Autor desta Historia em 1872. [Reeditados admiravelmente pelo conde de Ficalho, que alem disso consagrou uma erudita monographia ao illustre medico portuguez].

gosto e a formar o artista, quer este maneje o pincel, o escopro. ou o compasso, quer possua o segredo de fundir em palavras ou sons articulados; quer em sons musicos, os seus pensamentos, isto é, quer seja pintor ou escultor e architecto, quer poeta ou musico. Para nós é certo que (occupando-nos só da poesia) Camões não houvera sido o que foi e o que é, se não tivesse tido tanto trato com differentes povos, e se com as scenas novas e originaes que de continuo lhe deviam proporcionar as terras, os mares e as cidades da Asia, não houvesse tanto enriquecido a fantasia.